

lhe falei a respeito dessa pobre Irmã jovem (2), e vós mesmo propusestes despedi-la. Ela porém está decidida a não ir embora e o conselho que Renata lhe deu, foi de se deixar conduzir até a diligência e, dela descer tão logo se encontre sozinha. São espíritos atrevidos, capazes de fazer grande mal; por isso, se deve ter compaixão deles. Penso que lhes acontece tal desgraça pela ousadia que têm de receber os Sacramentos com semelhantes disposições. Deus nos faça misericórdia e a mim, a graça de ser sempre...

C. 300 (L. 218)

*À minha querida Irmã Ana Hardemont  
Filha da Caridade  
serva dos Pobres, em  
Montreuil*

Hoje, sexta-feira, 3 de setembro de (1649)

Minha querida Irmã,

Cheguei sábado (1) a Liancourt onde encontrei vossas caras notícias. Louvo a Deus, de todo coração, pela saúde que tem concedido à senhora Princesa de Harcourt (2). Suplico-lhe seja para sua maior glória e santificação de tão bela alma e que ela seja, verdadeiramente, a herdeira das virtudes de seus pais.

Se eu estivesse em vosso lugar e me achasse tão embaraçada como vós, querida Irmã, creio que a ordem terminante que vos foi dada, teria apagado a falta, se houvesse alguma. Conversarei a respeito, com o senhor Padre Vicente, quando eu voltar, se Deus quiser, e assim, o seu parecer nos servirá no futuro. Mais do que nunca, tenho grande desejo de poder contribuir para o bem iniciado no Hospital. É preciso esperar e ver o que Deus vai nos pedir, através da decisão dos Superiores e, enquanto isso, permanecer em paz.

A jovenzinha Ana Varon (3) não nos dá muita esperança de que seja apta para a Companhia. Caso seja necessário tirá-la daqui, vede se seria melhor mandá-la para aí do que deixá-la em Paris, onde, cada vez mais, as moças se perdem. Em todo caso, faremos ainda por ela tudo o que pudermos.

---

(2) Ana Maria, da qual fala a carta anterior.

C. 300 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Sábado, 28 de agosto.

(2) A princesa de Harcourt acabava de dar à luz (ver C. 294).

(3) Ana Varon (ver C. 258 n. 3).

Peço-vos saudar, em meu nome, a boa Mãe (4), a Irmã Maria (5) e toda a Comunidade. Em nome de Deus, querida Irmã, rogo-vos que, no meio dos aplausos e satisfações de que sois motivo, nesse lugar, não esqueçais a fidelidade devida a Deus e o cuidado que poreis em trabalhar na vossa perfeição, fazendo todas as ações com pureza de intenção e com o desejo de seguir os exemplos de Jesus Crucificado, em cujo amor, sou, queridas Irmãs, vossa obediente e muito humilde serva.

P.S.- Fazei-me o favor de cumprimentar, em meu nome, a senhorita de Mounille (4); assegurai-lhe que estou às suas ordens.

C. 301 (L.264)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 3 de novembro de 1649

Senhor Abade,

Certa de que estáveis no campo, fiquei bastante tempo sem me dar a honra de vos escrever. Por isso vos pediria humildemente perdão se, ao mesmo tempo, não pensasse em vossas múltiplas e santas ocupações e no receio de vos importunar.

Nada ouvi falar do senhor Bispo de Angers com relação á santa relíquia de São Maurício (1), que continua na mesma situação em que vossa caridade nos encarregou de mandar colocá-la.

Nossas Irmãs me disseram que os senhores Administradores desejam mais Irmãs, porém, até agora não se pronunciaram a respeito. Peço-vos, com toda humildade, senhor Abade, o obséquio de informar-vos de onde procede esta proposição e, se julgardes oportuna, dizei a esses (senhores) que seria necessário fazerem a fineza de escrever sobre o assunto, ao senhor Padre Vicente.

Peço a Deus estejais com perfeita saúde, para glória Sua e bem das almas. Com o respeito e submissão que vos devo, sou, em seu santo Amor, senhor Abade, vossa muito obediente e humilde filha e serva.

---

(4) A senhorita de Mounille, Dama da Caridade.

(5) Maria Lullen (ver C. 200n 3.)

C. 301 Rc. 4 Carta. Endereço e data com letra de irmã Hellot.

(1) Ver a Carta 265.

*Ao senhor Padre Vicente*

(novembro de 1649)

Meu Honoratíssimo Pai,

Sou por demais importuna, porém chegamos a um ponto em que ou se recebe ajuda imediata ou tudo se deixa. Ontem, tivemos de dar todo o dinheiro da despesa daqui - umas 15 ou 20 libras - e ainda pedir emprestado, para comprarmos 4 sesteiros (1) de trigo, para as crianças de Bicêtre e, nada viremos a receber até daqui um mês. *Sesteiros*

Há aqui doze ou treze crianças e não temos fraldas para as trocar. É necessário, por obsequio, que na Reunião das Damas, de amanhã, se faça alguma coisa, seja decidindo-se realizar coletas nas Paróquias, aos domingos, colocando nelas alguns cepos (2), em lugares bem visíveis, fazendo-os recomendados pelos senhores Curas e Pregadores, seja pedindo na Corte, como foi proposto. Creio que se alguém fosse falar com a Princesa (3) dessas extremas necessidades, ela nos daria alguma coisa. É verdadeiramente lamentável que as Damas se preocupem tão pouco; devem julgar que temos com que poder substituir, ou então, querem obrigar-nos a tudo abandonar e por estas razões, penso que decidiram não fazer nada absolutamente. Tende a bondade de dizer-nos se devemos mandar os avisos da Assembléia das Damas e se achais bom enviá-los à senhora de Shomberg (1) e à senhora de Verthamont (5).

Quanto ao resto que eu tinha a dizer-vos, seria demasiado longo; melhor será fazê-lo amanhã, mais rapidamente, se tiver a honra de vos ver. Tenho grande necessidade de particularíssima assistência de Deus, enxergando em tudo o que se relaciona comigo, apenas miséria e aflição. Deus seja bendito! Isso para dar-vos a conhecer a necessidade em que me acho e não há para mim outra esperança de ajuda e consolação senão de vossa caridade, de quem a Providência quis que eu fosse, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito obediente filha e serva

---

C. 302 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: outubro, novembro? de 1649.

(1) Antiga medida de capacidade para secos e molhados. O sesteiro, de Paris, para secos equivaleria, hoje, a uns 150 litros. (Nota do Padre Castañares).

(2) Nas igrejas, colunas ocas onde se depositam esmolas. (Nota da Tradutora).

(3) Carlota de Montmorency, Princesa de Condé, da família real.

(4) Senhora de Shomberg (1616-1691), nascida Maria de Hautefort, cunhada da senhora de Liancourt. Seu marido, marechal de França, tomou parte na Fronda.

(5) Senhora de Verthamont (ver C. 215)n. 1).

agradecida.

P.S. - Se vossa caridade me fizer o favor, dizei-nos, pois devo mandar o bilhete para a Conferência (6), se o tema for o que me disseste, relacionado com a queixa que vos apresentei de que há Irmãs que estão sempre querendo ser transferidas. Tenho receio de que ireis partir para o campo.

C. 303 (L 266)

*Ao senhor Padre Vicente*

(novembro de 1649)

Meu Honoratíssimo Pai,

Sinto muitíssimo por vos ser importuna, porém a impossibilidade de continuar recebendo crianças angustia-nos demasiadamente. No momento, para duas amas de leite, temos sete crianças, que não aceitam a mamadeira, e, não possuímos sequer uma "dobra" (1) para pensar em mais uma ama; não temos provisão de lençóis, nem de fraldas, nem esperança de poder comprar fiado. Fizei-nos a caridade, meu Honoratíssimo Pai, de dizer-nos se podemos, em consciência, deixá-las morrer, porque as Damas não fazem nenhum caso de proporcionar-nos ajuda. Estou convencida de que elas julgam que estamos fazendo negócio às suas expensas, o que é absolutamente contrário à verdade, pois, do dinheiro que foi resolvido que receberíamos para alimentação das amas, não retivemos senão cem libras. Só vejo um meio para alívio de todos os que estamos sofrendo nesta obra, e é que nós, em nome de nossa Companhia, apresentemos uma instância ao senhor Primeiro Ministro, pedindo-lhe nos tirar o encargo de receber as crianças e encarregue disso a quem seja de seu agrado. Mas, seria preciso que as Damas aprovassem esta decisão, para não se melindrar ninguém. Sem isso, parece-me que estamos em contínuo pecado mortal.

Ontem, trouxeram-nos quatro crianças e, além das sete de peito, há três desmamadas todas recém-encontradas. Ua delas é só pelo e osso; se fosse possível, deveríamos colocá-las com amas de leite.

Se pudéssemos suportar essas sem vo-las comunicar, o faria de bom grado, porém nossa impotência não no-lo permite. Essas boas Damas não fazem o

---

(6) O tema da Conferência de 28 de novembro foi: O amor ao trabalho.

C. 303 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso- novembro de 1649.

(1) Dobra: antiga moeda francesa, de cobre, de valor muito pequeno. (Nota da Tradutora).

que podem; nenhuma [delas nos enviou alguma coisa] nem se recebe coisa alguma da Companhia (*Confraria da Caridade*), porque a maior parte das associadas já deram sua quota anual.

Suplico a Deus fazer-nos misericórdia; começo a recear que toda essa miséria se deva a mim, que sou tal como sou, e assim e em tudo, sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa mui obediente e agradecida filha.

P.S. - Creio ser necessário convocar uma Assembléia extraordinária; a "coação" (2) do Hospital Geral também vai desaparecer.

*no documento de Sr. Genoveva Doinel*

C. 304 (L. 352)

*À minha querida Irmã Cláudia Brigida (1)  
Chantilly*

(fins do ano de 1649)

Minha querida Irmã,

Tenho imenso pesar de vos haver deixado tanto tempo sozinha (2). Peço-vos perdão por isso. Porém, não saistes perdendo com a espera, porque, vai para vós a Irmã Genoveva (3) que durante muito tempo, serviu os pobres na Paróquia de São Lupo. Sei que Deus lhe concederá todas as graças necessárias para fazer aí, o que Ele pede.

Sobretudo, querida Irmã, suplico-vos pelo amor de Deus, que tenhais grande mansidão para com os pobres e grande empenho por sua salvação, advertindo-os sobre a necessidade que temos de observar os mandamentos da lei de Deus, cumprindo sua santa vontade e depois, (*para isso, ensinando-lhes também*) os meios. Sede, as duas, assim vo-lo peço. Irmãs de grande discrição e modéstia e, na conduta particular, recordai a prática de vossos regulamentos, de modo especial, a tolerância mútua. Rogo-vos ainda que instruais vossas alunas com muita doçura e tende grande cuidado em não lhes deixar passar as fal-

---

(2) *Consoada, refeição leve. (Nota da Tradutora).*

C. 304 Rc. 3 Carta autógrafa. Endereço com letra de Irmã Hellot.

(1) *Irmã Cláudia Brigida (ver C. 65 n. 1).*

(2) *Maria Prévost havia sido chamada a Paris, lá pelo mês de setembro de 1649.*

(3) *Genoveva Doinel estava na Companhia em 1646. Serviu os Pobres na Paróquia de São Lupo, de onde passou para Chantilly, em 1649. Em 1650, foi enviada para Henebont; aí permaneceu até 1653. Não sabe escrever e coloca uma cruzinha como assinatura, na Ata de ereção da Companhia, a 8 de agosto de 1655. E, 1616, volta para Chantilly.*

tas sem lhes corrigir.

Por favor, minha Irmã, ensinai vossa Companheira a fazer sangria; porém sobretudo mostrei-lhe, cuidadosamente, o perigo que as artérias, os nervos e outras coisas apresentam. Se vos parecer haver aberto uma artéria, deveis tirar bastante sangue e colocar uma moeda na compressa, para fazer bem a ligadura. Quando a Irmã tiver aprendido a fazer tudo direitinho, podeis vir dar uma volta por aqui. Mandai essa boa moça para Liancourt, aproveitando alguma ocasião segura.

Nossa Irmã vos dará as notícias de nossa Companhia que eu recomendo às vossas orações diante de Deus, e sou, em seu santíssimo Amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 305 (L. 293)

*À Irmã Joana Lepintre (1)*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres no Hospital*  
*Nantes*

Hoje, 21 de novembro de (1649)

Minha querida Irmã,

Tive muita alegria ao receber vossas tão caras notícias e, de modo especial, por ver que a Irmã Joana de Santo Albino (2) se deu ao trabalho de escrever-me: agradêço-lhe, de todo coração. Se eu não estivesse tão apressada, me daria a satisfação de responder-lhe por este correio.

Peço a todas as Irmãs que estão adoentadas que se encoragem em sua debilidade e se vejam nesse estado em que Deus as quer, como naquele que mais honra Lhe dá, pois, estão cumprindo sua santíssima vontade. Dizei a Irmã Henriqueta (3) que seu irmão e o sobrinho mais novo estão fazendo maravilhas, particularmente pela prática do desempenho de todas as coisas. Irmã Perette está muito edificada com eles. Ela e os dois se recomendam às vossas orações.

Far-nos-íeis grande favor, enviado-nos uma boa provisão de bacalhau, do mais fácil de ser transportado e conservado. Porém, teria de ser por intermédio

---

C. 305 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1)

(2) Joana de Santo Albino (ver C. 218 n. 5)

(3) Henriqueta Gesseume não havia deixado Nantes, como havia sido previsto (ver C. 288).

(4) Perrete Chefdeville (ver C. 366 n. 1)

da senhorita de la Carisière (5). Dizei-lhe que lhe peço, humildemente, informar-me o endereço para onde posso mandar o importe da encomenda, tanto o preço, como o transporte. Apresentai-lhe minhas desculpas por não lhe escrever hoje, assim como a todas aqueles que deveria fazê-lo.

Minhas saudações a Dom João (6) e aos demais, porém, sobretudo, a nossas queridas Irmãs, de quem sou igualmente de vós, no amor de Nosso Senhor, a muito humilde irmã e serva.

C. 306 (L. 268)

*Ao senhor Padre Vicente*

(novembro de 1649)

Meu Honoratíssimo Pai,

Peço, humildemente, á vossa caridade me conceda, amanhã, algum quarto de hora, a fim de recuperar o que me parece ter ontem perdido, do tempo que a Divina Providência me oferecia. Não sei se devo atribui-lo ao temor ou a meu orgulho que sempre me faz recuar, quando tenho de falar de mim.

Mando-vos a resposta da senhora de Romily (1).

Rogo-vos o obséquio de dizer-me se devo enviar a carta á senhora Presidenta da Lamoignon (2) embora não venha a senhora Princesa (3) e se será conveniente convidar a senhora de Brienne (4) que está de volta aesta cidade.

Segue incluso um breve relato que preparei, dos pontos sobre os quais, se vos parecer oportuno, podereis dar-vos o trabalho de falar na reunião. Peço-vos dizer-me em que local será realizada, para eu comunicar á senhorita de Lamoignon.

Tende a bondade de dizer-nos se devemos avisar ás nossas Irmãs de Serqueux que vos mandem a moça de quem nos falam. Remeto-vos também uma carta dos senhores de Gien (5). Que devemos responder-lhes? Não é mais

---

(5) *Senhorita de la Casière, Dama de Nantes (ver C. 161 n.2)*

(6) *Dom João (ver C. 180).*

C. 306 Rc. 2 *Carta autógrafa. No dorso: novembro de 1649.*

(1) *Relativa a um projeto de casamento de Miguel Le Gras (ver C. 296).*

(2) *Senhorita de Lamoignon (ver C. 87 n. 1).*

(3) *A princesa de Condé (ver C. 302 n. 5).*

(4) *Senhora de Briene (ver C. 94 n. 5).*

(5) *Gien, pequena localidade ás margens do Loire.*

urgente, fazê-lo à senhora Duquesa de Ventadour? (6).

Ontem também, foi-se embora outra Irmã, com seu hábito e sem dizer uma palavra; é a de Saint Cloud. Que quer dizer isso? Não seria necessário dar-se uma repreensão de forma a ser sentida por algumas, a fim de se procurar pôr fim a este costume? Pois, esta Irmã, uma vez, nos pediu para sair. Foi-lhe concedido, porém, ficou por sua própria vontade. Parece-me que Deus nos fala através desses acontecimentos; não sei se para destruir a obra ou para consolidá-la. Vossa caridade me faria o favor de pensar nisso e dizer-me, com toda liberdade, se sou eu o Jonas que deveria ser lançado ao mar!

Sou de Deus para tudo o que Lhe aprouver e, senhor Padre, vossa muito obediente irmã e agradecida filha.

C. 307 (L. 268)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quarta-feira (novembro de 1649)

Senhor Padre,

Vosso bilhete foi entregue à senhora de Lamoignon (1) visto a senhorita não estar. Ela me mandou dizer que o dia da Assembléia dependia de vós e que a senhorita Viole (2) preferia que pudesse ser na sexta-feira.

Sou, senhor Padre, vossa obediente filha e serva.

---

(6) A Duquesa de Ventadour, em solteira, Maria de la Guiche. Casou-se em 1645, ficou viúva em 1649. Dama da Caridade muito generosa. Pediu Filhas da Caridade para Santa Maria do Monte, na região da Normandia. Em 1658, voltou a pedi-las para Ussel, localidade que dependia do ducado de Ventadour. Amiga de Luísa de Marillac estava a seu lado no momento de sua morte. A Duquesa de Ventadour morreu em 1701, em seu palácio de Santa Maria do Monte.

C. 307 Coste III, 144. Cópia.

(1) Senhorita de Lamoignon (ver C. 87 n. 1).

(2) Senhorita Viole (ver C. 100 n. 1).

C. 308 (L. 212)

*A sua Excelência o Chanceler (1)*  
*Senhor Séguier*

(pelo ano de 1649)

Excelência,

O respeito que devo a vossa Grandeza me fez, até agora, servir-me de pessoas de posição para receber a caridade que se dignou prometer-nos em Saint Germain, em favor das pobres crianças abandonadas.

Porém, ao ver, Excelência, que tudo nos está faltando, tomo a liberdade de dirigir-vos estas linhas, já que me é impossível ter a honra de falar-vos pessoalmente, para levar a vosso conhecimento que cem destas pobres criancinhas, às necessidades que hoje sofrem, vem acrescentar-se a de carecer de pão para passar estas festas. E esta privação oprime de tal maneira o meu coração, que temeria fazer-me culpada se deixasse que qualquer consideração me impedisse de recorrer a Vossa Excelência, que, em tantas ocasiões se tem mostrado, verdadeiramente, o refúgio dos Pobres. Permitti-me pois, esta ousadia e o redizer-me, com toda submissão e respeito, no Amor de Deus que o leva a agir, Excelência, vossa muito obediente e humilde serva.

C. 309 (L. 273)

*Ao senhor Padre Vicente*

[dezembro de 1649]

Senhor Padre,

Creio que vossa caridade se recorda de que lhe falei desta boa moça de Saint Cloud, para quem é dirigida a carta anexa que vos rogo a bondade de ler. A Divina Providência não permitiu que encontrasse oportunidade de vender suas heranças, o que a fez deixá-las arrendadas à sua irmã, pessoa capaz de cumprir suas obrigações e que ficou de lhe passar, anualmente, uma renda de 30 escu-

---

C. 308 Biblioteca Nacional - Paris. Coleção Séguier. Letra de Irmiu Hellot e assinatura de Luisa de Marillac.

(1) Chanceler, na época, a pessoa mais importante, depois do Rei. Para o Chanceler Séguier (ver C. 215 n. 3).

C. 309 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorsó: dezembro de 1649.

dos. Nossas Irmãs a apreciam e não vêem inconveniente em que seja aceita, se vossa caridade a aprovar.

Gostaríamos muito de saber se as pobres famílias que alimentam as crianças poderão receber algum dinheiro, nestas festas, e se as crianças de peito que nos forem devolvidas, por falta de pagamento, poderemos colocá-las com outra ama, valendo-nos do dinheiro entregue para os novos Expostos. Faremos todo o possível para que os levem de volta, se conseguirmos fazer-lhes algum pagamento, porém, já em outras ocasiões devolveram-nos crianças.

Temos grande necessidade de ajuda de Deus para o caso de meu filho (1). Creio que ele terá a honra de falar-vos pessoalmente, pois tomou a liberdade de ir passar esta noite em vossa casa, com receio de um encontro desagradável. Ele vos contará os desagradáveis incidentes deste assunto que, segundo me parece, sempre submeteu à vontade de Deus, na qual tenho a honra de ser, senhor Padre, vossa muito obediente e agradecida filha e serva.

C. 310 (L. 272 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

[dezembro de 1649]

Senhor Padre,

Junto segue uma carta da senhorita de Villenant, pela qual tomareis conhecimento do que eu soube a respeito do assunto. O que mais me preocupa é a dificuldade que, após a morte do marido, as viúvas encontram para vender o cargo público que era dele. O dinheiro que precisamos conseguir, a fim de obter a transmissão e para as taxas as partes eventuais, dificilmente no-lo perdoarão, como me disseram que poderia ser feito. Aliás, a bondosa senhorita que negocia o assunto me disse, hoje, que o mais urgente a ser resolvido, é que a pessoa que deveria tratar dele conosco, foi à sua terra natal e seria ótimo se a seu regresso, o caso estivesse em outras mãos. Isso me faz temer um rompimento conosco e, se acontecer, não saberia mais o que falar. Todas essas dificuldades de fato existem, por causa da pouca experiência de meu filho que precisa de incentivo para trabalhar com eficiência e também, de certo modo, para agir por si mesmo. Pos-

---

(1) Ver as cartas seguintes.

C. 310 Arquivo das Filhas da Caridade, na vitrina. Numerada a lãpis 272 bis. Dorso: dezembro.

(1) Miguel de Marillac, Conselheiro no Parlamento, primo de Miguel Le Gras.

sui, como eu, a mente preguiçosa; para atuar, precisamos ver-nos forçados, seja por funções absolutamente necessárias, seja por nossas próprias inclinações que, de repente, nos obrigam a empreender coisas difíceis.

O senhor de Marillac (1), lendo as cláusulas, percebeu logo que deixavam algo a desejar, entretanto, não me aconselhou a desistir, ainda quando não me concedessem o que ele me sugeriu pedir, porque, vê nesse negócio grandes vantagens para nós.

Se vossa caridade vier, por estes lados, no sábado de manhã, lhe pediria, muito humildemente, que me avisasse, porque nesse dia deverão chegar o tio e a jovem (2). Penso ser preciso deixar tudo combinado. Vosso apreciado e prudente conselho há de me ajudar muito a tudo resolver. Humildemente vo-lo peço dar-me, da parte de Nosso Senhor, no qual sou, vossa humilde filha e agra-decida serva.

C. 311 (L. 274)

### *Ao senhor Conde de Maure (1)*

(dezembro de 1649)

Senhor,

Estive sempre esperando por uma ocasião que me proporcionasse a honra de vos ver, porém, não a conseguindo, tomo a liberdade de levar a vosso conhecimento, por meio destas linhas, o estado em que nos encontramos, com relação ao caso (2) de meu filho. Eu diria que ele é para mim um sofrimento grandíssimo, se, como cristá, não tivesse de amar o desprezo que, de ordinário, acompanha a pobreza, única razão de nada alcançarmos. Para dizer-vos a verdade, senhor, compreendo, perfeitamente, os sentimentos que a prudência humana infunde a essa boa moça (3), a qual pelo conhecimento que tem de meu filho e dos poucos bens que posso deixar, vê que jamais poderá esperar chegar a fazer fortuna, visto que os dois terão apenas o suficiente para sustentar uma família pequena. E, como de modo ordinário, os encargos pesam sobre os que menos meios têm para suportá-los, o pensamento da morte de deixar órfãos na pobreza, a dissuade de correr esse risco. E, ainda que as pessoas que intervie-

---

(2) *Gabriela Le Clerc, filha do senhor de Chennevières, futura esposa de Miguel Le Gras.*

C. 311 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) *O Conde de Maure, marido de Ana d'Attichy, prima de Luisa de Marillac.*

(2) *Ver C. 328.*

(3) *Gabriela Le Clerc, futura esposa de Miguel Le Gras.*

ram no assunto, lhes tenham feito conceber esperanças, acima da realidade, parece, senhor, que não estão dispostos a acreditar mais do que no que constam.

Com razão poderíamos queixar-vos de minhas importunações, se Deus não houvesse enchido vosso coração de caridade. Porém, a quem iria eu revelar estes sofrimentos que minha própria dignidade me fizera ocultar por muito tempo, senão a vós, senhor? A vós que sois para Deus o que sois, e, para mim, ocupais o lugar daqueles (4) que, com vossa orientação, me fizeram abraçar o estado de vida (5) que me colocou na situação em que agora me encontro. Vo-lo peço: não tomeis o que vos digo como queixas. Deus me livre! Teria sido muito feliz se a Divina Providência tivesse permitido que a esperança e os desígnios deles se realizassem e, se Deus lhes tivesse prolongado a vida. Tal porém não aconteceu! Seja Ele eternamente glorificado por tudo! e também porque, desde que fique viúva, ou pelo menos há dez ou doze anos, tive de buscar ajuda, como o poderiam testemunhar os senhores de Marillac (6) e a senhora vossa Mãe (7), para com quem tenho grandes e revelantes obrigações de gratidão.

Perdoai, senhor, esta desagradável conversa que vos demonstrará a confiança que deposito em vossa discrição, e que sou, verdadeiramente, no amor de Nosso Senhor, vossa muito obediente e humilde serva.

C. 312 (L. 267)

### *Ao senhor Padre Vicente*

[dezembro de 1649]

Humildemente peço à vossa caridade que recomende a Deus o nosso caso. Encontrei os senhores de Marillac (1) muito bem dispostos a nos atender.

---

*(4) Claro está que Luisa de Marillac faz alusão aos senhores d'Attichy - sogros do Conde de Maure - de cujos interesses se havia encarregado Antônio Le Gras, juntamente, talvez, com a tubela de seus filhos, em detrimento de seus próprios interesses.*

*(5) Seu casamento com o senhor Le Gras, secretário da Rainha Maria de Médicis, enquanto o senhor d'Attichy era Superintendente de Finanças da referida Rainha.*

*(6) Miguel de Marillac e sua mulher, Joana Potier (ver C. 146 n. 4 e C. 63 n. 5).*

*(7) Senhora de Marillac, em solteira Maria de Creil, mulher de Renato. Ingressou no Carmelo, no final do ano de 1632 ou principio de 1633.*

C. 312 Crf. Coste III, 523.

*(1) Os primos de Miguel Le Gras (ver carta anterior).*

Porém, a Religiosa (2), acha oportuno que me encontre com a senhorita d'Atry (3) para fazê-la recordar-se dos serviços que o falecido senhor Le Gras (4) prestou à falecida senhora sua Mãe (5) e assim, tentar que ela tome alguma diligência em favor de meu filho, como o está fazendo o senhor Conde Maure (6). Por isso, é que vos peço permitir-me ir a Port-Royal, com a Senhora sua Filha, que se presta a levar-me amanhã ou depois.

Receio bastante que a senhora de Herse (7) tenha afastado as Damas da Reunião, por causa da proposta que fizera de que levassem dinheiro. Penso, senhor, que seria preciso que a dita senhora explicasse que sua intenção não era de que esse dinheiro fosse do próprio bolso, nem obrigar ninguém a fazê-lo. Quanto mais penso nas nossas dívidas, tanto mais receio que nos caiam nas costas. As mãas começam a ameaçar-nos e já nos devolveram algumas crianças, e as dívidas se multiplicam a tal ponto que não há mais esperança de pagá-las. Com isso, o descrédito da Companhia correrá pelas aldeias mais do que moeda falsa.

Estou pensando nessa pobre mulher grávida; creio que poderia ser recebida agora; se achardes bom, falarei, em vosso nome, com a Reverenda Madre Priora e com a senhora Le Vacher; fá-lo-ia de muito bom grado.

Não tive tempo de ir visitar o senhor Des Bordes (8) como me havia proposto. O senhor de Marillac (1) me deu esclarecimento sobre o que é mais urgente; se esse problema não fosse dirigido pela Divina Providência, temê-lo-ia muito.

Conheceis minhas necessidades de alcançar do bom Deus os meios de atrair sua graça para a execução desse negócio e também porque Ele quer, ao menos me parece, que entregue minha vontade e minhas pobres aptidões nas mãos de vossa caridade, para assim, tudo Lhe oferecer. Faço-o de maneira especial nesse caso e, em qualquer outro, para cumprir seus santos desígnios sobre aquela que é, por sua graça, senhor, vossa muito obediente serva e muito agradecida filha.

---

(2) Senhora de Marillac (ver, igualmente, a carta anterior).

(3) Maria Angélica d'Atry, filha de Genoveva d'Attichy.

(4) Antônio Le Gras, marido de Luisa de Marillac.

(5) Valence de Marillac, casada com Otaviano d'Attichy, falecida em 1617.

(6) Conde de Maure (ver carta anterior).

(7) Senhora de Herse (ver C. 222 n. 1).

(8) Senhor Des Bordes (ver carta seguinte).

*Ao senhor Padre Vicente  
Superior Geral dos Veneráveis Padres da Missão*

20 de dezembro de [1649]

Senhor Padre,

Garantiram-me que o cargo público pertence a quem o exerce e ninguém poderia adquiri-lo sem que o dono o exonerasse (1). Nosso caso vai caminhando. A pessoa de quem vos falei ontem, pareceu-me desapaixonada e, nesta manhã, fez o que devia fazer. Muito humildemente suplico a vossa caridade que continueis a recomendá-lo a Deus.

A senhorita de Villenant, com todo respeito, vos pede falar convosco antes de quinta-feira e, para isto, teríeis a bondade de indicar-lhe o lugar em que lhe dareis a honra de atendê-la. Se possível, fazei o favor de mo comunicar por intermédio da Irmã que vos leva esta carta. Trata-se de assunto urgente e de importância para a glória de Deus. Fiquei muito contrariada por não ter podido passar pela casa do senhor Des Bordes (2); o cocheiro enganou-se por não conhecer bem o caminho (3).

Segue também a explicação da dúvida que tínhamos; por favor, vossa caridade evitará que se perca. Fazei-me sempre a honra de ter-me por vossa muito obediente e agradecida filha e serva.

C. 314 (L. 365)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres, em Nantes*

(dezembro de 1649)

Querida Irmã,

Recebi vossas duas cartas no mesmo dia e ambas me diziam quase a mes-

---

C. 313 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: 1649.

(1) Luísa de Marillac esforça-se por encontrar um bom emprego para seu filho.

(2) Senhor Des Bordes, auditor do Tribunal de Contas, amigo da família dos Marillac.

(3) Luísa de Marillac voltava de Port Royal (ver carta anterior).

C. 314 Rc. 3 Carta autógrafa. Endereço com letra de Irmã Hellot.

ma coisa. Asseguro-vos estar penalizada com o que passais; porém, que vos disse? deveria antes invejá-la, pois sofreis por causa do serviço de Deus.

Desejaria sim, de todo coração, que o fosse sem nenhuma culpa da parte de todas vós e que cada uma se empenhasse na prática de uma verdadeira e sólida humildade, submissão e mansidão. Parece estar havendo ingerência em vossas obrigações, contrariamente ao que foi combinado. Será conveniente advertir ao senhor des Jonchères e a outros que sabeis apreciarem o serviço que prestais aos pobres, mas, querer vencer à base de luta, queixar-se publicamente, murmurar entre vós, não o deveis fazer, porque, exceto vossas Irmãs Assistentes, as outras não ouvirão falar daquilo que as possa perturbar. Já teria ido receber orientações do senhor Padre Vicente, para estas dificuldades, se, há oito dias, ele não estivesse sem sair do quarto. Tão logo o possa, não deixarei de fazê-lo. Em sua desgraça, a pobre senhora Marchais (1) recomenda-se às vossas orações. Foi raptada em sua casa de campo e levada a Châteaudun, por um homem que tinha um parente no hotel de Longue-Ville e lá a desposou. Ela afirma que foi à força e, por isso, está movendo um processo. Vossos parentes estão bem, graças a Deus.

Cumprimentai, em meu nome, os senhores Administradores, a senhorita de la Casière e as outras Damas, nossas conhecidas! Crede-me, no amor de Nosso Senhor Encarnado, querida Irmã, vossa muito humilde e afeiçãoada irmã e serva.

1650

*Estabelecimento das Filhas da Caridade em Hennebont e Montmirail.*

18 de janeiro: *Casamento de Miguel Le Gras.*

Outubro: *Nascimento de sua filha Luísa Renata.*

Final do ano: *Falecimento de Irmã Elisabeth Hellot.*

C. 315 (L. 275)

*À minha querida Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
nos hospital de Nantes*

Hoje, 13 de janeiro de 1650

Querida Irmã,

Compartilho vossa dor pela perda que vós e nós sofremos com a morte de

---

(1) *Mais explicações na carta seguinte.*

C. 315 Rc. 3 *Carta autógrafa.*

nosso boa Irmã Maria Arnou (1), a quem o bom Deus achou digna de chamá-la a Si e colocá-la em seu paraíso. Asseguro-vos, querida Irmã, que esta notícia muito me surpreendeu. Agora, desejo ardentemente saber como está a Irmã Maria Noret (2); melhorou?

Faremos o possível para enviar-vos ajuda. Perdemos tantas que ficou diminuído o número das que podem prestar bons serviços; além disso, pedem-nos Irmãs de todos os lados e não podemos atender as solicitações feitas.

Foi admirável o plano de Deus para com a senhora Joana Marchais (3). Seus problemas, foram elucidados, sua honorabilidade comprovada. Depois, prometeu casar-se com outro e estava resolvida a fazê-lo; porém, não eram estes os designios de Deus. Seus negócios ficaram por decidir e deverão ser resolvidos por seus parentes, pois, não teve tempo de solucioná-los porque, durante sua enfermidade esteve quase sempre delirando ou em estado de torpor. Teve porém a felicidade de receber os santos Sacramentos da Igreja. Estava com a senhora Boulonnois.

Peço-vos escrever-me falando como foi a doença de nossa querida Irmã falecida. Na semana passada, escrevi longamente ao senhor d'Annemont (4) a respeito das dificuldades que me comunicastes.

Estou preocupada porque nada me dissestes sobre a Irmã Renata (5). Dizei-lhe, por favor, que a Irmã Joana Delacroix (6) envia-lhe lembranças, como também eu o faço a todas as Irmãs, de modo especial à Irmã Henriqueta (7), a quem exorto, o mais que posso, à perseverança no amor à estabilidade. Considero-a feliz por Deus tê-la feito tão útil ao serviço dos pobres. Muito deve humilhar-se por isso e esforçar-se por ser fiel e reconhecida à bondade de Deus. Sua irmã, sobrinho e sobrinhas vão bem.

Peço a todas as Irmãs saberem aproveitar da graça que Deus lhes concede de, em suas necessidades (*espirituais*), terem a assistência do senhor d'Annemont (4). Tenho certeza de que é para ajudá-las a gozarem de tranqüilidade

---

(1) *Maria Arnou, natural de Ennery. Chegou a Nantes em novembro de 1648. Faleceu no princípio de janeiro de 1650.*

(2) *Maria Noret, chegada em junho de 1647 no Hospital de Nantes, morreria no mês de abril de 1650.*

(3) *Parece poder-se deduzir que esta senhora faleceu de rápida e inesperada doença.*

(4) *Senhor d'Annemont, conselheiro das Irmãs (ver C. 189 n. 4).*

(5) *Renata Delacroix, natural de Le Mans, entrou para a Companhia das Filhas da Caridade em 1646. Chegou a Nantes em junho de 1649, aí permanecendo até 1655. Em seguida, foi para a paróquia de São Bartolomeu, em Paris.*

(6) *Juana Delacroix, irmã mais velha de Renata. (Ver C. 350 n. 5).*

(7) *Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1).*

após as tormentas passadas e para se renovarem no espírito de união e cordialidade que as Filhas da Caridade devem ter, mediante o exercício dessa mesma caridade, que vai acompanhada de todas as virtudes cristãs, especialmente a da tolerância mútua, nossa virtude mais querida. Vo-la recomendo, com todo o meu interesse, como algo absolutamente necessário, já que nos leva a não ver as faltas alheias com azedume, mas, a desculpá-las, humilhando-nos. Querida Irmã, rogo-vos peça este espírito, que é o de Nosso Senhor, para toda a Companhia, e acrediteis que, em seu santo amor, querida Irmã, sou vossa humilde e afeioadíssima irmã e serva.

P.S. - Rogo a todas as queridas Irmãs oferecerem a Sagrada Comunhão por meu filho, que deverá receber, por estes dias, o sacramento do matrimônio. Parece que Deus escolheu para ele uma jovem senhorita (8) muito virtuosa; não é de Paris.

C. 316 (L. 276)

*Às minhas queridas Irmãs Cláudia Brigida (1)  
Genoveva Doinel (2)  
Filhas da Caridade,  
Servas dos Pobres doentes  
Chantilly*

(janeiro de 1650)

Minhas queridas Irmãs,

Louvo a Deus, de todo coração, pela graça que sua bondade vos concedeu de serdes, aí onde Lhe aprouve colocar-vos, aí o bom odor (*de Cristo*). Procurai, porém, ser-Lhe reconhecidas, praticando as virtudes que Ele vos pede, sobretudo, grande cordialidade e bom entendimento entre as duas. Estou equivocada em recomendar-vos esta virtude, sem a qual jamais poderíeis ser boas Filhas da Caridade e, nem sequer boas cristãs? Espero também, que cumprais vossas regras, o melhor que puderdes, sem prejudicar o serviço dos pobres que deve ser sempre preferido - da boa maneira - e não segundo vossa própria vontade.

Enviamo-nos as estampas do ano, iguais às nossas. É esta a santa que deve

---

(8) *Gabriel Le Clerc, da localidade de Champlan. O casamento realizou-se no dia 18 de janeiro de 1650.*

C. 316 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Cláudia Brigida (ver C. 65 n. 1).*

(2) *Genoveva Doinel (ver C. 304 n. 3).*

ensinar-nos nosso ofício, pois, assim como teve a felicidade de servir os pobres na pessoa de Nosso Senhor, do mesmo modo, nós devemos servir Jesus Cristo na pessoa dos pobres.

Irmã Genoveva, não vos procureis com vossa irmã; está muito bem, graças a Deus e muito bem empregada. Se tiverdes ocasião de escrever-lhe, podeis mandar vossas cartas pelas Irmãs de São Germano, porque ela mora nessa paróquia.

Pedi a Deus por nossa Irmã falecida, a Irmã Maria Arnou, de Ennery (3), fazendo-o também por mim que sou, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Podeis receber a senhora que o senhor Bispo de Senlis mandou que vos fosse recomendada. Sede muito humildes. Não mais nos envieis moças sem antes saberdes se estamos de acordo.

C. 317 (L. 278)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Vigário Geral do Bispado de Angers  
Angers*

Hoje, 29 de janeiro de (1650)

Senhor Abade,

Estou preocupadíssima com nossas Irmãs do Hospital pois, há muito tempo não recebo notícias delas. E, o que mais me inquieta é que soube, pelo senhor Padre Vicente, que andais muitíssimo ocupado. Em nome de Deus, senhor, lembrai-vos que a Divina Providência vos entregou a direção (*delas*) e se serviu de vós para o estabelecimento dessa obra. Se as Irmãs abusarem das graças que Deus lhes concedeu e dos cuidados que vossa caridade lhes dispensou, eu vos rogo: perdoai-lhes e continuai a dirigi-las, seja pessoalmente, seja por meio do senhor Padre Ratier (2). Não tenham elas outro confessor ordinário senão aquele que lhes indicastes. Precisam tanto dessa assistência que, sem ela, me parece impossível poderem subsistir e é isso que me leva a importunar-vos e, a humildemente suplicar-vos que, por obséquio, me envieis notícias de Irmã Margarida

(3) *Maria Arnou* (ver C. 315 n. 1).

C. 317 Rc. 4 *Carta autógrafa.*

(1) *Abade de Vaux* (ver C. 16 n. 1).

(2) *Senhor Padre Ratier* (ver C. 82 n. 2).

Moreau (3) e dizer-me o que julgais deveremos fazer pelo bem dessa pequena Companhia, a fim de que possa cumprir os designios de Deus sobre ela.

Permiti-me, senhor, suplicar à vossa caridade, lembrar-se de minhas necessidades no santo Altar e me honrar sempre com a certeza de que sou, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

C. 318 (L. 279)

*Ao senhor Padre Vicente*

[fevereiro de 1650]

Meu Honoratíssimo Pai,

Penso que o senhor Bailio (1) vos explicou ontem em que estado se encontra o enfadonho problema (2). Parece que dependerá, unicamente, da maneira como o senhor Lesquier expuser ao senhor Émery (3) a vontade da Rainha sobre o mesmo, havendo ele recebido uma nova ordem de Sua Majestade. Muito humildemente, suplico à vossa caridade fazer o obséquio de dizer-me se seria necessário que alguém e quem lhe fosse falar. Porém teria de ser hoje ainda, Isso me obriga a nada descuidar, porque serão necessárias umas mil e duzentas ou mil e quinhentas libras para os gastos de tomada de posse, e ainda, segundo me disseram, talvez outras duas mil (4).

---

*(3) Margarida Moreau parece haver chegado a Angers em junho de 1647. De personalidade marcante, teve algumas dificuldades de relacionamento com Cecília Angiboust, a Irmã Servente.*

*Em 1651, Luisa de Marillac hesita em nomeá-la Irmã Servente do Hospital de Angers. Finalmente, é escolhida para a Polónia e, para lá segue em setembro de 1652, com Madalena Drugeon e Francisca Dovellet.*

*Já em Varsóvia, nega-se a ficar com a Rainha, enquanto suas Companheiras iam servir os Pobres. Morreu, na Polónia, em 1660.*

C. 318 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: fevereiro de 1650.

*(1) Bailio: oficial de justiça, antigo magistrado provincial ou juiz ordinário, num território jurisdicional. (Nota da Tradutora).*

*Miguel Le Gras era bailio dos territórios de São Lázaro, por ocasião do senhor Padre Vicente.*

*(2) Ver as Cartas 312 e 313.*

*(3) Senhor Émery, Inspetor Geral da Fazenda.*

*(4) O senhor de Rochemaillet, tio da mulher de Miguel Le Gras, cedeu-lhe o cargo de conselheiro da Casa da Moeda. A ata de cessão foi assinada no dia 13 de junho de 1650.*

Em nome de Deus, meu reverendíssimo Pai, vede, por favor, se não se deveria aconselhar as Damas a não/receberem, por agora, mais crianças abandonadas, para que nos seja possível pagar as dívidas. Além disso, sejam trazidas todas as já desmamadas que estão nas aldeias, pois, asseguro-vos, em consciência: não há presentemente, possibilidade de resistir à compaixão que nos causa essa pobre gente quando nos pede o que, em justiça, se lhe deve, não só por seu trabalho, mas, porque eles tendo adiantado seu dinheiro, estão agora à mingua e obrigados a vir três ou quatro vezes, de muito longe, sem nada receberem de dinheiro. Temos de atender a muita coisa: à alimentação das amas de leite e, frequentemente, até sete ou oito crianças desmamadas, com dinheiro emprestado. Porém, não é nosso interesse que nos faz falar, embora (*esteja certa de que*) se a coisa continuar assim, teremos forçosamente de gastar do nosso, pois, não podemos negar-nos a lhes dar o que pudermos, por pouco que seja.

Por favor, senhor Padre, perdoai minhas contínuas importunações, vo-lo peço, assim como me façais a honra de crer-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

C, 319 (L. 390)

*(Às Irmãs do Hospital de Angers) (1)*

(pelo ano de 1650)

Queridas Irmãs,

As virtudes que Irmã... (2) vos poderá ter dito que observou em nossas Irmãs (3), vos devem servir de consolo e incentivo, dando-vos o desejo de adquirí-las. Pensai sobre tudo, queridas Irmãs, que, como servas dos pobres, lhes deveis grande mansidão, paciência e cordialidade. Rogo-vos: procurai agradar, com vossas palavras e respeito, às pessoas que vão visitá-los, porque sois vós que deveis atrair os benfeitores, por vossa afabilidade. Não quero dizer com isso, ser necessário que todas as Irmãs, sem distinção, se detenham para conversar com as pessoas de fora. Porém, se ao passardes, alguém se dirige a vós, parai para escutá-la. Se vos perguntar coisa a que não deveis responder, dizei-lhe que se dirija à Irmã Superiora que lhe satisfará o desejo.

---

C. 319 Ms. A. *Irmã Chétif*, 1, n. 3. Cópia.

(1) *Esta carta faz parte da séria de cartas copiadas por Margarida Chétif, referentes a Angers.*

(2) *Margarida, recém-chegada de Paris (ver C. 331 n. 2).*

(3) *Alusão à Conferência sobre as virtudes das Irmãs falecidas (Coste IX, 535); embora situada no final de 1650, Coste admite - nota 1 - que possa ser de 9 de dezembro de 1649.*

*Ao senhor Padre Vicente  
Geral dos Veneráveis Padres da Missão*

Hoje, sexta-feira (abril de 1650)

Meu Honoratíssimo Pai,

Ontem, tive a honra de estar com a senhora de Lamoignon. A senhorita sua filha perguntou-me o que as Damas haviam feito em Bicêtre (2). Ao ter conhecimento da determinação que tomaram de instalar os rapazes num pavilhão, como para livrar-se do encargo de fazer a separação necessária, disse-me não ter sido esta a decisão que vossa caridade havia feito tomar. Previa, claramente, todos os inconvenientes de deixar assim as meninas, tanto por causa dos garotos, como pelas amas de leite, pois, embora procurem contratar mulheres honradas, não obstante, há motivos para se suspeitar que a maioria delas não se retira apenas obrigada pela penúria dos tempos, como também, pela má conduta. Aliás, estas mulheres, recrutadas de todas as partes, são mal faladas e de muita libertinagem. Disse-me ainda esta boa senhorita que devíeis usar de firmeza, a fim de que fosse executada a proposta defendida tão fortemente por vossa caridade, pedindo que fosse feita a tentativa de implantá-la neste ano do Jubileu, sem diferi-la para outra vez. Acrescentei que essas dilações dão lugar a que se consulte ou se peçam opiniões e, ela prosseguiu dizendo que, se desta vez, cederdes, não mais haverá meios de se mudar isso!

Penso também, meu Honoratíssimo Pai, que é preciso manter-se firme para retomar uma ou duas de vossas casas, ou até mais, a fim de não se perder o aluguel. De outro modo, se eles fizerem escolha, me parece que a direção passará, inteiramente e para sempre, a outras mãos e, neste caso, tornar-se-ão manifestas as suas intenções. Veio-me ao pensamento que elas possam supor que não nos é possível deixar o serviço das crianças, porque a ele nos força a renda das mil libras de herança que temos. Vós vos lembrais do prejuízo que nos deram, pois, a intenção das que trabalharam para que nos fosse feita a doação, era que dispuséssemos da metade, pura e simplesmente, para a subsistência da Companhia e não para obrigar-nos ao serviço das criancinhas de modo diferente do que o somos aos outros pobres e ao forçados. Melhor seria, se é que em alguma coisa pretendem reivindicar isto, que o fizessem agora e não noutra época.

---

C. 320 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: abril de 1650.

(1) Senhora de Lamoignon (ver C. 87 n. 1).

(2) Bicêtre, o castelo onde estavam alojadas as Crianças Expostas.

De passagem, fui ontem ver o senhor Procurador (3) que me deu a honra de receber-me mui cortezmente e, disse-me em seguida que eu o procurava por um assunto que estava em suas mãos. Respondi-lhe que (*minha intenção*) era apenas refrescar-lhe a memória. Perguntou-me se pleiteávamos ser regulares ou seculares; dei-lhe a entender que não pretendíamos senão este último, ao que ele retrucou que era algo sem precedentes. Aleguei-lhe então o exemplo das Filhas da senhora de Villeneuve (4), demonstrando-lhe que elas iam por toda parte. Manifestou-me que não desaprovava nosso propósito e elogiou muito a Companhia, porém que, em se tratando de um assunto tão importante, merecia que se refletisse bem (*sobre ele*). Patenteei-lhe alegria por ouvi-lo expressar-se assim e lhe pedi que se a coisa não merecesse ou não devesse continuar, que a destruísse totalmente. Porém, se fosse boa, lhe suplicávamos a estabelecesse sobre bases sólidas e que este pensamento nos levará à experiência de pelo menos doze ou quinze anos, durante os quais, pela graça de Deus, não surgira nenhum inconveniente. Disse-me: “deixai-me pensar nisso, não o digo durante meses, mas, umas semanas”. Deu-se ao trabalho de acompanhar-nos até a diligência, embora estivesse ele no tribunal, dando-nos prova de grande benevolência. Encarregou-nos de, respeitosamente, vos cumprimentar e acrescentou que se consideraria um agiota se aceitasse os humildes agradecimentos que lhe apresentávamos pelas atenções dispensadas a todas as nossas Irmãs, quando ousam recorrer a ele em suas necessidades, tanto em favor dos pobres forçados, como das crianças abandonadas.

A senhora marquesa de Maignelay (5) respondeu-me ontem'e, apenas, oralmente. Mandou nossa Irmã ir à casa do senhor Cura de São Roque, o qual, diante da referida senhora lhe assegurou que não havia tido nenhuma falta nas Irmãs que nos devolveu. O comportamento de uma das Irmãs que aí trabalhava e não deveria permanecer na Companhia levava o senhor Cura a devolver-nos a outra. Atualmente, aquela está casada e as que estão em seu lugar, continuam seguindo seus exemplos. A referida senhora Marquesa pede-nos, para amanhã, duas Irmãs. A isto se opõem duas dificuldades: uma, que é necessário proporvos quem enviaríamos e vo-las apresentar para que conheçais as que, antes de partir, teriam de fazer o Retiro Espiritual; a outra, é que a moça ficou lá e agora

---

(3) Procurador Geral: magistrado supremo que exercia as funções do Ministério público, ante o Tribunal de Ab-rogação e de Contas, nos casos de apelação. Desde 1644, o senhor Blas Méliand exercia este cargo; deixou-o em 1650. (Nota do Padre Castañares a esta carta).

(4) A senhora de Villeneuve, fundadora das Filhas da Cruz (ver C. 37 n. 6).

(5) A marquesa de Magnelay era irmã de Felipe Emanuel de Gondi (ver C. 93). Casada em 1588, ficou viúva em 1591. Dama da Caridade muito abnegada, tonou parte nas diferentes obras da caridade do senhor Padre Vicente.

está casada, vive na mesma casa onde as Irmãs devem residir e é perigosa vizinhança para nós.

Suplico-vos, humildemente, vos deis ao trabalho de dizer-me o que farei nesta circunstância para não descontentar a senhora Marquesa, nem nos prejudicar. Da-me vossa santa bênção para todas as nossas necessidades e fazei-me a honra de crer-me...

C. 321 (L. 284)

*À minha querida Irmã Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Nantes*

Paris, hoje, 4 de maio de 1650

Minha querida Irmã,

Para mim, a coisa mais estranha do mundo, é ver-vos queixar sempre de não receber nossas notícias e, a partir da data a que vos referis. Creio que Irmã Hellot (1) e eu vos escrevemos mais de seis vezes. É verdade que deixei passar umas semanas sem vo-lo fazer ou mandar fazê-lo, porém, isso foi durante o tempo em que sabia que o senhor Padre Vicente vos havia escrito. Também é verdade, querida Irmã, não ter respondido a todo os pontos de vossas cartas, especialmente, de uma recebida há pouco tempo, na qual me dizeis que algumas Irmãs desejariam inscrever-se no Rosário Perpétuo. Hei de dizer-vos, querida Irmã, que já faz tempo, propusemos isto ao senhor Padre Vicente, mas, ainda não nos respondeu. Porém, como sei que, assim como outros superiores de outras Companhias, não permite ele nos alistemos em tantas Confrarias. Parece-me que, pelo que a esta carta se refere, devemos contentar-nos, simplesmente, em sermos do rosário (2).

Recebemos duas cartas do senhor Truchart (3) bem diferentes uma da outra: na primeira, apressava-nos a mandar-vos ajuda e, na segunda, dizia-nos que adiássemos. Nisto, como em tudo, querida Irmã, temos de adorar as disposições da Divina Providência. Na semana passada, eu vos escrevi, longamente, sobre este particular.

---

C. 321 Rc. 3 Letra de Irmã Hellot. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Elisabeth Hellot, secretária de Luisa de Marillac, é quem escreve esta carta.

(2) Provavelmente quereria dizer: contentamo-nos com o terço.

(3) Senhor Truchart, confessor das Irmãs em Nantes.

Espero terdes recebido minhas cartas; vo-las enviei pelo senhor de Annemont (4). Rogo-vos saudeis a todas as Irmãs para quem, de todo coração, peço a Deus muita coragem para Lhe testemunhardes a fidelidade que lhes pede nesta circunstância bastante penosa à natureza, porém que, com a ajuda de sua graça, espero nos seja muito útil. Assim o desejo para a glória de Deus e edificação do próximo. Não é, querida Irmã, que em meio a tantos obstáculos não se apodere, de vosso espírito grandes penas e dificuldades, tanto pela incerteza dos acontecimentos, como pela oposição e falatórios de uma e de outra parte, como por não haver uma pessoa de confiança com quem posséis vos desabafar e aconselhar-vos. Crede-me, porém, querida Irmã, se eu estivesse em vosso lugar, pediria a Deus a graça de colocar-me em estado de grande indiferença e na certeza de que nessa circunstância, não nos compete agir, mas, pôr-nos em disposição de escutar e sofrer tudo o queiram dizer, seja a nosso favor, seja contra, sem nos preocuparmos. Ah! querida Irmã, se fosse assim, que consolo sentiríamos, vendo-nos como o Filho de Deus, objeto de acusações e juízos dos homens e, inteiramente abandonadas do consolo das criaturas. É neste estado que a verei, de hoje em diante, na presença de Deus, a quem suplico seja vossa fortaleza. Recomendo-vos, querida Irmã, que se alguém quiser pressionar-vos a falar de todas essas mudanças e complicações, respondi simplesmente: nada temos a comentar sobre isso; esperamos ordens de nosso Superiores para conhecer e cumprir a vontade de Deus. Avisai às Irmãs para fazerem o mesmo. Se conseguirdes todas fazê-lo, sereis as melhores do mundo. Com efeito, penso que isso seria realizar o que Deus vos pede. Crede-me, mais do que nunca, em seu santíssimo Amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 322 (L. 284 bis)

*À minha querida Irmã Cecília Inês (1)  
Filha da Caridade  
serva dos Pobres doentes, em Angers*

Hoje, 4 de maio de 1650

Minha querida Irmã,

Não tivesse o senhor Abade de Vaux (2) me dado, há pouco tempo, vossas

---

(4) Senhor de Annemont (ver C. 189 n. 4).

C. 322 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2).

(2) O senhor Abade de Vaux (ver C. 16 n. 1).

notícias, eu estaria extremamente preocupada, visto não me escreverdes, há muito. Espero que o bom Deus vos proteja no meio de todos os perigos das doenças que já vos ameaçaram. Tive grande consolação com a notícia do regresso do senhor Padre Ratier (3). Em nome de Deus, queridas Irmãs, sede bem fiéis em praticar seus bons conselhos e, sobretudo, sede muito afáveis e bondosas com vosso pobres. Sabeis que são nossos mestres a quem devemos amar com ternura e respeitar profundamente. Não basta termos isso na memória, mas, devemos demonstrá-lo por nossos serviços caridosos e afáveis. Lembrai-vos também de serdes respeitosas com os senhores Padres (4) a quem vos rogo saudar, atenciosamente, em meu nome. Continuai, igualmente, recebendo com cordialidade os senhores e as Damas que freqüentam o hospital, porque temos tais obrigações para com todos. Devemos evitar dois extremos: o de afeiçoar-nos à conversa com as pessoas de fora, o que pode ser prejudicial àqueles que servem os pobres e que, por esse motivo, devem agir como pobre; e o outro extremo é deixar-se dominar pelo pensamento de não querer agradar a ninguém, o que leva a não se tomar cuidado em ser complacente com as pessoas. Não é assim que se deve agir, querida Irmã, porque temos de acolher, com agrado, quem vem visitar os pobres, sem olhar nosso interesse particular, mas, simplesmente, porque assim é que se deve fazer e disso pode advir um bem para eles.

Saúdo, de coração e com afeto todas as nossas Irmãs e sou, no Amor de nosso amado Mestre, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Nossa Irmã Maria Noret (5) faleceu em Nantes. Recomendo-vos todas as Irmãs de lá, que estão sofrendo muito; parece que Deus as escolheu para ganharem méritos para toda a Companhia.

C. 323 (L. 270)

*Às minhas queridas Irmãs Toussainte (1) e Joana (2)  
Filhas da Caridade, em Valpuseaux*

Minhas queridas Irmãs,

De todo coração, louvo a Deus pela saúde que concedeu à minha querida Ir-

---

(3) Senhor Ratier (ver C. 82 n. 2).

(4) Os Pais dos Pobres ou Administradores do Hospital.

(5) Maria Noret (ver C. 315 n. 2).

C. 323 Rc. 3 Letra de Irmã Hellot. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Toussainte Davi encontrava-se em 1644, em São Severino; depois vemo-la em Valpuseaux, em 1650. Em 1655, estava em Paris ou seus arredores e assina, com uma cruzinha na Ata de ereção da Companhia. Depois foi enviada a Sedan.

(2) Joana Fouré (ver C. 252 n. 11).

mã Toussainte, esperando que, com ela, lhe tenha dado novas forças e nova coragem para trabalhar no serviço dos pobres, por seu santo amor. E, para isto, querida Irmã, o senhor Padre Vicente manda que permaneçais aí, enquanto Irmã Bárbara deve dar uma volta por aqui.

Como gozo pensando, queridas Irmãs, que viveis em grande união e cordialidade, pois foi a Divina Providência que vos colocou juntas e, se há diferenças entre vós, pelos temperamentos naturais, em nome de Deus, queridas Irmãs, que seu santo Amor se manifeste em vossos corações. Lembrai-vos, querida Irmã Joana, de conservar no íntimo de vós mesma, os santos afetos que causaram tão generosas resoluções durante vosso Retiro Espiritual. Recordai-vos também, da fidelidade que deveis a Deus, em paga de tantas graças; sem isso, muito deveríamos temer os juízos de Deus.

Irmã Toussainte, o senhor Padre Vicente vos pede para conseguirdes alguns bons camponeses, a fim de acompanhar Irmã Bárbara até Étampes; que ela deixe aí todas as lancetas que tiver e vós tratareis de conservá-las. Não vos esqueçais, queridas Irmãs, de que se há um lugar em que as Filhas da Caridade tenham especial obrigação de dar bom exemplo, sendo afáveis e caridosas, é este em que estais, pelo muito que devemos, depois de Deus, ao nosso Honoratíssimo Pai, o senhor Vicente, que, indubitavelmente, sentiria grande desgosto se se desse o contrário.

Fiquei perplexa por haverdes enviado esse homem de propósito, como já o fizestes ultimamente. Peço-vos, minhas Irmãs, não torneis a fazê-lo, sem grande necessidade. Suplico a Deus vos conserve em seu santíssimo Amor, queridas Irmãs, e sou vossa muito humilde irmã e afeioadíssima serva.

C. 324 (L. 286)

*À Irmã Joana Lepintre (1)*  
*Nantes*

Hoje, 25 de maio de 1650

Mui querida Irmã,

Ontem recebi, ao mesmo tempo, três cartas vossas; uma do dia 3 deste mês, outra do da 10 e outra sem data, sem dúvida alguma escrita há muito tem-

---

C. 324 Rc. 3 *Letra de Irmã Hellot. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) *Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).*

po, pois nela me dizíeis que o senhor Truchart deveria chegar.

Não posso expressar-vos a alegria que tive ao ver que, tanto vós, como todas as Irmãs, estão na disposição da qual me falastes. É assim querida Irmã, que devemos pertencer a Deus. Não deixarei de mostrar ao senhor Padre Vicente as vossas duas cartas relacionadas com a proposta que vos fizeram: colocar um cozinheiro e um administrador. Quanto ao administrador, já o disse ao senhor Truchart (2) seria para vós de grande vantagem se houvesse um; assim o desejaríamos, porém, com a condição de que sua esposa não se envolva, em nada, no serviço dos pobres. Quanto ao cozinheiro, vejo nisso muitos inconvenientes. Entretanto é preciso deixar a coisa à decisão dos Administradores, a quem vos peço saudar, respeitosamente, de minha parte.

Surpreende-me muito que o senhor Truchart não esteja contente, porque me parece haver-lhe dito o que podia dizer-lhe. Somos-lhe muito agradecidas pela caridade que tem para conosco.

Queridas Irmãs, quanto ao que se refere à vossa volta, creio não será tão imprevista a ponto de não terdes tempo de no-la avisar para podermos receber ordens do senhor Padre Vicente sobre o que deveis fazer, além do que já vos disse. Peço a todas as Irmãs que permaneçam fortemente unidas ao que a Divina Providência dispuser. Amemos seus desígnios e abandonemo-nos, de novo, a eles, com a certeza de que se lhe formos fiéis até esse ponto, sua bondade não nos abandonará e tudo o que no presente nos causa pena, redundará em maior alegria para nós, se assim for do agrado de Deus e para sua maior glória. No seu amor sou, queridas Irmãs, vossa humilde irmã e serva.

C. 325 (L. 277)

*Às minhas queridas Irmãs Carlota (1) e Francisca (2)  
Filhas da Caridade, serva dos Pobres  
Em Richelieu*

(junho de 1650)

Minhas queridas Irmãs,

Estou de fato, aturdada por ter ficado tanto tempo sem vos escrever. Não havia sequer percebido que não vos agracedera a bela renda (*que nos enviastes*),

---

(2) Senhor Truchart (ver C. 329 n. 6).

C. 325 Rc. 3 Letra de Irmã Hellot. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Carlota Royer (ver C. 251 n. 1).

(2) Francisca Carcireux (ver C. 251 n. 2).

se não mo houvessem assegurado. Nosso altar vos agradece, porém, as credências se queixam.

Parece-me, minhas Irmãs, que estais preocupadas com vossos pais. Posso dizer-vos, Irmã Carcireux, que faz algum tempo, tivemos notícias do senhor vosso pai. Ele quis ir vos ver, porém o dissuadimos de fazê-lo, pois, se encontrava em Beauvais, com seus familiares. Um deles, que é Presidente, lhe havia arranjado emprego e manifestava muito boa vontade em continuar a ajudá-lo no que lhe fosse possível. Quanto aos pais de Irmã Carlota e o resto da família, creio estarem, todos com boa saúde porque, não faz muito tempo, tivemos notícias de Liancourt. Não vos resta senão, minhas queridas Irmãs, serdes muito reconhecidas pelas graças que Deus vos outorga e trabalhar em vossa perfeição, não só por tudo o que lhe deveis, mas também, pelo serviço que tendes de prestar aos pobres e às crianças da escola e de cumprir, com exatidão, os vossos regulamentos. Uma das principais coisas que vos recomendo, Irmã Carlota, é que não choreis, ou pelo menos, chorai pouco, porque, mais vale regozijar-vos. Aliás, que mais poderemos desejar, onde quer que estejamos, se temos Deus conosco?

Em seu amor e no de seu Filho Crucificado, sou, com todo o meu coração, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Rogo-vos que cumprimenteis, mui respeitosamente, de minha parte, ao senhor Padre Superior (3) e lhe peçaís que assegure aos dois senhores Padres Manceau (4) que sua irmã (5) está bem e que lhes enviamos uma carta dela, justamente no dia em que chegara a que eles lhe escreveram. Ela está agora, no hospital de Chars. Depois de escrita esta carta, a Irmã Florência caiu doente e está nas últimas. Já faz alguns dias, está sem esperança de vida. Suponho terdes sabido que Irmã Maria Arnou (6) e Irmã Maria Noret (7) faleceram em Nantes. Fazei-me o favor de rezar por tudo isso.

---

(3) Bernardo Codonig entrou na Congregação da Missão em 1636. Desde 1649, era Superior em Richelieu.

(4) Nicolau e Simão Manceau, Padres da Missão.

(5) Francisca Manceau, natural de Laumesfeld (Moselle), entrou na Companhia das Filhas da Caridade pelo ano de 1643. Colocada em Chars. Em junho de 1658, foi enviada a Calais, onde morreu em setembro, vítima de sua abnegação.

(6) Maria Arnou (ver C. 315 n. 1).

(7) Maria Noret (ver C. 315 n. 2).

*À minhas querida Irmã Joana Pangoy (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
no Hospital do Espírito Santo  
em Liancourt*

(pelo mês de junho de 1650)

Minha querida Irmã,

Estou muito preocupada com a Irmã Maturina (2) que, segundo me disses-tes, está com febre terçã dupla. Em nome de Deus, cuidai bem dela e não deixeis de dar-me suas notícias, com a possível freqüência.

Peço-vos assegurar ao funcionário encarregado da guarda do estabelecimento que lhe reservaremos o dinheiro que lhe é devido pelo pagamento da ama de leite. Dizei-me como está a criança,

Estou certa, querida Irmã, de que as notícias de tantas mortes vos ajudarão a renovar-vos em vossas resoluções de fazer o bem a todas, pois a vida é tão curta e morremos uma única vez e a sentença à hora de nossa morte durará eternamente. Sábado, sepultamos uma de nosas Irmãs, chamda Florência que esteve na Companhia apenas dois anos. Era uma Irmã muito boa e temos de agradecer a Deus porque, todas as que Ele leva para Si parecem estar em boas disposições. Tratemos de viver de maneira que o mesmo aconteça conosco.

Apresentai minhas afetuosas lembranças à nossa querida Irmã doente e à Irmã Genoveva (3). Todas as Irmãs vos saúdam, como também eu que sou, de coração, no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 326 Rc. 3 Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Joana Pangoy, (ver C. 220 n. 4).

(2) Maturina Guérin nasceu a 16 de abril de 1631 em Montcontour, na Bretanha. Entrou para a Companhia das Filhas da Caridade, a 12 de setembro de 1648. Depois do tempo de formação, foi para a Paróquia de São João "de Grèves"; depois, para Liancourt. Chamada à Casa Mãe, em março de 1652, passou a ser secretária de Luisa de Marillac e diretora do Seminário. Em 1655, é enviada a La Fère. Em maio de 1660. O senhor Padre Vicente a chama para o Hospital de Belle Isle. Em 1667, é eleita Superiora Geral. Ao terminar seu primeiro sexênio, foi para Angers. De novo eleita Superiora Geral de 1676 a 1682; de 1685 a 1691; de 1694 a 1697.

Morre na Casa Mãe, no dia 18 de outubro de 1704. Existe nos arquivos uma extensa nota biográfica, relatando sua vida e virtudes.

(3) Possivelmente, Genoveva Cailou (ver C. 23 n. 1).

c. 327 (L. 288)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 1º de julho de 1650

Senhor Abade,

Perdoai-me a liberdade que tomo de vos enviar este pacotinho para nossas Irmãs.

Não deixarei de lembrar ao senhor Padre Vicente o assunto do senhor Padre Ratier, embora não creia possa esquecê-lo, porque, ele próprio, antes, me falara do caso, assim deste modo.

Soube, senhor Abade, que os senhores Administradores do Hospital Geral conseguiram outra casa para que nela sejam colocado mais doentes e nossas Irmãs deveriam cuidar deles. Rogo-vos, com humildade, que tomeis o trabalho de inteirar-vos do que há de verdadeiro. Receio muito que sobrecarregando-as de ocupações, as Irmãs, cheguem a faltar à perfeição no serviço e limpeza necessários num hospital e quem não souber quão pequeno é o número delas, as critique. Porém, o que ainda é mais importante é que os doentes correriam o risco de sofrer muito.

Suplico, encarecidamente, à vossa caridade, considerar tudo isto e ordenar o que for conveniente. Honrai-me sempre com vossa lembrança no Santo Altar, das necessidades de nossa pobre Companhia e das de minha alma, para que a bondade de Deus se digne fazer-lhe misericórdias na hora de sair desta vida, durante a qual serei, verdadeiramente, no amor de Jesus Crucificado, senhor Abade, vossa muito humilde e obediente.

C. 328 (L. 287)

*À minha querida Irmã Cecília Inês (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
do Hospital de Angers*

Hoje, 1º de julho de (1650)

Minha querida Irmã,

---

C. 327 Rc. 4 Carta autógrafa.

C. 328 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2).

É verdade que é trabalho excessivo ter de servir os pobres em duas casas e até me parece impossível para o número de Irmãs que sois. Falai disso ao senhor Abade que sempre tem demonstrado tão boa vontade em ajudá-las, desde o primeiro momento quando Deus começou a infundir-lhe caridade para convosco.

Peço-vos, querida Irmã, consoleis a Irmã Perrete (2) em suas indisposições e fazei-lhe compreender que as enfermidades corporais nos são proveitosas quando as suportamos por amor de Deus e procuramos amar sua santíssima vontade. Se assim o fizermos, a parte mais nobre de nós mesmas, que é nossa alma, se achará em perfeita saúde.

Envio-vos, para as Irmãs, dois crucifixos como os que usamos agora; servem também de relicário, podendo-se colocar relíquias dentro deles. Porque se quebram e se estragam depressa, não mandamos mais fazer deles. As medalhas, podeis ter certeza, vieram de Roma, trazidas pelo Padre Portail (3). Distribuí-las-eis como vos parecer oportuno. Se não der para todas as que pediram, quando eu souber, procurarei conseguir mais. Ele vos cumprimenta, a todas, e vos pede sejais muito fiéis e exatas a vossas regras, especialmente no que concerne à cordialidade e união entre vós todas. Nossas Irmãs vos pedem, como eu também, que imploreis essas virtudes para nós, ao bom Deus.

Crede-me no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Na semana passada escrevi ao senhor Padre Ratier. Saudai-o, respeitosamente, em meu nome, assim como a vossos senhores.

C. 329 (L. 289)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
no Hospital São Renato  
Nantes*

Hoje, 13 de julho de 1650

Minha querida Irmã,

Espero que tenhais recebido a resposta das cartas que escrevestes ao se-

---

(2) Esta Irmã Perrete parece ser a que chegou a Angers, no final do ano de 1648. O senhor Padre Lambert no relatório de sua visita a chama de "Perrine". Foi para Richelieu em 1658.

(3) O senhor Padre Portail havia chegado de Roma, em setembro de 1649.

C. 329 Rc. 3 Letra de Irmã Hellot. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).

nhor Padre Vicente e também à Irmã Henriqueta (2). Aborrecia-me o não termos notícias vossas, embora sempre esperasse que Deus vos concederia um pouco de descanso. É verdade que não podeis tê-lo muito, querida Irmã, visto serdes apenas seis. Não calculais o quanto me preocupa ver que sois tão poucas para tanta coisa, por causa da cozinha e da botica.

Alegro-me muitíssimo de que o senhor Gremille (3) tenha sido eleito Pai dos Pobres (4). Peço-vo, querida Irmã, dizer-me é o mesmo que aí e encontrava quando do estabelecimento da Obra. Esperamos que esteja a par de tudo e até do tempo gasto na insistência do pedido de Irmãs, podendo então testemunhar que não foi o interesse que nos levou para aí e, nem jamais será ele que nos faça aí permanecer, se Deus quiser.

Desejo, de todo coração, queridas Irmãs, que juntas tenhais renovado a resolução de viver pefeitamente unidas, para assim praticardes, exatamente, o vosso regulamento, não tanto nas coisas exteriores, mas na prática interior, que consiste em aceitar todos os acontecimentos e contradições como vindos da Divina Providência, em terdes grande tolerância e perfeito entendimento umas com as outras, isto fará, queridas Irmãs com que as pessoas de fora fiquem edificadas. Peço-vos também, queridas Irmãs, pois como aprouve a Deus dar-vos um Administrador tal como o desejávamos, não sairdes mais de casa, nem mesmo a Irmã Henriqueta que deverá encarregar alguém que lhe traga os simplices para os medicamentos. Faz tempo que desejo sejam vossos pobres tratados com remédios como os das paróquias de Paris, porque, dessa maneira, nossas Irmãs que trabalham na botica (5) teriam mais tempo e sossego para servir os pobres.

Peço-vos assegurar à Irmã Joana de Santo Albino (6) que a demora em chamá-la é devida à incerteza em que estamos, com relação ao retorno de todas, ou então, que os senhores Administradores peçam mais Irmãs, porque, viagens tão longas, uma pessoa sozinha não pode, facilmente, fazê-las. Nossa intenção é de mandá-la vir na primeira oportunidade para tal.

Não me dissestes se recebestes minhas cartas do principio deste mês, e isso me preocupa. Quanto à recomendação de não sairdes, compreenda-se: sem

---

(2) *Henriqueta Gesseaume* (ver C. 86 n. 1).

(3) *Em sua carta de 5 de agosto, Joana Lepintre responde à Luisa de Marillac, com relação ao senhor Gremille: "É o mesmo sim; e demonstra tanta ou mais afeição e bondade para conosco, que então".*

(4) *Pai dos Pobres ou Administrador.*

(5) *Henriqueta Gesseaume e Cláudia Carré.*

(6) *Joana de Santo Albino* (ver C. 218 n. 5). *Luisa de Marillac não deve tê-la contado, quando diz em sua carta que são seis irmãs, em Nantes.*

grande necessidade. Embora esteja eu certa de que não fazeis nenhuma visita nem de cumprimento, nem de (*pura*) satisfação. Posso dizer-vos que esta prática é a que tem sustentado as Irmãs de Angers. Na minha última carta vos dava notícias delas e vos dizia quanto têm edificado a Companhia com sua conduta, como também vós o estais com a paciência que Deus vos concedeu em todas as vossas tribulações, pelo que suplico à Sua bondade, seja vossa eterna recompensa e, em seu santo Amor, queridas Irmãs, sou vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Temos muitas doentes em diversos lugares; duas delas em perigo de vida. Peço-vos cumprimentar a todas as Irmãs, em meu nome, e, muito respeitosamente, aos senhores Administradores, à senhorita de la Carisière e a todas as nossas amigas.

Suplico-vos, minha Irmã, que apresenteis minhas excusas ao senhor Truchart (7) por não poder escrever-lhe por este correio, pois tomei um purgante (8); apresentai-lhe também minhas respeitadas saudações.

C. 330 (L. 130 ter)

*À Irmã Joana Cristina (2)*  
*Liancourt*

(pelo ano de 1650)

Querida Irmã,

Consultei o senhor Padre Vicente sobre vossa carta e ele concordou que fosseis aliviada da administração do dinheiro e a passeis à Irmã Maturina (2) que deverá aceitá-la de bom grado, pois a Divina Providência lho ordena. Irmã Joana Pangoy (3) terá o cuidado de continuar a assistência dos pobres doentes, convosco. Irmã Joana, do modo como vistes a Irmã Elisabeth fazer. E vós Irmã Joana Cristina, a santa obediência vos nomeia Irmã Servente, de tal sorte que, as três não formem mais que uma vontade e um só coração.

---

(7) O senhor Truchart, confessor das Irmãs.

(8) A carta foi escrita por Elisabeth Hellot.

C. 330 Rc. de pedaços... pp. 666-7. Cópia

(1) Irmã Joana Cristina Prévost (ver C. 140 n. 2).

(2) Maturina Guérin (ver C. 326 n. 2).

(3) Joana Pangoy (ver C. 220 n. 4).

Desde que as Irmãs estão em Liancourt, não foi visto, pela graça de Deus, ter havido contradições entre elas. Espero que sua infinita Bondade nos continue concedendo a mesma graça.

Ao dizer que Irmã Joana Pangoy cuidará dos doentes das aldeias, entendo que o fará convosco, Irmã Joana; porém ela vos ensinará como é preciso servi-los. Irmã Maturina encarregar-se-á de registrar, diariamente, as despesas e receitas quando houver, e assim será muito fácil.

Sim, queridas Irmãs, como o desejo de amar a Deus e a prática deste amor (*suavizam*) maravilhosamente todas as coisas! Que consolo tão grande, para as almas de boa vontade, é ter ocasiões de poder testemunhar a Deus o amor que lhe dedicam, com o serviço que prestais aos pobres!

Lembraí-vos, Irmã Joana Cristina, das penas interiores que vos afligem quando estáveis em lugares onde tinheis pouco trabalho. Suplico, de todo coração a Nosso Senhor, que abençoe vossos trabalhos e vos faça compreender quão felizes deveis sentir-vos pela graça que Ele vos outorga. E, como já estão arrependidas as que perderam por não a terem apreciado! É preciso humilhar-mo-nos muito e desconfiar de nós mesmas, tanto mais quanto não temos maior inimigo que nosso amor próprio. Peçamos a Nosso Senhor esta graça e crede-me, em seu santo Amor, minha querida Irmã, (*vossa muito humilde irmã e serva*).

P.S. - Não sei se vos comuniquei a morte de nossa boa Irmã Luisa Proust (4). Esteve doente apenas seis dias. Pedi a Deus por ela.

C. 331 (L. 290 bis)

*(À Irmã Cecilia Angiboust (1)  
(Angers)*

20 de setembro de 1650

Mui querida Irmã,

Penso que fizestes todo o possível para tranquilizar nossa Irmã... (2) e a olhai como uma tenra planta da qual podereis esperar bons frutos, para um dia,

---

*(4) Luisa Proust de Parthenay, entrou na Companhia das Filhas da Caridade pelo ano de 1646 ou 1647. Depois de uma curta permanência em Liancourt, em 1649, voltou a Paris e morreu em 1650.*

C. 331 Ms. A. Irmã Chétif, 1. n. 20. Cópia.

*(1) Esta carta faz parte da série de cartas de Angers, copiadas por Margarida Chétif.*

*(2) Margarida. O senhor Padre Lambert, em seu relatório da visita de 1651, chama-a Margarida "a pequena".*

apresentá-los na mesa do banquete eterno de nosso bom Deus! Como sereis feliz, querida Irmã, se, por vossa doçura e cordialidade em corrigi-la afavelmente, puderdes cooperar com a graça, na sua perfeição! Rogo-vos, de todo coração, que assim o façais.

Não sei se tendes o hábito de lavar as mãos dos pobres; se não, acostumai-vos a fazê-lo. Também vos peço advertir a todas as Irmãs, mas que o seja em particular; dai-lhes bom exemplo de mansidão e submissão; consolai-as nos sofrimentos que possa ter, por vossa cordialidade e tolerância. Deveis ter muita paciência, proporcionando-lhes remédios simples. Deles o principal é compartilhar suas penas e lhes mostrar a importância de fazerem a vontade de Deus, cujos desígnios são imutáveis. É preciso também, às vezes, ter o cuidado de, quando *(as Irmãs)* se cansarem de um ofício, mudá-las sem esperar que o peçam. Enfim, é necessário muita condescendência, adiantando-se aos desejos de nossas Irmãs, sem deixar perceber havê-los notado.

Sabeis que os cargos não devem ser exercidos com absolutismo, mas, com caridade e que somos Irmãs Setentes, isto é, temos de arcar com o trabalho mais duro tanto do espírito, como do corpo, e aliviar, quando pudermos, as nossas queridas Irmãs. Elas terão sempre muita coisa a suportar de nós: às vezes, por nossos momentos de mau humor e outras, por causa da regugnância que a natureza e o maligno lhes inspiraram.

Suplico a Nosso Senhor, seja vossa fortaleza e consolo e sou em seu santo Amor...

C. 332 (L. 130 bis)

*(Às Irmãs de Liancourt) (1)*

(pelo ano de 1650)

Queridas Irmãs,

Sinto-me aflita por causa das dificuldades que, segundo me expusestes, encontrais na prática de uma obra tão santa. Faz, creio eu, uns dez anos que foi iniciada e com algumas de nossas Irmãs menos inteligentes do que vós, e quando começaram, a abrir o caminho, as coisas eram muito mais difíceis do que são agora. Acredito que Deus me proporciona esta aflição por causa de meus pecca-

---

C. 332 *Rc. de pedaços... p. 666. Cópia.*

*(1) Esta carta é uma cópia contida no Tomo de documentos relacionados com as Filhas da Caridade, conservado nos Arquivos da Casa Mãe.*

dos, que mereceriam castigo maiores, se quisesse Ele exercer, com rigor, sua justiça.

Exorto-vos, pois, queridas Irmãs, tanto quanto o posso, a considerardes a gratidão que deveis a Deus, pelo benefício de vossa vocação e por tantas outras graças recebidas de Sua mão liberal. Estimulo-vos também a vos adaptardes aos trabalhos de que sois encarregadas. Não sei, Irmã... (2) se compreendi bem a proposta que me fizestes em vossa carta, de vir a Paris para vos livrardes de vossos sofrimentos e aqui achardes alívio. Porém, pelo amor de Deus, sede uma mulher cheia de confiança e de fidelidade a Deus como sempre o fostes, e, por isso, tende um pouco de paciência para que possamos conhecer sua santíssima vontade sobre isto.

Prometo-vos falar ao senhor Padre Vicente sobre o assunto e já o teria feito se eu não estivesse doente, de cama; entretanto, de todo jeito, não deixarei passar esta semana sem dar-vos notícias minhas.

E vós, querida Irmã Maturina (3), nada temais. O senhor será vosso tudo, porque embora não saibais fazer contas, nada prejudicareis com isso; depressa o aprendereis. O senhor cobrador de direitos reais, é bastante bom para fazer o que for necessário, se não o souberdes, até para escrever no livro, como pudesdes ver. Peço-vos cumprimentá-lo por mim, e também a senhora Camareira se ainda aí estiver, como a senhora Tibousche. Recebi carta do senhor Thibaut (4) que vos saúda. Espero que em breve vos escreverá, como também o fará a Irmã Ana de la Thalonnrière (5). Como notícia, digo-vos que a pobre Irmã Maria que haviámos mandado retornar a Saint-Méen, está a caminho de volta para cá, sem que se lhe tenha ordenado tal coisa.

Todas as Irmãs cumprimentam-vos cordialmentq e eu suplico a Deus dar-vos sua paz e seu santo Amor, no qual sou (*vossa humilde irmã e serva*).

C. 333 (L. 291)

*À minha querida Irmã Cecilia Inês  
(Angers)*

(outubro de 1650)

Mui querida Irmã,

---

(2) Joana Cristina Prévost (ver C. 140 n. 2).

(3) Maturina Guérin, natural de Montcontour, Bretanha, (ver C. 325 n. 2).

(4) Senhor Thibault (ver C. 240 n. 1). Achava-se em Saint-Méen, Bretanha.

(5) Ana de la Thalonnrière, natural de Saintonge. Morreu em novembro de 1650.

C. 333 Rc. 3 Carta autógrafa.

Hoje partiram cinco irmãs nossas para Nantes (1) e um outro lugar mais distante (2). Devem passar por aí e parar em vossa casa. Envio-vos umas medalhas bentas que o senhor padre Portail manda para: aquelas que ainda não ganharam; têm indulgências extraordinárias. Seguem também três crucifixos. Por elas, vos escrevi longamente, entretanto, esqueci-me de entregar este pacote à Irmã Ana Hardemont; peço-vos passá-lo às mãos, assim que chegar.

Solicito-vos perguntar aos senhores Pais (3) se permitirão que se hospedem no hospital, à sua passagem. Ao mesmo tempo, cumprimentai-os respeitosamente em meu nome. Se não for conveniente que se alojem aí, preferiria que se abrigassem na casa de alguma boa senhora, a ficarem numa estalagem.

Recomendo-me a todas as queridas Irmãs e crede-me no Amor de Nosso Senhor, minha querida Irmã, vossa muito humilde e dedicada irmã e serva.

P.S. - Peço a todas as Irmãs de Angers que animem as que estão seguindo para Nantes.

C. 334 (L. 295)

*À minha querida Irmã Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Nantes*

Hoje, dia de Santo André (1650)

Minha querida Irmã,

Estas linhas são apenas para vos avisar a chegada, aqui, de nossa querida Irmã (1), com boa saúde, graças a Deus. Ah! querida Irmã, como foi bem-vinda, voltando por obediência! e, é lógico, toda a Companhia lhe demonstrou afeição. Não tive tempo senão de ler, apressadamente, vossa carta que nos encontrou (*imersas*) na dor, por causa da gravidade da moléstia de nossa Irmã Ana de la Thalonnrière, que era de Saintonge. Ela faleceu no dia seguinte da chegada de nossa Irmã, isto é, na terça-feira, após o almoço. Foi sepultada hoje, dia de Santo André. Este é o motivo, querida Irmã, por que não tive tempo de responder à vos-

---

(1) iam para Nantes: Luísa Michel, Marta Dauteuil e Francisca Ménage. (Coste IX, p. 531).

(2) para Hennebont: Ana Hardemont e Genoveva Doinel (Ibid).

(3) Pais dos Pobres: Administradores do Hospital.

C. 334 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana de Santo Albino (ver C. 218 n. 5).

sa estimada carta que me faz, cada vez mais, amar o vosso bom coração. Digo-vos apenas achar que há cartas extraviadas, porque, além das que vos mandei pelas Irmãs de Hennebont (2), vos escrevi também pelo primeiro correio após a partida delas, para informar vo-las ter enviado. Parece-me que o senhor Padre Vicente me disse vos haver escrito depois dessa ocasião. Posso assegurar-vos, querida Irmã, que sua caridade é sempre o mesmo para convosco e para com vossa alma e, o mesmo ou mais do que nunca, sou, querida Irmã, no Amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde serva e afeioadíssima irmã.

P.S. - Cumprimentai, em meu nome, todos os senhores Administradores e nossas Irmãs, a quem abraço de todo coração.

C. 335 (L. 296)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre (1)  
Serva dos Pobres doentes no Hospital Geral  
Nantes - Bretanha*

Hoje, 10 de dezembro de 1650

Mui querida Irmã,

Pelo correio anterior, eu vos escrevi para tranquilizar-vos sobre a chegada, em perfeita saúde, de nossa querida Irmã Joana de Santo Albino (2). Graças a Deus ela continua bem. Mostrei vossa carta ao senhor Padre Vicente e espero que vos tenha escrito. É para nós grande motivo de louvar a Deus, querida Irmã, que sua caridade se exerça sempre para o bem da Companhia e assim se possa cumprir a santíssima vontade de Deus. Um de seus principais cuidados é o de contribuir, tanto quanto lhe é possível, para o bem do hospital de Nantes. Isto há de ajudar-vos, caríssima Irmã a convencer-vos que quando ficardes muito tempo sem cartas, tendo vós lhe pedido conselhos nas dificuldades, é porque ou houve extravio de cartas ou porque lhe foi, verdadeiramente, impossível vos escrever. Conheço muito bem o coração que ele tem para com sua filha. E posso assegurar-vos, minha querida Irmã, que, ciente de que ele vos dá todas as soluções necessárias, muitas vezes deixo de fazê-lo e, outras vezes também, para atender o desejo de vossas cartas, nas quais me dizeis estar esperando respos-

---

(2) Ver carta anterior.

C. 335 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).

(2) Joana de Santo Albino (ver C. 218 n. 5).

tas de sua caridade. Bem sabeis que uma palavra sua vale mais do que cem de outras pessoas. Além disso, a divergência de opiniões cria confusão ou, pelo menos, nos faz perder muito tempo. Pela graça de Deus, querida Irmã, nunca deixei de responder-vos quando desejastes alguma coisa.

Gostaria que pudésseis ver meu coração e vos dêsseis conta de que a distância, em vez de diminuir, aumenta a estreita amizade que Deus aprovou estabelecer, há muito tempo, em nossas almas. Como prova disso, não leveis a mal que vos advirta que, quando houver algum desgosto com essa boa Irmã (3), que é um tanto difícil, se for possível nada deixeis transparecer às pessoas de fora, nem sequer aos senhores Padres e ao senhor Administrador a quem deveis dizer tudo quanto se relaciona com os Pobres e com o Hospital. Porém, quanto ao que se refere às pequenas dificuldades de vossa Comunidade (*devem ficar*) somente entre vós. Podeis ter a certeza de que assim Deus abençoará a confiança e dependência que tiverdes de sua direção. Para isso porém, é preciso muita cordialidade, tolerância e alegria.

Rogo-vos que me envieis, o mais depressa possível, notícias vossas e das Irmãs, a quem saúdo de todo coração, no amor de Nosso Senhor. Nele sou, querida Irmã, vossa muito humilde e obediente irmã e serva.

P.S. - Estou com muita pressa. Penso que o senhor Padre Vicente vos terá respondido acerca das confissões.

## ANTES DE 1650

### *Cartas cuja data não pode ser determinada com maior precisão*

C. 336 (L. 10)

#### *Ao senhor Padre Vicente*

(entre 1639 e 1647)

Senhor Padre,

Não saberia o que vos dizer sobre minha saúde, mas, sim, posso assegurar-

---

(3) *Henriqueta Gesseaume. O senhor Padre Vicente escreveu sobre ela, após a visita de abril de 1649: "...é pouco ou nada, submissa e respeitosa com a Irmã Servente". (Coste III, 432).*

C. 336 Rc. 2 Carta autógrafa.

vos que preciso muito de falar convosco acerca das necessidades de várias Irmãs, antes de pensar noutra coisa. Temos aqui nossa Irmã Carlota que, há muito tempo, está bem mal. É a Irmã de Irmã Genoveva (1), do Hospital Geral que aí ajudava a servir a "colação" (2). Receio bastante acontecer-lhe o que ocorreu com nossa falecida Irmã Bécu (3); receiptaram-lhe, várias vezes, sangria no pé, porém, ninguém conseguiu tirar-lhe sangue. Se vossa caridade quiser enviarnos o Irmão Alexandre (4), talvez ele o consiga. De ordinário, ela tem febre mais alta de tarde do que pela manhã.

Nossas Irmãs estão em Retiro; quando vos aprouver, poderão confessar-se; nenhuma fará confissão geral.

A moça de Lorena que, no sábado, conversou no Hospital, não encontrou colocação; faz mais de quinze dias está por lá, para isso. Que faremos? Não lhe deis dinheiro, por favor. Disse à Irmã Genoveva que lhe fornecesse tudo de que necessite. Que mais quereria ela, senão ficar lá sem fazer nada, e, tendo dinheiro? Vejo tanta desordem por toda a parte que me sinto angustiada. Entretanto, tenho esperança e quero confiar na divina Providência, com as santas Marta e Maria.

No amor de nosso bom Jesus, sou, senhor Padre, vossa muito humilde filha e serva agradecida.

C. 337 (L. 3)

*(A uma Irmã)*

(entre 1640 e 1646)

Querida Irmã,

Gostaria bem de visitar-vos, pessoalmente, em vossa casa.

Se ainda não fostes receber a bênção do senhor Cura, seria conveniente que pedissemos à senhora de Romilly (1) vos levasse, as duas. Quanto ao que se refere a um Confessor, se por acaso, ele vos falar disso, pedi-lhe tenha por bem, aguardar que tendes um pouco mais de tempo para conhecer o terreno. En-

---

(1) *Genoveva Poisson saiu do Hospital Geral em 1647. (ver C. 97 n. 2).*

(2) *Refeição leve.*

(3) *Maria Bécu ainda vivia em 1639 (ver C. 269 n. 3).*

(4) *Irmão Alexandre Vérone (ver C. 252 n. 4).*

C. 337 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Senhora de Romilly (ver C. 213 n. 5).*

quanto isso, vos confessareis com o primeiro que aparecer.

Envio-vos umas estampas: um Senhor da Caridade (2) para ser colocado na sala dos Pobres e o outro, para a sala da Comunidade.

Peço-vos, minha Irmã, que nos pequenos contratemos que vos acontecerem, pratiqueis a paz que nosso senhor deu a seus Apóstolos. Refleti mais do que falai e não relateis, a ninguém, coisa alguma do que ouvirdes as Damas falarem da boa moça que estava ai antes de vós. Deveis elogiar o zelo que ela sempre demonstrou no serviço do pobres. Digo o mesmo à Irmã Jacqueline (3), cujas ações, vo-lo peço, deveis observar de perto.

De todo coração sou, no amor de Jesus Crucificado, vossa muito afeiçãoada serva.

P.S. - Depois de terminada esta carta, o senhor Padre Vicente disse-me que tomásseis como confessor o senhor Padre du Mesnil.

C. 338 (L. 417)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, terça-feira (entre 1642 e 1649) (1)

Senhor Padre,

Rogo-vos, humildemente, me façais o obséquio de dizer se é possível realizar-se, amanhã, quarta-feira, a Assembléia de nossas Irmãs, a fim de que eu possa visá-las, inclusive as de Issy e de Fontenay.

A senhorita de Lamoignon (2) encarregou-me ontem de perguntar-vos quando poderia conversar convosco, para desabafar, totalmente, o seu coração. Porém, não quer que ninguém de sua casa o saiba. Eu lhe passarei a comunicação que fareis o obséquio de me dar. Desejaria ela lhe fosse o mais depressa possível (3).

Dai-me, por bondade, vossa bênção, pois sou, senhor Padre, vossa muito humilde filha e gratíssima serva.

---

(2) O senhor Padre Vicente enviou a Luisa de Marillac a primeira estampa do Senhor da Caridade, em janeiro de 1640. (ver Coste II, 10).

(3) Jacqueline, uma das primeiras Filhas da Caridade. Serviu os pobres no Hospital Geral, na paróquia de São Lupo. Seu caráter muito mau, suas palavras levianas obrigaram o senhor Padre Vicente a pensar em despedi-la. (Coste XIII, 592 - Conselho de 28 de junho de 1646).

C. 338 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Entre esses anos, situa-se a permanência das Filhas da Caridade em Issy.

(2) Senhorita de Lamoignon (ver C. 138 n. 1).

(3) Ver a resposta do senhor Padre Vicente em Cost III, 170.

C. 339 (L. 129 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

(entre 1645 e 1649) (1)

Senhor Padre,

O receio de que tenham esquecido de vos dizer que avisei todas as Irmãs para virem amanhã, segunda-feira, para a Conferência, como vossa caridade havia feito a honra de no-lo prometer, leva-me a importunar-vos com estas linhas. Tenho medo de que algum outro compromisso vosso nos faça perder esta felicidade.

A Providência fez com que se encontrem aqui Irmãs de Maule, São Dionísio e Issy que, como as demais, muito se alegram. Queira Deus não se torne, um dia, em confusão nossa o que Sua bondade nos concedeu em tantas graças e a mim, em particular, a de ser, senhor Padre, vossa muito agradecida filha e humilde serva.

C. 340 (L. 24)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quinta-feira (antes de 1650) (1)

Senhor Padre,

Humildemente vos rogo, pelo amor de Deus, me concedais a honra de vos falar agora de manhã, pois, preciso dar uma resposta urgente a meu filho, que virá procurar-me hoje, porque ontem não lhe quis dar.

Se vossos afazeres vos obrigarem a sair de casa antes que eu chegue, tende a bondade de passar por aqui. Se tomo a liberdade de fazer-vos semelhante pedido é por causa da urgente necessidade que tenho.

Sou, no amor de Jesus Crucificado, Senhor Padre, vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

---

C. 339 Cfr. *Coste II*, 582.

(1) 1645 é a data da fundação das Filhas da Caridade em São Dionísio; 1649, a de sua saída de Issy.

C. 340 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Antes de 1650, Luisa inicia suas cartas ao senhor Padre Vicente com o vocativo *Senhor Padre*. Depois de 1650, escreve: *"Meu Honoratíssimo Pai"*.

C. 341 (L. 42)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, dia de São Vicente (antes de 1650)

Senhor Padre,

Peço-vos, humildemente e pelo amor de Deus, conceder-me a honra de falar convosco hoje, por pouco tempo que seja.

Se ainda não assinaste as nossas contas, tende a bondade de diferi-lo até que eu inclua os gastos das Irmãs do Hospital Geral, pois, esqueci-me de anotá-los.

Cometo muitas faltas por causa de minha pressa excessiva, sem falar das que são por malícia.

Todas as vossas pobres filha vos saúdam mui cordialmente e pedem que vos lembreis delas e eu, a menor de todas, sou, senhor Padre, vossa muito humilde filha e serva.

C. 342 (L. 54)

*Ao senhor Padre Vicente*

(antes de 1650)

Senhor Padre,

Minha poucamemória levou-me ontem a não vos dizer que a pequena du Pont queria se confessar convosco, quando fez o "pequeno retiro". Creio que era também para vos falar a respeito do desejo de seu pais. Isso me faz pensar, senhor, que se vossa caridade pudesse atendê-la, ela vos diria, com mais liberdade, o que pensa e, aliás, tereis mais influência sobre seu espírito do que seu irmão, como eu vo-lo havia proposto. Ele mora distante daqui umas quatro ou cinco léguas.

Suplico, muito humildemente, á vossa caridade, oferecer ao bom Deus nossa novena simples que começamos hoje. Ele bem o sabe, por sua misericórdia que nada quero senão sua santíssima Vontade; porém, muito desejo que seu poder afaste todos os impedimentos á perfeita execução dessa Vontade santíssima. Nela sou, senhor, vossa muito agradecida serva e humilde filha.

P.S.- Tende a bondade de dizer-me a que hora pode ir procurar-vos a pequena du Pont.

---

C. 341 Rc. 2 Carta autógrafa.

C. 342 Rc. Carta autógrafa.

C. 343 (L. 79)

*Ao senhor Padre Vicente*

(antes de 1650)

Senhor Padre,

Deve ter havido algum contratempo porque a senhora de Lamoignon não me mandou sua diligência. Isso me leva, senhor Padre, a vos pedir, muito humildemente, que nada faleis da dívida sobre a quantia que dei às Irmãs quando partiram daqui, porque, ficou-me na memória a lembrança de que só lhes dei 50 escudos. Ocorreu-me pensar outra coisa diante da incerteza que elas manifestaram. Peço-vos, pois, que não seja posto na conta mais do que isso.

Era minha intenção dizê-lo na presença das Damas, como devo fazê-lo ainda e (quero) repetir-vos, que sou vossa muito humilde e indigna filha e serva.

C. 344 (L. 90)

*(Ao senhor Padre Vicente)*

(antes de 1650)

Senhor Padre,

O bom Deus quis acrescentar nova consolação àquela que sua bondade concedeu-me através de vós, fazendo-me ver, em tal circunstância, que a Divina Providência não despreza os pecadores. E, enviou-me a senhora de Marillac (1) para falar-me que, julgando estivesse eu em apuros, queria sabê-lo, a fim de me oferecer a ajuda da senhora sua mãe, isto é, uma quantia anual. Disse-lhe, com toda lealdade, o meu sofrimento e que de nada necessitaria, se meu filho tivesse um emprego.

Para perguntar-vos como o senhor Bispo de Beauvais (2) recebera a proposta que ela lhe fizera e o que pensava sobre o assunto, desejou falar convosco, (mas haveis saído). Além disso, não sabe como fazer para estar com o senhor Bispo e ele deve partir amanhã ou depois. Peço-vos, em seu nome e no meu pró-

---

C. 343 Rc. 2 Carta autógrafa.

C. 344 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Senhora de Marillac, a moça, esposa de Miguel, Conselheiro no Parlamento.

(2) Agostinho Potier, Bispo de Beauvais, morreu a 20 de junho de 1650.

prio, que tendeis a bondade de escrever-lhe, - á senhora de Marillac - uma palavrinha, caso julgueis a propósito. Ela o desejou assim, com receio que tivésseis algo a dizer-me, que me contristasse.

Não sei se é meu orgulho que me faz sofrer tanto, em dar trabalho aos outros. Deveria ser melhor, pois tenho a honra de ser, senhor Padre, vossa muito humilde filha e agradecida serva.

C. 345 (L. 118 bis)

*(Ao senhor Padre Vicente) (1)*

(antes de 1650)

Senhor Padre,

É verdade que tenho um carinho todo especial pela festa de Pentecostes e que este tempo de preparação para ela me é muito querido. Lembro-me de ter tido, há algum tempo, grande consolação ao ouvir um pregador dizendo que, em semelhante dia, Deus entregara a Moisés sua Lei escrita e que, a Lei da graça, também neste dia, dera á sua Igreja, a do Amor, que encerra em si a possibilidade de cumprir aquela. E, como neste mesmo dia, aproouve a Deus colocar em meu coração (uma lei) que nunca dele se afastou, apesar de todas as minhas maldades, muito desejaria, se me fosse permitido, que neste dia, Sua Bondade me fizesse compreender os meios de observar a referida lei, segundo sua santíssima vontade.

Não sei se foi por este motivo que me veio o pensamento de pedir-vos licença para preparar-nos para esta festa por meio da privação da Sagrada Comunhão durante estes onze dias em que a Santíssima Virgem, os Apóstolos e as santas Mulheres estiveram separadas de seu querido Mestre. Esta oportunidade nos serviria também para refletir sobre o mau uso que fizemos, durante todo o ano, de nossas comunhões e assim, despertar em nós, novo desejo de comungar com maior fervor e proveito, para a glória de Deus e para, aliás, participar com os Apóstolos do batismo de Amor e fervor que receberão para o serviço do próximo.

Suplico-vos, muito humildemente, senhor, que as fraquezas de meu espírito que vos revelei, não induzam vossa caridade á condescendência, fazendo-vos pensar que desejo que concordeis com meus pensamentos. Isto está totalmen-

---

C. 345 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Carta sem endereço, sem data, sem assinatura.

te longe de minha vontade, pois, não experimento maior prazer do que quando me vejo razoavelmente contrariada. Deus me concede, quase sempre, a graça de apreciar a opinião dos outros mais do que a minha; particularmente, quando se trata de vossa caridade, tenho a certeza de perceber, com evidência, esta vontade, mesmo em assuntos que, durante algum tempo, me pareciam abscônditos.

C. 346 (L. 134 bis)

*Ao senhor Padre Vicente (1)*

Senhor Padre,

Pediram-me vos suplicasse, com toda a humildade, por amor de Deus, como o faço, a caridade para com uma pobre mulher que muito necessita de ser internada. Valei-vos do senhor Gillot, comerciantes que mora na Praça "des Chats" (2), a fim de ajudá-la a encontrar um lugar em "La Pitié" (3). O caso, como me foi exposto, é verdadeiramente digno de compaixão, tanto pelo que se refere á salvação de sua alma, como á segurança de sua pessoa. Isso me levou, senhor Padre, a vos importunar e a asseverar-vos, por estas linhas, que sou, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 347 (L. 136 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

Senhor Padre,

Ontem, esqueci-me de perguntar-vos se nossa Irmã Renata ficará de uma vez para fazer o Retiro Espiritual. Está mais ou menos no tempo que para ela marcastes. Caso fique, seria bom que Irmã Cláudia, de CHinon, fosse para seu lugar? Aqui, ela sempre dá aulas e o faz direitinho.

---

C. 346 Arquivos da Missão (Cfr. *Annales* 126 (1961) 16). Carta autógrafa.

(1) Carta publicada nos "*Annales de la Mission*", 1961.

(2) Praça de Paris, situada perto do Cemitério dos Inocentes.

(3) "La Pitié". Hospital de Paris construído não longe do Jardim Botânico ("Jardim des Plantes").

C. 347 Filhas da Caridade de Nogent-le-Rotrou. Carta autógrafa. Cfr. *Annales* 1931, p. 293.

Rogo-vos, humildemente, que vos lembreis da necessidade que temos de uma Conferências. Se puder ser nesta semana para servir-nos de preparação á festa da Santíssima Virgem, fazei-nos a caridade de avisar-nos o dia. Todas as nossas Irmãs o desejam. E, as que esperam não mais lhes seja retardado o momento de se entregarem totalmente a Deus, suplicam-vos que lhes deis o consentimento e eu, que me permitais dizer-vos ser vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

C. 348 (L. 369)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 24 de agosto (antes de 1650)

Senhor Padre,

Meu coração, ainda repleto de júbilo pela compreensão que, me parece, lhe deu nosso bom Deus, destas palavras: "Deus é meu Deus!" e pelo sentimento que experimentei da glória que todos os bem-aventurados Lhe tributam, como conseqüência desta verdade, não pode privar-se de falar convosco esta tarde, para pedir-vos me ajudeis a fazer (bom uso) destes excessos de alegria e me ensineis alguma prática para amanhã, dia do santo de quem tenho a honra de ter o nome, dia também da renovação de meus votos. Por um e por outro motivo desejo muito ouvir a santa Missa celebrada por vós, se vossa caridade quiser fazer o favor de dizer-me a hora. Com muita humildade, vo-lo peço, na esperança, meu Honoratissimo Pai, de que saibais de que tudo quanto sou está em vossas mãos para ser oferecido a este bom Deus, cujo amor, por sua grande misericórdia, me fez ser vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

Tarde de São Bartolomeu.

### *RESPOSTA DE SÃO VICENTE escrita à margem da carta acima*

Deus seja bendito, Mademoiselle, pelas caricias com que sua divina Majestade vos honra. É preciso recebê-las com respeito e devoção, pensando em alguma cruz que Ele vos esteja preparando. Sua bondade costuma prevenir, desta maneira, as almas que ama quando deseja crucificá-las. Que felicidade

---

C. 348 *Seminário São Sulpício (Paris). Carta autógrafa. (Cfr. Coste III, 231).*

ter-se uma providência tão paternal de Deus! Como isto deve aumentar vossa fé e confiança em Deus e levar-vos a amá-lo mais que nunca. Fazei assim, Mademoiselle; a ação que deveis realizar, hoje, terá para vós, um significado todo especial. Compartilharei de vossa consolação, como me proponho fazê-lo de vossa cruz, pelo santo sacrifício que espero oferecer entre oito e nove horas, de hoje. Bom dia, Mademoiselle, sou vosso servo.

C. 349 (L. 257)

*Para Irmã Hellot (1)*

Mui querida Irmã,

Estou vos devolvendo esta Ação declaratória. Por favor, é preciso levar a criança ao mesmo Comissário e tomar cuidado para que não lhe seja devolvido o supra citado documento sem que, antes, se obrigue a ficar com o menino, e nos sirva de justificante da falta cometida. Vede, eu vos peço, esta carta sem endereço: corriji-lhe os erros, se houver e fechai-a. É que vo-la envio sem a ter relido.

Fazei uma visita à senhora Lendormy, como boa amiga da moça, para, com habilidade, fazê-la compreender a falta que cometeu, o perigo em que pôs a sua salvação, digam-lhe o que lhe disserem, e nada pode esperar de nós, sem antes haver falado comigo. Se fizéssemos as coisas como a justiça requer, poderíamos mandar prendê-la e acusá-la de roubo presumido ou qualquer outra falta grave, pois fugiu como um vil laçaió.

Segue uma carta para ser logo entregue à senhora de Borse e, regressai, à tardinha, crendo-me sempre no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa mui afeiçoada irmã e serva.

1651

Julho: *Visita do senhor Padre Lambert a Nantes e a Angers.*  
No final do ano (anterior): *morte de Irmã Elisabeth Hellot.*

---

C. 349 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Elisabeth Hellot faleceu em fins de 1650.*

*Às minhas queridas Irmã Carlota Royer (1) e  
Irmã Francisca Carcireux (2)  
Filhas da Caridade, servas dos Pobres doentes  
em Richelieu*

Hoje, 7 de janeiro de 1651

Minhas queridas Irmãs,

Tendes motivo para vos queixardes de mim, por haver passado tanto tempo sem vos agradecer o belo frontal que embelezou muito a nossa Capela. Vo-lo agradeço de todo coração.

Penso que o senhor Padre Vicente vos terá dado resposta ao que desejáveis. Muito me alegro de que tendes procurado para isto, o senhor Padre Lambert, porém, parece-me o estardes retendo aí, muito tempo. Apresentai-lhe minhas humildes saudações e também, minhas queixas. Dizei-lhe, vos peço, me faça saber se fez chegar nossas cartas à tia de Irmã Ana (3) e se está lembrado dos negócios de Irmã Vicência (4).

Irmã Carlota, vosso paiveio visitar-nos e trouxe-me vossa certidão de batismo. Vo-la remeto. Tenho certeza de que isso vos fará feliz: ele vai bem, como também vossa mãe, irmãos, cunhada e sobrinha, graças a Deus! Não tiveram oportunidade de vos escrever. Ele me disse que o fará; saúda-vos a todas.

Eis uma carta do senhor Carcireux para vós, Irmã Francisca. Não vos preocupeis porém, porque sabemos que não está tão necessitado como o faz parecer. Dizei-me se foram atingidos pela inundação como aconteceu conosco.

Não sei se me engano, queridas Irmãs, mas, quero crer que viveis na observância de nossas regras; é o que vos aconselho. Todas as nossas Irmãs saúdam cordialmente. Irmã Joana Delacroix (5) quebrou uma perna, mas, foi bem encanada e já começa a levantar-se, graças a Deus.

Envio-vos os santos protetores e a virtude que a divina Providência permitiu

---

C. 350 Rc. 3 Letra de Irmã Juliana Loret. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) *Carlota Royer (ver C. 251 n. 1).*

(2) *Francisca Carcireux (ver C. 251 n. 2).*

(3) *Provavelmente, Ana de Gennes, natural de Richelieu, que deve ter falecido em 1650. "Sendo de nobre condição, tudo deixou para entregar-se a Deus na Companhia das Filhas da Caridade". (Coste IX, 535).*

(4) *Vicência Auchy, natural de Richelieu (ver C. 43 n. 2).*

(5) *Joana Delacroix, natural de Le Mans, entrou na Companhia das Filhas da Caridade pelo ano de 1645. Primeiramente, esteve em Paris, depois, em 1648, em Serqueux.*

vos caisse por sorte. Rogo-vos, queridas Irmãs, que a pratiqueis e crede-me no amor de Jesus Crucificado, vossa muito humilde serva.

C. 351 (L. 298)

*Ao senhor Padre Vicente*

(fevereiro de 1651)

Meu Honoratíssimo Pai,

Foi expedida a sentença sobre as informações da verdade do abandono do menino, mencionado na Notificação que, ontem, enviei à vossa caridade, para a mostrardes às Damas. Agora, necessitamos de orientação para o cumprimento desta sentença, porque devemos enfrentar uma parte mais forte. “O mais fácil é pegar os cavalos quando estão no bebedouro” (1). Havia pensado, meu Honoratíssimo Pai, se estiverdes de acordo, irmos pedir o parecer do senhor Procurador Geral; isto é, uma de nossas Irmãs o fará. A não ser que, para casos semelhantes que possam advir, fosse melhor que Godofredo, um dos oficiais de justiça (2), se apresentasse pessoalmente e desse explicações sobre o assunto em foco. Temos um pouco de pressa, pois a mãe da criança está com Irmã Genoveva (3) e tememos que ela nos escape. Do mesmo modo, rezeamos que o senhor pai empregue meios para conseguir não tomar parte neste assunto de modo que o estado da pobre criatura venha a ser deplorável.

Também é urgente regularizar a situação dessa Irmã, coitada, que nos dá constante preocupação. Peço-vos tenhais a bondade de falar sobre isso com o senhor Padre Portail, se julgardes conveniente, para assim, ter ele maior conhecimento de seu comportamento. Faremos vir a Irmã Maria e a de São Nicolau, com a qual ela acaba de estar agora e, juntamente com a Irmã Juliana (4)

---

*Em abril de 1651, é nomeada Assistente. No final de 1653, regressa a Serqueux. De novo é nomeada Assistente em 1657. Em 1659 é enviada a Châteaudun para substituir Bárbara Angiboust que falecera havia pouco. Luisa de Marillac dela afirma: “É uma irmã de grande virtude e exemplaríssima”. (Coste III, 672).*

C. 351 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: fevereiro, 1651.

(1) Expressão da época de difícil interpretação hoje em dia. Provavelmente algo parecido com: “Ir ao mais seguro”. “Recorrer a quem se pode confiar”. (Nota da Tradutora).

(2) O Priorado de São Lázaro constituía um território submetido à jurisdição do bailio - já foi dito que Miguel Le Gras era um bailio - independente do foro judicial, com jurisdição de alta, média e baixa justiça. (Nota do Padre Castañares a esta carta).

(3) Genoveva Poisson (ver C. 97|n. 2).

(4) Juliana Loret (ver C. 253|n. 1).

irão procurar-vos no dia e hora que indicardes, para tudo ser feito com maior segurança e caridade.

Dai-me, por favor, a vossa bênção, porque sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e agradecida serva.

C. 352 (L. 299)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, São Dionísio*

Hoje, 17 de fevereiro (1651)

Minha querida Irmã,

Peço-vos guardar as roupas de Gilles du Pont, que o filho de seu mestre vos entregará. Dar-lhe-eis a quantia de dezoito libras e quinze soldos, pelo último trimestre de seu salário. Não deixarei de vo-la reembolsar na primeira viagem que fizerdes aqui. Exigi um recibo.

Peço a Deus vos conserve e sou em seu santo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 353 (L. 282)

*Para Irmã Bárbara Angiboust (1)  
(São Dionísio)*

(pelo mês de fevereiro de 1651) (2)

Minha querida Irmã,

Esqueci-me, ontem, de vos dar as dezoito libras e quinze soldos. Peço-vos não demoreis a fazer o pagamento. Se puderdes, mandai-me vinte e cinco peras pequenas, boas, bem sãs: far-me-eis um grande favor.

Solicito-vos enviar-nos a Irmã Nicole assim que a Irmã Joana chegar. E tratarei de remeter-vos o dinheiro para o professor e para as peras. Mandai-me meio cento delas, se vos for possível.

Suplico a Nosso Senhor nos faça entrar bem neste deserto da penitência e sou, em seu santíssimo amor, minha querida Irmã, vossa muito humilde.

---

C. 352 Rc. 3 Carta autógrafa.

C. 253 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Bárbara Angiboust (ver C. 6 n° 1).

(2) Ver carta anterior.

*À Irmã Carlota (1) e Irmã Francisca (2)  
Filhas da Caridade,  
Servas dos Pobres doentes, em  
Richelieu*

Hoje, 17 de março de 1651

Minhas queridas Irmãs,

Peço a Nosso Senhor que continue derramando sobre vós suas graças e vo-las aumente cada vez mais, a fim de poderdes perseverar em seu santo amor e serviço. Nossa boa Irmã Etiennette (3) chegou com saúde, graças a Deus, e pa-rece cheia de boa vontade.

Agradeço-vos o excelente tecido que nos enviastes por ela. Sôube tão bem conservar a provisão de maçãs que lhe confiastes, que todas chegaram até aqui, em perfeito estado.

Peço-vos, minhas queridas Irmãs, ajudeis a pobre Joana Fouré (4) a desistir da idéia de voltar para o nosso meio, pois, ainda que, durante dez anos permane-cesse nesta idéia não poderíamos recebê-la, nem vós, nem eu, nem as que vie-rem depois de nós.

Sois felizes de terdes aí o senhor Padre Lambert (5). Procurai ser boas donas de casa, a fim de que não tenhais necessidades de pedir emprestado; é verdade que os transtornos deste tempo são os causadores disto.

Quanto a vosso desejo (6), é muito louvável, porque não basta começar bem, é preciso perseverar como acredito ser vosso propósito. Entretanto, nisto deveis submeter-vos às disposições de vossos Superiores que, por fortes ra-zões, ordenam seja feita esta oferenda só por um ano e renová-lo anualmente. Não achais, queridas Irmãs, que isso será muito agradável a Nosso Senhor, pois que, recobrando no fim de um ano vossa liberdade, podeis de novo lha oferecer em sacrifício? Por isso, queridas Irmãs, eu vos aconselho que se estiverdes nessa boa disposição, não espereis mais, porque é conveniente nada perder.

---

C. 354 Rc. 3 Carta autógrafa, exceto o endereço.

(1) Carlota Royer de Liancourt (ver C. 251 n. 1).

(2) Francisca Carcireus de Beauvais (ver C. 251 n. 2).

(3) Etiennete, talvez Etiennette Massé, natural de Richelieu, que acabava de entrar na Companhia das Filhas da Caridade.

(4) Joana Fouré que está arrependida de haver saído da Companhia.

(5) O senhor Padre Lambert (ver C. 22 n. 1).

(6) As Irmãs desejavam fazer votos perpétuos.

Quero crer que conservais a mesma modéstia e recato que tinheis em Paris e, embora vos encontreis num lugar onde as pessoas gostam de ser recebidas e querem ser visitadas, nada façais contra nossos santos costumes. Sede também muito respeitosas para com os senhores eclesiásticos e reservadas e modestas diante de todos os homens, de qualquer condição que sejam.

O senhor Carcireux veio visitar-nos, ontem. Dissuadí-o de ir ver-vos; não sei se me atenderá. Trouxe vossa irmã, a que era casada; seu filho arranhou-lhe um bom emprego de doméstica, nesta cidade. Todo o mundo tem sua parcela de sofrimentos. Quanto ao pai de Irmã Carlota, não voltei a vê-lo desde que me trouxe sua certidão de batismo, e me disse que escreveria quando chegasse a Liancourt. Enviei-vos a certidão; mas, a carta não chegou a minhas mãos,

Estamos bastante bem, graças a Deus, exceto nossa boa Irmã Perrete (7), a que esteve em Issy. Encontra-se aqui conosco e, quase sempre doente, como também nossa pobre Irmã cega (8). Recomendo-a às vossas orações. Fazem-no, também, nossas Irmãs, que vos saúdam afetosamente, e eu, que sou no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e dedicadíssima serva.

C. 355 (L. 301)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 18 de março de [1651]

Meu Honoratíssimo Pai,

Permiti-me dizer-vos que acho necessário, para aliviar a dor que a úlcera vos causa, façais tirar sangue do braço do mesmo lado, ainda que apenas a quantidade que se recolhe numa "palette" (1), como revulsivo do ardor produzido pela perturbação dos humores, devida à purgação. Porém, parece-me absolutamente necessário que não façais uso durante umas semanas, de nenhum (*purgante*) salino. Envio-vos uma espécie de pomada que já usei para tirar a queimação e diminuir as dores. Pediria, meu Pai, que também a usásseis, passando-a em toda a parte afetada e depois, colocando sobre ela um lenço dobrado à maneira de compressa, em três ou quatro partes, embebido em água, após

---

(7) Perrete (ver C. 411 n. 3).

(8) Nicole, que ficara cega, morrera em abril de 1652.

C. 355 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: março de 1651.

(1) Em francês, (até o século XVIII), "palette" significava vasilha para recolher o sangue obtido na sangria.

ter-lhe quebrado a frieza, sobre cinza quente. É preciso renovar a compressa pelo menos duas vezes ao dia e, se o calor da perna for tal que seque depressa o lenço, dever-se-á embebê-lo de novo mais vezes e ter-se o cuidado de, se colocar na ferida, não o retirar sem antes tê-lo umedecido, para que não se arranque a pele. Porém, em nome de Deus, meu Honoratíssimo Pai, não espereis que o mal chegue ao extremo para mandar chamar o senhor Pimpernelle, que me sarou a perna com um certo unguento (remédio), que me abriu uma chaga e depois a curou. Talvez, se pedirdes que vos apliquem uma sangria e usardes durante três ou quatro dias este simples remédio, não tendeis necessidade de mais nada. Assim o desejo de todo o meu coração e que vossa caridade peça misericórdia ao bom Deus para minha alma, para ver se sai de seu letargo e O sirva com maior fidelidade e, ao mesmo tempo, possa eu dizer-me, com mais verdade, meu Honoratíssimo Pai, ser vossa muito obediente filha e gratíssima serva.

C. 356 (L. 521)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 19 de abril de (1651)

Senhor,

Considero uma grande felicidade o favor que fazeis às nossas Irmãs, apesar de vossas ocupações e negócios importantes. Louvo a Deus, de todo coração, pelas bênçãos que derrama sobre a direção do bom senhor Le Mercier (1), a quem ainda não externei minha gratidão, senão por minhas pobres orações. Receio muitíssimo, senhor, que nossas Irmãs sejam interrogadas pelos motivos que vossa caridade me fez o favor de expor. Porém, se o senhor Bispo de Angers (2) e vós mesmo o desejais, e o julgardes necessário, elas vos obedecerão. Espero, senhor, que tereis a caridade de orientá-las ou fareis com que o sejam, a fim de nada falarem que não seja conveniente, pois creio que ficarão muito embaraçadas.

---

C. 356 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Senhor Le Mercier, novo confessor das Irmãs do Hospital de Angers.

(2) Em 1649, havia sido nomeado um novo Bispo de Angers: Monsenhor Henrique Arnauld, irmão do célebre Antônio Arnaud, chefe do jansenismo francês. Dom Arnaud que amava muito os pobres, visitava, freqüentemente, o hospital. Depois do falecimento do senhor Abade de Vaux, deixou-se influenciar pelas idéias jansenistas de sua família.

Os muitos trabalhos do senhor Padre Vicente e uma ligeira indisposição minha, me impedem de vos apresentar seu parecer sobre a questão do senhor Padre Ratier. Penso que ficará muito contente pelo trabalho que tendes com a fundação das Conferências (3).

Espero que vossa caridade se lembre de nossas necessidades, em vossos santos sacrifícios e orações. Vo-lo peço, por amor de Deus e que creiais ser eu, nesse mesmo amor, senhor Abade, vossa muito obediente e humilde serva.

C. 357 (L. 302)

*À minha querida Irmã Juliana Loret (1)  
Filha da Caridade, Serva dos Pobres doentes  
|Chars*

Hoje, 24 de abril de (1651)

Querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo coração, por terdes chegado bem. Suplico-Lhe conceder-vos todas as graças de que precisais para o bom uso dos designios da divina Providência sobre vós. Peço-Lhe também vos ajude a fazer compreender à boa Irmã Margarida (2) que já não terá dificuldade, nem tão pouco as outras Ir-

*(3) As Conferências para sacerdotes, no estilo das estabelecidas em São Lázaro, por São Vicente e conhecidas por "Conferências das terças-feiras".*

C. 357 Rc. 3 Carta autógrafa.

*(1) No Conselho de 15 de abril de 1651 (Coste III, 678) foi decidido enviar-se para Chars, a Irmã Juliana Loret que, graças à sua inteligência e prudência poderia agir, com perspicácia, no trato com o novo paróco, senhor Pouvot, com idéias jansenistas.*

*(2) Margarida Chétif, natural de Paris, nasceu a 8 de dezembro de 1621, na paróquia de São Sulpício. Entrou para a Companhia das Filhas da Caridade a 1º de maio de 1649. Enviada a Chars, voltou a Paris em 1651, a fim de seguir para Serqueux. A 4 de abril de 1655, estando em Paris, fez votos perpétuos. Estava presente na hora de ereção oficial da Companhia, cuja ata assinou, em 8 de agosto de 1655. Em 1656, foi enviada a Arras (depois de um plano de ser mandada para a Polónia com outras Irmãs, plano que fracassou por causa da guerra em que se debatia aquele país). Achava-se em Arras, quando Luísa de Marillac faleceu e aí tomou conhecimento de sua nomeação para Superiora Geral (Coste X, 740). Em 1667, terminado seu mandato, passou a ser Diretora do Seminário e, em 1670, Irmã Servente de Angers. Em 1674, foi nomeada Ecônoma, durante o generalato de Nicole Haran. Depois do triênio como ecônoma, passou para o Asilo do Santo Nome de Jesus, como Irmã Servente. Morreu na Casa Mãe, a 9 de janeiro, quando soava meia-noite (1694).*

mãe, de contentar o senhor Cura que, nesta manhã, se deu ao incômodo de vir falar conosco e me pareceu razoável. Ele é um tanto impetuoso; não há outro meio de ganhá-lo, senão pela mansidão e submissão de palavra e também de ações, quando pudédes fazer o que vos propuser. E, quando forem coisas que não devais realizar, tereis de expor-lhe as razões com doçura e humildade. Assim, estou certa de que será bem fácil contentá-lo.

Creio que não será difícil confessar-vos seja com ele, seja com qualquer outro de seus Padres. Entretanto, querida Irmã, agi com prudência pois, seria melhor não procurá-los do que ter de deixá-los.

Ontem, tomei um purgante e isto me obriga a terminar logo. Asseguro-vos que sou, de coração, no amor de Jesus Crucificado, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 358 (L. 303)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 2 de maio de [1651]

Meu Honoratíssimo Pai,

Faço tudo tão mal, que penso ser esta a causa de que não saiba achar o momento apropriado para pedir-vos os conselhos de que temos tamanha necessidade. Por isso, aqui me tendes, suplicando-vos, humildemente, me façais a caridade de, em vosso primeiro tempinho disponível, mandar me buscar ou então, fazer-me o obséqio de passar por aqui.

A senhora de Saint-Mandé (1) disse a uma das Irmãs que, hoje, deveria se realizar uma Reunião para os assuntos concernentes às Criancinhas. Suplico-vos, muito humildemente, presteis atenção a que não ocorra às Damas o pensamento de fazer voltar todas para Bicêtre (2). Acho que a experiência, em vários sentidos, nos obriga, com vosso consentimento, a evitar se tome tal determinação e gostaria que não fosse preciso negar-nos a fazê-lo. A obra, assim penso, caminha tão bem agora que, não posso dizer-vos, meu Honoratíssimo Pai, o quanto receio que, se as Damas voltarem a ter mão sobre todas as coisas, se transtorne a organização que Deus permitiu lhe fosse dada, desde que elas dei-

---

C. 358 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: abril de 1651.

(1) Senhora de Saint-Mandé (ver C. 222 n. 3).

(2) As crianças Expostas haviam voltado a ser instaladas no Bairro de São Dionísio, em Paris. (Coste IV, 170).

xaram de intervir. Na sexta-feira, mandei uma relação do que necessitamos à senhora de Saint-Mandé, a fim de apressá-la a nos dar dinheiro. Duvidei um pouco em fazê-lo por causa do temor de que vos falei e, creio ter sido isto que a determinou a realizar a Reunião. Suplico à vossa caridade buscar, diante de Deus, um meio conveniente para impedir que as coisas se atralhem e, recordai-vos que sou, por ordem de sua Providência, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito agradecida filha e obediente serva.

C. 359 (L. 345)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre*

Hoje, 19 de maio de (1651)

Minha querida Irmã,

Uma de nossas Irmãs (1) partiu, na última terça-feira, para Hennebont e tendo de passar por Nantes, vos leva uma carta que vos escrevi muito às pressas. Ela se esqueceu de pedir os dois livros de horas; rogo-vos lhe entregueis estes. Recebi estas três estampas que foram de nossa falecida e minha querida Irmã Hellot (2); uma é para vós, outra para Irmã Henriqueta (3) e a outra para a Irmã Marta (4). Estou muito preocupada por ficar tanto tempo sem notícias vossas. O senhor Beaulieu (5) dar-vos-á as nossas; fez-nos o obséquio de vir ver-nos, por uma segunda vez. Não consigo afastar o receio de que estejais doentes, pois não me destes respostas sobre um assunto de grande importância. Suplico-vos, querida Irmã, se o senhor Annemont (6) estiver em Nantes, lhe apresenteis minhas humildes saudações e respeitos e também às Damas e aos senhores Administradores. Suponho que se achásseis necessário que eu escrevesse a algum deles, mo diríeis.

Dai-nos, com mais freqüência, as vossas notícias, querida Irmã. Receio não terdes recebido todas as nossas cartas, pois vos tenho escrito amiúde. Rezai por nós, queridas Irmãs, para que seja do agrado de Nosso Senhor Jesus Cristo co-

---

C. 359 Rc. 3 *Carta autógrafa.*

(1) *Por uma carta de São Vicente a Ana Hardemont (Coste V, 172) ficamos sabendo do envio de uma Irmã a Hennebont, passando por Nantes.*

(2) *Elisabeth Hellot havia falecido em fins de 1650.*

(3) *Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1).*

(4) *Martã Dauteuil (ver C. 178 n. 1).*

(5) *O senhor de Beaulieu (ver C. 406 n. 4).*

(6) *O senhor de Annemont (ver C. 189 n. 4).*

municar-vos seu Espírito nesta santa festa (7) e assim, nos vejamos tão cheias dele que nada possamos dizer nem fazer senão para sua glória e seu santo Amor, no qual sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva afetuosíssima.

C. 360 (L. 304)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 22 de maio de [1651]

Meu Honoratíssimo Pai,

A impossibilidade que tenho de expressar-me com clareza, dada a confusão de pensamentos que se cruzam em meu espírito, quando preciso expor-vos as coisas que estou obrigada a dizer-vos, faz-me, agora, penalizada pelo que vos falei a respeito da boa Irmã Juliana (1). E suplico a vossa caridade, se o achardes conveniente, não escrever, de modo que ela pense que deva permanecer muito tempo onde se acha.

Penso também ser minha obrigação dizer à vossa caridade que tive e tenho pesar em abandonar essas pequenas devoções, pois julgava que a Santíssima Virgem queria que lhe rendesse esse insignificante preito de gratidão. E, consola-me o propósito de procurar homenageá-la de alguma outra forma, de servi-la com mais fervor. Porém, quão pouco firme sou em viver minhas resoluções e, como-freqüentemente as negligencio! Ajudai-me com vossa caridade, concedendo-me sempre a vossa bênção. Apresentai-me a Deus, apesar de indigna, como um bom pai faz com seus filhos pródigos, pois bem o sabeis que o sou, meu Honoratíssimo Pai, e também vossa obediente serva.

C. 361 (L. 305)

*Ao senhor Padre Vicente*

(maio de 1651) (1)

Esta é para saber, meu Honoratíssimo Pai, se posso diferir minha confissão

---

(7) A festa de Pentecostes.

Rc. 360 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: 22 de maio de 1651.

(1) Juliana Loret que se acha em Chars (ver C. 357).

C. 361 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: maio de 1651.

para amanhã à tarde ou se será melhor deixá-la para quinta-feira, se for mais cômodo para vós. Também, se ela deve abranger mais tempo que o da minha última, feita há uns três meses. Para dar-lhe contas do emprego deste dia, dir-vos-ei que, depois da leitura que fiz, não no "Guia dos Pescadores" (2) mas, no "Memorial" (2) de Granada, tive o espírito assustado com as penas que aí são apresentadas, sem contudo receá-las, por haver, em mim, pouco temor. Parecia-me, porém, estar mergulhada em não sei que terror confuso. Isto me aconteceu um pouco durante a meditação sobre os pecados, depois de haver lido o 1º capítulo de "O guia", quando percebi que me havia deixando enganar e estas únicas palavras "Deus é aquele que é" bastaram para me tranqüilizar, completamente, embora não tenha deixado de descobrir em mim crimes contra sua bondade. Devo continuar esta leitura? Espero vossas ordens para a confissão? Pergunto-vos para poder preparar-me de acordo com o tempo de que deva fazê-la. Para ela, tenho grande necessidade de vossa caridosa assistência e também para sair do engano de minhas idéias que, acredito, me fazem, amiudadamente, pecar e me dão vergonha de, com tão pouca verdade, chamar-me, senhor, vossa muito obediente filha e agradecida serva.

P.S. - Receio ser muito importuna, embora me pareça que vossa caridade me considere como uma pobre.

C. 362 (L. 429)

*À minha querida Irmã Ana Hardemont (1)  
Hennebont (2)*

(maio de 1651)

Minha querida Irmã,

Peço-vos, em nome de Deus, que, em vossa primeira Conferência faleis sobre o número três que, (dentro em breve) sereis, número com o qual deveis hon-

---

(1) *Luisa de Marillac está fazendo o Retiro anual, segundo seu costume, da Ascensão a Pentecostes.*

(2) *"O guia dos Pescadores" e "O Memorial da vida cristã", obras do Frei Luis de Granada, traduzidas para o francês, no final do século XVI, por Nicolau Collin.*

C. 362 M.A. Irmã Chétif 1. n. 41. Cópia.

(1) *Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2).*

(2) *Ana Hardemont e Genoveva Doinel preparavam-se para receber a terceira companheira, Bárbara Angiboust.*

rar a Santíssima Trindade. Mas, em que particularmente? Na grande união que deve existir entre vós, na deferência para com os sentimentos das outras, a fim de procurardes não se contradizer, mas, aceitardes tanto quanto possível, a opinião umas das outras. E, se às vezes, essas opiniões forem diferentes, lembrai-vos, queridas Irmãs, que Nosso Senhor sempre se submeteu à vontade de Deus, seu Pai. Assim de certo modo, honrareis essa deferência dele quando por seu Amor, abandonardes vossa opinião para seguir a da Irmã Servente, como também ela poderá fazê-lo, nas ocasiões em que não houver ofensa a Deus, nem ao próximo.

Suplico à bondade de Nosso Senhor, que disponha nossas almas para receber o Espírito Santo e que assim, inflamadas no fogo de seu Amor, vos consumais na perfeição desse amor que vos fará amar a santíssima vontade de Deus, na qual sou...

C. 363 (L. 119)

*À minha querida Irmã Juliana (1)*

Hoje, quarta-feira (maio de 1651)

Minha querida Irmã,

Peço-vos que, na sexta-feira, sem falta, façais partir daí a Irmã Margarida (2) para vir conversar conosco. Temos tão poucas Irmãs e tantas doentes, que necessitamos dela. Por agora, mando-vos a Irmã Michelle (3), até que possamos enviar-vos uma outra. Compreendereis que não tenha tempo para ser mais extensa, pois estou fazendo o meu Retiro.

Recomento-me às vossas orações e sou, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa humilde irmã e serva.

---

C. 363 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Juliana Loret, em Chars. (Ver cartas anteriores número 357 e 360).*

(2) *Margarida Chétif (ver C. 357 n. 2).*

(3) *Michelle, provavelmente, uma Irmã jovem que foi confiada à Irmã Juliana, ex-Diretora do Seminário.*

C. 364 (L. 304 bis)

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Chars*

Hoje, 26 de maio de (1651)

Minha querida Irmã,

Peço-vos dizer-me o que foi feito das três seringas (1) de Liancourt: se as enviamos, o que mandamos com elas e o preço. Informai-me também quem as levou.

Dizei-me, igualmente, se soubestes algo sobre Irmã Margarida (2) depois de sua partida daí, porque não chegou aqui. É verdade que ainda não é meio dia. Recomendo-me às vossas orações nestes dias que me restam de Retiro, no qual não vos esqueço porque, bem o sabeis, sou no amor de Jesus Cristo, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 365 (L. 347)

*À minha querida Irmã Guilhermina Chesneau (1)  
Filha da Caridade em  
Santo Estevão (2)*

1° de junho de (1651)

Minha querida Irmã,

Estou profundamente admirada de que não tenhais recebido a boa quantidade de drogas que vos enviamos. Em compensação, eis um pão de açúcar (3)

---

C. 364 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Ver as cartas seguintes nn. 366 e 367.

(2) Margarida Chétif (ver C. 357 n. 2).

C. 365 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Guilhermina Chesneau (ver C. 154 n. 1).

(2) Santo Estevão "à Arnes" (Ardenas). Em 1650, foram enviadas, para lá, quatro Irmãs.

(3) Pão de açúcar: objeto de forma cônica? tronco de cone de açúcar branco que se for

para fazer xarope de rosas e de cerejas.

Todas as Irmãs vos saúdam e louvam a Deus pela coragem que sua divina bondade vos comunica para servir a esses pobres sinistrados. Ah! queridas Irmãs, que grande graça ter sido escolhida para tão santo encargo! É verdade que é extremamente penoso, porém, nisto mais se manifesta a graça de Deus sobre vós. Tendes grande motivo de confiar e de abandonar-vos à santa Providência, que não deixará de dar-nos a conhecer como isso Lhe é agradável.

Nada me falastes sobre Irmã Joana (4), o que me preocupa. Por favor, desejo saber onde vos encontrais (5) e com quem contaís para ajudar-vos. Proporcionastes-me singular satisfação escrevendo-me. Segue uma carta, com data muito atrasada, por não ter tido oportunidade de vo-la enviar com segurança.

Gostaria muito, querida Irmã, de ter com mais freqüência, notícias vossas, porém sendo o serviço de Deus que vos impede de ter maior comunicação, seja bendito seu santo nome! Tratemos de encontrar-nos muitas vezes diante de Nosso Senhor, vendo, a Ele, no exercício da caridade para com o próximo.

Crede-me, de coração e afeto, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã vossa muito humilde irmã e serva.

C. 366 (L. 526)

*Às minhas queridas Irmã Perrete (1) e Irmã Margarida Chétif (2)  
Filhas da Caridade,  
Servas dos Pobres Doentes, em  
Serqueux*

Hoje, 2 de junho de (1651)

Minhas queridas Irmãs,

Estou bem preocupada com esta terceira seringa (3); Maria Marta (5) só se

---

*ma ao aparar-se, internamente, a forma de açúcar?*

*(4) Joana Francisca (ver C. 442 n. 1).*

*(5) As Irmãs serviam os pobres em aldeias diferentes (ver Coste XIII, 675).*

C. 366 Rc. 3 Carta autógrafa, a partir de: "das duas primeiras..."

*(1) Perrete Chefdeville, natural de Villers-sous-Leu, tinha um irmão Padre da Missão. Era sobrinha de Henriqueta Gesseaume. Sua entrada na Companhia das Filhas da Caridade foi em 1640-1641. Durante seus primeiros anos serviu os pobres em Saint Germain-en-Laye e em Fontenay. Depois, foi enviada a Serqueux. Em 1653, foi para Châlons, a fim de atender as vítimas da guerra.*

*(2) Margarida Chétif (ver C. 357 n. 2).*

*(3) Ver as cartas a Juliana Loret: números 364 e 367.*

lembra das duas primeiras; procurais lembrar-vos do que entregastes ao mensageiro, um pouco depois da volta de Irmã Joana Pangoy (5). Não sei se anotaram na fatura os 25 soldos dos fusos. Não tive tempo de mandar comprar os remédios que me pedistes em vossa última carta; vo-los enviarei, se Deus quiser, pelo primeiro correio. Vossa lanceta ainda não foi consertada; mando-vos uma outra. A incerteza quanto ao tempo que ficareis por aí, impede-me de enviar-vos vossas roupas. Peço-vos prestar bastante atenção nas ações de Irmã Michelle, para que não contraia maus hábitos.

Os primeiros livros que vos enviamos custaram 32 soldos; Irmã Margarida (6) nos reembolsou 20 dos dois últimos que vos mando; as duas lancetas que, como dissestes devem pertencer aos pobres, têm seus respectivos cabos. Uma libra de sal já preparado é de Maria, de São Dionísio; o resto, se sobrar, será dos pobres.

Apresentai minhas excusas ao senhor Vigário, por não podermos receber essa boa jovem. Segue o restante do mês da ama de leite; ficamos com a importância dos fusos e dos livros.

Adeus, Irmãs; nossas Irmãs vos saúdam e eu com elas; também a nossa boa Irmã Michelle, sendo das duas, no amor de Jesus Crucificado, minhas queridas Irmãs, vossa ...

C. 367 (L. 306)

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade  
serva dos pobres,  
em Chars*

Hoje, 9 de junho de (1651)

Minha querida Irmã,

Não recebi resposta de minha última carta, na qual vos pedia me dissésseis se tinheis lembrança do que enviamos a Liancourt (1) pelo mensageiro de Clermont, quando o fostes procurar e o encontrastes na rua, e lhe destes o que leváveis. Procurai lembrar-vos e mandai-me dizer o mais depressa possível, pois, es-

---

(4) Maria Marta Trumeau que, na ocasião estava em Paris (ver C. 72).

(5) Joana Pangoy, de Liancourt, havia ido a Paris, com certeza, para fazer o Retiro.

(6) Margarida de Vienne (ver C. 155 n. 7).

C. 367 Rc. 3 Letra não identificada. Carta assinada por Luisa de Marillac.

tou muito preocupada com as tais seringas, não podendo encontrar rastro da terceira. Seguem os dois livros; sempre nos esquecemos de vo-lo mandar.

Peço-vos que rezeis por todos nós; temos sentido o efeito de vossas orações no tocante a nosso altar para a procissão (do Corpo de Deus). Ficou bellissimo, embora não tenhamos começado (a arranjá-lo), senão na terça-feira. Deus vos atendeu, pois rezastes nesta intenção.

Sou, no amor de Nosso Senhor Jesus Crucificado, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 368 (L. 306 bis)

*Às minhas queridas Irmãs Carlota (1)  
e Francisca (2),  
Filhas da Caridade, servas dos pobres doentes  
· Richelieu*

Hoje, 9 de junho de (1651)

Minhas queridas Irmãs,

Muito me consolou haver recebido noticias vossas, pois, ainda que Irmã Carlota continue com suas enfermidades, não deixando de suportá-las com sua paz habitual, não deixa (também) de ter boa saúde e de trabalhar pela glória de Deus e serviço do próximo.

Continuai, queridas Irmãs, sendo fiéis a Deus e considerai-vos muito felizes por viverdes longe de vossa terra. É ai, queridas Irmãs, que Deus quer que estejais para, mais generosamente, trabalhardes na aquisição da perfeição que Ele vos pede.

Penso que o senhor Padre Lambert (3) vos terá dado, antes de partir, a consolação tão desejada (4), não para toda a vida, mas, apenas por um ano, pois o senhor Padre Vicente não concede outra coisa, a quem quer que seja, e isso é mais agradável a Deus do que de outro modo. Ao cabo de um ano, estando livres, podeis, de novo, vos entregar inteiramente a Deus.

---

C. 368 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Carlota Royer (ver C. 251 n. 1).

(2) Francisca Carcireux (ver C. 251 n. 2).

(3) O senhor Padre Lambert (ver C. 22 n. 1), antes de partir para a Polônia, estava fazendo a visita das casas de Angers e Nantes.

(4) Fazer ou renovar os votos.

Não sei, queridas Irmãs, se me pedistes para escrever às vossas famílias; podeis fazê-lo. E se me falastes de outra coisa, dissei-me outra vez, porque não tenho vossa carta.

Receio bastante que o senhor Padre Lambert tenha partido de Richelieu sem que o soubésseis; se isso aconteceu, que esta ocasião vos sirva para sentirdes a necessidade de vos desapegardes de tudo.

Vossa irmã se acha num bem lastimável estado de pobreza, Irmã Francisca. Porém, pela graça de Deus, suporta, em paz, a situação. Rezai por ela e suas três crianças. Vosso irmãozinho veio à cidade para tentar ser admitido nos Incuráveis; se nos for possível, o ajudaremos. O senhor vosso pai voltou para Beauvais. Pedí a Deus as graças de que ele necessita para fazer bom uso de todos os seus sofrimentos. Seus parentes procuram auxiliá-lo de todos os meios.

Os pais de Irmã Carlota estão bem, graças a Deus.

De todo coração, peço a Nosso Senhor, conservar-vos, as duas, na disposição de quererem amá-lo muito e sou, no amor de Jesus Crucificado, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde e afeiçoadíssima irmã e serva.

P.S. - Apresentai meus humildes cumprimentos aos senhores Padres da Missão e recomendai-me a seus santos sacrifícios e orações.

C. 369 (L. 307)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, segunda-feira, à noite  
[junho de 1651]

Peço, humildemente à vossa caridade que faça o obséquio de verificar se esta carta pode ser enviada a Montmirail (1). O senhor Georget e a senhorita Amaury (2) vieram aqui para pedir-nos lhe deixemos a Irmã Joana Batista (3) pe-

---

C. 369 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: junho de 1657.

(1) A fundação das Filhas da Caridade, em Montmirail, deu-se em 1647.

(2) O senhor Georget e a senhorita Amaury eram paroquianos de São João "en Grèves", de Paris.

(3) Joana Batista, a moça, (ver C. 271 n. 5) estava na Paróquia de São João "en Grèves" antes de ser enviada a Montmirail. Em sua resposta a Luísa de Marillac, (Coste IV, 213) o Padre Vicente interroga quem, na realidade, pede Joana Batista: os senhores paroquianos de São João ou um jovem que a pretende. Joana Batista, fiel à sua vocação, permanece em Montmirail.

lo menos uns quatro meses mais e parecem estar muito descontentes com Irmã Nicole (4) sem, entretanto, saberem dizer-me, exatamente, o motivo. Estava presente a senhora Fouquet e, sem dúvida, percebeu que neles havia uma certa paixão. Procurei falar-lhes com o devido respeito e lhes disse que a coisa não dependia de mim, em absoluto. Tentei fazê-los compreender tudo o que vossa caridade me ordenara a propósito das paróquias de Santo Estêvão e de São Roque (5). E, ao me manifestarem que achavam que não os atenderíeis, respondi-lhes que, se vos expusessem a grande necessidade que diziam ter disso, e, em seguida, as faltas gravíssimas de Irmã Nicole, tudo apresentado, bem claramente, não saberia informar-lhes qual poderia ser a vossa decisão sobre o assunto. Então, ele me disse, abertamente, que a Irmã queria sair da Companhia e ele estava fazendo tudo isso para a podermos conservar e, também, outras coisas que mal têm fundamento.

Seria bem necessário que a senhora Fouquet (6) fosse conversar convosco, para dizer-vos o pensamento do senhor Pároco, pois, me parece, conhecer apenas o que essas duas pessoas lhe fizeram ver como indispensável àquela Caridade (7). Se vos parecer conveniente tenha eu a honra de ir estar convosco para vos expor outros detalhes, rogo-vos me façais a caridade de mandar-me aviso e de crer que continuo sendo, meu Honoratissimo Pai, vossa muito humilde ...

C. 370 (L. 309)

*À minha querida Irmã Guilhermina Chesneau (1)  
Filha da Caridade, serva dos pobres  
(Santo Estêvão-à-Arnes)*

(junho de 1651)

Minha querida Irmã,

Vejo que continuais em meio aos sofrimentos e bendigo a Deus, que vos

---

(4) Nicole Haran (ver C. 528) chegou a Montmirail em outubro de 1650 (Coste IX, 531).

(5) Paróquias de Paris.

(6) A senhora Fouquet, em solteira, Maria Maupéon, era mãe de oito filhos. Um deles chegou a ser superintendente da Fazenda, outro, Bispo de Narbona. Uma de suas filhas, superiora da Visitação de Tolosa. A senhora Fouquet, pessoa de grande caridade e piedade emitente, faleceu aos 91 anos.

(7) Confraria da Caridade.

C. 370 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Guilhermina Chesneau (ver C. 154 n. 1).

conceda a graça de suportá-los bem. Rogo-vos, porém, não vos inquieteis com o que vos sugere o pensamento de que estais como se não pertencêsseis à Companhia. É verdade que o trabalho que Deus teve a bondade de encarregar-vos é muito penoso e, aparentemente, sem consolação. Todavia, deveis encontrar esse conforto na certeza de que estais fazendo a santíssima vontade de Deus e a continuareis fazendo enquanto vosso espírito permanecer submisso. Como foi bom esperardes em paz que Deus vos livrasse dos perigos e apreensões! E, se ainda vos encontrais no meio deles, suportai essa aflição com amor e confiança.

Não me lembro da quantia que vos entregamos quando partistes. Contai, simplesmente, o que restou de vossa viagem; e podeis empregá-la com os pobres. Quanto a não terdes comunicação com as outras Irmãs (2), compreendo muito bem que vosso bom coração se aflija com isso. Porém, me parecia que aceitáveis, na paz, a privação desta satisfação, pois, se estais vivendo, temporariamente, dessa maneira é por ordem da divina Providência. Sem dúvida, São João cuja festa celebraremos no sábado, teria desejado seguir Nosso Senhor e ter a dita de estar sempre com Ele; entretanto, preferiu deixar esta felicidade, para dedicar-se à tarefa que lhe confiara, para a glória de Deus e serviço do próximo. Este exemplo, querida Irmã, traz grande consolação às pessoas que vivem sozinhas. Pensai nele, de vez em quando, vo-lo peço.

Relendo vossa querida carta, vejo bem que Deus vos concede muitas graças; sede-lhe reconhecida por elas e continuai recorrendo a Ele, em tudo.

Rogo-vos não deixeis de rezar pelo Padre Vicente que vai indo como de costume; o senhor Padre Portail está bem. Quando estiver com eles, lhes trasmitirei vossa mensagem. Se virdes ou escreverdes às Irmãs dessas redondezas, saudai-as em meu nome, por favor.

Duas de nossas Irmãs novas estão doentes: a Irmã Francisca Paula (3) e Irmã Phénix (4); esta, em estado grave. Recomendo-as às vossas orações e a mim também que necessito, mais que ninguém, para alcançar misericórdia do bom Deus, em cujo amor sou, querida Irmã, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Não sei se recebestes o pão de açúcar que vos mandei da parte das Damas, para compensar-vos da perda dos doces de fruta que havíamos enviado.

2º P.S. - Terminada a carta, soube que recebestes o pão de açúcar. Rogo-vos apresenteis minhas afetuosas lembranças à minha querida Irmã Maria José (5).

---

(2) Ver a carta 364.

(3) Francisca Paula ficaria boa. Em 1657, estava na Casa Mãe.

(4) Irmã Phénix entrou para a Companhia das Filhas da Caridade pelo mês de maio de 1650. Morreu no final de 1651.

(5) Maria José encontramo-la em Étamps, em 1653. Em junho de 1658, São Vicente fala de sua morte, com admiração.

*À minha querida Irmã Juliana Loret (1)  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes  
Chars*

30 de junho de (1651)

Minha mui querida Irmã,

Agradeço-vos, de todo coração, vosso carinhoso afeto para comigo. Os remédios que me aplicaram, foram mais por precaução, graças a Deus. Porém, a bondade divina dignou-se visitar-nos, levando para Si, nossa Irmã Phénix (2) que faleceu no nono dia de febre alta. Isto é para nós motivo de humilhação e de fortalecimento da confiança que devemos ter na Providência Divina. Também está em extrema gravidade a Irmã Madalena (3), de São Nicolau de Chardonnet.

Louvo a Deus que deu melhor saúde à Irmã Michelle (4), a quem peço a empregue bem, no serviço do próximo e no trabalho de formar-se em todas as máximas das verdadeiras Filhas da Caridade. Solicito-vos fazê-la prestar contas de suas orações e da prática de suas resoluções, também das faltas que contra elas cometer. Mostrar-lhe-eis grande cordialidade quando vo-las declarar. Cuidai, igualmente, de que não se acostume, quando sair, a faltar à modéstia e ao recato que deve ter. Adverti-a sobretudo, de que se lhe derdes algum desgosto, vo-lo diga, com confiança. Fazei-a compreender a importância que há em ir falar com outras pessoas daquilo que ocorre entre vós. Podeis ler para elas a presente, se vos parecer necessário.

Muito lamento a sujeição em que vos encontrais; porém vos peço dizer ao senhor Cura que não leve a mal, o colocardes uma fechadura particular, assegurando-lhe não ser falta de absoluta confiança no bom senhor Vigário, mas, que as conveniências requerem isso de vós. Cumprimentai-o, respeitosamente, em meu nome e vós, recebei afetuosas lembranças de todas as Irmãs, Bom dia, queridas Irmãs; crede-me no amor de Jesus Crucificado, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Segue a relação das despesas que pedistes.

---

C. 371 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Juliana Loret* (ver C. 253 n. 1).

(2) *Irmã Phénix* (ver carta anterior).

(3) *Madalena Esperança* (ver C. 376 n. 1).

(4) *Michelle* (ver C. 363 n. 3).

*À minha querida Irmã Cecília Inês (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes no Hospital São João*  
*Angers*

Hoje, 1º de julho de (1651)

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus, com todo o meu coração, pela alegria que tivestes com a visita do senhor Padre Lambert (2). Quase fiquei com vontade de estar em Angers, pois, ele voltou tão edificado com todas as nossas queridas Irmãs! Isso me proporciona grande alegria e motivo de louvar a Deus! Continuai assim, queridas Irmãs, vo-lo peço. Ele não se lembra de haver dito que três deveriam voltar para cá; ao contrário, penso que vos viu, a todas, muito seguras. Lamenta, porém que todas tenhais muito trabalho e pouca saúde. Peço-vos que vos façais ajudar pelas mulheres e moças já curadas, pois acho que os senhores Administradores o aprovam. Cumprimentai-os em meu nome, bem como as Damas que conheci, e, quando estiverdes com o senhor Abade de Vaux e o senhor Padre Ratier, apresentai-lhes meu humilde agradecimento e desejo de servi-los; todas lhes somos devedoras de muita gratidão. Não lhes escrevo com a frequência que desejaria, porque poderia fazer-me importuna, devido aos inúmeros afazeres que um e outro têm, para a glória de Deus.

O senhor Padre Lambert fez boas referências do senhor Bispo de Angers (3); considero-vos muito felizes por estardes sob sua direção. Sede bem agradecidas por isso.

Recomendo às vossas orações nossa querida Irmã Phénix (4) sepultada na terça-feira passada. Era um pessoa de quem muito esperávamos. Temos outras doentes, particularmente nossa boa Irmã Ana Hardemont (5) e uma outra que está com ela na Baixa Bretanha (6). Pedi a Deus por todas elas, queridas Irmãs, e,

---

C. 372 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2).

(2) Numa carta de 22 de maio de 1651, o senhor Padre Lambert fala com Luisa de Marillac que todas as Irmãs estão doentes, exceto Nicole.

(3) Dom Henrique Arnauld (ver C. 356 n. 2).

(4) Phénix (ver C. 370 n. 4).

(5) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2).

(6) Bárbara, a última chegada a Hennebont, em maio de 1651.

crede-me, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e dedicada serva.

P.S. - Cumprimentai, com todo respeito, o vosso confessor a quem terei a honra de escrever para agradecer-lhe a caridade que tem para convosco.

Relendo vossa carta, fiquei emocionada com vossa submissão.

Rogo-vos dizer a todas as nossas Irmãs, que peço a Deus lhes perdoe o pensamento que tiveram de desejar voltar para cá. Entretanto, estou certa de que não queriam fazê-lo, a não ser que a obediência as chamasse.

C. 373 (L. 314)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre (1)  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes  
no Hospital Geral de Nantes  
Bretanha*

Hoje, 1º de julho de (1651)

Minha querida Irmã,

Vossa última e querida carta proporcionou-me indizível satisfação, pois, havia muito tempo que desejava ter notícias vossas, tendo vos escrito três vezes, sem obter resposta. Receava que estivésseis doente. Dou graças a Deus, com todo o meu coração, por não ter sido assim.

Que poderei dizer-vos, querida Irmã, para vos convencer de que não me faltou desejo de vos dar a alegria que esperáveis de mim? A única coisa de que posso me acusar é de esquecimento. Essa é a causa de não haver feito, de tal modo que agora não tenho presente na memória nada para dizer-vos. Acredito também que o senhor Padre Vicente não se esquecerá de responder-vos, porque, tão logo vejo em vossas cartas que desejais um conselho seu, peço ao Irmão que lhe serve de secretário, que o faça lembrar-se disso. Espero, querida Irmã, que estejais amplamente informada de tudo, pelo senhor Padre Lambert (2) que representava o senhor Padre Vicente. Ele não deixará de fazer o que for necessário para remediar as necessidades que tenha visto. Ficai, pois tranqüila, querida Irmã, e trabalhai, como sempre o fizestes, em desbravar o terreno. Todo o trabalho e esforço que fizestes até agora, não será vão; bem sabeis que após a chuva, vem o bom tempo.

---

C. 373 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).

(2) O senhor Padre Lambert (ver C. 22 n. 1). acaba de fazer a visita à Comunidade do Hospital de Nantes.

Já vos disse, querida Irmã, que pensando houvesse uma ocasião segura para vos escrever, avisei a vosso tio. o senhor Le Duc, e vosso primo remeteu-me um pacotinho para fazê-lo chegar a vossas mãos; são cinco ou seis terços de Nosso Senhor e um terço. Dizei-me se quereis que o mande pelo mensageiro. Também vos peço falar com nossas Irmãs que as cumprimento com todo o meu afeto e suplico ao bom Deus a graça de fazê-la conforme o seu coração. Sou, em seu santo amor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 374 (L. 315)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 5 de julho de 1651

Meu Honoratissimo Pai,

A maneira como a Divina Providência quis que vos falasse eu, em todas as ocasiões, faz com que nesta, em que se trata do pensamento de executar a santíssima vontade de Deus, também vos fale, muito simplesmente, sobre aquilo que a experiência nos levou a ver que poderia impedir a consolidação da Companhia das Filhas da Caridade. A não ser que Deus tenha dado a entender que deseja sua total destruição por causa das faltas gerais e particulares que nela se dão, sobretudo desde alguns anos, das quais, em verdade e diante de Deus, miserável de mim! creio ser, se não a única, pelo menos a principal causa, tanto por meus exemplos, como por minhas negligências e pouco zelo em cumprir fielmente meu dever. E esta é uma das grandes necessidades a ser remediada, desde agora, pensando no futuro, de se colocar à sua frente, uma pessoa que dê melhor exemplo.

A segunda necessidade é que nosso modo de viver seja redigido, por escrito, para poder ser dado aos lugares onde haja Irmãs capazes de ler e guardá-lo, reverentemente, sem mostrá-lo às pessoas de fora, nem dar-lhes cópias. E para que todas da Companhia possam ter conhecimento dele, aqui em Paris, a Irmã Servente poderia lê-lo todos os meses, reunindo-se para este fim as Irmãs das Paróquias, parte delas num dia e a outra, quinze dias depois.

E para as Irmãs das aldeias ou lugares onde não fosse conveniente enviá-lo, tanto porque não soubessem ler suficientemente ou porque não oferecessem bastante segurança, esta leitura poderia ser feita, por ocasião das visitas ou quando viessem à Casa.

E porque na Companhia haverá sempre espíritos pouco cultivados, além de que a prática pode degenerar em rotina, seria necessário que, para cada artigo houvesse a explicação da intenção com a qual se deve observar o que nele é prescrito.

Temos de crer que a fraqueza e inconstância do espírito necessitam de ser ajudadas por meio de algum fundamento sólido em que se apóiem para vencer as tentações contra a vocação, que possam assaltá-las. E, a base deste fundamento, sem a qual me parece impossível que a Companhia possa substituir, nem que Deus dela obtenha a glória que parece ter querido que se Lhe tribute, é a necessidade de que a referida Companhia seja erigida, sob o título de Companhia ou de Confraria, inteiramente submetida e dependente da direção venerável do Honoratíssimo Geral dos Reverendíssimos Padres da Missão, com o consentimento de sua Companhia, a fim de que, agregadas a ela, possam participar do bem que aí se faz, para que a divina bondade, pelos méritos de Jesus Cristo e as orações de Santíssima Virgem, lhes conceda a graça de viver do espírito com que Sua bondade anima a dita venerável Companhia.

São estes, meu Honoratíssimo Pai, os pensamentos que não ousei ocultarvos, submetendo-os, inteiramente, ao juízo que Deus queira faça deles vossa caridade, como Sua divina bondade me concede a graça de vir fazendo, durante vinte e seis anos, em que Sua misericórdia me colocou sob vossa direção, para cumprir Sua santíssima vontade. Ele fez de mim, na maneira que sabe e hei de ser toda a minha vida, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e serva agradecida.

C. 375 (L. 316)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre (1)*

15 de julho de (1651)

Minha querida Irmã,

Admira-me muito não receber cartas vossas. Isto me faz recear que estejais doente ou então, passais por algum desgosto. Sentiria muitíssimo se, de qualquer forma, fosse eu a causadora dele. Caso tenha deixado de dar-lhe alguma resposta ou de satisfazer a algo que de mim desejastes, rogo-vos: culpai à minha memória que me vai faltando muito e, de modo algum, à minha afeição ou

---

C. 375 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre, Irmã Servente em Nantes (ver C. 75 n. 1).

vontade de dar-vos todo o gosto possível. Se soubésseis, querida Irmã, quantas dificuldades estamos enfrentando: o grande número de Irmãs doentes e os inúmeros pequenos afazeres, sem ajuda alguma, teríeis compaixão de nós. E, sobretudo (a teríeis) se soubésseis que são os meus pecados a causa de todas essas nossas desordens. Em nome de Deus, querida Irmã, rogai à Sua bondade me faça misericórdia e dizei-me se recebestes uma carta em que eu vos informava haver uma missiva e alguns tercinhos que vosso primo, o bom senhor Le Duc, vos enviava.guardo a ocasião segura que me foi prometida.

Fiquei muito contente de saber, pela carta de Irmã Luísa (2), que a tranquilidade reina aí, depois da borrasca. Não é que eu pense não terdes mais motivos de preocupação; porém, Nosso Senhor é vossa força e consolação e vosso exemplo e vosso alento. É o que Lhe peço, de coração, e a vós rogo me tenhais, em Seu santo amor, querida Irmã, como vossa muito humilde irmã e serva bem dedicada.

P.S. - Peço-vos que Irmã Luísa tome "água doce", até o senhor Padre Vicente ordenar o que julgue ser mais conveniente.

c. 376 (L. 317)

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes*

21 de julho de (1651)

Minha querida Irmã,

Estamos com tantas pressa que, apenas tenho tempo de vos agradecer, com todo o coração, as carinhosas provas de afeto que nos dais. Penso não vos dever nenhuma resposta pendente, a não ser que, visto não terdes falado sobre a chave com o senhor Cura, ser melhor deixar as coisas como estão. Quanto ao que dizem das pessoas que vos precederam, parece-me, querida Irmã, que não deveis preocupar e lhes respondereis somente e, de boa vontade, o que Lhe for possível, para não censurá-las. Tratemos de superar as contravenções e repugnâncias que tivermos em nossos trabalhos, pois tudo isso torna nossas ações mais agradáveis a Deus. Penso que as Irmãs tinham ajudantes, porque a Irmã Maria esteve adoentada durante muito tempo e, além disso, tinham maior número de reses; tudo isso supunha muito trabalho. Não quero dizer que não tenha errado bastante, por causa da liberdade que o falecido senhor Cura costu-

---

(2) Luísa Michel (ver C. 406 n. 3).

mava dar a todas as Irmãs, por causa da grande estima que lhes dedicava. É que, (afinal de contas), todas nós cometemos faltas.

O bom Deus continua visitando nossa querida Companhia, pelo sofrimento, pela morte e doença. Nossa querida Irmã Esperança (1) foi sepultada na tarde de quarta-feira, em São Nicolau de Chardonnet. Agora, estão doentes a Irmã Joana Delacroix (2), a Irmã Margarida, de Vienne (3) e a Irmã Joana de Sedan. Rezai por todas nós, para que Deus se digne fazer-nos misericórdia. Crede-me, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Todas as Irmãs vos saúdam e eu, com elas, a Irmã Michelle (4).

C. 377 (L. 318)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Nantes*

Hoje, 26 de julho de (1651)

Minha querida Irmã,

Esta é a terceira ou quarta carta que vos escrevo, sem obter resposta, o que não deixa de me preocupar. Suplico-vos, querida Irmã, que me tranquilizeis acerca de vossa saúde. Dizei-me também se vos dei algum motivo de aborrecimento porque, se isto aconteceu, posso assegurar-vos não ter sido a minha intenção, absolutamente.

Recebi carta de Irmã Luísa (1) falando-me de sua enfermidade. Tenho tão poucas vezes a honra de falar com o senhor Padre Vicente que ainda não pude saber o que deveremos fazer a este respeito. Assegurai-a, porém, querida Irmã não me escrevem, que tudo faremos para aliviá-la. Admira-me igualmente que as outras Irmãs não me escrevam. Se lhe for possível, gostaria muito que a Irmã Henriqueta (2) nos dissesse algo sobre seus trabalhos. Irmã Luísa informou-me

---

C. 376 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Madalena Esperança, da Paróquia de São Nicolau de Chardonnet, falecida no mês de julho de 1651.*

(2) *Joana Delacroix (ver C. 350 n. 5).*

(3) *Margarida, de Vienne (ver C. 155 n. 7).*

(4) *Michelle (ver C. 363 n. 3).*

C. 377. Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Luisa Michel (ver C. 406 n. 3).*

(2) *Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1).*

que todas gozais de muita paz, o que para mim foi grande consolação. Não porque não acate e estime os caminhos de Deus que costumam ser semeados se rosas com espinhos. Porém, parece-me que já sofrestes tanto e, é para mim um alívio vê-las, agora, respirando comodamente em paz, para gozardes assim da doçura e suavidade que há em servir os Pobres, sem ter se pensar em outra coisa. Parece-me, como se o visse, que essa paz opera entre vós um grande união e cordialidade. Assim o desejo, de coração, e o espero da bondade de Deus, a ela suplicando, com toda a profundidade de minha afeição, que me acrediteis, mais do que nunca, e no amor de Jesus Crucificado, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Peço-vos rezeis por nossas queridas Irmãs Phénix (3) e Esperança (4), falecidas há poucos dias.

C. 378 (L. 469)

*(À Irmã Juliana Loret, em Chars) (1)*

(pelo ano de 1651)

Mui querida Irmã,

Não fizestes bem em recomeçar a tocar o sino. Que eu saiba, não sois vós que deveis fazer soá-lo para a Missa. O senhor Padre Vicente disse que, para isso, é necessário se ter recebido uma ordem da igreja (*o ostiariato*). Procurai, pouco a pouco, ir se desfazendo desse compromisso, minha Irmã, e prestai atenção em que não devemos assumir coisa alguma sem antes havê-la proposto aos Superiores. Começa-se, impercetivelmente, porém, se pode chegar a conseqüências sérias.

---

(3) *Irmã Phénix (ver C. 370 n. 4).*

(4) *Madalena Esperança (ver C. 378 n. 1).*

C. 378 Ms. A, *Irmã Chétif 1 n. 54. Cópia.*

(1) *Carta-copiada por Margarida Chétif, série Juliana Loret.*

*À Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Nantes*

(pelo mês de agosto de 1651)

Minha querida Irmã,

Vossas duas últimas cartas despertaram em mim singular interesse. Pensava poder ter um esclarecimento por parte do senhor Padre Lambert (1) sobre o assunto do qual me dizíeis não poder falar-me. Porém, ele não tem a menor lembrança do que seja. Assim, vo-lo suplico, querida Irmã: escrevei-me com mais clareza. Vossas cartas me chegam pontualmente e, aliás, se tiverdes aí o senhor de Annemont (2), vos será mais fácil ainda. Rogo a Deus que nossas Irmãs Marta (3) e Luísa (4) estejam já descansadas. Parece-me porém, que seria melhor, querida Irmã, que não vos pedissem mais para fazer nenhuma peregrinação.

Lamento, querida Irmã, que não tenhais feito o Retiro Espiritual desde que fostes para Nantes. O senhor Padre Vicente, a quem mostrei vossa carta, disse ser preciso arranjarde tempo para fazê-lo. Dir-vos-ei como agí, um pouco antes de Pentecostes, por ordem de nosso Honoratissimo Pai: mandou-me que eu reservasse cinco ou seis dias, após haver deixado resolvidas as coisas mais urgentes, para empregá-lo nisso, entregando os fatos costumeiros à nossa Irmã Assistente. Não quero dizer que, em caso de necessidade, em alguns momentos, não conversasse sobre as coisas que podiam surgir e, posso assegurar-vos, querida Irmã, que Nosso Senhor supria o que a mim me faltava. Ele faz o mesmo com todos, mais até do que comigo, visto que costume ter tão poucas disposições para receber Suas graças.

Resta-vos apenas resolverdes a encontrar este tempo. Ficai certa de que ninguém irá achar ruim. Podeis confiar o encargo das outras à irmã Henriqueta (5), a não ser que o senhor Padre Vicente lhe tenha mandado, ou a vós, algo que o possa impedir. Talvez essa confiança que lhe demonstrardes, acalme seu espirito. Se não julgardes conveniente, vede uma outra. Rogo-vos, querida Irmã, que

---

*C. 379 Rc. 3. Carta autógrafa.*

(1) O senhor Padre Lambert (ver C. 22 n. 1) acabara de fazer a visita, no mês de junho.

(2) O senhor de Annemont (ver C. 189 n. 4).

(3) Marta Dauteuil (ver C. 178 n. 1)

(4) Luísa Michel (ver C. 406 n. 3).

(5) Henriqueta Gesseume (ver C. 86 n. 1).

saudeis, respeitosaente, o senhor Annemont em meu nome, e, mui cordialmente a todas as nossas Irmãs mui queridas, de quem sou, como vossa também, no amor de Nosso Senhor, minhas queridas Irmãs, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Rezaí e pedi às Irmãs que rezem pela conservação de nosso Honoratíssimo Pai.

C. 380 (L. 321)

*Ao senhor Abade de Vaux*

14 de agosto de (1651)

Senhor Abade,

Teria sido para mim uma grande consolação poder prestar algum serviço à boa senhorita que vossa caridade me recomendou. Porém, estava em muito boas mãos nas de nossa querida Madre Maria Constância, a quem tive a honra de visitar. Ela a encaminhou ao senhor Cura de São Sulpício que se encarregou, inteiramente, da referida jovem; por isso, espero não tardará muito em ser colocada.

O senhor Padre Lambert me fez ficar envergonhada pela liberdade que tomei de manifestar-vos meu descontentamento. Asseguro-vos que, se tivesse podido dar a conhecer sua inocência a respeito do mal de que a acusavam, eu o teria feito, a qualquer preço. Enfim, senhor Abade, como seu pai se demorasse muito em ceder a seus desejos, ela nos deixou e se empregou nesta cidade. Podeis crer que, dentro do desgosto que Deus permitiu tivéssemos, o de tornar de certo modo inúteis vossos trabalhos e fadigas para conosco, por nossas faltas e misérias, foi mais penoso para mim do que nenhuma outra consideração, depois da que se refere à glória de Deus. Espero de Sua bondade que seu santo amor, ao vos dar a conhecer as necessidades desta insignificante Companhia, também vos leve a continuar a ajudá-la. É o que vos suplico, humildemente, senhor. Dignai-vos fazer-me a caridade de pedir para mim a nosso bom Deus novas graças para cumprir sua santíssima vontade, na qual sou, senhor, vossa muito obediente e humilde filha e serva ...

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da caridade, serva dos Pobres Doentes  
Chars*

Hoje, 1º de setembro de (1651)

Minha querida Irmã,

Pensei haver-nos comunicado, com toda clareza, que o senhor Padre Vicente me havia dito, que deveríeis deixar de bater (*o sino*) para vossos exercícios, por várias razões que seriam muito longas a expor e não sendo necessário fazê-lo, sobretudo para vós, que sabeis o que é obediência. Sua caridade disse que podeis apresentar qualquer pretexto para excusar-vos, além de não ser costume em nenhum dos lugares onde estão as Irmãs (e sabeis como é importante não sejam feitas inovações, nas Comunidades). Tendes ainda outra razão bem verdadeira e é esta também a opinião do senhor Padre Vicente, a saber: se não fordes vós, porque não podeis ficar aí muito tempo, serão outras Irmãs que, por necessidade, deixarão de fazê-lo, havendo no lugar um hospital para os doentes. E, nas aldeias, é impossível, que duas Irmãs se encontrem juntas para fazer os exercícios e que uma os possa fazer sempre com regularidade, também é difícil. Porém, mesmo que assim o fosse, dissei-me: para quem tocaria a Irmã se não chama ninguém? Não é isto "apregoar aos quatro ventos" a sua ação, sendo que Nosso Senhor nos ensina a fazê-la em segredo, quando se trata só de nosso interesse particular?

Agradeço-vos, querida Irmã, a fruta gostosa que nos enviastes; porém, como nos prometeis mais, peço-vos que rodeeis o cesto com palhas e as coloqueis também entre as frutas, porque chegaram muito machucadas.

Não nos dissestes se o bolo foi feito por vós; em caso afirmativo, sois excelente doceira! Nossas doentes, de bom grado, vo-lo agradeceriam como também as frutas, se vos pudessem escrever.

Rogo-vos, querida Irmã, agradecei, conosco, a Deus por haver-nos concedido a graça de restituir a saúde ao senhor Padre Vicente que esteve mal, com uma febre contínua. Rezai para que sua cura seja completa, porque febres deste ano reincidentem várias vezes. Suplico à bondade divina vos aumente suas graças e, à Irmã Genoveva, dê um grande desejo de perfeição. Sou no amor de Jesus Crucificado, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 382 (L. 322)

*À Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Chars*

(setembro de 1651)

Minha querida Irmã,

Pensava enviar-nos, hoje, uma Irmã para vos ajudar, porém, estão todas tão enfraquecidas que receio cairem doentes, ao chegarem aí. Por outro lado me fastastes da mulher que tendes em casa; acredito então que não estejais tão apertada. Se, entretanto, for necessário, não deixaremos de mandar-vos socorro, se Deus quiser. A Ele rogo que vos conserve e continue prodigalizando-vos suas santas graças. Sou no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 383 (L. 327)

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Chars*

Hoje, 19 de setembro de 161

Mui querida Irmã,

Em nome de Deus, suplico-vos que não vos aflijais com esse cargo que Sua bondade vos confia. Em tal circunstância podeis manifestar-lhe mais do que nunca vossa fidelidade. Não duvido que tenhais grande pena por não poderdes fazer tudo o que querieis para o serviço dos pobres. Entregai-vos ao cuidado do Pai dos Pobres que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Envio-vos uma Irmã que vos dará muita alegria e grande ajuda. Se não souber fazer sangria, bem depressa aprenderá convosco.

O senhor Cura pediu-me vinho emético (1) e lho estamos mandando. Normalmente, se deve dar três onças (2); porém, se nossa Irmã está tão fraca, creio

---

C. 383 Rc. 3. Letra desconhecida. Assinatura de Luisa de Marillac.

(1) Emético: que provoca vômito. (Nota da tradutora).

(2) Onças: peso antigo equivalente a duzentos e oitenta e sete decigramas. (Nota da tradutora).

bastar-lhe duas.

Lembrai-vos, querida Irmã: quanto mais nos faltam a assistência e consolação humanas, tanto mais as divinas superabundam nas almas que a elas se confiam e se abandonam, como creio que fizestes e o fazeis todos os dias. Por isso, louvo a Deus de todo coração e sou, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 384 (L. 328)

*À minha querida Joana Lepintre (1)*

Hoje, 22 de setembro de (1651)

Minha querida Irmã,

Estou preocupada por não ter notícias vossas, bem extensas e claras. Supunha que o senhor Padre Lambert poderia esclarecer-me, sobre o que me dissesse que ele sabia. Disse-me ele porém, não se lembrar de coisa alguma. Certamente, o bom Deus quer que todo esse passado permaneça no esquecimento. Resta-nos, apenas, fazer bom uso do presente, mas, para isto, é preciso pedir a Deus a graça necessária.

Peço-vos dizer-me se tendes notícias de nossas Irmãs de Hennebont. Estas nos preocupadas por não haver recebido nada de lá, desde que soubemos da doença de Irmã Ana (2). Ainda não pudemos decidir a transferência de nossa querida Irmã Luísa (3) para outro lugar, porque, em Casa só temos Irmãs doentes ou fraquinhas e, em Paris, tantas também, que até parece vamos todas morrer. São as chicotadas do bom Deus que caem sobre nós para avisar-nos (*da necessidade que temos*) de nos corrigirmos. Rogai-lhe por mim a fim de que se digno fazer-me misericórdia.

Há mais de oito dias que meu filho está doente; recomendo-o às vossas orações, Vossos parentes estão bem de saúde, graças a Deus. Vossa prima que parecia pensar vir para a Companhia, casou-se. A mãe e a irmã de Irmã Luísa, assim como seu sobrinho, passam bem, o que, igualmente, acontece com os familiares de Irmã Henriqueta (4). Irmã Perrete (5) é uma boa Irmã; não conheço outra tão submissa ou pelo menos, mais do que ela.

---

C. 384 Rc. 3. *Endereço, data e, a partir de "se tendes notícias..." letra de Luísa de Marillac.*

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).

(2) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2).

(3) Luísa Michel (ver C. 406 n. 3).

(4) Henriqueta Gesseau (ver C. 86 n. 1).

(5) Perrete Chefdeville (ver C. 366 n. 1).

Creio haver-vos falado sobre a doença do senhor Padre Vicente, mas, pela graça de Deus, já está agora razoavelmente bem, dada a sua idade e seu grande trabalho. Rogo-vos, querida Irmã, o recomendeis sempre às orações de nossas caríssimas Irmãs, as quais queria ver muito generosas, no amor de Deus e na prática das mortificações interiores. Como seria razoável que aquelas a quem Deus chamou para seguir seu Filho, procurassem fazer-se perfeitas como Ele, tentando transformar sua vida num prolongamento da sua! Que ventura para toda a eternidade! São os méritos de Jesus Cristo que nos conquistaram esta graça e, em seu amor, sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Apresentei minhas excusas às Irmãs, por não lhes escrever, especialmente, à Irmã Henriqueta e Irmã Marta (6). Abraço-as de todo coração, fazendo o mesmo com as outras. Fazei-me o favor de apresentar meus respeitosos cumprimentos a todas as boas Damas e senhoritas a quem sempre tanto aprecio.

C. 385 (L. 285)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

(1651)

Senhor Abade,

Há muito tempo venho retardando o dar-me a honra de escrever-vos. Temia importunar-vos, desviando vossa atenção de vossas santas ocupações. Porém, premida pela necessidade, primeiro (quero) manifestar-vos minha gratidão pela caridade que continuais exercendo para com nossas queridas Irmãs: so-mo-vos extremamente gratas; e depois, senhor, para humildemente vos pedir tomeis o trabalho de dizer-me se julgais absolutamente necessário que chame-mos de volta a Irmã Margarida Moreau (1), porque, na disposição em que se encontra de não poder vencer-se, nem se submeter, parece-me, senhor, não seria bom deixá-la como Irmã Servente e iniciar assim, um cargo de governo que me levaria a duvidar muito de resultado. Se houver também alguma outra que vossa caridade julgue necessário chamar para cá (não pelo próprio testemunho

---

(6) *Marta Dauteuil* (ver C. 178 n. 1).

C. 385 Rc. 4. *Carta autógrafa.*

(1) *Margarida Moreau* (ver C. 317 n. 3). O senhor Padre Lambert, no relatório de sua visita, assinala: "Há alguma dificuldade entre nossas duas Irmãs Margarida e Cecilia Angiboust".



e desejo delas, porque acredito que a fraqueza das Irmãs as levaria, a todas, a dizerem que o necessitam), mas a juízo, que poderíeis emitir, junto com o senhor Padre Ratier.

Talvez, senhor Abade, isso levasse os Senhores Padres (2) a aproveitarem a ocasião para pedirem maior número (de Irmãs), pois, faz muito tempo que se ventila esta questão; parece-me não ser isso coisa que venha das Irmãs.

Eles me assombam com tudo o que contam sobre o senhor Bispo de Angers (3), porque mesmo conhecendo, há muito tempo, sua virtude, não poderia pensar que chegasse até tal ponto, o que faz junto dos pobres. Deus seja eternamente bendito pelas graças que outorga aos que O temem e O amam! E Ele me faça digna, senhor, de poder chamar-me, realmente, em seu santíssimo Amor, vossa muito obediente serva e humilde filha.

C. 386 (L. 329)

*Ao senhor Abade de Vaux*

27 de setembro (1651)

Senhor Abade,

Fiquei extremamente surpresa quando Irmã Joana Lepintre (1) me disse que se achava em Angers. Isso me faz temer que tenha tido um grande sofrimento, em Nantes. Tanto mais o penso, quanto, por duas vezes me escreveu em termos bastante obscuros. Se ela já voltou, deve ter encontrado uma carta minha na qual lhe testemunhava meu pesar pela aflição na qual me parecia estar.

Suplico-vos, humildemente, senhor Abade, a caridade de nos avisar se poderemos fazer alguma coisa para aliviá-la e também contar-nos o que tiverdes sabido acerca do estado das coisas de Nantes, com relação às Irmãs,

Os senhores Administradores de nosso Hospital afinal se decidiram a pedir-nos mais três Irmãs, sem explicar-nos o que se propunham dar-nos para os gastos da viagem; não é somente isso, senhor, que nos faz não podermos, no momento, enviá-las, senão o grande número de doentes, em toda parte, que nos tirou quase tudo o que tínhamos para mandar, imediatamente, a Angers. Não saberia como revelar-lhe o desgosto que isto me causa, como também o não po-

---

(2) *Os Administradores do Hospital.*

(3) *Monsenhor Henrique Arnauld (ver C. 356 n. 2).*

C. 386 Rc. 4. *Carta autógrafa.*

(1) *Joana Lepintre, Irmã Servente de Nantes.*

(2) *A transferência de Irmã Margarida Moreau (ver carta anterior).*

dermos prometer, tão cedo, Irmãs para Château-Gontier. Tão logo Deus me conceda a graça de poder estar com o senhor Padre Vicente, comunicar-lhe-ei tudo.

Quanto à proposta de dar uma Irmã para a Casa religiosa que a deseja, isto não podemos fazê-lo. Suplico-vos, humildemente, explicá-lo a estas boas Religiosas. Permitti-me, senhor, recomendar a vossos santos sacrificios e orações o meu filho que está gravemente doente, e, reiterar-me ser, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

P.S. - Esquecia-me de dizer-vos que transmitti ao senhor Padre Vicente, a proposta de mudança que, segundo vossa opinião, deve ser feita; ele é de parecer que se tem de resolver isso.

C. 387 (L. 334)

*À Irmã Ana Hardemont (1)*  
*Nantes*

(pelo mês de outubro de 1651)

Minha querida Irmã,

Será possível que não recebestes uma longa carta que vos escrevi tão logo chegastes a Nantes? Nela vos falava do modo como me parecia deverdes comportar-vos com as Irmãs, porque nunca vos encontrastes em semelhante situação (2). É verdade que, desde então, creio, não mais vos haver escrito. Peço-vos perdão por isso, pois recebi vossas duas cartas. Asseguro-vos não ter tempo para fazer tudo o que deveria, por causa de minhas indisposições e minha preguiça. Rogo-vos peçais perdão ao bom Deus por mim e não penseis que estou aborrecida convosco. Quanto trabalho fizestes para chegar ao estado em que vos encontrais! Espero que isso vos sirva Como sois feliz, querida Irmã, e estou certa de que também o dizeis comigo, por terdes apenas de obedecer! Tendes ocasião de viver excelentes atos de mansidão, de submissão, de dobrar vossas próprias vontades, se ainda algumas vos restarem. Considerarei este tempo como muito precioso, vo-lo peço, porque sei que vos servirá de consolo quando tiver passado. Em meu nome cumprimentai a Irmã Henriqueta (3) e dizei-lhe que eu acredito, embora de brincadeira, que somente a viagem de Mada-

---

C. 387 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Ana Hardemont (ver C. 120 n.2). De Hennebont, foi para Nantes.

(2) Ana Hardemont sempre fora Irmã Servente.

(3) Henriqueta Gesseume (ver C. 86 n. 1); o senhor Padre Vicente lhe havia pedido que fosse para Hennebont, como Irmã Servente.

gascar, poderia assustá-la. Ah! bendita viagem, querida Irmã, penso não haver mais de 1.000 a 1.200 léguas daqui!

Todas as Irmãs vos saúdam mui cordialmente, porém, sobretudo aquelas a quem escrevestes e lhes enviastes recomendações. Custa-lhes muito tempo e são pouco sábias que, não poderão responder, pelo menos ainda! Recebei, entretanto, sua boa vontade e crede-me, no amor de Jesus Crucificado, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Recomendações a todas as Irmãs. Suplico a Deus fazer-vos a graça de conservar o que vos concedeu no Jubileu. (4)

C. 388 (L. 354)

*À minha querida Irmã Juliana Loret (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Chars*

Hoje, 6 de outubro de (1651)

Minha querida Irmã,

Dou graças a Deus, por todas as que Sua bondade concedeu à nossa falecida Irmã que, segundo me parece, em pouco tempo, trabalhou muito na perfeição à qual Deus a destinara. Sois muito feliz por haverdes podido prestar-lhe esse serviço e suplico a Nosso Senhor, recompensar-vos eternamente. Porém, rogo-vos que vos modereis um pouco e cuideis de vossa saúde, e, para isso penso terdes necessidade de exercício. Se escutardes a Irmã Philippe (2), ela empreenderá tudo e nada a deterá, até cair doente. Por isso, querida Irmã, rogo-vos que ora ela, ora vós, vos encarregueis da escola e façais o serviço de casa, enquanto a outra se encarregará dos doentes de fora. Assim o fazem nossas Irmãs, por toda a parte, e, uma das mágoas que tenho de Chars é que nossas Irmãs não se acostumaram a procurar as ocasiões de servir os doentes das aldeias circunvizinhas. Isto me faz temer que nossa permanência nesse lugar se nos torne em confusão.

De coração, agradeço-vos as belas e gostosas maçãs que nos mandastes. Parece-me que uma vez me dissetes que deverieis fazer mel. Informai-vos, por favor, se esse mel branco é natural ou se há uma maneira especial de torná-lo as-

---

C. 388 Rc. 3. A mesma letra da C. 366. Data e assinatura de Luisa de Marillac.

(1) Juliana Loret (ver C. 253 n. 1).

(2) Philippe Bailly (ver C. 397 n. 2).

sim, por que, como o açúcar está encarecendo tanto, poder-se-ia utilizar dele para fazer xaropes e até doces de calda. Mando-vos meia libra de catolicão (3), uma libra de sene (4) e quarto de libra de alcaçuz (5). Se precisardes de mais alguma coisa, vos mandarei. Irmã Margarida (6) fará as contas do que tereis de entregar às famílias das amas de leite. Por favor, dizei-me como está aquela criança e tende o cuidado de no-la trazer no prazo determinado.

Sou no amor de Nosso Senhor, minha querida Irmã, vossa muito humilde Irmã e serva.

P.S. - Agradeço-vos a caridade que tivestes para com meu filho; está melhor, graças a Deus. Ajudai-me a agradecer-Lhe!

C. 389 (L. 330)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 24 de outubro de (1651)

Senhor Abade,

Penso que Irmã Joana Lepintre (1) tenha recobrado novas forças, de que precisava, nesta sua breve passagem por aí. Agradeço-vos, muito humildemente, senhor Abade, a caridade que tivestes com uma e com outra. Far-me-eis um grande favor, se tomardes o trabalho de dizer-me em que disposição de espírito se encontra a Irmã Joana para poder permanecer mais tempo em Nantes ou se achais conveniente transferi-la e fazer com que venha um pouco a Paris. Tempos atrás, ela me manifestou esse desejo; porém, de lá para cá, tenho a impressão de que não me fala com a mesma franqueza e tem algum aborrecimento, mas não consigo chegar a saber o motivo.

Conversei com o Senhor Padre Vicente a respeito de Irmã Margarida Mo-

---

(3) *Catolicão, antiga panacéia purgativa. (Nota da tradutora).*

(4) *Sene, designação comum à várias espécies do gênero Cassia, da família das leguminosas, de cujas pequenas folhas se estrai um purgativo empregado na medicina clássica. (Nota da Tradutora).*

(5) *Alcaçuz, arbusto da família das leguminosas, cuja raiz, doce, é medicinal. (Nota da Tradutora).*

(6) *Margarida de Vienne, da Casa Mãe (Ver C. 155 n. 7).*

C. 389 Rc. 4. *Carta autógrafa.*

(1) *Joana Lepintre, Irmã Servente em Nantes, havia ido passar uns dias em Angers, com Irmã Henriqueta Gesseume.*

reau (2) e, ele é de parecer que a façamos vir, a esta cidade, porque esteve pouco na Casa Mãe e também por outros motivos. Atrever-me-ia, senhor, a pedir-vos, com toda humildade, e, por amor de Deus, que a ajudasse a se preparar para isso? Entregarei o dinheiro da viagem às três Irmãs (3) que irão, em breve, para Angers. Os senhores Administradores já nos manifestaram sua intenção quanto às despesas da viagem. É verdade, senhor, que Irmã Henriqueta (4) está na disposição que percebestes. Queira Deus que dure muito tempo, No meio de suas fraquezas é sempre visível sua firmeza no bem.

Alegra-me muito que a senhorita Maria Gonain (5) esteja, finalmente, no exercício da caridade de que tanto gosta e que o Hospital de Château-Gontier seja atendido por essas boas moças, que tão dignamente desempenham o serviço dos doentes. O temor de perdermos a pobre Irmã Joana (6) faz-nos ainda diferir o dispormos dela como pensa o senhor Le Mercier (7). Talvez, senhor o exemplo das Irmãs que vamos enviar, sirva àquelas que necessitam de estímulo. Agradeço-vos, senhor tenhais dissuadido a nossas Irmãs, de entrarem na Santa Maria, pelas razões que conheceis. Também sabeis que, não há outra, senão por parte de nossas Irmãs, e tomo a liberdade de vo-las recomendar, por causa da necessidade que temos de que continueis vossa caridade para com elas. Receio muito que nossa Irmã Cecília (8) esteja tomando demasiada liberdade com o senhor Bispo de Angers. Em nome de Deus, senhor, fazei o favor de lhe dar o conselho de que necessita neste caso. É tão agradável subir-se além do que se deve, sem se perceber! E, a mim me parece, é grande caridade fazer-se a pessoa ver isso! Assim o espero de vossa vontade. Dai-me a honra de crer-me no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

---

(2) Margarida Moreau (ver C. 317 n. 3).

(3) Maria Donion, Michelle e Joana Maria Ceintereau.

(4) Henriqueta Gesseau (ver C. 86 n. 1).

(5) Maria Gonain (ver C. 137 n. 2).

(6) Para Joana é difícil integrar-se na vida comunitária. O Conselho de Junho de 1647 fala em despedi-la. (Coste XIII, 644).

(7) O senhor Le Mercier, confessor das Irmãs.

(8) Cecília Angiboust, Irmã Servente. (ver C. 36 n. 2) A 19 de setembro de 1651, os Administradores escrevem a Luísa de Marillac pedindo-lhe que a retirasse de lá, porque fazia mais caso do Bispo do que deles.

*Para Irmã Juliana (Loret)*  
*Chars*

(outubro de 1651)

Mui querida Irmã,

A bondade de vosso coração é grande demais para que seus efeitos possam ser maus. Apresento-vos meus mais expressivos agradecimentos por dar-nos, com freqüência, notícias vossas.

O senhor Padre Portail encontrou-se aqui com o vosso bom senhor Vigário e, em seguida, prometeu-lhe que lhe arranjará lugar para o Retiro, apesar do grande número de retirantes.

Louvo a Deus, com todo meu coração, por vossa saúde e admiro vossas gostosas frutas. Porém, querida Irmã, por favor, vo-lo peço, não prejudiqueis vossos Pobres; antes de mais nada, olhai sempre suas necessidades e dai-lhe o melhor que tiverdes, porque lhes pertence. Tenho certeza, querida Irmã, de que não deixais de agir assim.

Não sei se vos contei que meu filho parece estar completamente curado, mas ainda não saiu da casa, nem come carne no jantar. Peço-vos agradecer a Deus por mim. A Irmã Philippe (1) rogo que seja sempre muito alegre e modesta. Crede-me, as duas, no Amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Todos as Irmãs vos cumprimentam, bem como os nossos Reverendos Padres que muito se alegram de saber notícias vossas.

---

C. 380 Rc. 3. *Cata autógrafa.*

(1) *Philippe Bailly (ver C. 397 n. 2).*

*À minha querida Irmã: Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Nantes*

Novembro de (1651)

Mui querida Irmã,

Finalmente, fizestes boa viagem! (1) Louvo a Deus por isso, com todo o meu coração. Parece-me que Irmã Henriqueta voltou contente e não me dissestes nada!

Mostrei vossa carta ao senhor Padre Vicente, como o desejastes; ainda a tem em seu poder, razão por que, minha Irmã, talvez não me refira a tudo o que me comunicastes, por não me lembrar, no momento, de todas as coisas. Não deixeis de falar-me de novo, sobre o que ficar sem resposta.

Gostaria, querida Irmã, que prestásseis atenção às disposições de espírito e às capacidades de todas as Irmãs dessa querida família e me indicásseis qual delas vos pareça ser mais apta para ir ocupar o lugar de Irmã Ana (2). A princípio pensei que ela poderia voltar para lá, porém, depois, soube que é melhor não voltar. Ela vos agrada? Dizei-me, por favor: em que a empregariéis? Que achais disso?

Tenho grande vontade de saber, querida Irmã, se vossa ida a Angers vos fez achar melhor a permanência em Nantes, onde Deus vos tem dado tantas bênçãos, ainda que em caminhos de espinhos e cruz.

Mandai-me, vo-lo peço, os nomes e lugares de origem de nossas Irmãs e se sois dez, agora que a Irmã Ana está aí e se os senhores Administradores nada disseram disso.

Cumprimentai, em meu nome, a Irmã Henriqueta (3) e dizei-lhe que sua carta me causou muito prazer. Espero que continue nos dando, de vez em quando, suas notícias. Hoje, me é impossível escrever-lhe. Parece-me que, há muito tempo, Irmã Marta (4) não nos dá nem uma palavra e, quero muito saber dela, se

---

*C. 391 Rc. 3. Carta autógrafa.*

*(1) Joana Lepintre e Henriqueta Gesseaume foram passar uns dias em Angers.*

*(2) Ana Hardemont que se achava em Nantes.*

*(3) Henriqueta Gesseaume a quem o senhor Padre Vicente havia escrito que fosse para Hennebont, como Irmã Servente, embora deixando-a em liberdade de aceitar ou não (ver carta em Coste IV, 240).*

*(4) Marta Dauteuil (ver C. 178 n. 1).*

continua sendo forte e animada. E, sobretudo, gostaria de saber de todas as nossas Irmãs são fiéis à sua vocação. Assim o desejo, de todo coração. Lembrai-vos de nós em vossas orações, como o espero do estreito vínculo com o qual Nosso Senhor nos uniu e que durará por toda a eternidade, que é seu santo Amor, no qual sou, vossa humilde e obediente irmã e serva.

C. 392 (L. 405)

*(À Irmã Cecília Angiboust) (1)*  
*(Angers)*

(pelo ano de 1651)

Minha querida Irmã,

Desta vez, achei extremamente longo o tempo em que fiquei esperando por vossas notícias. Louvo a Deus, de todo coração, por não ter havido outra causa que vos impedisse de mas enviar, senão vossas santas ocupações. Muito desejo que o santo amor de Deus vo-las torne meritórias e que Ele continue derramando suas graças sobre todas as nossas Irmãs para se conservarem no estado de que me falais. Eu as abraço, a todas, afetuosamente, e peço-lhes que, com frequência, dirijam o olhar para a eternidade, a fim de que, a esperança das rosas as console dos espinhos. É preciso trabalhar para conseguir a igualdade de ânimo e a paz interior em todas as circunstâncias que possam se apresentar; isso parece ser extremamente difícil. Porém, para alcançá-lo, podemos servir-nos de dois ou três meios que muito nos ajudarão. E são, queridas Irmãs, o hábito de receber os motivos de descontentamento como vindos da mão de Deus, que é nosso Pai e sabe o que nos convém. O outro é pensar que a tristeza que pode nos envolver não durará sempre; decorridas algumas horas, o sentimento que nos domina será diferente do atual. E o terceiro meio para conservar a paz no meio de nossas pequenas tribulações é pensar que Deus vê nosso estado e, se o amamos por amor dele e para cumprir sua santíssima vontade, aquilo que agora nos causa-se muita pena, se converteria, depois, em grande consolação. E isto é uma verdade absoluta! Não pensemos, pois, senão, em fazer o bem para agradar a Deus; a carência de ajuda exterior, por parte das criaturas, nos servirá para caminhar na perfeição do santo amor. Queridas Irmãs, sabeis o que faz Nosso Senhor

---

C. 392 Ms. A. *Irmã Chétif*, 1. n. 14. *Cópia*.

(1) *Carta copiada por Margarida Chétif (série Angers). Como já o dissemos, os Administradores do Hospital pediram a transferência de Cecília Angiboust, em carta de setembro de 1651.*

quando uma alma se acha abandonada e desprovida de toda consolação e ajuda das criaturas e, ao mesmo tempo, feliz e animada a fazer dessa situação o uso que acabo de indicar? Compraz-se em ser Ele mesmo a cara direção de tais almas. Ainda que não sentissem essa assistência, poderiam estar certas de que Deus não permitiria que nada fizessem que Lhe desagradasse; isso é tudo o que podemos desejar.

Recomendo todas as Irmãs às vossas orações e também a mim que sou, em Nosso Senhor, caríssima Irmã, vossa humilde (Irmã e Serva.)

C. 393 (L. 494)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 12 de (novembro de 1651)

Senhor,

Não vos saberia expressar o consolo que experimentei ao receber vossa prezada carta; já pensava que havia merecido não mais ter essa honra, e, acreditava, por outro lado, que vossas importantes ocupações tomavam todo o vosso tempo. Suplico a Deus, senhor Abade, conservar vossa saúde em meio a tanto trabalho e fazer com que possamos ter a felicidade de ver-vos por aqui. Estava receando que se urdia alguma perseguição contra nossas Irmãs. O senhor Leheurt (1) que nos veio visitar, me falou muito mal delas, em particular da Irmã Cecília (2), dizendo que se imiscuiam em acusar esses Senhores, fazendo perguntas aos penitentes, depois de se haverem confessado e várias outras coisas desta natureza. Eu vos suplico, muito humildemente, senhor Abade, se é que não conheceis os motivos dessas queixas, vos deis ao trabalho de informar-vos para que, aqui, possamos conhecer a verdade. Peço-vos também, senhor, nos façais a caridade de ver qual (3) de nossas Irmãs tem mais dotes de espírito para dirigir, a fim de que possamos dá-la como auxiliar à nossa Irmã, caso Deus se digne restituir-lhe a saúde. Ou, então, ocupar, ainda que temporariamente, seu lugar, se o senhor Padre Vicente julgar conveniente destitui-la do cargo durante certo tempo para aliviá-la e também para prová-la um pouco. Espero vos-

---

C. 393 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) Senhor Leheurt, Administrador do Hospital.

(2) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2).

(3) Elisabeth Brocard é que será nomeada Assistente (ver C. 273 n.).

sa chegada para saber o que pensais a este respeito, suplicando recomendar este assunto a Nosso Senhor, em cujo Amor, sou, senhor, vossa humilde e obediente serva.

P.S. - Rogo-vos, humildemente, senhor, recomendar a Deus a questão importante da retirada de nossas Irmãs de Nantes. O senhor Padre Vicente está quase resolvido a fazê-lo, em breve. Dir-vos-ei os motivos, quando tiver a honra de vos ver. Permitti-me, senhor Abade, recomendar-me a vossos santos sacrificios e orações.

C. 394 (L. 333)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, dia de Santa Catarina, [1651]

Meu Honoratíssimo Pai;

Não encontrei nenhum papel referente ao estabelecimento (1), mas eu me recorde de que, um dia (2), vossa caridade se deu ao trabalho de ler-nos o requerimento que havia apresentado ao senhor Arcebispo de Paris, seguido de nosso regulamento. E, pensando que deveríamos conservá-lo, vo-lo pedi. Creio que o motivo pelo qual não o tivemos em mãos, foi porque faltava algo a acrescentar. (3)

Minha miséria e o conhecimento que tenho dos obstáculos que oponho à graça sobre esta Companhia, sempre me fizeram pensar que, para a perfeição de seu estabelecimento seria de desejar que outra ocupasse meu lugar. Ela serviria de exemplo por suas virtudes e exatidão à observância das regras e fomentaria bons hábitos entre todas as Filhas da Caridade. Várias vezes me pareceu que, por falta disso a Providência vem diferindo sua ereção.

As razões que me fizeram, por várias vezes duvidar se Deus quiereria seu estabelecimento ou (então), deixar que subsistisse a obra até que por si mesma desaparecesse por causa das desordens particulares, são, em primeiro lugar, a

---

C. 394 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: novembro de 1657.

(1) Estabelecimento ou ereção da Companhia.

(2) A 30 de maio de 1647 (Coste IX, 324).

(3) O decreto de aprovação de 1645 (ver acontecimentos importantes deste ano) mencionava que as Filhas da Caridade ficavam sob a jurisdição do Arcebispo de Paris. Luísa de Marillac insistiu repetidamente para que a Companhia dependesse do Superior Geral da Congregação da Missão. (ver cartas 181 e 228)

morte prematura de muitos bons elementos que teriam podido sustentá-la.

Uma outra é que, uma vez estabelecidas, as Irmãs, se elevariam muito acima do que são e se tornariam auto-suficientes, em seu trabalho.

Terceira e quarta razão são a experiência que temos de que já são três ou quatro que saíram, com vontade de casar-se, e, por conseguinte, adquiriram, na Companhia, esses pensamentos que podiam aproximá-las da impureza, delitosa grave que haveria de perder toda a Companhia se aí fosse cometido, pois ela deve estabelecer-se com o intuito de honrar Nosso Senhor e a Santíssima Virgem que são a própria pureza.

Uma última razão são os defeitos particulares de nossas Irmãs, o pouco progresso na perfeição, sobretudo na mortificação dos sentidos e paixões.

O que pode me dar motivos para pensar que Deus quer a ereção (da Companhia) é a excelência da obra em si mesma e as bênçãos que sua misericórdia lhe tem outorgado até o presente.

A direção da divina Providência para formá-la, em todos os seus aspectos.

A liberdade que os Superiores têm de despedir da Companhia os elementos que poderiam estragá-la e, do mesmo modo, a liberdade que cada uma tem de retirar-se.

Um outro motivo que pode inclinar-nos a crer que Deus queira seu estabelecimento é que, como o principal dos bens temporais está implicado em outra boa obra, que no futuro, poderá ser desejada ou até, serem encontradas razões suficientes para que seja proposta a sua destruição total e assim, a glória que Deus talvez quisesse tirar dela, acabasse mais depressa que seus desígnios, se se Lhe tivesse sido fiel (4). E o mais forte motivo para que se acredite na necessidade de sua ereção é que, se não for feita pelo instituidor de quem Deus se serviu para iniciá-la, não se pode crer que seus sucessores jamais se atrevam a fazê-lo. Suplico à bondade de Deus que continue derramando Suas luzes, Sua direção sobre sua obra, remova os obstáculos e dê a conhecer sua vontade sobre as intenções das que quiseram a ela associar-se.

Estendi-me muito, pelo que vos peço, humildemente, perdão. Eis o nosso primeiro regulamento. Penso ter sido o que foi apresentado ao senhor Arcebispo, ou pelo menos, um igual. Para minha grande confusão, não o pratico, como também, o é para mim, chamar-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e obediente serva.

P.S. - Penso que o Irmão Ducourneau poderá encontrar a cópia ou o original do requerimento apresentado, juntamente com a ata de ereção que, segundo creio, jamais a tivemos.

---

*(4) Esta passagem é de difícil interpretação. A primeira frase parece aludir à mesma idéia contida no final do primeiro parágrafo da carta 228. (Nota da tradutora)*



*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 2 de dezembro de (1651)

Senhor Abade,

Se não fosse porque, no mundo, é comum perseguir-se aqueles que não seguem suas máximas, ficaria assombrada vendo que há quem se atreva a propagar tão negras maldades, como as que são criticadas nas pessoas que buscam somente os meios de fazer com que Deus seja, em tudo, glorificado. É essa bondade divina, senhor Abade, que vos dá a graça de fazer bom uso das calúnias do momento. Posso afirmar-vos que eu nada ouvira: absolutamente! Mas ao contrário, disseram-me que quando tudo se fazia para se ter um Bispo (1) segundo a vontade de Deus, foi declarado em alta voz e na presença do senhor Padre Vicente que, quando se fala mal de alguém e não se encontram provas, nem autor, trata-se de pura calúnia. Parece-me, senhor, estar isto muito afastado do que se falou em Angers.

Penso, realmente, que o grande trabalho e agitação que têm nossas Irmãs por sua falta de saúde, em parte, poderia muito bem impedir que seu interior não fosse tão bem pautado. Porém, senhor, se elas se acostumassem a fazer as ações na presença de Deus e se desligassem um pouco dos pensamentos que as centram demasiadamente em si mesmas, de onde, a meu ver, nasce boa parte de seus desentendimentos e desgostos...

Sempre vos somos muito agradecidas, senhor, pelos cuidados/ que vossa caridade tem para com elas, o que nos obriga também, a suplicar ao Divino Amor seja vossa eterna recompensa, e a ser eu mesma nesse divino amor, vossa muito obediente e humilde filha e serva.

---

C. 395 Rc. 4. Carta Autógrafa.

(1) Dom Henrique Arnould (ver C. 356 n. 2). Suas frequentes visitas ao Hospital eram criticadas.

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, dia de São Tomé [1651]

Meu Honoratíssimo Pai,

Não poderia deixar passar este dia sem lembrar a vossa caridade que faz hoje vinte e seis anos que a divina Providência me colocou em estado de viuvez corporal e me concedeu a graça de infundir-me o desejo de permanecer unida a Ele para o tempo e para a eternidade. Por favor, dai-me, por este motivo, vossa bênção e fazei-me a caridade de oferecer-me, novamente, à bondade divina. Se não fosse eu tão infiel a meu Santo Anjo, ele vos teria recordado isso, esta manhã.

Estou vos devolvendo a carta do senhor Capelão de Nantes. Creio não me enganar, achando que algumas pessoas de lá consideram que seria conveniente o afastamento de nossa Irmã Joana (1); porém, pensaríeis, meu Honoratíssimo Pai, Enviá-la a Saint-Malo? Perdoai-me a veemência com que externo meus sentimentos. Segue também a carta de nossa querida Irmã Joana e a de Irmã Henriqueta (2), vê-la-eis plena de submissão (para ir) para Hennebont.

Não sei se vossa caridade se deu ao trabalho de ler a carta do senhor Cura de Nanteuil; vo-la envio também; creio que está aborrecido porque a senhora Marechala de Schomberg (3) escuta as Irmãs, que, atualmente, se opõem, segundo creio, ao senhor Cura, para impedir que ele coloque como guarda do Hospital um mendigo, com medo de que as desordens aí existentes, há muito tempo, continuem. Vede a carta que nossas Irmãs me escreveram sobre o assunto, carta que, se achardes conveniente, enviarei à senhora Marechala de Schomberg.

Permiti-me, meu Honoratíssimo Pai, pelo amor de Deus, fazer minha pequena revisão (de consciência), antes do Natal, isto é, na sexta-feira, sábado ou domingo, que é a véspera, à hora que vos convier.

Está aqui conosco, a senhorita Guérin, vossa antiga vizinha de Bons Enfants, a qual, no espaço de um mês, perdeu no dizer do mundo, os dois filhos de grande virtude e esperanças; um deles, Religioso professor em Santa Geneveva; o outro, Conselheiro no Parlamento. Deseja muito ter a honra de ver-vos.

---

C. 396 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: janeiro de 1652.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).

(2) Henriqueta Gesseume (ver C. 86 n. 1) a quem, como o vimos, o Padre Vicente havia proposto ir para Hennebont.

(3) Senhora de Schomberg (ver C. 302 n. 3).

Sabeis que é uma pessoa que não vos prenderá senão o tempo que lhe puderdes conceder e também sabeis que sou, embora indigna, meu Honoratíssimo Pai, vossa humilde e agradecida filha e serva.

P.S. - O rapaz, que chegou de Nantes, pediu-me dizer a vossa caridade que se lembre dele.

Esquecia-me de apresentar-vos as respeitosas saudações do senhor e senhora de Liancourt (4).

C. 397 (L. 336)

*Para minha querida Irmã Juliana (Loret) (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Chars*

(dezembro de 1651)

Minha querida Irmã,

Surpreendeis-me muitíssimo dizendo-me não terdes recebido notícias nossas. Sou eu que devo me queixar, pois, por duas vezes vos pedi o favor de perguntar à Irmã Philippe o que ela comprou na barraca de comestível, quando estava em São Nicolau des Champs e o que ficou devendo, porque estão nos cobrando com insistência. Muito enganada estarei se não vos enviamos as drogas para o unguento; estamos vos mandando mais. Peço-vos, querida Irmã, que me informeis, sem demora, o que vos responder a Irmã Philippe (2), a quem dirigi algumas repreensões na última carta que vos enviei, porque não me escreve. Dizei-lhe que desejo o faça, dando-me, com simplicidade, as suas notícias. Espero as vossas mais extensas, como me prometestes e suplico a Nosso Senhor seja vossa força e consolação e vos dê um bom "ofício" (3) junto a seu Presépio. Em seu santíssimo amor, sou, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

---

(4) Senhora de Liancourt (ver C. 5 n. 2).

C. 397 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Juliana Loret (ver C. 253 n. 1).

(2) Philippe Bailly, de Vitry-le-François. Em 1647, a encontramos em Sait-Germain-en-Laye, depois na Paróquia de São Nicolau des Champs. Em 1651, é enviada a Chars, onde passa uns dois anos. Depois é colocada na Casa Mãe e assina a Ata de ereção da Companhia em 1655. Em 1660, é nomeada Despenseira.

(3) No Natal, cada Irmã recebia uma pequena estampa, com um "ofício", no Presépio. Por exemplo: o ofício do boi, do burro, da estrela, do pastor, de Maria, etc. Cada um deles tinha seu significado espiritual. (Nota da tradutora).

*À minha querida Irmã Cecília Inês (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes,  
no Hospital São João Evangelista de Angers*

Hoje, 30 de dezembro de (1651)

Minha querida Irmã,

Sinto muito haver demorado tanto em comunicar-vos a alegre chegada de Irmã Margarida (2); (demora causada), em parte, pelas festas e também por minhas enfermidades. Ela já me contou tudo quanto desejáveis. Peço-vos que sua lembrança vos ajude a ter grande tolerância umas com as outras, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos ensina esta virtude como sinal de que Lhe pertencemos. Para isso, querida Irmã, rogo-vos não façais juízo definitivo sobre as últimas (que chegaram) (3). Sabeis que as mudanças são sempre difíceis e é preciso tempo para se aprender os costumes, o modo de servir bem e habilmente os pobres. Tudo o que vos posso dizer delas é que todas têm muito boa vontade e fizeram o bem nos lugares onde estavam. Porém, querida Irmã, é preciso não se pensar que, por haver dito as coisas, talvez umas doze vezes, seja suficiente. Sabeis que a memória não nos é fiel; por isso, minha cara Irmã, exercitai um pouco vossa paciência não somente com as últimas, mas, com todas, em geral, e isso, com grande doçura, condescendência e discrição e, sobretudo, grande reserva, para não dizer o que pensa, nem o que sabe de uma a outras. É necessário que as Irmãs Serventes sejam mortas a si mesmas para desempenharem bem o seu cargo.

Ah! se conhecêssemos bem nossas obrigações, como temeríamos o peso dos cargos que nos quiséssemos confiar e como levaríamos a nosso serviço às Companheiras, o medo que deveríamos ter de não valermos nem para nós mesmas! E assim, o exercício (de paciência) que lhes damos por causa de nossas misérias, a elas lhes será proveitoso para sua salvação e Deus será glorificado, porém, a nós, isso nos servirá de humilhação eterna, como o merecemos, se não tivermos feito uso de nosso officio segundo os designios de Deus (4). Não vos di-

---

C. 398 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Cecília Angiboust* (ver C. 36 n. 2).

(2) *Margarida Moreau* (ver C. 317 n. 3).

(3) *As três Irmãs que chegaram nos primeiros dias de novembro: Maria Donion, Michelle e Joanna Maria.*

(4) *Parágrafo de mui difícil compreensão. (Nota de tradutora).*

go tais coisas, querida Irmã, porque tenha conhecimento de algo vosso em particular; falo, em geral de todas que têm cargo e, mais que ninguém, de mim mesma, pois tenho sobejos motivos para temer. Humilhem-nos, profundamente, abaixo de todas para tratar assim de pôr-nos em seguro, e, sobretudo, demônus, inteiramente, a Deus para sofrer todas as humilhações de que tanto necessita nossa soberba, para que não nos coloque em risco de perder-nos.

Às Irmãs antigas dessa casa, lhes peço que renovem sua coragem, ponham em prática um dos principais pontos de nosso regulamento, que é o de não se comunicarem mutuamente suas penas, nem conversar com curiosidade sobre as disposições em que estão umas e as outras. Pelo que se refere ao confessor, em nome de Deus, queridas Irmãs, ponde-vos na disposição de fazer inteiramente o que o senhor Abade de Vaux vos aconselhar. Tende grande respeito para com o senhor Bispo de Angers (5). Não abuseis da honra que vos dispensa tratando-vos familiarmente; admirai sua humildade e maravilhai-vos de que Deus vos haja escolhido para fazer de vós o que sois: preparai-vos para comprar essa honra que não mereceis, com as humilhações do emprego em que vos vedes colocadas, quando Deus vos fizer a misericórdia de tirar-vos o que agora tendes. Perdoai-me, querida Irmã, por partilhar convosco os avisos que Deus me dá a mim mesma; é o cordial afeto que tenho por vós que me faz falar dessa maneira.

Recomendo às vossas orações a alma da boa senhora Presidenta Lamoignon (6), a quem Deus levou deste mundo, nesta noite, para fazê-la gozar da glória que o Filho de Deus nos mereceu, com recompensa de suas três principais virtudes: a santa simplicidade, a humildade perfeita e sua grande caridade e liberalidade. Depois de haver rogado por ela como a Igreja no-lo ordena, peçamos-lhe, em particular, cada uma, que nos alcance, da bondade de Deus, essas três virtudes, para (Sua) glória. Comunicai esta morte ao senhor Abade e ao senhor Ratier, cumprimentando-os e excusando-me por não ter, hoje, a honra de escrever-lhes.

Minhas recomendações a todas, queridas Irmãs; crede-me, de coração, no amor de Jesus Crucificado, vossa muito humilde e afetuosíssima irmã e serva.

---

(5) Dom Henrique Arnould (ver C. 355 n. 2).

(6) Senhora de Lamoignon (ver C. 87 n. 1).

C. 399 (L. 281)

*Para a Irmã Bárbara Angiboust  
em São Dionísio*

Hoje, quinta-feira, à tarde (pelo ano de 1651)

Minha querida Irmã,

Assim que receberdes a presente, rogo-vos façais partir a Irmã Joana, para vir conosco. É ordem do senhor Padre Vicente, por isto, vos peço que não haja retardamento. Mandar-vos-ei outra Irmã, se Deus quiser e a Ele rogo conservar-vos em seu santo amor. Vossa, querida Irmã, humilde irmã e serva.

C. 400 (L. 287 bis)

*(À Irmã Cecília Angiboust) (1)*

(pelo ano de 1651)

Pensai que Deus permite semelhante coisa, num Retiro, a fim de melhor prepará-la. Queremos ser mercenárias e esperar que as ocasiões nos forcem a ser fiéis a Deus? Ou não conhecemos o que Deus nos pede?

Em verdade, não sabemos que Ele quer que nos desprezemos, nos humilhe-mos, tenhamos grande tolerância umas para com as outras, ponhamos muito cuidado em não contristar nenhuma de nossas Irmãs, fazendo-lhes e dizendo-lhes tudo quanto pensamos lhes possa ser agradável, vencendo-nos para não demonstrar nossos sentimentos quando forem contrários aos de outras? E porque sabemos que todas estas práticas agradam a nosso bom Deus, façamos assim por seu santo amor.

---

C. 399 Rc. 3. Carta autógrafa.

C. 400 Ms. Irmã Chétif, 1 n. 15. Cópia.

(1) Carta copiada por Margarida Chétif, série Angers.

*Ao senhor Padre Vicente*

(pelo ano de 1651) (1)

Quando se fala de permissões pedidas à Irmã Assistente, não seria preciso acrescentar, sempre, “na ausência da Diretora”? E esta denominação de “Diretora (2) está bem? A leitura que se manda seja feita todos os meses, não seria melhor que fosse todas as semanas?

Seria muito necessário que as irmãs das paróquias não se visitassem, a não ser em caso de enfermidade: seria conveniente fazer um artigo sobre isto?

Eis aí, meu Honoratíssimo Pai, o que pude observar; porém, em nome de Deus, não leveis em conta nem as anotações, nem minhas observações; ordenai antes o que acreditais que Deus nos pede, acrescentando as máximas e instruções que nos possam servir de estímulo e conservar-nos ligados e fiéis à observação de todos os pontos da regra, porque me parece que nós tal como somos, não prestamos muita atenção às nossas obrigações, não acreditando que as temos.

Por bondade, dai-nos vossa bênção a todas as vossas pobres filhas, e para a “Servente” de todas, pedi ao bom Deus, a misericórdia de que necessita para ser, verdadeiramente, meu Honoratíssimo Pai, vossa pobre filha e muito agradecida serva.

1652

*Os motins da Fronde recrudescem; derrota de Condé às portas de Paris.*

*Grave enfermidade de Luísa de Marillac.*

*Estabelecimento das Filhas da Caridade em Brienne, Varize.*

*Envio das primeiras Filhas da Caridade a Varsóvia (Polónia).*

---

C. 401 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Estudo ou observações feitos por Luísa de Marillac, ao regulamento que está sendo redigido.

(2) Nome dado à Superiora Geral, nos documentos oficiais.

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Chars*

Hoje, 7 de janeiro de 1652

Minha mui querida Irmã,

Agradecemos de todo o coração, os vossos apreciados presentes de Ano Novo, que não reparto com as Irmãs porque penso se tratar de estampas vossas de anos anteriores, conforme o que neles está escrito e, não é razoável. Quanto aos excelentes bolos, a Comunidade vai lembrar-se de vós, ao saboreá-los; porém, a Irmãzinha (1) ainda não tem dentes para o fazer.

Seguem os presentes de Ano Novo, para as duas: dois indicados pela Providência, por meio de sorte e uma imagenzinha de Santa Juliana que não quis que entrasse no sorteio, com medo de que não saísse para vós; parece-me serem raras (tais imagens).

Rogo-vos, queridas Irmãs, que não descontenteis a senhora do recebedor e que deixeis agir o senhor Cura quanto ao que se refere à ordem que deveis observar para receber dinheiro e anotar o que gastardes. Sede porém muito exatas em não tomar em proveito próprio nada que pertença aos pobres; e se criais alguns animais para utilidade vossa, sede também exatíssimas em pagar o que gastardes com as rações; se até agora dáveis, em troca, leite ou ovos, seria melhor vendê-los, em vez de usá-los como pagamento de tais gastos. Tende também cuidado em não empregar dinheiro dos pobres com o que gastardes em benefício próprio. Já me falastes da rendeira, porém, receio muito que não nos convenha. Sabeis como é difícil não continuar sendo, em todos os lugares, o que se tem sido até agora.

Quanto ao que se refere ao trigo do qual vos pedem contas, não leveis a mal, porque se assais pão somente para os pobres doentes, uma vez que, ordinariamente, não são numerosos, não podeis consumir grande quantidade; parece-me que seria mais conveniente comprar o pão, se houver padeiro, do que fazê-lo para eles; aliás, seria um alívio para vós.

Louvo a Deus, querida Irmã, de que tenhais encontrado um lugar tão bom para o Menino Jesus; tenho certeza de que fizestes o mesmo para alojá-lo, com nova presença, em vossos corações; rogo, no mais íntimo do meu, que Ele se

---

C. 402 Rc. 3. Carta autógrafa. Endereço escrito com mesma letra da C. 382.

(1) Luisa Renata, a neta de Luisa de Marillac que ainda não tinha três meses.

digne encontrar aí, suas complacências.

Recomendamo-vos a alma de nossa querida Irmã Maria Le Maire, falecida hoje, pelas três da tarde. É aquela que cuidava das Crianças e mancava um pouco. Com ela, muito perdemos, porque sua vida era uma contínua prática de virtudes. É preciso porém, adorar a santíssima vontade de Deus, em todos os seus designios. Também, em Casa, uma Irmã nova, que não conheceis, está gravemente enferma. Recomendo-a às vossas orações. Excusai-me por não vos escrever com maior freqüência. Recebei a cordial saudação de todas as nossas queridas Irmãs e ficai certa de seu afeto, como do meu, que sou, e também de minha querida Irmã Philippe (2), no amor de Nosso Senhor, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde e efetuossíssima serva.

P.S. - Irmã Ménard (3) foi a rainha (4); porém fizestes o que não vistes fazer aqui. Rogo-vos tenhais cuidado em precaver-vos das novidades, sendo perigosas nas Companhias. Nossos pecados são causa de as temermos; tratemos de emendar-nos e peçamos muito para que a misericórdia de Deus se digne aplacar Sua justiça, legitimamente irritada. Agradeço à querida Irmã Philippe por me haver escrito; também lhe escreverei, se Deus quiser. A boa Presidenta, senhora de Lamoignon, foi enterrada na terça-feira. Os pobres opuseram-se a que fosse levada para outro lugar, senão à paróquia de São Lupo.

C. 403 (L. 340)

*À Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes  
Chars*

Hoje, 12 de fevereiro de 1652

Minha querida Irmã,

Sim, é verdade que me acometeu, há três semanas, uma febre terçã dupla e estive muito mal. Agora, estou melhor, graças a Deus. Fiquei muito preocupada por saber de vossa doença e depois, que estáveis de cama. Peço à Irmã Philippe

---

(2) *Philippe Bailly (ver C. 397 n. 2).*

(3) *Margarida Ménard que entrou para a Companhia das Filhas da Caridade no final do ano de 1650.*

(4) *Alusão ao costume de chamar "rei" ou "rainha" à pessoa que encontrasse a "surpresa" na rosca de Reis. A referida surpresa era um embuste.*

C. 403 Rc. 3. *Letra das cartas 303 e 366. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Philippe Bailly (ver C. 397 n. 2).*

(2) dizer-me, com toda a verdade o que há.

Já vos havia avisado que, para prevenir essa doença, seria preciso tomar um purgante. Se estivésseis em condição de enfrentar qualquer estrada, já vos teríamos mandado buscar.

No princípio de minha doença, recebi uma carta vossa em que me pedíeis dez libras de ameixas e duas de arroz; mandei-vos tudo isso, porém, não sei se recebestes, e, me preocupo. Avisai-me o quanto antes. Nada vos mandaremos até nos indicardes um meio mais seguro para vos enviar (as coisas).

Peço-vos rezar por mim. Sou, no amor de Nosso Senhor, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 404 (L. 341)

*À minha querida Irmã Cecília Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
do Hospital de Angers*

Hoje, 17 de fevereiro de (1652)

Minha querida Irmã,

A leitura de todos os sofrimentos e calamidades ocorridos em Angers, causou-me profunda pena por tudo o que os pobres terão de sofrer. Suplico à divina bondade os console e lhes dê o socorro de que necessitam. Também vós, queridas Irmãs, tivestes grande trabalho e dificuldades. Pensastes que era justo que as servas dos pobres sofressem com seus amos e que, cada uma de vós, em particular, merece carregar sua parte nos castigos que Deus envia em geral? Ah! minhas queridas Irmãs, como devemos, frequentemente, refletir sobre isso e perguntar-nos também quem somos, para haver recebido uma das maiores graças que Deus possa conceder a alguma criatura, qualquer que seja sua condição, chamando-nos a seu serviço e que além disso, queiramos ver-nos livres de todo sofrimento! Sim, queridas Irmãs, guardemo-nos deste sinistro pensamento, e, antes admirarmo-nos, sempre, de que Deus nos tenha tirado dos lugares em que tanto teríamos de sofrer com os outros, para proporcionar-nos pão à sociedade e colocar-nos em segurança. Pensai, queridas Irmãs, quanto isso nos obriga à prática das virtudes, para não ter que fazê-lo no outro mundo; não esperemos por isso. Façamos, antes, todo o possível para adquirir as virtudes que Deus nos pede, em agradecimento pelas mercês que sua bondade nos faz todos

---

C. 404 Rc. 3. Carta autógrafa.

os dias. Não sei, queridas Irmãs, se tereis recebido uma carta minha do mês passado, na qual vos falava disto mesmo. Em nome de Deus, rogo-vos esforçar-vos por amar as sólidas virtudes, sobretudo, a humildade e a mansidão. Muitas vezes vos falo delas: é que, há algum tempo, recebi certo aviso de que delas necessárias e que as Damas que vão visitar os doentes desejariam ser bem recebidas. Sabeis, Irmã, como as Irmãs que preparam a colação (1) devem contentar a todas. É verdade que vossos trabalhos no serviço dos doentes vos tomam todo o tempo; porém, quando as Damas chegam, poderíeis encarregar uma Irmã - ora uma, ora outra - para atendê-las o melhor que pudesse, sem contrariar porém, as ordens dos senhores Padres (2). Um bom entendimento entre vós tudo arranjaria. Em nome de Deus, Irmã Cecília, venci-vos um pouco, em vossas repugnâncias e desejei colocar-vos em situação de obedecer, não com um desejo que vos torne inquieta, mas, vos dê Paz e serenidade. Fazei aos outros o que gostaríeis que vos fizessem. Tende, especialmente, grande tolerância e acolhei, com bondade, aquelas que, por acaso, pudessem ter alguma dificuldade em falar convosco.

Minhas recomendações a todas as Irmãs, a quem abraço com todo meu coração, e sou delas, como vossa, no amor de Jesus Crucificado, minha querida Irmã, vossa muito humilde e afeiçoadíssima irmã e serva.

P.S. - Cumprimentai, respeitosamente, em meu nome, o senhor Padre Rattier e os senhores Padres, também as Damas, se alguma me der a honra de lembrar-se de mim. Irmã Bárbara (3) vos saúda; está bem, graças a Deus. Igualmente o estão os amigos e parentes das outras Irmãs.

C. 405 (L. 342)

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Chars*

Hoje, 11 de março de 1652

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus por estardes melhor; fazeis muito bem em tratar de comer; é

---

(1) *Colação: refeição leve, tipo merenda. (Nota da tradutora).*

(2) *Os Administradores do Hospital.*

(3) *Sua irmã, Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1).*

C. 405 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

preciso esforçar-vos e tentá-lo, porque, sem isto, não se pode saber as forças que se tem. Quanto a mim, tenho febre (1) quase continuamente, porém, nem por isso deixo de me alimentar um pouco e, ao médico lhe parece bem que eu coma purê.

Muito me penalizo por estardes continuamente com medo dos soldados. Não vos enviamos as ameixas porque não há para se comprar. Gostaria de que a colméia de que me falais pudesse ser trazida para cá; porém, não sei que modo seguro haveria para isso.

Ainda não ví a carta do senhor Vigário, nem a de Irmã Vicência (2). Quando a tiver lido, se houver algo a responder, o farei, mas, terá de ser pelo próximo correio; agradeço-lhe que me tenha escrito. Todas as nossas Irmãs vos saúdam e vos agradecem por vos lembrardes delas. Esperamos que continueis fazendo-nos a caridade de rezar por nós e acrediteis que fazemos o mesmo, pois, bem sabeis que, no amor de Jesus Crucificado sou, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 406 (L. 210)

*À minha querida Joana Lepintre (1)  
Filha da Caridade*

27 de março de (1652)

Minha cara e bem-amada Irmã,

Foi para mim uma grande alegria receber notícias vossas e louvo a Deus, de todo coração, pelo estado em que sua Bondade vos colocou.

Penso que o senhor Padre Vicente já respondeu vossa carta, pois me disse que desejava fazê-lo. Parece-me, querida Irmã, não fazer tanto tempo assim que vos escrevi. Receio bastante que as cartas se tenham perdido. Alegra-me sobremaneira que a Providência não tenha permitido que enviásseis a Irmã a Riche-lieu; porque, para isto, seria necessário o parecer e a ordem do senhor Padre Vicente, a fim de servir de exemplo. Entretanto, querida Irmã, se o médico é de opinião que ela deva mudar de clima, seria conveniente que propusésseis aos senhores Padres (2) que concordassem fosse pedido a alguma senhora de Nantes

---

(1) Esta carta é escrita por Maturina Guérin.

(2) Vicência Auchy (ver C. 43. n. 2).

C. 406 Rc. 3. Carta autógrafo.

(1) Joana Lepintre, Irmã Servente da Comunidade do Hospital de Nantes.

(2) Os Administradores do Hospital, chamados "Pais dos Pobres".

que dispusesse de uma casa, a duas ou três léguas daí, permitir que a Irmã fosse passar uns quinze dias na referida casa, junto com outra Irmã e, talvez fosse conveniente que também a proprietária (lá estivesse).

Acabo de receber vossa carta de 21 deste mês, na qual propondes enviar as Irmãs a Angers. Asseguro-vos, querida Irmã, que o clima de lá é menos favorável que o de Nantes. Além disso, não creio que os senhores Padres (2) estejam de acordo com tais visitas, sobretudo nestes tempos, por razões que não posso vos dizer por cartas. Tenho certeza de que, antes que vossa missiva me chegasse às mãos, vós mesma teríeis desistido da idéia. Espero que o bom Deus vos conceda coragem bastante para fazer bom uso de todas as maledicências. Desde que não O ofendamos, que importam?

Tenho pena de nossa querida Irmã Luísa (3); dissei-lhe que sua mãe e irmãs estão com saúde. Tentai descobrir se, por acaso, seu mal não procede do desgosto de estar longe (dos seus). Ainda não tive a honra de estar com o senhor Beaulieu (4); fiquei certa de que terei muito prazer em conversar com ele. Rogo-vos façais saber a todas as Irmãs que nos são muito queridas e, embora não lhes escreva a cada uma em particular, em espírito as tenho muito presentes. Quando me escreverdes, tende a bondade de perguntar a cada uma se tem algo a dizer-me, (acrescentando) que me dariam grande satisfação se me escrevessem.

Todas as Irmãs daqui vos saúdam com afeto e, se fosse possível que a Irmã Joana Lepintre, sem deixar Nantes, estivesse ao mesmo tempo em Paris, eu o desejava de coração. Amemos sempre e muito a vontade de Deus; nela sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e dedicada serva.

P.S. - Não me lembrava de que havíeis pedido livros. Penso que aí os encontrareis de toda qualidade, exceto os de nossas orações.

Rogo-vos enviar esta carta, com urgência, e dissei-me se este senhor voltou a Nantes para se juntar novamente com sua mulher.

C. 407 (L. 343)

*À minha querida Irmã Juliana (Loret)  
(Chars)*

(31 de março de 1652)

Minha querida Irmã,

Esta é somente para informar-vos que estou melhor de saúde, graças a

---

*(3) Luísa Michel, natural de Esteville, na região de Normandia. Tinha um irmão na Congregação da Missão. Chegou a Nantes em outubro de 1650 e permaneceu aí até 1653. Voltou a Paris, passando por Richelieu.*

*(4) Senhor Beaulieu, magistrado em Nantes. Era aparentado com a família Marillac.*

C. 407 Rc. 3. Carta autógrafa.

Deus. Agradecei comigo, à Sua bondade, a merçê que me concedeu, de haver podido ir hoje fazer minha Páscoa, em São Lourenço, como também pela melhor disposição que vos deu, a ambas.

Agradeço-vos o conselho que me destes a respeito de vossas abelhas. Creioi haver-vos dito que há pouco tempo recebemos o enxame que esse bom senhor nos trouxe, com a colmeia. Peço-vos desculpar-me não vos enviar o açúcar que me pedis. Colocai a infusão que fizestes, num cântaro de boca estreita, com um bom dedo de azeite de oliva por cima e, enquanto houver, não se estragará. Agradai bem ao portador.

Peço a Deus conservar-vos em vosso santo amor. Vossa irmã e serva.

C. 408 (L. 344 bis)

### *Para Irmã Juliana (1)*

Hoje, 20 de abril de (1652)

Minha querida Irmã,

Todo o bem que falastes dessa jovem que nos enviais, leva-nos a ficar com ela, porém, só a título de experiência. Queira Deus seja capaz de servi-lo na pessoa dos pobres.

Remeto-vos a libra de açúcar e quatro libras de açúcar mascavo e mais quatro camisas. Gostaria muito de conceder-vos a satisfação que me pedis, mas, temoõ de esperar a ordem de nosso Honoratíssimo Pai. Rogo-vos apresentar minhas êxcusas ao senhor Vigário por não lhe escrever hoje; agradecei-lhe, por mim, humildemente, se tenha dado ao trabalho de escrever-me a assegurai-lhe que faremos o possível para que a jovem que nos enviou possa permanecer.

Esquecia-me de vos dizer que o açúcar custou 22 soldos e o mascavo 20 soldos e meio. Não vos mando mais roupa branca porque as Irmãs que aí estiveram antes de vós a haviam confeccionado. Espero que, à medida que for caminhando a primavera, ireis recobrando as forças, Louvei a Deus por terdes apenas um doente no hospital; isto vos permitirá dar, mais facilmente, assistência aos das aldeias circunvizinhas. Avisai-me se tendes bom número de meninas na escola e se as que aprenderam a fazer renda, continuam trabalhando nisso. Suponho que também o ensinareis; àquelas que não o sabem, pois é de absoluta necessidade não deixar as meninas ociosas. Recomendo às vossas orações a alma

---

C. 408 Rc.3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Juliana Loret, que estava em Chars (ver C. 253 n. 1).*

(2) *Andréa Guimine (ver C. 236 n. 1).*

de nossa Irmã Nicole, a cega, e pedia a Deus por Irmã Andréa (2), de Crespière, e Irmã Maria Raine, ambas gravemente enfermas. Minhas forças tardam a voltar e tenho contínuas recaídas, embora leves. Necessito muito da ajuda de vossas orações, para ser mais fiel a Deus, em cujo amor sou, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 409 (L. 210 bis)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre (1)  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes  
Nantes*

Hoje, 6 de maio de (1652)

Minha querida Irmã,

Também eu senti a mesma felicidade que tivestes com a última carta do senhor Padre Vicente. O bom Deus costuma agir assim: algumas vezes permite-nos a intranquilidade e logo depois, nos devolve a paz. É bom considerar, como o fizestes, que quando as mudanças que experimentamos, nos levam ao bem, procedem de Deus, mas, temos grande necessidade de acostumar-nos a superar todas as vicissitudes, quer nos venham das pessoas de fora, quer de nossas disposições interiores e permanecer, sempre, igualmente, submissas à direção da divina Providência.

Alegro-me muito, querida Irmã, de que não tenhais necessitado ir a Angers e de que Irmã Luísa (2) demonstre amor pela vocação; eu também penso que se ela tivesse alguma pena vo-la diria. Não é que lhe seja impossível ter alguma; porém, não se queixando, suponho que suas aflições não atinjam a vontade, mas os sentimentos que ela procura mortificar. E nossa Irmã Marta? (3) Nada me dissestes dela; eu lhe escrevi; dissei-me se recebeu minha carta. Os familiares de nossas Irmãs estão bem de saúde, graças a Deus.

O senhor Beaulieu (4) fez-nos o obséquio de vir ver-nos, porém, eu havia tomado purgante e não pude conversar muito com ele. Prometeu-me voltar outra vez, como realmente o desejo. Suplico à bondade de Deus que disponha vossas

---

C. 409 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1)

(2) Luísa Michel (ver C. 405 n. 3)

(3) Marta Dauteuil (ver C. 178 n. 1)

(4) Senhor de Beaulieu (ver C. 406 n. 4)

almas para receber, com proveito, as graças do Espírito Santo, após a necessária preparação feita por vós, preparação que consiste em despojar-se, gostosamente, de todas as satisfações terrenas, para seguir, em espírito, a Nosso Senhor, na sua Ascensão.

Rogo-vos a todas, minhas queridas Irmãs, a quem falo de todo o coração, que me acrediteis, em seu santissimo amor, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 410 (L. 353)

*À Irmã Bárbara Angiboust (1)*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes*  
*Brienne*

(11 de junho de 1652)

Minhas queridas Irmãs,

Peço-vos perdão por haver ficado tanto tempo sem vos escrever, embora vos tenha enviado uma carta quando nos pedistes açúcar e alguns remédios. A senhora de Brienne (2) fez-me o obséquio de dizer que ela vo-los mandaria. Se Deus quiser, não deixarei de comunicar-lhe o que me dissestes. Não julgo que seja seguro expedir-vos dinheiro com os tamarindos (3). Remeterei duas pistolas (4) à senhora Condessa, com o pedido de que ponha o endereço para onde vo-las enviar. Em nome de Deus, queridas Irmãs, não vos desanimeis por causa dos sofrimentos, nem por pensar que não tendes outra consolação senão a de Deus. Ah! se conhecêssemos os segredos de Deus quando nos coloca em tal estado! Compreenderíamos que deveria ser o tempo das maiores alegrias! Ora, vedes uma quantidade de misérias que não podeis socorrer; Deus as vê também e não quer dar-lhes maior alívio. Carregai com o povo seus sofrimentos, fazendo o possível para ajudá-lo em alguma coisa, e, permaneci em paz. Talvez tenhais também a vossa parte de privações; e essa será vossa consolação, porque, se estivésseis na abundância, vossos corações não poderiam suportá-la, vendo sofrer tanto os nossos (Senhores) e! Mestres! Por outro lado, se Deus castiga

---

C. 410 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Bárbara Angiboust foi enviada a Brienne para socorrer as vítimas das guerras. Tinha então 45 anos.*

(2) *A senhora Condessa de Brienne (ver C. 94 n. 5)*

(3) *Espécie de dátil laxante.*

(4) *Antiga moeda francesa que valia 10 francos.*

seu povo por causa de nossos pecados, não é razoável que soframos com todos? Quem somos nós para nos crer isentas dos males públicos? Se a bondade de Deus não nos expõe a maiores misérias, demos-lhe graças por isso, e estejamos persuadidas de que, é unicamente, por Sua misericórdia, sem nenhum mérito nosso.

O senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, e o senhor Padre Portail estão bem de saúde, graças a Deus, o mesmo acontecendo a todas as queridas Irmãs. A maior parte daquelas que trabalham nos arredores de Paris, viram-se obrigadas a procurar refúgio; porém, graças a Nosso Senhor, nenhum mal lhes aconteceu, nem nenhum desgosto, até o momento. Pelo mensageiro, ficareis sabendo da bela cerimônia realizada, hoje, para a descida de urna de Santa Genoveva (5) Oh! como é bom ser fiel a Deus que permite seja prestada tanta honra às suas boas servas, como sinal de seu eterno amor! O que Ele nos pede, agora, queridas Irmãs, é uma grande união e tolerância mútua e que trabalheis juntas na Obra de Deus, com grande mansidão e humildade; o que se passa entre vós, não transpareça fora, a fim de serdes edificação para todos.

Peço-vos, Irmã Bárbara, como já estais idosa e cansada, se notardes que Irmã Joana (6) tem trabalho demais, não vos sendo possível aliviá-la, arranjai-lhe uma ajuda, porque agora não nos é possível vo-la mandar. Somos obrigadas a agir do mesmo modo aqui, onde há paróquias com cinco mil pobres, a quem se dá a sopa. Em nossa paróquia, são dois mil os que a recebem, sem contar os doentes.

É pouco o que vos enviamos: um Luís (7) de vinte e três libras e quatro soldos; porém, o receio de que se percam, faz-nos arriscar só isso. Se souberdes de algum meio seguro, avisai-nos.

Pedi a Deus por nós, queridas Irmãs, e crede-me em seu santo Amor, vossa humilde irmã e serva...

P.S. - Como o tamarindo, porque não purga, não vos será necessário, não vo-lo enviaremos. Peço-vos que leiais esta carta para a Irmã Joana.

---

(5) A urna de Santa Genoveva foi levada, solenemente, até Notre Dame, em meio de uma imensa multidão que implorava o fim das calamidades públicas. (Coste IV, 410).

(6) Joana Hénault esteve com Bárbara Angiboust em Chalons, depois, em 1654, foi para Montmirail.

(7) Luís: antiga moeda francesa de ouro, cuja cunhagem principiou sob Luís XII (Nota da tradutora).

*À minha querida Joana Lepintre (1)*

Hoje, 1º de julho de (1652)

Mui querida Irmã,

Recebi, com grande alegria, a vossa carta que me inteirou de vossas prezas notícias e das de nossas Irmãs. Porém, encarrego a Irmã Ana (2) de me informar da saúde de cada uma em particular, porque acho que ficareis contente com esta pequena ajuda. Creio que nosso Honoratíssimo Pai vos tenha dado resposta bem extensa. Se visseis o grande trabalho que tem com as caridades feitas aos pobres refugiados, teríeis compaixão dele. Porém, não se queixa, nem se cansa. Temos, querida Irmã, de rezar e pedir orações pela conservação de sua saúde.

Mandai-me informações sobre o caráter dessa jovem da qual o senhor Chesneau e vós nos escrevestes. É bom que ela compreenda a grande diferença entre a vida e o trabalho de nossas Irmãs da Casa (Mãe) e das Paróquias de Paris, das aldeias e dos hospitais. Espero, queridas Irmãs, que, se com frequência, ela for passar o dia inteiro em vossa casa, tenhais o cuidado de que alguma Irmã não lhe conte "histórias". Para isso, em vossas Conferências pedi às Irmãs que reflitam sobre a obrigação de dar-lhe o bom exemplo. Experimentai-a bem antes, para que não nos vejamos obrigadas a despedi-la.

Rogo-vos, querida Irmã, que saudeis, em meu nome, as boas e virtuosas Damas de Caridade. Todas as nossas Irmãs vos saúdam, com afeto. Nossa boa Irmã Perrete (3), a antiga, está obrigada a ficar de cama, por causa de suas muitas doenças. Recomendo-a a vossas orações. É triste termos de ficar tanto tempo sem notícias uma da outra; só nos serve de consolo, a submissão que devemos ter à divina Providência, juntamente com a santa obediência pela qual morreu o Filho de Deus. Em seu santo amor, sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Esta carta está com a data atrasada. Os familiares de nossas Irmãs estão bem de saúde, especialmente os pais de Irmã Francisca Ménage (4). Peço-vos que a façais escrever-lhes.

---

*C. 411 Rc. 3. Carta autógrafa.*

*(1) Joana Lepintre está em Nantes (ver C. 75 n. 1)*

*(2) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2)*

*(3) Perrete era viúva quando ingressou na Companhia das Filhas da Caridade. Em 1642, está em Saint Germain; em 1649, em Issy; morre em julho de 1652.*

*(4) Francisca Ménage (ver C. 430 n. 3)*

*Ao Senhor Padre Vicente*

(julho de 1652)

Meu Honoratíssimo Pai,

Este alarme (1) assustou-nos muito, a todas. Várias de nossas Irmãs desejavam confessar-se hoje, e, receio que não tenhamos nenhum Padre de São Lourenço. Se não o conseguirmos, peço-vos a caridade de enviar-nos um à tarde.

Penso que não poderemos ir buscar trigo, pois não há nas aldeias vizinhas. Quanto a ir mais longe, seria expor-se muito ao perigo de perder o dinheiro. Disse isto à senhorita de Lamoignon (2) que me respondeu o mesmo que vós. Constei-lhe que ontem tivestes a idéia de que se fosse comprá-lo na Praça del' "Grève" (3) e que os Senhores da Casa da Vila acham mais seguro fazê-lo vir por alguns aguazis (4) cujo trabalho teria de ser remunerado. Parece-me não haver outro expediente para não se deixar morrer de fome as pobres criancinhas.

A maior parte do pessoal está saindo deste bairro e indo viver noutra parte. Não teríamos de seguir-lhe o exemplo? Porém, para nós isso seria muito complicado. Se houver perigo para nosas Irmãs jovens, poderíamos mandá-las para cá ou para lá, em diferentes paróquias, enviando-lhes, se fosse possível, alguns alimentos. Quanto a mim, me parece que estou esperando a morte e não posso impedir que meu coração se sobressalte a cada vez que ouço gritar "às armas!" Parece que Paris larga no abandono este bairro, porém espero que Deus não o deixará e sua bondade nos fará misericórdia. Confiamos em que vossa caridade a imploreis para nós e, de todo coração lhe pedimos nos deis vossa bênção, pois sou, Honoratíssimo Pai, vossa humilde e agradecida filha e serva.

P.S. - Receio que o homem de Bicêtre não tenha conseguido passar. O que faremos de Irmã Geneveva (5) que é tão necessária lá, para levantar o ânimo de nossas pobres Irmãs? Dizei-no-lo, por favor.

---

C. 412 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) As tropas perseguidas pelo exercito do Rei passaram perto de São Lázaro, a 1º de julho de 1652.

(2) Senhorita de Lamoignon (ver C. 137 n.1)

(3) No Paço do Conselho (Prefeitura, para nós), situado na Praça da Grève.

(4) Aguazil: oficial de diligências; meirinho, esbirro, beleguim. (Nota da tradutora).

(5) Geneveva Poisson que estava colocada em Bicêtre.

*Ao senhor Padre Vicente*

11 de julho de (1652)

Senhor, meu Honoratíssimo Pai,

A senhora de Varize esteve, ontem, à vossa procura para ter a honra de estar convosco e propor-vos o desejo, dos que cuidam do Hospital de Châteaudun (1), de conseguirem duas Irmãs. Manifestou-me que poderia prescindir das duas que lhe havíamos dado para Varize, porque lhe parece de maior utilidade mandá-las para lá. Sei muito bem, senhor, que há muito no-las vêm pedindo para esse lugar, porém até o presente, sempre tem havido algo a impossibilitar a execução do que nos é solicitado.

A referida senhora, com outra que a acompanhava, vinha também para pedir à vossa caridade, duas Irmãs para servirem os pobres em Santo André. Aleguei-lhes a necessidade em que nos encontrávamos de enviá-las a Etampes e às Paróquias de Paris, nas quais várias Irmãs estão doentes.

Sepultamos ontem, à tarde, nossa boa Irmã Perrete (2), mãe de um Cartuxo; e, fui informada que uma (3) de nossas melhores Irmãs que serve os pobres doentes na Paróquia de São Tiago "du Haut Pas", ia receber nesta tarde, a Extrema Unção (4). Há outras enfermas em São Sulpício. Numa palavra, senhor, é de crer que meus pecados tornam deserta a Companhia das Filhas da Caridade e quando considero as faltas que cometo, devido à preguiça de meu espírito, me encho de grande confusão.

Se devo dar alguma resposta à senhora de Varize acerca desses dois assuntos, humildemente, rogo à vossa Caridade que ma envieis. Dai-me a vossa bênção e fazei-me sempre a honra de ter-me, no amor de Nosso Senhor, meu Honoratíssimo Pai, por vossa muito obediente filha e serva agradecida.

P.S. - Nossa Irmã que está com os galés veio, ontem, procurar-me, desfeita em lágrimas, porque não pôde conseguir pão para seus pobres homens; por um lado, pelo muito que se está devendo ao padeiro, e, por outro, pela carestia de pão. Pede emprestado, e por todo lado mendiga para isso, com muito trabalho e sofrimento e, para cúmulo de suas penas, a senhora duquesa d'Aiguillon (5)

---

C. 413 Coste IV, 425.

(1) As Irmãs serão enviadas a Châteaudun, somente em julho de 1654.

(2) Perrete (ver C. 411 n. 3)

(3) Elisabeth Jousteau (ver C. 481 n. 3)

(4) A Duquesa d'Aiguillon (ver C. 12 n. 1)

quer que lhe faça uma relação dos que talvez possam ser colocados em liberdade. Vejo nisso três dificuldades: um é que ela não pode ter conhecimento desses homens senão pelo trato que eles lhe dão; uns as injuriam, outros a louvam e sendo assim, pode cometer uma injustiça; outra dificuldade é que alguns deles oferecem dinheiro a seu capitão ou carcereiro, os quais já começaram a altercar com a Irmã e acusá-la de ser causa da desordem deles; e a terceira dificuldade é que os que continuam presos à grilheta, acham ser ela que tem culpa disso. Bem o sabeis, meu Honoratíssimo Pai, tudo o que esses homens são capazes de dizer e fazer. Falei com nossa Irmã que diferisse fazer essa relação até que eu tivesse ordem de vossa caridade, do modo como deverá agir.

C. 414 (L. 135)

*À Irmã Cláudia (1)  
no Hospital de São Dionísio*

(julho de 1652)

Querida Irmã,

Sinto grande pesar da recaída de Irmã Genoveva (2); peço-vos que cuideis dela o melhor possível. As poções que fortificam o coração lhe farão bem, se colocardes, num quartilho (3), uma medida de mistura de jacinto. Dai-lhe, de quando em quando, uma ou duas colheradas algum tempo após às refeições.

Não sabeis quanto desgosto tenho por não vos poder enviar uma Irmã; mas, me é totalmente impossível. Temos tão poucas, que nunca se vê uma costurando na (sala) (4) grande, e outras estão tão enfraquecidas que se fossem para outro lugar, logo cairiam enfermas.

Não me dissestes o número de vossos doentes, nem nenhuma outra notícia.

Suplico à bondade de Deus que vos conserve e sou, em seu santíssimo Amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Minhas afetuosas saudações a nossas queridas Irmãs e dissei à doente que lhe peço, por amor de (Deus) que ame o estado em que a Divina Providência a colocou.

---

C. 414 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Cláudia Brígida (ver C. 65 n.1)

(2) Genoveva Vigneron tem duas irmãs Filhas da Caridade: Edwiges e Maria de São Dionísio, Genoveva irá para Brienne, em 1659.

(3) O texto original emprega a expressão: "a metade de meio sesteiro".



*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes  
Chars*

Hoje, 14 de julho de 1652

Minha querida Irmã,

Pressentia eu que vossa bondade natural vos fizesse ser atormentada pelo temor de que estivéssemos em estado de grande sofrimento. (1) Tanto vós como as demais Irmãs distantes daqui passaram por isso. Louvemos a Deus, queridas Irmãs, porque até agora, por Sua misericórdia, apenas sofremos medo e, nenhum mal.

É verdade que fui tão covarde que me deixei convencer pelas Irmãs, de vir para a cidade, para um quarto que alugamos. Mas, a maior parte delas ficou, assim como todas as Irmãs e amas de leite encarregadas das crianças pequenas. Nosso Honoratíssimo Pai, embora sempre meio adoentado, não se mudou, nem tão pouco o senhor Padre Portail e os outros da Casa.

Muito me penaliza a doença de Irmã Philippe (2); tanto por ela como por vós, tenho grande desgosto por não poder enviar alguém para ajudar-vos, porque, além da dificuldade dos caminhos, nunca fomos tão pobres de Irmãs, nem nos vimos tão coagidas a enviá-las para vários lugares. E não o podemos fazer por causa da distribuição da sopa por toda parte, aqui Em Casa, preparamos cerca de dois mil pratos para os pobres envergonhados e, assim, em todos os bairros.

Estamos com três ou quatro Irmãs bem doentes, a saber: Irmã Madalena Raportebled (3) e outra que não conheceis, de São Sulpício; em São Tiago du Haut Pas, Irmã Elisabeth (4), a de Angers e, em São Dionísio, a Irmã Genoveva (5), a irmã de Irmã Edwiges. Recomendo todas elas a vossas orações e também o descanso eterno de Irmã Perrete (6), a antiga, que faleceu com as nossas Irmãs do Hospital Geral, oito dias depois de haver sido levada para lá, por causa do me-

---

C. 415 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Ver C. 412.

(2) Philippe Bailly (ver C. 397 n. 2)

(3) Madalena Raportebled (ver C. 486 n. 7)

(4) Elisabeth Jousteau (ver C. 481 n. 3)

(5) Genoveva Vigneron (ver C. 414 n. 2)

(6) Perrete, a antiga. (ver C. 411 n. 3)

do que sentia em nossa Casa. Deus lhe concedeu muitas graças no momento de sua morte, depois de havê-la feito passar por muitos sofrimentos, durante vários anos. Peço-vos, querida Irmã, recomendeis à Irmã Philippe que faça tudo quanto puder para ficar curada. Experimentaremos ainda um pouco a Irmã Carlota (7) que é pouca coisa para o trabalho, porém, bastante piedosa e de bom caráter. Serão necessários anos para torná-la capaz de servir os pobres.

Todas as Irmãs vos saúdam e a sua querida doente; rogo- lhe- eleve, de vez e quando, seu espírito a Deus, para oferecer-Lhe seus sofrimentos em honra de Jesus Crucificado, pelas calamidades públicas. Sou em seu santo Amor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Recebemos as 26 libras.

C. 416 (L. 350)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 19 de julho de 1652

Senhor e Honoratíssimo Pai,

A senhora Presidenta de Herse (1) veio aqui pedir Irmãs para Santo André. Tenho grande pesar de não poder enviar Irmãs robustas para auxiliarem as que estão nas Paróquias e mais ainda, por não atender ao pedido desta boa Senhora. Entretanto, senhor, se não for preciso enviá-las a Etampes, nem a Polônia, como pensa a senhorita de Lamoignon (2), seria bom fazer-se um esforço, para contentá-la, caso vossa caridade o julgue conveniente; contanto que nada haja de censurável na conduta dos Padres da Paróquia.

Suplico, humildemente; à vossa caridade se lembre que estou esperando suas ordens para voltar. (3). Não fiz nenhuma visita, por causa de um certo mal-estar que me levou ao leito; porém, graças a Deus, creio que não ficarei doente, como temia.

Solicitei a uma Irmã que vos perguntasse se devia pedir o coche da senhora de Bouillon (4) para ir visitá-la, segundo o desejo que me demonstrou. Ela porém

---

*(7) Carlota Moreau, terminado o Seminário, foi enviada a Châteaudun. Não perseverou no serviço dos pobres e deixou a Companhia das Filhas da Caridade, em outubro de 1657.*

C. 416 Rc. 2. Carta autógrafa.

*(1) Senhora de Herse (ver C. 222 n. 1)*

*(2) Senhorita de Lamoignon (ver C. 137 n. 1)*

*(3) Do quarto alugado na cidade de Paris (ver C. 415) (Nota da tradutora)*

*(4) Senhora de Bouillon (ver C. 56 n. 3)*

se enganou ao dar-vos este recado. Parece-me que, com esta senhora, se deva ter um pouco mais de atenção do que com as outras.

Concedei-me sempre, a honra de crer-me como sou, por vontade de Deus, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha.

P.S. - Neste momento, os senhores Padres de São Sulpício mandam pedir quatro jovens das Refugiadas (5), para ajudarem nossas Irmãs. Deve-se permiti-lo? ou seria preferível que os doentes já convalescentes fossem, eles mesmos, buscar sua ração ordinária? As Irmãs de lá são seis, porém, duas delas estão doentes. Temo que esta mistura cause confusão e muito prejuízo, que pode vir, inclusive, por parte das próprias Irmãs.

C. 417 (L. 351)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Nantes*

Hoje, 24 de agosto de (1652)

Minha querida Irmã,

Estou muito admirada de que fiquéis tanto tempo sem receber carta nossa. Certamente, foi a guerra que dificultou que chegassem a vossas mãos, porque não tenho deixado de, com freqüência, escrever-vos. Bendito seja Deus! por sua bondade, faz-nos esperar bonança, com a crença de que, em breve, Ele nos dará a Paz!

Mostrei vossa prezada carta a Nosso Honoratíssimo Pai, conforme vosso desejo; é de opinião, querida Irmã, que sem prolongar mais a prova da jovem, no-la envieis, se julgardes ser suficientemente forte de corpo e espírito. Deverá vir na disposição de voltar, às suas custas, caso não seja julgada apta, o que seria muito desagradável se já tivesse feito uma experiência convosco, por ordem e consentimento das pessoas de quem me falastes. Quanto ao que se refere à Irmã Renata (1), fiquei muito espantada com tudo o que me dissestes, pois, nunca a ouvira queixar-se de outro mal a não ser da perna. É possível que a causa esteja no que me dissestes por alto, sem mo dar a conhecer, talvez porque não o convenha. Nosso Honoratíssimo Pai não encontra outra solução para remediá-lo, senão enviá-la a Hennebont. Espero que me dareis mais notícias sobre o caso, antes que lhe possa ser dada essa ordem.

---

(5) *Jovens expulsas pela guerra e recolhidas em Paris.*

C. 417 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Renata Delacroix (ver C. 315 n. 5)*

Solicito-vos apresenteis, com muito afeto, minha saudação a todas as queridas Irmãs. Louvo a Deus pela melhora de Irmã Ana (2): quando estiver boa, lhe escreverei.

Fazei o favor de dizer à Irmã Marta (3) que tive uma grande alegria com as notícias que dela me destes, e, à Irmã Luísa (4), peço que fique tranquila em relação à sua família: sua mãe, irmã e outros parentes, graças a Deus, estão bem e além disso, sua bondosa patroa entregou à sua mãe o restante que era seu. Peço-lhe ter coragem no trabalho e, sobretudo, na observância das regras.

Creio, querida Irmã, que não deixais de advertir as Irmãs recém-chegadas a respeito da deferência cordial que devem ter para com as antigas. É coisa tão necessária que, se não cuidarmos dela, causaria grandes desordens na Comunidade. É preciso formar o espírito das jovens na submissão e mortificação interior, porque, de outro modo, só haveria confusão e as Irmãs antigas teriam motivos de descontentamento, se fossem ignoradas. Não sei, querida Irmã, porque vos digo isso, porque não recebi nenhuma queixa nesse sentido; talvez seja pelos inconvenientes que, dessa falta, temos notado aqui.

Desejava dar-me a alegria de escrever à Irmã Henriqueta (5) e à Irmã Francisca (6), porém, uma visita impede-me de fazê-lo. Peço-lhes me desculpem e, a todas juntas, que rezem por nós, queridas Irmãs, porque muito precisamos, dado o número de doentes de todas as Paróquias e de muitas Irmãs também.

Suplico a Nosso Senhor seja vossa fortaleza e consolo, e, sou, em seu santíssimo Amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 418 (L. 262)

### *À Irmã Cláudia Brigida (1)*

Hoje, 22 de outubro de (1652)

Minha querida Irmã,

Tenho grande desejo de ver-vos, porém, não me atrevo a pedir que chegueis até aqui, embora nos assegurem não haver perigo pelas estradas. Rogo-vos dar-me notícias vossas.

---

(2) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2)

(3) Marta Dauteuil (ver C. 178 n. 1)

(4) Luísa Michel (ver C. 406 n. 3)

(5) Henriqueta Gesseume (ver C. 86 n. 1)

(6) Francisca Ménage (ver C. 430 n. 1).

C. 418 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Cláudia Brigida (ver C. 65 n. 1) estava em São Dionísio.

Segue um recibo para cobrardes do senhor Francière (2) as 70 libras correspondentes à manutenção de nossas três Irmãs durante um ano.

Peço a Deus que vos guarde e sou em seu santíssimo amor, minhas mui queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Recomendo-me a nossas queridas Irmãs e peço notícias da saúde delas.

C. 419 (L. 354 bis)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
serva dos Pobres Doentes  
Brienne*

Hoje, 26 de outubro de (1652)

Minha querida Irmã,

Muito me aborrece não encontrar ocasião para vos escrever e vou aventurar-me a mandar-vos esta com risco de que se perca. Se chegar a vossas mãos, rogo-vos me deis, o quanto antes, vossas notícias: por toda parte, temos tantas (Irmãs) doentes, que estou preocupada com vossa saúde.

Dissestes-me, querida Irmã, que a manteiga aí estava num bom preço e poderíeis mandar preparar para nós. Peço-vos, então, informar-vos em quanto ficaria, isto é, com o porte; e, se virdes que a libra não nos sairia a mais de seis soldos, faríeis o grande favor de mandar-nos a maior quantidade que puderdes; cem libras ou mais.

Creio que não vos contei que, finalmente, a Divina Providência chamou para a Polônia, três de nossas Irmãs (1) para o serviço dos pobres de lá. Ainda não tivemos notícias de sua chegada, porém, sim, quando estavam na metade do caminho. Sabeis que sempre há perigos no mar é isso faz com que vo-las recomende às vossas orações, como também a mim mesma, que sou no amor de Jesus...

Minhas mui afetuosas e cordiais recomendações à Irmã Joana.

---

(2) Senhor de Francière, administrador do Hospital de São Dionísio.

C. 419 Edit. Litogr. supp. caderno III, p. 12. Cópia.

(1) Margarida Moreau, Madalena Drugeon e Francisca Douelle chegaram a Polônia em setembro de 1652.

As Santas Carlota Royer e Francisca  
Barcineux  
Às minhas queridas Irmãs (1)  
Filhas da Caridade, de  
Richelieu

(pelo mês de outubro de 1652)

Minhas queridas Irmãs,

Suplico à bondade de Deus continue a vos conceder Suas santas graças, especialmente, a do amor à vossa vocação que será anunciada pela exatidão às vossas regras, na medida em que o trabalho com os pobres doentes vo-lo permita. Acima de tudo, queridas Irmãs, sede pontuais em vos recolher às 9 horas, a fim de poderdes levantar-vos às 4: assim podereis encontrar tempo para tudo. E se tiverdes adquirido algum costume que dê liberdade às pessoas de fora, e mesmo aos doentes, desfazei-vos dele, pouco a pouco, e habituai os pobres doentes a virem pedir aquilo de que têm necessidade, à hora (determinada). Creio que apenas isto vos custa, porque, tratando-se de outras visitas, tenho certeza de que nada tolerais que vos possa desviar e, sobretudo, que não recebeis visitas de homens, de qualquer condição que sejam, a menos que por algo muito importante e que, em poucas palavras fique resolvido. É isso que nos recomendou nosso Honoratíssimo Pai, nas últimas Conferências e chegou até a dizer-nos que nem a ele mesmo deveríamos recebê-lo em alguma paróquia, nem tão pouco aqui, onde vem apenas em caso de doença, em caso de necessidade e para as Conferências. Vede, pois, o que se fará com outras pessoas. Penso também queridas Irmãs, que estais lembradas de que não deveis fazer visitas senão aos pobres e ainda aos doentes; que jamais deveis comer fora de casa e nada comunicareis do que entre vós ocorra, se não a vosso Diretor, e apenas o que for necessário. Se uma doença exigir que, às vezes, tomeis um pouco de vinho, tende cuidado de que não seja com frequência, nem muita quantidade e só por necessidade comprovada.

A mansidão, a cordialidade, a tolerância não de ser a prática peculiar das Filhas da Caridade, do mesmo modo que a humildade, a simplicidade, o amor à santa humildade de Jesus Cristo, que é a perfeita caridade, são seu espírito.

Eis, queridas Irmãs, o que pensei dizer-vos como um resumo de nossos regulamentos, à espera de que a Divina Providência permita que possais lê-los na íntegra.

C. 420 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Carlota Royer e Francisca Carcineux (ver C. 251 n. 1 e 2)

Que consolo me proporcionais quando me enviais muitas notícias vossas. Agora gostaria que me dissésseis, de uma vez, todo o vosso comportamento em relação com o que acabo de vos recomendar. Gostais de vosso modo de viver? Julgai-o mais excelente para vós do que todos os mosteiros ou ordens religiosas, posto que para ele Deus vos chamou? Por um secreto desígnio da Divina Providência, considerai-vos unidas mutuamente, para vos santificardes? O forte suporta bem o fraco, cada um por sua vez, porém, com cordialidade e afabilidade? Lembrai-vos sempre da afirmação que nos fez nosso Honoratíssimo Pai numa Conferência, de que tínhamos, como as religiosas, um claustro e que às almas fiéis a Deus era tão difícil dele sair, como àquelas do seu, embora não se tratem de pedras, mas, da santa obediência que há de ser a regra de nossos desejos e ações. Suplico a Nosso Senhor, cujo exemplo nos encerrou nesse claustro santo, que nos conceda a graça de jamais fugir dele.

Nossas Irmãs recém-vindas, felizmente, chegaram a bom porto, graças a Deus e estão bem de saúde. Irmã Francisca cansou-se um pouco, mas já passou. Solicito-vos dar suas notícias às famílias e mandai-nos as delas. Dizei-me também o que foi feito das 40 libras de que vos falei. Irmã Joana a quem elas pertencem, encontrou em Paris o homem que levou a referida quantia; ele lhe assegurou haver entregue o dinheiro. Peço-vos façais o tal homem ir falar com o senhor Du Chesne (2), se é que ainda está em Richelieu. Cumprimentai-o em meu nome, com todo o respeito que lhe devo, assegurando-lhe haver-lhe escrito duas ou três vezes. Cumprimento também, respeitosamente, o senhor Cuissot (3) e os demais senhores. Todas as Irmãs vos saúdam no amor de Jesus Cristo, no qual sou, queridas Irmãs, vossa muito humilde ...

P.S. - Entreguei vossas cartas para serem enviadas a Beauvais. Os pais de Irmã Carlota estão passando bem, graças a Deus, e se recomendam às suas orações, especialmente, sua mãe.

---

(2) O senhor Du Chesne (ver C. 165) estava se preparando para ir visitar as casas da região da Bretanha.

(3) Senhor Cuissot: entrou para a Congregação da Missão, em 1637, com 30 anos de idade. Foi Superior de Cahors, a partir de 1647; em julho de 1651, esteve em Paris, para participar da Assembléia Geral. Regressou a Cahors, em 1653.

*À minha querida Irmã Bárbara (1)  
(Brienne)*

Hoje, 14 de dezembro de (1652)

Minha mui querida Irmã,

Não me lembro de que haja na carta que vos escrevi nada de importante; por isso, podeis dá-la a quem vos aprouver, para ler. Agradeço-vos, de todo coração a filaça (2); porém, se aí já a comprais um tanto caro, ficará muito mais, até chegar aqui. Vossas uvas são belíssimas; bem sabeis que, por falta de dentes, não posso saborear as pequenas, vô-las agradeço.

Peço-vos me recomendeis ao bom Deus e também a toda a Companhia.

O senhor Padre Portail recebeu vossa carta e penso que já vos respondeu. O senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, continua, pelo menos aparentemente, com boa saúde. Temos muitos motivos para pedir a Deus que no-lo conserve por longos anos e creio que não deixais de fazê-lo. Nossas Irmãs estão bem, graças a Deus. Não sei se vos comunicamos o falecimento de nossa querida Irmã Maria Margarida que estava no Hospital Geral. Sua paciência, durante a doença, e sua submissão à vontade de Deus foram grande exemplo para nós.

Alegro-me ao ver como a Divina Providência vos escolheu para servir a tantas almas e a tantos pobres; suplico a Deus vos proteja para que possais continuar por muito tempo tão santo trabalho. Rogo-vos, querida Irmã, façais chegar esta carta aos pais de Irmã Bárbara (4). Tenho certeza de que sua grande atividade aumenta seu zelo por sua vocação. Fazei-me o obséquio de falar-lhe algo sobre ela e de ter-me, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, como vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 421 *Autógrafo guardado com a Visitadora de Marselha.*

(1) *Bárbara Angiboust, na ocasião em Brienne (ver C. 7 n. 1)*

(2) *Fio grosseiro de substância têxtil. (Nota da tradutora)*

(3) *Bárbara Bailly, nascida a 1º de junho de 1628, em Vitry-le-François. Entrou para a Companhia das Filhas da Caridade a 8 de outubro de 1645. Depois de haver servido nas Crianças Abandonadas, passou para a Casa Mãe, como enfermeira e secretária de Luísa de Marillac. Depois de sua morte, foi enviada a Polónia (1660 - 1668). De volta a França, foi nomeada Superiora dos Inválidos. Passou depois para Alençon, onde morreu a 21 de agosto de 1699.*

(4) *Joana Hénault (ver C. 410 n. 4).*

P.S. - Nossa querida Irmã Cecília (5) escreveu-nos há pouco; manda-vos recomendações e se alegra de que Deus vos conceda a graça de empregar-vos tão utilmente ao seu santo serviço. Faz pouco tempo, esteve na cidade um de vossos parentes ou um homem de vossa aldeia, para saber notícias vossas e assegurar-vos de que todos os vossos vão bem.

1653

31 de janeiro: *Falecimento do senhor Padre Lambert, em Varsóvia.*

Fevereiro: *Visita do senhor Padre Du Chesne, a Angers.*

Setembro - outubro: *Visita do senhor Padre Alméras e Angers e Nantes.*

Socorros enviados às regiões devastadas pela guerra: *Châlons, Sainte-Menehould.*

*Fundação do Asilo do Santo Nome de Jesus.*

C. 422 (L. 358)

*À minha querida Irmã Joana (Loret) (1)  
Filha da Caridade  
Chars*

Hoje, 4 de janeiro de 1653

Minha querida Irmã,

Satisfiz a vosso desejo referente ao dia de Natal, quando tive a felicidade de ouvir a santa Missa do senhor Padre Vicente, depois de lhe haver dado a conhecer vossa intenção.

Envio-vos vossos santos protetores, juntamente com 25 varas (2) de tecido para amortilhar, cujo preço é de 7 soldos, a vara. Por favor, avisai ao pai do senhor Cura que o recebestes, assim como as 2 libras de caparrosa (3) e os potes; tudo ao preço de 6 libras, 9 de soldos e 6 dinheiros (4). Peço-vos, minha Ir-

---

(5) *Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)*

C. 422 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Juliana Loret (ver C. 253 n. 1)*

(2) *Vera: antiga medida de comprimento; em alguns lugares, menor do que o metro; em outros, maior, 1,10m e, em outros, como na França, ainda: 1,88m (Nota da tradutora)*

(3) *Caparrosa: designação vulgar de vários sulfatos. (Nota da tradutora)*

(4) *Dinheiro: antiga moeda francesa. (Nota da tradutora)*

mã, que volteis na primeira oportunidade e, enquanto a estiverdes esperando, ensinai, tanto quanto puderdes, a Irmã Joana Bonvilliers (5) a aplicar sangria. Apresentai-lhe minhas saudações.

Estou com pressa, razão por que termino e me digo, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa humilde e afeiçoada serva.

C. 423 (L. 389)

*Cópia do papel entregue ao senhor Berthe (1)  
que irá a Roma*

(janeiro de 1653)

Luísa de Marillac, viúva há vinte e sete anos (2), serva de Jesus Cristo e de seus membros, os Pobres; muito votada à obediência ao Santo Padre, mais de vontade que de fato; em sua condição - ainda que indigna dela - de católica romana; desejando, desde muitos anos, receber uma vez em sua vida a santa Bênção Apostólica, suplica, humildemente, ao senhor Berthe, Padre da Missão, que a apresente prostrada em espírito aos pés do Santo Padre felizmente reinante, verdadeiro Vigário de Jesus Cristo, pelo zelo que Sua Santidade tem por sua Igreja, para que, por este meio, receba esta graça de nosso bom Deus e a de fazer sua santíssima Vontade, o resto de seus dias. E assim, se verá obrigada a rogar a Deus por ele, em reconhecimento desta caridade (3).

---

(5) Joana Bonvilliers, nascida em 1630, em Clermont, entrou para a Companhia das Filhas da Caridade, em janeiro de 1652, Depois de Chars e uma breve permanência em Paris, foi enviada a Chantilly. Morreu em 1691, na paróquia de Santo Estêvão du Mont, em Paris.

C. 423 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) O senhor Berthe (ver C. 281 n. 3) em abril de 1653, estava em Roma.

(2) Antônio Le Gras morreu em dezembro de 1625.

(3) A graça pedida foi outorgada pelo Papa Inocência X, em 1655.

*À minha querida Irmã Joana Lepintre (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Nantes - Bretanha*

(janeiro de 1653)

Minha querida Irmã,

Há cerca de quinze dias, tive o prazer de vos escrever enviando para todas as queridas Irmãs os santos protetores do ano. Peço a Deus que tudo tenha chegado às vossas mãos; o que me faz ficar em dúvida é não ter recebido notícias vossas desde então. Não sei, querida Irmã, se por este correio receberéis carta de nosso Honoratíssimo Pai, porém, posso assegurar-vos que o vi esta manhã, muito penalizado com a situação em que vos encontrais e, totalmente decidido a solucioná-la o mais depressa possível. Em nome de Deus, querida Irmã, tranquilizai vosso espírito com esta certeza que vos dou; se não fosse porque vossas penas são verdadeiramente excessivas, eu vos diria que abrisseis entrada à alegria, por esse penoso estado, segura, como o deveis estar, de que, infalivelmente, Deus tirará sua glória de tudo, e, portanto, querida Irmã, não será pequena a consolação que disso tereis.

A ausência de nossa pobre Irmã (2) não deve entristecer-vos; temos visto coisas semelhantes que nos deram motivo para crer que era a divina Providência que estava agindo. Três senhores de alta condição me obrigam a interromper. Não me resta senão assegurar-vos que sou no amor de nosso amado Menino Jesus, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Nossas Irmãs vos saúdam e se recomendam a vossas orações.

---

C. 424 Rc. 3 Carta autógrafa. Endereço e Post scriptum com a letra de Irmã Guérin.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1)

(2) Uma Irmã que deixou a Companhia (Coste V, 3)

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da caridade  
Chars*

31 de janeiro de (1653)

Mui querida Irmã,

Não me lembro mais que cobertores pedistes, nem quantos; no-lo direis quando voltardes, pois, vos esperamos para receber o pagamento das últimas coisas que vos enviamos.

Parece-me que poderíeis acostumar-vos a andar a cavalo ou num burro, porque não é possível empreender tão longa caminhada a pé; e, esperar que as estradas estejam secas, seria demorar demais. Quando se viaja em cavalgada, em certos trechos vai-se montada, e em outros, anda-se a pé. Talvez não pensastes nesta solução. Vede o que melhor vos convier. Não podeis impedir que essa pessoa saia ao mesmo tempo que vós, contanto que sejais acompanhada por outra; basta isso. Trazei a receita de fazer pastilhas e avisai ao senhor Cura que se forem das mesmas drogas que ele utiliza, como o acredito, sei que vão ficar muito caras.

Mandarei procurar a fazenda que o senhor Cura deseja, mas é difícil encontrá-la assim larga. Amortalham-se cadáveres pondo-se o pano atravessado para cair reto sobre o estômago e depois levá-lo, a sobra, até os pés e à cabeça.

Não me dissestes se Irmã Joana (1) possui habilidade para sangrar e se já está perita. Devolvemos vossa cesta, com um grande "obrigada" por vossas excelentes maçãs e a certeza de nosso afeto que me faz ser, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 425 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.  
(1) Joana de Bonvillirs (ver C. 422 n. 3)

(À Irmã Cecília Angiboust, Angers) (1)

8 de fevereiro de 1653

Minha querida Irmã,

Compartilho vosso pesar por terdes tido tão pouco tempo para conversar com o senhor ... (2). É necessário submeter-se aos planos da divina Providência e unir-se fortemente a Deus para sofrer a privação do consolo das criaturas. O bom Deus conhecia as vossas necessidades e poderia ter feito o bom senhor ... demorar-se mais tempo, caso fosse para Sua glória e vosso bem. Permanecei, pois, em paz e na confiança que deveis ter no amor de Nosso Senhor. Temos tantos motivos para agir assim, queridas Irmãs, pelas certezas que Ele mesmo deu a seus discípulos, quando ainda estava na terra, atraindo-os a seu amor e exortando-os a não se preocuparem com suas pessoas, nem com suas necessidades. Sede, portanto corajosas, a cada momento, avançando no caminho no qual Deus vos colocou para ir até Ele. Em nome de Deus, queridas Irmãs, esforçai-vos ao máximo, para ajudar as almas de vossos pobres doentes a fazerem atos de fé, de esperança e caridade, necessários à salvação.

Concитай-os a odiar o pecado e a amar a virtude para que tomem resoluções de viver como Deus manda, se ficarem curados; ou se prepararem para (morrer bem). E para que se preparem para isso, procurai fazê-los desejar se confessarem e assim aplacarem a colera de Deus irritada contra eles, por causa de seus pecados; depois, permaneci em paz, ajudando-os com vossas orações. Bem sei que não podeis dedicar muito tempo a isso, porém, indo e vindo, podeis fazer muitos atos interiores que os ajudem, estimulai todas as Irmãs a que façam o mesmo.

Envio-vos vossos santos protetores do ano, suplicando a Nosso Senhor vos dê as bênçãos que o senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, desejou a toda a Companhia, no momento da distribuição destas estampas, às quais deu piedosíssima bênção para implorar sobre nós a ajuda destes santos e santificar-vos a todas.

---

C. 426 Ms. A, Irmã Chétif 1, n. 21. Cópia.

(1) Como em todas as cópias de Margarida Chétif, os nomes das pessoas são omitidos, por discrição; nesta omite-se, ainda, a comunicação do falecimento do senhor Angiboust (ver carta seguinte).

(2) O senhor Du Chesne (ver C. 166 n. 4) estava fazendo visita às Casas do oeste de França.

Suplico a nossas Irmãs que pediram sua volta para cá, que, em nome de Nosso Senhor, não fiquem preocupadas com isso e tenham absoluta certeza de que nunca lhes faltará a bondade de Deus em suas necessidades. Ah! queridas Irmãs, como é perigoso desejar-se uma coisa, antes que Deus a queira! Acredito que é sempre com submissão de espírito que manifestais vossos desejos e, sendo assim, não vos recrimino; crede-me porém: uma mudança de lugar é de temer, ao menos se feita por escolha própria. Há quem tenha pedido mudança e isto lhe custou a perda da vocação. E o que procuramos, queridas Irmãs, não é, apenas, agradar a nosso Soberano Senhor? Aguardemos, em paz, que nossos Superiores nos manifestem o querer divino. É uso nosso, queridas Irmãs, permanecermos submissas à divina Providência. Em nome de Deus, amai-A de todo coração. Crede-me em seu santo amor...

C. 427 (L. 360)

*À minha querida irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes  
Brienne*

Hoje, 8 de fevereiro de 1653

Minha querida Irmã,

Suponho haverdes recebido minha última carta, na qual creio que vos comunicava estar vos enviando 3 pistolas (1) e vossos santos protetores do ano. Mas, a senhora Condessa (1) não quis que esse dinheiro fosse remetido e assegurou às Irmãs que o faria chegar, rapidamente, a vossas mãos. Acho que não terá deixado de fazê-lo. Informei-me com o senhor Déan acerca de vossas notícias e as das Irmãs; manifestou-me grande bondade para convosco e lhe somos muito agradecidas. Pelo que soube, nossa Irmã está mal da vista, com perigo de perder o outro olho.

Peço-vos fazerdes por ela, querida Irmã, tudo o que lhe possa ser necessário, a fim de conservá-lo. Nossa água um pouco forte - não muito - pode lhe ser excelente; creio porém que, o calor do forno lhe é prejudicial. Por isso, rogo-vos que o façais acender por alguma mulher, que também se encarregue de enfornar. Dai-lhe, com frequência, uma tisana laxativa, mas, o melhor remédio seria

---

C. 427 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Antiga moeda francesa.

(2) Senhora Condessa de Brienne (ver C. 94 n. 5)

um cautério, na parte posterior da cabeça. Por favor, obrigai-a a fazer o que for necessário.

Vosso primo esteve aqui para pedir notícias vossas. Disse-me que vosso bom pai havia falecido. Não sei se já o soubestes e também o vosso irmão. O resto da família vai bem, graças a Deus. Querida Irmã, temos de submeter-nos a tudo o que Deus quiser de nós e dos nossos; por isso, entregai-vos de novo a Ele, para estar inteiramente, com tudo o que vos pertence, sob o governo da divina Providência. Sei, querida Irmã, que há muito vos encontrais nessa prática.

Recomendo-vos nossas Irmãs da Polônia que estão servindo os pobres numa cidade onde grassa a peste. Rogo-vos, igualmente, lembrar-vos diante de Deus de nossas Irmãs de Nantes, que continuam sofrendo perseguições. Não ocorre o mesmo com as Irmãs de Angers que gozam de proteção do senhor Bispo e são muito queridas pelos senhores Pais dos Pobres (3). Irmã Cecilia (4) agora está melhor o que não ocorria há muito tempo. Rezai por toda a Companhia para que obtenha o espírito e a fidelidade a que se obrigou. Foi este o assunto de nossa última Conferência; um dia a lereis. O senhor Padre Vicente continua com sua costumeira caridade, bem como o senhor Padre Portail, tanto para com as presentes, como para com as ausentes.

Peço-vos me informeis, Irmã, qual é o tempo melhor para se fazer provisão de filança (5), feitos 'ou a serem preparados; porém, seria melhor os já prontos. Necessitaríamos de 400 a 500 libras, se puderdes conseguí-las por um bom preço e porte razoável. Precisaríamos também de estopa, de boa qualidade, toda a que for possível, por uma libra.

Boa noite, queridas Irmãs, tenho pressa. Sou no amor de Nosso Senhor Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e dedicada serva.

P.S. - Já havia terminado esta carta, quando recebi vosso pacote; vô-lo agradeço e também à Irmã. O mensageiro está apressado. De outra vez, vos direi se podereis cuidar desse menino. Adeus, querida Irmã. Gostaria que pudésseis informar-me quantas vezes recebestes dinheiro da Rainha, para Fontenaibleau (6): faz mais de dois anos que nada recebemos.

Todas as Irmãs vos cumprimentam com afeição. A Casa começa, pouco a pouco, a se encher de Irmãs novas; porém, como nos chegam pedidos de todos os lados, não temos antigas para atender tais solicitações.

(3) *Os senhores Administradores do Hospital.*

(4) *Cecilia Angiboust (ver C. 36 n. 2).*

(5) *Filança, isto é, filamento grosseiro de substância têxtil.*

(6) *Bárbara esteve em Fontenaibleau de 1646 a 1648.*

C. 428 (L. 76 bis)

*(Ao senhor Padre Vicente)*

[1º de março de 1653]

Afinal, a pequena família (1) conseguiu reunir-se, à exceção de um de cada lado, que ainda não haviam chegado. Creio porém, senhor, ser necessário que vossa caridade se dê ao trabalho de fazer, amanhã de manhã, a inauguração, mediante alguma prática ou devoção, tal como a adoração da santa Cruz ou alguma exortação sobre a Paixão. É grande ousadia de minha parte, fazer-vos esta proposta!

Fazei-nos também o favor de dizer-nos, hoje de tarde ou amanhã cedo, se lhes entregaremos as roupas que foram preparadas para eles.

Vossa bênção, por obséquio, para toda a Companhia.

C. 429 (L. 516)

*Ao senhor Padre Vicente  
Geral dos Veneráveis Padres da Missão*

Hoje, 20 de março de (1653)

Meu Honoratíssimo Pai,

É bem evidente que Nosso Senhor é o único Geral proprietário da Congregação da Missão, pois assim dispõe dos bons elementos que a ela envia (1). Sem dúvida, necessitou dele para uma excelente missão à qual o conduziu. O que haveremos de dizer? Nada, a não ser que acredito que esta nova entrada no Céu, servirá para atrair grandes graças de Deus sobre todo o resto da Companhia e que esta dor universal produziu efeitos de santidade em muitas almas. Não sou eu bastante ousada, meu Honoratíssimo Pai, em atrever-me a misturar

---

C. 428 Rc. 2. *Não é letra de Luísa de Marillac. Não está assinada. No dorso: de Mademoiselle Le Gras ao senhor Padre Vicente.*

*(1) Trata-se da "pequena família" do Hospício - ou Asilo - do Santo Nome de Jesus. Esta obra, devida à generosidade de um burguês de Paris que quis permanecer no anonimato, reunia 40 velhinhos pobres, antigos artesãos: 20 homens e 20 mulheres.*

C. 429 Rc. 2. *Carta autógrafa. Dorso: março de 1657.*

*(1) Trata-se da morte do senhor Lambert, ocorrida na Polônia, a 31 de janeiro de 1653, cuja notícia só chegou ao conhecimento do senhor Padre Vicente a 20 de março. (Ver carta seguinte)*

minhas lágrimas, com a vossa habitual submissão aos desígnios da divina Providência, minhas fraquezas com a fortaleza que Deus vos concedeu para carregar a parte tão grande que Nosso Senhor, amiúde, vos oferece em vossos sofrimentos? Por Seu amor, concedei à natureza aquilo de que precisa para aliviar-se e o que é necessário à vossa conservação.

Não posso ocultar-vos, meu Honoratíssimo Pai, que minha dor é grande, porém vossa caridade me ensinou a amar a vontade de Deus tão justa e misericordiosa cuja bondade me fez, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

C. 430 (L. 363)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre*

Hoje, 26 de março de 1653

Minha querida Irmã,

Vossa última e prezada carta causou-me grande e sensível consolação. É verdade que ela deixa transparecer que continuais envolta em penas e aflições interiores e exteriores, mas, também, percebo que fazeis perfeito uso delas.

Não posso deixar de acreditar que todos os vossos sofrimentos vão redundar em preciosas vantagens para vós. Sim, é certo, querida Irmã, que é muito difícil deter a própria mente para que não se deixe ir a pensamentos de desconfiança, mas (podeis) negar-vos a acreditar neles. E é o que fazeis, quando vos ocorre supor que esta ou aquela circunstância pode ser a causa de que não recebais o conselho que estais esperando, ou que não o seja com a frequência que desejáveis; não pelo que vos concerne em particular, mas, pelo interesse de toda a Companhia. Talvez por isso, Nosso Senhor vos inspire que permaneçais em paz ao pé da Cruz, inteiramente submissa aos desígnios de Sua divina Providência. Parece-me, querida Irmã, que encontrastes a "pedra filosofal" da devoção, quando a firme resolução de fazer a vontade de Deus acalma vossa penas.

Amando essa vontade, temos de submeter-nos às suas ordens, pois Sua bondade dispôs do senhor Lambert a quem tirou deste mundo, no princípio do ano. Sabeis que ele estava na Polônia, onde era muito querido pelo Rei, pela Rainha e por todo o mundo, de tal sorte que agora choram como à um santo e é verdade que sua vida se assemelhava à dos santos. A Rainha escreveu de seu próprio punho (ao senhor Padre Vicente) para manifestar-lhe a dor que sentia e a perda que acaba de sofrer. Tenho certeza de que ireis rezar muito pelo eterno descanso de sua alma, caso o necessite. Rogo-vos dizer às vossas Irmãs que

---

C. 430 Rc. 3. Carta autógrafa.

Ihes peço comungarem por ele e pelo outro (1), o Superior de Ancecy, que também faleceu, há pouco, e era igualmente muito estimado naquela cidade. Ambos foram uma perda inestimável

Faço o mesmo pedido em favor da alma de nossa Irmã Perrine, que era da região do Maine. Asseguro-vos, minhas caras Irmãs, que o relato de suas virtudes e a afeição que as Irmãs tinham por ela, fez a Companhia chorar.

Nossas pobres Irmãs da Polônia também precisam muito de orações; sua aflição é grande, como podeis aquilatar, pois, embora a Rainha Ihes demonstre grande bondade e sua Majestade cuide delas e as ocupe nas obras de caridade, todavia, queridas Irmãs, sua pena por causa da perda de tal pai, tem de ser imensa! A Rainha comunicou ao senhor Padre Vicente que enviou uma das três a uma cidade distante aproximadamente 80 léguas, onde ensina a várias jovens, das quais algumas já mostram desejos de ser Filhas da Caridade (2), de tal modo que, se Deus conceder sua bênção à obra, creio que será instalado um grande estabelecimento. Temos de humilhar-nos muito e rezar muito também. Rogo-vos transmitais todas estas notícias às nossas queridas Irmãs, a quem saúdo, com todo o meu afeto. Dizei à Irmã Francisca (3) que seu pai, sua mãe e irmãs estão bem de saúde, graças a Deus; como também a mãe de Irmã Luísa (4), sua irmã e sua patroa.

Envio uma carta para os senhores Administradores, conforme ordem de nosso Honoratíssimo Pai. Numa palavra, querida Irmã, posso assegurar-vos que ele resolveu fazer todo o possível para que tenhais tranquilidade. Eu o recomendo muito às vossas orações; sabeis que tem muita idade (5) e grande trabalho, o que não o impede de levantar-se todos os dias às 4 e de jejuar diariamente. Estou certa de que o desculpareis se não vos escrever tão frequentemente quanto o desejas e ele também.

Todas as nossas Irmãs vos saúdam; estão bem. Irmã Joana Delacroix pede à sua querida Irmã (6) que reze por ela e seja muito fiel à observância de suas regras. A todas rogo também, queridas Irmãs, que supliquem a Nosso Senhor que me faça misericórdia à hora de minha morte, pelos méritos de sua tão preciosa, em cujo amor sou, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e afeiçoada serva.

---

(1) O senhor Guérin (1594 - 1653) faleceu a 6 de março. Entrara para a Congregação da Missão em 1639 e desde 1642 se achava em Ancecy.

(2) Em 1659, foi aberto um Seminário na Polónia.

(3) Francisca Ménage chegara a Nantes em setembro de 1650. Duas irmãs suas, Margarida e Madalena já eram Filhas da Caridade. Em 1658, viria juntar-se a elas, na Comunidade, mais outra: Catarina.

(4) Luísa Michel (ver C. 406 n. 3)

(5) O senhor Padre Vicente está com 72 anos.

(6) Renata Delacroix (ver C. 315 n. 5).

*Ao senhor Padre Vicente*

3 de abril de 1653

Meu Honoratíssimo Pai,

Esqueci-me de dizer-vos que o falecido senhor Padre Lambert (1) fez-me a honra de comunicar-me, dois dias antes de cair doente, que Irmã Francisca (2) que está na Polônia, era como o traço de união entre as duas outras que não se davam muito bem.

Veio-me também ao pensamento advertir a vossa caridade, de pensar no senhor Cura de São Lourenço, quando tiver conseguido a permissão para celebrar a Santa Missa na Casa dos Pobres Operários (3), para que assim, não tenham motivo de queixar-se (4).

Ontem tomei a liberdade de dizer ao Senhor Legros (5) que me parecia não dever ser aberta, tão cedo, a porta da Capela que desse para o exterior (6). Fazei-me a honra de informar-me quando pretendeis falar às pessoas de fora, em favor da casa, e, se para aumentar o número serão admitidas mais mulheres que homens.

Suplico a Deus se cumpra em nisto sua santa vontade e sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa pobre filha e muito humilde serva.

---

C. 431 Costa IV, 564.

(1) O senhor Padre Lambert (ver C. 22 n. 1)

(2) Francisca Douelle que chegou a Polônia a 7 de setembro de 1652.

(3) O Hospício ou Asilo do Santo Nome de Jesus.

(4) O texto não dá lugar senão a esta tradução. Neste caso, o possível motivo de queixa seria o de esperar em vão pela Missa se quem a devia celebrar não o soubesse. (Nota da Tradutora).

(6) Na Capela do Asilo do Santo Nome de Jesus

*À minha querida Irmã Cecília Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes do Hospital Geral  
Angers*

Hoje, 23 de maio de (1653)

Minha querida Irmã,

Causastes-me grande satisfação dando-me vossas notícias, porque o senhor Du Chesne (1) me havia dito que estáveis doente. Louvo a Deus por terdes melhorado, assim como a Irmã Michelle (2), a quem cumprimento juntamente com as demais Irmãs.

Quanto ao que se refere às jovens que me informastes terem se apresentado ao senhor Du Chesne, se ele as julga aptas, tendes apenas que nê-las mandar. Mas prestai atenção, por favor: há uma com um defeito num braço; deve ser impedimento para que venha. Será boa ocasião para devolver a Irmã que me havíeis proposto mandar a Richelieu.

Quanto á Irmã Bárbara (3), suponho que esteja brincando, quando falou que está pensando em voltar para cá, antes que a obediência a chame. Dizei-lhe minha Irmã, que me custa acreditar nisso, pois, as almas que procuram somente a Deus, não estariam em nenhum lugar melhor do que em Angers. Se elas soubessem o que é estar em outros lugares, como receariam ser tiradas de lá.

Transmiti ao senhor Padre Vicente o desejo de todas as Irmãs a respeito do confessor do Jubileu e ele me disse ser isso livre. Dizei-me se há necessidade de eu escrever nesse sentido ao senhor Du Chesne. Suplico à bondade de Deus, que a todas conceda tais disposições para ganhar o Jubileu; que sua misericórdia se derrame, com abundância, em vossas almas, para expiação da culpa e dos pecados e vos dê a graça da fortaleza para perseverar em seu santo amor de tal modo que, todos os vosso pensamentos, palavras e obras sejam agradáveis a Nosso Senhor.

Sou muito grata ao senhor Abade (4) e ao senhor Padre Ratier (5) pela honra que fazem de se lembrarem de mim; agradeço-lhes, muito humildemente por

---

C. 432 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) O senhor Du Chesne (ver C. 166 n. 4).

(2) Michelle, que chegou em Angers em outubro de 1651.

(3) Bárbara, natural de Troyes, parece que chegou no final do ano de 1648.

(4) O senhor Abade de vaux (ver C. 16 n. 1)

(5) Senhor Padre Ratier (ver C. 82 n. 2)

isso, e pela caridade que continuam tendo para convosco. Mostrai-lhes vossa gratidão, queridas Irmãs, fazendo bom uso de seus conselhos.

Estou muito preocupada com as duas Irmãs (6) de Richelieu, que segundo me informaram, estão gravemente doentes. Rezai por elas e pelas Irmãs da Polônia que, como o sabeis, estão sofrendo com a morte do senhor Padre Lambert (7). Estou aborrecida, por se terem perdido as minhas cartas. Se não recebestes nenhuma, desde a data que me indicastes, quer dizer que, pelo menos, duas bastante longas não chegaram a vossas mãos, o que me penaliza sobremaneira. Irmã Bárbara Angiboust pergunta sempre por vós; continua em Brienne e vai bem, graças a Deus. Peço-vos avisar à Irmã Elisabeth (8) que seu primo Brocard faleceu mui cristãmente. O senhor Padre Vicente foi visitá-lo duas ou três vezes durante sua doença, porque o havíamos colocado num hospital de operários (9) que acaba de ser instalado neste bairro. Peço-vos recomendar esta obra ao bom Deus, a fim de que nela se realiza sua santíssima vontade.

Creio que não vos esqueceis de rezar pela saúde de nosso Honoratíssimo Pai, que trabalha mais que nunca. Atualmente está pregando uma missão, embora esteja sempre adoentado. Sabeis que temos obrigações de pedir a Deus pela perfeição da Companhia, em geral (10), e pela de cada um, em particular pela daqueles que sabemos ocupam postos difíceis e arriscados, a fim de que nosso bom Deus seja em tudo glorificado. Fazei o mesmo, vo-lo peço pela Companhia das Filhas da Caridade, para que Nosso Senhor lhe dê a perseverança e crede-me, em Seu santo amor, querida Irmã, vossa muito humilde e dedicada serva.

P.S. - Todas as Irmãs vos cumprimentam e à vossa Comunidade, recomendando-nos às orações de todas vós, por amor de Deus.

---

(6) Francisca Carcireux e Carlota Royer (ver C. 251 nn. 1 e 2)

(7) O senhor Padre Lambert (ver C. 22 n. 1)

(8) Elisabeth Brocad (ver C. 273 n. 3)

(9) O do Santo Nome de Jesus (ver C. 428)

(10) Da Congregação da Missão.



*Às minhas queridas Irmãs  
Filhas da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes do Hospital  
Angers*

18 de junho de (1653)

Minhas queridas Irmãs,

Sofrestes muito com a moléstia de nossa querida Irmã Cecília (1) e peço ao bom Deus vo-la conservar, assim como as nossas caras Irmãs Cláudia (2) e Maria (3), que também estão doentes. Creio que recebestes esta aflição como vinda da mão de nosso Pai comum que sabe o que nos é necessário e mortifica-nos e nos consola quando Lhe apraz. Porém, que digo? Queridas Irmãs, se amássemos a vontade de Deus, nada nos afligiria, pois sabemos que Ele nos ama e quer o nosso bem, em todas as coisas. Também tivestes motivo de mortificação sensível ao perderdes a esperança de (*poder vos confessar com*) o senhor Du Chesne (4), para ganhar o Jubileu. Ah! minhas queridas Irmãs, façamos como os bons administradores, que tiram proveito de tudo e pensai que não são as consolações e satisfações das criaturas e as de nós mesmas, que devemos buscar, mas, somente a Deus, indo Ia Ele pelo mesmo caminho de seu filho, cujo exemplo não nos ensina outra coisa senão a mortificação interior e exterior. Tenho algum motivo (para crer) que sofreis um pouco por parte de pessoas que estão acima de vós. Se realmente isto acontece, queridas Irmãs, pedi a Nosso Senhor o espírito de reverência e submissão às suas disposições. Procurai não ofender a ninguém e, sobretudo, sede sincera e desinteressada. Sim, como é bom, querida Irmã, sofrer pela justiça! porém, atenção para não sermos voluntariamente, causa daquilo de que nos acusam, isto é, não demos motivos para essas acusações por nossa conduta imperfeita e, muito especialmente, por nossas curiosidades e conversas sobre assuntos que não nos dizem respeito. Estou certa, queridas Irmãs, de que cuidais afetuosamente de nossas boas Irmãs doentes, a quem saúdo de todo meu coração. Minhas Irmãs, não podeis duvidar

---

C. 433 Rc. Carta autógrafa.

(1) *Cecília Angiboust* (ver C. 36 n. 2)

(2) *Cláudia Chantereau* (ver C. 481 n. 2)

(3) *Maria Donion* (ver C. 448 n. 2)

(4) *O senhor Padre Du Chesne aí passara rapidamente, nos principios de fevereiro* (ver C. 426 n. 2)

de que seja santo o Amor que as colocou nesse estado em que se encontram, visto se terem mostrado fiéis à sua vocação. Sendo assim, sem fazer nenhum julgamento, devemos aceitar todo o trabalho e sujeições que a doença delas possam causar-nos, demonstrando-lhes que são servidas de coração aberto e com o desejo de aliviá-las. Suplico a Nosso Senhor vos conceda a graça de encher-vos de seu Espírito para que as agunteis e assistais com espírito de caridade e mansidão por seu santo Amor, no qual sou, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 434 (L. 367)

*À minha querida Irmã Joana (1)*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes*  
*Etampes*

Hoje, 19 de junho de (1653)

Minha querida Irmã,

É verdade que tendes motivos de sobra para sentir tédio, estando tanto tempo sozinha e sem receber notícias nossas com a frequência devida, pelo que vos peço perdão.

Pensei que pudésseis regressar depressa e espero, se não voltardes dentro em pouco, poder enviar-vos uma de nossas Irmãs. Entretanto, querida Irmã, estou persuadida de que muito pedistes a vosso Anjo da Guarda, vos acompanhasse de maneira especial e, assim vos conservastes vigilante a fim de praticar, na medida do possível, vossas regras, sobretudo a que nos recomenda servir os pobres com cordialidade e mansidão e sentis alegria em instruir, da melhor forma possível, essas criaturinhas resgatadas com o sangue do Filho de Deus, para que possam elas o louvarem e glorificarem eternamente.

Não vos recomendo a modéstia e a prudência, e, que não frequenteis o mundo senão o menos possível, porque estou certa de que tendes grande estima por estas coisas. Asseguro-vos de nossa especial afeição e de que as Irmãs e eu falamos frequentemente de vós, com alegria, devido ao serviço que estais prestando a Nosso Senhor e também com pesar, por vos encontrardes sozinha. Suplico à Sua bondade seja vossa força e consolação e sou, em seu santíssimo amor, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 434 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana Francisca (ver C. 442 n. 1). Depois das perturbações da Fronda, foi aberto um orfanato em Etampes.

*Á minha Irmã Joana Francisca (1)*  
*Filha da Caridade*  
*serva dos Pobres Doentes e orfãos em*  
*Etampes*

(junho de 1653)

Minha querida Irmã,

É verdade que recebi muitas cartas vossas, mas, também, o é que respondi a várias delas, porque, posso assegurar-vos que, para mim, é um grande consolo pensar nas graças que o bom Deus vos concedeu. Que Ele continue sendo vossa força e consolação! E embora sozinha, vosso Anjo da Guarda não deixará de fazer-vos companhia e de vos advertir, muitas vezes, que uma Filha da Caridade tem de ser fiel à sua vocação e à prática de suas regras, em tudo o que lhe for possível; especialmente, em sua modéstia e circunspecção, tanto estando só, como diante de seus superiores, não se familiarizando com o mundo. Ah! querida Irmã, não imaginais a alegria que sinto quando penso que estais nesse estado que alegra a Deus e aos Anjos e me faz esperar encontrar-nos na Eternidade. Continuai, vo-lo peço, servindo nossos queridos Mestres, com grande mansidão, respeito e cordialidade, vendo sempre Deus presente neles.

Agradeço-vos as notícias que me destes de nossas queridas Irmãs, das quais há muito nada sabia. Todas as daqui vos saúdam e sentem muito por estardes sozinha. Espero que Nosso Senhor vos dará, enfim, Sua consolação, visto amardes Sua santíssima vontade, na qual sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva. 1

---

C. 435 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Joana Francisca (ver C. 442 n. 1)

*Às minhas queridas Irmãs Andréa (1)  
e Francisca (2)  
Filhas da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Varize (3)*

Hoje, 23 de junho de (1653)

Minhas queridas Irmãs,

Louvo a Deus de todo coração, pelas bênçãos que Sua bondade derrama sobre vossas ocupações e vos peço que Lhe sejais muito agradecidas, pois, o deveis crer: são graças que não mereceis. Quantas moças iguais a vós ficaram no mundo, onde têm muito que sofrer ou então, vêm-se obrigadas a trabalhar somente pela vida corporal; enquanto que vós, ao fazerdes todas as vossas ações por amor de Deus, trabalhais para a vida eterna. Por isso, queridas Irmãs, tende muito cuidado para que o inimigo de nosso bem não lance a cizânia da afeição às coisas que vos poderiam impedir de agradar a Deus; isso sufocaria o mérito que Nosso Senhor quer conferir aos vossos trabalhos. Enviei-me notícias vossas bem minuciosas: continuais gostando de vossos regulamentos? Quando vos vedes obrigadas a interromper a prática de algum, devido ao serviço do próximo, procurais empreendê-lo de novo, de modo melhor? Estou certa de que entre as duas, há uma mútua caridade; que, entre vós, à conversa mais agradável, depois da que deveis aos pobres, é ou falar de Deus, ou sobre o que se faz na Companhia, à qual Ele vos chamou, ou das virtudes que vistes em vossas Irmãs.

Espero também, queridas Irmãs, que tenhais grande cuidado em ajudar vossos pobres doentes a fazer uma boa confissão, antes de morrer e de advertir aos que ficam curados a viverem melhor do que até então o fizeram, assim como intruir as meninas não somente na doutrina, mais ainda, nos meios para viverem como boas cristãs. É isto o que Deus vos pede; para isto vos concedeu a graça de retirar-vos do mundo. Sede-Lhe pois, muito fiéis.

Todas as Irmãs estão bem, graças a Deus, e se recomendam às vossas orações, como também eu o faço, assegurando-vos de que sou no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde e afeiçoadíssima irmã e serva.

---

*C.436 Rc. 3. Carta autógrafa.*

*(1) Andréa Maréchal volta a Paris no final daquele ano. A 8 de agosto de 1655, assina a Ata de ereção da Companhia das Filhas da Caridade. Em 1656, é enviada a Nantes, donde regressa em fins de 1658, quando vai para Liancourt.*

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
no Hospital de Nantes - Bretanha*

(agosto de 1653)

Mui querida Irmã,

Recebi vossa carta, que muito me alegrou, e mostrei-a ao senhor Padre Vicente, deixando-a com ele para que sua caridade a lesse todinha. Achou razoável vossa proposta. Tende ainda, um pouco de paciência, vo-lo suplico, para que as coisas sejam feitas com tino.

Sim, é verdade, querida Irmã, que um dos Administradores do Hospital me escreveu e, me parece, que com o consentimento dos outros. Porém, antes de dar-lhes resposta e de executar os planos que lhes havia apresentado, achei necessário informar-me, perguntando-vos se é verdade o que nos foi dito, a saber: que o Hospital está sobrecarregado de Irmãs, devido ao grande número que sois (1). Se assim é, é muito contrário à nossa vontade, pois, posso asseverar-vos que nos faltam (Irmãs) para podermos atender onde não-las pedem. Queixaram-se, ainda de que não obstante serdes tão numerosas, chamais mulheres de fora para fazer vosso trabalho, como guardar, levar e fazer a barrela (2) e, creio também, para lavar as tigelas. Numa palavra, tive grande vergonha escutando todas estas censuras. Em nome de Deus, querida Irmã dissei-me se tudo é verdade, porque se o for, temos de começar por reconhecer nossa culpa. Gostaria de saber se poderíamos escrever, com confiança, ao senhor de la Pinsonnière ou a algum outro dos senhores Administradores que aí estava, quando fui levar as Irmãs para Nantes.

Recebi notícias das Irmãs de Hennebont que contaram que Irmã Marta (3) está lá desde que saiu de Nantes; seria bom que se soubesse disto para evitar suspeitas. Recomendo-me a todas queridas Irmãs e lhes asseguro nossa sincera afeição e que todas as Irmãs daqui lembram-se delas, com frequência.

A mãe e irmã de Irmã Luiza (4) estão (bem) de saúde. Porém a avó e a mãe de Irmã Francisca (5) faleceram no espaço de seis semanas ou dois meses, uma da outra. Seu pai que também esteve malíssimamente, está muito bem, graças a

---

C. 437 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Havia nove Irmãs, no Hospital de Nantes.

(2) Água onde se ferve cinza e que é usada para branquear a roupa. (Nota da tradutora).

(3) Marta Dauteuil (ver C. 178 n. 1) partiu para Hennebont a 12 de agosto.

(4) Luiza Michel (ver C. 430 n. 3)

(5) Francisca Ménage (ver C. 430 n. 3)

Deus. Suas duas Irmãs que estão na Companhia passam bem e suportaram este sofrimento mui virtuosa e cristãmente. Peço-lhe, de todo o coração, que faça o mesmo e se entregue a Deus para cumprir sua santa vontade e disposição de sua Providência. Que coisa melhor poderia ela desejar para os seus do que vê-los morrer como bons cristãos, realizando os atos correspondentes a uma morte assim, como o fizeram suas boas mães? É incrível a virtude e submissão que seu bom papai deu mostras nesta circunstância! Peço-vos a ajudeis a suportar bem esta cruz.

Não respondo a todos os pontos de vossa carta porque, como já vos disse, não a tenho em meu poder.

Desejo muito ter a alegria de ver-vos. Recomendai bastante a Deus este assunto. Penso que encontreis várias coisas mudadas e espero que seja para melhor. Crede-me, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde e dedicadíssima irmã e serva.

C. 438 (L. 372)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Nantes*

(setembro de 1653)

Minha querida Irmã,

Finalmente, aprouve ao bom Deus servir-se do senhor Padre Alméras (1) para levar algum lenitivo às penas que, há tanto tempo, vindas sofrendo e, especialmente, vós, querida Irmã, escolhida por Nosso Senhor para carregar este pesado fardo. Como porém era carga imposta por Ele, estou certa, querida Irmã, de que Sua bondade muito vos ajudou, seja eternamente bendito seu santo nome! Espero também, que Sua graça continuará a vos dar força e coragem, para que Sua bondade leve esta obra à sua perfeição. Já me havia prometido a alegria de vos ver, em breve, por aqui; mas, como não é esta a vontade de Deus, visto serdes ainda necessários ai, durante algum tempo, bem sabeis que nossa felicidade consiste em abandonar-nos, inteiramente, à sua direção.

Escrevo à Irmã Ana (2), por ordem do senhor Padre Vicente, para que apro-

---

C. 438 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Senhor Padre Alméras (ver C. 197 n. 2)

(1) Senhor Padre Alméras (ver C. 197 n. 2)

(2) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2)

veite a primeira oportunidade que aparecer e vá para Richelieu, sem nenhuma demora. Não posso escrever, hoje, à Irmã Luísa (3); basta que lhe digais o dia em que partirá com Irmã Ana; é ordem de nosso Honoratíssimo Pai. Não permanecerão juntas por muito tempo; mas, é lá que aguardarão ordens do que deverão fazer.

Rogo-vos, querida Irmã, apresenteis minhas excusas à Irmã Henriqueta (4), por não lhe haver escrito e, a todas as Irmãs (dizei) que a visita do senhor Padre Alméras me proporcionou uma grande alegria, esperando que Nosso Senhor se servirá deste meio para derramar abundantes bênçãos sobre toda a família, em geral e (a cada uma) em particular. Assim o desejo de todo coração. Rogo-vos não vos afligir se não sentirdes imediatamente completa calma e consolo, porque sabeis que o bem se faz pouco a pouco. Aguardo vossas notícias que, há muito não recebo e me proponho escrever-vos mais longamente.

Penso que Irmã Ana tem algum dinheiro; rogo-vos, querida Irmã, se não for o suficiente para a viagem das duas, dai-lhe o que for necessário e, dizei-me quanto tomastes emprestado na cidade, e eu o pagarei aqui, se se tratar de pessoas cujo endereço me seja conhecido. Nossa Irmã Toussainte recebeu a Extrema Unção (5); rezai por ela e por toda a Comunidade que saúda a vossa. E por mim, que sou, de todo coração, no amor de Jesus Crucificado, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Esqueci-me de comunicar-vos, querida Irmã, que vos enviaremos duas Irmãs (6), no princípio da semana, se Deus quiser. Se houver necessidade de avisar aos senhores Administradores a saída das Irmãs, será melhor que alguma pessoa da cidade faça chegar até eles a notícias, com delicadeza, porém, não por uma de vós.

C. 439 (L. 378)

*(À Irmã Hardemont, em Nantes) (1)*

(setembro de 1653)

Minha querida Irmã,

Permitiu o bom Deus que tenhais tido alguma e também muita pena e difi-

---

(3) *Luísa Michel* (ver C. 406 n. 3)

(4) *Henriqueta Gesseaume* (ver C. 86 n. 1)

(5) *Unção dos Enfermos, hoje.* (Nota da tradutora)

(6) *Nicole Haran* (ver C. 528 n. 1) e *Genoveva*.

C. 439 Ms. A, *Irmã Chétif*. 1 n. 44. Cópia.

(1) *Esta carta está no caderno de cópias de Margarida Chétif, série Ana Hardemont.*

culdade; seja bendito seu nome, pela graça que vos concedeu de permanecer no desejo de cumprir sua santíssima vontade! É este um poderoso meio de obter suas graças, mesmo quando estamos sujeitas a muitas faltas e infidelidades, por causa de nossa fraqueza de espírito e imperfeições. É, portanto, querida Irmã, em cumprimento da santíssima vontade de Deus que venho dizer-vos, da parte do senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, que ao receberdes a presente, partais para (Richelieu), levado convosco a Irmã (Luísa) (2). Lá esperareis as ordens que vos serão dadas.

Aí (em Nantes), experimentastes a felicidade que existe em apenas obedecer. Tivestes muitas ocasiões de praticar atos de mansidão, submissão, de quebrar as vontades próprias. Se ainda vos restaram algumas (3), considerai, vo-lo peço, este tempo como muito valioso, porque sei vos servirá de grande consolo quando houver passado. (4)

C. 440 (L. 373)

### *Ao senhor Padre Vicente*

(setembro de 1653)

Enganei-me ao afirmar que um dos Padres dos Pobres (1) se ofereceu para acompanhar o senhor Padre Alméras (2) na visita ao senhor Bispo de Nantes: apenas o aconselhou que fosse estar com ele. Porém, no final de sua última carta, o senhor Padre Alméras diz que acabava de conferenciar com o senhor de Beaupréau (3) sobre o assunto e resolveram agir, sem falar coisa alguma com o senhor Bispo, por algumas razões que expôs. Possivelmente o dito senhor Bispo manifestaria seu desagrado a seu regresso, mas que não passaria daí e tudo re-

---

(2) *Luísa Michel* (ver C. 406 n. 3)

(3) *A tradução é fiel ao texto editado; porém, pareceria mais lógico modificar a pontuação, da seguinte maneira: quebrar as vontades próprias, se ainda vos restaram alguma. Considerarei este tempo... Cf. C. 387, à mesma Irmã Ana, em que Luísa de Marillac lhe expressa idéia semelhante. Tenha-se em conta, finalmente que a presente C. 439 é cópia de um autógrafo anterior que se perdeu. (Nota da Tradutora).*

(4) *Este último parágrafo está literalmente na C. 387.*

C. 440 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) *Pais dos Pobres: Administradores no Hospital.*

(2) *O senhor Padre Alméras (ver C. 197 n. 2) está em visita à Comunidade do Hospital de Nantes.*

(3) *Senhor de Beaupréau, administrador do Hospital de Nantes.*

cairia sobre ele, o senhor de Beaupréau, que estava decidido e sabia o que lhe responder; são essas suas próprias palavras.

Quanto ao artigo da distribuição dos ofícios, a opinião do senhor Padre Alméras é que seja a Irmã Servente que continue tendo o encargo disso. E eu o creio absolutamente necessário para manter a paz e para colocar a Irmã Servente na situação de ter efetivamente a direção das outras, e isto pode ser entendido mais como ato de obediência espiritual que temporal. E embora até agora pareça que os Administradores não tenham querido intervir senão na questão do vinho e também na das desavenças, se a eles lhes concedesse isso (4), iriam se metendo em tudo o mais, um após o outro. Uma Irmã Servente saberá fazer ser aceito o que ela fizer, pelos senhores Administradores que quisessem rebelar-se contra seu governo, se se comportar sempre com prudência e respeito, em todas as demais funções de seu cargo.

O senhor Padre Alméras não estará presente à partida de nossas Irmãs (5)? Não seria isso muito necessário?

Nada se deveria dizer sobre Hennebont? (6)

C. 441 (L. 370)

*Para Irmã Joana Lepintre (1)*

Hoje 16 de setembro de (1653)

Mui querida Irmã,

Espero que a visita do senhor Padre Alméras (2) haja dissipado todas as inquietações que entristeciam vosso espírito e que a simplicidade de suas palavras, cheias de verdade, vos tenha feito compreender que a maneira de agir, de uns e de outros, é reta e sem hipocrisia.

Quão feliz sois, querida Irmã, por conhecer tão bem e amardes tanto a santíssima vontade de Deus, nossa única riqueza, quando cumprida por nós! Suplico, de todo coração, a essa divina vontade que se faça ouvir pelo vosso, ensinando-vos a tolerância e paciência que deveis ter com vós mesma, especialmente em dois pontos; um é o não acreditardes estar bastante inteirada das coisas que se passam e o outro, a pena que pode causar-vos a repugnância que sentis em vos comunicar, acreditando não terdes pessoas que vos sejam apro-

---

(4) A distribuição dos ofícios.

(5) Ana Hardemont e Luísa Michel vão sair de Nantes, chamadas a Paris.

(6) Marta Dauteuil havia ido para Hennebont, como é dito em sua nota biográfica (C. 178 n. 1). Os Administradores de Nantes a reclamavam para seu Hospital.

C. 441 Rd. 3. Carta autógrafo.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1)

(2) O senhor Padre Alméras (ver C. 197 n. 2)

priadas. Lembremo-nos, querida Irmã, da grande Santa Teresa, que tendo muitas e mais importantes ocupações do que nós, para as quais necessitava pedir conselho, e, mesmo não tendo à sua disposição as pessoas que desejaria, tinha tão grande humildade e simplicidade, que pedia, livremente, conselhos àqueles que a Providência lhe enviava como diretores e os escutava como se o próprio Deus lhes falasse. Contentava-se com o necessário, deixando o resto, à direção de Deus, sem afligir-se. Tenho certeza, querida Irmã, de que já experimentastes que onde os homens nos faltam, Deus se nos comunica mais copiosamente. É melhor para nós querer sacrificar-Lhe todas as satisfações que nos proporcionaríamos o podermos externar até o menor de nossos pendamentos, o que seria um entretenimento do espírito sem nenhum proveito.

Penso terdes recebido, nos primeiros dias da semana passada, as cartas nas quais o senhor Padre Vicente dava ordem à Irmã Ana (3) e Irmã Luísa (4) de partirem; espero já o terem feito. Seguem, para vós, duas de nossas melhores Irmãs (5). Sei, minha Irmã, que tendes todo o cuidado para não demonstrar mais afeição a umas do que a outras. E, se algumas vos são mais fiéis, nem por isso lhes dais a entender desejar que vos contem as coisas, mas ouvi isso com indiferença, sem lhes mostrar o erro das que faltam. Numa palavra, querida Irmã, creio que Nosso Senhor há de conceder-vos todas as graças de que necessitais para estabelecerdes a união em vossa Companhia, a fim de que Deus nela seja glorificado. Em seu santíssimo amor, sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva, assediada de inúmeros afazeres.

P.S.- Recomendo-me a todas as nossas queridas Irmãs.

C. 442 (L. 371)

*À minha querida Joana (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos pobres, em  
Etampes*

Hoje, 23 de setembro de (1653)

Minha querida Irmã,  
Tendes motivos de sobra para vos queixardes de mim, porque há bem tem-

---

(3) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2)

(4) Luísa Michel (ver C. 406 n. 3)

(5) Genoveva e Nicole Haran (ver C. 258 n. 1)

C. 442 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Joana Francisca: em 1651, encontramo-la em Saint-Étienne à Arnes. Depois, é enviada a Etampes, a serviço das crianças órfãs em consequência da guerra.

po me tenho contentado em saber vossas notícias, sem vos mandar as nossas. É verdade que esperava, de um momento para outro, o vosso regresso, pois faz muito que não vindes à Casa (Mãe). Sei, entretanto, que não vos entediastes durante esse tempo, querida Irmã, porque Deus vos concedeu a graça de amar seu serviço e o dos pobres. Por isso, seja Ele eternamente glorificado!

Encontrareis aqui muitas mudanças de Irmãs. Nosso Senhor nos levou um bom número delas, o que me faz desejar ainda mais que não adieis a hora de vir, assim que o senhor Padre Vicente vos ordenar (2); tende grande cuidado em não faltar a isso, pois, é a obediência que confere merecimento às nossas ações e as torna agradáveis a Nosso Senhor, em cujo amor sou, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 443 (379)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, segunda-feira [outubro de 1653]

Meu Honoratíssimo Pai,

Nossa boa Senhora disse-me que fosse vê-la amanhã a uma hora da tarde. Talvez queira saber o que deva fazer para passar um contrato. No caso de desejar seja ele feito sem ser citada, suplico à vossa caridade o favor de dizer-me que solução lhe daremos e se se pode pedir a algumas pessoas para agirem por e no lugar dela.

Recebi outra carta do senhor Cura de Nanteuil, na qual me fala que Irmã Judith está em Toquain-en-Brie, paróquia do senhor Padre Gallais (1). Muito arrependida do que fez, manifesta que estaria disposta a voltar se o senhor Cura de Nanteuil lhe garantir o sustento. Que direi a esse bom senhor? (2)

Não sei se o Irmão Ducourneau vos terá comunicado uma proposta para um acordo com os operários, sem prejudicar à casa. É a seguinte, meu Honoratíssimo Pai: pedir à pessoa que fabrica os tecidos que nos diga quanto paga aos pi-

---

(2) Joana Francisca confiará o cuidado das crianças à senhorita Rigault, (ver Coste V, 15 e 18). Depois, de fazer o Retiro Espiritual na Casa Mãe, volta para Etampes, onde ainda se achava a serviço das crianças, em junho de 1654.

C. 443 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Senhor Padre Gallais (ver C. 117 n. 2) que acaba de deixar a Congregação de Missão.

(2) Em sua resposta (Coste V, 35), o senhor Padre Vicente escreve a Luísa de Marillac: "a condição que esta Irmã propõe exige sua expulsão. É sinal revelador do espírito de seu diretor. (Nota da tradutora)

soadores (3) de sua região, para enfortir (4) uma peça de sarja e que quantidade de tecido representa; quanto se paga para pentear e cardar a lã, ao cento; para fiá-la no torno grande, como no pequeno. Isto facilitaria o cálculo que poderia ser feito com os operários, porque o preço de Paris é muito alto, coisa que se compreende, por tudo estar aqui mais caro (5).

Perdoai minhas importunações e fazei-me a honra de crer-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 444 (L. 374)

*À minha querida Irmã Cecília (1)  
Filha da Caridade,  
Serva dos pobres enfermos no Hospital  
Angers*

Hoje, 18 de outubro de (1653)

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus pelas graças que sua bondade concedeu às nossas Irmãs, durante o Retiro Espiritual e, de todo coração, suplico-Lhe dar-lhes a de que necessitam para a elas serem fiéis. Quanto ao conselho que me pedis a respeito de uma falta pública, não vo-lo posso dar, sem me falardes que falta foi e que penitência impusestes; isso, sem me revelar o nome da pessoa.

Na semana passada, escrevi aos senhores Pais dos pobres (2); porém, receio que algumas de nossas Irmãs que regressam de Nantes (3), passem por aí. Não demos ordem para fazerem, mas, é possível que o desejo de (vos ver) as leve a fazerem essa volta. Se isto acontecer, querida Irmã, (peço-vos) que não as façais entrar em vossa acomodações, sem antes pedir permissão a esses senhores; é uma questão de justiça, que não devemos omitir. Suplico-vos apresenteis minhas humildes saudações ao senhor Abade e ao senhor Padre Ratier e a todos os outros que sabeis devo eu fazê-lo, sem esquecer nossas queridas Ir-

---

*(3) Aquele ou aquilo que aperta e bate (o pano) com o pisão, máquina que aperta e bate o pano para torná-lo mais consistente. (Nota da tradutora)*

*(4) Enfortir: dar fortaleza e consistência a (panos), no pisão. (Nota de tradutora).*

*(5) Trata-se do trabalho efetuado no Asilo do Santo Nome de Jesus, para o qual se contratavam operários que orientavam os velhinhos.*

C. 444 Rc. 3. Carta autógrafa.

*(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)*

*(2) Senhores Administradores.*

*(3) Joana Lepintre, Catarina Baucher e Jacqueline deixavam Nantes (ver Coste XIII, 680)*

mãs a quem me recomendo de todo (meu coração) (4), sendo no amor de Nosso Senhor Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 445 (L. 380)

*Ao senhor Padre Vicente  
Hoje, sexta-feira, véspera de Todos os Santos*

[1653]

Meu Honoratíssimo Pai

A nota (1) que enviei à vossa caridade e da qual não deixei cópia, é, apenas, uma proposta feita por essa boa Senhora, que pede vosso parecer, mas não quer que se mencione seu nome e me obrigou a vos indicar a melhor maneira de tratar desse assunto, com segurança. Isto me leva a suplicar-vos humildemente, meu Honoratíssimo Pai, o obséquio de mandar escrever a resposta diante de cada artigo e acrescentar se é necessário fazer-se um contrato para isso e de que forma, porque suponho que ela não pedirá outra opinião senão a vossa.

Ainda não enviei nenhuma Irmã para Varize, por meu grande descuido e por dar largas à indecisão e perplexidade ordinária de meu temperamento. Deveremos excluir, de todo, a Irmã Andréa (2) que voltou de lá, faz três meses, sem que tenhamos nenhuma outra capaz, que saiba ler e escrever? A que ficou, não sabe sequer aplicar uma sangria. Se a vossa caridade parecer conveniente, levaríamos em conta apenas esta última necessidade e poderíamos então mandar uma, já na segunda-feira. E, quando as de Nantes (3) tiverem se descansado um pouco, enviaríamos uma delas para a instrução das jovens.

Quando vos aprouver, mandaremos ir as três (4) para Nantes; seria, entretanto, muito necessário que, antes, conversássemos convosco e também que vossa caridade lhes explicasse sobre sua maneira de proceder naquele lugar.

Que resposta darei, meu Honoratíssimo Pai, ao senhor Cura de Nanteuil, que quer queixar-se ao senhor Bispo de Nantes, do prejuízo que o senhor Padre Gallais lhe causou? Acredito que, em breve, uma outra seguirá o mesmo cami-

---

(4) Luisa de Marillac deve ter escrito esta carta muito às pressas, porque saltou várias palavras, que foram acrescentadas entre parênteses. (Nota da tradutora).

C. 445 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: outubro de 1653 (Irmão Ducourneau)

(1) Ver C. 443, 1<sup>o</sup> parágrafo.

(2) Andréa Maréchal (ver C. 436 n. 1)

(3) Joana Lepintre, Catarina Baucher e Jacqueline.

(4) Maria Marta Trumeau, Ana de Vaux e Madalena Miquel vão partir a 12 de novembro de 1653.

nho de Irmã Judith (5). São meus pecados e meu mau governo que ocasionam todas estas desordens; estou convencida disso. Refleti sobre o assunto, diante de Deus, meu Honoratíssimo Pai, e por seu santo amor, dai a isso o remédio que achardes que sua santa vontade vos aconselha. Fazei-me a graça de dar-me vossa santa bênção, como à sua mais pobre filha, no amor de Jesus Crucificado, que se diz, como o é, meu Honoratíssimo Pai, vossa mui humilde...

P.S.- Suponho que comunicaram à vossa caridade o falecimento de nossa Irmã Madalena, ocorrido às 9 ou 9 e meia, desta manhã.

C. 446 (L. 292)

*À minha querida Irmã Joana Delacroix (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres  
Serqueux*

Hoje, 5 de novembro de (1653)

Minha querida Irmã,

Quanto consolo encontrei na desolação de vossa carta! Como é verdade que as almas que procuram a Deus O encontram por toda a parte e, principalmente, nos pobres! Como gostei do pensamento que expressastes a esse respeito! Deu-me ele motivo para louvar a Deus!

Como a nossa Irmã vem suportando a privação dos santos sacramentos? Falastes-me que é o senhor Vigário, não tendes Cura Pároco? Se o inconveniente de sua surdez vos impede de vos confessardes, podeis, tomando cuidado e ajudadas pela graça de Deus, não irdes com tanta frequência. Se vos for possível chegar à Forges (2), seja na paróquia, seja nos Capuchinhos, podeis fazê-lo, com toda liberdade. Se isso não puder ser feito, por causa do exemplo que deveis dar à paróquia, nas festas e domingos, não deixeis de, por isso, comungar nesses dias.

Parece-me, querida Irmã, que passa uma diligência para Forges; informai-vos direitinho, por favor. Pedi a Nosso Senhor por nós e, crede-me em seu amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Na semana passada, foram quatro Irmãs para servir os pobres feridos

---

(5) Ver C. 443, 2º parágrafo.

C. 446 Rec. 3. Carta autógrafa.

(1) Joana Delacroix (ver C. 350 n. 5)

(2) Forges-les-Eaux (balneário de Forges) afamado por suas águas medicinais, situado a 4 Km. de Serqueux.

e doentes de Châlons (3). Nossas Irmãs vos saúdam e a Irmã Renata (4), como eu mesma o faço, de todo o coração.

C. 447 (L. 400)

*À Irmã Ana Hardemont (1)*  
*Châlons-sur-Marne*

(pelo ano de 1653)

Querida Irmã,

Muito me consola tudo o que nos disseram de vós, pelas graças que Deus vos concede na direção de todas as coisas, no serviço que sua bondade vos entregou. Seja Ele bendito para sempre! Suplico-lhes, por sua misericórdia, vos conceda também a de Lhe ser muito agradecida. Não duvido, querida Irmã, que as três Irmãs (2) aproveitem dos exemplos e conselhos que tendes a caridade de lhes dar; porém, como nem sempre estais junto delas, peço-lhes, por amor de Nosso Senhor, não deixarem seu espírito se distrair demasiadamente, pelas muitas conversas que podem ouvir, tendo de achar-se no meio de toda espécie de pessoas. É certo que umas levam ao recolhimento e à lembrança das misérias humanas; outras porém, podem inspirar pensamentos diferentes por causa dos hábitos que tais pessoas contrairam na sua maneira de viver. A pura intenção que sempre devem renovar, de fazer todas as suas ações por amor de Deus, lhes servirá de ajuda para se conservarem no espírito que as verdadeiras Filhas da Caridade devem ter. Enfim, peço-lhes, a todas que a distância de nós não lhes tire da memória o empenho com a prática de nossas Regras e das virtudes que devem ter as Filhas da Caridade.

E que Irmã... (3) me diga se entrou plenamente, na prática de uma humilde tolerância, da reserva que uma Irmã Servente deve ter quando deixa o cargo, porque existe uma máxima que as que já não exercem o cargo, hão de ser as mais humildes e obedientes da casa. Tende sempre presentes as advertências que o senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, vos deu, referentes a vos-

---

(3) Bárbara Angiboust, Ana Hardemont, Perrette Chefdeville e Maria Poulet partiram em fins de outubro (ver Coste V, 56) para Châlons a fim de atender os feridos. Pouco depois, outras duas a elas se uniram.

(4) Renata Delacroix, sua Irmã, que estava em Nantes (ver C. 31 n. 5)

C. 447 Ms. A, Irmã Chétif 1 n. 38. Cópia.

(1) Cópia de Margarida Chétif, série Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2)

(2) Bárbara Angiboust, Perrette Chefdeville e Maria Poulet.

(3) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1)

so comportamento para com as antigas, que deveis amar e respeitar com se fosseis vossas mães.

Continuamos na Comunidade as Orações pela paz, que fazíamos durante a guerra. São elas a Antifona e a oração de São Miguel, pela manhã, depois do *Sacro sanctae*, e após o *Angelus*, as de Santa Genoveva. Aliás, durante cerca de três meses, dia e noite, estiveram sempre duas Irmãs em oração para procurar afastar de nós a ira de Deus, porque reconhecíamos que, verdadeiramente, a havíamos atraído por nossos pecados e havíamos merecido que caísse sobre nós; e se fomos preservadas, foi por um efeito de sua misericórdia que não nos castigou como o merecíamos. Muito receio que sejamos ingratas.

Peço-vos rogueis à sua bondade nos preserve desta desgraça e crede-me em seu santo amor...

C. 448 (L. 382)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 12 de novembro de (1653)

Senhor Abade,

A boa senhorita Chevalier (1) chegou com nossa Irmã (2) sem nenhum contratempo, graças a Deus! Agradeço-vos, humildemente, senhor, o aviso que vossa caridade me deu a se respeito, isso nos servirá para melhor experimentar sua vocação. Manifesta grande coragem para trabalhar com humildade e submissão; ainda se encontra entre o temor e a esperança de ser recebida e suportada bem nessa incerteza, no retiro que iniciou, com grande desejo de fazê-lo bem. É verdade, senhor Abade, que ela já entrou em duas ordens religiosas e, numa delas permaneceu mais de seis meses; porém, nem numa, nem noutra chegou a receber o hábito e disse que o motivo de sua saída foi a falta do dote que seu pai não lhe quis dar, nem sequer para ser Irmã conversa. Recomendo-a às vossas santas orações.

Os senhores Padres (3) ao agradecer-nos lhes termos deixado a Irmã Ceci-

---

C. 448 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) A senhorita Chevalier, postulante procedente de Angers. Terá dificuldade em adaptar-se e não permaneceu por muito tempo na Companhia das Filhas da Caridade. Passou para a Obra da senhorita Lestang (ver C. 136 n. 2)

(2) Maria Donion. Chegou a Angers em novembro de 1651. Voltou a Paris em novembro de 1653, sendo depois enviada a Brienne.

(3) Os Administradores do Hospital.

lia (4) solicitam-nos que o seja para sempre. Mas, isto é coisa que não podemos nem devemos prometer. Peço-vos, humildemente, senhor, quando se apresentar ocasião propícia, nos façais a caridade e fazê-los compreender que não devem desejá-lo, nem esperar que tal coisa aconteça. Escrevo uma palavrinha à Irmã Cecília a respeito da volta de Irmã Maria, porém só pelo que a ela se refere, porque, tudo o que ordenardes a respeito das Irmãs, será sempre aceito. Agradeço-vos, profundamente, senhor, a continuação de vossa caridade na direção das Irmãs; bem conheceis a necessidade que elas têm disso. Suplico-vos, humildemente, que vos informeis acerca do senhor Maillard; temo que julgue, precipitadamente, a necessidade de que algumas Irmãs saiam da Companhia, para assegurar sua salvação. Não é que eu dê inteiro crédito a tal juízo, que só se funda em alguns indícios percebidos nas palavras de Irmã Maria. Porém, como é assunto cuja importância conheceis, pareceu-me dever falar-vos disso, ao mesmo tempo em que me excuso, humildemente, por esta liberdade. E sou, com todo respeito que vos devo, senhor Abade, vossa humilde e obediente serva.

C. 449 (L. 383)

*À minha querida Irmã Ana Hardemont (1)*  
*Filha da Caridade, Serva dos pobres*

Hoje, 13 de novembro de (1653)

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo o meu coração, pelos desígnios de sua Providência, sobre todas as coisas, e, em especial, sobre o trabalho ao qual sua Bondade vos entregou. Espero que o reconhecimento que tereis por isso, vos sirva de preparação às graças de que necessitais para servir os pobres doentes, em espírito de mansidão e grande compaixão, à imitação de Nosso Senhor que assim tratava os mais desagradáveis. Parece-me, querida Irmã, que sua Bondade quer servir-se de vós e reserva para Si, vossa direção. Consultai-O, muitas vezes, em vossas necessidades interiores e exteriores e vos suplico que, o pouco tempo de que dispondes para fazer leitura, o empregueis em ler o vosso regulamento, todos os meses, e a Imitação de Cristo ou a Filotéia: isto é o mais necessário para as Filhas da Caridade. Em nome de Deus, querida Irmã, pensai sempre que não basta que nossas intenções sejam boas e nossa vontade inclinada ao bem, nem que nos-

---

(4) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

C. 449 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2)

sas ações sejam feitas puramente por amor de Deus, porque, juntamente com o mandamento de amar a Deus com todo o nosso coração, recebemos o de amar o nosso próximo. Para cumprir este último é necessário que todo o nosso ser exterior o edifique, como, pela graça de Deus, o fazeis.

Mostrei vossa carta ao senhor Padre Vicente que vos pede submeter-vos totalmente ao senhor Bispo de Châlons a quem devemos muita gratidão. E que, com seu beneplácito, sejais vós a que ireis a Sainte Menehoud e a Irmã Bárbara (2) permaneça em Châlons, com Irmã Perrette (3) se ela ainda estiver aí. Quanto ao resto, tanto a respeito do número, quanto a escolha de outras (4), vereis juntas entre Irmã Bárbara, vós e Irmã Perrette.

Cumprimento, de todo meu coração, as nossas queridas Irmãs, suplicando a Nosso Senhor lhes dê seu espírito para procurarem a maior glória de seu Pai e edificação do próximo. E sou, em seu santíssimo amor, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 450 (L. 399)

*Ao senhor de Vaux*

(dezembro de 1653)

Senhor Abade,

Recebi, com muito atraso, a carta que me fizestes a honra de escrever, por ordem do senhor Bispo de Angers e, que me daria especial consolação se, no momento, estivéssemos em condições de obedecer às suas vontades para colaborar com seus santos propósitos. Porém, hei de dizer-vos, com toda liberdade, pois tivestes a bondade de me permitir fazê-lo em qualquer ocasião, que o envio de cinco Irmãs para Nantes e duas para Hennebont, mais outras seis que a Rainha pediu para as necessidades de Sainte-Menehoud (1) colocou-nos na impossibilidade de atendê-lo. Além disso, teremos de servir a quatro lugares, onde há uma Irmã sozinha e a outros quatro com os quais nos comprometemos, há mais de seis meses. Trataremos de fazê-lo o mais depressa possível e, depois disso, senhor, não deixarei de comunicar-me convosco, antes de tomarmos

---

(2) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1)

(3) Perrette Chefdeville (ver C. 366 n. 1)

(4) A Rainha havia pedido seis Irmãs: ver a carta seguinte.

C. 450 Rc. 4. Carta Autógrafa.

(1) As Irmãs tinham ido para Châlons e Sainte-Menehoud, a pedido da Rainha, para atender as vítimas da guerra.

qualquer outro compromisso. Nesse meio tempo, espero que Deus nos conceda a graça de que se irão formando as recém-chegadas. Muito me alegraria de que a senhorita Chevalier (2) tivesse a felicidade de se tornar apta; porém, parece-me que não vai se acostumar com o clima de Paris, nem dos arredores. Sinto não termos podido conhecer a opinião que vossa caridade teria dado sobre ela, se tivésseis conseguido conversar melhor com a referida senhorita. Custar-lhe-á muito o decidir-se voltar para aí, caso chegue a sair, como receio bastante.

Louvo a Deus, Senhor Abade, e Lhe dou graças por todo o bem que está sendo apreciado em nossa última Irmã de Angers. Espero que Sua bondade continue derramando nela as suas graças, assim como Suas bênçãos sobre vossa caridosa direção, pela qual vos agradeço, humildemente, assim como o cuidado que tivestes de permitir a nossas Irmãs de se confessarem com as três pessoas que lhes indicastes. Permitti-me, senhor, perguntar-vos se vossa intenção é que vá mais de uma no mesmo dia e se cada um desses Padres será confessor de umas e, os outros, das outras. Se assim for, não se formarão pequenos partidos e emulações? Não é que eu pense que vossa caridade não tenha tudo previsto, mas preciso sabê-lo, para exemplo de outros lugares.

O senhor Moreau (3) se deu ao trabalho de vir aqui, mas não me falou dos Religiosos de Santa Genoveva. Suplico a Nosso Senhor que se cumpra sua vontade neste assunto e que seja Ele a recompensa eterna dos trabalhos que tomais, sendo, em seu santo Amor, senhor Abade, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 451 (L. 385)

*À minha querida Irmã Bárbara (Angiboust)  
Châlons*

Hoje, 13 de dezembro de (1653)

Mui querida Irmã,

Não sei como expressar-vos a alegria que vossas prezadas notícias me proporcionaram. Suplico a Nosso Senhor seja Ele sempre a vossa fortaleza e conselho.

O senhor Padre Vicente acha bom que a Irmã Perrette (1) fique convosco em

---

(2) *Senhorita Chevalier (ver C. 448 n. 1)*

(3) *Senhor Moreau, Administrador do Hospital de Angers.*

C. 451 Rc. 3. *Carta autógrafa.*

(1) *Perrette Chefdeville (ver C. 336 n. 1).*

Châlons e que envieis a Irmã Joana (2), a Brienne. Caso já tenha ela se dirigido para lá, como ele lhe havia dito, ficai aí com Irmã Maria Poulet (3). Penso que seria muito a propósito. Permanecei juntas, as Irmãs e vós, porém sempre sob o beneplácito e consentimento do senhor Bispo de Châlons. Parece-me que em Châlons e Sainte-Menehould tereis algum dos senhores Padres da Missão e creio, seria conveniente que os tomásseis como confessores; entretanto, escrevei-me antes, dando-me notícias. Creio, querida Irmã, que pensastes em deixar à nossa Irmã, o suficiente para que possam viver, sendo duas com ela, em Brienne; do contrário, tereis de dizer-lhe com quanto pode ficar. Deixastes-lhe algum endereço para nos fazer vir o que lhe destes? Dizei-me em que estado ficou aquele lugar (4) e se falastes com a senhora de Brienne tudo o que me contastes e se ela não comentou convosco sobre o que lhe mandei dizer por nossas Irmãs.

Rogo-vos apresenteis minhas excusas à Irmã Perrette por não lhe responder. Já vai dar duas horas da tarde e ainda não almocei. Dizei-lhe que meu coração está tal como o deseja, referentemente ao assunto sobre o qual me escreveu e que sabe muito bem o quanto lhe quero e como desejo que seja uma santa pela fidelidade devida a Deus, na mortificação e desapego de todas as coisas, para chegar ao puro Amor que Ele lhe pede. Amor no qual sou, querida Irmã, vosso muito humilde irmã e serva.

P.S. Irmã Cecília (5) vos saúda; continua sendo cada vez mais querida. Todas as nossas Irmãs enviam suas lembranças a toda essa Comunidade.

C. 452 (L. 375)

*À Irmã Bárbara Angiboust  
(Châlons)*

Hoje, 19 de dezembro de (1653)

Mui querida Irmã,

Não havia me advertido que Irmã Joana (1) não sabia ler; espero que Irmã

---

(2) Joana Henault, vinda de Brienne (ver C. 410 n. 4).

(3) Maria Poulet foi para Châlons em outubro de 1653; voltou a Paris no ano seguinte. Em 1657, encontra-se em Chars. Em 1658 é escolhida para a missão de Calais.

(4) Bárbara Angiboust deixou Brienne para ir para Châlons.

(5) Cecília Angiboust, Irmã Servente em Angers.

C. 452 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Joana Henault (ver C. 410 n. 4).

Perrette (2) o faça muito bem. Peço-vos, porém, pô-la a par de tudo; lamento que não tenhais guardado vossas economias. Precisamos ter grande confiança em nossas Irmãs; mas, uma experiência vivida há pouco, e que vos contarei, deve alertar-nos ao cuidado que devemos ter com todas as coisas. Que farão elas com tanto dinheiro? Fazei-me o favor de informar-me se Irmã Joana continua amando sua vocação e a Companhia e vede se deveis fazer, como se faz em algumas ocasiões, que uma das duas seja a Servente e a outra a despenseira, que preste contas à sua Irmã, para que uma nada faça sem a outra, cordialmente.

Louvo a Deus, de todo o meu coração, pelo que disse o senhor Deão. Guardo sua carta para mostrá-la ao senhor Padre Vicente, sempre cheio de caridade para com a Irmã Bárbara. Também lhe comunicarei o que me dissestes sobre essas boas jovens. Sua caridade deseja que sejais inteiramente submissas ao senhor Bispo de Châlons e acha bom que vos confesseis com o confessor que vos nomeou. O que ele vos falou a respeito dos senhores Padres da Missão é para caso de necessidade e quando eles puderam atender. De ordinário, seja nos hospitais, seja nas paróquias, não são eles os confessores das Irmãs; ao contrário, não lhes é permitido, à exceção de São Dionísio, quando estava lá o senhor Padre Domilly.

Eu o proporei, para Châlons, a nosso Honoratíssimo Pai, a quem não deixarei de cumprimentar, e também o senhor Padre Portail, em vosso nome.

Penso que Irmã Ana vos deu notícias da família daqui, sobretudo vos contou que nosso muro está caindo e nos obriga a grandes despesas, para construir outro. Se Deus quiser, faremos depois, alguns sanitários de que precisamos; porém, pouco a pouco, para não tomar emprestado muito de uma vez.

Pedi a Nosso Senhor por toda família e recomendai-me à nossa querida Irmã Ana e Irmã Perrette e a todas as outras. Quanto a essas duas boas moças, experimentai-as bastante no que se refere ao corpo e ao espírito, porque, bem o sabeis, não nos convém os melindres nem de um, nem de outro. Dizei-nos de que família são e informai-nos da conduta observada em seu dia a dia, depois vos diremos que nô-las envieis, se o julgarmos a propósito.

Pedi a Deus por nós e crede-me, com grande afeição, no amor de Jesus Crucificado, querida irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- A Irmã Cecília (4) sabe que estais em Châlons e vos envia lembranças, como também todas as nossas Irmãs daqui, à vossa querida Comunidade.

---

(2) *Perrette Chefdeville (ver C. 366 n. 1)*

(3) *Ana Thibault que chegava de Paris. Em 1654 é enviada a Sedan.*

(4) *Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 1)*

*Ao senhor Padre Portail*

Hoje, dia de Santo Estêvão (1653)

Senhor Padre,

Conheceis a necessidade de enviar Irmãs para Nantes e para os quatro lugares, onde há apenas uma.

Todas as segundas-feiras, há possibilidade de se ir a Varize e isto me levaria a perguntar ao senhor Padre Vicente se teríamos a Conferência, na sua ausência, somente para as Irmãs de Paris. Abstive-me de indagar-lhe. Vede então, por favor, o que deve ser feito, porque sua caridade deixou isso entregue à vossa.

Segue uma carta para o senhor Padre Alméras (1) que o apressará ainda mais; mas, eu sentiria grande pesar se as Irmãs partissem sem receber a instrução e a bênção de nosso Honoratíssimo Pai. Em qualquer momento, sou incapaz de fazer exortações, porém, sobretudo, quando estou à mercê da indecisão.

Por favor, dai-me depressa, uma resposta e fazei-me a caridade de rezar por mim, que sou, no amor de Jesus Crucificado, senhor, vossa muito obediente.

1654

Estabelecimento das Filhas da Caridade em Châteaudun, Bernay e Roche Guyon.

Socorros às regiões devastadas pela guerra: Sedan.

C. 454 (L. 391)

*À minha querida Irmã Cecilia Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
(Angers)*

Hoje, dia de Reis de (1654)

Mui querida Irmã,

Penso que ficastes doente depois da saída de Irmã Joana Lepintre (1) por-

---

C. 453 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: dezembro de 1653. (Irmão Ducourneau)

(1) Senhor Padre Alméras (ver C. 197 n. 2)

C. 454 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n.1) voltara a Paris em novembro de 1653.

que não recebemos nenhuma notícia vossa desde então. Só no final da semana passada, é que o senhor Moreau (2) teve a bondade de trazer-me uma carta vossa. Teria sido para mim uma alegria poder prestar-lhe algum serviço, porém, não me manifestou precisar de coisa alguma. Unicamente me disse que voltaria com mais calma, pois já era muito tarde. Asseguro-vos, querida Irmã, que experimento grande satisfação, quando vejo algum desses senhores, pelo bem que querem aos pobres e pela caridade exercida para com nossas Irmãs.

Meu Deus! querida Irmã, dissei-me se não expusestes tudo bem claramente, à senhorita Chevalier (3) ou se lhe destes a entender que ela seria dispensada de muitas coisas e a guardaríamos apesar de qualquer enfermidade que tivesse. Estivestes com a senhora sua Mãe? Dissestes-lhe o mesmo? porque, até agora não parece que será apta, nem quanto ao espírito, nem quanto às condições físicas. Não é que ela não seja uma boa moça, mas, estaria bem melhor em sua terra do que aqui, onde está continuamente doente.

Peço-vos que leveis ao conhecimento de seus pais, esta indisposição, embora eu pense que eles o saibam, conhecendo-a bem. Temo que esteja com tuberculose pulmonar: assim me faz crer a tosse seca que tem e com a qual já veio. Não lhe dissestes que devia trazer dinheiro necessário para a viagem de vinda e volta e ainda mais para a compra de seu primeiro hábito? É preciso avisar sempre isto; entretanto a esta, depois de pagar a viagem, apenas lhe restaram oito libras. Sabeis muito bem, querida Irmã, que não é por esta razão que vos chamo atenção! Oxalá aprouvesse a Deus que ela tivesse as condições requeridas!

Peço-vos dizer à Irmã Bárbara (4) que estive com seu pai, depois que ela partiu. Está muito bem graças a Deus, assim como os demais parentes. Não demonstrou descontentamento com sua viagem e testemunhou que ela está realizando a santíssima vontade de Deus. Saudai a todas as nossas Irmãs e dizei-lhes que unidas a elas, temos pedido perdão a Nosso Senhor pelas nossas infidelidades do ano passado, tendo esperança de que sua graça nos fará empregar melhor o presente. Ele não nos faltará, querida Irmã, porém, tenhamos cuidado de não Lhe faltarmos nós, por nossa pouca correspondência a seu santo amor.

Seguem os santos Protetores, sorteados na Conferência (5) do 1º do ano, a qual teve como tema a importância que há em se comportar nos ofícios (dos lugares) distantes, do mesmo modo e submissão com que os fazem as Irmãs da Casa, tanto em relação às pessoas que nos empregaram no serviço dos pobres,

---

(2) Senhor Moreau: Administrador do Hospital.

(3) Senhorita Chevalier (ver C. 448 n. 1)

(4) Parece que Bárbara chegou a Angers no final do ano de 1652.

(5) Conferência de 1º de janeiro de 1654 (Coste IX, 662)

tanto com os Superiores, a Irmã Servente e entre nós. Podeis refletir juntas sobre este assunto; se não estivesse tão ocupada, vos enviaríamos um breve resumo de nossa Conferência.

Rezai por toda a Companhia e pedi a nosso Deus operários para sua obra, se Ele quiser que ela continue, pois os pedidos nos chegam de tantos lugares, que nos é impossível atender a todos.

Boa tarde, querida Irmã! Crede-me no amor de Jesus Cristo no presépio, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Nossas Irmãs da Polônia estão bem, graças a Deus; precisam de orações. Conheceis os sofrimentos que há nas novas fundações.

C. 455 (L. 397)

*À Irmã Juliana (Loret)*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes*  
*Fontenay*

13 de fevereiro de (1654)

Mui querida Irmã,

Estamos vos enviando meio celamim (1) de excelentes ervilhas; compramos das melhores porque as favas e o feijão estão muito caros; quando, entretanto, tivermos deles vos enviaremos. Estas ervilhas não necessitam ser passadas em peneiras grossas (2). Se Deus quiser, quando formos à feira de São Germano, vos compraremos ramos de flores. Também vos mandaremos bacalhau. É preciso lavá-lo bem e raspá-lo e, em seguida, pê-lo para secar. E depois de cortá-lo em pedaços à medida que for ser utilizado, deve ser posto de molho. A água em que se lava o bacalhau é muito boa para branquear a roupa.

Pedi a Nosso Senhor nos dê a todas o desejo de uma verdadeira penitência, mais de coração que de palavras, que estão muito na moda. Deus nos faça misericórdia e sou, em seu santíssimo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 455 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Antiga medida, equivalente à 16a. parte de um alqueire, ou, 2,27 litros. (Nota da Tradutora).

*À Irmã Bárbara Angiboust (1)*  
*Filha da Caridade, serva dos pobres doentes*  
*Brienne*

Hoje, 16 de fevereiro de 1654

Mui querida Irmã,

Penaliza-me o grande trabalho que tivestes em tão diferentes situações! Bendito seja Deus pela força que vos deu para poderdes trabalhar, onde vos encontrais, além de irdes a Châlons! Que felicidade serdes assim empregada em tão santas tarefas! Creio que não deixastes de ser reconhecida a Nosso Senhor, receando que por esta graça sejais interrogada.

O senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, encarregou-me de vos dizer que ao receberdes a presente (bem entendido, na primeira ocasião), venhais com a Irmã Maria Poulet (2), Não saberia expressar-vos a alegria que todas sentimos ao pensar que vos teremos aqui e me parece que vosso pobre corpo necessita muito deste descanso para poder trabalhar ainda alhures, para a glória de Deus. Fareis o possível, assim o espero, para dar a satisfação que deveis ao próximo, antes de partir. Conheço vosso coração e sei que não é ciumento de humilhações em semelhantes circunstâncias...

Peço a Nosso Senhor que abençoe quanto disserdes e fizerdes, nesse sentido, e sou, em seu santo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Como a Irmã não vai tão longe quanto vós, penso ser conveniente que saia antes, ou então, convosco.

Hoje, 15 de março - Deixareis uma relação de tudo o que aí tendes e pertence aos pobres e assina-a. Trazei uma cópia que fareis ser assinada pela pessoa em cujas mãos tudo entregareis.

Recebi as afetuosas saudações de todas as Irmãs.

Estais vendo? Faz um mês que esta carta está escrita. Repito-vos as mesmas coisas, com exceção, querida Irmã, de que em vez de entregardes tudo a externos, poreis em mãos de nossas queridas Irmãs, às quais, eu vos peço, não conteis o que tivestes de sofrer, sobretudo, em relação com nossa querida Irmã Joana (3). A ela digo que vá para Montmirail. Separai-vos, por favor, com afabilidade e cordialidade. Nós vos esperamos com alegria!

---

C. 456 Rc. 3 Carta autógrafa. Indereçada por Irmã Guérin.

(1) Bárbara Angiboust voltou de Châlons para Brienne. Luisa de Marillac vai destiná-la à nova fundação de Bernay.

(2) Maria Poulet (ver C. 451 n. 3)

(3) Joana Henault (ver C. 410 n. 4)

*À minha querida Irmã Ana Hardemont (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres doentes em Châlons - Champagne*

Hoje, 18 de março de (1654)

Minha querida Irmã,

Causa-me admiração que os Senhores da cidade vos retenham, pois, há muito tempo, nos disseram que vos haviam entregue, a todas, o dinheiro para a volta. Todavia, o senhor Padre Vicente é de opinião que aguardeis o consentimento deles.

Certamente, não duvidais que desejo muito ver-nos, pois desde que fostes ferida, parece-me, vos tornastes para nós ainda mais próxima. Louvo a Deus de todo meu coração, pela força que vos deu e por vos haver preservado. Isto me faz pensar que Sua bondade ainda que servir-se de vós e sei que não deixais de vos entregar a Ele, frequentemente, para cumprir sua santíssima vontade.

Quanto às duas moças a quem vos referis, se estiverdes bem informada quanto à sua vida e costumes, se já lhes dissestes o que terão de fazer, quais os regulamentos da casa, tando no que concerne ao corpo como ao espírito e as julgar-des aptas, podeis enviá-las ou trazê-las vós mesma, se vierdes em breve. Dizei-lhes, entretanto, que virão a título de experiência e, por conseguinte, serão submetidas a provas. Devem trazer a importância para as despesas do primeiro hábito e da viagem, tanto da vinda, como da volta, se for o caso. Digo-vos isto, querida Irmã, porque é muito importante que as jovens venham com estas disposições, ainda quando sejam muito aptas. Não recebi resposta da carta da senhorita Parisolle; mas, envio-vos uma, da senhorita sua sobrinha.

Tomei um remédio hoje e isto impede-me de eu mesma vos escrever (2); nada porém, me impossibilita de me dizer, no amor de Nosso Senhor Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 457 Rc. 3. Letra de Irmã Guérim. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2)

(2) A carta escrita por Maturina Guérim.

C. 458 (L. 396)

*À minha querida Irmã Juliana (Loret)  
Filha da Caridade, Fontenay-aux-Roses*

Hoje, quinta-feira (1654)

Minha querida Irmã,

Envio-vos nossa Irmã, que não terminou o seu Retiro. Dai-lhe possibilidade de fazer as três ou quatro últimas meditações; isso não a impedirá de trabalhar na casa. É para que a Irmã Joana Luce (1) possa partir, imediatamente, para São Tiago (2), se possível, pernoitando lá amanhã. Não pude mandar ninguém e ela ficará lá só enquanto suas forças o permitirem.

Desculpai-me, querida Irmã, por terminar tão depressa e somente vos repito ser no amor do Nosso Senhor vossa muito humilde irmã.

C. 459 (L. 431)

*À minha querida Juliana Loret  
Filha da Caridade - Fontenay-aux-Roses*

Hoje, 29 (pelo ano de 1654)

Minha querida Irmã,

Estou muito aborrecida por vos ter deixado tanto tempo sozinha e sem vos escrever. Acredito, entretanto, que sabeis que não estou bem. Ante-ontem, fiz nova sangria no pé. Hoje, vos escrevo estas linhas, mui apressadamente, sem poder dar-vos respostas às vossas últimas (cartas), pois, espero ter, em breve, a alegria de vos ver.

Peço-vos, querida Irmã, considereis a nossa Irmã como quem chegou recentemente: embora seja boa, necessita porém, de instrução e prática. Vo-la recomendo de todo o meu coração, tal como é minha afeição para convosco, no amor de Jesus Crucificado, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 458 Rc. 3. Carta autógrafa

(1) Joana Luce esteve nos galerianos com Irmã Bárbara Angiboust de 1642 a 1646. A 8 de agosto de 1655, assinou, com uma cruzinha, a ata de ereção da Companhia (ver Coste XIII, 575).

(2) Paróquia de Paris.

C. 459 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.



C. 460 (L. 407)

*Ao senhor Abade de Vaux*

7 de junho de (1654)

Senhor Abade,

Embora saiba que vossas santas ocupações não vos dão um momento de descanso, a impaciência que tenho de saber notícias vossas, diretamente de vós mesmo, (impele-me a escrever-vos), para apresentar-vos meus humildes respeitos e acatamento, como o requerem as muitas obrigações contraidas com vossa caridade que vejo, senhor, se estendem até Nantes, onde, assim o soube, estivestes, há pouco. Se isso aconteceu, senhor Abade, rogo-vos, humildemente, me façais o obséquio de dizer-me em que estado encontrastes aquela Comunidade, outrora tão desolada. Também me inquietam nossas Irmãs de Angers, por causa da doença de Irmã Cecília (1).

A boa senhorita Chevalier (2) graças a Deus resolveu retirar-se; e por sorte, encontrou emprego com a senhorita Lestang (3). Queira Deus chegue a acostumar-se lá e sintá-se, como o desejo; assim, me façais a honra de lembrar-vos de nossas necessidades diante de Nosso Senhor e crede-me em seu santo amor, senhor Abade, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 461 (L. 411)

*Ao senhor Padre Vicente*

Agosto de (1654)

Meu Honoratíssimo Pai,

Peço a vossa caridade o obséquio de ler estas cartas que um rapaz está aguardando, a fim de regressar a Videlles (1); não veio, (porém) expressamente para isso. Se a resposta não estiver boa, rogarei a nossas Irmãs que me desculpem por não lhes escrever por este correio.

---

C. 460 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

(2) Senhorita Chevalier (ver C. 448 n. 1)

(3) Senhorita Lestang (ver C 136 n. 2)

C. 461 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: 1654.

(1) Videlles, perto de Etampes.

Não mais encontrei a boa senhorita de Arras; disse à Irmã Maturina (2) que ia buscar roupa branca e, não voltou. Não sei se houve falta minha por não ter tido bastante cuidado em visitá-la durante seu retiro e em deixá-la tomar as refeições com nossas Irmãs, com algumas exceções, entretanto. Nosso bom Deus sabe o que quer fazer e o que fará com a Companhia. Tenho grande confiança em sua bondade a este respeito, se vossa caridade cuidar de derrubar, em mim, os obstáculos que minha miséria pode levantar; isso me faz suplicar-vos, pelo amor de Nosso Senhor, vos digneis tomar tempo para conhecê-las bem. Nada vos ocultarei que possa impedir, segundo a graça que Deus me concedeu sempre, de desejar que possais conhecer todos os meus pensamentos, ações e intenções, tão inteligivelmente como Sua bondade os vê, para maior glória Sua. Estou disposta a renunciar à satisfação que isto me proporcionaria e também a de aceitar as humilhações que talvez me acarretasse o não ser sempre mais que uma miserável pecadora, indigna de dizer-me, embora o seja, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito obediente serva.

Nesta quarta-feira (3) é o dia de meu natalício; se Deus quiser seja também o de minha morte, desejo preparar-me bem para ela

C. 462 (L. 413)

*À minha querida Irmã Juliana (Loret)  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes  
Fontenay-aux-Roses*

(agosto de 1654)

Minha querida Irmã,

Imitais Nosso Senhor que, assumindo as dívidas dos outros, as pagou. Agradeço-vos por tudo e, especialmente, pelos bonitos e excelentes figos que chegaram na hora certa, para nossa vizinhança.

Parece-me que fariéis bem em receber essa pequena, contanto que vos paguem uma boa pensão, cujo preço não vos posso estipular: pois isso dependerá da maneira como será alimentada. Teríeis de acolhê-la a título de experiência, por receio de que não se entenda bem com a boa mulher que tendes aí.

Pensava em vos mandar de volta, ontem, a Irmã Joana (1), porém, nos es-

---

(2) Maturina Guérin (ver C. 325 n. 2)

(3) Quarta-feira, 12 de agosto.

C. 462 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Joana Luce (ver C. 458 n. 1)

quecemos, tanto ela quanto eu. O senhor Padre Portail (2) está melhor, graças a Deus; mas, o Irmão Ducourneau (3) está muito doente; recomendo-o às vossas orações: seria uma grande perda para a Casa.

Procurai uma oportunidade para chegar a um bom entendimento com o cirurgião e evitai, o mais que puderdes, ir aonde possa ele ser chamado. Uma ligeira indisposição me impede de eu mesma escrever-vos (4), mas, não, de ser, de todo o meu coração, minha querida Irmã, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde...

C. 463 (L. 412)

*À minha querida Irmã Cecília (1)*  
*(Angers)*

(15 de agosto de 1654)

Minha querida Irmã,

Com toda certeza, as vossas e as nossas cartas se perderam, porque não creio haver nem sequer um mês que vos escrevi e faz muito tempo que não recebo uma só carta vossa. Tive a honra de escrever ao senhor Abade (2), a quem comuniquei que a senhorita Chevalier (3) estava em casa da senhorita Lestang (4); creio vo-lo haver dito também. É verdade, queridas Irmãs, que não vos escrevo com a frequência que eu queria e deveria; mas, à medida em que vamos envelhecendo, mais aumentam os afazeres. Louvo a Deus pelo restabelecimento de nossas Irmãs; há muito que nenhuma me dá notícias suas em particular. Peço-vos que uma após outra, me vão escrevendo as suas coisas. Suplico a Nosso Senhor, sejais todas segundo o seu Coração e que hoje, tenhais acompanhado a Santíssima Virgem em sua morte, mediante o sacrifício voluntário que pudestes oferecer-lhe: morrer a vós mesmas, a fim de viver só em Deus, realizando durante o resto de vossos dias, a sua santíssima vontade. Pedi a Nosso Senhor, para todas nós, essa mesma graça, juntamente com a de morrer em seu santíssimo

---

(2) O senhor Portail (ver C. 47 n. 1)

(3) O Irmão Ducourneau (ver C. 161 n. 1)

(4) A carta foi escrita por Maturina Guérin.

C. 463 Rc. 3. Carta assinada.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

(2) O senhor Abade de Vaux (ver C. 16 n. 2)

(3) Senhorita Chevalier (ver C. 448 n. 1)

(4) Senhorita Lestang (ver C. 136 n. 2)

amor, no qual sou, querida Irmã, vossa muito humilde e dedicada irmã e serva.

P.S.- Irmã Ana Hardemont, com mais três (5) foram para Sedan para servir os soldados feridos; estão muito edificadas, vendo-os morrer como bons cristãos. Pedi a Deus pelo exército do Rei e pedi também pela conversão do inimigo.

Todas as nossas Irmãs vos saúdam e abraçam de todo coração. Acredito que não vos esqueceis de rezar, todos os dias, por nosso Honoratíssimo Pai, a fim de que Deus se digne no-lo conservar.

Sou muito humilde e dedicada irmã e serva.

P.S. - Irmã Bárbara (6) vos saúda. Ainda está na Casa (Mãe) e passa bem, graças a Deus.

C. 464 (L. 584)

*(À senhora des Essarts) (1)*

Hoje, 30 de agosto (1654)

Senhora,

Faz muito tempo que o senhor Ozenne (2) e nossas Irmãs da Polônia me disseram, e por várias vezes, que a Rainha queria outras duas Irmãs e Sua Majestade se admirava de que demorassem tanto a chegar. Isto, senhora, levou o senhor Padre Vicente a ordenar que as enviássemos o quanto antes e vos pedíssemos algumas instruções para a viagem, tanto com relação ao tempo apropriado para partir, como orientações sobre o caminho. É, se fosse possível encontrar algumas pessoas que fossem fazer a mesma viagem, seria, para nós, razão de grande tranquilidade. Do contrário, senhora, teremos de entregá-las à Divina Providência, como o fizemos com as primeiras, que chegaram muito bem (3).

Aguardaremos informações vossas para providenciarmos a partida, a fim de que, a honra de cumprirmos vossa ordens, seja uma bênção para a viagem delas. Suplico a Nosso Senhor conceder-vos perfeita saúde e sou em seu santo amor, senhora, vossa muito humilde e obediente serva.

---

(5) Ana Hardemont, Francisca Cabry, Joana Maria e Ana Thibault foram enviadas a Sedan a 23 de julho de 1654 (Coste X, 1)

(6) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1) havia voltado para Brienne.

C. 464 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Desde 1652, a senhora de Essarts ocupava-se, na França, dos negócios da Rainha da Polônia.

(2) Senhor Ozenne, Padre da Missão, nasceu a 15 de abril de 1613. Em agosto de 1658, chegou a Polônia. Morreu a 14 de agosto de 1658.

(3) As três primeiras Irmãs chegaram a Polônia, a 7 de setembro de 1652.

*Ao senhor Abade de Vaux*

4 de setembro de (1654)

Senhor Abade,

Percebo que a necessidade de nossas Irmãs vai aumentando: um bom Padre do Hospital, um de seus Confessores, escreveu-me a respeito disso. (Espero que o senhor Padre Vicente lhes fará a caridade que julgardes necessária. Tem ele também especial interesse em enviar, o mais cedo possível, Irmãs para servir os pobres do Hospital dos Encarcerados: quer que prefiramos a qualquer outra proposta que se nos faça, após os dois compromissos (já assumidos) em alguns lugares de importância e isto, senhor, pelo respeito e estima que tem pelo senhor Bispo de Angers, além das razões que, suponho, vossa caridade lhe tenha exposto.

Recebi carta de uma Irmã Elisabeth (1) que não colocou nem seu sobrenome, nem o lugar de onde escreve. Acredito, entretanto, ser aquela para quem tomo a liberdade de vos mandar a resposta, contanto que seja a que tem o cargo de Assistente ou outro semelhante, porque afirma ser isso a causa de algum sofrimento seu. Este bom Padre de quem vos falei, disse-me que deixou de ouvi-las em confissão, para manter a paz ou melhor entendimento. Por estas palavras podereis entender o que ele quer dizer e caso sobrevenha algo de urgente, espero que vossa caridade, como de costume, remedie a situação. Melhor que ninguém conheceis as necessidades delas. Se souberem que estão pedindo Irmãs para o hospital, é possível que isto lhes faça conceber o desejo de serem colocadas lá. Este motivo seria suficiente para inquietá-las. O costume das transferências, em vários casos, necessidade para a Companhia, dá margem para todas pensarem nisso e creio, senhor, que, em parte, é o que produz essa inclinação para a instabilidade; porém, é um mal de certo modo indispensável ao governo.

Fazei-nos a caridade de nos ajudar com vossas preces junto de Nosso Senhor, para conseguirdes de Sua bondade o espírito de que temos precisão para procurar Sua glória, e a mim, dai-me a honra de crer-me em seu amor, senhor Abade, vossa muito humilde e obediente serva.

---

C. 465 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) Elisabeth Brocard (ver C. 273 n. 3)

*(À Irmã Elisabeth Brocard)*

(4 de setembro de 1654)

Digo-vos, querida Irmã, que estou edificada pelo amor que tendes pela obediência e pelo desejo de vossa salvação, porém ao mesmo tempo, um tanto admirada, por duvidardes da possibilidade de praticar esta bela virtude, onde estais e onde recebestes tantas graças desde que para aí Deus vos chamou. Indicastes-me, querida Irmã, o cargo que vos confiaram, como podendo ser a causa disso. Talvez seja verdade, porém em outro sentido em que entendeis. Permiti-me, querida Irmã, dizer-vos que se ao se receber um cargo, não se tiver um grande desejo de virtude sólida, corre-se um grande perigo, como por exemplo, se vosso cargo é o de Assistente.

Ah! querida Irmã, tendes necessidade de pedir a graça de manter-vos nos devidos limites, não indo além do que deveis empreender! Não penseis estar agora isenta de toda humilhação e obediência do que antes de vos ser dado esse cargo; ao contrário, estais mais obrigada a isso para dar exemplo às outras e também deveis ter mais cordialidade, submissão e comunicação sincera com a Irmã Servente, pois estais obrigada a nada aconselhar ou ordenar que não esteja em conformidade com suas intenções, sobretudo aí onde estais, em que doi sempre bem vista a direção e o governo (1). E se há alguma desconfiança que vos penaliza, humilhai-vos e suportai-a como uma Cruz muito amada, pois é Nosso Senhor quem vo-la permite. Isto não quer dizer, querida Irmã, que se vossas dificuldades continuarem, e no-las comunicardes, não trataríamos de dar-vos a solução de que necessitardes. Enquanto aguardamos, suplico a Nosso Senhor que vos dê seu Espírito para que, unidas, procedais nisto e em tudo, puramente por seu amor.

---

C. 466 Ms. A, Irmã Chétif 1, n. 29. Cópia

(1) O governo das sucessivas Irmãs Serventes, em especial de Irmã Cecília Angiboust e a direção do Abade de Vaux. (Nota da tradutora)

C. 467 (L. 402)

*(Às Irmãs de Angers)*

(Setembro de 1654)

Minhas queridas Irmãs,

Pelo senhor vosso Confessor tive notícias vossas, havendo-me consolado muito o saber que estais melhor de saúde. Peço-vos, queridas Irmãs, que assim como recebestes essa saúde das mãos de Deus, assim a empregueis também com gosto e alegria, por seu amor, no serviço dos pobres. Animai-vos umas as outras, e que os bons exemplos, que mutuamente vos derdes, façam mais do que poderiam realizar as palavras. Aproveitai bastante de todas as instruções recebidas da caridade do bom senhor (Abade de Vaux); praticai sobretudo, a cordialidade e o mútuo respeito.

Rogo-vos não deixeis passar ocasião de nos mandar notícias vossas e bem extensas, à espera das quais vos abraço, a todas, e, sou no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 468 (L. 451)

*À minha querida Irmã Cecilia Angiboust  
(Angers)*

Hoje, 9 de setembro de (1654)

Minha querida Irmã,

Tenho apenas tempo para agradecer-vos a informação que me destes; já a temia. Porém vos esquecestes do ponto principal: dizer-me se a senhora mãe desta senhorita estaria disposta, no caso de que sua filha se casasse em Paris, vir morar alguns anos com ela. Rogo-vos, se o souberdes, que mo comuniqueis.

Recebi notícias de Irmã Bárbara (1) que vai maravilhosamente bem de saúde; também, está numa excelente região, isto é, num cantão da Normandia! Sempre pergunta por vós e manda vos dizer que alguns parentes lhe asseguraram que o resto da família vai bem: disse-me os nomes mas no momento não tenho a sua carta.

---

C. 467 Ms. A, *Irmã Chétif* 1 n. 5. Cópia.

C. 468 Rc. 3. *Carta autógrafa.*

(1) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1) acabava de chegar a Bernay.

Recomendai-me a todas as queridas Irmãs, a quem peço estimularem-se, mutuamente, à fidelidade à sua santa vocação.

Estou certa de que não deixais de rezar pela conservação de nosso Honoratíssimo Pai, em benefício da perfeição de toda a Companhia. Nossas Irmãs da Polônia pedem orações para alcançar da bondade de Deus a paz naquele reino, a conservação da pessoa do Rei e da Rainha. Quanto ao que se refere à nossa querida França, somos a isso demasiado obrigadas para vo-lo ter de recomendar! Suplico a Nosso Senhor escute as preces que lhe dirigireis pela paz e tranquilidade de nossa santa Madre Igreja e sou em seu santo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Penso que o senhor Moreau será o portador destas cartas; é um homem bom, virtuoso e trabalhou generosamente em favor dos negócios do Hospital. Se a caridade de todos os vossos Administradores não fosse como em Paris, (2), a deste só bastaria para fazer ter boa opinião da dos outros.

Cumprimentai a senhorita de la Franchandière (3).

C. 469 (L. 81)

*Ao senhor Padre Vicente*

(1654)

Meu Honoratíssimo Pai,

Preciso muito de que o bom Deus vos conceda um pouco de tempo para poderdes exercer vossa caridade sobre as minhas pobrezas. Com muita humildade, agradeço-vos o bilhete que tivestes a bondade de me enviar esta manhã, bem como todos os vossos outros benefícios.

Penso que o bom Irmão Pascoal vos terá dito que não sei de nenhuma ocasião para mandar resposta ao senhor de la Hode (1), de hoje até terça-feira e lhe propus enviar sua carta à senhora Presidenta de Nesmond (2). Depois, pensei se não seria mais conveniente deixá-lo decidir, livremente, a questão do regresso de nossas Irmãs (3), pois acredito que há de mandá-las, sem falta, na terça-fei-

---

(2) Onde a caridade dos Administradores e das Damas da Caridade era muito grande.

(3) Senhorita de la Franchandière, Senhora da Caridade de Angers.

C. 469 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Senhor de la Hode, capelão do Castelo de Chantilly.

(2) Senhora de Nesmond (ver C. 87 n. 2)

(3) Dificuldades financeiras fizeram necessárias a saída temporária das Filhas da Caridade de Chantilly. Ver E. 80.

ra, como havia proposto. Entretanto, podemos também rezear que não queira ordenar que venham sem ter recebido notícias ou que nossas próprias Irmãs não queiram vir sem a ordem de fazê-lo. Espero a que vossa caridade queira dar-me e continuarei sendo, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

C. 470 (L. 93)

*À Irmã Gillette Joly (1)*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes*  
*Sedan*

(Pelo mês de outubro de 1654)

Minha querida Irmã,

Vossas notícias dadas por Irmã Ana (2) proporcionaram-me grande alegria. Suplico a Nosso Senhor continue concedendo-vos Suas graças. Tanto quanto vós, desejo ver-vos por aqui; porém, é razoável que Irmã Maria (3) tenha a preferência. Depois dela, vireis vós. A certeza de me encontrar com ela em breve, leva-me a não lhe escrever. Se ainda não tiver saído, dissei-lhe que a abraço e que seus amigos do bairro de São Germano desejam tê-la aqui para tratar dos negócios que interessam a ambas. Sei quanto ela vos estima; se se ocupa de vossos interesses temporais é apenas em atenção a vós. Os vossos, querida Irmã, eu o sei, não são outros queos de cuidar de tornar-vos agradável a Deus. Como sois feliz! Procedendo assim, tendes absoluta certeza de que Nosso Senhor cuidará sempre de vós.

Recomendo-me às vossas orações e vos peço me considereis em seu santíssimo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 470 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Gillette Joly foi enviada a Sedan junto com sua Irmã, em 1642.*

(2) *Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2) havia chegado a Sedan, em setembro.*

(3) *Maria Joly ia voltar para Paris. Ficava treze anos em Sedan.*

*À minha querida Irmã Elisabeth (1)*  
*Angers*

(pelo mês de outubro de 1654)

Minha querida Irmã,

Admira-me receber a terceira carta vossa sobre o mesmo assunto, quando por duas vezes já vos dei a resposta. Suponho não terem minha cartas chegado a vossas mãos porque, ao contrário, teríeis tido motivos para permanecer em paz, praticando durante algum tempo os conselhos que nelas vos dei. Porque, querida Irmã, não se deve dar importância a nossos pensamentos, nem dar ouvidos a nossas penas e dificuldades que, muitas vezes, não passam de simples tentações para provar nossa fidelidade. É preciso coragem para nos dominar a nós mesmas! Muitas vezes, o que chamamos sofrimentos são mais imaginários que reais. Se temos o desejo de agradar a Deus, o suportar nossas penas e dificuldades é um grande meio de consegui-lo.

Não é, querida Irmã, que não tenhamos vontade de dar-vos alívio; mas, deveríeis ter inteira confiança no senhor Padre Ratier (2), quando não vos for possível falar com o senhor Abade (3) e contentar-vos com os conselhos que vos derem. Tudo o mais é supérfluo e, frequentemente, um estorvo para o espírito, porque esses conselhos que queremos buscar, não são segundo o desígnio de Deus sobre nós e, por isso, Sua bondade não os abençoa.

O que vos digo apóia-se na dúvida que tendes de que algum dos conselhos recebidos vos haja prejudicado, porque eu creio que vossa vontade em nada mudou. Posso assegurar-vos, querida Irmã, que se assim fosse, eu seria a pessoa mais enganada do mundo, pois sempre tive completa confiança em vós, isso não se pode perder, nem tão pouco o desejo de que me acrediteis no amor do Nosso Senhor...

---

C. 471 Ms. A, Irmã Chétif 1 n. 30. Cópia.

(1) Elisabeth Brocard (ver C. 273 n. 3)

(2) Senhor Padre Ratier (ver C. 82 n. 2)

(3) Senhor Abade de Vaux (ver C. 16 n. 1)

*Ao senhor Padre Vicente*

[novembro de 1654]

Meu Honoratíssimo Pai,

Desde que me mostrastes a carta que a Rainha (1) escreveu à vossa caridade, fiquei achando que ela tomara a resolução de dar uma Diretora a nossas Irmãs. E meu pensamento foi ainda mais longe, imaginando que, para não faltar essa diretora depois da morte da boa Senhorita (2), seria julgado indispensável e ela (a senhorita) poderia convencer sua Majestade da exigência de contar com três ou quatro; muito se assemelharia aos estabelecimentos da Caridade. Essas senhoras seriam as principais, isto é, membros da Diretoria e nossas Irmãs trabalhariam sob sua direção.

Se nossas Irmãs não mudaram de modo de ser, temo que Irmã Francisca (3) não seja tão franca como Irmã Madalena (4), nem tenha tanta firmeza quanto ela.

À respeito das que temos de enviar, não vejo outra mais capaz que Irmã Cecília (5), com a restrição: como esteve em Angers com Irmã Margarida (6), duvido muito que chegassem a entender-se bem em tudo. Não fora o inconveniente que tem Irmã Juliana (7), por causa de suas vertigens e vômitos em qualquer diligência, me pareceria muito indicada. Deixo à vossa caridade o julgar sobre Irmã Joana Lepintre (8), que se ajustaria bastante às opiniões da Senhorita de Villers.

Creio que nossas Irmãs se inclinarão, sem dificuldade, a seguir o parecer do senhor Ozenne (9), de não se envolverem senão com aquilo de que estejam

---

*C. 472 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: novembro de 1654 (Irmão Ducourneau)*

*(1) A Rainha da Polônia, Luisa Maria de Gonzaga.*

*(2) Senhorita de Villers, dama de honra da Rainha, a quem esta havia encarregado da distribuição de esmolas aos pobres. Percebe-se nos Fundadores, o receio de que a Rainha a estabeleça Diretora, isto é, Superiora das Filhas da Caridade, na Polônia.*

*(3) Francisca Douelle (ver C. 431 n. 2)*

*(4) Madalena Drugeon, filha de um rico comerciante de Paris. Fazia parte do grupo das três primeiras chegadas a Varsóvia, a 7 de setembro de 1652.*

*(5) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)*

*(6) Margarida Moreau (ver C. 317 n. 3)*

*(7) Juliana Loret (ver C. 253 n. 1)*

*(8) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1)*

*(9) Senhor Padre Ozenne (ver C. 464 n. 2)*

encarregadas. A dificuldade virá da bondade e familiaridade da Rainha em seu trato com as Irmãs; poderá ordenar-lhes coisa que a Senhorita, seja para manter sua autoridade, seja por outras razões que tenha, as fará diferir ou, quem sabe, as impedirá terminantemente de as realizarem. Tudo isto pode suscitar contes- tações e ciúmes.

O problema dos hábitos e das camas, caso a Irmã Margarida o tenha conta- do bem, faz pensar numa tentativa difícil.

Se as Damas se reunirem amanhã, suplico a vossa caridade dizer-me se, na relação dos assuntos que devemos fazer, convém lhes falemos das faltas come- tidas pelas meninas maiores, expostas, que estavam empregadas como domés- ticas. Teria, também, grande necessidade de vos falar, se estiverdes de acordo, juntamente com duas ou três de nossas Irmãs, sobre dificuldades que foram ex- postas em nossa última Reunião e sobre mim em particular. Por amor de Deus, peço à vossa caridade, sua santa bênção, como a mais indigna filha, meu Hono- ratíssimo Pai, e agradecida serva que sou.

C. 473 (L. 294)

*À minha querida Irmã Maria Gaudoin (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Alluets*

Hoje, 8 de novembro de (1654)

Minha querida Irmã,

Eis aí vossa Irmã; vo-la devolvo, pois creio que estará melhor no campo do que na cidade: sinto não ter podido ajudá-la, nesta ocasião. Mandei-a para a ca- sa que a fizera vir, porém, não sei se se acha apta, e não parece haver possibilida- de de o ser. Creio que em Paris, seria uma assídua frequentadora do Hospital Geral, tão doente ela é.

Não vos escrevi por nossa Irmã, pensando que vos dará todas as notícias nossas. Espero, queridas Irmãs, que conservareis, por muito tempo, a lem-

---

C. 473 Rc. 3. Letra de Irmã Juliana Loret até a palavra facilidade. A partir de "Imagino que..."; Luisa de Marillac é quem escreve.

(1) Maria Gaudoin, depois de seu serviço nos Alluets, foi enviada a Angers em novem- bro de 1658; passou para Nantes e, no final de 1659, para Henebont.

brança da Missão (2); isto é necessário, sobretudo quando se está fora de casa e no meio do corre-corre diário, porque, se não tomarmos cuidado, o espírito se dissipa com facilidade. Imagino que, quando chega uma Irmã, as que a esperam, fazem-lhe muitas perguntas, a fim de renovar-se no espírito da exata observância das Regras. Suplico a Nosso Senhor, vos dê esse espírito e sou, em seu santo amor, queridas Irmãs, vossa muito humilde e muito afeiçoada serva.

C. 474 (L. 418)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, segunda-feira (novembro 1654)

Meu Honoratíssimo Pai,

A boa Irmã Maria (1) deixou-nos ontem, à tarde, sem dizer-nos um adeus; levou suas coisas; temo que sua intenção seja partir, amanhã, para Sedan. Se vossa caridade quisesse mandar alguém procurá-la, talvez fosse fácil encontrá-la à saída do coche. Temo que, se nossas Irmãs forem buscá-la, não tenham força moral suficiente para detê-la. Ao menos, meu Honoratíssimo Pai, penso que seria necessário escrever, quanto antes para Sedan, a fim de avisar o que deverá ser feito se ela chegar na sua antiga casa, pois não posso impedir-me de pensar que queira tirar proveito, vendendo quanto possa, para conseguir um bom dinheiro. (2)

Segue uma carta para Irmã Joana Cristina (3), a fim de ter condição de partir, logo que vossa caridade o ordene; seria muito desagradável se a Irmã Maria voltasse para lá, antes de ela ter chegado.

O senhor Ménard disse-me que se vossa caridade lhe mandar um coche amanhã, mais ou menos a uma hora, irá, de boa vontade, onde vos aprover. Parece-me que poderá melhor conhecer o estado do doente se o vir de cama e não,

---

(2) O senhor Tholard ia pregando Missão de aldeia em aldeia, nesta região. (Coste XI, 163)

C. 474 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: novembro de 1654 (Irmão Ducourneau)

(1) Maria Joly estava em Sedan, desde 1641. Chamada a Paris, negava-se a sair de lá, gabando-se de que só obedeceria se o Padre Vicente lhe escrevesse. De fato, ele lhe mandou uma carta que lhe foi entregue por João Martin, o Superior dos Padres da Missão de Sedan. (Coste V, 207).

(2) Maria Joly não voltou a Sedan. Arrepentida do que fizera, apresentou-se, no dia seguinte, à Casa Mãe. (Coste V, 223)

(3) Joana Cristina Prévost (ver C. 140 n. 2) fora colocada em Sedan.

de pé, e talvez pudesse fazer isso no Bons Enfants, contanto que a diligência e o longo trajeto não lhe façam mal. (4)

Se eu tivesse previsto o que aconteceu com a Irmã Maria, teria podido impedir, fazendo-a entrar em Retiro. Sou sempre a causa de algum mal. Era esta minha intenção, para amanhã. Tenho muita necessidade de que vossa caridade pense em aplicar-me algum poderoso remédio para arrancar-me de meu endurcimento e ajudar-me a ser, efetivamente, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde.

C. 475 (L. 419)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 4 de dezembro de 1654

Minha querida Irmã,

Tendes razão de sobra para vos queixardes de minha demora em vos demonstrar a alegria que experimentei com a chegada do Senhor que nos deu numerosas notícias da inauguração dessa Caridade e da maneira como aprovou a Nosso Senhor dirigir tudo. Passastes alguma necessidade e talvez ainda a estejais passando; porém, não é verdade Irmã, que tal situação dá alegria a vosso coração, ao associar-vos ao que Nosso Senhor e sua santa Mãe, tão frequentemente passaram na terra? Crede-me, querida Irmã, quando vejo fundações tão esplêndidas, onde, no principio tudo são sorrisos, temo sempre pelo que virá depois. Em nome de Deus, nada de precipitação! As coisas feitas lentamente são feitas com solidez. A lembrança de vossa condição de servas dos Pobres é muito necessária às Filhas da Caridade para as manterem fiéis a seu dever.

Peço-vos, querida Irmã, que faleis disso muitas vezes, com Irmã Laurence (1), porque serve para nos conservarmos firmes em nosso dever e nos faz honrar

---

C. 475 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois nasceu a 14 de outubro de 1623, em Sillery-Sainte-Croix. Entrou para a Companhia das Filhas da Caridade, a 6 de dezembro de 1648. Depois de seu Seminário, durante o qual esteve doente, serviu os pobres nas paróquias de Paris. Em 1654, foi escolhida para a fundação de Bernay, da qual chegou a ser a Irmã Servente, em 1657, em substituição à Irmã Bárbara Angiboust. Depois de 1660, irá para a paróquia logo após, a Reveillon onde faleceu a 16 de setembro de 1685.

e respeitar todas as Damas e mulheres inscritas na Caridade, olhando-as como pessoas a quem devemos gratidão, por admitir-nos no serviço dos pobres, com elas.

Penso, Irmã, que quando se tratar de arranjar-vos moradia definitiva, tereis cuidado em escolher uma casa própria para umas pobres moças e não vos ocorrerá, peço-vos encarecidamente, pensar em criar um hospital, nem alojar doentes em vossa casa, nem tão pouco, receber pensionistas, sem antes dizê-lo ao senhor Padre Vicente. Se vos propuserem isto, não resolvais por vossa conta; deixai-o nas mãos de Deus que dará a conhecer sua vontade pelo caminho da obediência.

Cumprimento, de todo meu coração, a minha querida Irmã Laurence; de outra vez terei a alegria de lhe escrever. Tende, as duas, absoluta certeza de minha afeição e crede-me, no amor de Jesus Crucificado, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 476 (L. 420)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sexta-feira, [dezembro 1654]

Meu Honoratíssimo Pai,

Parece-me que vossa caridade não me respondeu se, ao enviar o livro e a carta à Irmã Joana Lepintre (1), deveria dar-lhe algum aviso sobre a maneira de agir, quando se escreve a conhecidos. Isso me levou a escrever-lhe na forma em que o fiz e enviar a carta a vossa caridade, para que, se a julgar adequada, a possamos enviar amanhã, sábado.

A senhora de Chas deseja muito e não cessa de pressionar para que se lhe responda; entretanto, Irmã Maria (2) tem-se mantido fiel, embora continue tendo vontade de voltar para lá (3), porém, trata de moderá-la e eu, de esperar em paz, pelos dias de meu pequeno Retiro. Necessito falar convosco antes de que Deus me conceda esta graça que eu desejo de todo o coração, assim como vossa bênção, a qual peço a vossa caridade, pois sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e agradecida filha.

---

C. 476 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: dezembro de 1654. (Irmão Ducourneau)

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1) encontrava-se em Châteaudun.

(2) Mara Joly (ver C. 474 n. 1)

(3) A Sedan.

*À minha querida Irmã Cecilia (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes, no Hospital*  
*de Angers*

(Dezembro de 1654)

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo meu coração, pelas graças que vos concedeu, e a toda as nossas Irmãs, em vosso Retiro Espiritual. Quão felizes sois por desfrutar de uma direção tão esmerada e por terdes tempo para fazer o santo Retiro. Asseguro-vos que, em Paris, há Irmãs que tiveram de esperar dois, e algumas, até três anos para poder fazê-lo. Suplico a Nosso Senhor, vos conceda a graça de Lhe serdes muito gratas por suas misericórdias. Segui os conselhos senhos Abade, especialmente, os que vos dá sobre a maneira de portar-vos com os confessores e sobre o modo de discernir os que vos são apropriados. Não haveis de criar ilusões, querida Irmã, é preciso que aquelas a quem Deus confiou o encargo das outras se esqueçam completamente de si mesmas, em tudo, porém, de modo particular no que se refere ao espiritual e às pequenas satisfações que podem servir a que as Irmãs se adiantem na perfeição. É preciso pensar: as que têm cargos não de ser como os burros de carga da Companhia. Supliquemos a Nosso Senhor este espírito para vós e para mim, vo-lo peço. Não consigo saber quem é Irmã Joana Maria; dizei-me, por favor, quem é ela, porque, se não me engano, tendes duas com nome de Irmã Joana (2).

Sinto muitíssimo não podermos ainda enviar duas Irmãs nossas para os Encarcerados; penso como vós, querida Irmã, que para desempenhar bem o trabalho de lá, não seriam demais três ou quatro Irmãs e, no momento, não as temos. Até agora, há três lugares onde há apenas uma Irmã e não podemos enviá-lhes ajuda. Parece-me que já vos havia dito que Irmã Bárbara (3) está em Bernay, na Normandia; vai muito bem de saúde. Temos Irmãs também a quinze (léguas)

---

C. 477 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Cecilia Angiboust* (ver C. 36 n. 2)

(2) *Joana de Loudun* (ver C. 158 n. 8) e *Joana Maria Ceintereau*. Esta última (1620-1690), natural de Morton, no Departamento de Vienne, já se encontrava na Companhia das Filhas da Caridade em abril de 1645. Chegada a Angers, em novembro de 1651, aí permaneceu até 1667.

(3) *Bárbara Angiboust* (ver C. 7 n. 1)

(4) p'ra la de Caen, afim de atenderem os pobres envergonhados com extremas necessidades espirituais e temporais. Nossas Irmãs da Polônia vos saúdam; a Rainha quer que lhe mandemos outras três, nesta primeira: já as havia pedido desde o ano passado e, não sei como fazer. (5) Pedi a Nosso Senhor seja feita a sua santíssima vontade, e se não, que tudo acabe. Hoje, não posso escrever a nenhuma de nossas Irmãs; rogo-vos cumprimentá-las, a todas, em meu nome. Assegurai-as do afeto sincero e profundo de meu coração, no amor de Jesus recém-nascido, no qual sou, minha querida Irmã, vossa muito humilde e muito afeiçoada Irmã e serva.

C. 478 (L. 401)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 27 de dezembro de (1654)

Senhor Abade,

Se eu não for ajudada por vossa caridade, junto ao senhor Bispo de Angers, tenho muitos motivos para reacear que ele esteja contrariado por causa de nossa demora em atender a seu desejo, acerca do hospital dos pobres Encarcerados. É verdade que não me comprometi em enviar-lhe Irmãs senão o mais depressa que nos fosse possível, porém, entretanto sinto grande desgosto em ir adiando tanto devido a circunstâncias que não podíamos prever. Por obséquio, senhor, dai-lhe a certeza de que somente uma completa impossibilidade está causando este atraso e, que de bom grado, faltaria eu a compromissos com muitas outras pessoas, a fim de lhe prestar o dever de minha obediência.

Temos muita dificuldade, depois da guerra, de encontrar jovens que possam servir para nossos ministérios e acontece que várias, depois de formadas deixam-se levar por seus próprios interesses e saem da Companhia para ter mais liberdade. Já faz uns anos que isto nos criou um grande problema, tendo aumentado os pedidos feitos à Companhia, por haver renovado em várias pessoas, a lembrança de que, há muito, nos havíamos comprometido com elas. Posso assegurar-vos que atualmente, ficam em Casa para ajudar na formação, apenas três antigas e que todas as demais são novas ou de saúde fraca. Há pou-

---

(4) Em Santa Maria do Monte.

(5) Luísa teve o pensamento de mandar Cecília para a Polônia (ver C. 416)

C. 478 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) Cecília Angiboust, a Irmã Servente (ver C. 36 n. 2)

co, enterramos duas. Pensai, senhor, no que podemos fazer e permiti-me que agradeça, humildemente, a vossa caridade que continue ajudando nossas Irmãs, em suas necessidades.

Parece-me seria muito importante que Irmã Cecília esquecesse suas próprias satisfações para proporcionar quantas puder às nossas Irmãs. Quanto ao que se refere ao Confessor delas, senhor, penso que vós deixa inteira liberdade para a escolha que vossa caridade achar por bem fazer, sabendo que tendes bondade suficiente para ouvir suas razões, caso tenha alguma a vos expor. O que me leva a falar-vos deste modo, senhor, é que acredito que a pequena desavença de nossa Irmã Elisabeth (2) procedia daí. Parece-me entretanto, que após haver feito o Retiro, a dificuldade entre uma e outra diminuiu, e para isso, correu bastante o senhor Padre Ratier. Rogo a Nosso Senhor seja-vos Ele mesmo nosso agradecimento e, em seu santíssimo amor, sou, senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 479 (L. 423)

*Á minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade, serva dos Pobres, em  
Fontenay-aux-Roses*

(29 de dezembro de 1654)

Minha querida Irmã,

Somente ontem, 28 de dezembro, recebi vossa carta. Sinto não havê-la recebido antes, porque vos teria enviado o dinheiro, pois, não julgou conveniente pedi-lo ao senhor Béguin, pelo tão pouco tempo que deve ficar convosco a senhora sua irmã. Peço-vos mandar-me a Irmã Maria que precisa vir aqui e ela vo-lo levará. Fizestes bem em não deixar vossa boa mulher somente sob a direção de nossa Irmã. Tão logo ela saia, espero que venhais estar conosco. Assim vo-lo peço e também que me creiais no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Ainda que tenha passado o tempo, não deixaremos de fazer, diante de Nosso Senhor, o que desejais, pelo que louvo a Deus, de todo meu coração.

---

(2) Elisabeth Brocard, A Assistente (ver C. 273 n. 3)

C. 479 Rc. 3. Carta autógrafa.

18 de janeiro: *Aprovação da Companhia das Filhas da Caridade pelo Cardeal de Retz, arcebispo de Paris. O Superior Geral dos Padres da Missão fica reconhecido como Superior das Filhas da Caridade.*

8 de agosto: *Ata de ereção da Companhia, assinada pelas 40 Irmãs presentes. Primeira eleição das "Oficiais" Conselheiras). Início das Conferências sobre a explicação das Regras Comuns.*

Setembro: *Visita do senhor Padre Portail a Brienne, Sedan, Montmirail, Nanteuil.*

Novembro: *Visita do senhor a Angers e Nantes.*

C. 480 (L. 422)

*À minha querida Irmã Ana Hardemont (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
La Roche-Guyon*

Hoje, 7 de Janeiro de 1655

Minha querida Irmã,

É bem possível que se tenha perdido uma longa carta que vos escrevi, há mais de um mês, e, enviei ao palácio de Liancourt. Nela vos dizia, entre outras coisas que nos mandásseis de volta a Irmã Cláudia, por não a julgardes apropriada a esse lugar. Peço-vos fazê-lo o mais depressa possível. Entretanto, não vos sobrecarregais de trabalho; sei que a senhora (2) é tão boa que aceitará tomarde uma mulher para vos ajudar a assar o pão e a preparar a barrela. Esta boa mulher, que chegou de La Roche-Guyon, muito me consolou ao contar-me as graças que Deus vos concedeu. Seja Ele, para sempre, bendito! Suplico-vos, Irmã, em nome de Deus, não vos excedais, mas, conteitai-vos em fazer o indispensável. Parece-me que continuais tendo sofrimentos; o uso que deles fazeis e a esperança da recompensa que vos aguarda me servem de consolo e devem ser para vós um continuo alento.

---

C. 480 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Ana Hardemont voltara de Sedan, encontrando-se, agora, em La Roche-Guyon. Pessoa de muita coragem e valor, porém de caráter um tanto difícil: ambas as coisas explicam, sem dúvida, suas numerosas mudanças.*

(2) *A senhora de Liancourt tinha seu palácio em La Roche-Guyon.*

Não sei se vos comuniquei o falecimento de Irmã Margarida, que estava em São Gervásio e que a nossa Irmã Cláudia Chantereau (3), mais uma outra, foram para a região da Baixa Normandia, nas terras da senhora Duquesa de Ventadour (4). Recomendo às vossas orações uma e outra coisa e vos suplico me creais, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 481 (L. 421)

*À Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

(Janeiro de 1655)

Mui querida Irmã.

Ao que me parece, recebi duas cartas vossas; pela que enviastes à senhora Le Comte, vejo que Deus cumula de bênçãos a fundação da Caridade. Seja Ele bendito para sempre! Peço-vos dizer-me como vai vossa saúde e a de nossa Irmã (1), se tendes muitas meninas na escola e muito doentes, assim como se muitas moças assistem à leitura (2), nos dias de festa. Teria grande pesar se vosso linho tivesse sumido, porque aqui não o vimos. Fazei-nos perder a esperança de desfrutar de vosso excelente fio, pois, estes dias tão curtos e em que tanto demora o amanhecer, não vos permitem nem ao menos fiar.

É verdade que eu teria tido grande consolação, se nossas Irmãs Cláudia Chantereau (3) e Elisabeth (4), de Angers, tivessem podido visitar-vos, ao passarem, porém, não foi possível: estão a 15 ou 16 léguas de Caen, em terras da senhora de Ventadour (5), que me deu a honra de avisar-me a chegada delas,

---

(3) *Cláudia Chantereau, com Elisabeth Jousteau, foram para Santa Maria do Monte (ver n. 3 da carta seguinte.*

(4) *Senhora de Ventadour (ver C. 306 n. 6).*

C. 481 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)*

(2) *Provavelmente, a explicação do Catecismo (ver C. 204 a Ana Hardemont)*

(3) *Cláudia Chantereau: chegou a Angers no final do ano de 1654. Parece ter saído daí em 1654, foi enviada à nova fundação de Santa Maria do Monte. Após longa enfermidade, morreu em fins de 1656.*

(4) *Elisabeth Jousteau, natural de Angers, estava em São Tiago "du Haut-Pas", em 1652. Chegou a Santa Maria do Monte, com Cláudia Chantereau, em dezembro de 1648.*

(5) *Senhora de Ventadour (ver. C. 306 n. 6)*

com boa saúde, graças a Deus.

Creio, querida Irmã, haver-vos comunicado o falecimento de nossa Irmã Margarida, que servia em São Gervásio, onde esteve durante muito tempo.

Seguem, queridas Irmãs, vossos presentes de Natal, que receberam a bênção de nosso Honoratíssimo Pai, no dia de Santa Genoveva, quando sua caridade nos fez uma Conferência sobre a necessidade da mortificação dos sentidos e das paixões (6). Todas as Irmãs vos cumprimentam e vos desejam um feliz Ano Novo, particularmente a Irmã Maria Joly (7), de Sedan, que está *(aqui)*, há dois meses e Irmã Claudina, a alta, de Châlons, também e, com elas, as poucas Irmãs antigas que estão na Casa *(Mãe)*. Está começando a leitura da tarde; suplico a Nosso Senhor vo-la conceder e, sou em seu santo Amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Não recebi ainda resposta para a Irmã *(Laurence)*.

C. 482 (L. 425)

*À Irmã Laurence (1)*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes*  
*Bernay*

19 de fevereiro de (1655)

Minha querida Irmã,

Agradeço-vos por me haverdes dado vossas notícias. Dizei-me se a letra é vossa, porque, se não for, não deveis servir-vos para isso, de outra mão senão da Irmã Bárbara (2). De bom grado, ela vos ajudará. Parece-me porém, que estáveis começando a escrever, não? Por pouco que sabeis, se tiverdes algum segredo a comunicar-me, escrevi-o vós mesma e, ainda que não tenhais obrigação de mostrar vossa carta, todavia, por cordialidade, deveis dizer-lhe que ides me escrever. Não temais que vos pergunte o que me direis, nem que leia *(vossa carta)*, porque sabe muito bem que, fazendo-o, ofenderia a Deus.

Parece-me ver-nos, lá ambas, em grande paz, desejando estimular-vos uma à outra, à união e a cordialidade que consiste em comunicar-vos, mutuamente, contando tudo o que cada uma fez quando separadas, dizendo também, uma à outra, onde vão quando sairdes: uma deve fazê-lo por obrigação de sub-

---

(6) Conferência de 3 de janeiro de 1655 (Coste X, 54)

(7) Maria Joly (ver C. 45 n. 1)

C. 482 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(2) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1)

missão e a outra, por obrigação de tolerância. O mesmo farão em suas práticas: se uma das duas está triste, que se domine para recrear-se com sua irmã e a que estiver alegre se modere para adaptar-se ao estado de espírito da outra e assim, pouco a pouco, tirá-la de sua melancolia. Tudo isto, por amor de Nosso Senhor e, para que não deis ouvidos à tentação que poderia vos sugerir o desejo de ir buscar consolo em outra parte, desafogando o pobre coração. Isto seria a ruína total da santa amizade que duas Irmãs devem ter entre si. Peço a Nosso Senhor vos preserve disso, por seu santo amor, no qual sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 483 (L. 404)

*À minha querida Irmã Juliana (Loret)  
Filha da Caridade  
serva dos Pobres Doentes, em  
Fontenay-aux-Roses*

(pelo ano de 1655)

Minha querida Irmã,

Penso que não deveis dificultar a partida dessa boa senhora, embora eu sinta se nos escape essa ocasião de que nossas Irmãs exerçam tal caridade. Porém, minha querida Irmã, sou de opinião que devais entregar o dinheiro que vos sobrar, no caso de vos terem adiantado um trimestre.

Enviar-vos-ei uma Irmã o mais depressa possível; enquanto a esperais, peço-vos, querida Irmã, não vos desalenteis. Nossas Irmãs sairão, amanhã do Retiro, isso nos proporcionará o meio de vos mandar ajuda, se Deus quiser. Em seu amor sou Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.-Minha querida Irmã, quereis que vos diga que vossa carta não cheira absolutamente a pobre? e sim, a um perfume não permitido às Filhas da Caridade.

*Ao senhor Padre Vicente*

março de [1655]

Meu Honoratíssimo Pai,

Permiti-me pedir-vos notícias de vosso verdadeiro estado de saúde e suplicar-vos o obséquio de dizer-me que resposta hei de dar a estes dois senhores de Nantes, a respeito das cartas que entreguei, ontem, ao senhor Padre Portail, para vo-las mostrar e que se referem à Irmã Henriqueta (1).

Também não sei se vossa enfermidade vos terá permitido ver a carta do senhor Padre de la Hode (2) e o estado da casa e dos empregados de Chantilly. *(De-sejo)* saber se se fará o que o senhor de la Hode pede, isto é, expor essa situação à Rainha, no caso de já não se haver feito e assinado; e, enviar-lhe sua carta dirigida à Sua Majestade. Parece-me que tudo isso é bastante urgente, embora não seja motivo para vos preocupar. Porém, pelo amor de Deus, dai vossa bênção à vossa pobre filha e indigna serva.

P.S. - A senhora Condessa de Brienne (3) acaba de pedir-me para vos comunicar que o senhor de Francière (4) está gravemente doente com edema pulmonar. Tem muita pressa em que seja providenciado o que a ele lhe parece ser preciso fazer, a fim de uqe a administração do Hospital São Dionísio recaia em boas mãos, temendo que passe a ter caráter de benefício. O doente lhe disse que seria conveniente entregá-la aos Padres Reformados (5). A mim que ocorreu que *(se assim for feito)*, poderiam algum dia entregar a algumas religiosas de sua ordem; refiro-me ao serviço dos doentes.

Não vos parece oportuno, meu Honoratíssimo Pai, que eu faça uma visita a este bom senhor? Creio que lhe daria prazer.

---

C. 484 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: 1655.

(1) *Henriqueta Gesseaume* (ver C. 86 n. 1)

(2) *Senhor de la Hode, capitão do castelo de Chantilly*

(3) *Senhora de Brienne* (ver C. 94 n. 5)

(4) *Senhor de Francière, administrador do Hospital São Dionísio.*

(5) *Os padres Agostinianos Reformados que já haviam se encarregado do Hospital de Angers.* (ver C. 60 n. 1)

(À Irmã Ana Hardemont em La Roche-Guyon) (1)

(1655)

Minha querida Irmã,

Estou quase certa de que não lestes duas vezes a carta que vos escrevi pela mão de Irmã Maturina (2), impedida por enfermidade, de fazê-lo de meu punho e letra. Estou convencida de que não teríeis encontrado nela nenhuma motivo de contrariedade e, teríeis compreendido, perfeitamente, que aquilo vos propunha, da parte do senhor Padre Vicente, (*isto é*), vir ou ficar, não era por suspeitar que houvesse em vós uma disposição contrária à obediência. Mas, expor-vos, simplesmente, que poderíeis, com toda liberdade e tranquilidade, permanecer aí, se vosso estado de saúde não vos obrigasse a vir e poderíeis agir com a mesma liberdade, se vosso regresso fosse necessário à vossa saúde. (3) Hoje, volto a dizer-vos a mesma coisa, querida Irmã, com a condição: se ficardes, não deveis trabalhar com excesso e vos deixareis ajudar por nossas Irmãs. É preciso, querida Irmã, receber de bom grato a impossibilidade de trabalhar, quando é do beneplácito de Deus que nos venha e servir-nos dela para elevar-nos acima das coisas da terra e fazer-nos pensar que Nosso Senhor quer que após ter trabalhado pelo próximo, pensemos em preparar-nos para o Céu, nossa pátria bem aventurada. Creio, querida Irmã, que tais pensamentos vos vêm, frequentemente, ao espírito.

Peço-vos que, com toda humildade, cumprimenteis, em meu nome, o Reverendo Padre Marcial e assegurai às nossas Irmãs, minha afeição e meus préstimos.

Nós vos enviamos seis libras de xarope de flor de pessegueiro. Acho que não mais está convosco a boa jovem de Buret. Porém, se não puderdes vos livrar dela, creio seria conveniente escrever sobre o assunto à senhora Duquesa de Liancourt (4).

Todas as nossas Irmãs vos cumprimentam afetuosamente, e eu, de todo coração, vos asseguro que sou tanto ou mais do que nunca o fui, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã.

---

C. 485 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Parte desta carta foi copiada no caderno de Margarida Chétif, série Ana Hardemont.

(2) Maturina Guérin (ver C. 326 n. 2)

(3) Ana havia sido ferida em Châlons.

(4) Senhora de Liancourt (ver C. 5 n. 2)



*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, domingo, 4 de abril 1655 (1)

Esqueci-me, ontem, meu Honoratíssimo Pai, de dizer-vos que a senhora de Essarts (2) recomendava às vossas orações e às dos membros de vossa Companhia, seu pai que está doente e tem 79 anos. Teme muito o que possa acontecer, pois, o ama do fundo do coração. Disse-me também, que se o mal não progredir, poderá partir dentro de doze a quinze dias, para ir a Bourbon. Tem ordem de entregar tudo o que for preciso para a viagem (3), sem dizer o que. Não sei se quer ter a certeza, antes de dizê-lo, quais são as pessoas que devem partir e acrescenta que mesmo se ela já tiver partido, o senhor Levê que esta encarregado de dar todo o necessário, Parece-me, meu Honoratíssimo Pai, seria bem conveniente que especificasse o que o referido senhor há de entregar. Se vós, ou alguém de vossa parte, a visse, talvez ela o dissesse. Mostrou-me o desejo de vir ver as Irmãs que devem ir para lá, quando lhe dissermos já estaremaqui. Não sei se será preferível avisá-la, ou mandar as Irmãs à sua casa.

Amanhã é nossa grande festa, na qual devemos mostrar-nos agradecidas pela mercê que Deus nos fez, em tal dia, às cinco primeiras (4) que sua bondade quis Lhe fossem consagradas, inteiramente, nos trabalhos da pequena Companhia. Delas, uma (1) já está no Céu, se Nosso Senhor Lhe fez misericórdia.

Temos três de nossas Irmãs, a saber: Margarida Chétif (6), Madalena Raportbled (7) e Irmã Philippe (8) que desejam e pedem fazer a mesma oferenda, ao término de seu ano, depois de duas ou três renovações. As duas primeiras o pedem para toda a sua vida, como suponho vos terá falado o senhor Padre Por-

---

*C. 486 Rc. 2. Carta autógrafa.*

(1) Em 1655, a festa da Anunciação foi transferida para a segunda-feira de Quasimodo, 5 de abril, porque o domingo de Páscoa caiu no dia 28 de março. (Quasi modo as palavras iniciais do Introito da Missa celebrada no domingo da Pascoela).

(2) A senhora de Essarts (ver C. 464 n. 1)

(3) A partida de três Filhas da Caridade para a Polônia (Coste V, 407)

(4) Ver o ano de 1642: Acontecimentos importantes.

(5) Elisabeth Turgis (ver C. 11 n. 2)

(6) Margarida Chétif (ver C. 357 n. 2)

(7) Madalena Raportbled estava na paróquia de São Sulpício, em 1652. Escolhida para a Polônia, não pôde seguir por causa da guerra. Então foi colocada em São Dionísio. O Conselho de 1656, designou-a para Nantes. (Coste XIII, 708)

(8) Philippe Bailly (ver C. 397 n. 2)

tail. Porém, receando haver eu contribuído para isso, pensei, meu Honoratíssimo Pai, que deveria avisar a vossa caridade para saber qual é vosso desejo e ajudá-las a se prepararem, com intenção de também unir-me a elas e a algumas outras Irmãs que têm essa felicidade. E, se depois de vossa doença, já rezastes a Missa em baixo, e aí a deveis celebrar, não duvideis, meu Honoratíssimo Pai, que esperamos que nossa oferenda seria mais agradável a Deus ao ser-Lhe apresentada por um coração paternal que suprirá os defeitos de suas pobres filhas e humildes servas,

Luísa de Marillac e as outras que pedem vossa bênção, pelo amor de Deus.

P.S.- A senhora de Traversay (9) deve vir procurar-vos entre três ou quatro da tarde, para falar-vos, penso eu, sobre o que resolveu a respeito de nossa Irmã. Na última vez, não me pareceu gostar dela e acredito que não via a coisa fácil como a julgava.

C. 487 (L. 424)

*(À Irmã Bárbara Angiboust - Bernay)*

(pelo mês de maio de 1655)

Minha querida Irmã,

Quis falar à senhora (1) do que me dissestes, porém, me fechou a boca, contando-me as queixas que lhe haviam escrito. Escutei-as como devia, pensando que tudo isso procede de alguns invejosos, ou antes, de pessoas interessadas que creem que todo mundo a elas se assemelham. Entretanto, querida Irmã, somos obrigadas a contentar a todos e a realizar, com paciência, a obra de Deus, executando todas as coisas sem azáfama. Nossa vocação de servas dos pobres é para nós um chamado de atenção para a doçura, a humildade e tolerância que devemos ter com o próximo; para respeito e honra que a todos devemos: aos pobres, por serem os membros de Jesus Cristo e nossos senhores e aos ricos para que nos proporcionem meios de fazer o bem aos pobres.

O senhor Padre Vicente tem uma alegria toda especial quando ouve notícias vossas. É de opinião que dispenseis vossas pensionistas, porque diz não ser próprio das Filhas da Caridade tê-las. Com efeito, num Conselho (2) que tratou de vários assuntos, foi resolvido que as Irmãs nunca receberiam pensionistas e isso por fundadas razões...

---

C. 487 Ms. A, *Irmã Chétif* 1 n. 61 Cópias.

(1) A senhora Le Comte, Dama da Caridade de Bernay.

(2) No Conselho de 22 de março de 1648 (Coste XIII, 670)

*À minhas queridas Irmãs  
Irmã Bárbara (1) e Irmã Laurence (2)  
Filhas da Caridade, servas dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 9 de maio de (1655)

Minhas queridas Irmãs,

É verdade que há muito tempo não me tenho dado a consolação de vos escrever, não obstante haver recebido duas (*cartas*) vossas. Como resposta à primeira, vos direi que, há cerca de quinze (*dias*), recebi o pacotinho com o qual vos preocupá-veis e que a senhorita de Croissy (3) teve a gentileza de vir pessoalmente, entregar. Vo-lo agradecemos com ternura. Vosso bom coração sempre nos dá mostras de seu afeto e, ainda que obrigado a ficar aí convosco, parece querer-nos provar que continua aqui conosco. Eu lhe rogo assegurar-se de que os nossos têm igual amizade para com ele, embora não vejais manifestações disso, com bastante frequência.

Não me comunicastes, Irmã Bárbara, a visita que recebestes. Rogo-vos escrever-me, a mim também, o que dissestes à Irmã Cecília (4); ela continua bem de saúde, graças a Deus, assim como as demais Irmãs, tanto as da Casa, como as de fora, porque, graças a Deus, não sei que haja nenhuma doente.

Nunca deixo de dar vossas notícias ao senhor Padre Vicente e ao senhor Padre Portail que as recebem com alegria e demonstrações de reconhecimento. Não sei se a senhora Le Comte vos terá entregue o xarope, porque se encontrava no campo, quando lhe mandei. Não compreendo bem o que me dizeis do pessoal de Bernay, a respeito da Caridade. Será possível que não lhes agrada o estabelecimento dela? Ah! minhas queridas Irmãs, quanto desejo que o povo vos ame! Isso é absolutamente necessário para poderdes fazer o bem, nos lugares onde a divina Providência, vos chama! Como é desagradável quando é preciso causar descontentamento a alguém! Em nome de Deus, não contribuais para que isto aconteça e não demonstrei, vós mesmas, querer outra coisa senão

---

C. 488 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. A partir de: "... não que eu saiba..." até o final e data, de Luisa de Marillac.

(1) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1)

(2) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(3) Senhorita Croissy, por aliança, aparentada com a família Hennequin; um de seus membros, Renato, casou-se com uma tia de Luisa de Marillac.

(4) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

servir os pobres e vossas alunas. Estou certa de que a vossa caridade é sempre empregada em aliviar o povo e não ides contar ao senhor de Bernay as queixas e murmurações *(da vizinhança)*, pois, como muito bem o sabeis, isso serve apenas para exasperar. Aliás, conseguireis muito mais com uma palavra de bondade do que todos os Senhores e Funcionários com suas ameaças: não que eu sabia que agem assim. Temos recebido notícias dos pais de Irmã Laurence, de quem me queixo por não me escrever: para contentar-me, são suficientes três ou quatro linhas e bastam também para ir se acostumando a escrever. Assim, não sejais preguiçosa, por favor.

Crede-me no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde e afeiçoadíssima irmã e serva.

C. 489 (L. 437)

### *Ao senhor Padre Vicente*

[1655]

A jovem de la Roche-Guyon que Irmã Ana Hardemont (1) trouxe com ela, insiste em querer ir embora, afirmando que não poderá acostumar-se a nosso tipo de vida. Suplico-vos, meu Honoratíssimo Pai, o obséquio de dizer-nos se a deixamos partir. Tenho motivos para recear ter concorrido para isso, porque um desses dias, ela disse que eu não a olhava com cara boa. É verdade que manifestei à Irmã Ana que teria sido melhor esperar que ela conversasse com vossa caridade. Tudo isso me obriga a adiar *(sua partida)*. Espero, meu Honoratíssimo Pai, as vossas ordens para obedecê-las, embora seja infiel na prática, causa de tantas faltas, das quais vos peço humildemente perdão, juntamente com vossa bênção para cobrar novas forças, se aprover à vossa caridade.

---

C. 489 Rec. 2. Carta autógrafa. Dorso: 1655. (Irmão Ducourneau)

(1) Irmã Ana Hardemont acabava de voltar de La Roche-Guyon (ver C. 485)

C. 490 (L. 434)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Bernay*

21 de maio de (1655)

Mui querida Irmã,

Não sei se já vos contei que a senhorita de Croissy (1) nos trouxe, ela mesma, o pacotinho há muito tempo enviado, como no-lo dissestes.

Soube por nosso Honoratíssimo Pai, que tendes muita atenção para com as jovens que se apresentam, a fim de chegardes a conhecer se seu desejo de vir é puramente para servir a Deus e não para conhecer Paris; se sua intenção é viver e morrer (*na Companhia*); se estão dispostas a voltar, caso não sejam aptas, porque bem o sabeis, querida Irmã, há perigo para as moças que ficam em Paris. Se as experimentastes bastante e julgais que satisfazem nossas condições, serão bem-vindas! Já respondi longamente à vossa última (*carta*). Peço à Irmã Laurence (2), me dê suas notícias; recebi as de seus pais que estão bem graças a Deus. Continuai pedindo a Deus pela escolha das Irmãs que devemos mandar para a Polônia.

Todas as Irmãs vos cumprimentam, com grande afeto, e, também eu, que sou, de ambas, com todo o meu coração, queridas Irmãs, humilde irmã e serva.

C. 491 (L. 436)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

30 de maio de (1655)

Minha querida Irmã,

Esta é a terceira ou quarta vez que vos escrevo, depois da Quaresma; res-

---

C. 490 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Senhorita de Croissy (ver C. 488 n. 3)

(2) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

C. 491 Rc. 8. Carta autógrafa.

pondi às vossas cartas e vos informei que, caso não tenhais recebido o xarope, deveríeis pedi-lo à senhora Le Comte, porque ela não estava em Paris, quando lhe mandei a carta para vós. Repreendia-vos um pouco por não me terdes contado que recebestes a visita de vosso sobrinho; dizia-vos também que o senhor Padre Vicente julgava conhecerdes bem as jovens que desejam vir para a Companhia e experimentaríeis sua vocação. Se nelas nada encontrardes de censurável, poderiam vir, porém, depois de lhes avisardes que se não forem consideradas aptas, teriam de voltar; nada de esperança de ficarem em Paris. Deveriam ter com que pagar a viagem de ida e de volta, porque conheceis, minha querida Irmã, que perigos há em Paris, para as jovens. Queixava-me, de Irmã Laurence (1), pois não me escreve.

O senhor Padre Portail vos escreverá respondendo a tudo o que desejais saber. Suplico a Nosso Senhor dê sua bênção a vossos trabalhos e sou, em seu amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Esquecia-me de dizer-vos que a senhorita de Croissy (2) trouxe, depois da Páscoa, bastante depois, o embrulhinho. De coração, vo-lo agradecemos. Irmãs Cecília (3) está muito bem, graças a Deus; porém, recebemos notícias da Polônia, de que Irmã Margarida (4) estava gravemente doente. Recomendando-a às vossas orações.

Irmã Ana Hardemont (5) pede vos lembreis de devolver-lhe o papel dela que está convosco e (*pergunta*) se seu título aumentou de valor. Está aqui, gravemente doente, a Irmã Maria Joly (6); recomendo-a às vossas orações.

C. 492 (L. 520 bis)

(À Irmã Bárbara Angiboust - Bernay) (1)

(Pelo ano de 1655)

Suponho, querida Irmã, que prevenistes, devidamente, estas duas jovens de tudo o que deverão fazer e sofrer na Companhia, a pureza de intenção reque-

---

(1) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(2) Senhorita de Croissy (ver C. 488 n. 3)

(3) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

(4) Margarida Moreau (ver C. 137 n. 3)

(5) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2).

(6) Maria Joly (ver C. 45 n. 1)

C. 492 Ms. A, Irmã Chétif 1 n. 49. Cópia.

rida para nela se entrar e perseverar e já vos destes conta de que não tenham nenhuma doença ou defeito físico, nem de nascimento e não têm pai, nem mãe que delas necessitem. Sendo assim, podeis no-las mandar. A terceira ficará esperando.

C. 493 (L. 440)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 23 de junho de (1655)

Minha querida Irmã,

Julgava que não recebieis minhas cartas, por isso vos disse, por duas vezes, o que pensava de vosso sobrinho, porque viera aqui perguntar aonde estáveis e me dissera que iria visitar-vos. Estou preocupada com a saúde da Irmã (1). Peço-vos dizer-lhe que me dê, ela mesma, as suas notícias, porque, senão, vou achar que está muito mal. Suponho haverdes recebido as cartas do senhor Padre Portail e se terá inteirado de todas as notícias que poderia eu vos mandar, não que tenha ocorrido nada de extraordinário, graças a Deus. A senhorita Le Comte mandou me avisar que não podia mandar o xarope de nenúfar; pois, a senhora de Brou (2) não queria dar todo o que tem. Com o dinheiro que lhe destes, só poderá conseguir a metade e deseja saber se quereis que ela complete o dinheiro que falta.

Neste momento, a boa jovem (3) que nos enviastes, chegou, felizmente, e sem incidente, pelo que dou graças a Deus e Lhe suplico conceder-lhe a mercê de enxugar suas lágrimas e de perseverar.

Agradeço-vos, de todo coração, o excelente e belo fio que nos enviastes; bem o sabeis, quase não o tínhamos mais. Louvo a Deus por nossa Irmã se ter restabelecido. Esta boa moça nos falou que estais precisando de mel, mas, como nada nos dissestes e comunicais todas as vossas necessidades à senhora Le Comte, não me atrevo a vo-lo mandar.

Peço-vos cumprimentar, com todo o meu afeto, a Irmã Laurence e também,

---

C. 493 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(2) Senhora de Brou, Dama da Caridade de Paris.

(3) Maria Papillon, postulante procedente de Bernay. Pelos fins do ano de 1655, foi enviada a Santa Maria do Monte. Em janeiro de 1658, voltou a Paris, porque ficou doente. Em agosto do mesmo ano, foi enviada a Metz.

informar-vos do lugar em que se encontram nossas Irmãs que a Duquesa (4) faz trabalhar, na Caridade; sei que é numa aldeia chamada Santa Maria do Monte (5), perto de Carentan. Gostaria que pudésseis escrever uma à outra e assim poder eu ter, por alguém, notícias delas. Proporcionar-me-eis grande prazer se me derdes alguma, porque penso que não recebem minhas cartas e, muito poucas recebo delas.

Irmã Elisabeth (6) continua com seus ataques. A viagem de nossas Irmãs para a Polônia foi adiada por causa das guerras; mas, em compensação, creio que teremos em breve, Irmãs trabalhando na "Casinhas" (7) para assistir aos Dementes e a essas mulheres doentes, em tudo o que puderem. Peço-lhes, queridas Irmãs, recomendeis muito a Nosso Senhor toda a Companhia para que cada uma em particular, cumpra bem o seu dever, morrendo a si mesmo e vivendo na pureza do amor de Jesus, no qual sou, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- A festa de amanhã, (8) lembra-me a mansidão que o Filho de Deus tanto nos recomendou (*enquanto esteve*) na terra. Creio que era para ensinar-nos um meio de a todos ganhar; o contrário, porém, é motivo suficiente para fazer-nos tudo perder, até o que já estivesse ganho. Suplico-vos, queridas Irmãs, que peçaís, para mim, a Nosso Senhor, essa grande virtude. Comecei esta carta no dia em que nossa Irmã chegou, (*isto é*), segunda-feira, à tarde.

C. 494 (L. 442)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 17 de julho de 1655

Senhor Abade,

A Irmã Elisabeth (1) escreveu-me novamente, sobre o assunto de que vos falei e também, a Irmã Cecília (2). A ambas respondi que vossa caridade lhes

---

(4) *A Duquesa de Ventadour (ver C. 306 n. 6)*

(5) *As duas primeiras Filhas da Caridade chegaram a Santa Maria do Monte em fins de 1654.*

(6) *Elisabeth Jousteau (ver C. 481 n. 4)*

(7) *As Filhas da Caridade iam encarregar-se do Asilo de Loucos, de Paris, chamado "Petites Maisons" porque compreendia várias casas.*

(8) *Festa de São João Batista.*

C. 494 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) *Elisabeth Brocard, continua tendo dificuldades em seu cargo de Assistente (ver cartas 465 e 466)*

ordenaria o que tivessem de fazer, de acordo com o que vos solicitara o senhor Padre Vicente. Pareceu-me, senhor, ser isso suficiente para atendê-las em sua necessidade. Muito me inquieta o motivo que retardou a volta de Irmã Elisabethv. O senhor Mercier (3), que num dia destes se deu ao trabalho de vir visitar-vos, falou-me sobre o boato; mas a fraqueza dos espíritos me causa sérias apreensões. Em nome de Deus, senhor, se descobirdes a verdade, suplico-vos me façais a honra de no-la comunicar e de crer-me, em seu santíssimo amor, senhor Abade, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 495 (L. 394)

*À Irmã Cecilia Angiboust, Angers)*

(17 de julho de 1655)

Minha querida Irmã,

O regresso do senhor, (*vosso Diretor*), deveria bastar-nos para dar-vos notícias nossas. Tende, eu vos peço a todas, minhas queridas Irmãs, grande confiança em seus avisos e conselhos e obedecelhe com muita exatidão e simplicidade, por amor de Deus, cuja Providência, por sua misericórdia, vo-la deu por Diretor. Não penseis porém, queridas Irmãs, que seja necessário, para serdes dirigidas por sua caridade, que lhe faleis tão frequentemente, nem sequer todas, senão quando tiverdes uma necessidade extraordinária e quando ele dispuser de tempo para vos dar. O costume na Companhia é que a Irmã Servente se aconselhe e tome os pareceres indispensáveis e, depois, por sua orientação, os faça chegar até às Irmãs. Assim se desenvolve o espírito de união nas Comunidades e a confiança introduz-se, fortemente, nelas, para a glória de Deus e santificação das almas. Sem isto, minhas caras Irmãs, o Reino de Jesus Cristo não poderia estar em nós; com isto, a paz e seu amor nos possuirão totalmente. Agindo de tal maneira, se experimentardes alguma dificuldade, desconfiai de vós mesmas e sabeis que o homem velho não morreu, de todo, em vós. Sim! melhor que eu conheceis, minhas queridas Irmãs, a necessidade que temos de nos vencer! Suplico a Nosso Senhor que vos recorde, com frequência, este pensamento.

Louvo a Deus, pelas boas disposições de vossa cara alma e das de nossas Irmãs, de quem espero grande progresso na perfeição, contanto que sejais fiel em dar a Nosso Senhor aquilo que vos pede. Creio que não deixareis de fazê-lo, pois sei que todas as resoluções que tomais são inspiradas por Ele, que vos dá a conhecer o que seu Amor espera de vós.

---

C. 495 Ms A, Irmã Chétif 1 n. 22. Cópia.

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quarta-feira (1655)

Meu Honoratíssimo Pai,

Ignoro termos alguma doente, em São Germano, a não ser aquela que o esteve, há muito tempo, e que segundo penso, ainda não se recuperou totalmente. Parece-me que a mudança de clima lhe faria bem imenso e que o daqui lhe será melhor do que qualquer outro.

Permiti-me dizer-vos, meu Honoratíssimo Pai, que meu coração sente-se muitas vezes comovido ante o pensamento de que a Companhia está próxima de seu ocaso e prevejo muitos inconvenientes se vossa caridade permitir esta viagem, visto que, semelhante permissão foi negada a outras, por várias razões.

Irmã Juliana (1), humildemente, vos pede lhe deis resposta à consulta que fez à vossa caridade a respeito de um anel que uma senhora muito rica, por sua própria iniciativa doou à igreja, sem o consentimento de seu marido. Ela tem pressa de referida resposta.

O senhor de l'Obligeois foi, esta manhã, assegurar-se da vaga no Nome de Jesus (2). Não encontrou a Irmã Hardemont (3) em más disposições para receber a proposta de ir para as "Casinhas"; porém me parece indispensável, que vossa caridade nos fale antes, a fim de dar-nos a conhecer o bem que se pode realizar lá e a maneira como devemos conduzir-nos. Temos motivos para recear que o senhor de São Roque (4), mais uma vez, nos mande embora. Seja feita a santíssima vontade de Deus! e, por meio dela possa eu dizer-me, sempre, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente serva.

P.S.- Peço, humildemente, à vossa caridade, perdão pela liberdade que tomo, em falar-vos com tanta franqueza. Percebi isso ao reler minha carta.

---

C. 496 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Juliana Loret (ver C. 253 n. 1) estava em Fontenay-aux-Roses.

(2) O Asilo do Santíssimo Nome de Jesus (ver C. 428)

(3) Ana Hardemont que fora escolhida para o Asilo dos Dementes, as "Casinhas" (Les Petites Maisons)

(4) O Pároco de São Roque já havia despedido as Irmãs, em 1650 (ver C. 320)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quarta-feira agosto de 1655

Meu Honoratíssimo Pai,

Nossa Irmã Ana (1) comunicou-me que era tarde demais para ir a Bourbon e soubera que os médicos haviam mandado suspender os banhos; talvez seja para recomençá-los no mês que vem porque tudo indica que o verão não terminará sem calor. Existem, aliás, outras razões para crer que é ainda tempo de vir, pois segundo notícias, há três diligências preparadas para partir para lá.

Havia pensado, meu Honoratíssimo Pai, a fim de não poder ela, com razão, lançar-nos em rosto, o não ter ido, se não seria conveniente que vossa caridade mandasse alguém para convencê-la de que faria muito bem em ir, porque ou muito me engano, está tramando alguma coisa.

Isso é urgente, porque não reservamos lugar (na diligência). Nossa Irmã Margarida (2) espera vossas ordens e eu, vossa bênção, pelo amor de Deus, no qual sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e serva.

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sábado (agosto de 1655)

Meu Honoratíssimo Pai,

Permiti-me suplicar à vossa caridade que não se fale em meu nome, na eleição das "Oficiais" (1); este título de 1º. Assistente dará suficientemente a conhecer que sou o que fui e não impedirá que não mais o seja, quando Deus vos

---

C. 497 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: agosto de 1655 (Irmão Ducourneau)

(1) Ana Hardemont está sofrendo as consequências do ferimento recebido em Châlons.

(2) Margarida Chétif (ver C. 357 n. 2) que se preparava para partir para a Polónia.

C. 498 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: agosto de 1655. (Irmão Ducourneau)

(1) A Assembléia para a eleição das oficiais, (isto é, Conselheiras hoje) ia se realizar no dia 8 de agosto de 1655 (Coste XIII, 693). Mas, afinal, São Vicente não fez nenhuma eleição, nesta oportunidade. Apenas nomeou-as, dizendo: "... dado que, na primeira vez, é da competência de quem estabeleceu a dita Confraria nomear estas oficiais..." (Nota da tradutora espanhola).

fizer conhecer a necessidade disso. As razões que tenho, são, a meu ver, que devo estarem completa dependência da autoridade de Deus. Se fosse nomeada pela Companhia, poderia isso trazer consequências para mim e, aliás, sinto uma certa repugnância em ser aceita ou eleita por ela.

Com a simplicidade que vossa caridade me recomendou, tomo, a liberdade de fazer-vos esta humilde súplica, como também de dizer-vos uma vez mais que, a maioria de nossas Irmãs sentirá repugnância por este nome de Confraria, somente. É muito a se desejar que a Companhia jamais mude sua forma primitiva, para que o serviço dos pobres se processe sempre da mesma maneira; o exemplo dos que começaram como Confraria não é satisfatório, porque acabaram em vida religiosa. Perdoai, meu Honoratíssimo Pai, a vossa humilde filha e obediente serva.

C. 499 (L. 443)

*À minha querida Irmã Cecília (1)  
Filha da Caridade, Hospital Geral  
Angers*

(pelo mês de agosto de 1655)

Minha querida Irmã,

O senhor Padre Vicente julga oportuno - por esta vez - permitir que volteis para cá, pois pensa ser necessário.

Falo sobre isso com a Irmã Cecília; então, rogo-vos não retardeis a viagem quando ela vo-la comunicar. Deixo para vossa volta o conversar mais convosco, e peço a Nosso Senhor ser o vosso guia.

Sou, em seu santíssimo amor, minha cara Irmã, vossa muito humilde.

P.S.- Para a Irmã Elisabeth. (2)

---

C. 449 Rc 3. Carta autógrafa.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

(2) Elisabeth Brocard (ver C. 273 n. 3)

*Às minhas queridas Irmã Margarida,  
Irmã Madalena e Irmã Francisca  
Filhas da Caridade,  
Serva dos Pobres Doentes, em Varsóvia (1)*

Hoje, 19 de agosto de 1655

Minhas queridíssimas Irmãs,

Eis, finalmente, chegado o momento escolhido pela divina Providência, para a partida de nossas queridas Irmãs (2). Vemo-las partir, com pesar, por nos separarmos delas e, com alegria, pela certeza que temos de que vão cumprir a vontade de Deus e unir-se a vós para realização de seus santos designios, no Reino da Polônia. Ah! minhas queridas Irmãs, quão importantes são esses planos! Suplico à bondade de Deus vo-los faça conhecer, na certeza que tenho de que, tal conhecimento produzirá em vós uma grande humildade e confusão por vos verdes escolhidas para semelhante serviço e vos dará a vontade de não vos tornardes indignas dele. E que fareis para isso, queridas Irmãs, e eu convosco? Temos de ir matando, inteiramente, nossas paixões e inclinações pela mortificação de nossos sentidos; nossos corações sejam também ávidos de se encherem de amor pela graça de Deus, de tal sorte que sua bondade receba como agradáveis os sacrifícios de vós mesmas que, sempre, ofereceis à Sua divina Majestade e os serviços que prestais aos Pobres, na forma em que a Rainha vo-lo ordenar, seja de viva voz ou por intermédio da senhorita de Villers (3) ou outra, se tiverdes a certeza de que vos falam da parte de Sua Majestade. Irmã Margarida (4) vos dirá tudo o que lhe foi ordenado por nosso Honoratíssimo Pai.

Minhas queridas Irmãs, com frequência, me dissestes que não formais senão um só coração entre as três; em nome da Santíssima Trindade, a quem honrais e deveis honrar, peço-vos dilatá-lo e que nossas três Irmãs possam entrar nesta união cordial, de tal sorte que não se possa distinguir quais são as três últi-

---

C. 500 Rc. 3. Carta autógrafa

(1) *Margarida Moreau, Madalena Drugeon e Francisca Doulle que estavam na Polônia, com três Padres da Missão: João Lasmier, Aubin Gontier e Tomás Berthe. Sua viagem seria interrompida em Rouen, devido aos acontecimentos políticos da guerra, na Polônia.*

(2) *Senhorita de Villers (ver C. 472 n. 2)*

(3) *Margarida Chétif que chega com as recomendações do senhor Padre Vicente e de Luísa de Marillac.*

mas. Asseguro-vos que elas partem na disposição de querer agradar somente a Deus; todas, sem apego a seus próprios interesses, nem à sua própria satisfação; como vós, minhas queridas Irmãs. A natureza não deixa de, às vezes, oferecer, mesmo aos mais perfeitos, ocasiões de luta, porém, sabeis que isso é prova de fidelidade das pessoas que querem ser totalmente de Deus. Não vos espanteis, pois, com isso, queridas Irmãs; nesses momentos é que nosso espírito deve, mais generosamente, elevar-se, para, apesar da natureza, fazer atos de alta virtude, com humilhações imediatas, abrandando o coração e dando provas de que se quer, verdadeiramente, ser cristã; honrando assim a Nosso Senhor pela prática das virtudes que, Ele mesmo, por sua santa humanidade, nos ensinou.

Quereis, minhas caras Irmãs, que vos peça uma coisa que me parece necessária? Nunca faleis em polonês, sem explicar às Irmãs o que estais dizendo; isto as ajudará a aprender mais depressa a língua e impedirá outros inconvenientes que poderiam acontecer, se agissemos de outro modo. Sabeis, queridas Irmãs, em que espírito, com relação a Deus, estão partindo as nossas Irmãs? Querem cumprir sua santa Vontade, servindo os pobres em espírito de submissão e caridade. Com relação à Rainha, querem honrar as graças sobrenaturais com que Deus a cumulou e obedecer-lhe em tudo, certas de que nunca lhes ordenará coisa alguma que as desvie de Deus e de suas obrigações. E, relativamente a vós, queridas Irmãs, vão animadas de uma grande estima pela escolha que aprouve a Deus fazer de vós para que fosseis as pedras fundamentais desse estabelecimento. Pensam que o mérito é todo vosso, e, por isso a Divina Providência vos colocou ao abrigo de suas asas para conduzir-vos, sem outra companhia e, às cegas, não sabendo, simplesmente, para onde estáveis indo. Isto, entretanto, não lhes inspira inveja; ao contrário, alegram-se por caminhar seguindo vossas pegadas e esperam encontrar-vos já acostumadas e vivendo o que Deus vos pede e a elas também. Esperam, querida Irmã Margarida (5), que não lhes negareis os conselhos de que necessitarem, assim como os das outras Irmãs, pois, bem o sabeis, vão ignorando como é que, aí, os pobres são servidos.

Parece-me, minhas queridas Irmãs, que nunca me regozijarei suficientemente, com a união que, espero, reinará entre vós, em palavra e em ações vindas de vosso interior e aparecendo no exterior; isso edificará toda a família e os de fora; de maneira que, não haverá, entre vós seis, nenhum segredo e que tudo o que se passa em casa, entre as seis, será segredo para os de fora. Oh! quanto bem a esperar, se assim acontecer, minhas queridas Irmãs!

Suplico à bondade de Nosso Senhor, dar-vos as bênçãos necessárias para tudo quanto vos pede, seja realizado. E sou em seu santíssimo Amor, minhas tão

---

(5) Margarida Moreau que já está na Polónia.

queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva afeiçoadíssima.

P.S.- Creio não ser (*necessário*) recomendar-vos que rezeis pela conservação do senhor nosso Honoratíssimo Pai.

Mando-vos três medalhas iguais às que dei às nossas Irmãs. O senhor Padre Berthe (6) explicar-vos-à as indulgências que têm.

C. 501 (L. 446)

*Ao senhor Ozenne (1)  
Superior dos Padres da Missão, em Varsóvia*

Hoje, 19 de agosto de (1655)

Senhor Padre,

Mesmo tendo a certeza de que o senhor Berthe (2) vai vos dizer tudo, sinto-me obrigada a acompanhar nossas Irmãs (3) com estas linhas. Por elas, antes de mais nada, apresento-vos meus profundos agradecimentos pelo que vos devo, pelo interesse cheio de bondade que tendes, dando-nos notícias de nossas queridas Irmãs. Não poderia ter maior consolação do que a que recebo, quando fico sabendo de notícias verdadeiras como as que vossa caridade sempre me tem dado, embora, tenhais talvez calado, o que pudesse me humilhar. Se assim foi, não o façais mais, senhor, porque se é bem verdade que me afeta muito aquilo que nossas Irmãs possam faltar a seu dever, entretanto, gosto de saber tudo o que fazem: de bem e de mal.

Vós me pedistes Irmãs tão perfeitas que ides pensar que estas (*que estão seguindo*) o são cabalmente. Em nome de Deus, senhor, não vos deixeis persuadir por esta idéia; porém, recebi a certeza que vos dou, de que são elementos bastante bons. Nada têm de contrário às disposições requeridas para se ser uma boa Filha da Caridade. É pena que a Irmã Servente (4) não tenha um pouco mais de aparência; se a tivesse, creio, que quase nada lhe faltaria. A única coisa que temo é o não estar acostuada ao ambiente da côrte, nem tão pouco aos cumprimentos mundanos. Agecom naturalidade, embora não lhe faltem nem inte-

---

(6) Senhor Padre Berthe (ver C. 281 n. 3) que também segue para a Polônia.  
C. 501 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Senhor Ozenne (ver C. 264 n. 2)

(2) Senhor Berthe (ver 281 n. 3)

(3) As três Irmãs que vão para a Polônia (ver carta anterior)

(4) Margarida Chétif (ver C. 357 n. 2)

ligência, nem critério; tem toda a prudência necessária e sabe fazer bom uso dela. Numa palavra, parece, em tudo, agir com grande simplicidade. Percebereis, senhor, que é capaz de receber conselhos e isto me faz pedir-vos que lhos deis, quantos vos pareçam necessários, antes que ela tenha a honra de apresentar-se à Rainha.

Lamento ter de terminar: estou bem apressada; porém, não o farei sem suplicar-vos, senhor, que continueis dispensando-nos vossos caridosos cuidados e santas orações pela emenda de minha vida, e, crede-me, no Amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 502 (L. 448)

*A uma Irmã que foi para a Polônia (1)*

20 de agosto de (1655)

Minha mui querida Irmã,

Desejo-vos, de todo o coração, a alegria e o consolo interior de uma alma gostosamente submissa à Santíssima vontade de Deus, como o creio que estejais, no ponto mais elevado de vosso espírito. Admiro, em vós, a obra da Divina Providência, querida Irmã, que me faz crer que seu Amor quer que o ameis única e inteiramente desprendida, para não ter outra satisfação nem outro interesse senão os de Deus e do próximo.

Ah! que excelente caminho! se duro para a natureza, é porém suave e fácil para as almas iluminadas pelas verdades eternas e que compreenderam a felicidade de agradar a Deus e de fazê-lo reinar, de modo absoluto, sobre sua vontade! É assim, parece-me, minha querida Irmã, o caminho pelo qual Deus quer vos conduzir a Ele, por difícil que vos afigure. Entrai nele, pois, com toda a intensidade de vosso afeto, tomando lugar no navio que vos conduzirá ao porto. (2) Estou certa de que Nosso Senhor estará convosco como estava com os Apóstolos, operando neles graça e conservação. E o que Lhe peço, ainda que muito indigna.

Adeus, minhas queridas Irmãs, peço à sua bondade continue vos cumulando de suas santas bênçãos.

---

C. 502 Ms A, *Irmã Chétif 1*, n. 35. Cópia.

(1) Carta dirigida, provavelmente, a Margarida Chétif.

(2) Luísa de Marillac usa a imagem do navio em plena àgua, símbolo da alma abandonada à Providência de Deus.

*À minha querida Irmã Laurence (1)*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes*  
*Bernay*

Hoje, último de agosto de (1655)

Minha querida Irmã,

Respondo à Irmã Bárbara acerca das "chemisettes que pedistes; tão logo tenhamos vossas medidas, mandaremos fazê-las.

Louvo a Deus, de todo coração, pelos bons desejos que sua bondade continua vos inspirando. Quando o vosso coração se sentir impelido a fazer mais do que tem o costume de realizar, ensinai-o a humilhar-se, dizendo-lhe: façamos bem o que nos é permitido, sejamos fiéis às nossas regras, tanto interior, como exteriormente e teremos a certeza de que Nosso Senhor está contente conosco.

[Parece-nos, ás vezes, que gostaríamos de entregar-nos a duras penitências, a devoções extraordinárias, e não nos damos conta de que nosso inimigo se alegra em ver como nosso espirito se entretém com vãoos desejos, enquanto deixa escapar as ocasiões de praticar as virtudes ordinárias, que, a toda momento, se nos apresentam. Assim, perdemos as graças que estão ligadas a essas virtudes, com o pretexto de praticar outras maiores, que não entram no plano de Deus no-las conceder.]

É a mim, queridas Irmãs, que deve ser dada esta lição e vos rogo: pedi a Nosso Senhor seja eu capaz de aprendê-la. Crede-me, em seu santo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 503 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

(setembro de 1655)

Minha querida Irmã,

Não sei se a senhora Le Comte vos terá respondido: enviei-lhe vossa carta assim que a recebi. Creio que já vos comuniquei a feliz chegada de nossa Irmã, Maria Papillon (1) que, com muito alegria, recebeu o simples hábito, no dia da Assunção. Falei-lhe sobre os bons desejos de sua irmã; porém, ela alega ser ainda muito jovem. Talvez fosse melhor deixar passar algum tempo e assim, experimentar sua vocação.

Conseguistes encontrar um tecido igual ao nosso, para fazer um avental para a Irmã Laurence (2)? Por favor, tomai cuidado, querida Irmã, porque a desigualdade é muito perigosa. Mandai-me suas medidas para lhezermos umas "chemisettes" (3) aqui, porque, ordinariamente, há tanta falta de semelhança de uma para outra, no feitio, que parece sermos de países diferentes. Vós me direis por que meio as faremos chegar (a).

Oferecei-nos grande satisfação com a esperança de poderdes fazer com que nossas Irmãs (4) de Santa Maria do Monte recebam nossas cartas, pois, me parece que todas as que lhes escrevi se perderam. Também me alegra vos ser possível dar uma chegadinha até lá; já havia falado (*disso*) com o nosso Honoratíssimo Pai, porém voltarei ainda a fazê-lo, se Deus quiser.

Recomendo a vossas orações a Polônia, a conservação (*da vida*) do Rei e da Rainha, pois, temos péssimas notícias da guerra. Suplico a Nosso Senhor lhes conceda o socorro de que Suas Majestades necessitam. Podeis imaginar em que situação se encontram nossas Irmãs e todos os católicos, pois, seus perseguidores são todos hereges de várias confissões. Queira Deus que o mal não se-

---

C. 504 Rc. 3. Carta autografa.

(1) Maria Papillon (ver C. 493 n. 3)

(2) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(3) Chemisette, parte de cima de traje feminino, no século XVII. (Nota da tradutora)

(4) Cláudia Chantereau e Elisabeth Jousteau.

ja tão grande como se diz! Isto fez com que nossas três Irmãs, já em Rouem, (5) prontas para embarcar, tenham empreendido o caminho de volta, o que é, para nós, sinal da proteção da divina Providência sobre a Companhia. Somos-Lhe sumamente agradecidas e ela deve estimular-nos a ser-Lhe mais fiéis do que nunca. É para isso que trabalhais, querida Irmã; assim vo-lo suplico, como também, que peçais a Deus por toda a nossa Companhia que vos saúda, como eu mesma o faço e sou, no amor de Nosso Senhor.

C. 505 (L. 496)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 25 de setembro de (1655)

Meu Honoratíssimo Pai,

Temos urgência em mandar (*uma Irmã*) para Chantilly; o senhor de la Hode (1) avisou-nos que não permitíssemos o retorno da que veio de lá, e, isso tanto por ela mesma, como pela que ficou e precisa receber bons exemplos. Se vossa caridade estiver de acordo, mandaremos outra.

Dispomos de uma (2) de grande modéstia e recato que convém ser retirada de Paris, por causa das importunações de sua família. Não que haja receio de que perca sua vocação, pois, está, há bem tempo, na Companhia, mas para (*ajudá-la em*) sua santificação. Se achardes conveniente, podemos mandá-la. Julgo a apropriada (*para lá*).

Vossa última Conferência foi no dia 8 de agosto. Poderíamos esperar que amanhã nos fizésseis uma, meu Honoratíssimo Pai, sem vos causar demasiado incômodo? Vossa caridade no-lo dirá, por obséquio, e também se será sobre a explicação das regras referentes ao emprego do dia. Devemos preparar o dia todo ou só uma parte dele? (3)

(*Espera*) vossa bênção e resposta, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e agradecida serva.

Por bondade, lembrai-vos de Fontenay (4).

---

(5) Ver Carta 500 n. 2

C. 505 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: setembro de 1655. (Irmão Ducourneau)

(1) O senhor de la Hode, capelão de Chantilly.

(2) Joana Bonvillers (ver C. 422 n. 3)

(3) A Conferência realizada no dia 29 de setembro, foi sobre a explicação das Regras (Coste X, 105)

(4) Juliana Loret que era Irmã Servente em Fontenay, acabava de ser nomeada Assistente da Companhia das Filhas da Caridade.

*Ao senhor Padre Portail (1)*

26 de setembro de 1655

Senhor Padre,

Uma indisposição vossa da qual tivemos notícias vagas, nos causa pesar e deixa-nos perplexas sobre o que temos de pedir a Deus: se uma perfeita saúde ou uma saúde deficiente. A primeira retardaria vosso regresso; mas também, nossas Irmãs de Sedan, de Brienne, Montmirail e Nanteuil sairiam ganhando, enquanto as de Paris sofreriam muito com isso. Mas, se ao voltardes, estivésseis com ótima saúde, nossos interesses ficariam divididos em partes iguais, pois, consideramos duplas as necessidades de nossas Irmãs que estão distantes. De modo que tal situação leva-nos a decidir-nos por colocar-nos em estado de não rogar a Deus, nem para vós, nem para nós, mas, o que esteja mais conforme com a sua santa e absoluta vontade e de vos solicitar, por Seu amor, que cuideis de vós, em vossos trabalhos para assim poderdes cumprir durante mais tempo, neste mundo, tão santa e adorável vontade.

Se a Providência permitir que todas as nossas Irmãs recebam a graça de vos ver, nesta viagem, suplico-vos, senhor, que vos lembreis da carta de Irmã Joana Cristina (2) que vos mostrei antes de vossa partida, na qual ela deixa transparecer algum descontentamento. Penso que sofre por não receber, nesse lugar *(onde está)*, tantos aplausos como de ordinário tem tido em outras partes e, também, por ter ido substituir uma *(Irmã)* (3), *(cuja saída)* foi muito sentida. Temos gasto com remédio e outras coisas que nos pediu; tal importe deveria ser-nos reembolsado, como de justiça; porém, seu costume tem sido sempre de não fazer caso de dinheiro creio que por despreendimento, embora o demonstre menos no que se refere a acostumar-se lá; bem o sabeis, sempre a tivemos em grande estima. Quanto a Brienne, como se pode dizer que as duas são Irmãs novas (4) e não sabem o que é interessar-se pelo bem da Companhia, temo que, por respeito, por ingenuidade, estejam carecendo do necessário; sem serem capazes de receber da senhora Brienne o que prometeu para elas, ou então, não lhes explicaram que aqui temos de provê-las de hábitos, com o restante de sua manutenção, porque, conforme penso, a dita senhora induziu-as a revelar-lhes

---

C. 506 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Senhor Padre Portail (ver C. 117 n. 1)

(2) Joana Cristina Prévost achava-se em Sedan.

(3) Maria Joly (ver C. 45 n. 1) que, como se sabe, passara 13 anos em Sedan.

quanto gastam para se sustentarem. Temos também aqui duas Irmãs (5) procedentes de Brienne que nada trouxeram para sua roupa e viagem de regresso, se não ficarem conosco. Não duvido da primeira, mas a segunda infunde-me alguma suspeita.

Quanto ao que se refere a Montmirail, as Irmãs não têm notícia de vossa passagem; conheceis as necessidades de uma e de outra. Não sei se Irmã Luísa (6) tem toda a mansidão de que Irmã Catarina (7), necessita e se Irmã Catarina vai, aos poucos, deixando sua inclinação pelo convívio com o mundo e o gosto exagerado que tem de cantar com as pessoas seculares. Tudo isso é muito perigoso.

Penso, senhor, que seria necessário falardes com nossa Irmã Petronilha (8) sobre o respeito e estima que deve ter para com a Irmã Joana, e, esta, que se modere em suas devoções e se comunique com Irmã Petronilha, no que é de seu trabalho. Também será bom recomendar à Irmã Petronilha que não se familiarize com nenhum eclesiástico, nem com niguém. Este defeito já prejudicou muito a outras. Suplico a Nosso Senhor ponha em nós as disposições necessárias para aproveitarmos bem de todos os trabalhos que vossa caridade empreende por toda a Companhia, em geral, e pelas Irmãs, em particular. Por eles, somente Deus pode ser nosso agradecimento, e eu, em seu santo amor, sou, senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

P. S.- Todas as Irmãs daqui vos saúdam, com respeito e submissão e, tanto elas como eu, nos recomendamos a vossos santos sacrifícios, nos quais esperamos ter uma parte, assim como em vossa santa bênção e orações. Tudo o que vos devemos, pode dar-vos a certeza das nossas, em vossa intenção, embora pobres e indignas de serem apresentadas a Deus.

C. 507 (L. 432 bis)

*(À Irmã Bárbara Angiboust)*

(pelo mês de setembro de 1655)

Recomendo às vossas orações o estado da infeliz Polônia, especialmente, a

---

(5) *Duas postulantes.*

(6) *Luísa Cristina Rideau (ver C. 160 n. 7)*

(7) *Catarina de Gesse (ver C. 128 n. 1)*

(8) *Petronilha Gillot (ver C. 689 n. 1) estava em Nanteuil*

C. 507 Rc. 3. Carta autógrafa.

conservação das pessoas do rei e da Rainha que tanto bem fazem aos pobres. Rezai para isso e, sobretudo, para que se conserve a Fé, nesse desditoso Reino que se acha em perigo de perdê-la. Isso seria o maior de seus sofrimentos! Não vos esqueçais de nossas pobres Irmãs que aí se encontram. As três últimas que iriam para lá, voltaram de Rouen (1), no que devemos admirar a proteção de Divina Providência sobre nossa pequena Companhia. Não Lhe sejamos ingratas e que isto nos ajude a sermos fiéis a Nosso Senhor e à prática de nossas Regras.

C. 508 (L. 454)

*À minha querida Irmã Bárbara (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 2 de outubro de (1655)

Minha querida Irmã,

Estou preocupada convosco, por não ter notícias vossas, há tanto tempo. Isso me faz rezear que estejais doente. Peço-vos esclarecer-me o quanto antes e que me informeis também como está passando a Irmã Laurence (2).

Por favor, dizei-me se recebestes as cartas que vos envie para as nossas Irmãs (3) de Santa Maria do Monte, pois me dissestes que teríeis condição de fazê-las chegar até elas. Só muito raramente, recebemos cartas delas.

A Irmã Maria (4) parece muito contente e, espero que quando se educar um pouco, será útil; é muito sensível a qualquer mal, entretanto, aparentemente, é tranquila e de caráter fácil.

Penso que já sabeis do estado deplorável da pobre Polônia e quanto é terrível a guerra por lá. A admirável Providência fez com que fosse retardada a partida de nossas três Irmãs (5), destinadas para lá, de tal modo que, só chegaram até Rouem, onde lhes mandamos ordem para voltar por causa das notícias da guerra.

---

(1) Ver C. 500 e 504.

C. 508 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1)

(2) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(3) Cláudia Chantereau e Elisabeth Jousteau.

(4) Maria Papillon (ver C. 493 n. 3)

(5) Ver C. 500 e C. 507.

Vede, queridas Irmãs, como temos motivos de amar e de nos confiar nessa divina Providência! Seja ela bendita para sempre e que toda a Companhia, para sempre, Lhe seja inteiramente submissa! Não é isso bem razoável? Peço-vos, querida Irmã, dizer-me como estão indo os vossos trabalhos e crede-me, mais do que nunca, no amor de Nosso Senhor...

Nossas Irmãs que haviam saído para seguir para a Polônia voltaram de Rouen, por causa das notícias da guerra. Rezaí por esse pobre País e por mim, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Todas as Irmãs vos cumprimentam. Não sei se já vos disse que a Irmã Ana Hardemont deu início ao Estabelecimento para o serviço dos pobres doentes, e loucos das "Casinhas". Nosso Honoratíssimo Pai, não está bem das pernas e o senhor Padre Portail está fazendo uma viagem não muito longa (6). Espero que não deixareis de rezar pela conservação de ambos.

C. 509 (L. 455)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 3 de outubro de [1655]

Meu Honoratíssimo Pai,

Nossa Irmã Francisca (1), a jardineira, continua renovando os votos que, há seis anos, fez pela primeira vez, no dia de São Francisco. Suplica à vossa caridade, conceder-lhe a graça de fazer o mesmo, neste dia de seu santo e, para isso, ter a bondade de avisar-nos a hora em que celebrareis a santa Missa. Mesmo que não seja na igreja, ele estará, cuidadosamente, ouvindo-a ao mesmo tempo. Permitti-me, meu Honoratíssimo Pai, pedir-vos notícias de vossa saúde e também vossa bênção para mim e nossas Irmãs, em particular para aquela que, com o desejo de assegurar sua salvação, necessita consagrar-se a Nosso Senhor.

De minha parte, rogo-vos, por seu santo amor, que me deis a ajuda da qual, diante Dele, vossa caridade sabe que preciso, uma vez que sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e agradecida filha e serva,

---

(6) O senhor Padre Portail saíra para fazer visitas às casas de Sedan, Brienne, Montmirail e Nanteuil.

C. 509 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: outubro de 1655. (Irmão Ducourneau)

(1) Francisca Fanchon (ver C. 653 n. 1)

*Ao senhor Padre Vicente*

Véspera de São Dionísio [1655]

Meu Honoratíssimo Pai,

Peço, humildemente, permitir-me falar-vos da necessidade que meu filho tem de vossas orações para conseguir de Nosso Senhor, pelos méritos dos opróbrios e injúrias que teve de ouvir durante sua vida humana, a cura de sua surdez, se este pedido não for contrário à sua soberana vontade.

Não a desejo senão unida à graça de que tome uma firme resolução de não tolerar que Deus seja ofendido, em sua família. O bom Irmão Fiacre prometeu-lhe começar amanhã, dia de São Dionísio, uma novena à Santíssima Virgem. Pensei, então, meu Honoratíssimo Pai, em pedir-vos permissão para comungar todos os dias (*da novena*) e fazer alguma outra boa ação, em cada um deles, contanto que a dureza de meu coração não mo impeça. Por favor, dizei-me qual é vossa vontade sobre isto.

O trabalho de nossas Irmãs "Oficiais" (1) parece estar indo bem, graças a Deus; na terça-feira, tivemos nosso primeiro Conselho (2) sobre o assunto da volta de nossas Irmãs de Nantes (3) e como as receberíamos. Propusemos também que Irmãs seriam enviadas a Châteaudun. Porém, ficamos em dúvida se deveríamos chamar ao Conselho a Irmã Despenseira (4), dado o pouco tempo em que está na Companhia, para evitar murmurações.

---

C. 510 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: outubro de 1655. (Irmão Ducourneau)

(1) Na Assembléia de 8 de agosto de 1655, foram nomeadas: Juliana Loret, assistente, Maturina Guérin, tesoureira, Joana Gressier, despenseira ou ecônoma.

(2) Ver a Ata deste Conselho: E. 84 - S. 4

(3) Os Administradores enviaram várias cartas expondo as dificuldades no seio da Comunidade de Nantes. Só foi conservada uma das referidas cartas, escrita pelo senhor du Branday Grangeot, datada de 28 de maio de 1655. Tomando a defesa de Henriqueta Gesseau, a quem os Administradores não querem perder, dada sua competência na farmácia. O senhor du Branday ataca, com veemência, a Irmã Maria Marta Trumeau, a Irmã Servente. Pede que seja chamada a Paris. Esta carta pode ser lida nos "Annales" 88 (1980), 647-649.

(4) Joana Gressier, natural de Senlis, entrou para a Companhia, pelo ano de 1654. Nomeada Despenseira, sendo muito jovem, ficou na Casa Mãe. Assistiu a Luísa de Marillac à hora de sua morte e relatou, por escrito, os pormenores de seus últimos momentos. Foi a ela que o senhor Padre Vicente encarregou de governar a Companhia até a nomeação da nova Superiora Geral, que teve lugar em agosto de 1660.

Temos grande necessidade de vossas ordens e santa direção em todas as coisas, para o aperfeiçoamento da obra que parece começar a formar-se. Espero que a bondade de Deus vos inspire e a nós, nos dê as devidas disposições para vos obedecer, uma vez que sua vontade tem sido que eu seja, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente.

C. 511 (L. 457)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 22 de outubro de (1655)

Meu Honoratíssimo Pai,

Vossa caridade faça-me o favor de ver estas cartas; receio que digam o contrário do que escrevestes.

Irmã Joana de Saint-Albin (1) está muito aflita por causa do assunto sobre o qual vos falou e disse nada poder resolver sem estar com o Padre Portil, nem poder esperar por sua volta para receber suas orientações, pois urge tirar uma criança das mãos de uma mãe má. Talvez prefira deixar o hábito de Filha da Caridade do que desistir disso, fazendo crer, desta maneira, que é um ato de caridade que a move. Porém, temo as consequências; dizei-me, senhor Padre, o que devemos fazer.

Creio que minha febrezinha é devida ao mau estado de meu baço que se intumescce, comprimindo parte do estômago. Se esta for a chave para sair de pressa deste mundo, tenho grande necessidade de aprender a preparar-me para isso e é o que espero de vossa caridade para não naufragar antes de chagar ao porto, meta de minha viagem, sob vossa direção e às ordens da divina Providência, como o sabeis que sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e muito obediente serva.

C. 512 (L. 459)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, domingo à tarde, (outubro de 1655)

Meu Honoratíssimo Pai,

---

C. 511 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: outubro de 1655 (Irmão Ducourneau)

(1) Irmã Joana de Saint-Albin (ver C. 218 n. 5)

C. 512 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: outubro de 1655 (Irmão Ducourneau)

As duas Irmãs que falaram convosco numa das últimas Conferência e das quais me comunicastes o desejo de fazer os votos, pela primeira vez, amanhã, dia de Todos os Santos, se preparam para isso. Se quiserdes conceder-lhes esta graça, por amor de Deus, e oferecê-las no santo Sacrificio da Missa, uma está na Companhia, há sete anos e a outra, seis, com conduta edificante, faz alguns anos. Outras duas fizeram os votos em semelhantes dia e pedem, também, à vossa caridade, renová-los; não há nelas nada que se oponha a isso e ambas têm o desejo de perseverar: uma é de Damartin, a outra, de perto de Maule. As duas primeiras são, uma de Richelieu e a outra viveu muito tempo em Paris, se é que não é desta cidade. Seus nomes são: Perrine, Maria, Genoveva e Edwiges (1). para elas e para toda a Companhia, suplico à vossa caridade nos dê vossa bênção. Receando que o senhor Padre Bécu (2) tenha se esquecido de propor-vos nos façais um Conferência em alguma destas festas, sem expor-vos a cansar-vos demasiadamente (...) Eu não seria tão importuna se o assunto não fosse longo e de tamanha importância (3); isso me faz esperar o perdão, que vos peço, meu Honoratíssimo Pai.

Sou vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

C. 513 (L. 460 )

*À minha querida Irmã Cecília (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Angers*

Hoje, 2 de novembro de 1655

Minha querida Irmã,

Certamente já soubestes do falecimento do senhor Le Gros (2). Receio que sua doença vos tenha privado da honra de vê-lo e impedido o consolo e ajuda que esperáveis dele receber. A divina Providência julgou melhor assim, querida Irmã, e, por sua bondade, vos dá o que haviéis perdido, enviando-vos o senhor

---

(1) Edwiges Vigneron (ver C. 642 n. 3)

(2) João Bécu (ver C. 269 n. 2) estava, em São Lázaro.

(3) O senhor Padre Vicente havia começado a dar a explicação das Regras Comuns.

C. 513 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

(2) O senhor Le Gros (1614-1655) entrou para a Congregação da Missão em 1652. Em 1655, o senhor Padre Vicente mandou-o em visita às Casas. Caiu doente em Montauban e morreu no dia 7 de novembro de 1655.

Padre Berthe (3), em quem podereis ter igual confiança que depositastes em todos os outros, pois é nosso Honoratíssimo Pai quem vo-lo envia. Dai às nossas Irmãs a certeza de que pedem falar-lhe com inteira liberdade. Tenho a ventura de conhecê-lo bem e posso assegurar-vos que é muito caridoso, cheio de bondade e zero pelo adiantamento na virtude de nossas Irmãs, em tudo quanto possa ajudá-las.

Por amor, de Deus, não fiquéis mais preocupada com o que me dissestes de Irmã Elisabeth (4). É verdade que devia apenas dez francos a uma moça, porém, uma revendedora, chamada Margarida, estava encarregada de lhos restituir. Quanto às lancetas, o dinheiro foi posto no cepo (5) de maneira discreta. Em nome de Deus, querida Irmã, não deixeis mais transparecer tanto vossas suspeitas, quando tiverdes motivo para razear de alguma e nada faleis às Irmãs. Esta é uma prova muito difícil para o temperamento feminino. Podeis falar disto com o senhor Abade de Vaux e, em suas longas ausências, ao senhor Padre Ratier. Mas, não detenhai vosso julgamento nessas coisas, porque correreis o risco de chegar à aversão e ao escândalo. Terei a honra de escrever aos senhores Pais (6), no momento, em que pudermos enviar Irmãs, porém, gostaria que não pedísseis senão as necessárias, porque temos o compromisso de enviá-las a muitos outros lugares, embora às necessidades de Angers lhes daremos preferência.

Cumprimentai todas as nossas queridas irmãs, especialmente a *(que está)* doente. Dizei-lhes que peço a todas que me escrevam, uma depois da outra, para que eu possa responder-lhes, recordando assim seus nomes e pessoas. Recomendando-me às orações de todas, e sou, dessa querida Companhia, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Minhas queridas Irmãs, rogo-vos que cumprimenteis, respeitosamente, em meu nome, o senhor Abade e o senhor Padre Ratier.

---

(3) O senhor Berthe (ver C. 281 n. 3)

(4) Elisabeth Brocard (ver C. 273 n. 3)

(5) Nas Igrejas, coluna oca onde se depositam esmolas

(6) Os Pais dos Pobres ou Administradores do Hospital.

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

(novembro de 1655)

Minha mui querida Irmã,

Suplico a Nosso Senhor vos conceda seu santo amor e a graça de procurar realizar, segundo seu espírito, todos os officios que sua bondade vos confiar: eis, portanto o trabalho já começado. Em nome de Deus, querida Irmã, nada empreendais sem antes terdes comunicado a nosso Honoratíssimo Pai. Não tenho ouvido falar do senhor Abade de Nesmond (2); é possível que a doença que acometeu o senhor Padre Vicente, desde Todos os Santos, o tenha impedido de vir visitá-lo. Louvai, conosco a Deus, querida Irmã, pela melhora de sua saúde; ficou-lhe apenas um restante de erisipela, que lhe apareceu na perna e lhe causou crise fortíssima de febre baixa. Temos muitos motivos de pedir a Deus a sua cura, muito mais por nossas boas ações e reta intenção do que por nossas preces, embora tenhamos de servir-nos de ambos os meios.

O senhor Padre Portail fez uma viagem de dois meses; já regressou, graças a Deus, e com boa saúde. Irmã Henriqueta (3), Irmã Maria Marta (4) e Irmã Renata (5) voltaram de Nantes, onde ficaram apenas cinco Irmãs. Poderemos mandar para lá uma Irmã, com outras duas ou três para Hennebont e outro Hospital, a cinco ou seis léguas de lá. Temos muitas razões de humilhar-nos, por causa das graças que nosso bom Deus derrama sobre a Companhia. Alguns Missionários voltaram da Polônia e asseguraram-nos que nossas três Irmãs (6) estão perto da Rainha. Se este bom Rei perder, completamente, o seu Reino, creio que elas voltarão com as Religiosas da Visitação; acham-se todas juntas.

Nossa Irmã Maria Papillon (7) está muito bem de saúde, graças a Deus.

---

C. 514 Rc. 3. Carta autógrafa.

- (1) *Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1)*
- (2) *O senhor de Nesmond, sobrinho da senhora de Lamoignon, ordenado Padre em 1654, seria mais tarde o Bispo de Bayeux.*
- (3) *Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1)*
- (4) *Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 2). Era a Irmã Servente de Nantes. Ver n. 3 à carta 510. Nicole Haran substituiu como Irmã Servente.*
- (5) *Renata Delacroix (ver C. 315 n. 5).*
- (6) *Margarida Moreau, Madalena e Francisca Doulle.*
- (7) *Maria Papillon (ver C. 493 n. 3) que era natural de Bernay.*

Cumprimentai seus pais e amigos em seu nome, vo-lo peço e, crede-me no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Não sei o que dizer-vos sobre o conselho que me pedistes, relativamente, ao tecido de filaça; aqui utilizamos linho, apenas para as “cornetas” e “collets”. Ser-nos-ia muito útil, se não for muito mole e demasiado fino. O Inconveniente que vejo é que as pessoas não saberão de onde vos vem e os julgamentos logo serão feitos, como muito bem o sabeis. Deixo à vossa prudência: o que resolverdes, estará bem feito.

C. 515 (L. 462)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 14 de novembro de (1655)

Meu Honoratíssimo Pai,

Permiti-me dizer-vos ser absolutamente necessário, que não deixeis a perna pendurada nem meio quarto de hora, nem que, de maneira alguma, ela sinta calor de fogo. Se ficar fria, aquecei-a com um pano quente por cima das ceroulas (1). E se julgardes conveniente, meu Honoratíssimo Pai, podereis experimentar esta pomada suave, passando-a levemente, e, pondo logo em cima, sem apertar, um lenço molhado em água morna, dobrado ao meio. Espero que isto vos faça bem. Quando o pano esfriar, deverá ser de novo molhado, porém, que a água não esteja quente, nem fria de todo. As sangrias e a vossa doença vos debilitaram o organismo e, quando colocais o pé no chão, o calor e os humores se concentram aí, como na parte mais fraca. Gostaria que não tomásseis tantos copos d'água e deixásseis que as vísceras abdominais se acalmassem e se refrescassem, para não enviarem, tão violentamente, o calor à pobre perna doente. De acordo com o médico, talvez o peso de meio escudo de cristal mineral diluído no primeiro copo (d'água) vos passar dos outros, mais facilmente. Como sou temerária em falar-vos desta maneira! Sei porém que o faço a vós que sabeis que sou, pedindo-vos ao mesmo tempo, o perdão e vossa bênção, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

P.S.- Todos os dias, tomo meio “gros” (2) de chá que me faz muito bem e me dá forças e abre o apetite.

---

C. 515 Rc. 2. *Carta autógrafa. Dorso: novembro de 1655. (Irmão Ducourneau)*

(1) *Ceroulas: peça de vestuário que cobre o ventre, as coxas e as pernas e usada (hoje raramente) pelos homens, por baixo das calças. (Nota da tradutora).*

(2) *Gros: antiga medida equivalente à oitava parte da onça, isto é, aproximadamente, 5 gramas. (Nota da tradutora)*

*À minha querida Irmã Laurence (1)  
Filha da Caridade  
Bernay*

(novembro de 1655)

Minha querida Irmã,

Por Irmã Bárbara (2), sabereis do estado do senhor Padre Vicente e tenho certeza de que não deixareis de pedir a Nosso Senhor que no-lo conserve, como também eu o faço.

Envio-vos um par de "Horas" (3) igual ao que usamos aqui: devemos buscar, em todas as coisas o que for mais condizente com a nossa profissão que tanto nos recomenda a imitação da santa pobreza de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem. Louvo a Deus ao ver como sua bondade quer servir-se de vós! Ah! como sois feliz! Sede sempre muito agradecida, mediante um amor mais perfeito a Nosso Senhor que nos faça entrar decididamente na prática dessas virtudes.

Uma prática que nosso Honoratíssimo Pai, nos ensinou em uma de suas últimas Conferências feitas para nós (4), muito vos será útil. É, querida Irmã, a de habituar-nos a olhar para Deus no começo de nossas ações: fazer um ato de humildade, reconhecendo-nos indignas de praticá-las; e um ato de amor ao empreender tal ação por seu santo amor, oferecendo-a unida à ação semelhante feita por seu Filho quando estava na terra. Sua caridade assegurou-nos que se nos exercitarmos, durante uns oito dias, nesta prática, se nos tornará um costume e assim, o faremos já sem custar-nos esforço. Sei que vos afeiçoareis fortemente a esta prática: devemos pensar ter ela sido inspirada por Deus.

As notícias que me dais de vossa pequena comunidade muito me agradam. Alegro-me de que entre vós, seja assim. Nós vos enviaremos umas "chemisettes"; fazei-me o favor de dizer se as duas que tendes já estão muito surradas.

Fizestes bem em escrever a vossos pais e mostrar as cartas à Irmã Bárbara: é assim que se deve fazer. Suplico, a Nosso Senhor que continue derramando suas graças sobre vós e sou, em seu amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 516 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(2) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1)

(3) Livro de orações.

(4) Conferência de 18 de outubro de 1655. (Coste X, 121)

*À minha querida Irmã Bárbara (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Bernay*

Hoje, 4 de dezembro de 1655

Minha mui querida Irmã,

Acabo de receber vossa carta, datada de dezembro; penso porém que vos enganastes, pois estamos apenas no dia 4. Estranha-me o dizerdes que ficou muito tempo sem receber carta e sem ter notícias da senhora Le Comte a quem enviei vossa carta na qual me faláveis de vosso pensamento a respeito de hospital e de vos dar mais trabalho (*para usar*) o resto de vosso tecido e de linha; se não recebestes minha carta, (*dizei-me*) se quereis que volte a escrever-vos sobre esse assunto.

Recebi a resposta de nossas Irmãs (3) de Santa Maria do Monte, perto de Carentan e, por minha vez, escrevi-lhes longamente, peço-vos que também vós lhes escrevais para ver se conseguireis ter notícias suas com pormenores. Segundo o que me contam, seu trabalho parece muito difícil; em situações tais é que se pode testemunhar a Deus a fidelidade que lhe devemos e me parece que o estão fazendo muito bem: por isso, louvo a Nosso Senhor de todo o meu coração.

Devemos um grande reconhecimento a sua bondade pela assistência interior que concede a nossas Irmãs que estão longe daqui. Ah! como é bom possuir somente a Deus e amá-lo de todo coração!

Creio que já vos disse termos tido notícias de nossas Irmãs da Polônia: estão em segurança, ao lado da Rainha, assim como as Religiosas de Santa Maria e o senhor Padre Ozenne (4). Devemos dar muitas graças a Deus. Mas, esse pobre Reino está muito arruinado; continuemos nossas orações para alcançar-lhe algum alívio, especialmente no que se refere à religião católica, que corre muito risco de ver-se banida de lá. Suplico a Nosso Senhor socorrê-lo e sou em seu santíssimo amor, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 517 Rc. 3. *Carta autógrafa.*

(1) *Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1)*

(2) *Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)*

(3) *Cláudia Chantereau e Elisabeth Jousteau (ver C. 481 n. 3 e 4)*

(4) *Senhor Ozenne, C. M. (ver C. 464 n. 2)*

P.S. - Enviei umas "Horas" à Irmã Laurence, por intermédio de Mulot a quem a própria Irmã Maria (5) lhe entregou, sem ousar falar-lhe, por não o ter reconhecido, a princípio. Está bem de saúde e manda suas lembranças tanto a seus pais, como aos amigos. É uma boa Irmã; espero que quando enfraquecer um pouco a ternura que tem, não com relação a seus pais, poderemos supor que será capaz de servir muito bem a Companhia.

Mandamos vossa carta à senhora Le Comte; envio-vos esta rogando-vos a faça chegar a seu destino, pela via da qual me falastes.

C. 518 (L. 463)

*Ao Senhor Padre Vicente*

[dezembro de 1655]

Meu Honoratíssimo Pai,

O estado de sofrimento e dependência no qual aprouve a Nosso Senhor colocar-vos, aumenta a liberdade que sempre tomo para manifestar-vos meus pobres pensamentos. O último que me ocorreu, para aliviar-vos, é propor-vos que vos esforceis por fazer suar as duas pernas, não o corpo, servindo-vos da pequena estufa do senhor De Obligeois, mas, não sem antes consultar dois médicos. O chá pode ser tomado de manhã cedo, entre o caldo e o almoço, porque a experiência me fez comprovar que, não pode fazer as vezes de alimento; entretanto, é excelente para preparar o estômago.

A senhora Condessa de Brienne (1) disse-me que tendo conversado com o senhor de Francière (2) de novo, ele lhe falou muito bem da Companhia e tem intenção de protegê-la. Pôde dar-se conta de alguma astúcia de certa pessoa, para imiscuir-se no governo do Hospital. Alegrava-se de que não tivéssemos cedido ao que era proposto por um eclesiástico e várias outras coisas, em vista das quais, disse à nossa Irmã Juliana (3) que tudo caminhava muito bem e que, quando tivesse visto a Rainha, viria estar convosco. Rogo à vossa caridade, dizer-me se devo eu fazer alguma outra coisa a este respeito, senão admirar a Providência procurando tornar conhecida sua bondade e seus efeitos e estar

---

(5) *Maria Papillon* (ver C. 403 n. 3)

C. 518 Rc. 2. *Carta autógrafa. Dorso: dezembro de 1655. (Irmão Ducourneau)*

(1) *Senhora Condessa de Brienne* (ver C. 94 n. 5)

(2) *Senhor de Francière, Administrador do Hospital de São Dionísio.*

(3) *Juliana Loret, Assistente da Companhia, desde o mês de agosto* (ver C. 253 n. 1)

persuadida de que é bom sofrer e esperar com paciência a hora de Deus, nos assuntos mais difíceis, a que, com tanta freqüência, o meu temperamento mui-precipitado, resiste, Permiti-me, meu Honoratíssimo Pai, vos suplique recomendar a nosso bom Deus o estado de meu espírito, aflito desde algum tempo por causa dos motivos que vossa caridade sabe serem os mais sensíveis para mim. Não duvidareis de que isso me interessa, pelo desejo que tenho de uma perfeita saúde para vós; peço-a a Nosso Senhor, para a glória de seu santo amor, que fez de mim vossa filha.

P.S.- Permiti-me pedir a vossa caridade notícias de nossas Irmãs da Polônia.

C. 519 (L. 452)

Ao senhor Abade de Vaux

(pelo mês de dezembro de 1655)

Senhor Abade,

Há muito tempo venho deferindo a honra de vos escrever, pois desejava fazê-lo por mim mesma, conforme meu dever. Mas uma pequena enfermidade que continua me impedindo, leva-me a tomar a liberdade, senhor, de servir-me de mão alheia (1) para expressar-vos o desgosto que tenho de que levemos tanto tempo sem poder enviar pessoas para aliviar as Irmãs e para restabelecer a ordem devida, como o requerem as urgências que vossa caridade nos vem assinalando, há muito tempo. Permiti-me, senhor, que, humildemente, suplique vosso parecer sobre a necessidade de tirar daí a Irmã Cecília (2) e se não acreditais lhe seja benéfico vir recordar-se na fonte, das máximas da Companhia. Se achardes assim, penso que teremos que lutar muito para fazê-la aceitar, a não ser, senhor, que vossa caridade nos ajude fortemente, como sempre o faz.

Há cerca de um mês, tive a honra de escrever ao senhor Ratier, com quem não havia cumprido este dever desde um pouco antes da volta de Irmã Elisabeth (3), para cá. Estou preocupada por saber se recebeu minha carta. Temos muitos motivos para dar graças a Deus e felicitar-nos pelo regresso dessa boa Irmã que trabalha muito bem, graças a Deus e tem grande desejo de perseverar. Nós vos somos muito gratas, senhor, por isso, porque podemos atribuir a felicidade de

---

C. 519 Rc. 4. Letra de Irmã Guérin, assinatura de Luisa de Marillac.

(1) A carta foi escrita por Maturina Guérin.

(2) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 1)

(3) Elisabeth Brocard (ver C. 273 n. 3)

que agora goza, à caridade de que tivestes para com ela, como com todas as outras. Nosso Senhor, Ele mesmo, será vossa eterna recompensa, enquanto que eu sou, em seu santo amor, senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

1656

Estabelecimento das Filhas da Caridade em Arras e em *La Fère*.  
Grave enfermidade de Luísa de Marillac

C. 520 (L. 464)

*À minha querida Irmã Francisca Ménage (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Nantes*

Hoje, 19 de janeiro de 1656

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus de todo o meu coração, pela graça que sua bondade vos concedeu, realizando o desejo que, há tanto tempo, acalentáveis. Porém, devo compreender-vos pela dificuldade que me dizeis ter a esse respeito. Em nome de Deus, querida Irmã, conservai vosso espírito em paz e crede que tive alegria com o que me comunicastes. Tendes motivos para admirar a bondade da divina Providência que, tão oportunamente, vos enviou o senhor Padre Berthe (2). Com a graça de Deus, espero poder mandar-vos o que desejais, contanto que me prometais nada mais ambicionar, senão agradar a Nosso Senhor.

Nossas duas Irmãs Ménage (3) vão bem, graças a Deus; agradecei-Lhe também o favor que concedeu a vosso pai, preservando sua casa do fogo; ele e toda a família estão bem, assim como nossas Irmãs da Casa (*Mãe*).

Bom dia, querida Irmã, amemos muito a Deus e crede-me nesse mesmo amor, vossa muito humilde irmã e seva.

---

C. 520 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin, assinatura de Luísa de Marillac.

(1) Francisca Ménage (ver C. 43 n. 3)

(2) O senhor Berthe (ver C. 281 n. 3) havia feito a visita a Nantes, em novembro de 1655.

(3) Margarida e Madalena que estavam na Casa Mãe.

*À minha querida Irmã Carlota Royer (1)*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes*  
*Richelieu*

Hoje, 9 de fevereiro de 1656

Minha querida Irmã,

Proporcionastes-me grande satisfação, mandando-me vossas prezadas notícias, embora Irmã Francisca (2) tenha sempre tido o cuidado de me enviar e falar-me de vossas contínuas indisposições, que, às vezes, até tomam o lugar de vossas queridas ocupações no serviço dos pobres. Crede que vosso sofrimento tem o mesmo valor que aquele, pois é Deus quem vo-lo permite.

Quanto ao que se refere à leitura e escrita, bem sabeis, querida Irmã, a oposição que a isso vos fiz, desde quando estáveis em São João.

Vem-me agora uma pequena curiosidade: a de saber como vos tratais em vossas doenças, tanto no que concerne ao alimento e aos remédios, e, sobretudo se entrais no número dos doentes das paróquias. Se fazeis assim, teríamos algo a objetar, por causa do longo tratamento de vosso mau estado de saúde. Peço-vos dizer-me, querida Irmã, como estão as coisas e eu vos darei (a respeito) minha pobre opinião. Não duvido que sabeis fazer bom uso de vossas doenças e, quanto mais o corpo ficar abatido pela enfermidade, tanto mais o vosso espírito se eleva pela submissão e aquiescência ao divino querer e pela prática das virtudes interiores. Louvo a Deus pelo que me dizeis de Irmã Francisca: as graças de Deus não são sempre igualmente dadas; pois sua grande bondade conhece nossas fraquezas e nossas necessidades. Há tempos comecei uma carta para ela, espero poder terminá-la e lha enviar com esta. Sim! Parece-me que vossos corações estão muito unidos. Percebe-se isto pelas notícias que nos dais.

Suplico a Nosso Senhor continue derramando suas graças sobre vós, e sou em seu santo amor, querida Irmã, vossa muito humilde.

P.S.- Esquecia-me de dizer-vos que vossa mãe e irmão vão bem de saúde, graças a Deus. Rogo-vos escrever-lhes.

---

C. 521 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Carlote Royer (ver C. 251 n. 1)

(2) Francisca Carcireux (ver C. 251 n. 2)

C. 522 (L. 467)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sábado [fevereiro de 1655]

Meu Honoratíssimo Pai,

Vossa caridade sabe, muito bem, que eu preferiria morrer a desobedecer-lhe. Quereis, assim o penso, que vos faça conhecer (*a verdade de*) que, pela graça de Deus, não estou doente. O uso do chá impediu que o defluxo tomasse conta dos pulmões e me tirasse o apetite para alimentos de quaresma. Como-os melhor ainda do que a carne pela qual sentia tanta repugnância: só com grande esforço conseguia ingeri-la. Se me fizerdes o favor de dispensar-me dela, ainda por algum tempo, me dareis grande prazer. Se me permitirdes tomar ovos, assim o farei; penso que isso me bastaria. Prometo-vos que, tão logo sinta necessidade, pedirei que me sirvam carne, pois tenho licença de vossa caridade, de quem tenho a felicidade de ser, meu Honoratíssimo Pai, a muito humilde, obediente e agradecida filha e serva.

C. 523 (L. 466)

*À senhora Josse*

Hoje, 26 de fevereiro de [1656]

Senhora,

Se tivesse bastante saúde e força, seria para mim uma honra ir visitar-vos, para vos falar de um dever de grande caridade. Nossa Irmã conversará convosco em particular, sobre ele, se lhe concederdes a mercê de escutá-la. Dir-vos-ei tão somente, que a pessoa de que se trata é propensa ao mal e muito perigosa para arrastar outras a cometê-lo: sua primeira criação até 8 ou 9 anos, pode muito bem ter contribuído para isso. Porém, a instrução que recebeu desde então, me faz conceber a esperança de que se vossa caridade lhe conceder a graça de recebê-la na Casa da qual a Providência vos confiou o cuidado, o exemplo que receber das que têm a felicidade de aí morar e a direção que o espírito de Deus exerce sobre as pessoas dessa categoria, agirão nela, para conseguir sua total conversão. Foi, senhora, na paróquia de Santo Eustáquio que ela se perdeu e po-

---

C. 522. Carta autógrafa. Dorso: de 1656. (Irmão Ducourneau)

C. 523. Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: fevereiro de 1656. (Irmão Ducourneau)

demos assegurar-vos que se ela foi retirada do lugar em que caiu, foi para ser colocada num outro seguro. Há mais de três meses que está presa na casa de onde saui *(pela primeira vez)*.

Suplico a Nosso Senhor. inspirar-vos qual é sua santa vontade e eu me digo, em seu santo amor, senhora, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 524 (L. 467 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, segunda-feira (março de 1655)

Digne-se vossa caridade, lembrar-se de sua pobre filha que esperava poder se confessar, nesta manhã, nada havendo que, pela graça de Deus, a impedisse. O que pôde parecer enfermidade, não passou de precaução contra o mal e excessivo cuidado com minha conservação. É verdade também, que era para conservar-me em estado de poder tomar o maior tempo que me fosse possível.

Enquanto vos escrevo, me dou conta de como é péssimo este papel e a liberdade com que o estou fazendo. Peço-vos perdão por isso, meu Honoratíssimo Pai; fizeti-me o favor de dar-me vossa bênção, esperando a da misericórdia de Deus, por mediação de vossa caridade, de quem sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa mui pobre e indigna filha e serva.

C. 525 (L. 504)

*(Ao senhor Padre Vicente)*

(pelo mês de março de 1656)

A senhora Presidenta de Herse havia perguntado ao senhor *(Cura)* de São Nicole em que igrejas as nossas Irmãs de São Martinho e, creio que de São Médard, poderiam fazer as estações do Jubileu. Não as fizeram ainda.

Se as Irmãs de todas as paróquias e mesmo as das Casas (exceto as das Crianças Expostas) pudessem ir a "Notre Dame" e ao Hospital Geral e às outras duas igrejas próximas de seu bairro, seria muito cômodo. Poderiam ir juntas à

---

C. 524. *Arquivo das Filhas da Caridade. Carta autógrafa. Dorso: março de 1656. (Irmão Ducourneau).*

C. 525 Rc. 2. *Carta autógrafa.*

hora que fosse mais conveniente para o serviço dos pobres? como por exemplo, lá pelas cinco da tarde: isto para as Irmãs das paróquias.

Há obrigação de rezar as orações que estão nos livrinhos que estão sendo vendidos para este fim?

Algumas Irmãs gostariam muito de se confessar aqui. É preciso avisar a todas que, por esta única vez, podem escolher o confessor que desejarem?

C. 526 (L. 471)

*À Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 29 de março de (1656)

Minha querida Irmã,

Tendes motivos de sobra para queixar-vos de mim, embora, realmente, estejais sempre em meu espírito, assim como a minha querida Irmã Laurence (1) a quem peço amar sempre a santa pobreza, não apenas com sentimentos e com palavras, mas na prática e com todos os seus efeitos. Seguem umas “chemisettes” que mando para ela, pedindo-lhe recebê-las de bom grado. Também vos envio uma carta de Irmã Cecília (2). Rogo-vos escrever-lhe e, quando puderdes, fazei-o também a nossas Irmãs (3) de Santa Maria do Monte. Estou muito preocupada com elas, pois, suas últimas notícias fazem-nos pensar que ambas estão doentes. Penaliza-me o não ter meio seguro de lhes escrever.

Não sei se o senhor Padre Portail (4) pôde escrever-vos porque há oito ou dez dias está adoentado. Tenho certeza de que não deixareis de rezar por sua saúde e conservação do senhor Padre Vicente que não se acha ainda totalmente restabelecido de sua doença.

Creio que se extraviaram algumas de minhas cartas, porque já vos agradecera o linho que nos enviastes, dizendo-vos que me parecia belo demais e muito caro, devido sua pouca largura. Isto porém, em nada diminuiu a gratidão que temos para convosco. Vosso coração demonstra afeto pela Companhia que, por sua vez, também vos ama de verdade.

---

C. 526 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(2) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

(3) Cláudia Chantereau e Elisabeth Jousteau (ver C. 481, nn 3 e 4).

(4) Senhor Padre Portail (ver C. 117 n. 1)

A Irmã Antoinette, (5) de Santo Estevão, andou muitíssimo mal, como também a Irmã Joana Bonvilliers (6); não sei ainda em que dará a coisa. Se Irmã Laurence não escreveu a seus pais, peça-lhe que o faça.

Houve o Jubileu em Paris; talvez, em breve, o tenhais aí. O que deveis fazer, querida Irmã, é ler a bula e observar exatamente, o que ela prescreve, principalmente, as inteções pelas quais se precisa rezar e, sobre o resto, deveis pedir informações ao confessor que escolherdes, com permissão daquele a quem, de ordinário, vos dirigis. Nosso Honoratíssimo Pai permitiu esta liberdade a nossas Irmãs. que vos saúdam de coração.

Peço-vos que supliqueis a Nosso Senhor envie operárias para sua obra, porque não podeis calcular quantos lugares no-las pedem e as poucas que temos. Nossa Irmã, de Bernay, (7) está bem de saúde, entretanto, ainda continua aqui. É preciso atenção nas que forem recebidas, para que sejam verdadeiramente vocacionadas; temos motivos de muito esperar desta; precisa porém um certo tempo para aprender a servir bem os pobres. Recomendamo-nos às vossas orações e sou, de todo meu coração, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 527 (L. 472)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sábado [abril de 1656]

Meu Honoratíssimo Pai,

Permiti-me recomendar a vossa caridade o papelzinho que vos entreguei, na última vez que tive a honra de falar convosco e lembrar-vos a pobre mulher que o senhor de Croissy vos pediu para receber no Nome de Jesus (1): acabam de informar-me que vai haver uma vaga.

Temos uma Irmã que, há um ano, trabalhava para um patrão que declarou falência. Um homem interessado em 13.000 libras, quer que ela revele, perante um Comissário, o que sabe. Ela virá para saber se vossa caridade lhe dará permissão de fazê-lo; hoje tenho de lhe dar resposta. Uma vez que irão levar uma

---

(5) Antoinette Richevillain (1631-1684) entrou para a Companhia das Filhas da Caridade em novembro de 1654.

(6) Joana Bonvilliers (ver C. 422 n. 3) achava-se em Chantilly.

(7) Maria Papillon (ver C. 493 n. 3)

C. 527 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: abril de 1656. (Irmão Ducourneau)

(1) O Asilo do Santo Nome de Jesus (ver C. 428 n. 1)

monitória (2) à casa do senhor Cura, não bastaria que, quando fosse publicada, ela dissesse ao senhor Cura o que souber?

Informaram-me que, hoje, haverá Reunião Geral das Damas da Caridade. Não vos pareceria a propósito, meu Honoratíssimo Pai, que se lhes mostrasse o bem espiritual que poderia ser feito se os pobres galés fossem visitados à hora em que nossas Irmãs lhes levam o almoço, hora cômoda, pois estarão de volta às suas casas, sem que seja prejudicada a atenção a ser dada à própria família? O almoço é às dez. Peço também à vossa caridade lembrar-se de que precisamos ter a nossa pequena reunião. Poderia ser amanhã, Domingo de Ramos, dia em que, como sempre, solicito vossa bênção, e sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente serva e filha muito agradecida.

C. 528 (L. 495)

*À minha querida Irmã Nicole Haran (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Nantes*

(abril de 1656)

Minha querida Irmã,

Estou ansiosa por saber se o senhor Truchart (2) recebeu minha carta que tive a honra de escrever-lhe, há uns quinze dias. Na mesma ocasião, também tive a alegria de vos escrever. Espero a resposta de ambos para vos enviar uma Irmã (3). Cumprimento todas as Irmãs, pedindo-lhes não se aborrecerem pela espe-

---

*(2) Ordem terminante dada pela autoridade eclesiástica, a uma petição do Juiz civil, de revelar o que saiba sobre um fato determinado, geralmente um crime, sob pena de excomunhão. (Marion)*

C. 528 Rc. 3. Carta autógrafa.

*(1) Nicole Haran nasceu em 11627; entrou para a Companhia das Filhas da Caridade a 28 de junho de 1649. Em 1650, foi enviada a Montmirail. Em 1653, chegou a Nantes e aí, em março de 1655, foi indiciada pelos Administradores, para ser a Irmã Servente do Hospital. Não lhe faltaram dificuldades. À morte de Luisa de Marillac, continuava em Nantes. Em 1673, foi eleita Superiora Geral, cargo que exerceu por um triênio. Vê-mola depois, a serviço das Crianças Expostas, no bairro de Santo Antônio, em Paris.*

*(2) Senhor Truchart, confessor das Irmãs.*

*(3) No Conselho de 27 de fevereiro de 1656, decidiu-se enviar para Nantes a Irmã Madalena Raportebled; porém, foi retardada a sua partida e foi Andréa Marechal que seguiu para lá, em junho de 1656.*

ra.

Solicito-vos indagueis de Irmã Madalena (4) que quantia deixou, quando veio a Paris e a quem a entregou. De acordo com as libras que vos disser ter entregue, perguntai-lhe se eram francos da França, isto é, se cada libra valia 20 francos. Mandai-me dizer tudo, vo-lo peço.

Destes-me grande alegria, falando-me da união e cordialidade que reinam entre vós. Se Deus vos conservar esta graça, como o espero de sua bondade, nada tendes a temer, nem os julgamentos, nem as suspeitas do mundo, nem as duras repreensões, nem as calúnias, nem as maledicências. Nada vos deve inquietar, pois Deus vê e conhece vossa consciência; o cuidado de todas há de consistir em agradecer-Lhe por vossa fidelidade a seu serviço e exatidão no cumprimento de vossas Regras, e, sobretudo, pelo respeito a vossos superiores espirituais, aos eclesiásticos, qualquer que seja a condição deles. Prestareis obediência aos senhores Administradores em tudo o que se refere ao serviço dos pobres, por amor de Deus, no qual sou e de todas as minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 529 (L. 473)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 24 de abril de 1656

Mui querida Irmã,

O senhor Padre Portail chegou (*aqui*) em Casa, quando recebia vossas prezadas cartas e assim pôde lê-las, ficando tão edificado quanto eu. Louvo a Deus de todo coração, graças que concede a muitas Irmãs da Companhia, durante este santo tempo do Jubileu. Várias, de diversos lugares, contaram-me mais ou menos o mesmo que vós, sobre este particular.

Peço-vos tomeis cuidado para não forçar que vos dêem uma casa, porque me parece que a Senhora de Brou (1) não está, agora, em condições de levar a cabo este negócio e eu temeria que a obrigação contraída caísse sobre vós. Antes, fazei-vos de rogada para dar vosso consentimento, ou melhor, nada

---

(4) *Madalena Miquel chegou a Nantes, em novembro de 1653 (Coste XIII, 680)*  
C. 529 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Assinatura e pós-escrito de Luísa de Marillac.*

(1) *Senhora de Brou, Senhora da Caridade.*

façais neste sentido, pois as coisas que Deus quer, acontecem em seu tempo.

Não deixarei de comunicar o que pedis a vossos parentes e da maneira como desejais, se Deus quiser. Não duvido de que os sentimentos que Deus pôs em vós e em mim querida Irmã Laurence (2) não sejam seguidos de boas e firmes resoluções para o futuro e, que servirão para fazer de vós grandes santas, auxiliadas pela graça de Deus.

O senhor Padre Portail esteve doente durante um mês e a quantidade de afazeres que tem, o impediram de escrever-vos. Vou, porém, pedir-lhe que o faça, para vossa alegria. Também não deixarei de transmitir vossa repetosa saudação a nosso Honoratíssimo Pai, que está bastante bem de saúde, graças a Deus. Não é necessário recomendar-vos e à Irmã Laurence, a quem cumprimento afetosamente, que peçais a conservação dela a Nosso Senhor, em cujo amor vos solicito crerdes ser eu, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Se Deus quiser, falarei com o senhor Padre Vicente, do assunto relacionado com vosso projeto de estabelecimento (3).

Irmã Cecília (4) vai bem e vos cumprimenta.

C. 530 (L. 392)

### *Ao Senhor (Arquiteto) (1)*

(pelo mês de abril de 1656)

Senhor,

A absoluta certeza que tenho de que me fareis o favor de atender ao pedido que vos fiz sobre o nosso modesto projeto, leva-me, mais uma vez, a lembrar-vos a necessidade incontestável de que seu aspecto seja de estilo campestre e o menos pomposo possível. (2) Sei muito bem que não será sem dificuldades que rebaixareis vossa obra, até esse ponto, dado o uso que tendes de fazer tudo

---

(2) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(3) O estabelecimento de um Hospital.

(4) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

C. 530 Rc. 2. Não é letra de Luísa de Marillac. Sem assinatura. Seria rascunho ou cópia?

(1) Esta carta talvez seja cópia da enviada ao arquiteto.

(2) Ver Conselho de 27 de abril de 1656 (Coste XIII, 716). Nos Arquivos das Filhas da Caridade conserva-se a resposta do Arquiteto. (Rc. 6. Publicado no *Annales*, julho de 1914, 9)

com grandiosidade e beleza. Porém, se refletirdes no que vos disse e na necessidade que, para continuar a existir, a Companhia tem de em tudo mostrar-se pobre e humilde, vereis, senhor, que se trata da obra de Nosso Senhor. Sem dúvida, vos considerareis feliz por contribuir por meio da inteligência com que Deus vos dotou, para o seu prosseguimento; esta é a humilde súplica que vos reitero. Ao mesmo tempo, levo a vosso conhecimento que, os locais que chamamos locutório e cozinha, de São Lorenço, nos bastam para a escola e sala de curativos e sangria dos pobres.

C. 531 (L. 474)

*À minha querida Irmã Nicole Haran (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes no Hospital Geral*  
*Nantes-Bretanha*

Hoje, 29 de abril de 1656

Minha querida Irmã,

Há cerca de três semanas, tive a alegria de escrever-vos e pensava que só voltaria a fazê-lo por (*intermédio*) de nossas Irmãs. Entretanto, como nos vimos obrigadas a adiar a sua partida, para que possam acompanhar as que vão para Angers, peço-vos, pelo amor de Deus, não vos desanimeis. Crede que eu sinto mais do que vós, pois, conheço a necessidade em que vos encontrais.

Rogo-vos que pergunteis ao senhor Truchart (2) se recebeu a carta que tive a honra de escrever-lhe, ao mesmo tempo que a vós. Estou apreensiva com sua indisposição. Ensinaaram-me um remédio; depois de experimentá-lo, o aconselharei para ele, já com mais segurança.

Solicito-vos saudá-lo, humildemente, em meu nome, com todo o respeito que lhe devo. Assegurai também ao senhor Humey, toda a minha humilde gratidão, pela caridade que dispensa às nossas queridas Irmãs. Todas as nossas Irmãs, e eu, vos testemunhamos nossa afeição e sou, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde e dedicadíssima irmã e serva.

---

C. 531 Rc. Carta autógrafa.

(1) Nicole Haran (ver C. 528 n. 1)

(2) Senhor Truchart, confessor das Irmãs.

*Ao senhor Abade de Vaux*

29 de abril de 1656.

Senhor Abade,

Há tantas coisas a considerar na escolha de uma Irmã Servente para Angers, que me vi muito embaraçada para propor uma ao senhor Padre Vicente.

Não encontrei nenhuma que não fosse muito necessária no lugar onde no momento, se encontra. Assim, é uma dificuldade na hora de retirá-la daí. Entretanto, senhor, depois de considerar todas as advertências que vossa caridade nos fez, não vimos outra mais capaz do que a Irmã Maria Marta (1) que, como o sabeis, já esteve aí e os senhores estavam contentes com ela, segundo me parece. Não quisemos, porém, mandá-la sem antes ouvir vossa opinião; suplico, humildemente, no-la deis a conhecer o mais depressa possível e, assim poder enviar as Irmãs sem demora. Por favor, tende em conta, que isso pressupõe, para nós, a retirada daí de Irmã Cecília (2); ser-nos-à menos difícil esta do que outra, pois já está a par da maneira de servir os doentes e de como conter a esses bons senhores.

Se tiverdes a honra de ver o vosso sobrinho, ter-lhe-ia pedido que vos assegurasse que nossas Irmãs vos levarão os métodos que pedistes ao senhor Padre Vicente. Logo que ele soube de vosso desejo, mandou que fossem feitas cópias para vós. Não duvideis, senhor, do carinho que colocou em vos dar essa satisfação, nem tão pouco, de sua gratidão pela caridade que tendes com nossas queridas Irmãs. Só Nosso Senhor pode ser vossa recompensa! Nós somos obrigados a pedir-Lhe que continue derramando suas santas graças sobre todos os vossos trabalhos, para sua maior glória e comprimento de seus santos desígnios sobre vossa estimada pessoa, de quem sou, em seu santíssimo amor, senhor Abade, vossa humilde e obediente filha e serva.

P.S.- Se dispusesse de um pouco mais de tempo, escreveria ao senhor Padre Ratier para testemunhar-lhe minha humilde gratidão.

---

C. 532 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4) que havia voltado de Nantes, em novembro de 1655.

(2) Cecília Angiboust (C. 36 n. 2), a atual Irmã Servente do Hospital de Angers.

C. 533 (L. 468)

*(Às Irmãs de Angers) (1)*

(pelo mês de maio de 1656)

Queridas Irmãs,

Vossas últimas cartas que me foram entregues hoje, pelo senhor... (1) alegraram-me sobremaneira. Chegaram justo a tempo para acabar de me curar de uma grave doença que me acometeu, durante um mês. É preciso convencer-vos, Irmãs, que não há nada capaz de dar-me tanta satisfação como saber que todas gozais de boa saúde e conhecer vossas disposições interiores. Sobre elas vos escreverei quando eu tiver recuperado minhas forças. À espera (disso), exorto-vos, de todo meu coração, à fidelidade que deveis a Deus, na prática das virtudes necessárias à vossa vocação. Como sois felizes, queridas Irmãs, por terdes tão grande número de doentes a servir! Oh! como se percebe que Deus vos ama, pois, vos concede tantas oportunidades de servi-Lo! Por favor, continuaí fazendo-o assim por seu amor, com toda a mansidão, esmero e caridade, que vos são necessárias...

C. 534 (L. 478)

*Á minha querida Irmã Francisca Ménage  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Nantes*

Paris, hoje, 10 de junho de 1656

Minha querida Irmã,

Suplico a Nosso Senhor seja vossa eterna recompensa, pela caridade que tivestes comigo, em minhas doenças. Não foi de seu beneplácito fazer-me ainda desaparecer desta terra, embora o tenha merecido, há muito tempo. Temos de esperar, com submissão, a ordem de sua Providência e estar sempre nesse estado, seja quando se tratar da morte dos nossos, seja da nossa própria morte ou de

---

C. 533 Ms. A, Irmã Chétif 1 n. 6. Cópia.

(1) Carta copiada por Margarida Chétif. Segundo seu costume, os nomes foram omitidos, para salvaguardar a discipção.

todos os outros acontecimentos desagradáveis, de tal sorte que, sua divina vontade não tenha de repreender-nos, por não havermos seguido suas ordens. Acho, querida Irmã, que já não duvidais ter sido Nosso Senhor que permitiu e quis chamar um dos mais queridos membros de vossa família (1). Pedi ao senhor Padre Truchart. (2) que, ele mesmo, tomasse o encargo de tudo vos comunicar. Mas enquanto o esperais, renovai a doação que fizestes de vós mesma a Deus, com tudo o que sois; isso vos obriga a um desapego geral de todas as coisas da terra.

Rogo a Nosso Senhor ser vossa força, vossa coragem, vosso consolo e sou, em seu santíssimo amor, querida Irmã, vossa humilde irmã e serva.

C. 535 (L. 479)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 14 de junho de 1656

Senhor Abade,

Fiquei por muito tempo duvidando se teríeis recebido minha carta na qual vos falava de Irmã Maria Marta (1). Agradeço-vos, humildemente, o parecer que vossa caridade teve a bondade de dar-me sobre este particular. Admira-me que nossas Irmãs tenham manifestado pouca afeição por ela. Isso nos coloca, momentaneamente, na impossibilidade de mandar outra que possa substituir a Irmã Cecília (2), o que muito me contraria. A partida das Irmãs fica retardada para principios da próxima semana, se Deus quiser.

Assusta-me a proposta dos senhores Pais do Hospital (3) de comprar a peixaria e a idéia que tiveram de nela aproveitar os serviços de nossas Irmãs. Não posso dar-vos nenhuma solução acerca deste trabalho, por não saber em que consistirá e assim, poder apresentá-lo ao senhor Padre Vicente. Aliás, não vos parece, senhor, que neste aumento de serviço, muitos inconvenientes te-

---

C. 534 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Assinatura de Luisa de Marillac.*

(1) *Seu pai acaba de falecer.*

(2) *Senhor Truchart, confessor das Irmãs.*

C. 535 Rc. 4. *Carta autógrafa.*

(1) *Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4)*

(2) *Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)*

(3) *Ou Administradores do Hospital.*

riam de ser temidos? Tendo começado pela barrela, agora, arrisca-se a vir atrás qualquer coisa. O que mais receio é o trato com os empregados e os que estiverem habituados a fazer tal trabalho poderão aborrecer-se com nossas Irmãs, e, já conheceis as consequências. Isso me leva a suplicar-vos, humildemente, senhor: tende a bondade de pôr-me bem a par deste caso.

Esteve, por aqui, um sacerdote, parece-me ter dito ser o Vigário Geral do Bispo de Angers, para em seu nome, falar-me acerca do Hospital dos Encarcerados. Creio ser um dos principais Administradores. Tive grande desgosto, senhor, por não poder satisfazer-lhe no que esperava e procurei convencê-lo de que só a impossibilidade, *(a falta de pessoal)*, nos impedia de fazê-lo. Conheço muito bem o desejo que o senhor Padre Vicente tem de não faltar à palavra dada ao senhor Bispo de Angers, tão logo disponha de elementos capazes para semelhante tarefa.

É verdade, senhor, que a Irmã Cecília me falou várias vezes de uma boa empregada (4) que queria oferecer-se à Companhia, porém, não a conhecia bem. As que recebemos aqui nos fazem sentir a importância que há em se conhecer todas as pretendentes desde a adolescência. Uma coisa me faz temer que nela haja uma certa levandade: não foi capaz de poupar, *(tirando)* de seu salário ou de qualquer outro modesto patrimônio, a quantia suficiente para pagar um hábito para si mesma. Disso se pode deduzir que ou é desbanjadora ou parou pouco tempo nas casas onde trabalhou. Neste caso sobretudo, estaria muito longe de ter as disposições necessárias para perseverar na vida de Filha de Caridade. Irmã Cecília poderá informar-se de tudo, com calma.

Aproveu a Nosso Senhor tirar-me quase da agonia, concedendo-me ainda um pouco de tempo para eu pensar mais seriamente em seu juízo. Em nome de Deus, senhor, ajudai-me com vossas santas orações para que isso não se torne em confusão minha e fazei-me a honra de crer-me em seu santíssimo amor, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

(4) *Jacquine (ver C. 601 n. 1)*

*Á minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade,  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 19 de junho de (1656)

Minha querida Irmã,

Neste momento, acabo de ler vossa carta de 3 deste mês, na qual me comunicais que, finalmente, a Providência deu um hospital aos pobres do lugar onde estais. Nosso Senhor seja eternamente bendito! Sua bondade continua dando-me novas forças; ajudai-me, querida Irmã, a fazer melhor uso delas, para sua glória e serviço que Ele deseja que eu preste à Companhia.

Estou preocupadíssima com nossas Irmãs de Santa Maria do Monte. Há algum tempo soube que a Irmã Cláudia (1) estava muito doente. Esperava que me dissésseis já ter podido enviar-lhes as cartas que por vosso intermédio lhes mande e das quais não recebi resposta.

Tomai cuidado, querida Irmã, para que não haja, na instalação do Hospital, nada contrário à simplicidade e humildade das Filhas da Caridade, nada que possa impedir o exato cumprimento de seu regulamento. Se quiserem obrigavos a coisas que virdes não serem as que ordinariamente fazemos, como, por exemplo, a administração dos bens temporais, compra de provisões gerais, avisai ao senhor Padre Vicente, vo-lo peço.

Fizestes bem em pedir conselho para saber se receberíeis a jovem que vos propuseram. Devo dizer-vos, queridas Irmã, que é verdade que o senhor Padre Vicente não quer que nossa Irmãs recebam moças internas em suas casas. Porém, com relação a esta, há uma consideração a ser levada em conta, pois é filha da antiga encarregada do hospital. Se Deus quiser, não deixarei de falar sobre isso com nosso Honoratíssimo Pai e, se já a recebestes, dizei-lhe que é provisoriamente, enquanto esperais receber suas ordens.

Querida Irmã, gostaria muito que me dissésseis algo sobre vossa vida espiritual; se observais, com amor, vossa pequenas regras, se partilhais, em algum momento do dia, a vossa oração, se fazeis as conferências das sextas-feiras e se tendes tempo para os outros exercícios. Quanto ao resto, não duvido de que vossos corações vivem em grande união, que vos comunicais um á outra, o que fa-

---

C. 536 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Cláudia Chantereau (ver C. 481 n. 3)

zeis. Se assim não fosse, não sentiríeis a consolação que Nosso Senhor promete aos que estão reunidos em seu nome: a de estar no meio deles. Quero crer, querida Irmã, que a tolerância existente entre vós, vos leva a gozar de seus efeitos. Suplico a Nosso Senhor continue derramando sobre vós suas santas graças e eu sou em seu santíssimo amor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 537 (L. 439)

*À Irmã Laurence (1)  
Filha da Caridade, Serva  
dos Pobres Doentes  
(Bernay)*

Hoje, 20 de junho de (1656)

Minha querida Irmã,

Recebi, pelo menos, duas cartas vossas; vo-las agradeço de todo coração. Não me lembro, agora, senão do que me dissestes na última, e que muito me alegrou, pois constatei a vossa firmeza na fidelidade à prática das regras. Estou convencida de que existe em nossa (*Irmã*) Bárbara (2), a mesma disposição, razão pela qual, querida Irmã, suplico-vos, se não fordes algumas vezes tão pontual em todas as horas, seja em caso de necessidade e mesmo se! tiverdes de deixar algum exercício se for por ordem dela, tende certeza de que é a primeira a senti-lo, embora compreenda que omitir algum exercício por causa do serviço dos pobres, é deixar Deus por Deus.

Peço-vos, minha querida Irmã, informar-me se entre os exercícios, não descuidais de fazer a oração e a conferência das sextas-feiras. Asseguro-vos, querida Irmã, que não conheço outro exercício mais próprio para nos tornar fiéis a Deus e manter-nos cordialmente unidas em seu tão santo amor.

Preciso falar-vos de outra prática que nosso Honoratíssimo Pai nos recomendou na última Conferência que sua caridade nos fez e que é: quando percebermos que desgostamos ou ofendemos uma de nossas Irmãs ou a várias delas, nos ponhamos, imediatamente, de joelhos, para lhes pedir perdão... Oh! que bela prática! Vo-la recomendo, por amor de Nosso Senhor, e sou vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 537 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois (ver C. 4475 n. 1)

(2) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1)

C. 538 (L. 482)

*Ao senhor Padre Vicente*

Véspera de São Pedro [1656]

Já faz mais de um mês, meu Honoratíssimo Pai, que a Irmã Cláudia deveria ter voltado, se a Divina Providência, por sua própria intervenção, não tivesse impedido tal coisa por meio de uma certa dúvida minha. E o que ocorreu hoje, nos dá a conhecer, com absoluta certeza, que a Companhia é dirigida por essa mesma Providência, mais do que por qualquer outra mão. Entretanto, sendo preciso cooperar com ela, sei que é indispensável um pouco mais de harmonia ou compreensão (palavra deixada em branco), porque a pobre Irmã esperava que sua caridade me tivesse falado de seu sofrimento.

Parece-me, meu Honoratíssimo Pai, que a senhora Guergret não disse à vossa caridade que pretende fazer seu Retiro Espiritual somente até sábado, dia em que deverá estar em São Salvador para as Vésperas: sua Companhia da Caridade reclama sua presença. Ela gostaria de se confessar esta tarde ou amanhã.

Estes poucos dias são tempo insuficiente para ela, a não ser que julgueis que a vida que leva, desde sua juventude, lhe sirva como um prolongado retiro.

C. 539 (L. 483)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 8 de julho de (1656)

Senhor,

Não quis me dar a honra de vos escrever antes de haver comunicado ao senhor Padre Vicente a carta que tivestes a gentileza de enviar-me. Ele vos saúda, respeitosamente, e me encarrega de pedir-vos que experimenteis bem a vocação desta boa jovem (1), tendo ele a certeza de que a escolha e discernimento que fizerdes não poderão deixar de ser excelentes.

Quanto ao que se refere aos confessores, será melhor, senhor, que, para as necessidades ordinárias da pequena comunidade, haja apenas um, pois, a expe-

---

C. 538 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso! junho de 1656 (Irmã Ducourneau)

C. 539 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) *Jacquine* (ver C. 601 n. 1)

riência já nos fez ver que o fato de serem vários, serve para dividir os espíritos. Quanto ao problema de nossa boa Irmã Cecília (2), o primeiro Padre da Missão (3) que ifor a Angers, será avisado para se apresentar à vossa caridade e receber vossas ordens e poder efetuar essa mudança que me parece ser muito necessária.

Ja não me admira a desordem de Nantes, não havendo lá ninguém que culde de sua direção. Isto nos faz apenas aumentar a grande dívida de gratidão que temos para convosco, cujo montante somente Deus vos pode pagar. É o que Lhe suplico de todo o coração, e, com afeto, desejo a assistência de vossas santas orações para obter misericórdia para mim, assim como, a honra de me crerdes, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 540 (L. 485)

*(Às Irmãs de Angers) (1)*

Hoje, 10 de julho de 1656

Minhas queridas Irmãs,

Na esperança de que esta carta vos seja entregue, venho falar-vos do fundo de meu coração, para assegurar-vos do constante afeto que me torna participante da felicidade de vossa perseverança no serviço de Deus, em vossa querida vocação. E isto, apesar das pequenas dificuldades que o inimigo de nosso bem possa, frequentemente, contrapor-nos. Sabeis para que, queridas Irmãs? Para impedir, se possível fosse, essa santa perseverança, tirando muito e lamentavelmente sua glória em fazer-nos abandonar o bem, há muito começado e tentar levar-nos a desistir de nossas boas resoluções, mesmo que fosse um só dia antes de nossa morte. Tenhamos cuidado, minhas queridas Irmãs, para não lhe conceder esse ganho. Necessitamos, então, de ser fiéis nas menores coisas e dar abrigo a um grande desejo de sempre agradar a Deus, caminhando em sua santa presença. Crede-me: nossa principal precaução será a de mortificar-nos muito, não por meio de penitências exteriores, mas, por uma submissão prove-niente de uma verdadeira e sólida humildade, que ame e declare guerra a nossos

*(2) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)*

*(3) O senhor Berthe (ver C. 281 n. 3) iria no mês de maio de 1657*

C. 540 Ms A, Irmã Chétif 1. n. 32. Cópia.

*(1) Carta copiada por Margarida Chétif, série Angers.*

*(2) Cecília Angiboust, cuja saída está sendo projetada.*

sentidos e paixões, entregando-nos, com fidelidade à obediência e a todas as virtudes e também à cordialidade entre nós, sem preferências; essa cordialidade impede as murmurações, as parcialidades e as amizades particulares. Conservai-vos sobretudo no afeto e estima por vossa querida Irmã Servente, seja qual for a que Deus vos der, quando aprover ter piedade de nossa Irmã... (2) porque posso afirmar-vos, queridas Irmãs, que a direção é um pesado fardo. Crede-me sempre, em seu santíssimo amor...

C. 541 (L. 486)

(À Senhora Grande Princesa) (1)

Hoje, 17 de julho de 1656

Senhora,

Louvo a Deus, de todo o meu coração, por vosso incansável zelo. É verdade, senhora, que não poderemos, tão cedo, enviar Irmãs para todos os lugares que no-las pediram. Quanto à proposta que nos formulais, senhor, de receber algumas (*jovens*), dir-vos-ei que fareis uma grande caridade, se proporcionardes os meios para isso a algumas daquelas que desejassem retirar-se do mundo para servir (*os pobres*). Porém, permiti-me, senhora, que vos diga haver dois motivos que impediriam que tivésseis, de imediato, a satisfação que desejais. Primeiro, há necessidade de muito tempo para preparar as jovens, tanto no que se refere à sua formação pessoal, como para aprenderem o que é preciso para servirem os pobres e, o outro, senhora, é que não recebemos ninguém que não tenha intenção de viver e morrer na Companhia e, mesmo quando tenham entrado, graças à ajuda caridosa de algumas pessoas, não as enviamos para o lugar de onde procedem. É tudo o que posso dizer sobre este particular, apresentando-vos meus humildes respeitos. Sou verdadeiramente, no amor de Nosso Senhor, senhora, vossa muito humilde serva.

Ao senhor Padre Vicente,

Vossa caridade me faça o favor, meu Honoratíssimo Pai, de corrigir esta carta (2), porque, de qualquer maneira, tenho de de passá-la a limpo. É para a senhora Princesa.

---

C. 541 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Clara Clemência de Maillé-Brézé, esposa de Luis de Bourbon, chamado o Grande Condé.

(2) Resposta: anotação feita pelo Secretário: "O senhor Padre Vicente viu a carta e acha que está boa".

*À Irmã Carcireux (1)*

18 de julho de (1656)

Minha querida Irmã,

É verdade que errei muito tendo ficado tanto tempo sem vos escrever. Crede-me, querida Irmã, que não foi por falta de vontade, pois, para mim é uma alegria toda especial pensar em vós e na união, concórdia e cordialidade que reinam entre as duas. Parece-me que, uma e outra porfiais em busca da perfeição, segundo os desígnios de Deus e para isso, todas as ações de vossa vida podem servir-vos, até mesmo as que aparentemente vos afastariam dessa íntima união com Deus, na qual tanto fervor colocais. Frequentemente esta união se opera em nós, na maneira em que só Deus conhece e não como a queremos imaginar. Dir-vos-ei o que a meu ver podemos fazer para consegui-la. Nada tolerar em nossa vontade de que se oponha à vontade de Deus; dar-nos inteiramente, a Ele por todas as práticas que nos são aconselhadas, desapegando-nos de nossa vontade própria e trabalhando na mortificação de nossas inclinações, mesmos nas coisas que nos pareçam boas. Por exemplo, quantas vezes podemos desejar bens pensando num fim que, entretanto, nos distanciariam, se nos empenhássemos em seguir nossa vontade pessoal. Deveis ser muito agradecida a Vosso Diretor (2) por vos haver falado desta maneira. Suponho, querida Irmã, que julgastes estar ouvindo a vos de Deus e que, realmente, pensais que é Ele quem vos fala pela boca deste senhor. Nada é tão cego como os olhos para enxergar a si mesmo, embora vejam eles todas as outras coisas.

Não vos admireis de que voltem à vossa cabeça esses pensamentos, essas pequenas murmurações. Entendo, querida Irmã, que vosso principal trabalho, o vosso e o meu, sejam humilhar-nos muito, tanto mais baixo, quanto mais alto queira nosso espírito elevar-nos, sob belos pretextos de unir-nos a Deus por nossas próprias forças. Temos de simplificar nosso espírito, mediante um completo abandono à direção da sua divina Providência e à de nossos Superiores, conforme em vossa carta me manifestastes desejá-lo.

Escrevo umas palavras ao senhor Cura de Troyes, a quem somos muito gra-

---

C. 542 Rc. de trechos... p. 669. Cópia.

(1) *Francisca Carcireux* (ver C. 251 n. 2)

(2) O senhor Padre Pedro Beaumont nasceu em 1617. Entrou para a Congregação da Missão, em fevereiro de 1641. Depois de uma permanência em Saint-Méen, passou a Richelieu, como Diretor do Seminário. Foi nomeado Superior em 1656.

tas. Porém, querida Irmã não deveis ter aceito que essas boas moças viajassem sem às expensas dos senhores Padres da Missão. Tenho certeza de que poderiam ter encontrado ajuda mediante outra esmola; é preciso prestardes atenção nisso, sobretudo, quando estiverdes com a senhora Duquesa (3).

Não deixarei, querida Irmã, de pedir ao senhor Padre Vicente que vos mande uma palavra em resposta. Está tão assoberbado de negócios que sempre me custa desviar sua atenção para outras coisas. Quando vos derdes a honra de escrever-lhe, fazei-o o mais resumidamente possível e com letra bem clara para facilitar-lhe a leitura. (*Esclareço que*) ele nada me disse a esse respeito.

Apresento-vos meus afetuosos agradecimentos pela caridade que tivestes para comigo, minhas queridas Irmãs; porém, quem vos disse, a ambas, que eu precisava de um hábito? Não é uma grande necessidade, a não ser no pensamento das Irmãs. Agradeço à Irmã Carlota (4) ter conseguido que falásseis no estilo dela. Ah! como me agrada que tenhais chegado a vencer-vos! Talvez tenha sido o maior ato de virtude que praticastes naquele dia! Continuai, queridas Irmãs, porque enquanto estivermos na Igreja militante, teremos de lutar; se a bondade de Deus nos fizer misericórdia e chegarmos à Igreja triunfante, então alcançaremos totalmente essa íntima união com Ele, a qual nesta terra jamais possuiremos em plenitude. Trabalhem pois, queridas Irmãs, no serviço corporal e espiritual dos pobres doentes, por amor de Jesus Crucificado, em quem sou vossa muito humilde e dedicada serva.

C. 543 (L. 477)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

(julho de 1656)

Senhor Abade,

Agradeço-vos, humildemente, o trabalho que vossa caridade teve em tomar informações acerca da boa Irmã (1) que julgastes capaz de vir ser das nossas; recebê-la-emos com muito gosto. Fizemos todo o possível para arranjar duas de

---

(3) A Duquesa d'Aiguillon, sobrinha de Richelieu, como já sabemos.

(4) Carlota Royer (ver C. 251 n. 1)

C. 543 Rc. 4 Carta autógrafa. Sobrescritada por Irmã Loret.

(1) Jacqueline (ver C. 601 n. 1)

nossas Irmãs (2) para Angers, acreditando serem apropriadas. Suplico-vos senhor, terdes a bondade de avisar à Irmã Cecília, como deverá recebê-las e, às outras, a prudência que terão para não lhes falar das pequenas dificuldades existentes entre umas e outras, com receio de que isso lhes impressione mal. Precisamos mandar outras três Irmãs para a região da Bretanha, dentro de pouco tempo. Rogo-vos, com humildade, senhor, que me façais a caridade de dizer-me qual é vossa opinião sobre Irmã Maria (3) e se não julgais necessário que chamemos para cá a Irmã Cecília (4) pelos motivos apontados por vossa caridade. Perdoai-me, senhor, a liberdade que tomo em vos dar tanto trabalho e fazei-me sempre a honra de crer-me no amor de Nosso Senhor vossa muito humilde e obediente serva.

P.S.- O senhor Padre Vicente envia-vos o que estais esperando.

C. 544 (L. 489 bis)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Bernay*

Hoje 31 de julho de (1656)

Minha querida Irmã,

Suplico a Nosso Senhor conceder-vos a graça de aproveitar bem de tanta bênção que Ele dá a vossos trabalhos. Se acreditardes em mim, como não duvido, tomareis (*cuidado*) em não fazer nada pomposo, porque ainda não conheceis o número de doentes que tereis e, acumular bens ou muitos móveis poderia parecer uma desconfiança pela qual não vos faltariam críticas. O Filho de Deus, como o sabeis, não quis nenhuma ostentação ao estabelecer a sua Igreja. Se estivermos animadas de seu espírito, gostaremos de agir do mesmo modo, Quando as coisas prosperam até se pode receber louvores por isso, porém, quando se torna necessário diminuí-las, sentem-se cheios de confusão os que as empreenderam.

Para cumprir suas obrigações, a boa Filha da Caridade terá de tentar por todos os meios a seu alcance, que as Damas da Caridade visitem os doentes; essa é a razão pela qual o senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, costuma

---

(2) *Maria Gaudoin* (ver C. 473 n. 1) e *Cláudia Carré* (ver C. 561 n. 5)

(3) *Maria Gaudoin*: *Luisa de Marillac* acha que poderá assumir o cargo de Irmã Servente.

(4) *Cecília Angiboust*, atual Irmã Servente.

C. 544 Seminário Maior de Dijon. Carta autógrafa.

aconselhar que sejam fundados hospitais onde existe (*Confrarias da*) Caridade, a não ser nas grandes cidades.

É bom comunicar-me o que fazeis com o vosso belo fio (*o que estais fiando*); agi como julgardes ser mais conveniente e, com certeza, estará bem.

Irmã Marta (1) de Nantes e Irmã Elisabeth (2) partirão no domingo, para ir ao exército (3). Rogai a Deus por toda a Companhia e recomendai-me às orações de Irmã Laurence (4), crendo-me, as duas, no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito jumilde irmã e serva.

C. 545 (L. 489)

*À minha querida Irmã Luísa Cristina (1)  
Filha da Caridade  
Sera dos Pobres Doentes  
Montmirail*

Hoje, último (dia) de julho de (1656)

Minha querida Irmã,

Bem quisera ter mais tempo para conversar convosco, de coração a coração, aproveitando desta boa oportunidade; porém, já soaram 10 horas da noite. Louvo a Deus, com toda a minha alma, pela sincera e recíproca afeição que sua bondade vos concede. É isso que mantém a união e a tolerância que as Filhas da Caridade devem ter entre si, e o que impede de falarem mal uma da outra, quando se devem prestar contas mutuamente, porque, caso ocorra algum desentendimento entre as duas, depois de haverem pedido perdão, tudo fica esquecido, pois não era algo muito importante para a glória de Deus.

Não sei, querida Irmã, se respondi a uma pergunta que me fizestes, há algum tempo, sobre vossos pequenos ganhos, se deveis anotá-los em vossas contas. A isto vos direi, querida Irmã: quanto ao que se refere ao que vos dão estes bons senhores, tereis de ser exatíssimas, na prestação de contas e não gastareis senão o necessário. Ao contrário, quanto às economias que não proce-

---

(2) *Passagem incluída na C. 352.*

(3) *Miguel Le Gras que se casou em 1650, teve uma filhinha, Luísa Renata que vai fazer 6 anos.*

(4) *Em Champlan, na casa dos pais de Gabriela, esposa de Miguel.*

C. 545 Rc. 3. Carta autógrafa. Dorso: agosto de 1656.

(1) *Irmã Luísa Cristina Rideau (ver C. 160 n. 7)*

dem desse dinheiro, podeis dispor delas como o fazem as demais Irmãs das Paróquias. O que guardardes, será para vossa manutenção e vestuário, porque, pela graça de Deus, sei muito bem que não quereis entesourar. Amais muito a santa pobreza e a confiança em Deus: os dois pilares da Companhia das Filhas da Caridade. (2)

Todas as Irmãs vos cumprimentam. Se tivéssemos sabido antes da ida do portador, ao menos algumas poderiam ter-vos escrito.

Agradeço-vos de todo coração o afeto que tendes pela família de meu filho (3). Graças a Deus, ele melhorou bastante da surdez; sua mulher está bem, assim como sua filhinha que esteve gravemente doente. A bondade de Deus porém, no-la devolveu. Agora, estão no campo (4). Pedi a Deus pelas necessidades dele, mas sobretudo, por sua salvação. Não vos esqueçais também de nosso Honoratíssimo Pai, do senhor Padre Portail e de toda a Companhia.

Boa noite, queridas Irmãs, crede-me sempre no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 546 (L. 490)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 8 de agosto (1656)

Meu Honoratíssimo Pai,

O Senhor de Marillac (1) está doente com um forte resfriado e a senhora, sua mãe, (2) queria que eu fosse vê-la por este motivo. É que sua nora (3) está fora de Paris e isso a preocupa um pouco. Se vossa caridade permitir que eu vá visitá-lo, ela me mandará uma diligência. Não sei porém quando.

A senhora de Herse (4) espera que vos deis ao trabalho de ir fazer uma visita a São Martinho (5) e pediu-me que, alguns dias depois, também eu fosse. Supo-

---

(1) *Maria Marta Trumeau que voltara de Nantes, em novembro de 1655 (ver C. 72 n. 4)*

(2) *Elisabeth Brocard (ver C. 273 n. 3)*

(3) *Partirão no dia 29 de julho de 1656, para La Fère, a fim de cuidar dos soldados feridos.*

(4) *Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)*

C. 546 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: setembro 1656; (Irmão Ducourneau)

(1) *Miguel de Marillac, conselheiro do Parlamento (ver C. 310 n. 1)*

(2) *Maria de Marillac, mulher de Renato, carmelita (C. 88 n. 1)*

(3) *Joana, mulher de Miguel: achava-se em sua propriedade de Ollainville.*

(4) *Senhora de Herse (ver C. 222 n. 1)*

(5) *Paróquia de Paris.*

nho que seja para acabar com a desordem de Irmã Joana; muito me alegre com isso, pois, há muito tempo o desejava. Isto deve convencer-me ainda mais de como é bom saber esperar as determinações da divina Providência.

Não temos nenhuma notícia da boa jovem de Araras (6). Temo a preguiça de meu espírito, qua anda às cegas ou com muito poucas luzes, para saber a quem mandar para lá e também para Chars.

Louvido seja Deus, meu Honoratíssimo Pai, pela tranquila viagem de nossas Irmãs para La Fére (7). Uma vez que o senhor de São João está contente com a ida das Irmãs, é de se esperar que sua caridade cuidará delas.

Não sei se me engano; parece-me porém que Nosso Senhor quererá sempre mais confiança do que prudência para conservar a Companhia e que esta mesma confiança fará agir a prudência quando for necessária e quase sem nos apercebermos. Parece-me também, que a experiência sempre nos deu a conhecer isso, em diversas ocasiões, quando a preguiça de meu espírito teve necessidade. Se não estou certa, espero que vossa caridade me tire do erro, visto que sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito pobre filha e obediente serva.

C. 547 (L. 492)

*A ser entregue ao senhor Padre Vicente  
antes que ele celebre a Santa Missa*

Véspera da Assunção [1656]

Meu Honoratíssimo Pai,

Dignai-vos dar vossa santa benção a todas as vossas pobres Filhas da Caridade, das quais três suplicam à vossa caridade oferecer a renovação de seus votos a Nosso Senhor, amanhã, dia da Assunção da Santíssima Virgem e também uma quarta que ficou corcunda no serviço dos pobres soldados. Já não pode esperar senão uma vida cheia de dores; porém, suporta muito bem seu sofrimento, graças a Deus. Penso que o senhor Padre Portail vos terá falado a respeito, porque as quatro se apresentam, com a aprovação dele.

Torna-se-me longa a espera de que vossa caridade possa conceder-me uma hora de (vosso) tempo para todas as minhas necessidades, porque me descuidei demais em bem conhecê-las. Espero de vossa ajuda o que nosso bom Deus queira dar-me, pois, por sua bondade sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa filha muito pobre e muito obediente.

---

(6) As Irmãs partiram para Arras, a 30 de agosto.

(7) Maria Marta Trumeau e Elisabeth Brocard que haviam partido no dia 29 de julho.  
C. 547 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: setembro (riscado), agosto de 1656 (Irmão Ducourneau)

*À minha querida Irmã Maria Gaudoin (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Angers*

12 de agosto (1656)

Minha querida Irmã,

Dou graças a Deus por terdes feito boa viagem. Tinha certeza de que seríeis bem recebida, tanto por parte dos senhores (*Administradores*), como por nossas Irmãs. Peço-vos dar-me sempre as vossas notícias; a Irmã Cecília (2) não ficará aborrecida com isso.

Solicito-vos dizer-me qual de nossas Irmãs estava convosco quando a senhora Bouillon (3) vos disse que cobrásseis 400 libras de uma de suas granjeiras, no ano de 1654, se não me engano; e, se, efetivamente, lhe pedistes essa quantia.

Dai-me notícias especialmente de vossa saúde e crede-me, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã e serva.

C. 549 (L. 557 bis)

*À Irmã Carcireux (1)*

(pelo ano de 1656)

Recebi uma carta vossa, porém, como data muito atrasada. Julgo não vos achardes mais nas penas e dificuldades das quais me falastes. Não me detenho sobre elas para lhe dar respostas, porque me parece tratar-se do mesmo em que em outras ocasiões, já me referi. Só vos direi, querida Irmã, se mo permitirdes, que, por várias vezes, louvei a Deus pelas graças que vos concedeu e Lhe pedi a

---

C. 548 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) *Maria Gaudoin* (ver C. 473 n. 1) *acabava de chegar a Angers com Cláudia Carré* (ver C. 561 n. 5)

(2) *Cecília Angiboust* (ver C. 36 n. 2)

(3) *Em 1654, Maria Gaudoin estava em Alluets, em terras da senhora de Bouillon.*

C. 549 *Colistânea* (Rc.) *de trechos...p. 668. Cópia.*

(1) *Francisca Carcireux* (ver C. 251 n. 2)

de saberdes esquecer-vos de vós e mortificar o desejo de vossa própria satisfação que, em vós se oculta sob a aparência enganadora de buscar uma maior perfeição. Muito nos enganamos quando nos acreditamos capazes dela e mais ainda quando pensamos poder adquiri-la por nossos próprios meios e com um olhar ou atenção contínua em reconhecer todos os movimentos e disposições de nossa alma. É bom que, uma vez ao ano nos apliquemos atentamente a esse exame de consciência, com desconfiança de nós mesmas e constatação de nossas insuficiência. Porém, atormentar continuamente nosso espírito, para esquadriñar e levar em conta todos os nossos pensamentos, é tarefa inútil, para não dizer perigosa. Digo-vos o que a mim me falaram, em tempos atrás.

Rogo-vos, querida Irmã, ajudar-me com vossas orações como vos farei com as minhas, para que possamos alcançar de Deus a graça de caminhar pelas vias de seu santo amor, com toda simplicidade, na verdade, sem complicações, para não chegarmos a parecer-nos com essas que, em vez de enriquecer-se, correm á ruína, à força de querer buscar a pedra filosofal.

Levai em conta o que vos disse o senhor Diretor (2). Embora não lhe faleis senão uma vez ao mês e, pouco demoradamente, crede que isto vos bastará. As confissões sucintas costumam ser as melhores. O que é que vamos buscar neste sacramento? Nenhuma outra coisa que a graça de Deus e podemos ter a certeza de que a bondade divina não no-la negará se, por nossa parte levarmos ao sacramento as disposições necessárias de simplicidade, contrição e submissão. Suplico a Nosso Senhor no-las conceder, e, em seu santo amor, querida Irmã, sou vossa muito humilde irmã e serva.

C. 550 (L. 493)

*A minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Paris, hoje 22 de agosto de 1656

Minha querida Irmã,

Recebi vossa carta na qual, como sempre, me manifestais vosso mais carinhoso afeto. Vo-lo agradeço de todo coração, assegurando-vos, de minha par-

---

(2) Pedro de Beaumont, superior dos Padres da Missão em Richelleu (ver C. 542 n. 2)  
C. 550 Rc. 3. Carta assinada por Luisa de Marillac. Letra de Irmã Guérin.

te, os mesmos sentimentos, embora não vos possa demonstrá-los senão diante de Deus.

Continuo muito preocupada com nossas Irmãs de Santa Maria do Monte, pois Irmã Cláudia (1) ainda está doente. Peço-vos, querida Irmã, se souberdes de alguma coisa, mo comuniquéis. Dai-me também notícias de Irmã Laurence (2), a quem cumprimento afetosamente. Posso assegurar-vos que Irmã Cecília (3) goza de boa saúde; escreveu-me há pouco tempo. Estamos pensando em fazê-la vir; se isso acontecer, podeis supor, querida Irmã, que pouco depois vos veremos por aqui.

Dissestes que nos mandastes fio, porém, nada falastes da quantidade, nem tão pouco sabemos onde se encontra: já terá chegado?

Todas as nossas Irmãs vos cumprimentam, assim como a Irmã Laurence. Também eu o faço de todo coração e sou no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 551 (L. 491)

*Ao senhor Béguin  
um dos Administradores da Junta  
das "Casinhas" e de outros lugares*

(pelo ano de 1656)

Senhor,

Eu vos escrevo por ordem do senhor Padre Vicente. Ele soube que a Irmã Ana (1), que está no hospital das "Casinhas, teve algumas pequenas desavenças com o senhor Cura, por causa dos doentes. Desejou que lhe fosse permitido mudar de confessor, por receio de que pudesse ocorrer algo, por pequeno que fosse, que as impedisse de cumprir seu dever. Nosso Honoratíssimo Pai considerou o assunto ea importância de tais discórdias. Concedeu-lhe a permissão, após tê-la feito cumprir o dever de se humilhar e, mesmo, de haver tentado impedir essa troca. Sua caridade deu-se ao trabalho de levar o referido senhor Cura a aceitar a situação, o que o fez com muita generosidade. Entretanto, senhor, desde esse tempo, no encontro da necessária humilhação de nossa Ir-

---

(1) *Cláudia Chantereau (ver C. 481 n. 3)*

(2) *Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)*

(3) *Cecília Angiboust que está em Angers (ver C. 36 n. 2)*

C. 551 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) *Irmã Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2). Esteve nas "Casinhas" de outubro de 1655 a novembro de 1657.*

mã, sabeis o que aconteceu? Alguns dos vossos Senhores quando souberam do caso tanto pela outra parte, como pela nossa, declararam que manifestarão seu descontentamento, quando tiverem reunião da Diretoria. Em nome de Deus, senhor, suplico-vos humildemente: impedi que isso aconteça, pelo respeito que devemos a seu caráter sagrado e à sua virtude com a qual nossa Irmã tantas vezes ficou edificada e no-lo manifestou.

Peço-vos, Senhor, perdoai esta liberdade que tomo. Enquanto vos escrevo, está me ocorrendo que vós o sabeis melhor do que eu e todos esses Senhores conhecem muito bem a necessidade que têm de manter sua autoridade para a glória de Deus e o bem das almas que Ele entregou a seu cargo. Portanto, se ocorresse que esta pessoa, a quem devemos honra, caísse, por pouco que fosse em desgraça, ver-nos-íamos obrigados a retirar nossas Irmãs por vários motivos. Porém, espero da bondade de Deus que o espírito de caridade que infundiu na vossa Companhia, vos dará também toda a serenidade para suportar os fracços, entre os quais se encontram nossas Irmãs.

C. 552 (L. 290)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 9 de setembro de 1656

Senhor,

Creio que vos encontrais entre o temor e a esperança, com relação a nossa resposta sobre a boa jovem (1) que vossa caridade nos apresentou. Dir-vos-ei, senhor, que estava esperando conhecê-la um pouco melhor para poder dizer-vos algo de certo. O que temos podido perceber nela, até agora, dá-nos esperança; por isso, senhor, humildemente vos suplico, aproveis que eu não impeça a Irmã Cecília (2) de apresentar-vos todas aquelas a quem Deus, daqui para frente, se digne inspirar o pensamento de servi-Lo, na Companhia.

Estou preocupadíssima por saber se o senhor Bispo (3) recebeu uma carta que tive a honra de escrever-lhe quando nossas Irmãs (4) foram para Angers. O receio de tornar-me importuna fez-me diferir minha resposta à última com que

---

C. 552 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) *Jacquine* (ver C. 601 n. 1)

(2) *Cecília Angiboust* (ver C. 36 n. 2)

(3) *Monsenhor Henrique Arnauld, bispo de Angers* (ver C. 356 n. 2)

(4) *Maria Gaudoin e Cláudia Carré.*

sua reverência (5) me honrou.

Fazei-me, senhor, o favor de avisar-me o que devo fazer e de crer-me sempre no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente filha e serva agradecida.

P.S.- Pensei que conseguiria responder à carta tão delicada do senhor Rattier, porém, está em cima da hora; por isso, permito-me pedir-vos a fineza de apresentar-lhe minhas desculpas.

C. 553 (L.497)

*À Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 13 de outubro de 1656

Minha querida Irmã,

Até hoje não tinha podido ler vossa prezada e última carta, por causa dos males que me ocasionaram uma queda que levei há quase cinco semanas. Não sabia ainda a situação da casa dos pobres; porém, meu Deus, querida Irmã, quem a ocupará e o que será do trabalho das Damas da Caridade se se obrigar seus doentes a saírem do hospital? Vereis como os pobres envergonhados vão ficar privados do socorro que era para eles a comida já pronta e os remédios e que a pequena quantia que se lhes dava já não será empregada para prover suas necessidades! Somos obrigadas, tanto quanto possível, através de nossas caridosas advertências, a impedir que isso ocorra.

E que vos direi dessa bela casa em que habitais? Vossa profissão de pequenez e de pobreza não vos faz sentir, às vezes, ondas de temor? Se assim é, acredito que fazeis atos de virtudes heróica, interior e exteriormente, de tal modo que até tendes vergonha de apresentar-vos diante do povo, considerando-vos como a menor do lugar todinho, pois, aí, não dispondes, com efeito, senão do alimento e roupa que Deus faz com que recebais gratuitamente. Estou muito edificada com as luzes que sobre estas verdades Deus dá à Irmã Cecília (1). Como sempre, ela vos saúda e se recomenda às vossas orações e, assim o fazem todas as Irmãs. Irmã Margarida Chétif (2) e Irmã Radegunda (3) chegaram a Arras, pa-

---

(5) Tratamento dado aos eclesiásticos, na época. (Nota da Tradutora.

C. 553 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

(2) Margarida Chétif (ver C. 357 n. 2)

ra fundarem lá a Caridade. Espero que Deus abençoará a Obra.

Peço-vos redobrar vossas orações para a pobre Polónia e, ao rezar por ela, pedi pela religião católica. Crede-me no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humildeirmã e serva.

P.S.-Nosso Honoratíssimo Pai está como de costume; entretanto, sua idade e pequenas enfermidade nos devem manter continuamente diante de Deus para pedir-Lhe no-lo conserve, pois precisamos dele mais do que nunca. Assim quero crer o façais e que, igualmente, peçais pelo senhor Padre Portail que também está passando bem, graças a Deus e continua trabalhando pela Companhia.

Não exagereis (*em mandar-nos*) da gostosa sidra (4) e das excelentes frutas que tendes; creio que a maior parte delas dais aos pobres, impedindo-vos de considerá-las como vossas.

C. 554 (L. 498)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, último dia de outubro  
terça-feira, 31 de outubro de 1656

Meu Honoratíssimo Pai,

Três de nossas Irmãs suplicam, humildemente à vossa caridade lhes permita fazer, amanhã, a renovação (*de seus votos*). São elas: Irmãs Joana Henault, pela segunda vez e Irmã Edwiges (2), pela terceira ou quarta vez. Contam com a aprovação do senhor padre Portail e são boas Irmãs.

Deito-me esta noite com a dúvida do que será mais agradável a Deus: irei à Missa do domingo e tentarei comungar, contanto que, diante de Deus, me veja ajuda por vossa caridade, a quem peço a santa bênção, pois sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

P.S. - Poderemos esperar por vossa Conferência numa destas festas? Se isso não vos causar grande incômodo...

---

(3) *Randegunda Lenfantin foi enviada a Arras a 30 de agosto de 1656. Em setembro de 1660 depois da partida de Margarida Chétif, nomeada Superiora Geral, tem uma crise desânimo e sai de Arras. Volta porém e morre Filha da Caridade. (Coste VIII p. 476)*

(4) *Bebida que se prepara com o succ fermentado na maçã. (Nota da Tradutora).*

C. 554 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: outubro de 1656.

(1) *Joana Henault (ver C. 410 n. 3)*

(2) *Edwiges Vigneron (ver C. 642 n. 3)*

*Á minha querida Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 17 de novembro de 1856

Minha querida Irmã,

Proporcionastes-me grande alegria dando-me muitas notícias, quer vossas, quer de vossos santos empregos, sobre os quais peço a Nosso Senhor derramar sua bênção. Dentre em pouco, vos veremos como verdadeiras hospitaleiras... Contanto que isto não interrompa as atividades da Companhia da Caridade; espero que tudo vá bem, porque, se não for assim é de se temer o que ocorreu em outros lugares, isto é, que nem uma nem outra coisa se tenha devidamente estabelecido. Creio que tomareis cuidado com isto.

O bom senhor Cura deu-se ao trabalho de vir ver-nos, o que me causou real satisfação. Aconselhei-o a ir visitar o senhor Padre Vicente, porém, não sei ainda se conseguiu estar com ele.

Não deixarei de mandar para a Irmã Laurence (1) o crucifixo que deseja e o que me pedis; aproveitarei seu regresso (2), se Deus quiser.

Desde que o linho chegou aqui, vos escrevi; porém, como a coisa ainda não estava bem acertada, não vos agradei o trabalho que tivestes para no-lo comprar. Hoje, faço-o de todo coração e vos peço que se necessitardes de algum artigo daqui ou de dinheiro, não deixeis de pedi-lo, porque sabeis que nossos bens são comuns e que eu sou toda vossa, como de Irmã Laurence, no amor de de Nosso Senhor, minha querida Irmã, vossa humilde irmã e serva.

---

C. 555 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) *Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)*

(2) *O regresso do senhor Cura.*

*À Irmã Carcireux (1)*

(pelo ano de 1656)

Minha querida Irmã,

Suplico a Nosso Senhor continue derramando sobre vós suas santas bênçãos e graças. Agradeço-vos, às duas, de todo meu coração, o grande interesse que tivestes pela continuação da vida deste miserável corpo que tanto ofende a Deus na terra. Com efeito, pare que sua misericórdia quis prolongá-la; não pode porém ser por muito tempo. Por isso, queridas Irmãs, rogo-vos manifestar-me vossa afeição, intercedendo perante Nosso Senhor, por minha salvação, a qual poderia esperar se, no resto de meus dias, eu cumprisse sua santa vontade. Pedi-Lhe para mim esta graça. Prometo-vos fazer o mesmo por vós, confiando em vossa fidelidade a Deus, na observância das vossas Regras. Esperamos, em breve, poder vo-las enviar e a fidelidade atrairá sobre vós o fruto de nossas pobres orações, não me atrevendo a esperá-lo, sem essa condição, por causa de minhas misérias.

Vossa confiança em falar-me cordialmente consolou-me mais do que o poderia expressar. É assim, querida Irmã, que devem comportar-se aquelas que Nosso Senhor uniu por seu santo amor. Rogo-vos acrediteis que minha afeição é recíproca.

Vejo por sua prezada carta, que nossa boa Irmã Carlota (2) continua provada por suas enfermidades. Não duvido, querida Irmã, de que a ajudeis a suportá-las cristãmente, a fim de que, graças ao bom uso que fizer dessa prova, Nosso Senhor dela se sirva para santificá-la, pelos méritos de sua santa vida e preciosa morte de cruz, por nós. Como sua doença começou em Richelieu, não me parece necessário pensar em transferi-la. Não é verdade, querida Irmã, que experimentais alegrias por poder servi-la, em suas necessidades e que a considerais como a primeira de vossos doentes e a querida companheira que Deus vos deu para ajudá-la a caminhar rumo à perfeição? Não hesiteis em deixar algum de vossos exercícios, seja para assistir à vossa Irmã, seja para servir os pobres por amor de Deus, porque é isso que Ele vos pede. Ora, a coisa em que devemos empenhar-nos mais e considerá-la como a maior honra que possamos receber, é cumprir o desejo de nosso divino Mestre.

---

C. 556 Coletânea (Rc.) de trechos... pp. 670-671. Cópia.

(1) *Francisca Carcireux* (ver C. 251 n. 2)

(2) *Carlota Royer* (ver C. 251 n. 1)

Sinto muito que tenhais tido motivo de pensar que vos fomos mal-agra-dadas, não tendo recebido as cartas nas quais vos manifestávamos nossa gratidão pelo que nos enviastes. É interesse nosso receber vossos favores, porém, nesta oportunidade, encontro ainda maior consolo, constatando os vossos. Mas, querida Irmã, nesta única ação, vejo vários atos de virtudes de grande mérito: a caridade que tendes em procurar formar várias moças para poderem chegar a servir a Deus e a seus pobres. E, ainda vosso grande desapego e abandono à Providência. Sim, tendes razão, querida Irmã, em pedir a Nosso Senhor que purifique todas as vossas intenções e, parece-me que, por vossa parte, neste sentido, cooperais com sua divina graça.

Por minhas cartas anteriores, eu vos fiz- assim como à vossa companheira - esperar que vos fariamos vir aqui, uma depois da outra; mas, é preciso aguardar a hora de Deus.

Quanto a vossos regulamentos, trataremos de vo-los remeter, na primeira oportunidade segura.

Caminhai na sinceridade, praticando o que deles já conheceis e crede-me no amor de Jesus Crucificado, minhas boas e queridas Irmãs...

P.S.- As Irmãs vos saúdam com todo afeto e, nossas duas "coofficières" (*Conselheiras*) trabalham incansavelmente, para vos dar as nossas notícias. Se o bom Deus continuar dando suas bênçãos à Companhia, jamais teremos Irmãs suficientes para serem enviadas a todos os lugares donde as pedem ao nosso Honoratíssimo Pai. Duas foram para La Fère (3), a pedido da Rainha e sua Majestade quer que permaneçam lá. Outras duas partiram para Arras (4). Enfim, querida Irmã, vemo-nos obrigadas a recusar fundações; temos, por isso, de humilhar-nos muito. Pedi esta graça a Nosso Senhor para mim e para toda a Companhia.

---

(3) *Maria Marta Trumeau e Elisabeth Brocard que partiram para La Fère, no dia 29 de julho de 1656.*

(4) *Margarida Chétif e Randegunda Lenfantin que seguiram para Arras, a 30 de agosto de 1656.*

*À Irmã Carlota Royer  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Richelieu*

Hoje, 20 de novembro de (1656)

Minha querida Irmã,

Por intermédio de nossa querida Irmã Francisca (1), fiquei sabendo que Nosso Senhor continua cumulando-vos com suas graças, permitindo que vossas enfermidades perdurem e que, algumas vezes, sejam até mais penosas, como me parece esteja ocorrendo, no momento. Bem o vedes, querida Irmã, o caminho pelo qual Deus quer que chegueis a Ele é a estrada real da Cruz. Estou certa de que vos deixais conduzir por aí, de bom grado e alegremente, a fim de cumprirdes sua santa vontade, como acredito o fizestes quando sua Providência vos encarregou da direção desta pequena família. Possivelmente, querida Irmã, algum temor vos assaltou e repugnância até, como sucedeu, nestes dias, a uma de nossas Irmãs, que chorava amargamente. Isto pode parecer virtuoso, porém, mais vale dizer-nos a nós mesmas, que nos enganamos e confessar ser a nossa ignorância que nos faz crer que é uma honra e uma satisfação, tal emprego. Se soubéssemos o que é o cargo de Irmã Servente! Como nos humilhariamos quando no-lo confiassem! Considerar-nos-íamos como o peso da casa a ser suportado por todas. Ver-nos-íamos também obrigadas a servir em todos os officios da casa por nossos cuidados, a dar bom exemplo em tudo e, se entendéssemos bem nosso dever, tomaríamos para nós os restos das outras, tendo-as todas no coração. Tratemos, querida Irmã, de entrar nestas santas práticas; prefiramos a vontade de nossas Irmãs à nossa, quando não for contrária à santíssima vontade de Deus, na qual sou vossa, e de nossa querida Irmã, humilde irmã e serva.

P.S.- Peço-vos, querida Irmã, apresenteis minhas excusas à Irmã Francisca, por não lhe escrever hoje: perdi sua carta e estou com muita pressa. Cumprimento-a com toda a minha afeição.

---

C. 557 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Francisca Carcireux (ver C. 257 n. 2)

*À Irmã Genoveva Doinel (1)  
Filha da Caridade  
Sera dos Pobres Doentes  
Chantilly*

Hoje, 22 de novembro de 1656

Minha querida Irmã,

O senhor Capelão (2) e esmoler do Castelo deu-nos a honra de sua visita durante a qual muito me edificou a sua caridade. Louvo a Deus por não me haver enganado na boa opinião que sempre tive dele. Somos-lhe muito agradecidas e quero crer, Irmã, que não deixais de demonstrar-lhe esse agradecimento, mediante a submissão às suas ordens relativas a vossos trabalhos.

Se virdes a senhora Marqueza de Saint-Simon (3), apresentai-lhe meus humildes respeitos e acatamento. Cumprimentai a Irmã Joana (4) a quem peço, como a vós também, que aprenda a escrever, para que me escrevais de próprio punho e me ponhais a par de tudo, como já vos disse - a uma e à outra - pois, não fico tranquila se não tenho notícias dadas por vós mesmas, de quem sou, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muita humilde irmã e serva.

O senhor esmoler (2) contou-me que devíeis mudar de casa, não porém de bairro. A certeza que tenho de que nada vos aconselharia contra as intenções da Rainha, leva-me a dizer-vos que não ponhais nisso nenhuma dificuldade, unicamente que tenhais cuidado para que seja lugar apropriado tanto para os doentes, como para as meninas da escola, a quem tendes obrigação de atender e ensinar.

---

C. 558 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Genoveva Doinel (ver C. 304 n. 3)

(2) O senhor de la Hode (ver C. 484 n. 2)

(3) Senhora de Saint-Simon, esposa do "capitão" ou intendente do Castelo de Chantilly.

(4) Joana Bonvilliers (ver C. 422 n. 3)

*Ao senhor Padre Portail,  
em sua solidão (1)*

29 de novembro de (1656)

Senhor,

Continuais com vossas bondades e eu, com minha liberdade de aumentar vosso trabalho... Venho pedir-vos o obséquio de reler o artigo 9º (2) e ver se vos parece bom que a seu conteúdo se acrescente o seguinte: "As Irmãs das Paróquias, tanto das aldeias, como das cidades, não comprarão nenhum tipo de tecido, sarja ou linho, para seu vestuário, sendo-lhes fornecido o referido tecido pela Superiora de sua Casa; pois, é costume entre elas, que a sobra do dinheiro que lhes é entregue pelas senhoras, para sua alimentação e vestuário, seja enviado à dita Superiora, para este fim. Ela lhes permitirá, quando o julgar a propósito, que elas mesmas comprem suas pequenas utilidades, quando lhes são propostas. Tenho tão poucas luzes que não vos posso explicar o sentido do que quero dizer, senão através de minha má redação, que vossa caridade mudará como melhor vos parecer.

O artigo número 15 (3), acrescentado ou mudado, é muito necessário, se o julgardes bom: Que as Irmãs Serventes apresentem as necessidades de saúde antes de submeter as Irmãs a tratamentos. Algumas já o fazem assim, porém outras as levam, como é previsto no final do artigo.

Esquecia-me de dizer-vos que o artigo treze necessita mais de freio do que de espora (4), porque logo que uma Irmã cai doente, tem de contar com galinha ou vitelo na panela e de instalar-se em sua cama como uma grande senhora; quando usam, assim, de coisas supérfluas ou acomodam seu quarto de tal forma, costumam dar como pretexto que são as Damas que o querem e, certamente, estas se contentariam de ver tudo limpo e ordenado. (5).

---

*C. 559 Rc. 2. Carta autógrafa.*

*(1) Enquanto os Padres de São Lázaro faziam o Retiro espiritual, iam para uma casinha (ou ermida) ao fundo do jardim.*

*(2) Em 1656, prosseguia-se a redação das Regras Comuns das Filhas da Caridade (ver Coste VI, 66) Este artigo 9º seria explicado pelo senhor Padre Vicente, na Conferência de 11 de novembro de 1657 (Coste X, 338 e 343)*

*(4) Hoje diríamos: precisa mais de freio que de acelerador. (Nota da Tradutora)*

*(5) São Vicente comentou este fato na Conferência de 14 de dezembro seguinte (Coste X, 239)*

Ficareis tão surpreendido, como eu, quando souberdes que uma de nossas Irmãs fez ou mandou fazer um quimono e, sua Irmã doente o vestia, ontem, embora já estivesse de pé. Foi em Saint-Merry. É verdade que isso é muito cômodo, porém, há senhoritas e burguesas, em Paris, que não o têm, e, além disso, senhor, traz consigo consequências bem sérias. Vede, pois, por favor, se tudo o que vos digo sobre este artigo merece ser considerado.

Fazei-me a honra de crer-me, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

P.S.- Visto que tomastes o trabalho ainda mandar transcrever este caderno (das regras), far-nos-íeis um favor, senhor, se ele fosse dobrado outra vez para ter mais consistência e grossura e encapado com pergaminho, e, também, porque assim se conservaria melhor na casa.

C. 560 (L. 503)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 15 de dezembro de 1656

Minha querida Irmã,

Estou um tanto preocupada convosco, pois, há tanto tempo não tenho vossas notícias. Não recebi nenhuma desde a chegada do fio que, por duas vezes, já vos agradei. Continuava esperando o aviso do regresso do senhor de Santa Cruz (1), pois desejava enviar, por ele, à Irmã Laurence (2) e a vós, os dois crucifixos que me havíeis pedido. Receio porém que já tenha partido, sem me dar notícia. Se assim foi, peço-vos que quando tiverdes algum portador seguro, me comuniquéis e muito me agradaria que fosse a tempo de poder vos mandar vossos presentes de Natal.

Dai-me notícias vossas e bem detalhadas.

Assegurai à Irmã Laurence minhas lembranças afetuosas, sabendo que sou das duas, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 560 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) Santa Cruz: uma das Paróquias de Bernay. Era o seu pároco que havia ido a Paris.

(2) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

1657

*Estabelecimento das Filhas da Caridade em Saint-Fargeau, Cahors e la Salpêtrière, em Paris.*

*Maio: Segunda visita do senhor Padre Berthe a Angers.*

*Novembro: Cartas Patentes do Rei, aprovando a Companhia das Filhas da Caridade.*

C. 561 (L. 505)

*À minha querida Irmã Cecília Inês (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes no Hospital São João  
Angers*

Hoje, 8 de janeiro de 1657

Minha querida Irmã,

Suponho estardes preocupada por haverdes passado tanto tempo sem receber carta nossa. Minhas alterações de saúde deixam-me tão pouco tempo e a Irmã que me ajuda também tem estado adoentada: em parte, tem sido essa a causa desta demora. Além disso, esperava a primeira Conferência deste ano, para tirar sorte das estampas bentas por nosso Honoratíssimo Pai. Eis as que a Providência escolheu para vós; quisemos deixar-vos a consolação de, em particular, sorteá-las, quando as distribuirdes. O tema de nossa Conferência (2) foi: "A necessidade que temos de trabalhar na nossa própria perfeição, durante este ano, mais do que o fizemos nos anteriores."

O primeiro ponto foi: razões pelas quais devemos trabalhar na nossa perfeição. Segundo: meios que temos para isso. Terceiro: Dificuldades com as quais poderíamos defrontar no trabalho de nossa própria perfeição.

Se o senhor Abade (3) dispusesse de um pouco de tempo para vo-lo dedicar e, se todas as nossas Irmãs tivessem um verdadeiro desejo de trabalhar na própria perfeição, parece-me que uma Conferência sobre este assunto poderia ser-vos muito proveitosa. Crede-me, Irmãs, a busca de nossa satisfação pessoal conversando em particular, ora com um, ora com outro, prejudica nosso aper-

---

C. 561 Rc. 3. Carta autógrafa. Endereço com letra diferente.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

(2) Conferência de 6 de janeiro de 1657 (Coste X p. 1602 e ss.)

(3) O senhor Abade de Vaux (ver C. 16 n. 1)

feiçãoamento. Ao contrário, as advertências dadas a todas, reunidas em nome de Nosso Senhor, das quais cada uma toma o que foi dito como vindo da parte de Deus para si em particular, são muito mais úteis. Porém quereis que vos diga o que, com frequência, impede-nos de sermos melhores e mais fiéis a todas as instruções que têm a caridade de dar-nos? É quando ocorre que não pensamos ser Deus que nos fala, a nós em particular, ou também quando dizemos: isso foi falado por causa da má opinião que formaram de mim, ou, quando em lugar de crer que precisamos de todas as coisas que nos são ensinadas, somos tão temerárias que chegamos a pensar: isto é para esta ou para aquela Irmã. Oh! como aquela tal recebe o que lhe convém!

Não sou muito má tendo semelhantes pensamentos? Não julgueis, queridas Irmãs, que acho isso de vós, porém, como aconteceu com algumas daqui e como aliás, cada uma de nós é capaz de cometer as mesmas faltas que outras fazem, deixei-me levar pelo desejo de manifestar-vos estes impecilhos, dos quais suplico a Deus guardar-vos.

Peço-vos que neste novo ano, renoveis vossos primeiros fervores no serviço de Deus, para conseguirdes de sua bondade a graça da fidelidade e perseverança no cumprimento de sua santa vontade. Se soubésseis quão felizes sois por estardes num lugar onde tudo contribui para vossa perfeição, bendiríeis a Deus, a todo momento, por vos haver escolhido para este trabalho!

Não deixarei, Irmã Gaudoin (4), de escrever a Beauvais, conforme desejais. Saúdo a todas as nossas Irmãs em geral e a cada uma em particular. É para mim um grande consolo saber que a Irmã Cláudia (5) está no estado em que me dizeis, assim como as demais Irmãs. Se a humildade, a simplicidade e a caridade que geram a tolerância, estão bem enraizadas em cada uma, sua pequena Companhia (*Comunidade*) estará composta de tantas outras santas, quantas pessoas a constituem. Não temos porém de esperar que seja a outra que inicie; lancemo-nos todas à luta, se algo deixasse a desejar no cumprimento dessas santas práticas. Mas, não basta começar; é preciso, aliás, que quem a inicie, generosamente se diga a si mesma: jamais quero cansar-me destas práticas, mesmo se eu não vir, nas outras, virtude igual. Coisa que não há de suceder.

Aprouve a Deus dispor de nossa Irmã Cláudia Chantereau (6) que servia os pobres na região da Baixa Normandia, em terras pertencentes à Senhora Du-

---

(4) *Maria Gaudoin* (ver C. 473 n. 1)

(5) *Cláudia Carré, de Neuville, perto de Pontise, chegou ao Hospital de Nantes em agosto de 1646. Aí desempenhou o cargo de Assistente. Deve ter voltado a Paris pelo ano de 1652 ou 1653. Foi colocada em Angers, mais ou menos no mês de agosto de 1656. À saída de Cecília Angiboust, será a Irmã Servente. Ver também C. 650 n. 2.*

(6) *Cláudia Chantereau* (ver C. 480 n. 3) estava em Santa Maria do Monte.

quesa de Ventadour (7). Ah! queridas Irmãs, como deixou após si o bom odor de suas virtudes. Nossa Irmã (8) que teve a felicidade de estar com ela, comunicou-nos as consolações que lhe proporcionou. Estas pobres Irmãs dão testemunho de fidelidade a Nosso Senhor. Estão a 15 léguas de Caën, numa zona onde não chega mensageiros, de tal sorte que passam, às vezes, três meses sem receber notícias, pois nossas cartas se perdem, com frequência. Não obstante, vivem como se estivessem conosco. Peço-vos dar graças a Deus por isso, assim como pela força que sua bondade concede ao senhor Padre Vicente, de quem, estou certa, não vos esqueceis em vossas orações.

Todas as Irmãs vos cumprimentam e, comigo se recomendam às vossas preces. Rogo à Santíssima Virgem que, se for da vontade de Deus, ajude, com sua intercessão todo-poderosa à Irmã que Nela confie e, sou, de todas vós, de coração, no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 562 (506)

*Às minhas queridas Irmã Catarina (1)  
e Irmã Maria (2)  
Filhas da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Brienne*

Hoje, 10 de janeiro de 1657

Minhas queridas Irmãs,

É com muita pressa que vos escrevo estas linhas para assegurar-vos que não estou doente e que, graças a Deus, o nosso Honoratíssimo Pai acha-se bem de saúde. Tenho certeza de que não deixareis de rezar por sua conservação.

Louvo a Deus, Irmã Maria, por estardes com tão excelente saúde. É verdade que não vos escrevi no mês passado, mas, já conheceis o motivo. E, se não receasse causar-vos pena e preocupação, o teria diferido ainda, pela mesma razão.

---

(7) *Senhora de Ventadour (ver C. 306 n. 6)*

(8) *Elisabeth Jousteau (ver C. 481 n. 4)*

C. 562 RC. 3. Carta autógrafa.

(1) *Catarina Baucher, natural de Epone, departamento de Seine e Oise. Foi enviada a Nantes em 1649 e aí permaneceu até 1653. Esteve em Brienne desde 1654 ou 1655 e foi mandada para a Polónia em 1660, permanecendo lá até 1679.*

(2) *Maria Donion (ver C. 448 n. 3)*

Seguem as estampas e máximas para vós, depois de abençoadas pelo senhor Padre Vicente. Suplico a Nosso Senhor vos conceda a graça de fazerdes bom uso delas. Irmã Joana Blot está muito preocupada por causa de seu irmãozinho; rogo-vos informar-vos sobre o que está fazendo, se tanto ele como suas irmãs estão vivendo no santo temor de Deus e se esse menino está aprendendo alguma coisa.

Nossas Irmãs vos saúdam; as de Brienne estão com saúde e realizam o bem, embora devagar. Fazei compreender a seus pais que não sabem ainda o suficiente para poderem escrever-lhes com frequência.

Quanto a vossos irmãos, continuam na mesma como vos disse e vão muito bem na Missão; parece-me já vos haver falado que vosso primo se retirou. Ah! queridas Irmãs, como é bom confiar todas estas afeições e preocupações à divina Providencial. É um meio para conservar a paz do coração; suplico a Nosso Senhor vo-la conceder e sou, no seu santíssimo amor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Rogo-vos encomendeis a Deus a alma de Irmã Cláudia Chantereau (3) *(que faleceu)* no final do ano passado. Irmã Elisabeth (4) disse-nos muita coisa boa sobre as virtudes que a viu praticar.

Irmã Elisabeth Brocard (5) está bem; acha-se em La Fère, com a Irmã Maria Marta (6), para tratar dos soldados feridos na última batalha, na Picardia. Creio que voltarão em breve.

C. 563 (L. 507)

### *Ao senhor de Vaux*

Hoje, 10 de janeiro de 1657

Hoje, 10 de janeiro de 1657

Senhor,

Espero que vossa bondade saiba perdoar-me o longo tempo que deixei passar sem ter a honra de, com muita humildade, agradecer-vos, como hoje o faço, a ininterrupta caridade que exerceis para com nossas Irmãs e pelas notícias delas que tivestes a gentileza de dar-nos.

---

(3) Cláudia Chantereau (ver C. 481 n. 3) falecida em Santa Maria do Monte.

(4) Elisabeth Jousteau (ver C. 481 n. 1)

(5) Elisabeth Brocard (ver C. 273 n. 3) estivera em Angers com Maria Donion.

(6) Maria Marta Trumeau esteve em Nantes com Catarina Baucher.

C. 563 Rc. 4. Carta autógrafa.

Sim, é verdade, senhor, que nossa Irmã Maria (1) não parece ter ainda suficiente capacidade para ocupar o lugar de nossa Irmã Cecília (2); porém, contanto que suas disposições não sejam contraditórias, que tenha bastante discrição e equilíbrio, uma virtude firme, é possível que a experiência e o exemplo de nossa Irmã a quem continuamente verá, chegue a formar seu espírito para o governo. Creio, entretanto, ser preciso se passe algum tempo para se poder apreciar tudo isso.

Louvo a Deus, senhor, por vossa completa recuperação; sua Providência bem conhece a necessidade que a Igreja tem de vossa saúde e o que quer fazer por vosso intermédio na obra proposta, sobre a qual espero muitas bênçãos, se vossa caridade, com sua costumeira confiança, se resolver a vencer todas as dificuldades.

Talvez me tenha adiantado, falando com nossas Irmãs de uma Conferência que nos fez o senhor Padre Vicente, no dia de Reis, por ter pensado que uma semelhante lhes faria muito bem. (3) Creio, senhor, que irão importunar-vos com isso e, se não temesse ser imprudente, por causa das muitas ocupações que sei pesarem sobre vossa caridade, uniria minha súplica à delas. Peço-vos perdão por esta liberdade e crede que sou, com o respeito que vos devo, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 564 (L. 393)

*Às minhas queridas Irmãs Catarina (1) e Irmã Maria (2)  
Filhas da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Brienne*

12 de janeiro de 1657

Minhas queridas Irmãs,

Não sei se os irmãos do Irmão Mateus (3) lhes terão entregue um bilheteinho

---

(1) *Maria Gaudoin* (ver C. 473 n. 1)

(2) *Cecília Angiboust* (ver C. 36 n. 2)

(3) Ver C. 561.

C. 564 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Catarina Baucher* (ver C. 462 n. 1)

(2) *Maria Donion* (ver C. 448 n. 2)

(3) O Irmão Mateus Regnard era natural de Brienne. Nasceu em 1592 e entrou para a

no qual dizia à Irmã Catarina que viesse na primeira oportunidade e até, se necessário, o fizesse por Troyes, a fim de terdes a segurança de uma boa companhia. Ora, como, certamente, não tereis saído de Brienne, peço-vos aguardar nova ordem, porque não pude falar com a senhora Condessa de Brienne (4) e o senhor Padre Vicente quer que tenhamos antes o seu consentimento. Espero que Nosso Senhor escute sua caridade, como também as orações do senhor Padre Portail, a quem, ontem, transmiti vossas respeitadas saudações e que por seu meio vossas penas se mudarão em consolações, pelas cruces com que sois honradas. Sim, queridas Irmãs, a maior honra que podeis receber é a de seguir Jesus Cristo carregando a sua.

Nosso Honoratíssimo Pai me encarrega de comunicar à Irmã Catarina que seus Irmãos, Marino e Elói, estão bem de saúde, em Saintes e a outro em Orsigny, a umas quatro léguas de Paris. Os dois estão fazendo um bem imenso, graças a Deus, como também o Irmão Albino (5) que eu pensava haver saído, porém está em Turim, no Piemonte.

Vede, querida Irmã, quantas graças vos concede Nosso Senhor. Creio também que de vossa parte, procurais ser-Lhe fiel, assim como a Irmã Maria (2) que nos deu tantas provas disso.

Suplico a nosso Salvador conceder-vos perseverança, e sou, em seu santo Amor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Estamos vos enviando as estampas do ano por nosso Honoratíssimo Pai. Paguei o porte de vossas cartas para vos serem entregues logo.

C. 565 (L. 508)

(À Irmã Laurence Dubois  
Bernay) (1)

Hoje, 13 de janeiro de 1657

Minha querida Irmã,

---

*Congregação da Missão em 1631. Com muito sangue frio e não menor audácia, repartiu pelas regiões devastadas da Lorena. Seus relatórios tão cheios de vida sobre seu trabalho e a miséria que encontrava, emocionaram mais de uma vez às Senhoras da Caridade.*

(4) Senhora de Brienne (ver C. 94 n. 5)

(5) Irmão Albino Gautier, primo de Catarina Baucher, era cozinheiro em Turim.

C. 565 Ms. A. Irmã Chétif 1, n. 23. Cópia.

(1) Cópia feita no caderno de Margarida Chétif, série Laurence Dubois.

Comuniquei ao (senhor Padre Vicente) a dificuldade que tendes em vos dirigir a um confessor e ele me falou para solicitar-vos que vos confesseis com o mesmo que Irmã...(2), por razões muito importantes. Parece-me, querida Irmã, que o fato de pedirdes conselho, demonstra vossa submissão e que o ato de obediência que fareis, tornará mais fácil a dificuldade até agora encontrada, graças à bênção que Nosso Senhor concederá ao referido ato. É assim que deveis fazer para não vos desviar da vontade de Deus.

Não deixarei de escrever ao senhor Cura de Nanteuil, para que me dê notícias de vossos irmãos, como o desejais; vo-las transmitirei tão logo as receba.

Louvo a Deus pelas bênçãos que concede a vosso trabalho. Acredito que vos lembrais bastante que, para que o serviço que Lhe prestamos Lhe seja agradável, é necessário partir de um coração bom, isto é, que saiba exercitar-se na mortificação de seu próprio julgamento, de sua vontade própria e da satisfação de seus sentidos e paixões. Sem isto, querida Irmã, nossas ações não são mais que barulho e com elas, apenas o amor próprio fica satisfeito, afastando o puro amor de Deus - pedra filosofal que tudo converte em ouro - isto é, pedra que torna meritórias as nossas ações. Não duvido, querida Irmã, que o desejo que tendes de agradar a Deus e alcançar vossa salvação vos mantenha vigilante sobre vós mesma, tanto para conhecer se estais fazendo o que Nosso Senhor quer, como para perceber as faltas em que podereis cair.

C. 566 (L. 509)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 25 de janeiro de 1657

Minha querida Irmã,

Recebi, hoje, três cartas vossas, todas datadas deste mês. Neles me comunicais coisas que me colocam na incerteza, a respeito da segurança de vosso estabelecimento, pois (*me*) dizeis que o senhor Abade não acha que estais bem alojadas. Por favor, informai-me o que há e, não deixaremos, quando vos enviarmos uma Irmã, de vos mandar tudo o que desejardes. Tenho grande pena de

---

(2) Bárbara Angiboust (ver C. 6 n. 1)

C. 566 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

atrasar tanto o envio de ajuda e alívio para nossa pobre Irmã (1) que está tão aflita; porém, querida Irmã, não podeis vos fazer idéia da dificuldade que temos de encontrar Irmãs apropriadas para lugares assim afastados, por causa da quantidade de pedidos que nos são feitos, de diversas partes. Temos de esperar auxílio da Divina Providência, para o qual, servi-vos de vossas orações junto a Nosso Senhor.

Fazeis muito bem em não vos preocupar com os rumores que podem correr pelo mundo; contanto que não demos motivos para tal, permanecemos em paz. E, se acontecesse termos dado razão, humilhemo-nos, profundamente, e tratemos de reparar nossas faltas. Não é, querida Irmã, que eu desconfie que tenhais descontentado a alguém, mas, bem o sabeis, a gente desgosta, às vezes, sem mesmo sabermos porquê.

Rogo-vos me digais se o senhor Bernay já voltou e recomendai-me às orações de Irmã Laurence (2); crede-me no Amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Queridas Irmãs, quando nos escreverdes, endereçai vossas cartas para o Claustro de Saint-Germain-de-l'Auxerrois, a nossas Irmãs, porque o Mensageiro as guarda durante muito tempo.

Rogo-vos dizer à Irmã Laurence que já escrevi ao senhor Cura de Nanteuil, pedindo-lhe me dê, bem longamente, notícias de sua família. Entretanto, convidó-a a pensar que seu Anjo da Guarda se encarrega de fornecer a Deus informações sobre a maneira como utiliza as graças que Dele recebe.

C. 567 (L. 510)

*Às minhas queridas Irmãs, as Filhas da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Chantilly*

Hoje, 30 de janeiro de 1657

Minhas queridas Irmãs,

Como já vos disse, tenho grande alegria ao saber que os pobres estão bem

---

(1) *Elisabeth Jousteau que se encontra em Santa Maria do Monte, desde a morte de Irmã Cláudia Chantereau (ver C. 561 à Irmã Cecília Angiboust)*

(2) *Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)*

C. 567 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

assistidos. Por isso, seja Deus eternamente bendito! Não duvido de que, cumprindo esse dever, sois também muito fiéis à observância de vossas Regras, especialmente pela moderação no trato com o mundo, salvo em casos de reconhecida necessidade. Crede-me, Irmãs, se às vezes o mundo nos censura por abster-nos de certos gostos que não lhes devemos dar, depois, se edifica ao reconhecer que assim agimos, por um princípio de virtudes e percebe muito bem as que se deixam ganhar por seus aplausos.

Penso que não vos admirareis dessas pequenas advertências que vos faço, porque sempre redundam em bem daqueles que as recebem com o olhar em Deus, ainda quando, neste particular, não necessitem delas.

É preciso que Irmã Joana Bonvilliers (1) faça uma viagensinha até aqui. Peço-vos, Irmã Genoveva (2), que a envieis o mais depressa possível, porque, se confio plenamente em vós, como em nenhuma outra de nossas Irmãs, não seria entretanto conveniente que ficásseis sozinha durante os dias de carnaval. Mandai-me, por ela, notícias sobre vossa saúde e de todas as coisas daí.

Crede-me, as duas, no Amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 568 (L. 511)

### *Ao senhor Padre Vicente*

(janeiro de 1657)

Meu Honoratíssimo Pai,

À minha chegada, encontrei-me casualmente com a Irmã Luísa Ganset (1). Vós a conheceis pelo Senhor du Fresne (2); é Irmã que sabe aplicar sangria e dar aula muito bem. Então, logo pensai em propô-lo à vossa caridade, para Maule. Poderia seguir amanhã mesmo, quinta-feira, véspera da festa da Santíssima Virgem (3).

Havíamos pensado não tirá-la da Casa (*Mãe*) tanto por causa de sua idade,

---

(1) Joana Gonvilliers (ver C. 422 n. 3)

(2) Genoveva Doinel (ver C. 304 n. 3)

C. 568 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: janeiro de 1657

(1) Luísa Ganset (ver C. 15 n. 1)

(2) O senhor du Fresne era intendente e secretário de Filipe Manuel de Gondi. Residia em Villepreux. Era amigo do senhor Padre Vicente

(3) A festa da Purificação, 2 de fevereiro.

como por alguma outras razões, que não têm importância, com relação a Maule. Porém, depois de haver conversado com ela esta tarde, percebi ainda que poderá com facilidade, ir para as redondezas da cidade. E, se no final do verão, se fizesse necessário retirá-la, por causa de sua saúde, já nosso bom Deus terá arranjado uma outra.

Tendo de confessar-vos, meu Honoratíssimo Pai, que muito me penaliza ver nossas Irmãs desviarem-se do caminho reto e da fidelidade. Se eu errei, por incapacidade ou por outro motivo, espero que Irmã Luísa repare minha falta, da qual peço, muito humildemente, perdão a vossa caridade, esperando recebê-lo, pois sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

P.S.- Vossa caridade fará o favor de responder-me, para que nossa Irmã possa tomar, amanhã, a caleça ligeira de Saint-Germain.

C. 569 (L. 480 bis)

*À minha querida Irmã Geneveva (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Chantilly*

Hoje, 6 de fevereiro de (1657)

Minha querida Irmã,

Admira-me muito não haverdes ainda enviado a Irmã Joana (2). Receio que vossa condescendência lhe dê demasiada liberdade para ir fazer suas devoções e sei que tendes aí muito trabalho. Quando se está tão perto de Paris, é necessário, de vez em quando, dar-se uma voltinha: dois ou três dias bastarão. Sabeis, querida Irmã, quanto bem isso faz.

Irmã Francisca Paula pede-vos mandar dizer-lhe se recebestes uma libra de catolicão e se vos lembrais quando foi isso.

Suplico-vos que nossa Irmã venha o quanto antes. Tenho de terminar por que estou com muita pressa.

Peço a Nosso Senhor encher vossos corações de seu santo Amor e, nesse mesmo Amor, sou das duas, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 569 Rc. 3. Carta autógrafo.

(1) Geneveva Doinel (ver C. 304 n. 3)

(2) Joana Bonvilliers (ver C. 422 n. 3)

(3) Francisca Paula estava na Casa Mãe. Parece que entrou para a Companhia das Filhas da Caridade pelo ano de 1650 ou 1651. Foi nomeada Oficial (Conselheira) em junho de 1658.

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, dia de Santa Apolônia  
[ fevereiro de 1657]

Meu Honoratíssimo Pai,

Não me lembro de jamais haver visto alguém mais digno de compaixão do que uma mulher que, na semana passada, tentou estar convosco por dois dias seguidos. É filha de uma tal senhora du Lorier que trouxe para vossa caridade um escrito de seu marido, pedindo que se lhe desse um emprego ou então, se procurasse quem lho arranjasse. Esta pobre mulher-jovem se diz em tão extrema miséria que duvida de, em consciência, não poder aproveitar um coração que lhe é oferecida - nada menos que por uma pessoa que conheceis e da qual se fica espantado - prometendo-lhe colocá-la em bem-estar. Ela afirma que somente a necessidade a levaria a isso. Pensei, meu Honoratíssimo Pai, que para evitar uma ofensa a Deus, e tão criminosa, seria bom dar a conhecer às Damas, este tipo de obra de misericórdia ao mesmo tempo corporal e espiritual. A pobre senhora contou-me que ficou três ou quatro dias sem pão e como não faz senão cinco meses que se acha em necessidade tão extrema. Durante esse tempo foi tratando de acertar seus negócios com seus credores, tendo de deixar, à força, uma grande loja de ferragens que dirigia no final da Ponte Nova. *(Disse)* que ainda conserva a inocência. É pessoa que recebeu boa educação e me autorizou a tomar informações sobre a veracidade de tudo o que me falou. Se as Damas quiserem fazer-lhe esta caridade, eu me encarregaria de que não ficassem enganadas. Embora não a conheça, atrevo-me a vo-la recomendar com todo interesse, pelo amor de Deus, no qual tenho a honra de ser, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e agradecida serva.

P.S.- Humildemente vos suplico, fazer-me a caridade de poder falar convosco, antes da Quaresma.

*As minhas queridas Irmãs,  
as Filhas da Caridade, Servas dos Pobres  
Doentes do Hospital  
Nantes - Bretanha*

Hoje, 10 de fevereiro de 1657

Minhas queridas Irmãs,

Faz muito tempo que estou querendo manifestar-vos o grande desgosto que sinto por saber estardes com tanto trabalho, sendo tão poucas, ainda mais, por serem algumas de saúde delicada. E o que me penaliza mais ainda, é não ver de que maneira socorrer-vos. Não tendes ninguém que aprecie vosso trabalho e deseje a continuação dele, para fazer com que se entenda a impossibilidade desse serviço sem ser aumentado o vosso número? Porém, isso não deve partir de vós, queridas Irmãs, porque ainda que tivéssemos grande dificuldade de, em breve; enviar-vos Irmãs, haverá quem pense termos gente de sobra. Não as pessoas de autoridade, mas, as que sempre gostam de contradizer o que os outros realizam.

Que fazer diante disso, queridas Irmãs? Não há caminho senão o de ter paciência e o ajudar-vos o mais que puderdes com os exemplos de Nosso Senhor que consumiu suas forças e sua vida, no serviço do próximo. Isto fará com que vos sintais fortalecidas não apenas no corpo, mas, no espírito que receberá consolações muito extraordinárias para a perfeição de vossas almas, mediante uma união interior que produzirá, incessantemente, a união e a cordialidade. E, com elas, o suporte mútuo vos tornará fácil tudo o que foi difícil para a natureza, far-vos-à encontrar consolo mesmo em nossas repugnâncias, e, alegrias íntimas no trato entre vós, levando-vos a compreender que as satisfações que buscades fora das pessoas com as quais Deus nos uniu por seu santo amor, para dedicar-nos aos mesmos afazeres de seu serviço, só podem ser-nos muito prejudiciais. Creio não necessitardes que vos faça semelhante advertência, porque a experiência vos fez conhecer esta verdade: agimos com prudência quando nos servimos do exemplo alheio, para evitar os inconvenientes que causam dano a todo o corpo das Companhias, em geral e a cada um de seus membros em particular. Disto se dá conta, somente depois de se ter sofrido o prejuízo. Suplico a Nosso Senhor preservar-vos destas desgraças. Não vos admireis, queridas Irmãs, de que vos diga estas coisas, ainda quando vossa pequena Companhia não

me dê motivos para isso; porém já sabeis que os mais perfeitos têm de desconfiar de si mesmos e aos que estamos de pé, se nos é recomendado vigiar para não cairmos.

O que me conforta, no tocante a vós, é a certeza que tenho de que contaís com bons confessores e, ainda que não recebêsseis deles outra coisa mais, senão a segurança de que seus conselhos não vos prejudicarão, já é muito. Uma coisa que me parece muito necessária e vos recomendo, com toda a minha alma, é que toda a comunidade sempre se dirija com o mesmo Padre. Com isso não quero dizer-vos que jamais procureis um outro confessor, porque é possível que aquele que o Padre Vicente vos deu por principal, não possa sujeitar-se a tanto; porém, se tendes outro como ordinário, todas ireis também com ele. Não penseis que é sem motivo que assim vos fale: leva-me a isso o conhecimento que tenho de desordens ocorridas em certa comunidade na qual se foi introduzindo, pouco a pouco, esta liberdade de que umas se digissem com um confessor e outras com outro. Disso surgiu a desunião e a perturbação; antes desta desgraça era uma companhia bem regular muito unida e onde se dava grande glória a Deus.

Suplico a Nosso Senhor guardar-vos de tal desdita; assim será se continuardes amando-vos mutuamente e trabalhando para vencer vossas paixões e os pequenos impulsos que, às vezes, podem surpreender-nos.

Acho que já vos comuniquei o falecimento de Irmã Cláudia Chantereau. Se Deus quiser, num outro dia, contar-vos-ei o que foi dito na Conferência sobre suas virtudes.

Coragem, queridas Irmãs! Esta vida é tão curta para algumas e a recompensa de nossos sofrimentos internos e externos é eterna, como muito bem o sabeis; porém só é concedida aos que tiverem lutado valentemente. Desejo, Irmãs, que todas saíam vencedoras e sou, no Amor de Jesus Cristo, por Ele triunfaremos sobre todas as nossas dificuldades, vossa muito humilde irmã e afetuosíssima serva.

C. 572 (L. 514)

*(Ao senhor Padre Vicente)*

Hoje, 16 de fevereiro (1657)

Meu Honoratíssimo Pai,

Eis o documento que tanto me custou conseguir. Foi-me emprestado por

---

C. 572 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: março de 1657. (Irmão Ducourneau)

mais oito dias; vo-lo envio, bem fechado, para ser visto apenas por quem vossa caridade julgar conveniente.

Suplico-vos, pelo amor de Deus, me permitais as refeições como as que venho fazendo desde que começou a Quaresma: ovos e caldo de cevada. Tenho motivos para achar que isso vem moderando o ardor do sangue, por um certo alívio que experimento nas pulsações das artérias. Peço-vos simplesmente esta graça, enquanto não perceber em mim outra necessidade que me obrigue a mudar, embora tema fazê-lo mais por apego à minha saúde do que por obediência ao preceito, tão miserável sou, e, entretanto me tenho, meu Honoratíssimo Pai, por vossa muito humilde filha e serva agradecida.

C. 573 (L. 516)

*À minha querida Irmã Genoveva Doinel (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Chantilly*

Hoje, 10 de março de 1657

Minha querida Irmã,

Ontem, não pude escrever-vos por Irmãs Maria Navain (2) que seguiu hoje para ficar convosco. Aborreceu-me bastante o haver demorado tanto em vo-la enviar, porém, aconteceu que havia quase dois anos que ela não fazia Retiro Espiritual. A confiança que tenho em vós foi causa que a mandássemos tomar esse tempo, em vez de ver-nos obrigados a mandá-la voltar noutra ocasião, para isso. Se o senhor Padre Vicente não vos respondeu, creio, querida Irmã, que sua intenção é que fizésseis aqui uma viagem de dois ou três dias para estar com ele mais demoradamente; a mim me parece também, que isso vos é muito necessário. Porém, se nada de urgente tiverdes, acho que não deveria ser antes destas festas: deixo-o a vosso critério, segundo as necessidades que virdes em vosso trabalho.

---

C. 473 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Assinatura e Post-scriptum de Luísa de Marillac.*

(1) *Genoveva Doinel (ver C. 304 n. 3)*

(2) *Maria Navain, nascida a 8 de agosto de 1619, em Asnières-sur-Oise. Entrou para a Companhia das Filhas da Caridade a 10 de junho de 1648. As cartas de Luísa de Marillac nos permitem encontrá-la em Chantilly de 1657 a 1658 e, depois em Paris. Morreu em abril de 1686, na Casa Mãe. Apesar de sua pouca saúde, foi sempre muito abnegada para com os pobres.*

Agradeço-vos, de coração, querida Irmã, em nome de toda a Comunidade, o belo peixe que nos mandastes: se me tivesse sido possível vo-lo devolver logo, vos teria pedido fizesseis com ele, um festim para vossos pobres doentes. Mas, como não o pude, a vossa caridade serviu então para obsequiar a várias de nossas Irmãs doentes, entre as quais me encontro eu.

Vós nos mandastes um escudo e me esqueci para que era. Dêmo-lo então, à Irmã Maria para a sua viagem. Ela vos prestará contas. Nada vos falo sobre ela porque ja conheceis sua virtude que irá se aperfeiçoando mais com o exemplo da vossa. Suplico a Nosso Senhor-vo-la aumente, sendo em seu santo Amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Cumprimento o senhor Capelão (3) a quem peço apresenteis meus respeitos, assim como às Senhoras da Diretoria da Caridade.

C. 574 (L. 517)

*À minha querida Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Bernay*

20 de março de 1657

Minha querida Irmã,

Perdi a esperança de que uma de nossas Irmãs devesse passar por vossa casa: a Providência de nosso bom Deus dispôs de outro modo. Ela partiu, no domingo, por Caen (1), porque é um caminho mais reto. Quase o lamento, por causa da boa ocasião que teria sido para que a acompanhásseis até lá e logo voltar. Peço-vos que quando tiverdes oportunidade de escrever-lhes, não deixeis de fazer-lhes essa caridade: será para elas uma grande consolação ter notícias vossas e, por esse meio, as nossas também. Não sei se tereis recebido duas cartas minhas que vos escrevi, bem próximas uma da outra. Não duvideis da grande alegria que tive com as últimas (*notícias*) que me destes: a paciência que tivestes, terá servido para fazer compreender às Senhoras que nada empreendestes por vossa própria iniciativa e não tivestes a menor intenção de fazer algo que se choque com a autoridade delas; não duvido de que vós, por vossa parte, tereis

---

(3) *Senhor de la Hode.*

C. 574 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Maria Papillon estava indo para Santa Maria do Monte, a fim de ajudar Elisabeth Jousteau que estava sozinha desde a morte de Cláudia Chantereau.*

(2) *Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)*

suportado tudo isto com grande reconhecimento para com a bondade de Deus e humilhação vossa, e vos peço ajudeis a Irmã Laurence (2) a entrar em iguais sentimentos.

Aí vão oito varas (3) de tecido, conforme nos pedistes. Se tiverdes algum hábito bem estragado, guardai-o para nós, para forros.

Desejaria, de todo coração, querida Irmã, que pudésseis fazer uma viagem até aqui; porém, ainda não é o momento, por causa dos trabalhos que Deus vos confiou nesse lugar onde vos encontrais: suplico a Nosso Senhor continue derramando suas bênçãos sobre eles. Ajudai-nos a agradecer-Lhe pela força extraordinária que está concedendo a nosso Honoratíssimo Pai, o qual, apesar de suas doenças, não deixa de trabalhar mais do que nunca. O senhor Padre Portail pela graça de Deus, também está com saúde, embora muito resfriado.

Temos necessidade de pedir que Deus no-los conserve - um a outro - para sua glória. Em seu Amor, querida Irmã, sou vossa muito humilde e afetuosíssima irmã e serva.

C. 575 (L.403)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quinta-feira à tarde  
[março de 1657]

Peço-vos, pelo amor de Deus, meu Honoratíssimo Pai, permissão para fazer abstinência de carne, nestes últimos dias da Quaresma tão mal vivida por mim, e, pelo mesmo amor, que me deis vossa bênção. Dignai-vos também, pensar diante de Deus, na resposta que temos de dar à Senhorita (1), que nos pede Irmãs para o Hospital de Saint-Fargeau (2). Há muito tempo no-las solicitou pela primeira vez e, dizem que essas terras têm necessidade de socorro espiritual e corporal; e a disposição da pessoa não é considerável, se se pensa na glória de Deus!

A senhorita de Brienne (3) está esperando resposta. Pensava que pudesse ser enviada a Saint-Denis, de onde vai voltar no domingo, porém, acredito que

---

*(3) Antiga moeda de Comprimento, equivalente a 1,10 m.*

C. 575 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: março de 1657 (Irmão Ducourneau)

*(1) Dava-se este titulo antonomástico à filha mais velha, do irmão mais velho do Rei, que, nesta época o era Ana Maria Luísa de Orleans, Duquesa de Montpensier. (Nota do Padre Castañares)*

*(2) Foram enviadas duas Irmãs a Saint-Fargeau.*

*(3) A senhora de Brienne (ver C. 94 n. 5) era de Saint-Denis.*

bastará ser dada num destes dias de festa.

Permiti-me meu Honoratissimo Pai, que eu suplique a vossa caridade interceda a Nosso Senhor por todas as nossas necessidades e pelas de vossa humilde filha e obediente serva.

P.S. - Esquecia-me de perguntar à vossa caridade se devo condescender com a senhor Duquesa de Ventadour (4) para que se encarregue de que nossas Irmãs comam carne assada, no dia de Páscoa.

C. 576 (L. 532)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 2 de abril de 1657

Meu Honoratissimo Pai,

Embora duvide de que o pensamento que vou expor a vossa caridade seja exequível, não ousaria deixar de vo-lo, pois, me parece utilissimo para a Companhia e tendo em conta a fragilidade do sexo e seus empregos em diversos lugares, o Rei e o Parlamento (1) a tomassem sob sua proteção especial, tanto a Companhia em geral, como cada uma em particular, proibindo, expressamente, a todas de sairem da referida Companhia sem o consentimento do Superior e, mesmo, de sair sem o hábito simples que usam.

Se tal acontecer, terão eles - o rei e o parlamento - direitos de proceder juridicamente contra tais pessoas, como refratárias às ordens do Rei e do Parlamento.

Se isto que vos proponho (2) for de todo ridículo, sei que vossa caridade perdoará esta minha falta, como as demais que costuma cometer, vossa muito humilde filha e obediente serva.

P.S.- Quereis, por bondade, meu Honoratissimo Pai, ver os defeitos desta minha carta à senhora do Chanceler? Se o conteúdo puder passar, não terei entretanto, de recopiá-la, por causa das rasuras? Se tivesse ousado mencionar vossa aprovação, creio que teria mais força...

---

(4) A senhora de Ventadour (ver C. 305 n. 6) era de Santa Maria do Monte.  
C. 576 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Trata-se da aprovação Civil da Companhia que se seguiu à aprovação eclesiástica. Na ocasião, o processo estava em estudo no Parlamento.

(2) A proposta de Luísa de Marillac não foi levada em conta.

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 3 de abril [1657]

Meu Honoratíssimo Pai,

Os trabalhos que o senhor Bispo de Cahors (1) quer entregar às nossas Irmãs me fazem modificar a proposta que apresentei a vossa Caridade, com relação à segunda Irmã, pois, penso ser necessário que ela saiba ler, escrever e fazer determinados trabalhos. Para isso, será preciso tirar uma Irmã das Crianças. A escolha destas duas Irmãs (2) equivalerá a mais de quatro, porém temos de fazer este esforço, por várias razões, cuja principal é a de vossas santas intenções. Permitti-me, meu Honoratíssimo Pai, que, com o conhecimento que tenho da pobreza da Companhia, com toda a simplicidade, diga à vossa caridade que, não sendo intenção de Monsenhor que nos responsabilizemos pelas despesas da viagem - coisa que aliás não poderíamos - seria muito bom e facilitaria a repidez da partida, que ele nos fizesse entregar, aqui em Paris, a quantia necessária. Pois, além de devermos novamente prover de roupas as Irmãs, precisamos contar com os gastos de coches e alimentação, durante o trajeto. É possível seja esta o propósito deste bom senhor. Porém, meu desejo de obedecer-lhe com prontidão, faz com que me adiante; por isso vos peço humildemente perdão, se tal não for necessário. Ao mesmo tempo suplico vossa bênção.

Crede-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

P.S.- Não sei se é contra a simplicidade - a mim me parece prudência- enviar-vos esta carta, meu Honoratíssimo Pai, para ser expedida, caso vossa caridade julgue conveniente. Creio que o pensamento de agir assim, me veio por um motivo justo e para impedir que vossa caridade nos fizesse alguma proposta; se Nosso Senhor quiser, depois vo-la direi.

---

C. 577 Rc. 2. *Carta autógrafa. Dorso: 1657. (Irmão Ducourneau)*

*(1) Alano de Solminihac (1593 - 1659), natural de Belet, Périgord, foi sagrado bispo de Cahors a 17 de junho de 1636.*

*Chamou os Padres da Missão para encarregá-los de seu Seminário e, em 1657, pediu Filhas da Caridade.*

*Monsenhor de Solminihac foi um grande amigo de Vicente de Paulo, como no-lo demonstra uma abundante correspondência, na qual se percebe a inquietação de ambos, pela reforma do clero.*

*Acrescentemos que ele foi, recentemente, elevado à glória dos altares, por sua santidade João Paulo II, que o declarou Bem-aventurado, a 4 de outubro de 1981.*

*(2) Luisa Boucher e Adriana Pluvier foram as escolhidas.*

*À Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 10 de abril de 1657

Minhas querida Irmãs,

Seguiu, hoje, o embrulho de roupas que pedistes, juntamente com os crucifixos e, nesta mesma ocasião, vos escrevemos. Pensei, porém, mandar-vos estas linhas como resposta à vossa última carta, para que recebais, antes, notícias nossas. Não tenhais medo dos sinais de doenças perigosas, porque, em todas as partes acontece como aí. É verdade que em Paris morreram muitas pessoas de repente e continuam morrendo: são avisos a fim de estarmos prontas, para quando aprouver a Deus chamar-nos e para que tomemos precauções antes de irmos aos doentes. Vós me dais grande alegria dizendo-me que não quereis abandoná-los e que vossos Administradores e as Damas estão na mesma disposição. Espero que nenhum mal lhes aconteça. Num destes dias, vamos mandar-vos uma caixinha de Orvietan (1), para que useis, pela manhã, uma quantidade equivalente a uma semente de ervilha. Aliás, acredito que não abandonareis a devoção a São Roque para que vos alcance de Deus forças necessárias para vencerdes o temor deste mal e de tudo quanto possa derivar-se dele, com submissão ao divino agrado.

Hoje, tivemos notícias da chegada de Irmã Maria (2), em Santa Maria do Monte. Irmã Elisabeth (3) disse-me que tem fio e alguma outra coisa para enviar-nos, mas, não sabe por que meios fazê-lo. Se houver por aí, pelos vossos lados, negociante que vá até lá e o faça regularmente, podereis avisar às Irmãs a forma que vos pareça mais adequada para que este meio lhes seja assegurado.

Recebei, e também a Irmã Laurence (4), as mais afetuosas saudações de to-

---

C. 578 Arquivo da Filhas da Caridade, caderno amarelo. Letra da Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Medicamento suave, espécie de unguento muito usado em Paris, no século XVII, que recebeu o nome de seu inventor ou preparador, Fernando de Orvieta, charlatão de praça ou embusteiro. (Nota do Padre Castañares).

(2) Maria Papillon que acaba de ser enviada a Santa Maria do Monte (ver C. 493, n. 3)

(3) Elisabeth Jousteau (ver C. 481, n. 3)

(4) Laurence Dubois (ver C. 475, n. 1)

das as Irmãs. Eu vos saúdo de coração.

No embrulho, seguiram umas cartas de vossos familiares; desejo muito que tudo chegue "a bom porto".

Sou, no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Enviei vossa carta a nosso Honoratíssimo Pai, por cuja conservação não duvido rezardes, com frequência. A isso somos obrigadas, e, também pelo senhor Padre Portail e toda a sua santa Companhia.

C. 579 (L. 522)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 3 de maio de {1657}

Permiti-me, meu Honoratíssimo Pai, lembrar a vossa caridade que amanhã é Santa Mônica (1) e que este dia é solene para mim, por causa da graça que, como o sabeis, Deus me concedeu em tal festa. Graça de que não tenho feito o uso que deveria e, por isso, necessito de misericórdia. Suplico a vossa caridade pedi-la, para mim, a Nosso Senhor, entregando-me a Ele, sem reservas, no santo sacrifício da Missa e fazendo-me participar amplamente de vossa bênção. Vo-la peço, por amor (*de Deus*), como sendo, por este mesmo amor, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e muito indigna filha.

C. 580 (L. 523)

*À minha querida Irmã Cecília (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Angers*

Hoje, 12 de maio de 1657

Minha querida Irmã,

---

C. 579 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: maio de 1657 (Irmão Ducourneau)

(1) Ver alusão a esta graça no relato de E. 3. (A. 2). Luz

C. 580 Rc. 3. Carta autógrafa. Endereçada por Irmã Guérin.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2)

Faz muito tempo que não tenho a alegria de escrever-vos, porém, acredito que tivestes notícias nossas pela carta que mandei à Irmã Maria (2), de Beauvais. Nela tomei a liberdade de me dirigir ao senhor Abade de Vaux, a quem ao mesmo tempo, comunicava que o senhor Padre Vicente deliberou enviar para si, dentre em breve, um dos senhores (3). Eu o desejo de todo coração, porque, hei de confessar-vos, como também a todas às nossas Irmãs, que muito me penaliza ouvir falar do pouco progresso em vossa Comunidade. Quanto tenho algum motivo para estar um tanto desgostosa com algumas Irmãs e considero a coisa de perto, para ver qual é a causa, digo-vos, com sinceridade, que, frequentemente, devo reconhecer que há culpa minha, seja falta de cordialidade, seja por não lhes dar o exemplo que deveria. Devemos saber, querida Irmã, que o nome de servas de nossas Irmãs, inspirado pela Divina Providência, obriga-nos a ser as primeiras na prática das virtudes autênticas e sólidas de humildade, paciência, trabalho e exatidão na observância das Regras e práticas da Companhia, convictas de estarmos comprometidas com todas e obrigadas a servi-las no espiritual e no temporal. A prudência nos fará acreditar em suas necessidades, sem acepção de pessoas (4).

Suplico a Nosso Senhor vos dê este dom, para sua glória e bem de nossas Irmãs, e, em seu santíssimo Amor, sou, vossa e de todas as nossas queridas Irmãs, muito humilde e afetuossíssima irmã e serva.

C. 581 (L. 522 bis)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sábado à tarde, (maio de 1657)

Penso, meu Honoratíssimo Pai, que a atitude de Irmã Joana Lepintre (1) e dos senhores (Administradores) de Châteaudun requer seja vossa caridade que tome pessoalmente o trabalho de escrever, pela segunda vez, à nossa referida Irmã Joana e assim, não dar motivo a que se falte à obediência, nem tão pouco ao contrato com os Administradores. Parece-me estarem eles querendo apro-

---

(2) *Maria Gaudoin (ver C. 473, n. 1)*

(3) *O senhor Berthe, Padre da Missão, (ver C. 281, n. 3) iria a Angers, no final deste mesmo mês.*

(4) *Parágrafo reproduzido pelas Constituições de 1983, p. 94, desde: "o nome de servas..."*

C. 581 Rc. 2. *Carta autógrafa. Dorso: maio de 1657 (Irmão Ducourneau)*

(1) *Joana Lepintre achava-se em Châteaudun, desde 1654 (ver C. 75, n. 1)*

veitar o menor pretexto ou esquivar-se, para fazerem apenas o que bom lhes parecer. Essa é a causa, meu Honoratíssimo Pai, pela qual escrevi, pois tenho certeza de que eles apresentariam outras razões, de sua parte. Remeto-vos suas cartas para que, se vossa caridade vir não ter sido grande o erro de Irmã Carlota (2), lhe ordenais que permaneça lá. Assim, Irmã Joana poderia vir embora acompanhando a pretendente, enquanto permaneceriam lá as três Irmãs que acabaram de receber o hábito. Isso alegraria os senhores. O mensageiro parte amanhã domingo, e não voltará dentre estes três dias.

Peço à vossa caridade, pelo amor de Deus, me dê sua bênção e a possibilidade de falar convosco, pois o julgo necessário: seja nestes próximos dias, quando o puderdes.

Suplico considerar-me diante de Deus e por vontade Sua, vossa mui pobre filha.

C. 582 (L. 524)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 1 de junho de 1657

Minha querida Irmã,

Estamos preocupadíssimas por saber em que estado vos encontrais, pois não mais recebemos notícias vossas desde que vos enviei uma caixinha de Orvietan (1), purificador de ar em tempos de febres malignas. Soubemos que estas já cessaram, por isso louvamos a Deus; mas, gostaria de ter notícias vossas por vós mesmas. Peço-vos no-las dar, sempre que puderdes e também dissei-me se recebestes, para Irmã Laurence (2), uma carta de seus pais.

Nunca deixo de dar vossas notícias a nosso Honoratíssimo Pai e ao senhor Padre Portail, e, muitas vezes, mando-lhes as cartas que me escreveis.

Temos grandes motivos para agradecermos a Nosso Senhor a saúde que sua bondade lhes concede, já que nos fazem muita falta.

Ofereci a nosso bom Deus a decisão que tomamos de continuar o conserto

---

(2) Carlota Moreau (ver C. 414, n. 7)

C. 582 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Ver C. 578, n. 1.

(2) Laurence Dubois (ver C. 475, n. 1)

da Casa (*Mãe*) (3). Começam hoje os trabalhos. Podeis supor, querida Irmã, que mais do que nunca temos necessidades da bondade de sua Providência para este negócio e para todos os outros do governo da Companhia.

Irmã Cecília (4) manda-vos suas lembranças. A necessidade que temos de Irmãs ainda nos impede de chamá-la.

Não sei se vos comuniquei o falecimento de uma de nossas Irmãs que estava na Companhia há dezoito meses apenas.

Todas as Irmãs daqui vos saúdam, as duas. Eu também o faço à Irmã Laurence, de quem sou, como vossa, queridas Irmãs, no amor de Jesus Crucificado, muito humilde irmã e serva.

P.S.- Dizei-me, por favor, qual a distância de Bernay à casa das Irmãs de Santa Maria do Monte.

C. 583 (L. 525)

*À Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 12 de junho de 1657

Minha querida Irmã,

Não faz ainda quinze dias que tive a alegria de vos escrever e, daí, para cá, recebi três cartas vossas, quase todas ao mesmo tempo, e também uma de Irmã Laurence (1) para sua irmã. Não deixarei de lhe remeter, na primeira oportunidade segura.

Como receio de que minha última carta se tenha extraviado, (*repito-vos que*) nela vos pedia dizer-me a distância entre Bernay e Santa Maria do Monte (2) e se poderíeis fazer essa viagem antes de dar uma chegadoinha aqui, para a qual pedi-rei licença ao senhor Padre Vicente, na primeira vez que estiver com ele, se Deus quiser. Rogo-vos dizer-me em que tempo exato podereis realizar essa viagem sem que fiquem prejudicados os doentes e as crianças da escola. Quanto antes, melhor para que depois, a Irmã Laurence, por sua vez, possa vir também.

Suplico a Nosso Senhor vos conserve e sou, em seu santo amor, querida Irmã, vossa muito humilde e afetuosíssima serva.

---

(3) Ver *Coste X* p. 428.

(4) *Cecília Angiboust que devia regressar a Paris.*

C. 583 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)*

(2) *A distância entre Bernay e Santa Maria é de uns 150 Km*

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 22 de junho de 1657

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus por haver devolvido a saúde à aldeia onde estais! Estava muito preocupada, sobretudo, durante o longo tempo que passei sem vossas notícias.

Peço-vos, querida Irmã, partir o quanto antes, se estiverdes com forças suficientes para fazer a viagem a Santa Maria do Monte (1). Se necessitardes de dinheiro, como o suponho, por favor, pedi-o emprestado e vo-lo reembolsaremos. Prefiro porém, que vós mesma o venha buscar, quando do vosso retorno, se Deus quiser.

Apresentai minhas excusas à Irmã Laurence (2) por não lhe escrever hoje. Estou esperando que me venham dar uma sangria, por causa de uma inflamação no ombro. Espero que não seja nada, se Deus quiser.

Se fordes lá, peço-vos inteirar-vos bem de tudo, para poderdes, a vosso regresso, nos trazer notícias. Se for mais perto vir de Santa Maria do Monte a Paris, sem passar por Bernay, fazei-o assim. Encorajai bastante as nossas Irmãs (3), pois me parece terem muito trabalho e pouca consolação, embora, também, muito mérito. Podem dizer com São Pedro: "Tudo deixarmos por teu amor!" e fiquem certas de que se forem fiéis, sua recompensa será grande!

Nosso Honoratíssimo Pai aprova que mandeis as moças que julgais aptas para a Companhia.

Dizei à Irmã Laurence que não ireis vos demorar muito em vossa viagem. Permaneci por lá o menos possível, sem entretanto, nada precipitar. Vede quem poderíeis deixar em companhia de Irmã Laurence, durante vossa ausência.

Suplico a Nosso Senhor ficar com uma e com outra para trabalhardes com seu espírito e que seja Ele vosso consolo, em todas as vossas necessidade. Crede-me em seu santíssimo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 584 Rc. 3. Letra de Irmã Juliana Loret. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Santa Maria do Monte, a uns 150 Km

(2) Laurence Dubois (ver C. 574 n. 1)

(3) Elisabeth Jousteau (ver C. 481 n.3) e Maria Papillon (ver C. 493 n. 3)

*Ao senhor Padre Vicente*

[1657]

As boas Irmãs de Saint-Flour (1) não puderam decidir-se a se confessar e não lhes importa retardar sua confissão, embora submissas, meu Honoratíssimo Pai, ao que a divina Providência quiser, para se confessarem com outro que determinarades, (2) se não puderem fazê-lo convosco.

A mais velha deseja fazer-vos uma comunicação; se não puder ser oralmente, pede a vossa caridade fazê-lo por escrito. Sua submissão às ordens da vontade de Deus é admirável, pois me disse jamais ter sentido semelhante disposição de simplicidade e abertura de coração para fazer sua confissão e, não obstante, permanece em paz. Creio notar nesta alma uma grande perfeição, com surpreendentes disposições para as obras nas quais Deus quiser empregá-la. Quanto bem teria feito e quanto bem faria, se estivesse colocada em meu lugar. E ... quanto bem me fará, a mim, se eu conservar o efeito da humilhação que me traz o comparar-me com ela e ver minhas misérias e resistências à graça.

Espero que vossa caridade me alcance de Deus misericórdia e me perdoe em nome Dele o haver tornado tão inúteis os vossos trabalhos. As necessidades da Companhia tornam urgente uma reunião nossa convosco. Parece-me ver meu espírito embotado e em trevas, tão fraco ele é. Toda a sua força e descanso estão, depois de Deus, em ser por seu Amor, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 586 (L. 527)

*(Ao senhor Pároco de Chars) (1)*

(julho de 1657)

Senhor,

Permiti-me dizer-vos que, não tenho dado autorização à Irmã Maria (2) de

---

C. 585 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: junho de 1657 (Irmão Ducourneau)

(1) As Irmãs oriundas de Saint-Flour.

(2) Em sua resposta a este bilhete (Coste VI, 318), o senhor Padre Vicente propõe o senhor Padre Portail.

C. 586 Rc. 2. Carta autógrafa.

pedir ao senhor Pouvot (3) que lhe encontrasse caminho para o seu regresso. não estranhei que não tivesse tomado o dos vendedores de manteiga que é muito perigoso, para vir por um outro mais seguro.

É verdade, senhor, que fiquei zangada por ela ter trazido consigo a tal moça, pelas razões que vossa caridade me assinalou. Porém, em compensação, não compreendo, que se tenha censurado o que ela disse ao senhor Garson (4), dado o que me falastes a respeito de sua bondade e haverdes durante tanto tempo aprovado a sua conduta, em vossa paróquia. Além disso, conheceis muito bem os serviços que ela vos prestou e, se nossas Irmãs foram se confessar com ele, foi pelo vosso consentimento. (5)

Penaliza-me, senhor, não ter podido enviar-vos a Irmã, que, talvez, eu vos tenha feito esperar, com muita facilidade. Receio, porém, ter de recomeçar. Por isso, rogo-vos, senhor, em nome de Deus, que experimenteis as pessoas que vos foram propostas e permiti que Irmã Clemência (6) volte imediatamente.

C. 587 (L. 529)

*Às minhas queridas Irmã Maria (1)  
e Irmã Clemência (2)  
Filhas da Caridade  
Servas dos Pobres Doentes  
Chars*

Hoje, 5 de julho de 1657

Minhas queridas Irmãs,

E, em particular, a vós, Irmã Maria, asseguro-vos que compartilhei todas as penas e dificuldades por que passastes. Isto é para vós, querida Irmã, um sinal

---

(1) Esta carta, provavelmente é, dirigida ao pároco titular de Chars e, é possível que seja simples rascunho. (ver n. 5 e C. 592, também de julho).

(2) Maria Poulet (ver C. 451 n. 3)

(3) Senhor Pouvot, Pároco residente de Chars, que é jansenista.

(4) Antigo vigário de Chars, não jansenista.

(5) Este parágrafo, está riscado no original.

(6) Clemência Ferré (ver C. 40 n. 1).

C. 587 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Maria Poulet (ver C. 451, n. 3)

(2) Clemência Ferré (ver C. 40, n. 1)

do amor de Nosso Senhor tem para convosco, escolhendo-vos para honrá-Lo em seus sofrimentos. Receio apenas que, por falta de experiência sobre a maneira de vos comportardes, tenhais vos afastado do respeito devido ao senhor Cura e que o pessoal se tenha servido desse exemplo, como me dissestes em vossa carta. Isso seria muito desagradável e teríeis de repará-lo, dizendo a todos os que vos forem falar sobre o fato: o senhor Cura é dono absoluto da direção dos sacerdotes e do povo de sua paróquia.

O Senhor, o Duque de Luynes (3) deu esse curato ao senhor Garson (4) e nele deve permanecer. Por isso, Irmã, mesmo se eu tivesse algum poder, parecer-me-ia ofender a Deus tentar que ele voltasse a Chars. Não sabeis que vos é proibido ter apego a quem quer que seja ou ter alguma familiaridade com algum homem? Sendo assim, deveis alegrar-vos com o ocorrido, pois esse bom senhor estava muito habituado a frequentar o hospital.

Quanto ao que me dissestes, julgo muito bom que Irmã Clemência vá pedir dinheiro ao senhor Cura para a compra de suas poucas provisões e se ela vos solicitar, vede juntas o que comprareis. Uma e outra sabeis muito bem, queridas Irmãs, que em qualquer lugar onde estiverdes, sempre praticarão a sobriedade, tanto em quantidade como em qualidade dos alimentos, como se faz aqui na Casa (*Mãe*).

Para a escola, sereis vós, Irmã Maria, por várias razões e vós, Irmã Clemência, cuidareis dos pobres doentes, tanto no hospital como no campo, nunca sendo muito numerosos estes últimos. Isso facilitará bem mais poderdes atendê-los com vossa caridade e mansidão costumeiras. Não é que Irmã Maria não tenha autorização para satisfazer sua caridade, indo vê-los também e prestar-lhes algum serviço no que puder, mas que não prejudique as meninas da escola, a quem há de continuar instruindo no temor e no amor de Deus, mais do que ensinando-lhes a falar muita coisa sobre isso.

Não lhes recomendo a união e respeito mútuo, porque acho que posso estar tranquila de o praticardes.

Rogo-vos guardéis absoluto silêncio sobre o ocorrido. Se pensais, Irmã Maria, que o senhor Cura esteja aborrecido convosco, pedi-lhe humildemente perdão. Quanto aos boatos que correm de que são Jan S (5) não faleis nunca, nunca. A única coisa que deveis chegar a saber é se essa pessoa se permite aconselhar-vos algo, que seja contrário à vossa religião. Se vos disserem alguma coisa que não entendais, contai-me e não deixarei de consultar nossos Superiores, para que vos possa comunicar o que tendes de fazer, ou eles mesmos se darão ao trabalho de vo-lo comunicar.

---

(3) O Duque de Luynes era Jansenista.

(4) O senhor Garson fora enviado para outra paróquia.

Bendigo a Deus, querida Irmã, pela graça que sua bondade vos concedeu de não continuardes pensando em empreender a viagem: fá-la-eis quando chegar o momento. Peço-vos, queridas Irmãs, que continueis o que o senhor Padre Portail vos ordenou com relação às vossas confissões e não tenhais medo dos conselhos que outra pessoa vos possam dar. Dizei isto às que pedem, com tanta insistência a volta do senhor Padre Garson. Agindo assim, parece-me que elas não lhe prestam bom serviço.

Recomendai-nos a todas as que parecem animadas de tão boa vontade e servi-lhes de bom exemplo e testemunho.

Adeus, queridas Irmãs, crede-me sempre no amor de Nosso Senhor, vossa irmã e serva.

C. 588 (L. 531)

*À minha querida Irmã Laurence Dubois  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 10 de julho de 1657

Minha querida Irmã,

Estou desejosa de saber se Irmã Bárbara (1) já foi fazer sua viagenzinha e como estais passando tão só e, se tendes mais trabalho do que podeis fazer. Suponho que Irmã Bárbara não tenha deixado de pedir a alguém que vos ajude no que precisardes, durante sua ausência. Dizei-mo, vo-lo peço e se, à noite, tendes uma boa moça que vos faça companhia. Estou certa, querida Irmã, que estais atenta ao espiritual quanto ao temporal, porque são ocasiões nas quais nossos inimigos andam a nosso redor para tentar surpreender-nos. Por isso, creio redobardes vossas orações e o cuidado em praticardes as virtudes, sobretudo, conservando vossas portas bem fechadas aos que não devam entrar e bem abertas, para a necessidade que não puderdes evitar de que entre algum homem.

Rogo-vos, querida Irmã, esforçar-vos por não desgostardes nenhuma das Damas. Não modifiqueis em nada o que tendes costume de fazer, nada acrescenteis, nem deixeis, durante a ausência da Irmã. Se tiverdes de negar alguma coisa, fazei-o com mansidão e humildade, porque não temos direito de fazê-lo de outro modo, pois Deus nos chamou à nossa vocação para ajudarmos as Da-

---

C. 588 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Bárbara Angiboust que havia ido a Santa Maria do Monte.

mas no serviço dos pobres e, por conseguinte, somos servas desses e daquelas.

Espero, com grande desejo, notícias vossas, bem extensas, e rogo-vos seja o mais depressa que puderdes, assim como me acrediteis, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Todas as Irmãs vos saúdam e se recomendam às vossas Orações.

C. 589 (L. 533)

*Às minhas queridas Irmãs,  
as Filhas da Caridade,  
Servas dos Pobres Doentes  
Chantilly*

Hoje, 24 de julho de 1657

Minhas queridas Irmãs,

Estou muito preocupada porque nos pedistes alguns medicamentos num papelzinho e não o estamos encontrando. Não sabemos, pois, do que se trata. Rogo-vos mandar-nos uma outra nota e não deixaremos de atender-vos, logo, logo.

Sinto bastante não ter tido a honra de estar com o senhor Pesset que, conforme me disseram, deu-se ao trabalho de passar por aqui; mas, eu não estava, Ficar-vos-ei agradecida de o cumprimentardes, respeitosa e, em meu nome. Dizei-me também se recebestes uma carta que vos escrevi há quinze dias ou três semanas. Nela vos falava sobre a grande vantagem e necessidade mesmo de vos confessardes sempre com um só confessor, de acordo com o parecer do senhor Padre Vicente, sobre este assunto.

Rogo-vos, Irmã Maria (1), que venhais aqui o mais depressa possível, contanto que não haja algo importante que vos impeça. Prometo-vos, Irmã Genoveva, (2) que a Irmã gastará pouco tempo em sua viagem, a fim de poderdes fazer o mesmo, antes do inverno.

Irmã Suzana e Irmã Gabriela (3) estiveram gravemente doentes, em perigo

---

C. 589 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) *Maria Navain (ver C. 573, n. 2)*

(2) *Genoveva Doinel (ver C. 304, n. 3)*

(3) *Gabriela Cabaret, filha do senhor de Gionge, nasceu em 1634 e entrou para a Companhia das Filhas da Caridade a 7 de outubro de 1651. O senhor Padre Vicente pôs algum obstáculo à sua admissão (Coste IV, 312). Depois de uma adaptação que muito lhe custou, Gabriela foi enviada, sucessivamente, a São Nicolau de Chardonnet, ao*

de vida. Ambas, graças a Deus, começam a melhorar. Todas as Irmãs vos saúdam e se recomendam às vossas orações. Também o faço eu, que sou, no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde.

C. 590 (L. 534)

*Ao Senhor Vicente*

Hoje, segunda-feira à tarde [julho 1657.]

Suplico-vos, humildemente, meu Honoratíssimo Pai, se vossa caridade julgar conveniente, dar ao Senhor Padre Superior de Sedan o poder de receber e oferecer a Deus a renovação dos votos de Irmã Joana Cristina (1) e os primeiros votos de sua companheira (2), caso o desejarem e lhe falem disso.

Esta manhã, esqueci-me de propor-vos, se não seria bom que eu acompanhasse nossas Irmãs Joana (3) e Madalena. Além de alguma outra consideração, creio que a primeira ficaria contente com isso e, a mim me serviria de consolo. É na mais absoluta submissão que vos apresento minhas sugestões, como o deve fazer, meu Honoratíssimo Pai, quem é vossa muito humilde filha e serva obediente.

C. 591 (L. 535)

*À senhora Presidenta de Herse*

[julho de 1657]

Senhora,

Creio ser obrigada a levar a vosso conhecimento que, há um ano, as Filhas

---

*Hospital de Saint Denis e a Arras. Em 1667, foi nomeada Oficial (Conselheira, hoje), Morreu em Sain-Germain-en-Laye, a 5 de fevereiro de 1669.*

C. 590 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorsó: julho de 1657 (Irmão Ducourneau)

(1) Joana Cristina Prévost (ver C. 140, n. 2)

(2) Provavelmente, Renata Pescheloché, que se achava em Paris, a 8 de agosto de 1655 e depois, foi para Sedan.

(3) Joana Lepintre (ver C. 75, n. 1) e Madalena iam para o Hospital de la Salpêtrière, fundado há alguns anos para receber todos os mendigos de Paris.

C. 591 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorsó: julho de 1657 (Irmão Ducourneau)

da Caridade que estão em Chars, têm sido muito provadas por dois motivos diferentes, fruto do zelo do senhor Cura. O primeiro não vo-lo posso dizer por escrito. O segundo refere-se à estabilidade que ele quer que exista naquela lugar, sem que tenhamos a liberdade de trocar Irmãs, como o fazemos em toda a parte e, de acordo com o combinado convosco, senhora. O respeito que devemos aos designios da Providência sobre a Companhia e também às pessoas a quem inspira empregá-la no serviço dos pobres, impediram-me de retirá-las. É por este motivo, senhora, que tomo a (liberdade) de enviar-vos esta carta de aviso (1) de que fui encarregada de dar-vos. Ao mesmo tempo, suplico-vos, humildemente, que nos deis vosso parecer e o seguiremos, com a melhor boa vontade. Esperamos que, com a vossa nova proteção, se apaziguem essas pequenas perseguições, que se tornaram maiores desde a última Quaresma, durante a qual e, desde então está lá um Padre do Oratório, do bairro de São Tiago (2).

Se Deus me conceder a graça de poder ver-vos, falar-vos-ei disso mais detalhadamente.

Apresento-vos, senhora, meus humildes respeitos e sou no Amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 592 (L. 529 bis)

### *Ao senhor Cura de Chars (1)*

julho (de 1657)

Senhor,

Pensei que, talvez, não soubésseis ter sido por apresentar-vos, inopinadamente, a ocasião, que nossa Irmã trouxe para cá essa boa jovem. (*Tinha*) o consentimento de sua tia, com a qual fizera a viagem a Saint-Prix, prova de que não estava tão apressada pelo trabalho. Quanto ao estranhardes não tenha ela se dirigido ao senhor Pouvot (2), dir-vos-ei que nossas Irmãs não costumam pedir conselho, senão em caso de extrema necessidade. Para coisas como esta, receberam de nós a indicação de como agirem, e, sempre que tratamos com quem

---

(1) A decisão de retirar as Filhas da Caridade de Chars foi tomada no Conselho de 21 de julho de 1657. (Coste XIII, 733)

(2) Sacerdote de tendências jansenistas. (Coste XIII, 736)

C. 592 Coletânea de trechos... pp. 484-485. Cópia

(1) Esta carta deve ter sido dirigida ao Pároco titular, Superior do Oratório, do bairro de São Tiago.

(2) O senhor Padre Pouvot era o Pároco residente na Paróquia de Chars.

no-las pedem, o fazemos sob tal condição. Pelo que se refere ao senhor Garson (3), lembrai-vos, por favor, senhor, que sempre o tivestes em grande estima por sua boa conduta; disso vossa caridade me deu, de novo, testemunho, na última vez que tive a honra de estar convosco. Por isso, não compreendo as queixas que me fazeis agora de Irmã Maria (4), por causa da confiança que tem tido nele, como confessor, nomeado por seus superiores e segundo vosso parecer. Estava em vossa paróquia, onde tão bem vos serviu, para consolo de vosso povo aflito pelas máximas que, bem o sabeis, estão sendo introduzidas por alguns Padres.

Todas estas considerações, senhor, juntamente com o testemunho dado por várias pessoas de que a intenção vossa era ter aí pessoal que dependesse de vós, estão de acordo com o que vós mesmo me havíeis dito e desejado: nossas Irmãs não deveriam ser transferidas. Também o trato que alguns de vossos eclesiásticos deram à Irmã Maria, saltando-a, certa vez, à mesa da comunhão, à vista de todo o povo, e, em outra, retirando do altar a hóstia que havia para ela e estava preparada para ser oferecida. Em outra ainda, sendo declarada merecedora de penitência pública, em plena rua, levaram, sua inocência apanhada de surpresa e atormentada por invectivas e palavras ofensivas, a não conseguir servir-se da prudência necessária. *(A Irmã então)* deixou-se ir a palavras menos respeitadas. Por elas já vos pedi perdão e, mais uma vez e faço com humildade. Tudo isso, repito, obriga-me, senhor, a suplicar, encarecidamente, ao senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, que fizesse voltar nossa Irmã Clemência (5) e sua caridade aquiesceu na proposta. Por isso, senhor, rogo-vos concordeis que ela regressasse para cá com a Irmã que vai, expressamente, para buscá-la, depois de haver entregue todos os pertences do Hospital e informado a respeito dos doentes à pessoa que julgardes a propósito, conforme ordem que dissestes haver recebido do senhor Duque de Luynes (6), para poder dispor da casa das Irmãs e de tudo o mais.

Suplico a Nosso Senhor vos dê seu espírito e sou em seu santo Amor...

---

*(3) Senhor Padre Garson, vigário da paróquia de Chars, transferido recentemente para outra paróquia.*

*(4) Maria Poulet (ver C. 451, n. 3). Este parágrafo é muito confuso: a interpretação dada parece a mais lógica. (Nota da tradutora).*

*(5) Clemência Ferré (ver C. 40, n. 1)*

*(6) Duque de Luynes, jansenista.*

*À senhora de Herse*

(1657)

Senhora,

Sendo vós a única pessoa a quem temos de prestar conta de nossos atos no ofício que vossa caridade deu às Filhas da Caridade, o serviço dos pobres doentes de Chars, vimo-nos obrigadas a trazer a vosso conhecimento que tentamos, por todos os meios possíveis, empregarmo-nos utilmente nele, para a glória de Deus e satisfação do senhor Cura. Este senhor pareceu estar contente com nosso trabalho, porém, desde algum tempo, surgiram dificuldades em sua paróquia, motivo pelo qual dela se afastou um excelente eclesiástico a quem havia dado seu consentimento para ser o confessor de nossas Irmãs. Depois, quis introduzir práticas não comuns na Igreja, como a de negar publicamente a sagrada Eucaristia a quem já está à mesa da comunhão; mandar retirar do altar o pão para o ofertório da Santa Missa; ensinar que se pode comungar oito dias e até mesmo meses consecutivos sem ter confessado; ameaçar Irmãs de fazerem penitência à porta da Igreja e isto a fim de obrigá-las a faltar à obediência a seus legítimos Superiores, dizendo-lhes, entre outras coisas, que lá, elas não devem, de modo algum, considerá-los como seus superiores, nem se incomodarem com a observância de seus regulamentos. Entretanto, mereceu castigo, por desobediência ao senhor Cura a Irmã que não quis açoitá-lo com um látego, em sua presença, como ele desejava, uma menina de doze ou treze anos. Queria ainda que, sem nenhuma réplica, recebessem em sua casa, todos os que, de sua parte, fossem enviados para beber, comer e dormir e várias outras coisas semelhantes. Chegou, de tal maneira, a exasperar uma de nossas Irmãs que ficara sozinha, pela pressa que ele impusera para que retirássemos a outra, que, sendo muito simples e não tendo sabido usar de prudência, exaltada como estava respondeu, não ao senhor Cura, mas ao que o acompanhava, umas palavras pouco respeitadas que não deveria ter dito. Fez alusão ao descontentamento do povo que está irritado de uns anos para cá, pelos rumores que correm, acusando-os de jansenistas.

Tudo isso, senhora, leva o senhor Padre Vicente, de quem temos a honra de depender, a permitir-nos que retirássemos, após vo-lo comunicar e haver-nos

---

C. 593 Coletânea de trechos... p. 484. Cópia.

(1) *A senhora de Herse havia estabelecido as Filhas da Caridade em Chars. (Coste XIII, 735).*

dito que, sabemos de fonte limpa, que esses senhores têm intenção de colocar lá, pessoas que dependam incondicionalmente deles. Andam dizendo que têm cartas do senhor Duque de Lyones para se fazerem donos absolutos do Hospital e de quanto a ele lhe pertence. Para nós, isso é um alívio vendo nisso sinais de que não será por escolha nossa que nos retiraremos do emprego que a Providência nos havia confiado, sem dúvida por um tempo, e nos faz abrigar a esperança de que não vos aborrecereis conosco.

C. 594 (L. 536)

*À minha querida Irmã Laurence (1)  
Filha da Caridade  
Sera dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 7 de agosto de 1657

Minha querida Irmã,

Que estareis dizendo de mim por haver demorado tanto em comunicar-vos que Irmã Bárbara (2) teve de vir para cá, sem voltar por Bernay? Se não esperasse poder enviar-vos logo uma de nossas Irmãs, ter-vos-ia escrito antes para, em nome de Deus, pedir-vos que não vos desanimeis. Espero que, na sexta-feira, possamos fazer seguir aquela que a Providência vos destinou (3). Louvo a Deus de todo o meu coração, pelas bênçãos que sua bondade derrama sobre vós e sobre vosso trabalho. O que me dissestes muito me confortou. Mostrei vossa carta a Nosso Honoratíssimo Pai que também teve grande satisfação.

É agora, minha querida Irmã, que entrareis de cheio no trabalho das verdadeiras Filhas da Caridade, vendo-vos privada da direção e ajuda, durante algum tempo. Tereis de renovar vossa confiança em Deus, abandonando-vos à sua direção, continuando, como até agora o fizestes, na prática de vossas Regras, não tereis como duvidardes de sua assistência em todas as vossas necessidades.

Rogo-vos, e à Irmã Bárbara, que lhe envieis sua roupa, porém, especialmente suas cartas. Falastes-me a respeito de um tecido fino e de outras coisas de que não me lembro; porém, quando encontrardes ocasião de remeter-me a rou-

---

C. 594 Rc. 3. Letra de Irmã Juliana Loret. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475, n. 1)

(2) Bárbara Angiboust (ver C. 6, n. 1)

(3) Ana Levies entrou para a Companhia das Filhas da Caridade, em 1655. Permaneceu em Bernay até a sua morte em 1660.

pa, podereis mandar-me também tudo o mais que tiverdes de enviar-me por que, não acredito que possais vir por aqui neste verão. Irmã Bárbara vos saúda com afeto e pede que apresenteis suas lembranças a todos os seus amigos. Ela não deixará de escrever-vos pessoalmente. Não havia pensado nisso antes dela sair para Châteaudun; a pobre não teve um momento de descanso enquanto não chegou aqui. Recomenda-se humildemente ao Santo Sacrifício e orações do senhor Doyen (4) e o saúda com respeito e submissão.

Todas as Irmãs também vos cumprimentam e se recomendam às vossas orações, de modo especial, eu mesma que sou, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 595 (L. 537)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
em la Salpêtrière*

Hoje, 8 de agosto de 1657

Minha querida Irmã,

Acabo de receber ordem do senhor Padre Vicente de dizer-vos que deveis vir, hoje ou amanhã, sem falta, para um assunto urgente. Basta avisardes ao senhor Drouart (1). Trazei a Irmã Madalena também.

Rogo-vos cumprimenteis, em meu nome, a senhorita inglesa e dizei-lhe que espero seja muito fiel a Deus porque sabe muito bem que somente a perseverança, com a graça de Deus, opera a salvação. Preveni-a ainda, de que seu bom pai irá vê-la, em breve.

Boa tarde, queridas Irmãs, sou vossa, no Amor de Nosso Senhor e sou vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 595 Rc. 3. Carta autógrafa. Endereço: Letra de Irmã Juliana Loret.

(1) O senhor Drouart, Intendente ou Administrador da Duquesa d'Aiguillon, que tomara parte na fundação do Hospital de la Salpêtrière (Coste V, 47. Carta 1681. Sobre o Hospital de la Salpêtrière, ver nota 3 da referida carta).

C. 596 (L. 538)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 14 [de agosto de 1657]

Meu Honoratíssimo Pai,

Depois de, humildemente, pedir perdão à vossa caridade, suplico-vos vossa bênção, por amor de Deus, para a santa Comunhão que pretendo fazer'amanhã, se mo permitirdes, não se torne em confusão para mim, porque tenho o espirito muito mal disposto.

As três Irmãs seguintes suplicam à vossa caridade, com toda humildade, as abençoeis e ofereçais a Deus sua renovação anual. São elas: Irmã Madalena Ménage (1), pela sexta vez; Irmã Renata (2), de São Bartolomeu, pela quinta e Maria de Fimes, pela terceira ou quarta. As três são Irmãs muito boas e eu, péssima, entretanto consolo-me tendo direito de chamar-me meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

C. 597 (L. 539)

*À Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

Hoje 22 de agosto de 1657

Minha querida Irmã,

Não me dei a consolação de escrever-vos quando o coche partiu, por dois motivos; porque ainda não sabia o que poderia dizer-vos e, o outro, por que estava muito mal. Não duvido de que não haja muito trabalho nesse lugar. Temos porém de esperar que a bondade de Deus abençoará vosso trabalho e vos con-

---

C. 596 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: agosto de 1657. (Irmão Ducourneau)

(1) Madalena Ménage entrou para a Companhia das Filhas da Caridade pelo ano de 1646; esteve na Casa Mãe pelo menos desde 1653. Em 1657, foi nomeada despenseira. Tem três irmãs Filhas da Caridade: Margarida, Francisca que está em Nantes e a mais nova, Catarina.

(2) Renata Delacroix (ver C. 315, n. 5)

C. 597 Rc. 3 Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

cederá todas as graças necessárias para cumprirdes sua santíssima vontade, pois fostes escolhida para essa obra por determinação de sua divina Providência. Suponho, querida Irmã, que o senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, já vos tenha respondido. Tudo irá bem, com a ajuda de Deus, pois os bons senhores Administradores (1), começam a agir da maneira como me dissestes. Tenho muito dó desse nossa querida Irmã (2); suplico a Nosso Senhor dar-lhe confiança em sua bondade, da qual tanto precisa e em nós, a que lhe for exigida.

Saudações a todas as queridas Irmãs, a quem terei a alegria de escrever, a cada uma, no próximo correio, se Nosso Senhor quiser. Nele, de todo coração, sou, querida Irmã, vossa muito humilde.

P.S. - Todas as Irmãs daqui vos cumprimentam, especialmente a Irmã Francisca (3) que sentiu muito não se despedir de vós.

C. 598 (L. 540)

*À minha querida Irmã Laurence Dubois  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 26 de agosto de 1657

Minha querida Irmã,

Tendes verdadeiramente motivos para aborrecer-vos por estardes tanto tempo sozinha. Peço-vos perdão por isso e, espero que a satisfação que (vos dará) a Irmã Ana (1) tudo remediará. Embora não haja ainda três anos que ela está na Companhia, sua virtude supre os mais longos anos de outras e contribuirá para viverdes em grande união e cordialidade, servindo os pobres como costumais fazê-los, com edificação. Não especificastes o que havia neste pacote (2) do qual me falastes e preocupamo-nos, pois não o recebemos. Penso que vos terá ficado algum hábito que possa servir-vos, a uma ou a outra. De todo jeito, se vos faltar alguma coisa, rogo-vos, Irmã, no-lo digais. A nossa Irmã dar-vos-á notícias daqui, porque agora tenho pressa de terminar e de vos afirmar ser no Amor se Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

(1) *Graves dificuldades haviam surgido com os Administradores do Hospital de Châteaudun, razão pela qual Irmã Barbara foi enviada para lá.*

(2) *Carlota Moreau (ver C. 415, n. 7)*

(3) *Francisca Fanchou (ver C. 653, n. 1)*

C. 598 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Ana Levies (ver C. 594, n. 3)*

(2) *O pacote continha roupa e as cartas de Irmã Bárbara (ver C. 594 e 600)*

C. 599 (L. 541)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Paris, 1º de setembro de 1657

Senhor,

Tomo a liberdade de enviar-vos duas cartas do senhor Padre Vicente: uma para o senhor Bispo de Angers (1) e a outra para Irmã Cecília (2). Pareceu-nos a propósito que ela vá descansar-se, durante algum tempo em Richelieu Creio, que o senhor Padre Berthe (3) vos terá falado sobre isso; dispenso-me, pois, de acrescentar mais alguma coisa: apenas vos digo que já é muito tarde e uma ligeira indisposição obriga-me a ser breve, além de estar vos escrevendo por mão alheia.

Tudo isso não me impede de afirmar-me, com singular respeito, no Amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 600 (L. 542)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

Hoje, 2 de setembro de 1657

Minha querida Irmã,

O estado em que encontrastes as coisas por aí, faz-me desejar ter notícias vossas com mais frequência do que mas enviais, pois, desde vossa partida recebi apenas uma carta vossa. Rogo-vos, então, procureis alguma via segura para nos remeterdes vossas cartas sem temor de que se percam: não as endereçais a ninguém da cidade ou que more em Paris, mas, antes, à Irmã Henriqueta (1), presentemente, na paróquia de São Severino. Continuarei muito preocupada enquanto não souber o que foi feito desta pobre Irmã (2); seu sofrimento está de tal maneira em meu coração, que nem saberei vo-lo dizer.

---

C. 599 Rc. 4. *Letra de Irmão Ducourneau. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) *Monsenhor Henrique Arnauld (ver C. 355, n. 2)*

(2) *Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2).*

C. 600 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Assintura e 1ª par. do P.S. de Luisa de Marillac.*

(1) *Henriqueta Gesseume (ver C. 86, n. 1)*

(2) *Carlota Moreau (ver C. 415, n. 7)*

Peço-vos saudeis a todas as nossas Irmãs de minha parte e me recomen-  
deis às suas orações. Crede-me no amor de Nosso Senhor, vossa...

P.S.- Irmã Cecília (3) está bem e abraça-a afetuosamente. Mandamos a Ir-  
mã Ana Levies (4) para Irmã Laurence (5), que me remeteu toda a vossa roupa e  
o que me dissesstes que ela deveria enviar-vos. Dizei-me se quereis que vos  
mandemos tudo.

Se estiverdes com a senhorita Libereau, fazei-me o favor de apresentar-lhe  
minhas humildes saudações, assegurando-lhe a minha disponibilidade.

Se tiverdes notícias das Irmãs de Varize (6), eu vos peço que me comuni-  
queis. Para mim, é grande consolo, terdes por Diretor o Revdo. Padre Superior  
ou a quem ele vos designar. Desejo que todas as Irmãs sejam bem exatas na uni-  
formidade sobre este ponto mais do que em nenhum outro: todas irão com ele,  
porque conheço a necessidade disso e como Deus abençoa tal coisa.

Nada nos dissesstes sobre o que foi feito com os terços das moças, aqueles  
enfiados com arame. Informai-me também qual foi a quantia que Irmã Maturina  
(7) vos deu, tanto para vosso lugar no coche, como para as refeições, porque ela  
se esqueceu e não pode assim anotá-la nas despesas.

C. 601 (L. 543)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 12 de setembro de 1657

Senhor,

Sinto-me muito desapontada vendo o tempo que levei sem ter a honra de  
escrever-vos e de ter adiado tanto o agradecer-vos, humildemente, a caridade  
que tivestes para com nossa Irmã Jacqueline (1), dando-vos ao trabalho de tran-  
quilizá-la a respeito do estado de seu pai. Isso lhe foi muito útil, e posso dizer-  
vos, senhor, que, desde então, seu espírito está em grande paz. Estranha-me

---

(3) *Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2)*

(4) *Ana Levies (ver C. 594, n. 3) que havia sido enviada a Bernay.*

(5) *Laurence Dubois (ver C. 475, n. 1)*

(6) *Varize a 15 Km de Châteaudun*

(7) *Maturina Guérin (ver C. 326, n. 2)*

C. 601 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) *Jacqueline, postulante de Angers que chegou a Paris em junho de 1656. Terminado seu Seminário, ficou em Paris.*

muito que Irmã Cecilia (2) vacile tanto em fazer sua viagemzinha a Richelieu, depois de haver falado muitas vezes que o desejava e até mesmo queria vir a Paris. Bem sabeis, senhor, como é importante cumprir as ordens dos Superiores. Acredito que o senhor Padre Berthe (3) nada fez sem consultar-vos sobre as disposições de todas as Irmãs. Antes de partir, eu o pusera a par do que vós e o Padre Ratier me havíeis feito a honra de falar sobre este assunto. Suplico-vos, humildemente, senhor, tomeis o trabalho de infomar-me se, depois, de uns dias de ausência desta Irmã, vossa caridade percebe que, sem nenhum prejuízo, ela possa vir até Paris. Seria então necessário enviar em experiência outra para aí, pois, temos intenção de chamar também uma das de Richelieu.

O senhor Padre Berthe nos disse que uma boa jovem que deseja entrar para a nossa Companhia, vos procurou. Eu vos direi, como de ordinário: aquelas que têm vossa aprovação, serão recebidas com muito prazer, pois, temos certeza de que vossa caridade se dá ao trabalho de informar-se bem sobre elas, mostrando-lhes quais as disposições de corpo e de espírito lhe são necessárias.

Mereceria eu, senhor, ser acusada de temerária, atrevendo-me a continuar com minhas importunações, depois de faltar tanto aos meus deveres de gratidão. É verdade que, às vezes, deixo de vos escrever temendo distrair-vos de vossas santas ocupações.

Estou preocupada sem saber se uma carta que o senhor Padre Vicente se deu a honra de escrever ao senhor Bispo de Angers, creio que com relação à viagem do senhor Padre Berthe, chegou às vossas mãos, na semana passada. Permiti-me a liberdade de vo-la remeter. Fazei-me o obséquio, senhor, de deixar-me suplicar-vos, humildadamente, que me escreva a respeito. Também, vos faço outro pedido: esqueci a pouca atenção de nossas Irmãs e sua pouca fidelidade à prática de vossos santos conselhos, para que vossa caridade, por amor de Deus, continue a ajudá-las nesta nova necessidade: a ausência de nossa Irmã Cecilia.

Espero da bondade de Nosso Senhor que esta pequena mudança seja útil, se meus pecados não se opuserem à graça que Sua bondade derramará sobre vossa direção. É o desejo que formulo e também o de ver-me ajudada por vossos santos sacrifícios e orações para alcançar-me esta misericórdia e poder dizer-me, com todo respeito, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde muito obediente filha e serva.

P.S.- Envergonho-me desta péssima letra e vos peço, senhor, que me perdoeis.

---

(2) *Cecilia Angiboust* (ver C.36, n. 2)

(3) *Senhor Padre Berthe* (ver C. 281, n. 3) esteve em Angers, no mês de maio.

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

Hoje, 15 de setembro de 1657

Minha querida Irmã,

Proporcionastes-me grande alegria, dando-me vossas notícias. Estava preocupada tendo apenas uma carta vossa desde que partistes daqui. Não entendo direito quem é a pessoa da qual tivestes medo; deveis somente colocar o nome dela num canto da primeira carta que me escreverdes, sem mais nada acrescentar. Gostaria muito também de saber se tudo o que o senhor Padre Berthe (1) pediu já foi cumprido. Creio que vos fiz entender bastante que Irmã Renata deveria voltar; mandei que fossem esperá-la no coche. Não me enviasse a carta para Irmã Laurence (2); por minha vez não vos remeto as vossas, nem nada do que chegou de Bernay até que me indiqueis um endereço certo.

Esquecia-me de dizer-vos que Irmã Laurence manda-vos muitas lembranças, assim como várias pessoas de Bernay, entre outras, o vosso Confessor, que estava doente, na última vez que ela me escreveu. Gostaria imenso que fôsse a Varize (3) e dêsseis bons conselhos, com suavidade e caridosamente, como tendes costume, à Irmã Cláudia (4) tanto pelo que se refere à sua saúde, como às disposições de seu espírito. Queria muito saber como vão se ajustando mutuamente o senhor Prior e ela.

Não deixarei de transmitir vossa mensagem ao senhor Padre Portail, quando o vir, porque nos disseram que estava doente. Creio tratar-se de uma ligeira indisposição. Isso é o suficiente para que o vosso bom coração faça, em dobro, orações pela conservação da saúde de nosso Honoratíssimo Pai e a de nosso doente.

Irmã Joana Gressier (5) cumprimenta a Irmã Ana (6) e comunica-lhe ter re-

- 
- C. 602 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Assinatura de Luísa de Marillac, assim como o P.S.*  
(1) O senhor Berthe deve ter passado por Châteaudun, em julho de 1657 (Coste VI, 360)  
(2) Laurence Dubois (ver C. 475, n. 1)  
(3) Varize, a uns 15 Km. de Châteaudun.  
(4) Cláudia esteve em Varize de 1657 a 1659.  
(5) Joana Gressier (ver C. 510, n. 4) era a despenseira da Casa Mãe.  
(6) Ana Bocheron entrou para a Companhia das Filhas da Caridade, antes de 1655. De

cebido o belo presente, um estojinho com um quarteirão (7) de alfinetes e muito lhe agradece. Está com tanto trabalho que não lhe sobra tempo para escrever-lhe.

Peço-vos dizer à Irmã Marta (8), saudando-a com as outras Irmãs, que nada fez ainda, quem só começou. Todas as Irmãs vos saudam e se recomendam às vossas orações, como eu mesma o faço, pois sou, de todo coração, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Se Deus quiser, vos enviaremos vossa correspondência pelo coche, na próxima viagem.

C. 603 (L. 545)

*Às minhas queridas Irmãs  
as Filhas da Caridade, Serva  
dos Pobres Doentes  
Chantilly*

Hoje, 15 de setembro de 1657

Minhas queridas Irmãs,

Proporcionastes-me grande alegria dando-me notícias, vo-las agradeço de coração.

Louvo a Deus, porque sua bondade devolveu à Irmã Genoveva (1) a sua saúde; porém, estranha-me não ter sabido que sua doença foi longa. Peço-vos dizer-me o que aconteceu.

Devemos muita gratidão a esses bons senhores, porém, não devemos abusar dando-lhes tanto trabalho. Sabeis que aqui só chamamos nossos Superiores em caso de terem de administrar os sacramentos ou em outra grande necessidade.

Será bom, Irmã Genoveva, que, por vossa vez, venhais ver-nos, antes do inverno. Peço-vos lembrardes, Irmã Maria (2), a necessidade que tendes de, para conservar vossa saúde, fazer exercício e, para cumprir a vontade de Deus, não

---

*Châteaudun irá para Paris, em novembro de 1659, para falar sobre as virtudes de Bárbara Angiboust (Coste X, 676).*

*(7) Um quarto de um cento: 25, às vezes, 26.*

*(8) Marta irá de Châteaudun para Varize, em novembro de 1658.*

C. 603 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Assinatura de Luisa de Marillac, assim como o P.S.

*(1) Genoveva Doinel (ver C. 304, n. 3)*

*(2) Maria Navain (ver C. 575, n. 2)*

perderdes tempo. Porém que digo, queridas Irmãs, sei que uma e outra sois muito fiéis em agir e que a Providência vos dá trabalho suficiente, em todos os lugares onde estais obrigadas a ir. Aliás, vosso fervor não permitiria que faltásseis a assistência que deveis ao próximo, nem vossa caridade deixaria de, em vossas orações, lembrar-se de nossas necessidades.

Rogo-vos recebais as saudações muito afetuosas de todas as nossas Irmãs, sendo eu, no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Em meu nome, peço-vos apresenteis respeitosos cumprimentos ao senhor Cura de São Firmino e ao senhor Pesset.

C. 604 (L. 545 bis)

*À Irmã Margarida Chétif (1)  
em Arras*

Hoje, 22 de setembro de 1657

Minha mui querida Irmã,

Não há mais de oito dias, tive a alegria de vos escrever e é, pelo menos a segunda vez, que o faço, sem ter recebido notícias vossas. Isso me fazia sofrer. Depois recebi a carta que escrevestes à Irmã Juliana (2) e, nela vi vossa bondade para comigo. Não a mereço, a não ser porque a amizade não se pode pagar nem reconhecer-se, senão mais do que com amizade. Agradeço-vos pois, humildemente, querida Irmã, o testemunho que me dais da vossa, que me é tão cara.

Em minha última carta vos dizia que a senhorita de Lamoignon (3) havia enviado algum dinheiro à senhora Superiora da Caridade, encarregando-se de dar pão a esses pobres doentes. Creio que o dirá, claramente, em sua carta ao senhor Delville (4). Falou-me também que cuidaria de vossa manutenção, o que me leva a dizer-vos, querida Irmã, que não deveis sofrer nenhuma privação: pedi-me o que necessitardes ou arranjai emprestado, até que o recebais.

Tenho certeza, querida Irmã, de que Nosso Senhor vos fará gozar da suavi-

---

C. 604 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Margarida Chétif (ver C. 357 n. 2) enviada a Arras a 30 de agosto de 1656.

(2) Juliana Loret (ver C. 253, n. 1), na Casa Mãe.

(3) Senhorita de Lamoignon (ver C. 138, n. 1)

(4) Senhor Guilherme Deville (1608-1658) entrou para a Congregação da Missão em 1641. Depois de haver trabalhado em Crécy e Montmirail, voltou a sua terra natal, Arras. Era o Confessor das Irmãs.

dade que experimentam as pessoas cheias de seu santo amor, mesmo no meio dos sofrimentos e angústia desta vida. Se não fosse assim e se estiverdes ainda no calvário, tende por certo de que Jesus Crucificado apraz-se em vos ver aí, e se tiverdes coragem suficiente para quererdes permanecer em tal lugar, como Ele o fez por amor de vós, podeis estar ciente de que vossa saída (5) será gloriosa. E Irmã Radegunda? (6) Está com muita coragem? conhece as virtudes cristãs de que seu Esposo lhe pede esteja ornada? Rogo-vos que Lhe sejais muito fiel e crede que dela e vossa, sou no amor de Jesus Crucificado, minhas queridas Irmãs, muito humilde irmã e serva.

C. 605 (L. 545 ter)

*À minha querida Irmã Francisca Carcireux  
em Richelieu*

26 de setembro de 1657

Querida Irmã,

Percebi vosso sofrimento através de vossa carta. Tenho pena de vós porque me parece que ele provém do afeto que Nosso Senhor vos inspirou pela querida Irmã (1), a quem cumprimento de todo coração e lhe peço amar o caminho no qual o Senhor a colocou. É o mesmo Dele, posto que em sua vida mortal não deixou de ter sofrimentos. Se, desta vez, sua santa vontade quiser dispor dele, no Céu, verá qual é o valor do sofrimento.

Faz uns quinze dias, escrevi-vos bem longamente.

Peço-vos dizer ao senhor Superior da Missão que o senhor Padre Vicente outorga ao confessor a faculdade de aplicar-lhe a indulgência e dar-lhe a Bênção Apostólica. Queira Deus que nossa Irmã a receba. E, se a morte adiantar-se, nem por isso deixo de esperar que receberá o mérito. Desejo de todo meu coração que Deus no-la deixe, para poder aumentar sua coroa por meio dos serviços que ainda puder prestar-Lhe.

Termino, pois estou com um pouco de pressa. Rogo-vos crer-me no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

(5) Desse lugar.

(6) Radegunda Lenfantin (ver C. 553, n. 3)

C. 605 Coletânea de trechos...pp. 667-668. Cópia.

(1) Provavelmente uma Irmã Carlota que havia sido enviada para tratar-se em Richelieu e que morreu em outubro de 1657.

*Ao senhor Padre Vicente (1)*

Hoje, 28 de setembro de 1657

Meu Honoratíssimo Pai,

Suplico humildemente à vossa Caridade determinar que vossas filhas estejam sempre em estado de obediência, como crianças pequeninas. Em nada hão de contradizer às ordens do Honoratíssimo Pai, nem jamais hão de pensar que, em algum tempo, sejam dispensadas delas. Assim sendo, receberemos as boas pessoas de que sua Caridade nos fala e a respeito das quais tomo a liberdade, meu Honoratíssimo Pai, de fazer as seguintes perguntas: poderemos fazê-las tomar suas refeições em seu quarto, porque quanto ao que se me refere, minhas enfermidades impedem-me de fazer qualquer esforço. E quanto à Comunidade, esse hábito religioso chamaria a atenção. Entretanto, se o julgardes conveniente, poríamos para elas uma mesinha.

*Comerão em seu quarto.*

Têm intenção de fazer o retiro? *Não.*

Irão à Missa? Aonde?

*Aqui, ou onde quiserem.*

É preciso fazer-lhes sempre companhia?

*Um pouco de manhã e um pouco depois do jantar.*

Virão trabalhar com nossas Irmãs? *Como o quiserem.*

Se pedirem Irmã para acompanhá-las à cidade, lhas daremos alguma?

*Sim, é bom que se lhes dê uma Irmã.*

Se vierem visitá-las conhecidos seus, deixaremos que lhes falem?

*Sim, é preciso deixar que conversem com elas.*

Se quiserem ir rezar na capela, com nossas Irmãs, permitir-lhes-emos?

*Seria bom.*

Sabendo de tudo isso, faremos as coisas o menos mal que pudermos. *Elas ficarão apenas três ou quatro dias.*

Permiti-me, meu Honoratíssimo Pai, fazer-vos uma humilde súplica; vós me attendereis, eu o espero. É que, pelo menos durante o vosso Retiro, tomeis chá,

---

C. 606 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Vicente responde na mesma carta (as frases que estão sublinhadas).

pois tenho certeza de que podereis fazê-lo, sem nenhum inconveniente. Faz pouco tempo, conseguimos aqui um de muito boa qualidade e de excelente preço. Se não quiserdes fazer esta pequena experiência por vossa saúde, queixar-me-ei ao nosso bom Deus. Podeis tomá-lo à tarde, a partir das quatro horas; creio que vos sentireis muito bem.

Não sei se será conveniente mandar ao senhor Abade de Vaux (2) a carta de Irmã Cecília (3) que demonstra tão veemente desejos de vir para Paris. Se vossa caridade puder, amanhã, faze-me o favor de escrever sobre isso ao senhor Bispo de Angers (4), adiantaríamos este assunto, pois, nosso atraso poderia dar lugar a que os senhores Administradores de Angers façam voltar, precipitamente, a nossa Irmã. *Assim o farei.*

Tomo a liberdade, meu Honoratíssimo Pai, de rogar à vossa caridade pensar diante de Deus em minhas necessidades, tanto às relativas à minha salvação, como ao serviço que devo ao próximo. Por favor, mandai-me dizer se ainda posso experimentar nossa Irmã, a que levou hoje um bilhete à Assembléia, enviando-a a São Tiago du Haut Pas, onde ela esteve e onde foi pedida, com muita insistência, pela falecida senhorita de Montigny.

Dai, sempre, por amor de Deus, vossa bênção a todas as vossas pobres filhas, meu Honoratíssimo Pai, e à que é vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

C. 607 (L. 548)

*À Irmã Francisca Ménage  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Nantes*

Hoje, 12 (de outubro de 1657)

Mui querida Irmã,

É verdade que fiz mal em não vos ter escrito, depois de receber tanta consolação por meio de vossas queridas cartas e de ficar ciente da boa disposição em

---

(2) O Abade de Vaux, Vigário Geral de Angers.

(3) Cecília Angiboust. Está difícil tirá-la de Angers, onde vem trabalhando, a contento de todos, desde dezembro de 1639.

(4) Escrever ao senhor Bispo a respeito da saída de Irmã Cecília Angiboust.

C. 607 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Francisca Ménage (ver C. 430, n. 3)

que vos encontrais, pelo amor que tendes à vossa vocação. Suplico a Nosso Senhor continue concedendo-vos a graça de Lhe serdes fiel.

Nossas duas Irmãs Madalena e Margarida (2) estão fazendo tudo muito bem, graças a Deus. Recomendam-se sempre às vossas orações, como também o fazem todas as Irmãs daqui. Cumprimentai todas as Irmãs de vossa Companhia e dizei-lhes que, se Deus me ajudar, escreverei a todas.

Imagino-me ver-vos, a todas, trabalhando à porfia, tanto em vossa perfeição interior, como em vosso serviço exterior pelos pobres doentes, a quem creio amardes muito. Lembrai-vos, sempre, querida Irmã, de que deveis ter grande cuidado em ajudá-los a conhecerem e amarem Nosso Senhor, em cujo amor sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Irmã Maturina (3) saúda-vos afetosamente.

C. 608 (L. 549)

*À Irmã Bárbara Angiboust  
em Châteaudun*

Hoje, 13 de outubro de 1657

Minha querida Irmã,

Mostrei vossa carta ao senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, para que conforme lhe propusestes, sua caridade escreva, se o julgar conveniente. Sabia bem que terieis, todas vós, muito a suportar, porém, pela misericórdia de Deus sei que tendes generosidade bastante para carregar esse fardo e ajudar nossas Irmãs a olhá-lo como sendo o jugo do Senhor. Tendes suficiente mansidão e tolerância para tratar o vosso pessoal sem paixão: este é um dos grandes meios para ganhá-lo. Parece-me que, no momento, a ajuda que tendes deste pai-deiro vos é bem conveniente, porém, como é muito idoso, há o medo de, que se chegar a faltar, vos vejais obrigadas a arranjar um mais jovem; não obstante, podeis continuar assim até receberdes novo aviso.

Escrevo umas linhas ao senhor Le Maistre de quem não tenho tido notícias há muito tempo, embora, assim me parece, escrevi-lhe por vosso intermédio.

Acredito que, em breve teremos aqui a Irmã Cecília (1) e mesmo já o estaria, se não tivesse parado em Richelieu, onde Irmã Carlota (2) faleceu, há uns oito

---

(2) *Madalena e Margarida Ménage, suas irmãs.*

(3) *Maturina Guérin, (ver C. 326, n. 2) a secretária de Luísa de Marillac.*

C. 608 Rc. 3. *Carta assinada por Luísa de Marillac. Letra de Irmã Guérin.*

(1) *Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2) havia saído de Angers.*

(2) *Carlota, de quem se fala na C. 605, n. 1.*

dias. Penso que já esteja viajando e, talvez, até possa ver-vos passar, desde que não haja grande distância. De todo jeito, espero que vos encontrareis porque ela ficará bastante tempo por aqui.

Temos muito motivos para louvar a Deus pela boa inteligência reinante entre vós e pela prática das Regras, conforme vo-lo permite o serviço de vossos pobres. Tenho porém de queixar-me um pouco de Irmã Ana (3) e de Irmã Marta (4) porque não me escrevem de vez em quando, uma depois da outra, como acredito que vós lhes permitiríeis.

Envio-vos vossas cartas, assegurando-vos da afeição de todas as nossas Irmãs que vos saúdam, assim como as daí, as de Varize que ficam muito tempo sem nos dar notícias, o que muito me admira.

Crede-me, sempre, no amor de nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 609 (L. 546)

*(À Irmã Margarida Chétif)  
em Arras*

15 de outubro de 1657

Minha mui querida Irmã,

Não me causa surpresa que Nosso Senhor vos tenha feito participar de seus sofrimentos internos! Pensaríeis gozar de tanta honra diante de Deus e dos Anjos, sem que nada vos custasse? Sei que Sua graça vos sustentará, fortemente, na solidão e insensibilidade que experimentais, até por Deus. Não sabeis, querida Irmã, que isto são exercícios nos quais o Esposo sagrado de nossas almas se compraz, vendo-nos nesse estado, quando usamos deles com paciência amorosa e aceitação serena, não nos preocupando por estarmos em tal estado?

Sei que vos esforçais muito para não perderdes essas ocasiões de provar vossa fidelidade e que vosso coração não se abre para escutar as vozes da natureza que nos fazem olhar as coisas fora dos desígnios da divina Providência e do cumprimento da santíssima vontade de Deus. Sei também que não dais ouvidos às saudades dos alhos e cebolas do Egito, procurando satisfação em vossa terra, entre pessoas conhecidas, que às vezes nos dizem belas palavras que nos pa-

---

(3) Ana Bocheron (ver C. 602, n. 6)

(4) Marta (ver C. 602, n. 8)

C. 609 Ms. A, Irmã Chétif 1 n. 36. Cópia.

recem adiantar muito, só porque nossos sentimentos têm prazer e nosso espírito a elas se apegam. Porém, ao cabo de algum tempo, vemos que não nos tornamos mais virtuosas. Se nos vemos sob a prova das mortificações e tentações, ficamos abatidas e caímos num estado que nos parece deplorável. E, com efeito, o estaríamos se não permanecêssemos unidas (a Deus) pela parte superior de nosso espírito e não disséssemos do fundo do coração: Tudo seja feito, meu Deus, como o quiseres, pois, sou toda tua. E faremos todas as nossas ações, apesar da tentação, pura e simplesmente por amor a Deus. Deveis alegrar-vos no pensamento de que é a vontade de Deus que vos coloca no estado em que vos encontrais, seja por ordem de sua Providência, seja permitindo que as criaturas o façam. Não prestardes atenção no que vemos em São João Batista que tão bem conheceu Nosso Senhor e Dele dava testemunho, amando-O mais do que ninguém neste mundo? E, entretanto, afastou-se Dele, ou melhor, Deus o afastou por sua vocação à penitência, mesmo havendo nascido sem pecado. Porém, não percebeis, queridas Irmãs, que Deus queria dar esse exemplo às almas às quais quer separar de todos os afetos da terra, para encher seus corações de santo amor? Que consolo quando uma alma se vê assim inteiramente dependente da direção particular de Deus! Não posso deixar de regonijar-me convosco! Não tereis sempre todas as essas coisas...

Saúdo a nossa querida Irmã, mui cordialmente, e dela, como vossa, sou no amor de Jesus Crucificado.

C. 610 (L. 550)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Châteaudun*

Hoje, 2 de novembro de 1657

Minha querida Irmã,

Parece-me haver muito tempo que não converso com vosso bom coração e não sei sequer se vos dei notícias da chegada de Irmã Cecília (1); está com saúde e cheia de boa vontade. Ela recebeu vossa carta e a leu com grande ternura pelos bons conselhos que nela lhe destes. Posso assegurar-vos que já os está pondo em prática. Nosso bom Deus a destinou para o trabalho e não quis deixá-la por

---

C. 610 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2)

muito tempo conosco nesse exercícia à espera de uma colocação). Já a chamou para ocupar o lugar de Irmã Ana Hardemont (2) nas "Casinhas", enquanto ela vem fazer o Retiro. Disseram-me que Carlota (3) voltou para Chars; se souberdes de alguma coisa, peço-vos avisar-me e também dar-me notícias vossas, bem detalhadas.

Nunca duvidei de que vossa doçura, submissão e afabilidade chegassem a apaziguar os pequenos descontentamentos existentes, quando se fez esta mudança. Sei que não poupais esforço algum para contentar, ainda que seja só por palavra, até aquelas pessoas a quem não podeis fazê-lo por obras.

Rogo à Irmã Ana Bocheron (4) que me desculpe por não lhe escrever por este correio, assegurando-lhe que tive um grande consolo ao receber sua carta, junto com as notícias de Irmã Marta (5). Saúdo as duas e sou, de todo coração, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 611 (L. 551)

*À minha querida Irmã Laurence Dubois (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Bernay*

Hoje, 16 de novembro de 1657

Minha querida Irmã

Não sei se recebestes nossas cartas. Nós vos escrevemos quando a Irmã Ana (2) seguiu para aí e não tivemos notícias vossas: isso me preocupa. Rogo-vos que no-las deis o mais depressa possível. Falai-me também sobre vosso trabalho e se continuais exercendo a caridade.

Antes de seguir, a Irmã Ana me havia pedido um hábito; pareceu-me não precisar dele. Entretanto, querida Irmã, se virdes que é uma necessidade, tende a bondade de dizer-me, pois não creio que mo tivesse pedido por luxo ou capricho.

---

(2) Ana Hardemont (ver C. 120, n. 2)

(3) Carlota Moreau (ver C. 415, n. 7) que deixou a Companhia das Filhas da Caridade.

(4) Ana Bocheron (ver C. 602 n. 6)

(5) Marta (ver C. 602 n. 8)

C. 611 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac

(1) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(2) Ana Levies (ver C. 594 n. 3)

Alegro-me com a esperança que tenho de que viveis em grande união. O suporte de uma para com a outra faz com que não sejais senão um só coração e uma só alma, em Jesus Cristo e assim servis de edificação a todos. A irmã (3) de Irmã Ana continua em São Nicolau e sempre muito necessitada de orações.

Todas as Irmãs daqui vos cumprimentam. Algumas estiveram doentes, mas já vão melhorando, graças a Deus, exceto Irmã Joana Maria (4) que está de cama, completamente prostrada, com seus achaques costumeiros. Pedi por ela a Nosso Senhor, a graça de saber suportá-las. Suponho não esquecerdes de rogar a Deus pela conservação de nosso Honoratíssimo Pai. Lembrai-vos de pedir também pelo senhor Padre Portail que está muito enfraquecido: há pouco estive doente, porém, agora, graças a Deus, está melhor.

Irmã Bárbara (5) continua tendo para convosco a afeição que vos uniu ai e vos envio umas provas disso.

Crede-me, sempre, no amor de Nosso Senhor, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C.612 (L. 552)

### *À Senhora Danse (1)*

Hoje, 20 de novembro de 1657

Senhora,

Se minha saúde o permitisse, não deixaria de ter a honra de ir visitar-vos para cumprir meus deveres para convosco e informar-vos em que pé estão os negócios da Senhora de Saint-Martin. Soube, por ela mesma, que está próxima da ruína total, por causa das perdas sofridas e da ameaça que lhe é feita de decreto (*de embargo*) da casa, qua a Rainha teve a bondade de mandar comprar para alojamento das Filhas da Caridade, em Fontainebleau. Não vê outra solução senão o ser feito o pagamento dos atrasados da renda da referida Casa e que teria

---

(3) *Maria Levies que entrou para a Companhia das Filhas da Caridade depois de agosto de 1655. Parece ter ficado na Paróquia de São Nicolau de Chardonnet até 1660.*

(4) *Joana Maria esteve em Sedan em 1654. De volta à Casa Mãe, vive frequentemente doente. Morreu em abril de 1658.*

(5) *Bárbara Angiboust (ver C. 6 n. 1) morou três anos em Bernay com Laurence Dubois.*

C. 612 Rc. 2. Carta autógrafa

(1) *Senhora Danse, Senhora da Caridade, Dama de Companhia da Rainha. O senhor Padre Vicente e Luisa de Marillac recorreram, frequentemente, a seu prestígio junto da Soberana.*

pago se tivesse recebido essa importância, segundo a intenção de Sua Majestade, tão justa e caridosa. (A senhora de Saint-Martin) espera essa ajuda e acredita firmemente na bondade que sempre tivestes para com ela, senhora, e que, por meio de vossos diligentes cuidados, por amor a Deus, haveis de compadecer-vos de uma pobre viúva aflita.

Não me atrevo a unir à sua, minha humilde súplica, porém, sim, apresento-vos meu respeito e acatamento, no Amor de Nosso Senhor, no qual sou, senhora, vossa muito humilde e agradecida serva.

C. 613 (L. 554)

*Às minhas queridas Irmãs Cláudia (1)  
e Maria (2)  
Filhas da Caridade  
Servas dos Pobres Doentes em Angers*

Hoje, 28 de novembro de (1657)

Minhas queridas Irmãs Cláudia e Maria,

Agradeço-vos as notícias que me destes de nossas Irmãs. Louvo a Deus, de todo o coração, por sua fidelidade em continuar os serviços que prestam aos pobres, da mesma maneira em que o faziam nos tempo de Irmã Cecília (3). Não vos possa ocultar, queridas Irmãs, a grande alegria que tive ouvindo dela os frutos de seu governo, soa a direção do senhor Abade e do senhor Padre Ratier. Isso me leva a dizer-vos que as Irmãs de Angers receberam uma bênção especial de Deus para servir os pobres doentes nos hospitais: seja Ele para sempre bendito!

Uma das práticas seguida pelas Irmãs daí pareceu-me excelente e, lhes rogo, e a vós também, queridas Irmãs, que a continueis: é a de que tudo quanto aconteça no hospital, o saiba a Irmã Servente. Seja somente ela que preste conta a qualquer pessoa, depois de haver tomado conhecimento, por meio de vós, do estado das coisas de que sois encarregadas. Se esta prática continuar em uso, podeis ter certeza de que tudo correrá bem e dareis bom exemplo aos de fora, sendo tão profundas entre vós a cordialidade e a união, que será impossível ao demônio rompê-las.

Somos muito gratas ao senhor Padre Ratier pelo trabalho que tem de fazer

---

C. 613 Rc. 3. *Carta autógrafa.*

(1) *Cláudia Carré (ver C. 561, n. 5), nova Irmã Servente do Hospital de Angers.*

(2) *Maria Gaudoin (ver C. 473, n. 1), a Assistente.*

(3) *Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2)*

tantas Conferências para vós; os Anjos as anotarão para apresentar a Deus o fruto que delas colherdes e também, os demônios, para vos repreender se vos descuidardes de pô-las em prática. No momento, não podemos enviar-vos cópia de nenhuma das nossas. Para tê-las por escrito, não o conseguireis se não houver uma Irmã que anote o mais que puder o que lhes está sendo dito, e depois, quando se for passar a limpo, lança-se mão da memória das outras. Entretanto, para as terdes inteirinhas, seria preciso que uma Irmã não fizesse outra coisa; creio que vos bastaria fossem anotadas apenas os principais conselhos que vos fossem dados e, de quando em quando, fossem lidos.

Admira-me que vós, Irmã Cláudia, não me tenhais escrito. Havia entendido que o senhor Padre Berthe (4) vos havia designado para ocupar o lugar de Irmã Cecília, até sua volta. Se não puderdes escrever, podeis mandar que me escrevam em vosso nome. Deveis agir com liberdade, vencendo nossa timidez, ou melhor, um pouco de vossa preguiça espiritual.

Abraço de todo coração as nossas queridas Irmãs e lhes peço ter presente, tanto quanto puderem, em toda circunstância, o desejo de cumprir a vontade de Deus e de me acreditarem e vós também, no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Não sei se recebestes uma carta que escrevi à Comunidade inteira.

C. 614 (L. 555)

*À minha querida Laurence Dubois (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Bernay*

Hoje, de dezembro de 1657

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo coração, por saber que estais em grande paz com as Senhoras da Caridade. Nada há de mais poderoso para vos manterdes nela, do que o respeito e humildade que lhes deveis ter. E, se houver alguém que vos sustente ou ampare, não deveis prevalecer-vos disso, nem orgulhar-vos, mas, simplesmente dizer: O Senhor que quer isto. Parece-me que o modo como se exerce

---

(4) O senhor Padre Berthe passou por Angers, em maio de 1657

C. 614 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475, n. 1)

(a caridade) em Bernay é diferente do que se faz em outros lugares; por isso, peço-vos me envieis uma relação do que se costuma fazer e o que querem de vós e assim, depois de mostrá-la ao senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, mandar-vos-ei os esclarecimentos que sua caridade achar convenientes e vos direi o que deveis fazer.

Pensava que Irmã Ana (2) não iria precisar tão depressa de um hábito, porém, como o julgais necessário, enviar-vos-ei uma "cota" (3). Cumprimento-a com todo afeto e lhe peço trabalhar muito em sua perfeição. Posso assegurar-vos que Irmã Bárbara (4) continua tendo por vós a mesma afeição: acho que não me escreveu uma vez sem falar-me de vós. Saúda-vos afetuosamente e se recomenda às vossas orações como também o fazem nossas Irmãs daqui e eu, que sou, no amor de Nosso Senhor, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 615 (L. 557)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

Hoje, 18 de dezembro de 1657

Minha querida Irmã,

Sirvo-me da oportunidade (*que me oferece*) o senhor Prior de Varize, para perguntar-vos se recebestes duas cartas que vos remetemos, há uns quinze, pelo mensageiro, e, também se tivestes, recentemente, notícias das Irmãs de Varize (1). (*Dizei-me ainda*) se todos começam a ficar contentes com vossa conversão e se vossa cordialidade e doçura atraem ao hospital as pessoas de condição para aí fazerem o bem.

Não sei se me equivoque e se fostes vós que me dissetes que ensinai às meninas, estando contentes, com isso os senhores Administradores.

Cumprimentai, humildemente, em meu nome, o senhor Le Maistre e a se-

---

(2) Ana Levies (ver C. 594, n. 3)

(3) Cota: saia de camponesa; parte do hábito antigo. (Nota da tradutora)

(4) Bárbara Angiboust (ver C. 6, n. 1)

C. 615 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Sulpícia Dubois e Cláudia

nhorita Libereau. Irmã Cecilia (2) continua bem de saúde, graças a Deus, embora tenha muito trabalho. Ela vos abraça com o desejo, embora sereno de vos ver.

Nossas Irmãs vos saúdam e eu com elas nos recomendamos às orações das três (3), assegurando-vos que sou, de todo coração, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

1658

Estabelecimento das Filhas da Caridade em Ussel, Metz, Calais  
27 de dezembro: *falecimento de Irmã Bárbara Angiboust.*

C. 616 (L. 559)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

Hoje, 6 de janeiro de 1658

Minha mui querida Irmã,

Desgostava-me o não receber vossas prezadas notícias e muito temia que nossas cartas se houvesse perdido, como continuo achando, pois, a resposta que me dais é da que vos levou o senhor Prior.

Soube de fonte limpa que Carlota (1) voltou para Chars, sua terra, e que não se casou. Penso que o senhor Cura está contente porque, como o sabeis, já não mais temos Irmãs (2) lá. Irmã Elisabeth (3), de Santa Maria, está melhor de saúde, graças a Deus, porém Irmã Maria (4) que a substituiu está muito enfraquecida.

---

(2) *Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 1)*

(3) *Bárbara Angiboust, Ana Bocheron e Marta (ver C. 602 notas 6 e 8)*

C. 616 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Carlota Moreau (ver C. 415, n. 7)*

(2) *As Filhas da Caridade saíram de Chars possivelmente entre agosto e setembro de 1657.*

(3) *Elisabeth Jousteau (ver C. 481, n. 3)*

(4) *Maria Papillon (ver C. 493, n. 3)*

Louvo a Deus, de todo o coração, pela paz que reina entre vós e as bênçãos que Ele derrama sobre vosso trabalho. Ficar-vos-ei agradecida se me informardes ser verdade que tendes meninas na escola. Peço-vos que vos cuideis um pouco; e, para o vosso resfriado, tomai, ao vos deitardes, água de cevada com açúcar, meio quente.

Não acredito que nossas Irmãs possam passar para a casa nova antes de Páscoa, poque a reforma que foi preciso fazer na casa vizinha, retardou tudo.

Hoje tivemos a alegria de ter uma Conferência (5) e nesta mesma ocasião, a bênção das estampas do ano. Eu vos envio as que vos couberam. Por favor, querida Irmã, continuai pedindo a Deus pela conservação de nosso amado e Honoratíssimo Pai, e também pela saúde do senhor Padre Portail que esteve muito adoentado e o está ainda, embora um pouco melhor, graças a Deus.

Tivemos a honra da Irmã Cecília (6) ficar para dormir aqui esta noite, não tendo se atrevido a voltar por causa dos males de sua perna. Cumprimenta-vos e se recomenda às vossas orações, para que Deus lhe conceda a graça de saber agradecer as muitas que sua bondade lhe concede. As Irmãs vos saúdam de coração, como eu o faço também e sou, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vosso muito humilde irmã e serva.

P.S.- Seguem as estampas das Irmãs de Varize (7), que lhes remeteréis, na primeira oportunidade. Pedi-lhes desculpas por não lhes escrever hoje, já é tarde demais.

Faz dois meses que nossas Conferências estão sendo sobre a explicação das Regras.

C. 617 (L. 560)

*Ao senhor Padre Portail*

Hoje, 13 de janeiro de 1658

Senhor,

Eu, indigna, depois de haver louvado a Deus convosco, pela graça que nos concedeu preservando o nosso Honoratíssimo Pai de um perigo iminente (1), to-

---

(5) Conferência de 6 de janeiro de 1658 (Coste x, 442)

(6) Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2)

(7) Cláudia e Sulpícia Dubois encontravam-se a uns 15 Km.

C. 617 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Vicente levou um tombo ao descer da diligência, a "sua ignominia".

mo a liberdade de pedir-vos que mandeis fazer uma cuidadosa revisão nos defeitos que, a meu ver, a sua diligência tem. São eles: as portinholas têm degraus muito baixos, ao contrário, o corpo da carruagem fica muito alto preso à correia de suspensão. Se bem que isso a torne mais macia, dá tamanhas sacudidas que, indo nela, algumas vezes, tive medo de que os balanços me lançassem contra a porta. Penso, aliás, ser necessário algo em que se possa segurar de cada lado das portinholas, embora já não esteja isso em moda.

É provável que Irmã Rosa (2) esteja esperando mais uma vez, para falar convosco. Se vossa caridade pudesse atendê-la amanhã, vo-la enviaria à hora que determinásseis. Creio, porém, que, depois de escutá-la, se bem vos parecer, uma proibição terminante de voltar a ver-nos sem haver comungado, talvez a ajudasse a recobrar a tranquilidade. Permitti-me recomendar-me a vossos santos sacrificios e orações e redizer-me, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde irmã e obediëntissima serva.

C. 618 (L. 561)

*(Ao Irmão Ducourneau) (1)*

[janeiro de 1658]

É necessário fazer compreender às jovens de Saint Fargeau (2) que solicitem ser recebidas na Companhia das Filhas da Caridade, que esta não é uma ordem religiosa, nem um hospital donde não se sêi, mas, sim, que irão continuamente em busca dos pobres doentes em diversos lugares, nas horas determinadas, faça o tempo que fizer. Que elas se vestem e se alimentam muito pobremente, sem jamais cobrir a cabeça senão com uma touca de tecido, quando for muito necessário. Não podem ter outra intenção, vindo para a Companhia, que a de apresentar-se unicamente para servir a Deus e ao próximo. Nela viverão em continua mortificação de corpo e espirito, tendo vontade de cumprir rigorosamente todas as regras e, de modo especial, a de uma obediência sem réplica.

---

*como ela a chamava.*

*(2) Ana Rosa, ver C. 155 n. 12 e o conteúdo desta mesma carta em que Luísa diz que ela é um pouco escrupulosa".*

C. 618 Rc. 2. Carta autógrafa de 1658

*(1) Em mais de uma carta, se fala de uma nota enviada ao Irmão Ducourneau, sem dúvida, em resposta a uma pergunta sua, feita ao senhor Padre Vicente. Assim se deduz de uma carta sua, uns dias depois, às Irmãs de Saint Fargeau (Coste VII, 49)*

*(2) Ver C. 575 em que se fala desta fundação.*

Saibam também que, mesmo saindo por Paris, não lhes será permitido ir fazer visitas a seus conhecidos, sem licença. Hão de trazer o dinheiro necessário para a viagem e o primeiro hábito.

A experiência fez-nos ver que as jovens que se unem às Irmãs que se acham em lugares afastados, antes de serem recebidas e vestidas na Casa (*Mãe*) não costumam dar certo, porque se persuadem que não terão de fazer outra coisa diferente da que já começaram a fazer.

A senhora Duquesa de Ventadour (3) pede duas Irmãs, achando que não seriam demais para o serviço de seus pobres. Ao dizer-lhe eu que quatro seriam muito, se Deus quisesse devolver a saúde das duas que já estão por lá respondeu-me que se ao senhor Padre Vicente parecesse bem, duas poderiam ser mandadas para São Pedro (4), uma vez que os dois estabelecimentos estão próximos e poderiam de vez em quando mudar de clima. Isso ser-lhes-ia útil à saúde e até às disposições de espírito. Não obstante, sem levar em conta essa proposta, pensamos mandar-lhe uma por causa da necessidade urgente de nossas Irmãs, estando as duas doentes.

Suplico humildemente ao Irmão Ducourneau (6) mostrar essa carta ao nosso Honoratíssimo Pai, dar-nos notícias suas (7) e, se sua caridade julga a propósito que enviemos uma Irmã a La Fère o mais depressa possível. Irmã Juliana Allot (8) é a sugerida.

A maior parte de nossas Irmãs desejava que não se fizesse o embarque para Madagascar (9), sem elas.

---

(3) A senhora de Ventadour (ver C. 306, n. 6)

(4) São Pedro do Monte, a uns 50 Km de Santa Maria do Monte.

(5) Elisabeth Jousteau e Maria Papillon (ver C. 481, n. 3 e 493, n. 3)

(6) Irmão Ducourneau (ver C. 161 n. 1)

(7) Do senhor Padre Vicente

(8) Juliana Allot assinou a Ata de ereção da Companhia, em 1655. Em 1660 estava ainda em La Fère.

(9) Preparavam-se para ir para Madagascar, quatro Pes. da Missão e uma Irmã (ver Coste VII pp. 60 e 86, entre outras).

C. 619 (L. 562)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 1<sup>ª</sup> de fevereiro (de 1658)

Meu Honoratíssimo Pai,

Suplico, humildemente, à vossa caridade, permitir-me que vos peça notícias verdadeiras de vossa saúde e, pelo amor de Deus, que não tenhais pressa de sair.

Nossa Irmã Renata, uma das melhores Irmãs procedentes de Angers, fez, há um ano, com permissão de vossa caridade, os votos pela primeira vez. E, como foi indicada para Santa Maria do Monte, podendo seguir logo, sem saber porém, com certeza, a data, pede fazer amanhã a sua renovação. Falou disso a seu Confessor, cujo nome não sei, tendo ido se confessar justamente por esse motivo e isto lhe foi aconselhado. Se estiverdes de acordo, meu Honoratíssimo Pai, suplico-vos, muito humildemente, no-lo façais saber, dizendo-nos também o que ela deve fazer pois não poderá assistir à Santa Missa que celebrareis (*no andar de*) cima.

Todas nós e eu, embora indigna, suplicamos à vossa caridade que nos ofereça de novo a Nosso Senhor e Lhe peça as graças de que temos necessidade para não Lhe sermos infieis. Dai vossa santa bênção, nessa intenção, meu Honoratíssimo Pai, à vossa muito obediente e agradecida filha.

C. 620 (L. 563)

*Ao Senhor Padre Vicente*

Hoje, 4 de fevereiro de [1658]

Meu Honoratíssimo Pai,

Para aliviar um pouco o trabalho de vossa caridade, havia pedido ao Irmão Ducourneau que vos falasse sobre as disposições interiores em que se encontra a boa moça da falecida senhora Noret. Está entregue a uma profunda melancolia desde que, há um ano, seus pais a tiraram da casa da referida senhorita. Seu po-

---

C. 619 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: janeiro de 1658 (Irmão Ducourneau)

C. 620 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: janeiro de 1658 (Irmão Ducourneau)

(1) Ver a C. 618 e a n. 9 da mesma.

bre espirito sente desgosto por tudo; viu-se intensamente impressionada pelo Retiro Espiritual, porém, não se fortaleceu. Deseja falar com seu confessor de Santo Eustáquio, para que, disse ela, no-la faça melhor conhecer. Creio, meu Honoratíssimo Pai, que seria conveniente que (*esse Padre*) também conversasse convosco antes de deixá-la tomar alguma decisão. Se vossa caridade o julgar conveniente, poderíamos pedir-lhe que nos fizesse o favor de vir aqui, porque, certamente, ele terá mais informações a vos dar sobre ela.

Segue o livrinho que me pedistes. Permitti-me, meu Honoratíssimo Pai, que vos suplique não seja conhecido o nome do autor, não porque receie que haja algo contra a Fé, mas porque poderia parecer uma pequena fraqueza, o haver empregado tempo com isto. Também porque simula esse colóquio com uma mulher.

Fazei-me a caridade de me dar vossa santa bênção e oferecer o desejo de nossas Irmãs para Madagascar (1), assim com a honra de crer-me sempre, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito obediente e humilde filha e serva.

C. 621 (L. 564)

(À Irmã Cláudia Carré) (1)  
(em Angers)

13 de fevereiro de 1658

Minha querida Irmã,

Quero crer que vossa caridade vos estimula sempre, a velar por nossas Irmãs, a fim de adverti-las, cordialmente, e, em particular, sobre pequenas faltas que nelas perceberdes. Também, fazei-as ver as santas práticas que poderão servir-lhes para que suas ações sejam agradáveis a Nosso Senhor. Elas o serão, se feitas por seu amor e, à imitação das Suas quando estava na terra. Suas ações serão perfeitas, se nossas Irmãs continuarem se esforçando por renunciar as suas próprias satisfações, rompendo seus hábitos e inclinações naturais, para contentarem a Deus, servindo ao próximo. Concedei, de vez em quando, tempo às Irmãs para que vos falem em particular, ao menos uma vez por mês, cada uma, mesmo que seja apenas um quarto de hora. Tolerai as faltas que vos manifestarem, porém, nenhuma poderá perceber, por vossa parte, o que as outras vos tiverem dito.

---

C. 621 Ms. A, Irmã Chétif 1 n. 34. Cópia.

(1) Cláudia Carré (ver C. 561, n. 5). Ver também C. 660, n. 2.

Cumprimento a toda a pequena Companhia e suplico a Nosso Senhor, vos cumule de suas graças e de suas mais preciosas bênçãos, por seu puro amor. Nele sou, de todo coração...

C. 622 (L. 565)

*À minha querida Irmã Laurence Dubois  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 16 de fevereiro de 1658

Minha querida Irmã,

Não me estranham todas as vossas dificuldades com as Damas. É comum, onde há hospitais unidos com a Caridade das paróquias, que se dêem desavenças, sem que haja culpa por parte de uns, nem de outros: é que cada um se julga obrigado a defender aquilo de que está encarregado (1). Seria de desejar que as duas coisas estivessem separadas e houvesse regulamentos bem claros determinando o que uns e outros têm de fazer. Porém deveriam ser estabelecidos e isso dependeria, inteiramente, do senhor de Bernay, porque, até o presente, não sei se existem para se lhes poder enviar. O que deveis fazer, em meio a todas essas pequenas divergências, é ser muito humilde, ter grande cuidado para que não vos possam acusar de arrogante ou auto-suficiente. Antes, deveis pensar que sois subordinada a todos e comportar-vos desta maneira, nada fazendo sem a permissão daqueles a quem o senhor Abade encarregou da direção de tudo.

Quanto ao que se refere às contas que deveis prestar, fazei-as sempre com a maior exatidão e o mais humildemente que puderdes. Quanto às Senhoras da Caridade, não deveis olhar a que condição pertencem, para respeitá-las; basta que saibais terem sido recebidas na Companhia, para as honardes como as Mães dos Pobres, vossos Senhores, mesmo não contribuindo com seu dinheiro. Se soubésseis, queridas Irmãs, que humildade, mansidão e submissão Nosso Senhor quer das Filhas da Caridade, sofrerieis se não as praticásseis!

Irmã Ana (2), meu Deus, que fazeis? se não vos sentis bem, vos direi como noutras ocasiões já o fiz, tendes de trabalhar porque a ociosidade fomenta o pe-

---

C. 622 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Ver a C. 555.

(2) Ana Levies (ver C. 594, n. 3)

cado na alma e a indisposição, no corpo. Mesmo pensando, queridas Irmãs, que não tendes nenhuma familiaridade, nem comunicação com externos, não quero deixar de fazer-vos cientes de que o senhor nosso Honoratíssimo Pai na expli-  
cação que sua caridade nos dá sobre os artigos de nossas Regras, assinala-nos e nos faz ver os perigos nesse trato proibido por nossas próprias regras. Todas as nossas conversas e satisfações, se podemos tê-las além das vividas com Nosso Senhor, temos de encontrá-las entre nós. Suplico-Lhe, de todo o co-  
ração, que seu santo amor seja esse vínculo bem forte que una os nossos co-  
rações e Nele sou, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Mostrarei vossa carta ao senhor Padre Vicente. Peço-vos agradecer a Deus, conosco, o favor que sua bondade nos fez, preservando-o numa queda de sua carragem. Pedi-Lhe nos continue esses mesmos favores em todas as outras coisas.

C. 623 (L. 566)

*Às queridas Irmãs,  
as Filhas da Caridade,  
Servas dos Pobres Doentes  
Nantes*

Hoje, 16 de fevereiro de 1658

Minhas queridas Irmãs,

Espero que recebestes a carta que vos enviei há algum tempo, anunciando-  
vos a viagem dos senhores que terão a bondade de levar-vos a presente. Segue  
também uma outra que tive a honra de escrever ao senhor Vigário de Santa Cruz,  
segundo vosso desejo, várias vezes manifestado.

Acredito que nosso Honoratíssimo Pai terá dado plena faculdade a alguns  
destes bons Padres para atender-vos. Por isso, rogo-vos que lhes faleis com to-  
da confiança. Irmã Francisca Ménage (1), por favor, não vos esqueçais de nada e  
lembrai-vos de, uma vez ou outra, dar-nos vossas notícias e também, vós, Irmã  
Andréa (2). Porém, pelo amor de Deus, aprendei caligrafia para que eu possa ler  
com facilidade vossas cartas e responder-vos como o desejamos. Havia pensa-  
do escrever a algumar de vós em particular, mas, não tive tempo e, tão pouco  
quero fazer-vos perdê-lo.

---

C. 623 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Francisca Ménage (ver C. 430, n. 3)

(2) Andréa Maréchal (ver C. 436, n. 1)

Sede muito simples e falai tudo visando Deus, prestando contas, sem pai xão, àquele com quem conversardes, sem outro interesse que o de dar a conhecer os vossos defeitos, para que vos ajudem na correção deles.

Suplico a Nosso Senhor conceder-vos esta graça, recomendando-me às vossas orações e sou, no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Nossas Irmãs da Polônia recomendam-se às vossas orações e todas nós, de Paris, vos saudamos com todo afeto.

C. 624 (L. 567)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 2 de março de (1658)

Meu Honoratíssimo Pai,

Se a pobre mulher, em favor da qual vos fizeram escrever, tem condições de amamentar, não creio haver lugar mais seguro para ela, do que vir para ser ama de leite das Crianças Abandonadas. E, caso exista motivo de se recear que ela queira mudar de opinião ou a sentença do processo que lhe é movido, por sua falta a exilar, isto seria também um meio de guardá-la aqui. Contanto que tenha leite, poderia ficar dois ou três anos. De outro modo, meu Honoratíssimo Pai, não vejo segurança, nestes bairros, para impedi-la de cometer falta semelhante ou outra maior, dado o lugar em que se acha. Se for desterrada, poderia ser posta, sob vigilância, como empregada doméstica em algum lugar a cinco ou seis léguas, sobretudo se seu julgamento não for muito divulgado. A não ser que a vergonha a mantivesse em seu pecado, uma vez que perdeu, por completo, a honra.

Talvez tenha falado (demais) e vos peço humildemente perdão para isso. Aproveito também esta oportunidade, para vos solicitar a santa bênção e a assistência de vossas orações a fim de me obter misericórdia, receando que minhas obstinações passadas, e talvez as presentes, ou as futuras, miserável que sou, sejam causa de minha perda, como a das pobres pessoas que pereceram, embora apenas corporalmente, nestas inudações. Para exercitar vossa caridade, eu vos suplico que acrediteis ser eu, por vontade de Deus, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito filha e serva agradecida.

*Ao senhor Abade de Vaux*

(pelo mês de março de 1658)

Senhor,

Há algum tempo, soube, por vossa caridade, que duas boas jovens desejavam pertencer à nossa Companhia e que já experimentaste estas vocações, conforme tivestes a bondade de no-lo dizer. O senhor Padre Vicente ordenou-me vos suplicasse humildemente, senhor, no-las enviar, se as julgardes aptas.

Quanto ao que se refere às outras quatro, como parece, senhor não terem ainda vossa aprovação, se não virdes nenhum inconveniente em alguma delas, digo-vos o mesmo que para as duas primeiras.

Permiti-me informar-vos, senhor, que a última que vossa caridade nos enviou, chamada Jacqueline (1) e parecia uma pérola entre as jovens de Angers, continua sujeita à fraqueza de seu espírito que a leva à inconstância. Não obstante, alivia-se chorando e me disse que sua inquietação procede da falta de notícias de seu pai. Não é, senhor, que vos peça mandar expressamente sabê-las, porém se nossas Irmãs conhecerem alguém de seu bairro para, de vez em quando, nos dar as notícias que conseguirem, isto seria para ela uma satisfação.

Devo confessar-vos, senhor, que ando um pouco preocupada com nossa querida Irmã Cláudia (2) e com o desgosto que todos ou algumas de nossas Irmãs causam ao nosso Padre Ratier. Suponho, senhor, que ele vos tenha falado sobre o que temos feito para mudar a Irmã Perrine (3). Talvez isso sirva às outras e assim o senhor Padre Ratier (4) veja o serviço que sua caridade presta ao nosso bom Deus pela sua paciência. Suplico a Nosso Senhor recompensá-lo com suas mais preciosas graças.

Pedindo-vos, por seu santo Amor, uma parte em vossas santas orações, rogo-vos, senhor, crer-me, em seu santo Amor, vossa muito humilde e agradecida serva.

---

C. 625

(1) *Jacquine* (ver C. 600, n. 1)

(2) *Cláudia Carré* (ver C. 560, n. 5)

(3) *Perrine* (ver C. 326, n.2)

(4) *Senhor Padre Ratier* (ver C. 82, n. 2)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 10 de abril de 1658

Senhor,

Não saberia como expressar-vos a dor de meu coração ante a leitura das primeiras linhas da carta que tivestes a bondade de escrever-me. É verdade, senhor: faz tempo, admiro vossa paciência; nela sempre reconheci a bênção de Deus e espero que Ele continuará no-la dando. Tínhamos motivos suficientes para achar que a mudança (1) causaria alteração nos espíritos fracos. Permitime, senhor, vos suplique, humildemente, me informeis se Irmã Cláudia (2) assumiu bem o exercício de seu cargo e se faz tudo quanto pode para ganhar as que têm repugnância em aceitá-la; também, senhor, dizei-me quais as que vossa caridade julga necessário serem chamadas, com urgência, para cá.

Pelo que se refere às duas jovens que demonstram desejo de pertencer à nossa Companhia, se as julgardes aptas, senhor, se revelam firmeza de caráter, recebê-la-emos com muita alegria. Sei bem que não lhes dais vosso consentimento, senão depois de experimentá-las bastante. Nossa Irmã Jacqueline (2) está indo bastante bem e já não me parece tão preocupada com o pai.

Tenho grande vergonha de não poder escrever ao senhor Padre Ratier, por este correio. Os negócios de nossa Comunidade vão aumentando e minhas doenças me tomam quase todo o tempo. Sei muito bem que deveria dar-lhe preferência sobre outros muitos, pelas obrigações que temos para com ele. Tenho-as fortemente gravadas no coração, diante de Nosso Senhor, em cujo amor me sinto impelida a dizer-vos, senhor, que sou, com todo respeito, vossa muito humilde e obediente serva.

---

C. 627 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) Mudança da ex-Irmã Servente, *Cecilia Angiboust*.

(2) Cláudia Carré (ver C. 561, n. 5), a atual Irmã Servente.

(3) Jacqueline (ver C. 601, n. 1)

*À minha querida Irmã Laurence Dubois (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Bernay - Normandia*

Hoje, 17 de abril de 1658

Minha querida Irmã,

Fiquei perplexa com o que me dissestes sobre a doença de Irmã Maria (2). E, se não tivesse certeza de que exercestes para com ela a devida caridade, pedir-vos-ia dar-lhe uns remédios, na nova estação. Porém, como me dissestes não esperar que chegue a ficar boa se ela puder vir, sem pôr em perigo sua vida, peço-vos que no-la envieis pelo melhor caminho que houver. Estranha-me que os senhores Administradores a considerem como uma carga para eles, pois é a primeira, desde a fundação, que ficara tão doente. Suponho que terão bastante caridade para pensar que vossos corpos não são isentos das doenças que podem acontecer aos outros. Esta enfermidade é um contratempo que impedirá que nos vejamos em breve, como o pensava, pois é necessário que uma outra seja bem formada antes de poderdes dar uma chegadinha por aqui.

Todas as Irmãs estão bem de saúde, graças a Deus, porém, temos de unir nossas orações pela conservação de nosso Honoratíssimo Pai que está sofrendo muito com sua perna. O senhor Padre Portail está passando bem e continua exercendo sua caridade como de costume e somos obrigadas a rezar por ele. Mandeí dizer-vos que, poderíeis escrever a vosso irmão e ser-me-ia possível fazer chegar, a carta em suas mãos, com toda segurança. Dai-me notícias de tudo e bem detalhadas e crede-me no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa...

P.S.- Saúdo, com todo afeto, a Irmã Maria; aguardaremos sua chegada aqui para vermos melhor quem poderíamos mandar-vos. Já estava pronta esta carta, quando chegou vosso tio pedindo notícias vossas. Disse-nos que vosso irmão e irmãs dividiram entre si os móveis de vossos pais, sem contar convosco. Mandaram porém, fazer um inventário. Deveis pedir uma cópia desse inventário, quando escreverdes a vosso irmão. Depois, veremos se será necessário enviardes uma procuração para a partilha de vossa herança.

Bom dia, minhas queridas Irmãs!

---

C. 628 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475, n. 1)

(2) Maria havia sido enviada para ajudar as duas Irmãs de Bernay.

*À minha querida Irmã Francisca Ménage  
Filha da Caridade  
Nantes*

Hoje, 24 de abril de (1658)

Minha querida Irmã,

Sempre aprecio vosso bom coração que quer dar-nos vossas notícias, porém, peço-vos não vos inquieteis se não vos escrevo com muita frequência, assim como nossas boas Irmãs Ménage (1). Todas têm muito trabalho e posso dizer-vos que não lhes sobra tempo. Irmão Madalena está muito melhor desde que está aqui conosco, na Casa (*Mãe*), onde gozamos de clima muito bom. Irmã Margarida esteve um tanto adoentada, porém, já melhorou, graças a Deus. Quanto à Irmã Catarina, embora seja a última a chegar, vai passar à frente das outras, se possível for, em virtude. Posso assegurar-vos que ela muito me edifica; é preciso pedir a Deus a sua perseverança.

Se tiverdes necessidades de escrever ao nosso Honoratíssimo Pai, podeis fazê-lo em poucas palavras, e enviai-me a carta. Se estiver fechada ou não, podeis ter certeza de que nem eu, nem ninguém, a lerá.

Recomendai-me às orações de Irmã Haran (2) a quem encarrego de saudar a pequena Comunidade. A todas abraço de coração e sou no amor de Nosso Senhor vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Querida Irmã, peço-vos recordar-vos de que deveis ter muito respeito para com as nossas Irmãs mais antigas e acreditar quando nos falarem das santas práticas que nosso Honoratíssimo Pai nos recomendou, em outras ocasiões. Dissestes-me que a algumas não lhes parece bom que me escrevais. Talvez não tenhais entendido o que queriam dizer, isto é que não deveis escrever sempre e sem necessidade.

Quando tiver um portador seguro, enviar-vos-ei uma coroa de Nosso Senhor, pois, as cartas se perdem, com frequência.

---

C. 629 Rc. 3. Carta autógrafa. Endereçada por Irmã Guérin.

(1) As três Irmãs de Francisca Ménage: Margarida, Madalena e Catarina.

(2) Nicole Haran (ver C. 528, n. 1)

*À minha querida Irmã Margarida Chétif (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes em Arras*

Hoje, 30 de abril de 1658

Minha querida Irmã,

Parece-me dever eu queixar-me do que vos queixais de mim, porque vos escrevi várias vezes depois da carta em que me falastes dos votos. Como a recebi muito perto do dia da Renovação e a minha não vos chegaria a tempo, contentamo-nos em acompanhar-vos perante Nosso Senhor, em espírito, com alegria e consolação. Não só por este ato em si, como pela generosidade que tivestes em meio à penosa provação que Ele vos permite para assim O servirdes com maior pureza, desinteresse e fidelidade na perseverança. Admiram-me um pouco, querida Irmã, os pensamentos que vêm a vosso espírito contra a certeza que eu tenha de vossa afeição e a que deveis ter da minha, porque posso afirmar-vos que jamais me parecestes mais de Deus e com maior à vossa vocação, de que agora. Que mais poderia eu desejar de vós, conhecendo a maneira como agis no serviço de nossos Mestres? Deus seja eternamente bendito por isso! Peço à Irmã Radegunda (2) que faça o mesmo, demonstrando-lhes grande cordialidade.

Remeto-vos a letra de câmbio de 100 libras que liquidamos.

Já não há foliculo (3); mando-vos 2 libras de sene - do barato, porém os médicos o aceitam - e meia libra do mais caro. Não vos podemos dar agora a fórmula para fazer o "espírito de Vitriolo" (4) porque não a sabemos.

Segue a que nos venderam para fazê-lo, assim nos disse o comerciante.

Irmã Philippe (5) falou-me não se lembrar de outro remédio para hidropsia, se não o de se dar amiúde um purgante e, às vezes, com goma-quino. Se eu conseguir saber de outra coisa, vo-la direi.

Alegro-me muito por nosso Honoratíssimo Pai vos haver escrito e pela con-

---

C. 630 Rc. 3. *Carta autógrafa. Endereçada por Irmã Guérin.*

(1) *Margarida Chétif (ver C. 357, n. 2)*

(2) *Radegunda Lenfantin (ver C. 553, n. 3)*

(3) *Foliculo: fruto seco que encerra sementes. (Nota da Tradutora).*

(4) *Espírito de vitriolo: possivelmente ácido sulfúrico enfraquecido com a adição de uma certa quantidade de água. (No Dictionnaire de Médecine, Chirurgie, Pharmacie, p. 556, Edição de 1873: "Esprit de vitriol. Acide sulfurique étendu d'eau." (Nota da tradutora).*

solação que vos terá proporcionado. Em nome de Deus, querida Irmã, não mais deixeis entrar em vosso espírito nenhum receio de que eu esteja aborrecida, pois tenho a mais completa certeza de não terdes nenhuma intenção de descontentar-me. Ao contrário, parece-me que Deus aumenta as graças que vos outorga, alegrando-se com vossa fidelidade em meio ao sofrimento e na confiança que tendes em sua Providência. Peço a Nosso Senhor que continue dando-vos suas graças e conceda à Irmã Radegunda a de ser fiel à prática de suas Regras, em tudo o que se refere à perfeição de sua vocação.

O senhor Padre Vicente está um tanto adoentado. Pedi a Deus que no-lo conserve, para sua maior glória.

Nossa Irmã Joana Maria (6) deixou-nos na véspera de São Marcos, depois de haver sofrido muito. Para se amar a Companhia, bastaria que se conhecessem os designios de Nosso Senhor nesta enfermidade e em sua pessoa, assim como os cuidados que lhe foram proporcionados até sua morte e ainda depois desta. Ela foi a primeira a ocupar a casa nova. Sei que não deixareis de ter a caridade de pedir a Deus pelo descanso de sua alma.

Crede-me no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S.- Fizestes muito bem, caríssima Irmã, em escrever a vosso pais, uma vez que tivestes oportunidade.

C. 631 (L. 573)

*(Ao senhor Padre Vicente)*

[maio de 1658]

Não sabia, meu Honoratíssimo Pai, que estivésseis tão doentel Pelo amor de Deus, cuidai-vos!

Tenho pressa de saber de vossa caridade, se achais bom darmos à Irmã Ana (1), para viajar com a senhora Duquesa de Ventadour (2), a Irmãzinha que estava destinada a Cahors. Estou convicta da fimeza de sua vocação para o serviço de Deus; é exata na observância das regras; sabe escrever e isso é muito necessá-

---

(5) *Philippe Bailly* (ver C. 397 n. 2)

(6) *Joana Maria* (ver C. 611 n. 4)

C. 631 Rc. 2. *Carta autógrafa. Dorso: maio de 1658. (Irmão Ducourneau)*

(1) *Ana Hardemont que havia sido destinada a Ussel.*

(2) *Senhora de Ventadour* (ver C. 306, n. 6)

rio para que possamos estar certos de termos notícias do que ocorrer. A referida senhora deseja que as Irmãs estejam prontas para seguirem no dia 8 de maio.

Acho devermos pedir à senhorita de Lamoignon (3) que resolva de uma vez, o que deve ser feito com a senhorita de Chisé. Se desejar que a guardemos aqui, conceder-lhe-emos, se estiver com saúde? E, se estiver doente e devendo-se arranjar-lhe remédio, será bastante pedir-lhe 400 libras, fora a roupa?

Uma de nossas Irmãs novas que há mais de dois meses, faz tudo muito bem, pede ser revestida com o hábito das Filhas da Caridade. Se vos parecer conveniente lhe seja concedido isso, espero que possa ocupar, com proveito, o lugar da Irmã de Haslé (4) que saiu ontem, depois de ter falado com o senhor Padre Portail.

Direi o resto ao bom Irmão (5), se vossa caridade fizer-me o favor de enviá-lo (*aqui*).

C. 632 (L. 574)

### *Ao senhor Padre Portail*

Hoje, 11 de maio de 1658

Senhor,

Receio apressar-vos muito dizendo-vos que nossas Irmãs deverão partir (1) na segunda-feira de manhã, com a senhora Duquesa de Ventadour (2). É que me parece necessaríssimo levassem uma cópia dos principais artigos dos Estabelecimentos (3), especialmente daqueles que se referem à inteira dependência no espiritual, ao não mudar a forma e cor dos hábitos e não lhes será associada nenhuma pessoa, nem acima, nem baixo delas, para o serviço dos pobres. E como não se trata de um hospital já estabelecido, seria preciso, se ao senhor Padre Vicente parecer bem, haja um artigo que determine sejam feitas suas despesas separadamente das dos pobres.

Ao apresentar-vos estas observações, senhor, não tenho intenção de ex-

---

(3) *Senhorita de Lamoignon (ver C. 138, n. 1)*

(4) *O senhor Haslé, cura de São Nicolau até 1650. Sua irmã Maria Haslé estava na Companhia em agosto de 1655 (Ata de ereção Coste XIII, 576)*

(5) *O Irmão Ducourneau (ver C. 161, n. 1)*

C. 632 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) *Ana Hardemont (ver C. 120, n. 2) e Edwiges Vignerón (ver C. 642, n. 3)*

(2) *Senhora de Ventadour (ver C. 306, n. 6)*

(3) *Isto é, os Regulamentos dos Estabelecimentos.*

cluir coisa que vos pareça conveniente fazer constar.

Nossas queridas Irmãs obrigam-se a ter a honra de vos ver, antes de sua partida. Recomendo-me às vossas santas orações e sou no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

P.S.- Não sei se será necessário incluir um artigo que diga que nossas Irmãs estabelecer-se-ão com o consentimento do senhor Bispo.

C. 633 (L. 576)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, segunda-feira [julho de 1658]

Meu Honoratíssimo Pai,

A dúvida de que a Rainha possa pedir a Irmã Maria Marta, (1) de La Fère, deixa-me muito preocupada, pois não estou certa se nossa Irmã Manceau (2) possa desempenhar o ofício de Irmã Servente, embora tenha bem seus quinze anos na Companhia. Isto me fez propor-vos, meu Honoratíssimo Pai, enviar mais uma para La Fère e, se for possível que a diligência ao passar, apanhe nossa Irmã ou então ela fosse esperá-la numa localidade próxima. Assim, seriam cinco. Temos aqui a Irmã Clemência (3) que seria bem apta para Irmã Servente, ou então, a Irmã de Lorena a quem pensávamos chamar para enviá-la a Metz.

Não sei se as notícias que acabo de saber impedirão a vagem, caso sejam verdadeiras. Espero vosso aviso para ir estar convosco e mandar buscar, nas paróquias, as Irmãs que vos propus. Enquanto isso, com todo o meu coração, meu Honoratíssimo Pai, me chamo de vossa muito humilde filha e agradecida serva.

---

C. 633 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: junho de 1658. (Irmão Ducourneau)

(1) Irmã Maria Marta Trumeau (ver C. 72, n. 4) talvez pedida para Calais. Afinal, foi para lá Francisca Manceau.

(2) Francisca Manceau (ver C. 25, n. 5)

(3) Clemência Ferré (ver C. 40, n. 1)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, santo dia de Pentecostes[ julho de 1658 (1)]

Vossa caridade fará o favor de se lembrar que, nas festas de Pentecostes, procede-se à eleição das "oficiais" (*Conselheiras*). Vereis, assim, se há possibilidade de realizá-la hoje mesmo, pois receio de que em outro dia não o consigais.

O Estabelecimento (2) diz que a Superiora será eleita de três em três anos e, até agora, parece estar sendo (*cargo*) vitalício. Se vossa caridade julgar conveniente, poder-se-ia torná-lo eletivo. Eu acharia muito oportuno se isto não trouxesse prejuízo à fraqueza e pretensões que as pessoas de condição social mais humilde inventam facilmente. O referido regulamento não menciona a continuação das três "oficiais". Não obstante, meu Honoratíssimo Pai, isto me pareceria muito útil porque, elas costumam gastar três ou quatro meses, para poderem entrar em exercício. Se vossa caridade o julgar proveitoso, poderíamos começar a pô-lo em prática este ano, porque estamos na impossibilidade de ter Irmãs preparadas, por causa da necessidade de fornecê-las, em tão grande número, a outros lugares.

Queira Nosso Senhor em sua bondade, continuar por longos anos a realização de seus desígnios sobre a Companhia, por meio de vossa santa direção e conceder a mim, a graça de ser, durante a minha vida, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito obediente filha e serva gratíssima.

---

C. 634 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: junho de 1658. (Irmão Ducourneau)

(1) Coste, em "O grande santo do grande século", tomo I p. 419, supõe que as eleições de 1658 deram a Maturina Guérin, Francisca Paula e Joana Gressier o cargo de "oficiais". É, ao menos, o que podemos deduzir de um requerimento em nome da Comunidade, assinada por essas três Irmãs. (Arquivos Nacionais Q 1, 1200).

(2) O regulamento do Estabelecimento da Companhia.

*À Irmã Carcireux (1)*

25 de junho de 1658

Minha querida Irmã,

Agora mesmo acabo de receber vossa carta de 18 de junho, na qual me re-preendeis bastante e com razão, por ter ficado tanto tempo sem vos escrever. Peço-vos, de todo coração, me perdoeis e rogo-vos ajudar-me a não tornar a cair nesta falta. Recebei, também vós, um avizozinho que devo vos dar: querida Irmã, facilitai-me a leitura de vossas cartas, escrevendo desde o princípio, por artigos (2) tudo o que queirais dizer-me. Não penseis que eu não tenha grande alegria quando me dais a honra de comunicar-me, em particular, as vossas notícias, porém, acho-me em tal estado de fraqueza que me canso muito quando leio. Sinto não me lembrar agora do que me pedistes, em vossas cartas anteriores.

Uma vez que o senhor de Beaumont (3) se deu ao trabalho de escrever a nosso Honoratíssimo Pai sobre as duas jovens, creio que sua caridade não deixará de responder-lhe. Porém, a vós vos direi ser da maior importância que seja verdadeira a vocação delas pois a experiência nos tem mostrado que há moças que se servem deste pretexto, para virem a Paris, com a esperança de que se lhes faltar nossa Casa, encontrarão bom emprego por aqui.

Quanto ao que se refere aos aluguéis de vossa casa, nada ouvi falar sobre o assunto, nem recebi a carta na qual, conforme me dissestes, tratava-se disso. Portanto, nada sei, como não sei se estais devendo alguma coisa. Se estiverdes devendo, pagai-a: é razoável que assim o façais, porém, como em todos os lugares onde temos Irmãs, são as Damas da Caridade que se encarregam de seu alojamento, é possível que a senhora Duquesa de Richelieu (4) queria fazer o mesmo convosco.

Acho que o que está atrasando a Irmã de Angers (5) é a doença de duas Irmãs de lá.

Louvo a Deus, pela santa indiferença em que se acham vossos espíritos submissos aos desígnios da divina Providência. Peço-Lhe conservar-vos sempre na união e cordialidade de seu santo amor.

---

C. 635 *Coletânea de trechos, pp. 669 - 670. Cópia*

(1) *Francisca Carcireux que está em Richelieu (ver C. 251, n. 2)*

(2) *Com certeza, em parágrafos ordenados, assunto por assunto. (Nota da tradutora)*

(3) *O senhor de Beaumont (ver C. 542, n. 2)*

(4) *Ana Pussard, esposa de Armando João du Plessis, sobrinho neto de Richelieu.*

(5) *Perrine (ver C. 327, n. 2)*

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 4 de julho de 1658

Senhor,

Devo confessar-vos não haver, para mim, humilhação mais penosa do que a que me proporcionam nossas Irmãs, fazendo tão mau uso dos conselhos que vossa caridade sempre lhes dá. Espero, senhor, com a graça de Deus, que se opere alguma mudança, ou então, que Ele, em sua bondade, nos proporcione o meio de conseguí-la, para impedir que o mal vá crescendo. Agradeço-vos, humildemente, senhor, a ordem que destes à Irmã Cláudia (1) de examinar os supostos pacotes a fim de retirar deles o que não pertença à pessoa que se presume tê-los feito. É verdade que, quando nossas Irmãs partem daqui, não podem levar consigo tudo o que hão de necessitar; se a coisa é assim, não se pode dizer que seja culpada. Seja como for, alegre-me que nossas Irmãs tenham visto este exemplo para que nada seja introduzido fora de propósito.

Não ousarei dizer à Irmã Jacqueline (2) que seu irmão deixou seu pai: seria para ela sofrimento atroz! Se no momento ele não precisa de coisa alguma, esperaremos que se aproxime o inverno para ajudá-lo a se agasalhar.

Ficaria bem feliz, senhor, se chegássemos a ter duas jovens da qualidade que vossa caridade nos anuncia.

Neste instante, senhor, acabo de receber o aviso que vossa caridade se dignou dar-me, a respeito da viagem de vossas boas angevinas (3); pelo que vejo, conheci-as admiravelmente bem. Não deixarei de fazer o que me ordenais, a respeito do senhor Padre Vicente. Ele me manifestou tomar parte em nossa gratidão nara convosco, cujos motivos vão aumentando dia após dia. Tenho de confessar-vos, senhor, ser um grande consolo para mim, ver (como se não vos conhecesse!) que, apesar de o merecer, vós não nos abandonais.

O que vossa caridade me disse sobre o pai e a mãe da boa jovem que nos deixou, muito nos servirá para impedir a tentação que poderia assaltá-la, por este motivo. Servir-me-ei disso, se Deus quiser, assim como dos outros conselhos que tendes a bondade de dar-me. Por eles, agradeço-vos humildemente, se-

---

C. 636 *Rc. 4. Carta autógrafa.*

(1) *Cláudia Carré (ver C. 561, n. 5)*

(2) *Jacqueline (ver C. 601, n. 1)*

(3) *As jovens nascidas em Angers.*

nhor

Não temos noticia da partida de nossa Irmã (4) para Richelieu; isso me preocupa um pouco. O senhor Padre Vicente pede-vos, com todo respeito, que, se virdes a Irmã Cláudia em disposições de renovar seus votos, lhe concedais essa caridade, só por um ano, como é nosso costume fazê-lo. Importa muito que ela conheça as obrigações inerentes a esta ação tão santa e a estima que lhe deve ter, embora sejam apenas votos simples. A ignorância tem prejudicado muito a outras, ou antes, a falta de convicção do que supunham querer. Tenho muitos motivos para considerar-me culpada de todas as faltas cometidas por nossas queridas Irmãs e, por isso, imploro a ajuda de vossas santas orações para me alcançarem misericórdia. Suplico-vos, senhor, bem humildemente, me honreis sempre, acreditando que sou, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 637 (L. 580)

*Às minhas queridas Irmãs  
as Filhas da Caridade,  
Servas dos Pobres Doentes*

Hoje, 5 de julho de 1658

Minhas queridas Irmãs,

Não duvideis de que senti muita pena quando, ao regresso de Irmã Henriqueta (1), soube que foi visto na vossa conduta - tanto de uma como da outra - muita negligência de vossas obrigações. O desejo de vossa perfeição, dada a mim por Deus, faz-me sofrer mais do que poderia expressar-vos. Pelo amor de Deus! pensai na brevidade desta vida e na desgraça das almas que comparecerão diante de Deus cobertas de pecados e infidelidades. Dou-me a mim mesma esta lição, vo-la dando, para estar disposta a vencer-me e a desprender-me das satisfações que não são segundo Deus, renunciando ao mau uso de meus sentidos e paixões, pois, não se pode ressuscitar com Jesus Cristo, se antes não se tiver morrido desta maneira.

Estou muito mal, por isso não posso ter a honra de escrever hoje ao senhor Passet. Peço-vos lhe apresenteis minhas desculpas; rezai por mim e crede-me no amor de Nosso Senhor, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

---

(4) Perrine (ver C. 327, n. 2)

C. 637 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Assinatura de Luisa de Marillac.

(1) Henriqueta Gesseume havia feito visita à Comunidade Chantilly.

*Às Irmãs do Hospital Geral  
em Nantes*

Hoje, 13 de julho de 1658

Minhas queridas Irmãs,

Recebi dois pacotes de cartas que dirigistes à Irmã Henriqueta (1) e, por elas vi que quisestes poupar-me um pouco de trabalho, não me dando, diretamente, tanta notícia. Se concordardes, vou imitar-vos, escrevendo apenas uma carta para toda a vossa Companhia. Rogo-vos renovar vossa coragem de servir a Deus e aos pobres com maior fervor, humildade e caridade, do que nunca. Esforçai-vos por manter o recolhimento interior, em meio às vossas ocupações, especialmente, submetei-vos ao beneplácito divino, abandonando-vos à Providência e não vos entregueis a um cuidado ansioso por conhecer todos os movimentos de vosso espírito. Isso, muitas vezes nos leva a uma virtude imaginária, dá-nos mau humor e, por haveremos lutado demais, caímos, finalmente, no desgosto pela sólida virtude. Digo-vos isso, queridas Irmãs, para consolar as que sofreram, achando que as ocupações exteriores as afastam de tal maneira de agir. A perfeição não consiste nisso, mas, na sólida caridade.

É verdade, queridas Irmãs, que o trabalho muito grande que tendes me dá compaixão. Porém, regozijai-vos em Nosso Senhor com a esperança quase certa que tenho de que, em breve, vos vereis aliviadas. Rogo-vos que continueis sendo edificação para o próximo, consolo dos aflitos e desafogo para os doentes.

Irmã Andréa (2), tendes grande motivo para louvar a Deus pelas graças concedidas à vossa boa mãe e a toda a vossa família. Dizendo-vos isso, parece-me estar tendo notícias vossas, pois, ordinariamente, Deus cuida dos parentes daqueles que Lhe são fiéis.

Quanto à Irmã Ménage (3), creio lembrar-se com frequência que Lhe temos dado notícias de suas irmãs e de toda a sua família, desde que seu bom pai faleceu. No presente, estão todos bem de saúde, graças a Deus. É verdade que houve tropa de soldados em Serqueaux, porém, felizmente, Deus os livrou; temos

---

C. 638 *Autógrafo proveniente de M.C. Dijon. P. Notre-Dame. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) *Henriqueta Gesseaume que estivera dez anos em Nantes.*

(2) *Andréa Maréchal (ver C. 436, n. 1)*

(3) *Francisca Ménage (ver C. 430, n. 3)*

de dar-Lhe graças por todas as mercês que sua bondade nos concede.

Acredito que não estais esquecidas de pedir pela saúde de nosso Honoratissimo Pai, e que o fazei também pela boa viagem dos senhores Padres que partiram para Madagascar; pensa-se que estão indo com segurança. Quatro de nossas Irmãs (4) que estão em Calais, para tratar dos soldados feridos, estão talvez mais necessitadas de orações do que todas as outras (*as daqui*). Elas vos saúdam como eu o faço e sou no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Destes-me grande alegria, prestando-me, rapidamente, conta de vossa oração. Isto me faz crer que quando aprouver a Deus conceder-vos mais tempo, sereis tão fiéis no muito, como o fostes no pouco.

Para o caso de Irmã Ana (5), é preciso que ela ponha uma gota de óleo de arruda no ouvido, à noite, antes de se deitar, tapando-o com algodãozinho; não há nada de melhor.

C. 639 (L. 488)

*À Irmã Laurence Dubois  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 26 de julho de 1658

Recebi vossa carta pedindo o regulamento dos hospitais. Creio haver-vos dito que não há nenhum apropriado para esse lugar, por causa do pouco número de pacientes com que conta. Não obstante, vou mandar buscar uns livrinhos para ajudar na instrução dos doentes. Espero estardes sendo muito submissas às Damas, com relação aos doentes da cidade: o exemplo que lhes derdes, servirá, muito mais que qualquer outra coisa, a entrarem em sentimento de fervor. Quando a senhorita De Croissy (1) voltar e tivermos conversado com ela, poderemos julgar melhor o que for conveniente.

---

*(4) Francisca Manceau, Margarida Ménage, Maria Poulet e Cláudia Muset foram para Calais em junho de 1658. As duas primeiras morreram em fins de julho seguinte (como consta da carta escrita pelas outras duas, a 3 de agosto).*

*(5) Ana de Vaux, nascida em 1629 em Ardivilliers. Entrou para a Companhia das Filhas da Caridade em dezembro de 1651.*

C. 639 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

*(1) Senhorita De Croissy (ver C. 488, n. 3)*

Peço-vos cumprimentá-la, respeitosamente, em meu nome e agradecer-lhe, assegurando-a de que espero sua chegada em Paris, com grande desejo de ter a honra de vê-la, bem como as boas jovens, para as quais peço a Nosso Senhor comunicar-lhes seu espírito para poderem cumprir bem sua santa vontade.

Mando-vos um par de calções, por fazer. Já vos enviei um outro semelhante a esse, pouco antes de a senhorita De Croissy ir a Bernay, porém, não nos dissesstes se o recebestes, nem tão pouco demonstrastes necessidade de outros.

Cumprimento a Irmã Ana (2) e sou, das duas, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Queridas Irmãs, lembrai-vos, vo-lo peço, que uma das principais obrigações de vossas regras é fazerdes todas as ações em espírito de humildade, obediência e caridade.

C. 640 (L. 582)

*À Irmã Genoveva Doinel (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Chantilly*

Hoje, 27 de julho de 1658

Minha querida Irmã,

Estamos vos devolvendo o alçaçuz que nos enviastes porque não convém guardá-lo. Quando chegou estava tão verde como o que se pode encontrar em Chars: porém, levando-o e trazendo-o, acabará por secar-se.

Fiquei muito contente em saber que as duas se acham com melhor saúde. De todo o coração, louvo a Deus por isso! Há pouco vos escrevi uma carta na qual vos pedia apresentásseis minhas excusas ao senhor Pesset, por não me dar a honra de lhe escrever agradecendo-lhe todas as atenções que sua bondade tem para convosco. Rogo-vos revelar-lhe vossa gratidão pelo respeito e obediência. Saudai-o em meu nome.

Dissestes que nos enviastes alguma coisa junto com o alçaçuz, porém, nada vimos. Ser-vos-íamos muito agradecidas se nos mandásseis umas bagas de zimbro.

---

(2) Ana Levieis (ver C. 594, n. 3)

C. 640 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Genoveva Doinel (ver C. 353, n. 3)

Recomendo-me às vossas orações e sou no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Irmã Maria (2), soube que estivestes mais doente do que eu pensava. Lembrai-vos disso: uma das coisas que mais serve para a saúde do corpo, é a submissão do espírito ao beneplácito de Deus.

C. 641 (L. 583)

*À minha querida Irmã Nicole Haran (1)  
em Nantes*

Hoje, 8 de agosto (1658)

Minha querida Irmã,

O senhor vigário de Santa Cruz deu-me a honra de escrever-me, é verdade, sim. Porém, tive também de responder-lhe e, pelo mesmo portador, escrevi à Irmã Francisca Ménage (2), dando-lhe numerosas notícias de sua família. Peço-vos procurar saber se estas cartas chegaram ou não, a seu destino. Receio bastante que se tenham extraviado, assim como várias outras, pois, me parece não ter demorado tanto em vos escrever, como o dissestes.

Se tivesse sabido da partida do senhor Pocquelin, não teria deixado de confiar-lhe algumas cartas. Quando tiver a honra de vê-lo, agradecer-lhe-ei as visitas que vos fez e me informarei demoradamente de vossas notícias, porque, as que me dais, parecem-me muito resumidas. Creio haver escrito à Irmã Andréa (3) e também sentiria que sua carta se tenha perdido. Repararei tudo isso na próxima semana, se Deus quiser, porque nesta temos várias ocupações que me impedem.

Nosso Honoratíssimo Pai continua como de costume, graças a Deus, e também o senhor Padre Portail. Não deixeis de rezar pela saúde de ambos, para que, por muito tempo dêem glória a Deus, neste mundo. Cumprimentai, respeitosamente, em meu nome, o senhor Vigário de Santa Cruz e recebei, todas juntas, as afetuosas lembranças de nossas Irmãs que se recomendam às vossas orações. Pela graça de Deus, não sei de nenhuma que esteja doente, nem das de longe, nem das de perto. Em seu amor, sou, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

(2) *Maria Navain* (ver C. 573, n. 2)

C. 641 *Arquivo da Congregação da Missão, n. 16. Carta autógrafa.*

(1) *Irmã Nicole Haran* (ver C. 528, n. 1)

(2) *Francisca Ménage* (ver C. 430, n. 3)

(3) *Andréa Maréchal* (ver C. 436, n. 1)

*Às muito queridas Irmãs  
(Irmã Ana Hardemont e Irmã Edwiges Vignerón, em Ussel) (1)*

(1658)

Minhas mui queridas Irmãs,

Estou preocupada pelo estado em que possais encontrar-vos, pois, há muito tempo não me dais notícias e, também, pos saber, querida Ana (2), se recebestes uma carta que vos mandei, há umas seis semanas, acho eu. Nela, entre outras coisas, prometi à Irmã Edwiges (3) escrever-lhe pelo primeiro correio, o que não pude fazer pois fiquei quase todo o tempo doente. Dizia-vos também que a senhora de Ventadour (4) não me havia respondido à proposta que lhe fizera de mudar da casa para o hospital. Acredito que esteja esperando tomar bem suas providências para fazer, ao mesmo tempo, a fundação. Isto é penoso para pessoas que queiram ver logo realizados os designios de Deus e poderem trabalhar com todas as suas forças, como para isso se deram a Deus de todo seu coração. Queridas Irmãs, se quisermos contentar a este bom Deus, não olharemos tanto para o que quereríamos fazer, como para o que Ele quer que façamos. Desde que seu amor vos chamou a seu serviço, bem sabia Ele que serieis enviadas a Ussel e o que terieis de fazer aí, nos começos. De antemão, aceitou vossa submissão a seu divino querer, o qual consiste em fazerdes somente o que sua Providência vos apresenta, unindo a isso, a prática exata de vossas regras e o serviço aos poucos pobres que tendes, com a maior perfeição, doçura e caridade. Nosso Senhor não deixará de saber encontrar-vos, quando quiser vos dar outro trabalho.

---

C. 642 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Carta sem endereço e sem assinatura. Parece que falta a 2ª parte do parágrafo.

(2) Ana Hardemont (ver C. 120, n. 2)

(3) Edwiges Vignerón entrou para a Companhia pelo ano de 1646-1647. Foi enviada a Ussel em 1658. Encontrou aí numerosas dificuldades. Expressou com veemência, seu sofrimento a Luisa (Coste VII, 429) e a Vicente (Coste VIII, 410)

(4) A senhora de Ventadour (ver C. 306, n. 6)

*Ao senhor Padre Vicente*

[setembro de 1658]

Necessito consolar-me com vossa caridade, meu Honoratíssimo Pai, da perda de nossa pobre Joana Batista (1), por minha culpa, não tendo ousado falar-vos claramente da má conduta, do que se passou no Nome de Jesus (2), pelo que muito sofreu, por sua timidez. Ela foi-se embora às 7 horas da manhã e só o fiquei sabendo às 4 da tarde.

Que hei de fazer, meu Honoratíssimo Pai? Tenho muita pena porque a creio inocente das últimas suspeitas. Mandaremos procurá-la nas Filhas da Madalena, onde tem uma Irmã ou na casa de uns parentes seus que conhecemos? Mandarei chamar a mulher do Nome de Jesus que sempre saía com ela, para informar-me de sua conduta na rua, sem nada lhe contar de sua partida? Procuraremos conseguir o mais que pudermos (*informações*) das Irmãs do Nome de Jesus para ver se chegamos a descobrir o que foi feito dela?

Como este contratempo me faz ver a necessidade de as Filhas da Caridade serem submissas e dependentes das que fazem as vezes de Superiora! Seu procedimento mais independente, desde algum tempo, a fizera muito apegada. E creio que um temor mais vão do que razoável é que a colocou no estado em se encontra. Não duvido de que vossa caridade rezará por ela e me perdoará as faltas que cometi neste caso, advertindo-me dessas, como de todas as minhas outras, para ajudar-me a me corrigir. Assim, vo-lo suplico, humildemente, por amor de Deus, pelo qual sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e obediente serva.

---

C. 643 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: setembro de 1658. (Irmão Ducourneau)

(1) Joana Batista (ver C. 271, n. 5)

(2) O hospício - ou asilo - do Santo Nome de Jesus.

*À minha querida Irmã Laurence Dubois  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Bernay*

Hoje, 11 de setembro de 1658

Minha querida Irmã,

Não me falastes de quais peças de vestuário necessitais; se forem "chemisettes" (1), parece-me que a Irmã Ana (2) não precisa e para vós já enviamos uma ou talvez as tenhamos mandado para as duas. Dizei-me se tendes urgência.

Com muito gosto recebemos esta boa moça, esperando que dará certo; o que me leva a recear um pouco é ser ela muito jovem.

Tendes razão, minha cara Irmã, em não querer sobrecarregar de "doubles" (3) os mensageiros. Não quero acreditar que o resto tenha para vós grande importância, porque não o permitiriam nem vosso desejo de perfeição nem os exemplos de Irmã Bárbara (4). Estou querendo notícias vossas bem cheias de detalhes, quando a senhorita de Croissy (5) regressar. Já começo a sentir a alegria da consolação que receberei ao tomar conhecimento de todo o bem que vai dizer-me de vós e de minha querida Irmã Ana. Cumprimento-a de todo coração, como também o fazem nossas Irmãs. Permanecendo no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, sou vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 644 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) É possível tratar-se da parte do hábito assim chamada pelas Irmãs, até à mudança do hábito em 1964. Lembremo-nos de que no mês dezembro anterior (ver C. 614) Luísa lhe havia enviado somente uma saia ou "cota". (Nota da tradutora).

(2) Ana Levies (ver C. 594, n. 3)

(3) Moeda de cobre de pequeno valor. Talvez por isso seriam necessárias muitas dessas moedas, portanto, muito peso... (Nota da tradutora).

(4) Bárbara Angiboust (ver C. 6, n. 1)

(5) Senhora De Croissy (ver C. 488, n. 3)

*À minha querida Irmã Genoveva (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Chantilly*

Hoje, 12 de setembro de 1658

Minha querida Irmã,

Nem sei manifestar-vos minha pena por saber que já não tendes convosco uma Irmã que leia para vós as minhas cartas, dada a necessidade e obrigação que temos por parte de nossas Regras, de não nos comunicar com os de fora. Este é um dos maiores impecilhos que conheço (2) para a união e cordialidade que deve existir entre duas Filhas da Caridade. Farei todo o possível para que a Irmã que vos enviar, supra esta falta, pois, conheço muito bem o sofrimento que tivestes, depois de terminado vosso tempo de permanência (3) quando sentistes necessidade de aliviar o coração com as criaturas.

Agradeço-vos, afetosamente, vosso belo presente e me fareis um grande favor se me enviardes favas de zimbros, quando estiverem bem maduras.

Peço-vos cumprimentar com todo respeito, em meu nome, o senhor Pesset e o senhor Cura de São Firmino a quem suplico humildemente perdão pelas preocupações que vós e nossa Irmã (4) lhe proporcionastes. Espero que daqui para frente agireis com mais simplicidade, segundo o espírito de Nosso Senhor, em cujo amor sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 645. Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Genoveva Doinel (ver C. 304, n.3)

(2) Comunicar-se com os externos.

(3) Na Casa Mãe.

(4) Maria Novain (ver C. 573, n. 2) havia sido chamada a Paris, em fins de julho ou princípios de agosto, após a visita de Henriqueta Gesseume (ver C. 637)

*À Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

Hoje, 16 de setembro de 1658

Minha querida Irmã,

É favorável demais a ocasião que o senhor Prior de Varize me oferece, para deixá-la passar, sem me dar a alegria de escrever-vos e recordar-vos que eu não estava apressando a me mandar uma das Irmãs, mas, unicamente cedia à proposta que me fazíeis. Se precisardes de uma, dizei-me e quando nossas Irmãs regressaram de Calais (1), não deixaremos de dar-vos uma para o lugar da que me enviastes.

Estou muito preocupada com o caso tão desagradável de vossa casa. Peço-vos informar-me se a situação está muito tranqüila e também o que conseguistes a respeito da clausura (2). Espero que tenha sido feito com a maior delicadeza possível.

Nossas Irmãs de Varize estão me pedindo alguns hábitos, porém a letra delas é tão ruim e tenho tão pouco tempo para chegar a entendê-la, que não sei mesmo dizer o que desejam. Já tomastes o trabalho de ir vê-las? Farme-eis um grande favor se me avisásseis quais são suas necessidades, pois, parece-me me contastes que elas compraram alguns hábitos. Gostaria de saber o que está havendo.

Vossa carta demorou tanto que não pude dizer-vos não se conveniente que a Irmã Ana fosse à feira. Não terá ido, com certeza, a não ser que uma grande necessidade vos tenha obrigado a mandá-la.

Deveis ter recebido carta de Irmã Cecília (4). Continua bem de saúde, graças a Deus, e espera, em paz, a ocasião em que a Providência queira permitir-lhe encontrar-se convosco. Nisso ela segue vosso exemplo, querida Irmã.

---

C. 646 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) *As Irmãs voltariam de Calais em outubro desse mesmo ano.*

(2) *Muitas pessoas (homens e mulheres) entravam nos quartos das Irmãs. Irmã Bárbara Angiboust conseguiu, com bondade, remediar tal abuso.*

(3) *Ana Bocheron (ver C. 602, n. 6)*

(4) *Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2)*

Soubestes da morte de Irmã Francisca Manceau (5) e da Irmã Margarida Ménage (6) com as "armas na mão"? Deus as levou enquanto serviam os pobres doentes e feridos de Calais. Ambas imploram vossa caridade, a das três, como eu vos peço a ajuda de vossas orações pelas necessidades da Companhia, agora mais prementes que nunca, e, pelas minhas que requerem misericórdia. Para isso, crede-me, no amor de Nosso Senhor, minha mui querida Irmã, vossa humilde irmã e serva.

C. 647 (L. 590)

*À minha querida Irmã Genoveva (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Chantilly*

Hoje, 17 de setembro e 1658

Minha querida Irmã,

Mais do que a vós, me aborrece o não poder enviar-vos uma Irmã tão depressa como vós e eu o desejaríamos. Estamos devendo, mais de dez a diversos lugares, contando convosco e, temos dificuldade em encontrar quem esteja em condições. Porém, nossas Irmãs de Calais (2) avisaram-nos que estão quase na hora de voltar. Assim teremos alguma. Não esperaremos, querida Irmã, por esta ocasião para vos dar a vossa: espero poder fazê-lo no final da primeira semana.

Receio muito que vos prejudiqueis com o envio dos pequenos presentes que costumais dar-nos e molesteis também a quem encarregais de no-los trazer. Peço-vos atenção para o fato e, como não é coisa feita ordinariamente por

---

(5) Francisca Manceau (ver C. 325, n. 5)

(6) Margarida Ménage já se achava na Comunidade em 1653. Depois de longa permanência na Casa Mãe, foi enviada a Calais em 1658. Ali morreu vítima de sua dedicação pelos soldados infectados de peste, pelo final de julho de 1658.

C. 647 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Genoveva Doinel (ver C. 304, n. 3)

(2) No mês de agosto, em auxílio das sobreviventes de Calais - Maria Poulet e Cláudia Muset - as Irmãs Henriqueta Gesseaume, Maria Cuny, Joana e Francisca partiram para lá. Provavelmente, por terem adoecido, Francisca e Maria Cuny deverão voltar antes, em setembro. Mas pela C. 655 de 7 de setembro, pode-se deduzir que Maria Poulet e Joana também tenham regressado nesta data. As duas restantes, Henriqueta e Cláudia

todas as Irmãs, não gostaria de que as que estão convosco pensassem ser preciso fazê-lo.

Destes-me grande prazer com o envio das bagas de zimbro. Vo-las agradeço.

Cumprimentai, eu meu nome, bem respeitosa-mente, o senhor Pesset. Fa-zei-o lembrar-se das 200 libras que nos devem e que sua caridade nos deu es- peranças de recebê-las.

Farei o possível para remeter-vos as Regras, quando vossa Irmã seguir, a fim de ajudar-vos a adquirir a perfeição que desejai e pela qual, há tanto tempo, lutais. Suplico a Nosso Senhor conduzir-vos até ela, por seu Espírito, e sou, em seu santíssimo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Estamos vos devolvendo vossa cesta e o pano.

C. 648 (L. 591)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 19 de setembro de (1658)

Meu Honoratíssimo Pai,

Não sabia que meu filho estivera convosco em Champlan (1), mas, o senhor seu cunhado me disse que ele o faria e me apresentou a coisa como assunto de família, bastante importante: um certo esfriamento das boas relações entre minha nora e suas primas de Proutière e Lestang o que seria muito a se lastimar, caso continue. Falar-vos-ei sobre o motivo, se Deus quiser.

Uma Irmã de São Roque (2) veio avisar-me que não podia entender-se com a outra Irmã, nem se acostumar na paróquia e não queria mais voltar para lá. Há muita coisa a se dizer dela. Mande-i-a retornar e lhe prometi falar disso com vos-sa caridade. Penso porém, ser preciso que saibais de tudo para poderdes julgar.

Creio, meu Honoratíssimo Pai, que a melhor ocasião para as sangrias, em pessoas de nossa idade, é a da lua cheia e para tomar purgantes, o quarto min-

---

*prolongaram sua permanência; a 17 de novembro, porém já se encontravam em Paris, pois que, na Conferência deste dia, Henriqueta está presente.*

C. 648 Rc. 2. Carta autógrafa.

*(1) Champlan, localidade do cantão de Longjumeau, no departamento de Sena e Oise, a pouca distância de Paris.*

*Nela moravam os pais de Gabriela Le Clerc, nora de Luisa de Marillac.*

*(2) São Roque: paróquia de Paris.*

guante, a fim de evitar excessiva evacuação.

Esqueci-me, esta manhã, de perguntar a vossa caridade que ordem seguir no Retiro da boa Religiosa de quem vos falou o senhor Capelão de Chantilly (3). Ela já está aqui, desde hoje; é uma pobre infeliz quanto à sua condição, porém, é possível que sua alma necessite de ajuda. Poderia ela estar com algum dos vossos Padres? ou então, faremos o que pudermos entre nós Irmãs e eu, para ajudá-la?

Vossa caridade me fará o favor de responder. Se consentirdes, farei esta viagemzinha e, à vista de minhas necessidades, farei-me a caridade de auxiliá-me poderosamente com vossos santos conselhos e orações, a sair de minhas misérias e a tirar-me do erro se nele estiver, além de dar-me a honra de crer-me, pela vontade de Nosso Senhor, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e serva agradecida. (4).

C. 649 (L. 592)

*Às minhas mui queridas Irmãs  
as Filhas da Caridade  
Servas dos Pobres Doentes em Ussel*

Hoje, 20 de setembro de 1658

Minhas mui queridas Irmãs,

Temos numerosos motivos para louvar a Deus pela paciência que vos deu e a bênção que, sua bondade derramou, depois, sobre os projetos de nossa boa e respeitável Duquesa (1). Tenho certeza de que quereis dar a Nosso Senhor os testemunhos de fidelidade que lhe deveis, sobretudo, se faltastes em alguma coisa. Quanto maiores são as dificuldades que um lugar oferece ao serviço (2),

---

(3) O senhor Padre de la Hode.

(4) São Vicente respondeu na mesma carta de Luisa:

*Sim, a senhorita Le Gras poderá arranjar um coche e nós lhe daremos o cocheiro e os cavalos.*

*Creio que fará bem em fazer esta curta viagem, a fim de unir mais estreitamente os corações da família ... (ver Coste VII, 264).*

C. 649 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Duquesa de Ventadour (ver C. 306, n. 6)

(2) Ana Hardemont e Edwiges Vigneron estão desanimadas perante as dificuldades encontradas em Ussel.

O senhor Padre Vicente também lhes escreve para fortalecê-las em sua vocação. (Coste VII, 232).

seja por falta de meios, seja por outros motivos, tanto mais se deve esperar o auxílio do Céu, se quisermos trabalhar por puro amor, como me alegro, crendo ser esta a vossa intenção.

Quero muito que chegue o dia da volta da senhora (*Duquesa*) para saber em que estado deixou o problema. É preciso não pensar, queridas Irmãs, que essas boas pessoas puseram obstáculos à fundação, mas, antes, que a prudência pede se reflita maduramente sobre a situação, como deve ser feito, em assunto de tamanha importância. Parece-me estar compartilhando vossa paz e tranquilidade e que concentrais todas as vossas energias para não formardes senão um só coração e vontade, a fim de fazerdes e quererdes somente a vontade de Deus.

Não entendo bem, minha cara (Irmã) Edwiges o que dizeis de vossa irmã. É preciso evitar que faça o projeto de visitar-vos quando bem lhe aprouver. Rogo-vos, queridas Irmãs, que ora uma, ora a outra, me digais algo sobre como viveis a caridade. Se vos resta algum tempo para observar as Regras, às quais fostes tão fiéis na Casa (*Mãe*), pela misericórdia de Deus. Suponho lembrardes da promessa que nos fez, a esse respeito, nosso Honoratíssimo Pai, numa Conferência, quando disse: "se guardarmos nossas regras, elas nos guardarão". Isso é importante, pois, temos necessidade de sermos preservadas em várias coisas. Vede assim, o poder que temos em nossas mãos. Peça a Nosso Senhor nos conceda a graça de saber aproveitá-lo bem, e sou, em seu santíssimo Amor, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 650 (L. 587)

*À Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

(setembro de 1658)

Minha querida Irmã,

Dissestes-me em vossa última carta que a Irmã (1) deveria ir para a devoção da Santa Lágrima (2), por isso nada vos falei, pensando que a referida peregrina-

---

C. 650 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Ana Bocheron (ver C. 602, n. 6)

(2) Célebre peregrinação em Vendôme, onde se verena uma lágrima de Nosso Senhor. Vendôme fica a 40 Km. de Châteaudun.

nação já fora feita. Não sei a que distância fica e suponho lhe tenhais arranjado uma boa companhia. Não vos envie uma Irmã, pelas mesmas razões que me apresentastes. Bendito seja Deus por não ser tão grande a necessidade! Quanto ao que se refere às nossas Irmãs de Varize, parece-me seria muito necessário que Irmã Cláudia (3) desse uma chegada aqui, tanto para provê-la de hábitos, como pelas outras que conheceis. Se puderdes mandar uma de vossas Irmãs para ficar com Irmã Sulpícia (4), seria muito bom; do contrário, teria de ir para vossa casa a fim de não ficar sozinha. Informai-me, por favor e, se tiverdes algo a avisar-me, fazei-o, para (*eu saber de tudo*) quando a Irmã estiver aqui. Aliás, deveis explicar-lhe ser costume de vir de vez em quando à Casa (*Mãe*), para não lhe ocorrerem pensamentos que a magoem. Não penseis, nunca, minha cara Irmã, que me causais pena, dizendo-me o que for. Meu coração não é assim e, jamais fica tão feliz do que quando as Irmãs me falam com o seu aberto de par a par.

Nosso Senhor continua concedendo-nos a graça de dar forças e saúde a nosso Honoratíssimo Pai. O senhor Padre Portail, de vez em quando, tem suas doenças. Irmã Cecília (5) está bem, graças a Deus. Reconhece a necessidade de vir à fonte e realiza muito bem os planos de Deus sobre si. Cumprimenta-vos como também o fazem as outras Irmãs e eu, que sou, no Amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde e afetuossíssima serva.

C. 651 (L.593)

*Ao senhor Padre Vicente*

[setembro de 1658]

O que eu disse que vossa caridade deveria saber, refere-se à conduta da Irmã que não quer ficar sujeita em São Roque (1), nem a uma pessoa determinada. Voltou para lá e a coisa pode esperar por minha volta, caso eu possa ir.

---

(3) Cláudia (ver C. 606, n. 4)

(4) Sulpícia Dubois entrou para a Companhia das Filhas da Caridade, antes de agosto de 1655.

Em novembro de 1659, foi a Paris para falar sobre as virtudes de Bárbara Angiboust. (Coste X, 675)

(5) Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2)

C. 651 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: setembro de 1658. (Irmão Ducourneau)

(1) Ver a C. 648.

Receio um pouco que a Senhora de Marillac (2) e toda sua família se dêem por ofendidos ao saberem que estive tão perto e não tenha ido vê-la, como ocorreu em outros anos em que me neguei a fazê-lo. Se vossa caridade não vir inconveniente nisso, peço-vos dois dias e vos devolvarei os cavalos, no domingo de manhã, se estiver com forças suficientes. A outra coisa a vosdizer, meu Honoratíssimo Pai, é o motivo de desavença entre as pessoas a quem visitarei e que serviço posso prestar-lhes, em primeiro lugar, com maus conselhos. Isso não é tão urgente como o de Ollainville (3). Se vossa caridade quiser ter a bondade de responder-me, espero essa vossa decisão com inteira submissão, como Deus tem sempre concedido a graça de fazê-lo, à vossa pobre filha e serva.

P.S. - Acabo de receber a certeza de que poderei contar com um coche amanhã de manhã, além da ajuda dos cavalos e cocheiro que vossa caridade quer ter a bondade de no-los emprestar.

C. 652 (L. 594)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Châteaudun*

Hoje, 29 de setembro de 1658

Minha querida Irmã,

Uma curta viagem (1) que tive de fazer, impediu-me ler vossa carta assim que chegou. Muito me alegra a notícia da melhora da saúde de nossas Irmãs de Varize. Não sei se recebestes as cartas que remeti para a casa do senhor de Varize, antes de sua partida daqui. Nela vos solicitava informar-me se tinheis visto se nossas Irmãs precisavam de hábitos.

Uma vez que achastes bom que Irmã Ana (2) fizesse sua viagem a Vendôme, rogo a Nosso Senhor abençoá-la para seu consolo e assim possa servi-Lo com mais facilidade. Tentarei dissuadir seu irmão do intento de ir vê-la, pois as-

---

(2) Joana de Marillac, a mulher de Miguel, Conselheiro no Parlamento, encontra-se em sua herdade de Ollainville.

(3) Ollainville está a 13 km de Champlan.

C. 652 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.

(1) Luisa de Marillac tinha ido ver sua família em Champlan e em Ollainville (ver carta anterior)

(2) Ana Bocheron (ver C. 650)

sim o desejais.

Não sei se as Irmãs de Varize conhecem o costume das Irmãs de que seus vencimentos são aplicados não apenas em sua manutenção, mas também no pagamento do pano de seus hábitos, ainda que sejam enviados por nós. Bem o sabeis, querida Irmã, não poderíamos aguentar todas essas despesas.

Cumprimento minhas caras Irmãs, como o fazem todas as daqui, e a vós, de todo coração. Não deixarei de apresentar vossas respeitosas saudações ao senhor Padre Vicente e ao senhor Padre Portail, a quem ainda não vi depois de meu regresso, e sou, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde e afeiçoadíssima irmã e serva.

C. 653 (L. 595)

*Ao senhor Padre Vicente*

[outubro de 1658]

Meu Honoratíssimo Pai,

Nossa Irmã Francisca Fanchon (1) aconselhou-se, hoje, com o senhor Padre Portail a respeito de seu desejo de fazer, amanhã, dia de São Francisco sua renovação anual. Ele não vê impedimento a isso. A Irmã suplica a vossa caridade, se bem lhe parecer, a ofereça a Deus, da maneira em que deve fazê-lo, e eu, sempre cheia de misérias, peço vossa bênção e orações.

Estou um tanto aflita por ficar tanto tempo sem vos falar. Deus o quer, pois assim o permite!

A senhora de Marillac, a Carmelita (2), deseja muito que lhe vá levar notícias de Ollainville (3) e a senhora sua filha me disse que irá lá no sábado. Se vossa caridade mo permitir, aproveitaria a ocasião de poder servir-me de seu coche,

---

C. 653 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: outubro de 1658 (Irmão Ducourneau).

(1) Francisca Fanchon, nascida a 25 de junho de 1625, em Couche-les-Pots, região de Picardia, entrou para a Companhia das Filhas da Caridade a 9 de agosto de 1644. Permaneceu na Casa Mãe, onde foi, sucessivamente, jardineira e cozinheira. Fez seus primeiros votos em 1649. Não sabia escrever e, com uma simples cruz "assinou" na ata de ereção da Companhia, em agosto de 1655. Depois, passou a ser Irmã Servente na Paróquia de Sain-Médard.

Na Conferência após sua morte acontecida a 12 de agosto de 1689, suas companheiras enalteceram sua grande caridade e compaixão para com todos.

(2) A prima (por afinidade) de Luísa de Marillac (ver C. 88, n. 1)

(3) Ver a carta 651.

amanhã, para dar prazer à sua mãe.

Sinto não ter notícias de nossas Irmãs de Calais (4), nem das de Metz (5), desde que para lá partiram, embora já lhes tenha escrito. Permitti-me perguntar-vos se sabeis de alguma coisa. Tende a bondade de crer que sou, verdadeiramente, meu Honoratíssimo Pai, vossa mui pobre e indigna filha e serva.

C. 654 (L. 519)

*(À Irmã Hardemont) (1)*  
*(Ussel)*

(1658)

Minha querida Irmã,

É preciso amar o beneplácito divino em todos os acontecimentos permitidos por sua Providência. Realmente estais em grandes dificuldades e sofrimentos. Se não fosse a esperança na assistência do espírito de Deus para dirigir-vos como o necessitais, temeria muito que esse trabalho não desse resultado. Submetamo-nos a Deus desde agora, queridas Irmãs, para querermos tudo quanto aprouver à sua bondade aconteça-vos. É bem verdade que necessitais de grande suporte e condescendência e, sobretudo, de grande mansidão e discrição em vossa conduta. Não vos inquieteis muito tempo sem ver as coisas no estado em que podereis desejá-las. Fazei o que puderdes, em grande paz e tranquilidade para deixardes espaço aos designios de Deus sobre vós e não vos preocupeis com o resto. Não podíeis fazer outra coisa senão obedecer à S... (2).

Desejo, de todo coração, que todas as vossas ações e palavras testemunhem que agis somente por essa obediência.

---

(4) As Irmãs de Calais já estavam voltando para Paris.

(5) Madalena Raportebled, Margarida Ruhaut, Maria Papillon e Bárbara haviam seguido para Metz, a 26 de agosto de 1658.

C. 654. Ms. A. Irmã Chétif 1 n. 42. Cópia.

(1) Manuscrito de Margarida Chétif, série Ana Hardemont.

(2) A senhora Duquesa de Ventadour (ver C. 305, n. 6)

*À Irmã Henriqueta Gesseume  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes e Feridos em  
Calais (1)*

Hoje, 7 de outubro de 1658

Mui querida Irmã,

Andei preocupadíssima convosco e com Irmã Cláudia (2); peço a Nosso Senhor vos conserve na boa saúde com que estáveis, quando nossas Irmãs partiram daqui. Elas chegaram bem, graças a Deus, embora Irmã Maria Cuny (3) continue bem fraca e Irmã Francisca (4) esteja com muita febre o que nos faz temer seja perigosa a sua enfermidade.

Rogo-vos, querida Irmã, não trazer para cá um tal colchão que deu muito o que falar. Entregai-o em mãos de pessoa que recolheu as outras roupas. O que veio, está muito bom para nele se deitar nossa pobre irmã doente. Fazei o possível para não dar margem a que se fale do comportamento de nossas Irmãs. Elas devem permanecer sempre em grande prudência e desapego das coisas da terra.

A provisão de manteiga de nossas Irmãs bastou para a viagem e o boião chegou inteiro. Isso me faz pedir-vos, querida Irmã, ver se existe, por aí, alguma xícara ou taça grande do mesmo material ou algum tipo de vasilha pequena, e me farieis um grande favor, trazendo-nos umas.

Se a diarréia de Irmã Cláudia continuar, rogo-vos fazer ferver raízes de chicória com um pouco de erva-espim, ambas em bastante quantidade (*de água*). É um remédio de efeito rápido, porém muito desagradável de tomar, se não for acompanhado da lembrança do fel e vinagre que deram de beber a Nosso Senhor, na cruz. Desejo, de todo coração, que possais logo sair desse clima

---

C. 655 Rc. 3 *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Junto ao endereço está escrito: Às Religiosas Dominicanas de Calais.*

(2) *Cláudia Muset foi, em junho de 1658, para Calais a fim de cuidar dos soldados feridos. Escreveu a Luísa de Marillac, junto com Maria Poulet, uma carta admirável, a 3 de agosto, comunicando-lhe a morte de Margarida Ménage e Francisca Manceau, sua própria doença e a de Maria Poulet.*

(3 e 4) *Como foi dito na C. 647 n. 2, estas Irmãs - Maria Cuny e Francisca - regressaram doentes a Paris, em fins de setembro. Luísa de Marillac não fazendo menção na presente carta de Maria Poulet e Joana, é de se supor que elas duas também já tivessem voltado, talvez acompanhando as duas doentes. (Nota da tradutora).*

tão ruim, para não terdes uma recaída.

Rogo-vos cumprimentar, com respeito, esse bom Capuchinho que tanto serviço tem prestado às nossas Irmãs. Recomendo-me às suas orações e também às das bondosas Religiosas com as quais estiverdes. Suplico a Nosso Senhor seja vossa recompensa e, em seu santo amor, sou vossa muito humilde irmã e afeiçoadíssima serva.

C. 656 (L. 597)

*À minha querida Irmã Genoveva (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Chantilly*

Hoje, 7 de outubro de 1658

Minha querida Irmã,

Imagino a alegria que tivestes com a chegada de nossa querida Irmã Luísa, da qual conheceis o caráter agradável e cheio de boas disposições. Senti muito haver demorado tanto em mandar-vos uma Irmã, porém, ela-vos contará os motivos e todas as dificuldades que tivemos depois da volta de Irmã Maria (2).

Espero, querida Irmã, que juntas renovareis o desejo de praticar todas as nossas regras. (*Irmã Luísa*) vos dirá o assunto da última Conferência (3); creio que ele vos servirá muito para cobrar nova estima por nossa vocação.

Peço-vos nos envieis a roupa de Irmã Maria na primeira oportunidade. Cumprimentai, com todo respeito, o senhor Pesset. Dizei-lhe que a boa religiosa fez aqui o seu Retiro e, depois, comunicou-me que voltará para seu convento.

Irmã Luísa dar-vos-á notícias de todas as nossas Irmãs, pelas quais vos peço orações. Crede-me no santo amor de Deus, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Penso que ficareis aliviada por já não terdes de pedir que vos leiam as cartas senão à nossa Irmã, porque a comunicação com as pessoas de fora é um dos maiores sofrimentos e um dos maiores perigos.

---

C. 656 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.*

(1) *Genoveva Doinel (ver C. 304, n. 3)*

(2) *Maria Navain (ver C. 573, n. 2)*

(3) *Conferência de outubro de 1658 sobre: Levantar-se, oração, ângelus... (Coste X, 564)*

*Às minhas Filhas da Caridade (1)  
Servas dos pobres doentes  
Hospital de Ussel - Lemosin*

Hoje, 26 de outubro de 1658

Minhas queridas Irmãs,

Até que enfim, a boa senhora Duquesa (2) chegou a Paris! não havia tido a honra de vê-la, até ante-ontem, quando se deu ao trabalho de vir aqui. Disse-me que me escrevera cinco vezes desde sua partida. Entretanto, só recebi uma carta sua.

Louvo a Deus, de todo coração, pelo bem que se dignou fazer ai por intermédio da referida senhora e pelos meios que ela vos deixou para o continuardes, embora, não atinjam ainda a medida do desejo que tem de aliviar os pobres. Agiu com prudência, ordenando que fossem bem conhecidas as necessidades deles. Falou-me que sempre estivesdes com (eles), e isso lhe proporcionou grande alegria.

Talvez achareis estranhas as comidas dessas bandas, que consistem em sopa feita com óleo. Porém, quando virdes ser costume da região, e que a pessoa de quem mais gostais (3), assim o julgo, apenas sai de uma enfermidade, toma logo sopa com óleo, a fim de novamente ter apetite, já não tereis tanta pena dessa gente. Enfim, a boa senhora Duquesa espera que a caridade vossa, produza ai muitos frutos e, também eu sempre pensei assim. Conhecendo as oposições existentes, agistes com prudência, contentando-vos com o que a senhora vos deixou; porque sei muito bem que sua intenção não é que isso seja para o ano inteiro, e, aliás, a liberdade que vos deu de pedir mais se o necessitardes, é suficiente.

Enviamo-vos duas seringas e quatro êmbolos, conforme nos pedistes. Como nos dissestes que deveriam ser baratos, não vos mandamos os boiões, pois, não custam menos de 32 soldos cada um. Poderemos vo-los enviar noutra ocasião; as duas seringas e os quatro embolos ficaram em 8 libras.

Irmã Edwiges, não me esclarecestes sobre o que me falastes de sua irmã; vou me informar mais pormenorizamente.

---

C. 657 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Assinatura de Luisa de Marillac.

(1) Ana Hardemont (ver C. 120, n. 2) e Edwignes Vigneron (ver C. 642 n. 3)

(2) A Duquesa de Ventadour (ver C. 406, n. 6)

(3) É provável que aluda a São Vicente, oriundo de uma região bem próxima (Nota da tradutora).

Peço-vos notícias vossas o mais amiúde que (puderdes).

Sou vossa muito humilde irmã e afeiçoadíssima serva.

P.S. - Suponho que os motivos de dissipação do espírito que tivestes, agora vos servirão para maior recolhimento e sujeição da curiosidade que não for para as coisas que vos sirvam à perfeição. Peço-vos, Irmã, Edwiges, quando cantardes para vos distrairdes juntas, que tomeis cuidado para que os de fora não vos ouçam. Sei que ensinareis tudo o que for possível às meninas pobres, recordando-vos que o mais necessário é o relativo ao conhecimento de Deus e seu amor. É também, querida Irmã, que como verdadeira Filha da Caridade, tomeis tudo o que vos for dito, para aquela a quem, na terra representais, a verdadeira (*Mãe*) do Céu, sem atribuir-vos dupla explicação, mas, com a simplicidade que Nosso Senhor vos recomenda.

Envio-vos as seringas por meio da Senhora Duquesa: ela e sua camareira tiveram a bondade de encarregar-se disso.

C. 658 (L. 599)

*À minha querida Irmã Genoveva (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Chantilly*

Hoje, 11 de novembro de 1658

Minha querida Irmã,

Estou um tanto preocupada, vendo continuarem vossas indisposições. Isso me faz achar que os ares de Chantilly não vos façam bem. Aliás o que dissestes sobre os negócios, leva-me a pensar que seria muito necessário que viésseis até aqui, numa curta viagem, para junto da senhora Fouquet (2) tentardes conseguir uma nova ordem para a subsistência dos pobres. Não convém que peçais dinheiro emprestado para isso. É também muito estranho não receberdes o vosso, nem o poderem pagar-vos.

Por esta vez, não escrevo à Irmã Maria (3), a quem rogo não deixar de dar-nos notícias e receber muito bem as meninas da escola a quem poderá ensinar a

---

C. 658 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Genoveva Doinel (ver C. 304, n. 3)

(2) Senhora Fouquet, a esposa do superintendente da Fazenda ou Finanças.

(3) Maria acaba de chegar em Chantilly para substituir a Irmã Luísa.

fazer meias de estame (4), porém, e sobretudo, o catecismo e a prática de virtude. Tenho certeza de que terá tanto trabalho quanto puder fazer, e, a considerarei muito feliz por achar tempo suficiente para praticar suas regras.

Sobre o resto do que me falastes, conversaremos quando vierdes; rogo-vos seja o mais depressa possível. Assegurai à Irmã que não ficareis mais de oito ou dez dias por aqui, se Deus quiser.

Apresentai meus humildes respeitos e acatamento à senhora Marquesa de Saint-Simon (5), como também à senhora Duquesa, se estiver aí. Saudai, igualmente, em meu nome, o senhor Pessete e, crede-me, as duas, no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde e afetuosíssima irmã e sêrva.

C. 659 (L. 600)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sábado [novembro de 1658]

Parece-me, meu Honoratíssimo Pai, que é muito necessário que vossa caridade diga à nossa Irmã Estefânia (1), que deve ir para Angers. Dar-lhe-eis a conhecer as disposições que terá no serviço que vai desempenhar lá: que se mostre facilmente acessível às Irmãs que lhe desejarem falar; seja discreta, guardando segredo de tudo que lhe for confiado; evite tanto quanto possa as excessivas delicadezas de corpo e espírito, que só buscam as próprias satisfações; que seja firme na observância bem exata das regras, sem prejudicar o serviço dos pobres; e, que se mostre exteriormente alegre; inspire confiança àqueles senhores e a tenha neles e, tudo o mais que sabeis muito melhor do que eu, que nada faço que valha a pena.

Se achardes bom, esperamos fazer com que as Irmãs (2) sigam na segunda-feira. Se vossa caridade puder nos fazer a Conferência (3) sobre a continuação das regras, seria muito proveitoso para umas três ou quatro (Irmãs) que, neste dia voltarão para as aldeias. Suplico a Nosso Senhor que vos dê força para isto, e peço-vos por seu santo amor, uma parte em vossas orações. Eu que sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa pobre e indigna filha e serva.

---

(4) *Estame: fio de tecelagem.*

(5) *A marquesa de Saint-Simon (ver C. 219, n. 2)*

C. 659 Rc. 2. *Carta autógrafa. Dorso: novembro de 1658, (Irmão Ducourneau).*

(1) *Estefânia Dupuis já era antiga na Companhia das Filhas da Caridade. Em 1655, encontrava-se em Paris. Em novembro de 1658, parte para Angers como Irmã Servente. Deixará Angers, em dezembro de 1659.*

(2) *Iam partir para Angers, Estefânia Dupuis, Maria Bertrand e Catarina*

(3) *A Conferência foi realizada no domingo, 17 de novembro de 1658. (Coste X, 582)*

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 17 de novembro de (1658)

Senhor,

Tive a honra de escrever ao senhor Padre Ratier pelo último correio, para fazê-lo ciente da partida de nossas Irmãs e da minha alegria por Deus nos haver permitido o cumprimento deste dever.

Posso dizer-vos, senhor, que acredito termos escolhido três bons elementos. Espero que Deus lhes conceda a graça de cumprirem suas obrigações. Ao senhor Padre Vicente pareceu que Irmã Estefânia (1) que é antiga na Companhia e posso dizer na prática da virtude também, poderá ajudar muito a nossas Irmãs, junto com Irmã Cláudia (2). Talvez, senhor, ela pareça um pouco tímida, mas, posso afiançar-vos que está muito bem disposta à submissão e presumo, será muito fiel aos conselhos de vossa caridade. Esperamos o mesmo de Irmã Catarina e de Irmã Maria Bertrand. São essas as três designadas para Angers.

Segundo o parecer expresso pelo senhor Padre Ratier e, se for também o vosso, Irmã Michelle (3) irá com Irmã Maria (4) para Nantes. E, por obséquio, senhor, que não mais se demorem em Angers, porque nossas Irmãs (*de Nantes*) são apenas quatro e estão em grande dificuldade.

Se meus pecados não se opuserem à misericórdia de Deus, espero que essa divina misericórdia se derrame sobre nossas pobres Irmãs, para permitir-lhes trabalhar com maior fidelidade em Seu serviço, contanto que continuem tendo a dita de se verem ajudadas por vossa santa direção e os trabalhos que o senhor Padre Ratier se dá para mantê-las nesta prática. Para nós será uma nova obrigação de lhe sermos reconhecidas diante de Deus, e para mim, de redizer-me, em seu santíssimo amor, senhor, vossa muito humilde e muito obediente serva.

---

C. 660 Rc. 4. Carta autógrafo.

(1) Estefânia Dupuis (ver C. anterior)

(2) Cláudia Carré (ver 561, n. 5). As dificuldades na comunidade fizeram necessário o envio de uma nova Irmã Servente. Cláudia permaneceu em Angers e voltou a tomar a direção da Companhia de 1659 a 1667.

(3) Parece que Michelle chegou em Angers, em novembro de 1651.

(4) Maria Gaudoin (ver C. 473, n. 1)

*À Irmã Bárbara (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

Hoje, 24 de novembro de (1658)

Minha querida Irmã,

Como demorastes em dar-me vossas prezadas notícias! Louvado seja Deus, por serem boas!

Não chegastes a dizer-me se Irmã Ana (1) foi, finalmente, a Vendôme. Quando à mudança entre Irmã Marta (3) e Irmã Sulpícia (4), creio que, enquanto estiverdes em Châteaudun, seria bom fazê-la. Parece-me conveniente que Irmã Cláudia (5) venha aqui, viagem rápida e, enquanto isso, se puderdes prescindir de Irmã Marta, poderíeis mandá-la a Varize, e depois que estivesse por lá uns dois ou três dias, isso lhe bastaria para poder ficar sozinha; então, ela vos enviaria a Irmã Sulpícia. É melhor porém, não falar disto com a Irmã (Cláudia) porque, é preferível fazê-lo em sua ausência. Irmã Laurence (6) não vos esquece; disse que suas alunas vos pedem vir celebrar a festa de Santa Catarina com elas; também vos manda dizer que a mãe do senhor Hare está muito doente. Contou-nos ainda que lhe foi pedido ir ver o hospital de Erbée (7); parece-lhe que têm intenção de pedir Irmãs para lá. Dizei-me se sabeis que lugar é este.

O senhor Prior de Varize andou por aqui. Se Irmã Cláudia vier logo, poderá fazer seu. Retiro e regressar antes que ele passe de novo. Irmã Cecília (8) está trabalhando muito em sua perfeição. Uma de vossas Irmãs veio visitá-la e disse estarem bem todos os da família.

Suplico a Nosso Senhor continue derramando sobre vós suas santas graças, como sobre as Irmãs a quem cumprimento, sendo em seu santo amor,

---

C. 661 Rc. 3. Carta autógrafa. P. S., letra de Irmã Guérin.

(1) Bárbara Angiboust (ver C. 7, n. 1)

(2) Ana Bocheron tinha ido fazer a peregrinação de Santa Lágrima, em Vendôme.

(3) Marta estava em Châteaudun (ver C. 602, n. 8)

(4) Sulpícia Dubois estava em Varize (ver C. 650, n. 4)

(5) Cláudia também estava em Varize (ver C. 602, n. 4)

(6) Laurence Dubois (ver C. 475, n. 1) antiga companheira de Irmã Bárbara, em Bernay.

(7) Cidade difícil de se situar. Poderia ser Ernes, no departamento de Calvados ou Ernée, no de Mayenne.

(8) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2)

querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva afeiçoadíssima.

P.S. - Rogo-vos explicar à Irmã Cláudia que é costume que se venha aqui, de vez em quando, para fazer o Retiro e a maneira como deve aproveitá-lo.

C. 662 (L. 602)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, domingo<sup>1</sup> [dezembro de 1658]

Meu Honoratíssimo Pai,

Não ousei manifestar à vossa caridade, em nome de toda a Companhia de nossas Irmãs, que nos consideraríamos muito felizes se nos colocardes amanhã, no santo altar, sob a proteção da Santíssima Virgem. Não ousei suplicar à vossa caridade que nos alcançasse a graça de fazer por nós o que teríamos de realizar e faremos, se vossa caridade o aprovar e no-lo ensinar.

Faz dois anos, que nossa Irmã Bárbara (1), a pequenina, em dia como o de amanhã, fez seus votos para sempre, depois de tê-lo renovado durante cinco anos. Ela vos suplica, meu Honoratíssimo Pai, ofereçais a Deus sua renovação. Há mais outra de nossas Irmãs que falou com o senhor Padre Portail para emití-los pela primeira vez; mas, não a conheço bastante, para poder-vos assegurar o que este bom Padre lhe permitiu; chama-se Jacquette. Permitti-me suplicar-vos, humildemente, que ofereçais a renovação de todas as outras, mesmo que não tenha sido neste dia (*que tenham feitos os votos*).

Perdoai-me todas as faltas que tenho o atrevimento de cometer contra o respeito que vos devo; dai-me a honra de crer-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde...

*non. pedir à vossa caridade de no conceder  
a graça de podermos sempre proclamá-la nossa  
Unia Mãe.*

*Ver pg. 618 janeiro L. 602*

C. 662 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: dezembro de 1658. (Irmão Ducourneau)

(1) Bárbara Bailly (ver C. 421, n. 2)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade  
Sera dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

Hoje, 8 de dezembro de 1658

Minha querida Irmã,

Alegro-me muito por terdes recebido tão depressa as minhas cartas, mas peço-vos considereis cuidadosamente, se o caráter de Irmã Marta (1) se ajustará com o de Irmã Cláudia (2). Pela Irmã Cláudia, quando voltar, vou mandar-vos, se Deus quiser, o tecido que me pedistes. Dizei-me se, além disso, vos parece bom enviar-vos o hábito para Irmã Sulpícia (3), a pequena. Rogo-vos porém dar-me resposta o quanto antes, porque não podemos reter aqui por muito tempo a Irmã Cláudia, por receio de estar fazendo falta em Varize. Irmã Cecília (4) que está aqui, vos saúda de todo o coração. Não sei expressar-vos a alegria que sinto, vendo-as tão submissas ao beneplácito de Deus. Parece-me que nisto honrais a disposição de São João Batista que se privava de ver Nosso Senhor, embora soubesse muito bem ser Ele o Messias. Suplico a Nosso Senhor continue cumulando-vos de suas graças e sou em seu santíssimo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva afeiçoadíssima.

P.S. - Apresento-vos as saudações muito afetuosas de todas as nossas Irmãs, como também à Irmã Ana (5), de modo muito especial as de Irmã Joana Gressier (6), que tem feito um bem imenso. Está aqui na Casa (*Mãe*). Também vos saúdo, assim como nossas duas Irmãs de Varize, se as virdes.

---

C. 663 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) *Marta (ver C. 601, n. 8)*

(2) *Cláudia (ver C. 602 n. 2)*

(3) *Sulpícia Dubois (ver C. 650, n. 4)*

(4) *Cecília Angiboust (ver C. 36, n. 2)*

(5) *Ana Bocheron (ver C. 602 n. 2)*

(6) *Joana Gressier (ver C. 510, n. 4)*

C. 664 (L. 603)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 21 de dezembro de [1658]

Meu Honoratíssimo Pai,

Pelo receio que tenho de que a geada volte, tomo a liberdade de dizer-vos: para mim, a dor de vossa perna cessaria se tomásseis um purgante. Permitti-me vos apresentar uma maneira de fazê-lo que me ensinaram e não causa nenhum transtorno: colocar, em infusão, o peso equivalente a um escudo de sene, durante aproximadamente uma hora, na quarta parte de meio sextário (1) do primeiro caldo da sopa costumeira, tirado enquanto está fervendo. Pode ser ingerido ao se chegar à mesa, ou depois dessa pequena quantidade sozinha e bem quente, tomar uma sopa. Isto repetido durante dois ou três dias, faz efeito de remédio forte, porém não debilita. Se vos sentirdes bem e o fizerdes uma ou duas vezes na semana, contribuirá para o alívio de vossas pobres pernas. Esquecia-me de dizer-vos que isto não impede bebero caldo demanhã, nem de jantar na primeira mesa.

Parece-me ter sido o senhor de Lorne, ou algum outro médico de fama, que ensinou esse segredo. Ele o vem aplicando há mais de 30 anos. Nós nos consideraríamos felizes de vo-lo preparar, para que o experimentásseis e, ainda mais continuardes, se Deus abençoar esta prova, cujo uso não pode prejudicar, como a experiência parece demonstrá-lo.

Perdoai-me esta liberdade, como vossa caridade o faz com tantas outras que tomo, e, crede-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e muito obediente serva.

C. 665 (L. 604)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 25 de dezembro de 1658

Peço-vos humildemente perdão, meu Honoratíssimo Pai, porque depois de o nosso remédio estar preparado às 10, no fim de meia hora, esqueci-me dele,

---

C. 664 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: 1658. (Irmão Ducourneau)

(1) Sextário: antiga medida de capacidade.

C. 665 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: 1658. (Irmão Ducourneau)

por completo. Consolei-me pensando que, se vossa caridade me perdoar e o achardes conveniente, recomeçaremos amanhã. Se os remédios anteriores surtiram efeito, atuando sobre os humores grossos, creio que o de amanhã deveria ser mais intensivo e tomado desde pela manhã, para que acabasse de reabsorver as serosidades. (*Poderia ser*) ou umas 24 gramas de cornachin (1), ou o peso de dois escudos de sene com um pouco de cristal (2) e de ruibarbo, acrescentando-se a esta infusão, nosso bom xapore de flor de pessegueiro. Parece-me, meu Honoratíssimo Pai, que isto vos faria bem e nos ajudaria a recobrar depressa a honra de ver-nos. Espero que vossa bondade me responda sobre isso e também me ajude para que a indiferença sobre meu estado interior e tudo o que se refere ao serviço de Deus e minha salvação, não me sirva de condenação, por lisongear-me e enganar-me com a crença de que Nosso Senhor quer tolerar tudo em mim, até minha vida cheia de caprichos no que se refere à minha conduta particular, tudo o que me faz temer ser de nome, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e serva obedientíssima.

1659

*Estabelecimento das Filhas da Caridade em Vaux e Narbona.  
Visita do senhor Padre Dehorgny a Nantes, Cahors, Ussel.*

C. 666 (L. 605)

*Ao senhor Padre Vicente*

(31 de dezembro de 1658)

Meu Honoratíssimo Pai,

Louvo a Deus de todo o coração porque vossa caridade se antecipa a que vos manifestemos nossas necessidades e, por isso, agradeço-vos, humildemente. Essas coisas oferecem grande segurança a meu coração: se não fosse

---

(1) Segundo o Padre Castañares, em nota a esta carta, "cornachin é remédio purgante que recebeu o nome do médico italiano Marco Cornachini, por havê-lo enaltecido, num livro seu, embora não seja seu descobridor."

(2) Igualmente o Padre Castañares explica que se dava este nome a um composto de salitre e enxofre, fundidos num crisol.

C. 666 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: janeiro de 1659 (Irmão Ducourneau)

assim teria grande dificuldade em suportar vossa tão prolongada ausência. Pensai um pouco, meu Honoratíssimo Pai, num meio pelo qual eu possa fazer uso para não errar, nem perder-me, tendo de viver assim, sem dar-vos a conhecer meu estado e sem receber nenhum conselho nem comunicação.

Permiti-me perguntar-vos se experimentastes melhora em vossa perna e se podemos esperar vossa pronta recuperação.

Estamos nas últimas horas do ano. Lanço-me a vossos pés para suplicar a vossa caridade me obtenha misericórdia; não espero outra senão a de Deus, quando me chamar a prestar-Lhe contas. É unicamente para esse momento que imploro vossa caridade, por causa de minhas infidelidades e contínuas imortificações que me fazem ofender a Nosso Senhor, com tanta frequência.

Parece-me restar ainda algo a fazer para a consolidação da Companhia; se vossa caridade quiser permitir-me que lhe envie um lembrete, o farei embora tenha de enrubescer de vergonha.

Todas as Irmãs esperam, com grande desejo, a honra de vos ver. Dai-nos a Deus na forma que Ele o quiser e fazei-me a honra de crer-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

P.S. - Minha enfermidade não me deixou terminar ontem esta carta e começo o ano com muita fraqueza e dor, de espírito e de corpo. Por isso e por todas as minhas necessidades, peço à vossa caridade sua santa bênção e também para a Companhia.

Havia pedido ao senhor Padre Portail que, por amor de Deus, suplicasse à vossa caridade, fosse celebrada, em vossa igreja, uma Missa cantada por nossa falecida Irmã Bárbara (1), como uma das mais antigas da Companhia e fidelíssima à sua vocação. Todas as Irmãs seriam convidadas e creio que para elas seria um grande consolo e estímulo para serem boas.

Seguem nossas estampas e máximas para o ano. Vo-las envio para que depois de as benzerdes, possamos distribuí-las como de costume, em vosso nome. Assim alcançaremos a graça de fazer bom uso delas.

---

(1) Bárbara Angiboust (ver C. 7, n. 1) havia falecido no dia 27 de dezembro de 1658, em Châteaudun.

*À Irmã (Nicole Haran) (1)*  
*Nantes*

Hoje, 4 de janeiro de 1659

Minha querida Irmã,

Suplico ao amor de Nosso Senhor que inflame vosso coração com suas santas chamas, para que vossa querida Comunidade perceba algumas centelhas deste fogo, através da cordialidade e suporte que costumais ter. Formulo o mesmo desejo a todas as nossas queridas Irmãs, a quem, em espírito, abraço no amor de Nosso Senhor, já que estas virtudes são absolutamente necessárias a todo cristão e, mais especialmente, às Filhas da Caridade. Louvo a Deus de todo o coração pela escolha que sua Providência fez de nossas caras Irmãs de Angers (2), para Nantes. Oh! quanto bem espero delas pela gratidão que as animará, ao pensar na fidelidade que devem ter. Rogo-lhes prestar atenção e considerem que para agradar a Deus não é necessário sentir sempre alegria e consolação, pois que o Filho de Deus fez a obra da salvação do mundo, no meio de tristezas e dores. É muito razoável que, se quisermos ter parte em seus méritos, sobrepujemos e aceitemos os sofrimentos.

Acabo de receber vossas cartas, porém não tenho tempo de lê-las agora. Digo-vos somente que aprovou a Deus afligir-nos, levando para Si, nossa querida Irmã Bárbara Angiboust (3) que nos legou grandes exemplos de virtudes tais que, penso que se nossas Irmãs os conhecessem, isto bastaria para animá-las na conquista da bem-aventurada eternidade.

Suplico a Nosso Senhor iluminar-vos, a todas, dando-vos sua santa bênção no começo do ano, durante o qual vos desejo a fidelidade no cumprimento da santíssima vontade de Deus, na qual sou, como de todas as nossas queridas Irmãs, vossa muito humilde e afetuosíssima Irmã e serva...

---

C. 667 Caderno III, p. 26. Cópia.

(1) Nicole Haran (ver C. 528 n. 1)

(2) Maria Gaudoin e Michelle (ver C. 560 nn. 3 e 4)

(3) Bárbara Angiboust (C. 7 n. 1), falecida a 27 de dezembro de 1658.

*À minha querida Irmã Andréa Maréchal (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Liancourt*

Hoje, 8 de janeiro de 1659

Minha querida Irmã,

Admiro vossa paciência em não vos queixardes de mim, porque não vos escrevi até agora, quando o faço, para regozijar-me convosco, pela graça que Deus vos concedeu. Fiquei sabendo do bem que fizestes desde vossa chegada e continuais realizando-o neste trabalho que Ele vos dá e no modo como Ele o quer.

Espero que Deus vos dará suas graças para a santa perseverança, tão necessária para nossa salvação. Remeto-vos vossa certidão de batismo que as Irmãs de Nantes me enviaram. Se nela vossa idade está mais avançada do que o pensáveis, tende em conta que o mesmo ocorre com a morte: chega mais depressa do que supomos.

Rogo-vos saudar, em meu nome, a Irmã Joana (2). Penso terdes recebido ao mesmo tempo as estampas de 1° do ano que vos enviamos e também, que tendes grande desejo de esforçar-vos por imitar esses bons santos e a máxima que a Providência permitiu vos tocarem por sorte. Suplico a Nosso Senhor vos conceda a graça que Lhe pedireis para isso e sou, em seu santo amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e afeioadíssima serva.

---

C. 668 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Andréa Maréchal (ver C. 436, n. 1) voltou de Nantes, no final do ano de 1658.

(2) Provavelmente Joana Pangoy (ver C. 220, n. 4)

*À Irmã Maria Donion (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Brienne*

Hoje, 8 de janeiro de 1659

Minha querida Irmã,

Não duvideis de que penso sempre em vós, e, com pesar, por estardes sozinha, embora tenha grande confiança na orientação de Deus e de vosso Anjo da Guarda. Acredito também que a submissão que sua bondade vos concedeu, vos sirva de consolo: é o que peço a Nosso Senhor e de todo coração. Sou-vos grata pela alegria de vossa prezada carta, cuja espera já se me fazia longa. Então, tivestes muitos afazeres, desde a partida de nossa Irmã (2)? Ela está, apenas, começando seu Retiro... por essa razão não vos responde.

Não vos preocupeis com a perda dos lençóis, pois, não houve nisso culpa vossa. Quanto ao que se refere à ovelha, se era vossa, podeis dizer: Deus ma havia dado, Deus ma tirou. Seja bendito seu santo nome por nós e por tudo quanto nos pertence!

A Irmã não deixará de transmitir vossas mensagens ao senhor Padre Portail; não acrediteis porém no que vos disseram dele, pois tem uma caridade muito grande para com todas as suas filhas.

Não vi o bilhete do qual me falais, para o Irmão Mateus (3), mas, podeis assegurar a seu irmão que ele está bem, graças a Deus, e voltou para Borgonha, há dois ou três dias. Não deixareis de transmitir-lhe notícias de seu irmão e falar-lhe do interesse que tem por ele.

Pensava em lhe mandar uma Irmã já nesta viagem, porém, a senhora Condessa de Brienne mandou-me dizer para esperar até que converse comigo. Isso me aborreceu um pouco; não obstante, é preciso submeter-se.

Quanto a todas as jovens de que falastes à Irmã Catarina (2), ela me porá a par quando terminar seu Retiro e, depois, vos comunicaremos o que deveis dizer-lhes. Enquanto isso, peço-vos consolá-las e ajudá-las a conhecer a vontade de Deus.

---

C. 669 Rec. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Maria Donion (ver C. 448, n. 2)

(2) Catarina Baucher (ver C. 562, n. 1)

(3) Irmão Mateus Regnard (ver C. 564, n. 3).

Envio-vos, da parte de nosso Honoratíssimo Pai, a estampa que vos coube por sorte, rogando-vos recebê-la juntamente com a bênção das graças que pediu a Deus por vós e para toda a Companhia. Sei que não deixareis de interceder por sua conservação e, multiplicareis vossas orações por esta intenção agora em que se acha doente, a fim de alcançardes de Deus seu completo restabelecimento. O senhor Padre Portail, durante todo o inverno, esteve enfermo; no momento já está como sempre, embora nossas Irmãs não tenham a consolação de falar-lhe, senão raramente, por causa desta sua doença. Já sabeis, querida Irmã, que Deus teve por bem chamar para Si a nossa boa Irmã Bárbara Angiboust, no dia de São João Evangelista, às sete da manhã. A devoção que demonstrou durante toda a sua doença, a conformidade de sua vontade com a de Deus e sua paciência vendo-se morrer aos pés de Jesus Crucificado, dão-nos muito a conhecer o que foi sua vida e o amor que Deus tem para com os que Lhe são fiéis em cumprir seus designios. Suplico a Nosso Senhor nos conceda essa mesma virtude e sou, em seu santo amor, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e afeiçoadíssima serva.

P.S. - Ir. Catarina cumprimenta-vos, afetuosamente, como também o fazem nossas Irmãs; e como novidade: Deus quis manifestar que era nosso rei (4).

C. 670 (L. 603)

*À minha querida Irmã Laurence Dubois (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Bernay*

Hoje, 9 de janeiro de 1659

Minha querida Irmã,

Suplico a Nosso Senhor seja vossa força a alegria no começo deste ano, a fim de ajudar-vos a carregar, generosamente, por seu amor, todas as cruzes que aprouver à sua bondade enviar-vos.

---

*(4) Possivelmente seja alusão a que não tinha saído para ninguém a surpresa da "fava" da rosca de Reis. Ninguém tendo sido rei ou rainha, Luísa de Marillac o interpreta como Deus querendo demonstrar que Ele era o único Rei. Ver P. S. da Carta 402. (Nota da tradutora).*

C. 670 Rc. 3. Letra de irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

*(1) Laurence Dubois (ver C. 475n n. 1)*

É verdade que, a escolha dessas moças, não deu certo; a patroa da última não pôde, assim como nós, ficar com ela; parece-me ter voltado (*a seu povoado*). Quanto à pequena, não penseis em no-la enviar pois é muito jovem ainda de espírito e de corpo. Dizei a seu pai, de minha parte, que sua filha continua na mesma disposição que ela lhe comunicou, Pedi-lhe desculpas por eu mesma não lhe escrever, porque não me acho bem. Por isso, rogo-lhe que venha buscá-la. Fazei-o compreender que, como durante todo o tempo nos foi inútil e, portanto, um fardo, ele terá de pagar (*a viagem de volta*)

Tenho uma notícia muito penosa para vos dar, querida Irmã. É que foi do agrado de Nosso Senhor dispor de nossa querida Irmã Bárbara Angiboust (2) que faleceu no dia de São João Evangelista, às 7 horas da manhã, depois de haver continuado a viver todas as virtudes que a vistes praticar. Deus honrou-a com os mais excelentes sinais de verdadeira cristã e serva de Deus, em sua doença, por sua conformidade com a vontade de Deus, pelas frequentes elevações de seu espírito a Jesus Crucificado e por uma paciência admirável. É assim, querida Irmã, como Deus se compraz em começar, desde este mundo, a recompensar seus fiéis servos. Também, tivemos muito enferma a Irmã Maria (3), a irmã de Irmã Ana (4). Foi porém do agrado de Deus devolver-lhe a saúde e acho que ela vos escreveu.

Recebi as estampas e máximas do ano com bênção de nosso Honoratíssimo Pai, que lhe pedi para as Irmãs. Recordai vossas orações pela sua conservação, pois, esteve bem adoentado durante todo este inverno. Ainda o está, embora um pouco melhor, graças a Deus. Saúdo a Irmã Ana e sou das duas, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva afetuosíssima.

C. 671 (L. 609)

*Ao senhor Padre Vicente*

[janeiro de 1659]

Um rapaz veio, espontaneamente, dizer-nos que tem obrigação de educar

---

(2) *Bárbara Angiboust ficara três anos em Bernay, com Laurence Dubois e, entre ambas existia profunda amizade.*

(3) *Maria Levies (ver C. 611, n. 3).*

(4) *Ana Levies (ver C. 594, n. 3).*

C. 671 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: janeiro de 1659. (Irmão Ducourneau)

seu filho de 21 meses, tirado do poder de sua mãe. Quer fazer-se religioso e as condições que oferece para desonerar-se de seu dever são: dar, mensalmente, ao hospital 7 libras; deixar, como simples dote à referida criança, a quantia de 1.000 libras que seriam colocadas a juros, para que o menino possa aprender um ofício quando tiver idade.

Alguns espíritos exigentes da Companhia sentem repugnância pelo nome de Confraria e só aceitam o de Sociedade ou Comunidade. Tomei a liberdade de dizer que a dita palavra nos é essencial porque muito poderia servir para manter-nos com firmeza, sem inovar coisa alguma, e, para nós, significava secularidade. E, tendo a Providência feito acrescentar Sociedade e Companhia, isto nos ensinava que devemos viver como regulares observando as regras que recebemos ao ser erigida a nossa Companhia tal como nos foi explicado. Creio, meu Honoratíssimo Pai, que o senhor Padre Portail falará sobre isso com vossa caridade, porém, suplico-vos, se o achardes conveniente, não apareça que eu vos tenha dito alguma coisa.

O dinheiro de Irmã Luísa Ganset (1) está pronto para ser recebido; mas, como pela morte do senhor Bézé, passou a outras mãos, a pessoa que o guarda, agora, quer uma carta do senhor Du Fresne (2). Suplico-vos, humildemente, meu Honoratíssimo Pai, o obséquio de lhe dizer, se o julgardes a propósito, porque nossa Irmã está se enfraquecendo dia a dia e tememos que não dure muito. Assim, se poderia perder o que tem intenção de doar à Companhia. Pareceu-me ser obrigação minha tomar este cuidado e também o de pedir-vos humildemente perdão por todos os incômodos que vos tenho dado nestes últimos dias. É o que faço sempre, mas, desejo corrigir-me, como de todas as minhas outras faltas, ajudada por vós, meu Honoratíssimo Pai. Sou vossa muito humilde filha e serva agradecida.

C. 672 (L. 609 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 1º de fevereiro de 1659

Meu Honoratíssimo Pai,  
Se Deus não me tornasse insensível ao motivo de minha dor, vendo-me tão

---

(1) *Luisa Ganset (ver C. 15, n. 1)*

(2) *Senhor Du Fresne (ver C. 568, n. 2)*

C. 672 *Filhas da Caridade de Troyes (Coste VII, 448) Carta autógrafa.*

abandonada, sofreria enormes penas. A que mais vivamente me fere, é a de não ter luzes suficientes para bem usá-la, segundo os desígnios de Deus, nem dispor de um meio para servir-me utilmente dessa privação que talvez tenha eu merecido. Esta ocasião me proporciona o consolo de pedir-vos, como o faço, vossa bênção para mim e para todas as Irmãs, em particular para a Irmã Maria do Hospital Geral, Irmã Ana (1), de Angers, que está na Companhia ha dezoito anos, e Irmã Genoveva (2), de perto de Maule. Após terem elas, recentemente, feito o Retiro Espiritual e haverem comunicado seu desejo ao senhor Padre Portail, *(pedem-vos)* permitir-lhes renovar seus votos amanhã. Nossa Irmã que veio de Brienne com Irmã Catarina (3), humildemente, vos pede o simples hábito das filhas da Caridade.

Várias pessoas recomendam às vossas orações um assunto de grande importância para a glória de Deus e salvação das almas resgatadas pelo Sangue de seu Filho. Sabeis as necessidades que tenho e isto me basta, pois sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e obediente serva.

C. 673 (L. 610)

*À minha querida Irmã Joana Delacroix (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Châteaudun*

Hoje, 23 de fevereiro de 1659

Minha querida Irmã,

Parece-me que ficais muito tempo sem me dar notícias vossas e isso me preocupa um pouco. Estranha-me também que irmã Ana (2) não me escreva.

Gostaria muito de saber se as desavenças entre vossos Administradores acabaram. Dizei-me, igualmente, se tendes notícias de Varize, depois da chegada de Irmã Marta (3) e como vai a Irmã Sulpícia (4), boa moça a meu ver, mas, de

---

(1) Ana Vallin (ver C. 69, n. 6)

(2) Genoveva Caillou (ver C. 23, n. 1)

(3) Catarina Baucher (ver C. 562, n. 1)

C. 673 Rc. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Joana Delacroix (ver C. 350, n. 5) fora enviada a Châteaudun à morte de Bárbara Angiboust.

(2) Ana Bocheron (ver C. 602, n. 6)

(3) Marta (ver C. 661 e 663)

temperamento tão alegre e simples, que precisa ser um pouco acompanhada, por causa dos perigos existentes nesse lugar. Foi por esse motivo que Irmã Bárbara (3) a havia transferido. Sei muito bem que todas as suas intenções são boas, mesmo nas brincadeiras, mas, o mundo não o toma sempre assim. Rogo-vos, sobretudo, se a enviardes para assar (*o pão*), não a deixeis sozinha na casa junto ao forno, nem em outros lugares onde possa haver gente de fora.

Cumprimento as nossas duas Irmãs e vos comunico melhores notícias da saúde de nosso Honoratíssimo pai a quem já tivemos a honra de estar com ele. Começa a sair um pouco. Sei que continuareis rezando por sua conservação. O senhor Padre Portail também está melhor, graças a Deus, e os dois desejam muito, como eu, o vosso regresso, pelo que rogo a Deus, vos conserve em boa saúde.

Sou, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 674 (L. 611)

*À minha querida Irmã Clara (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
La Roche-Guyon*

Hoje, 27 de fevereiro de 1659

Minha querida Irmã,

Tanto quanto vós, desejaria eu que viésseis fazer o Retiro. Duas coisas porém o impedem: uma é que este tempo é de verdadeira colheita para as meninas da escola, a quem deveis instruir e bem preparar para passarem devotamente o tempo da Quaresma. Isso vai dispô-las para celebrar a Páscoa e, especialmente, as que vão fazer sua primeira Comunhão. Rogo-vos também, enquanto

---

(4) *Sulpícia Dubois* (ver C. 650 n. 4 e as duas anteriormente indicadas).

(5) *Bárbara Angiboust*, *ibid.*

C. 674 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luída de Marillac.*

(1) *Clara Jaudoin*, nascida a 7 de março de 1629 em Poitiers, entrou para a Companhia das Filhas da Caridade em abril de 1653. Serviu os pobres em La-Roche-Guyon, durante muitos anos. Depois, de um triênio como despenseira, foi para Châteaudun, onde faleceu em 1684.

vossas ocupações vos permitirem, que façais a leitura (2) nos domingos e festas para as moças convidando-as a ver-vos, pois, às vezes, têm tanta necessidade de instrução como as pequenas. Fazei-o porém, com mansidão e delicadeza, sem envergonhá-las por sua ignorância, se é que o são.

A segunda coisa é que gostaria de ver por aqui a Irmã Francisca, antes de vós, também para fazer o santo Retiro. Rogo-vos, entretanto, no-la envieis o mais depressa possível, para não ficardes só as duas no final da Quaresma, época de muito trabalho. Tenho muitas queixas de Irmã Ana porque não me escreve nem uma palavra e lamento que não saiba escrever; receio que não se esforce bastante para isso. Rogo-vos forçá-la um pouco.

Louvo a Deus de todo o coração, pelas bênçãos que sua bondade derrama sobre vossa pequena Companhia que se distingue pelo suporte, união e cordialidade entre vós. Vossa fidelidade alcançará de sua bondade a graça de que continue vos abençoando.

Havia me esquecido que nos enviastes umas lancetas; se se tiverem extra-  
viado, mandar-vos-ei outras, o mais cedo possível.

Recomendo-me às orações das três, e sou, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e afetuosíssima serva.

C. 675 (L. 612)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 27 [de fevereiro de 1659]

Meu Honoratíssimo Pai,

Pensava estar consolando a Irmã Joana Lepintre (1) quando lhe dizia supor que seu mal não era tão grave; porém, não me soube fazer compreender.

Não consegui descobrir onde fica esse Hospital dos Prisioneiros, mas, suplico vos lembreis de que não achais conveniente mandar uma Irmãs sozinha. Também sabeis não as termos, fora as que provavelmente nos serão pedidas para Santo Eustáquio (2) pois, as servas dos pobres (3) foram embora de lá, con-

---

(2) Como já foi dito e se deduz da C. 204, esta expressão de Luisa de Marillac significa "explicação do Catecismo". (Nota da tradutora).

C. 675 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: fevereiro de 1659. Irmão Ducourneau

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1) teve, em seus últimos anos de vida, distúrbios psíquicos.

(2) Paróquia de Paris.

(3) As Damas da Caridade. (Nota da tradutora).

quanto, a isso, haja alguma oposição.

Dai-me vossa santa bênção, como a quem é vossa filha muito obediente e serve mui humilde, meu Honoratíssimo Pai.

C. 676 (L. 613)

*À minha querida Irmã Maria Donion  
Filha da Caridade  
Serve dos Pobres Doentes  
Brienne*

Hoje, 11 de março de 1659

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo o coração, pela alegria que vos proporcionou a chamada da Irmã; esperava mesmo que assim o fosse.

Admira-me o não estardes recebendo dinheiro. A senhora de Brienne deve um ano e mais e nada nos pagou... Não deixeis de avisar-me, pelo primeiro correio, de tudo quanto necessitais, caso não tenhais recebido. Peço-vos, pelo amor de Deus, querida Irmã, não fiquéis sem o necessário para vossa alimentação. Irmã Genoveva (1) ficou espantada ao ver-vos tão magra, não se lembrou que o sois, por natureza. Não obstante, tende cuidado para não ficardes tão magrinha, por passardes falta. Pedi emprestado, com toda liberdade, o dinheiro necessário, pois, sei muito bem que não abusareis.

Quanto à demissão (2) que pedia, nem penseis nela, vo-lo peço; não tendes motivo por aflingir tanto à nossa Irmã, mas, permaneci submissa às disposições da divina Providência, prestando-lhe serviço.

Pelo próximo correio, se Deus quiser, enviar-vos-ei um livro de meditação com algum outro livrinho, muito necessário para a instrução; não os conseguimos para vo-los remeter por este. Solicito-vos mandar-nos notícias da Mãe de Irmã Bárbara (3). Dizei-me se fizestes chegar às suas mãos as cartas que a Irmã levou, porque, depois disto, recebermos notícias deles e estão preocupados!

Nosso Honoratíssimo Pai está bem, graças a Deus, assim como o senhor Padre Portail. Não deixarei de apresentar-lhes vossos cumprimentos, conforme o desejais.

Dai-me parte em vossas orações e crede-me que sou, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e afetuosíssima serve.

---

C. 676 Rc. 3. Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luísa de Marillac.

(1) Genoveva Vigneron (ver C. 414, n. 2)

(2) Maria Donion (ver C. 448, n. 2) pedia para deixar de ser Irmã Servente.

(3) Bárbara Bailly (ver C. 421, n. 2)

*À minha querida Irmã Nicole Georget (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*(Nanteuil)*

Hoje, 28 de março de 1659

Minha querida Irmã,

Senti bastante vosso sofrimento, por causa dos diferentes motivos que me comunicastes, embora não devamos estranhar todas as murmurações que, mentindo, queiram fazer contra nós; pois, somos cristãs e além disso, Filhas da Caridade. Isso nos obriga a tudo suportar, como nos ensinou esse grande enamorado de Jesus Cristo (2).

O que me penaliza um pouco é que parece terdes tido alguma altercação com o senhor Cura, pessoa de vida tão santa, tão sábia e a quem somos muito agradecida pela caridade e benevolência que sempre teve para com nossas Irmãs. Mostrei vossa carta ao senhor Padre Vicente, conhecedor da virtude do senhor Cura. Ele me encarregou de dizer-vos para conservar-vos sempre no respeito que lhe devemos. Quanto ao resto, sabeis que sua caridade não costuma responder imediatamente. Posso dizer-vos apenas que, pela graça de Deus, nossas Irmãs sempre foram fiéis ao que estão obrigadas; jamais carregam consigo, seja livros, seja outra coisa.

Lamento que tenhais vos defendido com ironia, porém, que fazer? Nossa fraqueza precisa não se deixar abater.

Não penso deverdes ensinar a nossa Irmã, nem permitir que aprenda com outros... pois, não é capaz disso, e não quereria eu expor ninguém a seus treinamentos. (3)

Remeto-vos a cruz que desejais; dela aprendereis a receber, de bom grado, as que aprouver a Nosso Senhor enviar-vos, recomendo-me às vossas orações e às de Irmã Maria e sou no Santo Amor, vossa muito humilde e afetuossíssima serva.

---

C. 677 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Nicole Georget (ver C. 273, n. 2)

(2) Certamente, alusão a São Paulo, em I Cor. 13, 7. (Nota da tradutora)

(3) Pelo visto, Maria tentava aprender a dar sangria.

C. 678 (L. 615)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 25 de março (1659)

Eu me havia prometido a honra e a bênção de comungar em vossa Missa, meu Honoratíssimo Pai, porém, não a mereço. Já é muito que a Providência tenha querido lembrar, à vossa caridade, o favor de conceder-me meio quarto de hora de vosso tempo, depois (*da Missa*). Sem isso teria ficado bem angustiada.

Todas as Irmãs que tiveram a felicidade de fazer os votos, tanto as de longe, como as de perto e com elas eu, indigna, vos suplicamos, meu Honoratíssimo Pai, oferecer-nos a Deus, neste soberano mistério, para fazermos, condignamente, a nossa renovação, especialmente as doze que terão a dita de assistir ao Santo Sacrifício que haveis de celebrar. Dele esperamos participar pelas necessidades que vossa caridade conhece termos e, ao mesmo tempo, com toda a humildade, pedimo-vos vossa bênção paternal. Permitti-me também, meu Honoratíssimo Pai, recomendar-vos meus filhos (1) e redizer-me vossa muito humilde serva.

C. 679 (L. 616)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 30 de março de [1659]

A senhora Baronesa de Mirepoy manifestou-me que gostaria muito de tomar parte na Assembléia Geral (1). Seria bom mandar-lhe aviso do dia e do lugar, quando o souber? Tornei a recusar sua esmola de 10 escudos, pelo seu Retiro Espiritual, aqui. Porém, à força, deixou-a com uma das Irmãs, a qual a meteu no bolsinho de sua camareira e esta a jogou no chão, à porta da rua. Eu não estava lá. Achais conveniente, meu Honoratíssimo Pai, que lhe devolva esta quantia, quando lhe mandar as regras para vê-las, e lhe comunicar o dia da Assembléia?

Ainda não respondemos ao senhor Abade de Vaux, cuja carta enviei à vos-

---

C. 678 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: março de 1969. (Irmão Ducourneau)

(1) Miguel, Gabriela Le Clerc, sua esposa, e Renata Luísa, a netinha. (Nota da tradutora).

C. 679 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: abril de 1659. (Irmão Ducourneau)

(1) Reunião Geral das Damas da Caridade. (Nota da tradutora)

sa caridade, nem ao senhor Confessor de nossas Irmãs de Nantes, sobre as propostas de Irmã Nicole Haran de aumentar o número de Irmãs e nomear uma Assistente. Para fazê-lo, aguardo vossas ordens, pedindo-vos, humildemente, vossa santa bênção e redizendo-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde filha e serva obedientíssima.

C. 680 (L. 617)

*À minha querida Irmã Genoveva Doinel (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Chantilly*

Hoje, 14 de abril de 1659

Minha querida Irmã,

Acabo de ver, pela vossa (*carta*), a dificuldade que continuais tendo para receber o dinheiro, tanto o vosso, como o da Caridade; isso muito me desgosta. Aqui temos feito tudo quando podemos, sem nada adiantar.

É verdade que já faz algum tempo que não tenho a alegria de escrever-vos, porém, as ocasiões que se me apresentam para enviar-vos cartas, passam tão depressa que, em parte, é este o motivo.

Quanto ao que deseja a Irmã Maria (2),izei-lhe, querida Irmã, que, com muito prazer recebe-la-emos para o Retiro, que lhe for oportuno vir.

Suplico a Nosso Senhor conservar-vos em sua graça e saúde, com todo respeito, o senhor Pesset, a quem vós e nós somos muito agradecidas.

Crede-me, sempre, no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa muito humilde e afeioadíssima irmã e serva.

---

C. 680 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin e, a partir de "Suplico a Nosso Senhor", de Luísa de Marillac.*

(1) *Genoveva Doinel (ver C. 304, n. 3)*

(2) *Maria estava em Chantilly, desde novembro de 1658, quando foi substituir a Irmã Luísa.*

*À minha querida Irmã Nicole Haran  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
Hospital Geral de Nantes*

Hoje, 30 de abril de 1659

Minhas queridas Irmãs,

Peço-vos humildemente perdão por ficar tanto tempo sem escrever-vos. É verdade que os muitos afazeres e minha pouca saúde são a causa disso. Mas, também, hei de dizer-vos, minha querida Irmã Haran (1), que o que me falastes sobre o estado de vossa pequena Companhia tanto me consolou que me parecia nada ter a dizer-vos referentemente a avisos para vossa perfeição. Aliás, a direção, ou melhor, o Diretor que a Providência vos deu e recebestes por mandato de nosso Honoratíssimo Pai, constitui uma grande segurança. Ouvi-o, por favor; obedeci-lhe como o farieis a um anjo; e, por conseguinte, deveis considerá-lo desta maneira e pensar nisso com frequência. Se a natureza ou a tentação vos infundissem outros pensamentos ou até repugnância em dar crédito e estima a seus conselhos, dissei-vos então, com toda certeza, que o espírito maligno tem designios claros de perder-vos. E, queridas Irmãs, que poderíeis desejar nesta terra, para vossa salvação que não o tenhais? Sois chamadas por Deus para empregar todos os vossos pensamentos, palavras e ações em sua glória e assim, nada fazer contra seus mandamentos, senão aperfeiçoar-vos na prática de seus conselhos. Por isso, deveis ter por suspeito todo pensamento que vos leve a desviar dos caminhos nos quais a obediência vos colocou, como seria, por exemplo, se viesse à vossa cabeça: "Ah! se eu estivesse em tal lugar ou em tal outro, quanto bem eu faria..." Ficai certas de que é um engano e que lá farieis maior mal. Os espíritos inseguros nunca chegam a constituir base sólida de virtude, porque seus devaneios os impedem de acostumar-se à obediência, à humildade, ao suporte e à prática de suas regras. O diabo alimenta-lhes a indecisão e estou muito certa disso, por tantos exemplos vistos em diversos lugares e ainda em Irmãs nossas que, desse modo, perderam sua vocação e outras ficaram imersas no torpor da covardia que as fez atolar-se em suas más inclinações e costumes..., que se um anjo viesse, do céu, para mo dizer, não o teria por mais seguro. Por isso, a todas vos suplico, minhas queridas Irmãs, em nome e pelo amor de Nosso

---

C. 681 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Nicole Haran (ver C. 528, n. 1)

Senhor, crede-me e cada uma se diga em seu interior: "Sim, meu Salvador, tu me queres aqui para fazer-me participar de teus méritos e levar-me, depois, para teu santo paraíso. Vou, pois, trabalhar com todas as minhas forças, como se estivesse começando, vou aplicar-me a bem compreender nossas regras e esforçar-me em praticá-las, mediante a obediência a meus superiores. Porque pode ocorrer que haja coisas, tanto do serviço dos pobres como dos exercícios espirituais que não possam ser feitos nas horas determinadas e é preciso que sejam acomodados aos costumes dos lugares, como Irmã Nicole vos fará compreender e lhes obedecereis como ao próprio Nosso Senhor.

Espero que, neste verão, o senhor Padre Vicente envie um de seus Padres da Missão a Nantes (2) e a Angers. Rogo-vos, minhas queridas Irmãs, preparar-vos para prestar-lhe contas por uma exata observância de vossas regras e não enchendo vosso espírito de idéias das quais talvez queirais persuadí-lo, para satisfação de vossos vãos desejos. Deveis desabafar-vos falando do que vos causa pena ou sofrimento, porém com o propósito de aceitar plenamente o que ele vos disser, porque não vos afirmará senão o que julgar que Deus quer de vós.

Apresentai ao senhor Diretor meus humildes respeitos e agradecimentos e (*dizei-lhe*) que recebemos as cartas das quais me falais. É necessário porém tomar algum tempo (*para pensar*) nas sugestões apresentadas, antes de responder-lhe; resposta que solicitarei do senhor Padre Vicente.

Eu vos havia perguntado qual a idade e qualidades de espírito e de corpo dessas boas postulantes e o que sabem fazer, se são domésticas e se permaneceram muito tempo numa mesma casa. É preciso conhecer isso, antes de vos dar resposta.

Sinto muito não poder escrever hoje à Irmã Francisca Ménage (3). Estou esperando uma oportunidade segura para enviar-lhe o terço da coroa de Nosso Senhor. Parece-me ter-vos enviado dois de Hennebont e receio se tenham perdido. Irmã Madalena Ménage (4) esteve muito mal; graças a Deus, porém, já está bem e manda lembranças à sua irmã.

Desejo, de todo coração, que Nosso Senhor derrame suas mais caras bênçãos sobre essa pequena Companhia, cumulando-a de seu santíssimo amor, no qual sou, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde e afetuossíssima irmã e serva.

---

(2) O senhor Padre Dehorgny passou por Nantes em dezembro de 1659. (Coste III, 191).

(3) Francisca Ménage (ver C. 430, n. 3)

(4) Madalena Ménage (ver C. 596, n. 1)

C. 682 (L. 619)

*À minha querida Irmã Catarina de Gesse (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Montmirail*

Hoje, 4 de maio de 1659

Minha querida Irmã,

Estamos mandando de volta a pequena Elisabeth. Para seu bem, pareceu-nos conveniente não ser recebida como irmã. É muito menina de corpo e de espírito... Faço-vos o mesmo pedido que à Irmã (2): considerai-a como às outras moças, que não se acostume a estar convosco, nem mesmo a viver convosco.

Esta ocasião tão segura, leva-me a escrever, pois, sei que minhas cartas não vão se perder. Congratulo-me convosco, dando graças a Deus pelas graças que sua bondade vos concede, conservando-vos no amor de seu serviço, na prática de vossas regras, sobretudo, na cordialidade e suporte que tendes uma para com a outra. Para mim, isso é alegria que nem sei expressar. Enquanto estas santas práticas existirem entre vós, podeis estar certas de que Deus está convosco. De todo coração, eu Lhe suplico continue outorgando-vos suas graças e sou, em seu santíssimo amor, minha querida Irmã, vossa muito humilde e afeiçãoada irmã e serva.

C. 683 (L. 620)

*À minha querida Irmã Maria Donion (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Brienne*

Hoje, 13 de maio de 1659

Minha querida Irmã,

Gostei de que me lembrásseis estar convosco uma lanceta que é vossa. Não

---

C. 682 Rc. 3. *Cópia do século XVIII.*

(1) *Catarina de Gesse (ver C. 128, n. 1)*

(2) *Luisa Cristina Rideau (ver C. 160, n. 7)*

C. 683 Rc. 3. *Letra de Irmã Guérin. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) *Maria Donion (ver C. 448, n. 2)*

sei como nos esquecemos de vo-la enviar como o fizemos com a carta, entregue à senhor Condessa de Brienne (2), no dia seguinte em que nos visitou.

Ontem, ela nos disse ter dado ordens a um senhor, creio que seu cobrador, de vos entregar 200 libras. Quando as tiverdes recebido, rogo-vos avisar-me, para anotarmos na conta da senhora Condessa que nada registra do passado, nem do que nós vos enviamos.

Estou vos devolvendo a lanceta e peço-vos dizer-me se recebestes os dois escudos do cunhado de Irmã Bárbara (3). Tão logo o soubermos, não deixaremos de mandá-los aos dois hospitais. Assegurai a essa boa jovem que pediremos a Deus por sua mãe.

Quanto a essa outra, cuja vontade mudou (*de rumo*), é sinal de que não era verdadeiramente chamada; teremos sempre muitas, tendo as que Deus quiser nos dar.

Não ireis ver os doentes, eu vos peço, sem antes esfregar o nariz com vinagre e molhar as fontes com ele.

Creio que estais bem e por isso louvo a Deus de todo o coração, rogando-Lhe vos conceda as graças de que necessitais para vos tornardes grandes santas. Não poupareis esforço algum em contribuir para isso, assim o penso.

Recomendo-me às vossas orações e às de Irmã Genoveva (4), cuja irmã veio ver-vos e se acha bem de saúde, graças a Deus, Suplico-Lhe vos dê as forças de que necessitais para suportardes o grande trabalho que tendes e, em seu santíssimo amor sou, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva afeiçoadíssima.

P.S. - Farei o que vós e Irmã Genoveva quereis. De vez em quando comunicarei a nosso Honoratíssimo Pai, os desejos de nossas queridas Irmãs, que estão distantes. Sei que não deixeis de pedir a Deus pela conservação dele e do Padre Portail a quem darei vossas lembranças. Todas as Irmãs vos saúdam.

---

(2) Senhora de Brienne (ver C. 94, n. 5)

(3) Bárbara Bailly (ver C. 421, n.2)

(4) Genoveva Vignerot (ver C. 414, n. 2)

*À Irmã Joana Delacroix (1)*  
*Filha da Caridade em Châteaudun*

Hoje, 26 de maio de 1659

Minha querida Irmã,

Dissestes-me que passaram por aí tropas de soldados e que nossas Irmãs têm uma quantidade de pedaços de fios compridos para fiar. Não me informastes porém, se esses viandantes vos causaram danos. Agradeço-vos todos os cuidados que prestais às nossas Irmãs. Tão pouco nada me falastes da pequena Irmã Sulpícia (2), acerca dos avisos que me foram dados. Isso me inquieta um pouco, porque sei que sois tão boa e tendes tanta paciência a ponto de não dardes conta do que possa ser temido.

Quanto a essa boa moça, é mister conhecê-la um pouco mais e não nos apressarmos em recebê-la, mas, ao contrário, em prová-la. Irmã Cláudia (3), disse-me que ela não tem condições de pagar seu primeiro hábito; isto é um impedimento. Para que isso aconteça, é preciso existir desordem na gestão de negócios da família.

Farei o possível de mandar-vos Irmãs que possam trabalhar bem, mas, enquanto isso, peço-vos, não vos deixeis sucumbir sob o peso dessa carga.

Podeis, sim, e com prazer, servir-vos do livro de nossa falecida Irmã (4). Não me dissestes quantos doentes tendes no hospital. Louvo a Deus por abençoar deste modo a educação de vossa meninas.. Dizei-me por qual senhora tivestes notícias de nossas Irmãs de Serqueux. Irmã Maria vos aguarda lá com grande ansiedade: não sei o que a Providência determinará. Eu vos pediria também para outros lugares, porque, embora sejamos aqui cerca de 40, não chegamos à escolha das que necessitamos para os demais estabelecimentos.

Pedi a Deus pela Companhia, para que Sua bondade derrame seu Santo Espírito sobre todas, em geral e em particular, sobretudo para que sejamos muito fiéis. Nosso Honoratíssimo Pai continua no mesmo estado; rezai por sua conservação. Recomendai-me às orações de nossas Irmãs e saudai-as afetuosamente.

---

C. 684 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Joana Delacroix (ver C. 350, n. 5) estava em Serqueux, quando foi chamada para Châteaudun.

(2) Sulpícia Dubois (ver C. 650, n. 4)

(3) Cláudia de Varize (ver C. 602, n. 4)

(4) Bárbara Angiboust (ver C. 7, n. 1)

mente, por parte da nossa Comunidade, crendo-me no amor de Nosso Senhor, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva muito afeiçoada.

P.S. - Se vos for possível, peço-vos fazer os pacotes menores e, num só, para que o porte fique menos caro. Estes últimos ficaram em 8 soldos.

C. 685 (L. 622)

*Ao senhor Padre Vicente*

2 de junho de 1659

A senhora de Glou (1) suplica-vos, humildemente, meu Honoratíssimo Pai, lhe concedais, amanhã de manhã, à hora mais cômoda para vós, uns momentos para vos falar.

Permiti-me perguntar-vos se não se deve fazer todos os anos, nestas festas de Pentecostes, a eleição de "oficiais" (2), seja para escolher as novas, seja para que continuem as eleitas anteriormente. Se assim for, embora talvez deva ser eleita alguma que não esteja em Paris, fazei-me o favor de indicar-me o dia. Lembrai-vos (*também*) de que meu orgulho ou parvoíce me impedem sempre de falar-vos de minhas necessidades apesar de importantes para minha salvação e para realização da vontade de Deus. Tende a bondade de ajudar-me a vencer minhas dificuldades e assim, poder empregar melhor os dias que me restam, a fim de, no final, não me ver cheia de confusão. É o que espero da benevolência de Deus a quem suplico de todo coração e da vossa caridade, pedindo-vos conceder-me tempo para isso, pois, é por ela que, há longos anos, conheço com segurança, a vontade de Deus naquilo que me é ordenado. E, desejo continuar desfrutando desta graça até o fim, embora indigna, dizendo-me, no Amor santíssimo, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente filha.

---

C. 685 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Senhora de Glou, Dama da Caridade de Paris.

(2) Oficiais: Conselheiras, hoje. (Nota da tradutora)

C. 686 (L. 623)

*À Irmã Laurence Dubois (1)*  
*Bernay*

Hoje, 23 de julho de 1659

Minha querida Irmã,

Mesmo se me acusais de esquecimentos ou de negligência, não quero desculpar-me, se bem, que poderia dizer-vos que, desde Páscoa, tenho andado caindo e me levantando de minhas enfermidades. Assim continuo até agora, como talvez voz tenha (*dito*) o senhor Cura, por quem tive vossas prezadas notícias.

Há algum tempo, passou por aqui um parente vosso que nos deu notícias do resto da família: todos estão bem. Não pude ainda ler, nem enviar a carta que escrevestes a vosso irmão. Logo que tiver resposta, vos darei aviso.

O que soube de vossos trabalhos muito me confortou, sobretudo o vosso modo de viver, cheio de cordialidade e suporte mútuo. O respeito, modéstia e caridade com que agis, são para mim uma grande alegria. É assim, queridas Irmãs, que temos de ser: pessoas que edificam o povo, e não pessoas que têm o nome e o hábito de Filhas da Caridade e estão longe de fazer as obras que lhes são próprias, dando rédea solta à língua e liberdade aos pensamentos, sem que nelas haja lugar para a observância de suas regras. Nosso Senhor nos livre de semelhante desgraça.

Saúdo a Irmã Ana (2), e sou das duas, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 687 (L. 624)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 2 de agosto de [1659]

Remeto-vos a carta da senhora de Bouillon (1) que recebi esta manhã e jul-

---

C. 686 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475, n. 1)

(2) Ana Levies (ver C. 594, n. 3)

C. 687 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: 2 de agosto de 1659. (Irmão Ducourneau)

(1) A Senhora de Bouillon, a jovem. Estava em seu palácio de Morainvilliers.

guei urgente dar-lhe uma resposta. Vo-la envio para saber se vossa caridade acha bom que faça desta maneira.

A Irmã Renata de quem ela fala, é a do boato daquele bom eclesiástico, a quem fizemos vir aqui em duas ocasiões diferentes e a que a referida senhora quis que lha deixássemos, enquanto estivesse no campo. Se vossa caridade achar conveniente considerar todas estas circunstâncias e o fato, de agora pedirem uma outra, pode ser que tenham o objetivo de guardá-la por lá, sempre. Há mais de um mês, fui informada de que ela não saía do palácio e é costume da Senhora mandá-las para lá com frequência, para conversarem com ela, e esta sabe fazê-lo.

Não temos ninguém que conheça o senhor Piètre, cujas conclusões podem ou prejudicar-nos ou favorecer-nos muito. Atreveríamos nós, meu Honoratíssimo Pai, a suplicar a vossa caridade que lhe enviasse alguém de vossa parte? Hoje, vão se reunir, pelas 2 horas da tarde, a fim de tratarem do assunto das fontes (2). Disseram-me que mora pelos lados de São João (3); mandarei procurá-lo por lá e, Irmãs, ao Paço do Conselho. Vossa caridade fará o necessário junto de Nosso Senhor, para conseguirmos o que nos convier e também nos abençoará em seu santo amor. Crede-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde.

C. 688 (L. 625)

### *À senhora de Bouillon (1)*

Hoje, 21 de agosto de 1659

Senhora,

Soube da enfermidade de Irmã Toussainte (2) e não teria deixado de mandar ajuda à Irmã Renata, se pudesse dispor de alguém para isso. Porém, como continuamos na mesma impossibilidade, que vai durar pelo menos algum tempo, peço-vos, humildemente, senhora, me perdoeis por não atender a vosso desejo, tão logo como o esperáveis. Permitti-me dizer-vos que, já estando a Irmã Toussainte em convalescência, não necessita junto de si uma pessoa; assim Ir-

---

(2) *As Filhas da Caridade conseguiram autorização para fazer entrar água da cidade de Paris, em sua Casa.*

(3) *São João de "Grèves", paróquia de Paris.*

C. 688 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) *Ver a carta anterior.*

(2) *Toussainte David (ver C. 323, n. 1)*

mã Renata poderá entregar-se ao serviço dos doentes, porque, tendo sua Irmã grande experiência e prática de escola, os meninos poderão receber dela instrução suficiente. Não é, senhora, que não leve em conta o que me fazeis a honra de dizer-me, pois respeito, como é meu dever, vossa maneira de pensar. E, é uma honra para mim segui-la, tendo, como tenho, a certeza de que quereis sejam feitas todas as coisas para a glória de Deus e bem dos pobres, tão queridos de Nosso Senhor, em cujo amor, dou-me a liberdade de redizer-me, com respeito, senhora, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 689 (L. 626)

*(Ao senhor Padre Vicente)*

Hoje, 24 de agosto de [1659]

Nossas duas Irmãs, meu Honoratíssimo Pai, que pediram permissão a vossa caridade para fazerem os votos, estão no quinto ano de sua entrada na Companhia. Uma se chama Petronilha (1) e não ignora a estima que deve ter por este ato, nem em que consiste. A outra é mais tolinha: tem menos conhecimento e menos inteligência, porém, ama a Deus e sua vocação- também a primeira - na qual ambas se têm mostrado firmes. Receberam a aprovação do senhor Padre Portail. O nome da última é Luísa.

Meu santo padroeiro (2) censurou-me minha infidelidade e por isso suplico à vossa caridade pedir perdão a Deus por mim e novas graças para poder cumprir sua santa vontade. Se puder, assistirei amanhã, com nossas Irmãs, à santa Missa, para que nosso pequeno número represente toda a Companhia e vossa caridade lhe alcance a graça da estabilidade, com a bênção de Nosso Senhor para isso.

---

C. 689 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: setembro de 1659. (Irmão Ducourneau)

(1) Petronilha Gillot entrou para a Companhia das Filhas da Caridade em 1654. Depois do Seminário, foi enviada a Nanteuil.

(2) São Luis, Rei de França, cuja festa se celebra no dia seguinte. (Nota da tradutora).

*À Irmã Genoveva Doinel (1)*  
*Chantilly*

Hoje, 3 de setembro de 1659

Minha querida Irmã,

Senti muito deixá-la tanto tempo sozinha e louvo a Deus que me proporciona o meio de mandar-vos a nossa querida Irmã Francisca (2), que tem bom caráter, tranquila e também, grande desejo de pertencer a Deus, como é preciso. Peço-vos ser para ela exemplo de verdadeira Filha da Caridade, doada a Deus para o serviço dos pobres. Por conseguinte, estareis mais com os pobres do que com os ricos; tendes regras para observar, as quais vos prescrevem não perder tempo. Fora da necessidade de visitar os pobres, gostareis de estar em casa e da companhia de vossa Irmã a quem deveis amar e suportar. Portanto, jamais vos queixareis, nem direis a ninguém o que acontece entre vós, nem sequer na confissão, onde cada uma tem de usar de bastante cautela para não dar a conhecer terceiras ou quartas pessoas, nem falar do próximo e especialmente dos sacerdotes, senão com grande respeito e conversar com eles somente nas igrejas. As Filhas da Caridade estão, enfim, obrigadas a trabalhar para se tornarem mais perfeitas que as religiosas. Nossa Irmã vos dirá o que ouviu de nosso Honoratíssimo Pai na última Conferência (3) e a caridade que nos fez hoje (*rezando*) pelo descanso das almas de nossas Irmãs falecidas.

Peçamos a Nosso Senhor a graça de saber empregar bem as misericórdias que tem para com nossa pobre Companhia e crede-me em seu santo amor, minha querida Irmã, vossa muito humilde e muito afetuosa irmã e serva.

P.S. - Rogo-vos, querida Irmã, que saudeis, bem respeitadamente, o senhor Pesset e, uma vez mais, vos recomendo a nossa Irmã, rogando-vos, sobretudo, que vivais juntas de tal modo que não tenhais necessidade de ir a Confessores diferentes; isto é muito importante.

Nossa Irmã não parece muito bem de saúde; se não melhorar aí, ficareis apenas à espera de que possa mandar-vos uma outra.

---

C. 690 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Genoveva Doinel (ver C. 304, n. 3)

(2) Francisca, por causa de sua saúde, ficou em Chantilly, apenas uns meses.

(3) Conferência de 24 de agosto de 1659: (Coste X, 657) "Sobre a perfeição necessária às Irmãs das paróquias. Apego aos Confessores..."

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quarta-feira [setembro de 1659]

Meu Honoratíssimo Pai,

Creio ser necessário mandar buscar a Irmã Maria Marta (1) hoje mesmo. Uma de nossas Irmãs lembrou-se de que as Irmãs nomeadas (2) exceto Irmã Carcireux (3), não são muito diligentes. É verdade; pois as outras duas têm temperamento calmo demais e eu recearia que, se o trabalho ficasse sem fazer, haja contrariedade. Por outro lado, segundo caminham as coisas em Cahors, julgo ser necessário mandar para lá a Irmã Carcireux para o que Senhor Bispo (4) fique contente.

Precisamos, meu Honoratíssimo Pai, de um de vossos criados, ou outro, para ir a cavalo a Vaux (5) e que nossa Irmã pudesse sair amanhã mesmo ao raiar da aurora. Esta necessidade torna-me importuna convosco, tendo de reparar minha falta, pois não pensei senão no que me parecia indispensável, isto é, que os caracteres se acomodassem.

Seria importante que eu conhecesse vossa decisão sobre isto que vos digo, para poder preparar o cavalo.

Por favor, perdoai minhas importunações, pois sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito obediente e humilde serva.

---

C. 691 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: setembro de 1659.

(1) Maria Marta Trumeau (ver C. 72, n. 4) é chamada para Cahors.

(2) Três Irmãs partiram para Narbona: Francisca Carcireux, Ana Denoual e Maria Chesse.

(3) Francisca Carcireux (ver C. 251, n. 2). Luísa de Marillac não sabe bem onde colocá-la. Irá, finalmente, para Narbona.

(4) Monsenhor Alano de Solminhac (ver C. 577, n. 1)

(5) Vaux-le-Vicomte, nova fundação.

*À minha querida Irmã Carcireux  
viajando para Narbona*

15 de setembro de 1659

Minhas queridíssimas Irmãs,

Havendo sabido que poderia ainda alcançar-vos e comunicar-me convosco pelo caminho, não quis deixar passar esta ocasião. Asseguro-vos, a todas, que a distância física não impede estar-se espiritualmente presente às pessoas a quem o senhor uniu com o laço de seu santo amor e que se torna cada vez mais forte à medida que vai crescendo em nós. E como é esse mesmo amor que vos fez, suavemente, escutar o chamado para o lugar ao qual vos dirigis, não me custa acreditar que toda a viagem vai vos servir de preparação para o vosso trabalho no lugar onde Deus vos espera e onde vos dará a conhecer sua vontade por meio das pessoas que vos falem por ordem do senhor Bispo de Narbona (1).

Devo dizer-vos, minhas queridas Irmãs, antes de chegardes a vosso destino, da alegria que é para mim ver-vos em vosso "claustro", por esses caminhos, como se estivésseis no das ruas de Paris. Tenho também igual consolo em saber que nada fazeis senão por ordem de Irmã Maria Marta (2) que, por sua vez, nada faz sem a ordem da Revda. Madre Maria Tereza (3), quanto ao que se refere aos serviços que podeis prestar à sua pessoa. Fora do coche, ficai sempre juntas, as quatro (4), exceto nas horas em que essas boas religiosas quiserem que estejais com elas.

Lembraí-vos, Irmãs Francisca (5), do que notastes em vosso regresso de Richelieu e que não vos pareceu bem, embora não fosse um mal, pela graça de Deus. Se, à vossa chegada tivésseis a Irmã Marta não teria pena de vós porque ela saberia orientar-vos, porém, não a tendo, redobraí vossa confiança em Deus.

E ao vos dizer que ireis receber as ordens de Monsenhor, permaneci em paz até que vos seja indicado o que deveis fazer. Porém, sobretudo, como nesse

---

C. 692 *Coletânea de trechos ... pp. 671-672. Cópia.*

(1) *Monsenhor de Agde e de Narbona, um dos filhos da senhora de Fouquet (ver C. 369, n. 6)*

(2) *Maria Marta Trumeau (ver C. 72, n. 4) está indo para Cahor.*

(3) *Madre Maria Teresa, visitandina, superiora do Mosteiro de Santa Maria em Tolosa, é irmã do Bispo de Narbona.*

(4) *Francisca Carcireux, Ana Denouald e Maria Chesse que vão para Narbona e Maria Marta que segue para Cahors.*

(5) *Francisca Carcireux (ver C. 251, n. 2)*

lugar não é conhecida a vossa maneira de viver pobremente, também no que se refere ao alojamento, não desejeis ser tratadas de outro modo, mesmo se fosse com uma pequena diferença. Não discutais; porém, explicai humildemente, com doçura, firmeza e poucas palavras, as vossas razões. Se vos pedirem vosso parecer, será para saber como em Paris, é feito o serviço dos Pobres. Trata-se de um hospital; não deixeis de se fazer pensar nos pobres envergonhados que ficariam sem assistência, porque nunca iriam ao hospital por mais que se quisesse forçá-los. Por essa razão, a fundação da Caridade é absolutamente necessária.

Não vos digo isso, queridas Irmãs, para o propordes em primeiro lugar, mas para ficardes sabendo que, apresentando-se a oportunidade, podereis falar sobre o assunto.

Suplico a Nosso Senhor fazer-vos sempre agir segundo seu espírito, e sou em seu santo amor.

C. 693 (L. 629)

*(Ao senhor Padre Vicente)*

[outubro de 1659]

Meu Honoratíssimo Pai,

Irmã Maturina (1) não partiu; vai fazê-lo nos primeiros dias da próxima semana. Manifestou desejo de um pequeno retiro e de confessar-se e, ficaria bem feliz se fosse com vossa caridade, caso não seja inoportuno para vossos importantes assuntos o tomar-vos vosso tempo. Queira vossa caridade dar-nos resposta sobre isso.

Envio-vos a carta que recebi, ontem, da rainha da Polônia e minha resposta. Vossa caridade a reterá se julgar que não deve ser enviada ou, em caso contrário, ma devolverá para passá-la a limpo.

Igualmente, uma carta de Irmã Carcireux (2) que vos dará notícias de vossos Missionários (3) que seguiram para Narbona.

Junto vai também, meu Honoratíssimo Pai, o papel sobre o qual falei a vossa caridade. Trata dos meios espirituais para aperfeiçoar o estabelecimento da

---

C. 693 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: outubro de 1659. (Irmão Ducourneau)

(1) Maturina Guérin (ver C. 326, n. 2) foi mandada para La Fère, a fim de substituir a Irmã Maria Marta Trumeau.

(2) Francisca Carcireux (ver C. 251 n. 2)

(3) Os Missionários senhores Padres des Jardins, Lemerer e Tanguy (Coste VIII, 147)

Companhia das Filhas da Caridade; solicito-vos que ninguém o veja, com medo de que façam troça dele. Meu pobre coração teria grande necessidade de que vossa caridade pudesse ver a fraqueza em que se encontra, com relação à perda de uma carta como esta, logo após ter sido escrita, e veria como necessito, mais do que nunca, de advertências e correção, para poder dizer-me, com verdade, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

P.S. - Nossas Irmãs de Hennebont chegaram. Graças a Deus!

C. 694 (L. 630)

*À minha querida Irmã Nicole Haran (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Serva dos Pobres Doentes*  
*Nantes*

Hoje, 15 de outubro de 1659

Minha querida Irmã,

Fiquei sabendo do que comunicastes a nosso Honoratíssimo Pai sobre o assunto de que falais. Porém, não tive ainda a honra de vê-lo e saber qual é a sua decisão. Não obstante, querida Irmã, creio que podeis ficar absolutamente certa de que sua caridade não vos faltará, quando necessário. Faremos o que estiver a nosso alcance para enviar, na próxima semana, uma Irmã para Hennebont e outra a Nantes, e, tereis a resposta sobre o que desejais (2).

Creio, entretanto, querida Irmã, que vossas forças estão acima das circunstâncias e que vosso amor e fidelidade à vontade de Deus fortaleceram vossa coragem para poderdes resistir a qualquer perigo. Não é, querida Irmã, que eu não deseje ver-vos e nem acredite que possa muito bem acontecer que a Providência queira algo que não saibamos. Por isso, deveis permanecer inteiramente abandonada a seus desígnios.

Crede-me, no amor de Jesus Cristo, querida Irmã, vossa muito humilde Irmã e serva muito dedicada.

P.S. - Com todo afeto, saúdo a todas as queridas Irmãs.

---

C. 694 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Nicole Haran (ver C. 528, n. 1)

(2) Nicole Haran, apoiada pelo Confessor das Irmãs, solicitava mais Irmãs (ver C. 679 ao Senhor Padre Vicente).

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 18 de outubro de 1659

Senhor,

Creio que, em breve, tereis aí o senhor Padre Dehorgny (1) se é que já não chegou a Angers. Tenho certeza, senhor, de que tereis a honra de vê-lo e de que vossa caridade, jamais desmentida, para com nossas pobres Irmãs, terá a bondade de levar a seu conhecimento seus pontos fortes e fracos, para que possais juntos ver os meios de restabelecer o espírito de submissão e cordialidade nessa pequena família.

Ontem recebi uma carta de Irmã Etiennette (2) na qual me comunicava que os Administradores pedem apenas duas Irmãs. Suplico-vos, humildemente, senhor, que vos deis ao trabalho, se o achardes conveniente, de dizer às Irmãs que façam ver aos ditos Administradores que, se quiserem diminuir o número de obreiras, é necessário sejam eles que se ocupem de mo comunicar. Esta é também a forma para eu ficar segura a respeito dos gastos da viagem. Peço-vos perdão, senhor, por usar de tanta liberdade convosco.

Temos muita necessidade de continuar contando com a graça concedida pela Providência, proporcionando-nos vossa ajuda, que não posso impedir-me de esperá-la e pedi-la a Nosso senhor, por cujo amor agise no qual me permito dizer senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

---

C. 695 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) Senhor Padre Dehorgny (ver C. 6, n. 1)

(2) Etiennette Dupuis (ver C. 659, n. 1), a Irmã Servente.

*À Irmã Maturina Guérin (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes  
no Hôtel-Dieu (Hospital) de La Fère*

Hoje, dia de Todos os Santos, 1659

Mui querida Irmã,

Tenho muito pena por ter ficado tanto tempo sem responder à vossa segunda e última carta, na qual vi o cuidado diligente que pusestes em cumprir o pedido que vos fizera, antes de partir. Vo-lo agradeço de todo coração.

A festa que celebramos hoje vos responde pela boca de Nosso Senhor proclamando a seus apóstolos a última bem-aventurança ao ponto que me, sem dúvida, vos parece o mais importante: a calúnia. É de seu próprio interesse dar Ele mesmo a conhecer a verdade, como sua bondade já fizera em ocasiões semelhantes, como o sabeis, e, em outros lugares. Não deixeis, querida Irmã, de tudo escutar e me dizer; porém, aqueles que vos falarem, percebam ser a única coisa que costuma ferir e fazer com que se busque justificação, embora não se seja culpada, são as verdades. Aquilo que é dito com falsidade, deve-se deixar correr em paz, sem preocupação, abandonando a Deus o cuidado de provar nossa inocência.

Como as Irmãs não se comunicavam muito entre si, é possível, às vezes, a Irmã (2) que ficou, vos apresentar como verdades, meras suspeitas. O que me leva a dizer-vos isto, é a venda feita (*de roupas*), podendo ser tomada uma coisa pela outra. Louvo a Deus, de todo o coração, pela mudança que nela encontrastes e Lhe suplico continuar-lhe concedendo esta graça.

Não fizestes mal, querida Irmã, de por uma vez, ir visitar as Damas e acredito que o costume de relacionar-se existente neste lugar, como em outras localidades pequeninas, não vos obrigará a fazer-lhe visitas freqüentes. Recebi aquelas que vos fizerem como feitas aos pobres e no lugar em que estes se encontram e não em vossos aposentos. Assim, a coisa não será contrária às regras; ou,

---

*C. 696 Rc. 3. Carta autógrafa.*

*(1) Maturina Guérin (ver C. 326, n. 2). No princípio da carta, Luisa de Marillac faz alusão à perseguição que Maturina sofrera em Liancourt. Acabrunhada por humilhações até ser privada dos sacramentos durante quatro meses, demonstrou tanta prudência e constância que o senhor Padre Vicente ficou admirado.*

*(2) Juliana Allot (ver C. 618, n. 8)*

talvez, na capela, pois não sei como este hospital é construído.

Somos muito gratas ao senhor Cura; não deixarei de levar ao conhecimento do nosso Honoratíssimo Pai, a sua caridade. Acho que ele não levará a mal que sigamos seu parecer contido no primeiro parágrafo desta carta, como sabeis que sempre faço em coisas de importância. Dizei-me, por favor, se não encontrastes aí seu livro de receita e despesa, desde a saída da senhora Ama de leite (*do Rei*) (3), porque, durante o tempo em que ela esteve aí, isto, segundo me parece, ficava a seu cargo ou da pessoa encarregada por ela para tal. Não deixarei entretanto de escrever à Irmã Marta (4) para saber como o fazia. Estranho um pouco que o senhor Cura não tenha dado um testemunho mais claro da inocência de nossa Irmã. Receio de que não esteja totalmente satisfeito com esta fundação, porque não se lhe prestou conta de tudo.

Admira-me, querida Irmã, que os que pareciam mais deseducados, sejam os que melhor aceitam as Irmãs. A verdade, só Deus a conhece, é a que os obrigaria a isso, mesmo se não estivessem dispostos a fazê-lo. É um dos efeitos da proteção da divina Providência, na qual devem as Filhas da Caridade colocar toda a sua confiança; não nos poderosos, nem nos sábios e, menos ainda, em nossa própria indigência.

Temos também muito a agradecer ao bom senhor Le Mairre que se dá ao trabalho de ajudar-vos, recomendando-vos à Rainha para o recebimento de vossos salários. Penso ser necessário que esse senhor saiba que nos são devidos apenas os de dois anos e, por conseguinte, nossas Irmãs receberam todo o tempo anterior.

Tenho plena certeza, querida Irmã, de que fizestes todo o possível e na forma em que Deus quer, em justiça e não me preocupam nem os resultados, nem a continuação. O que me inquieta é saber como foi determinada a venda da roupa de uso diário e as fardas dos soldados e se a importância obtida foi entregue, em favor do hospital.

Se precisardes de lancetas, dizei-me. Não sei se a Irmã nos deixou algumas; se assim foi, vo-las enviarei. Se não, deverão ser adquiridas. Ela comprava, aqui, tudo o que necessitava. Não me disse de que era o dinheiro que me entregou à porta, antes de sair para sua longa viagem (5). Falou-me apenas sobre 20 francos para uma casula e, de fato, os encontrei.

Creio, querida Irmã, que a Bênção sendo celebrada na Igreja, onde fica o

---

(3) *A Senhora Perrete du Four, primeira ama de leite de Luís XIV. Por ordem da Rainha, pediu, ao senhor Padre Vicente, Filhas da Caridade para tratar dos soldados feridos em La Fère. (Coste X, 197) Depois, ficou cuidando do hospital.*

(4) *Maria Marta Trumeau (ver C. 72, n. 4)*

(5) *Viagem a Cahors.*

Santíssimo Sacramento, convém deixar que as Damas e outras senhoras continuem assistindo-a, pois isso não foi determinado só por Irmã Marta. Porém fizestes muito bem em advertir ao tal senhor que não permanecesse lá depois das orações, nem em horas em que perturbaria o cumprimento de vossas regras. Quanto às pensionistas, considerai a necessidade e importância disso e dize-me o que tiverdes pensado. Depois, perguntarei a nosso Honoratíssimo Pai o seu parecer e vo-lo comunicarei. Penso que achareis todos os papéis da Irmã, porque ela sabe muito bem a ordem a ser observada nos hospitais e muito me admiraria se houvesse omitido de anotar os nomes, naturalidade, data de entrada, saída ou falecimento dos pacientes, e com exatidão, a receita e despesa.

Escrevo umas palavrinhas à Irmã Julieta (2); se tiver dificuldade em lê-las, podereis fazer-lhe essa caridade se vo-la pedir e a de ensiná-la a escrever.

Espero que tereis a bondade de lembrar-vos de todas nós em vossas orações. Por vossa parte, não duvideis das de nossas Irmãs, que continuam como as deixastes, embora as doentes estejam melhor, graças a Deus.

Já foi colocada a caixa d'água e creio que, em breve teremos comodidade total. Ajudai-nos a dar graças à divina Providência pela bondade que teve para com a Companhia e crede-me em seu santo amor, minha querida Irmã, vossa muito humilde e afetuosíssima irmã e serva.

C. 697 (L. 633)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 12 de novembro de (1659)

Meu Honoratíssimo Pai,

Irmã Natividade, na Companhia há 9 anos, tendo feito todo o bem que sua falta ou pouco talento lhe permitiu, sendo temente a Deus, suplica, humildemente, à vossa caridade, meu Honoratíssimo Pai, oferecê-la a Nosso Senhor e permitir-lhe fazer os votos amanhã, na santa Missa. Tem demonstrado, durante bastante tempo, particular caridade para com as crianças pequenas.

Penso que amanhã teríamos de resolver, definitivamente, a respeito das Irmãs a serem enviadas. Fareis o obséquio de avisar-nos e, segundo minha costumbre confiança, peço à vossa caridade sua santa bênção, permitindo-me a liberdade de redizer-me, meu Honoratíssimo Pai, vossa menor e indigna filha e serva.

---

C. 697 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: novembro de 1659 (Irmão Ducourneau).

*À minha querida Irmã Ana Hardemont (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres Doentes em Ussel*

Hoje, 13 de novembro de 1659

Mui querida Irmã,

Confesso-vos que fiz mal em ficar tão longo tempo sem me dar a alegria de vos escrever, e, para mim, foi bem agradável perceber que não levastes isso em conta. Acho que tendes certeza de não me faltar desejo de dar-vos toda a satisfação possível.

Pelo que me dissestes, parece-me que começais a cobrar esperanças com relação à vossa nova fundação. Creio que a senhora Duquesa (2) está a caminho de volta para cá. Não deixarei de, se Deus quiser, falar-lhe destes pobres aflitos. É verdade que, quando voltou de Ussel, ela me disse que iria (7), como vós me faldes. Espero se decida então a cumprir seus planos em favor desse lugar.

Envio-vos as estampas e as lentes que, há muito, me pedistes.

Não escrevo à Irmã Edwiges (3) pois, já o fiz. Peço-vos, queridas Irmãs, que vos pareça bom fazê-lo assim; é, para mim, pequena economia de tempo, em favor de minha saúde. Irmã Maturina (4) foi para La Fère, no lugar de Irmã Maria Marta (5) que, por sua vez, seguiu para Cahors a fim de prestar auxílio às duas (6) Irmãs, pois, ambas estão doentes. Irmã Carcireux (7) com outras duas bastante novas (8) foram para Narbona e tanto uma como as outras encontram dificuldades por toda parte: mas, é este o sinal das obras de Deus.

---

C. 698 Rc.3. Carta autógrafa. Dorso: 13 de novembro de 1659.

(1) Ana Hardemont (ver C. 120, n. 2)

(2) Senhora de Ventadour (ver C. 306, n. 6)

(3) Edwiges Vignerón (ver C. 642, n. 3)

(4) Maturina Guérin (ver C. 326, n. 2)

(5) Maria Marta Trumeau (ver C. 72, n. 4)

(6) Adriana Plouvier e Luisa Boucher.

(7) Francisca Carcireux (ver C. 251, n. 2)

(8) Maria Chesse, natural de Bretanha, nasceu a 28 de outubro de 1637. Entrou para a Companhia das Filhas da Caridade a 30 de setembro de 1657. Foi colocada em Narbona em setembro de 1659, permanecendo lá 17 anos. Depois foi Ir. Servente em Gex e mais tarde, no Asilo do Santo Nome de Jesus, em Paris. Depois de um triênio como Econôma Geral, voltou para Gex, onde morreu, a 19 de abril de 1699.  
Ana Denoual (ver C. 713 n. 2)

Como notícia vos direi, minha querida Irmã, que a divina Providência não cessa de cuidar de nós: fez com que, senhores da cidade de Paris, nos dessem a água. Já estão colocados os canos desde o registro até em casa; espero que antes do Natal, tenhamos toda a comodidade de uma fonte dentro da casa. Vede, queridas Irmãs, como temos de ser fiéis a Deus, tão bom para conosco! Nada poupemos para demonstrar-lhe nossa obediência ao mandamento de amá-lo que sua bondade nos dá.

Chamamos as duas Irmãs (9) que estavam em Châteaudun, quando faleceu nossa Irmã Bárbara, a quem devemos considerar feliz. Nosso Honoratíssimo Pai, sabendo a verdade do ocorrido em sua vida e em sua morte, quis que elas ficassem aqui para testemunharem, na Assembléia das Irmãs, acontecida no dia de São Martinho. Nela foi admirada a firmeza em executar as ordens que lhe fossem dadas por toda parte por onde passou e em ajudar as Irmãs à fiel observância das regras. Seu desapego de todas as coisas, a maneira de vencer todo o respeito humano, assim como suas próprias satisfações, foram admiradas e, tenho que dizer-vos, para confusão minha, que, havendo lhe pedido perdão, uma de nossas Irmãs, por alguma falta de consideração para com ela, sua resposta foi tão humilde que só ao recordá-la, vêm-me lágrimas. Foi esta: "Pois então, minha Irmã, se me suportais tanto, como são haveria eu de suportar-vos?" os que viram durante sua enfermidade, não acreditavam que fosse ela depois de morta. Durante dois dias, muita gente foi à casa e, em tão grande número, sendo necessário fechar-lhe as portas, e, dizia que ela havia sido maquiada, tão bonita estava...

Vede, queridas Irmãs, se não é bom perseverar no amor e serviço de Deus, no qual me afirmo, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva afeiçoadíssima.

C. 699 (L. 635)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 16 de novembro de 1659

Senhor,

O senhor Padre Dehorgny (1) consolou-me muito na minha aflição por pen-

---

(9) Ana Bocheron (ver C. 602 n. 6) e Sulpícia Dubois (ver C. 650 n. 4)

(10) Bárbara Angiboust (ver C. 7, n. 1)

C. 699 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) O senhor Dehorgny (ver C. 6 n. 1) havia feito visita à Comunidade de Angers.

sar que minhas misérias eram a causa do justo castigo que nossas irmãs mereceram: verem-se abandonadas por vossa caridade. Disse-me ele que tivestes a bondade de prometer-lhe, pelo amor de Deus, continuar vossa caridosa ajuda, quando vo-lo permitirem as ocupações mais importantes. Por isso, senhor, humildemente vos agradeço, não podendo expressar-vos o dano que previa, se esse amparo lhes faltasse. Deus seja, por isso, eternamente bendito e pela glória que seus divinos desígnios preparam aos que trabalham para a salvação dos outros, resgatados com o sangue de Jesus Cristo.

Nele sou, com todo respeito e submissão, senhor, vossa muito humilde filha e obediente serva.

C. 700 (L. 637)

*Ao senhor Padre Vicente*

[novembro de 1659]

Não sei, meu Honoratíssimo Pai, o nome da senhorita que me escreveu; remeto-vos a resposta, caso vossa caridade julgue conveniente expedi-la.

Por favor, tende a bondade de considerar se não seria necessário enviardes um de vossos Padres para estar com o senhor vigário a fim de inteirar-se do motivo porque se negam a atender em confissão as nossas Irmãs, tanto ele como o antigô confessor, ao qual elas voltaram, contrariando a ordem que lhes havia sido dada. É de se supor que uma das Irmãs lhe tenha contado essa proibição.

Conversei com nossa Irmã vinda de Saint-Germain de l'Auxerrois e prometeu-me portar-se segundo a ordem prescrita. Espero, por várias razões, que assim o fará.

Suplico-vos, por amor de Nosso Senhor, vossa bênção para minhas necessidades e as de todas e, humildemente, peço-vos perdão por minha pouca discrição, tendo ficado, até tarde, conversando convosco sobre assunto totalmente diferente. Vossa indigna filha e humilde serva.

C. 701 (L. 636)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 23 de novembro de (1659)

O senhor Mercier, sacerdote adstrito a São Bartolomeu (1) e confessor de nossas Irmãs do Hospital, deseja pertencer aos que participam da Conferência das terças-feiras (2). Por esse motivo, veio pedir-me o faça saber a vós, meu Honoratíssimo Pai, porque o conheço há bem tempo, tendo-o visto com a senhora de Villenant, cuja senhora Mãe o estimava.

Suponho terdes visto a carta que recebi ontem de uma senhora de São Cosme (1), a qual deseja uma coisa, em parte, bem razoável, noutra, porém, não. Creio, meu Honoratíssimo Pai, que seria bom dar-lhe uma resposta, mas, não através da Irmã que trouxe a carta, caso vossa caridade o julgue conveniente, porque me parece ser, em parte, a causa do maior desgosto que houve, embora, no fundo, tenha havido certa negligência minha e respeito humano. Esta Irmã é a que, há algum tempo, desejava sair da Companhia e depois de se humilhar, ficou. É verdade que sua companheira, bem simplória, faltou um pouco de prudência, como muitas vezes me acontece com as virtudes que seriam necessárias, para poder dizer-me, verdadeiramente, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 702 (L. 639)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 7 de dezembro de 1659

Irmã Bárbara Bailly (1), na Companhia das Filhas da Caridade, há 14 anos, emitiu seus primeiros votos há 11 anos, a serem completados amanhã e os re-

---

C. 701 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: 1659 (Irmão Ducourneau)

(1) Paróquia de Paris.

(2) Conferência organizada pelo senhor Padre Vicente, em 1633, para a formação dos sacerdotes. As referidas Conferências das terças-feiras tornaram-se célebres e atraíram a São Lázaro, Padres eminentes em doutrina e santidade.

C. 702 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Bárbara Bailly (ver C. 421 n. 2)

petiu anualmente até 1956, quando disse meu Honoratíssimo Pai, ter obtido permissão de vossa caridade para fazê-los para sempre e assim aconteceu. Hoje, suplica à vossa caridade, ofereça a Deus a renovação que deseja fazer, com a permissão vossa.

Eu também vos suplico, por amor de Deus, meu Honoratíssimo Pai, e para cumprimento de sua santa vontade sobre a Companhia, que peçais a Nosso Senhor, pelo amor da escolha que fez de sua santa Mãe, de todas as faltas contra a pureza interior e exterior e a graça da verdadeira pureza que sua misericórdia deseja nela ver. E, como sou eu a mais culpada, tendo também mais necessidade de maior e poderosa intercessão, olhando-me vós, por favor, como vossa indigna filha e serva.

C. 703 (L. 641)

*À Irmã Maturina Guérin (1)*  
*(em La Fère)*

Hoje, 15 de dezembro de 1659

Minha querida Irmã,

Estou preocupada em (*saber*) se recebestes uma longa resposta que vos envie à sua primeira e extensa carta, e, uma outra, quase ao mesmo tempo. Como estranho muitas coisas de que me falais! Sobretudo a pretensão que julgais se tenha sobre o dinheiro da rainha. Se for recebido, ele pertence, com toda justiça às Irmãs, sendo absolutamente certo não terem elas se servido da alimentação dos Pobres para seu sustento. E, se vos lembrardes do caráter e costumes de nossa Irmã Marta (2), não tereis dificuldade alguma em acreditardes nisso. Muita (*razão tereis*) para crerdes nas coisas do mesmo estilo que são ditas e já ouvistes.

Não vos respondo ao resto da última carta, porque eu mesma espero solução de nosso Honoratíssimo Pai que, muito bem o sabeis, não se apressa, a fim de estar mais seguro de que age de acordo com a vontade de Deus. Aliás, como não há contrato de estabelecimento nesse hospital, é preciso se aguarde a manifestação de Deus quanto ao seu querer.

Não recebemos mais notícias de vossa aldeia, além das já enviadas; nem tão pouco temos visto o rapaz que costumava vir. Parece-me que haviéis mandado vosso endereço para que vos escrevesse; podeis fazê-lo de novo.

C. 703 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Maturina Guérin (ver C. 326 n. 2)

(2) Maria Marta Trumeau (ver C. 72, n. 4)